



Università
Ca' Foscari
Venezia

Corso di Laurea
magistrale in
Scienze del Linguaggio

Tesi di Laurea

Práticas, políticas e impactos da formação
em Bilinguismo e Educação Bilingue
em Moçambique: um estudo de caso

Relatrice

Ch.ma Prof.ssa Vanessa Castagna

Correlatore

Ch. Prof. Francesco Vacchiano

Laureando

Filippo Amerio

Matricola 885520

Anno Accademico

2025 / 2026

Índice

Abstract.....	3
Introdução	4
Capítulo I – Bilinguismo e multilinguismo: o caso moçambicano	7
I.1 A herança linguística do passado colonial	7
I.2. Mapeamento linguístico de Moçambique	14
I.3. Plurilinguismo, bilinguismo, diglossia.....	17
I.4. Preconceito linguístico e atitudes linguísticas.....	24
I.5. Políticas linguísticas e educacionais em Moçambique	28
Capítulo II – A Educação Bilingue em Moçambique.....	33
II.1. A viragem da Educação Bilingue em Moçambique	33
II.2. Caminhos e resultados da Educação Bilíngue no contexto moçambicano	35
II.3. Perspetivas dos protagonistas da Educação Bilingue em Moçambique	56
Capítulo III – O impacto da UEM na formação de especialistas da Educação Bilingue	62
III.1. O caso de estudo da UEM: observação e pesquisa.....	62
III.2. Macrotemas	67
III.3. O impacto dos cursos do mestrado e o papel da FLCS	71
III.4. Práticas nas relações aluno-docente e aluno-aluno.....	87
III.5. Diálogo entre a UEM e contextos externos	93
Conclusões.....	97
Bibliografia.....	101
Anexos	108
Anexo A – Credencial emitida pela FLCS	109
Anexo B – Termo de consentimento livre e esclarecido	110
Anexo C – Transcrição integral das entrevistas	111
Anexo D – Tabela completa dos temas	248

Resumo

No contexto dos países de língua portuguesa, uma das instituições que mais tem impulsionado o desenvolvimento e a reflexão sobre o ensino bilingue em Moçambique é a Universidade Eduardo Mondlane. O objetivo deste estudo é investigar esta experiência formativa em âmbito académico e indagar os pontos de vista e as relações entre os principais intervenientes no que diz respeito às práticas de ensino-aprendizagem nos cursos de mestrado em Bilinguismo e Educação Bilingue e Didática de Português Língua Segunda da UEM, bem como analisar as criticidades enunciadas e o impacto dos próprios cursos no percurso de vida e profissional dos mestrandos. O estudo de caso alicerçou-se na observação das aulas e das entrevistas a docentes e estudantes dos dois mestrados ao longo de três meses de pesquisa no local e levou à identificação de três macrotemas, inevitavelmente interligados: o impacto e as criticidades dos cursos e respetivas propostas de desenvolvimento, tais como são figuradas pelos interessados; as práticas que se concretizam na relação aluno-docente e um conjunto de questões aparentemente alheias ao domínio da UEM, que remetem para uma dimensão política mais ampla. Se uma das questões mais prementes por parte dos docentes é o número reduzido de inscritos/as no curso de Educação Bilingue, que poderá vir a prejudicar o futuro da investigação académica, em contrapartida as questões avançadas pelos alunos são tanto económicas como burocráticas e de exigência académica.

Abstract

In the world of Portuguese-speaking countries, one of the institutions that has mostly driven the development and reflection on bilingual education in Mozambique is the Eduardo Mondlane University. The aim of this study is twofold – investigate this formative experience in the academic context and explore the perspectives and relations between the participants regarding teaching-learning practices in two UEM master's degree courses: Bilingualism and Bilingual Education and Portuguese as a Second Language. In addition, the study aims at analysing the issues and the impact of the courses on the students' academic and professional careers. The case study builds upon class observations and interviews with professors and students along three months of field work. It led to the identification of three thematic cores, inevitably intertwined –the courses' impact and issues and their respective development proposals, as illustrated by the participants; the relation that exist between professors and students and, lastly, an array of issues apparently unrelated to the UEM, that refer to a broader political perspective. One of the most urgent issues on the professors' end is the reduced number of enrolments in the Bilingual Education course, that ultimately could threaten the future of academic investigation. On the other hand, the issues put forward by the students are economical, bureaucratic and of academic demand.

Introdução

A valorização do bilinguismo e a prática da educação bilingue ao longo das últimas décadas têm vindo a ser considerados recursos fundamentais e necessários para o desenvolvimento de sociedades plurilíngues. É o caso de Moçambique, que obteve a sua independência de Portugal em 1975 e escolheu a língua colonial como língua oficial por razões de unidade nacional, na tentativa de uniformizar o país sob uma só língua, apesar de este contar com algumas dezenas de idiomas nacionais. As criticidades geradas por essa escolha influenciaram negativamente o contexto escolar e fizeram com que se registassem altos níveis de desistência escolar, já que as crianças que ingressavam no Ensino Primário não falavam nem entendiam português, a língua oficial da escola. Durante a década de noventa do século passado, porém, houve uma tentativa de reverter esta tendência através da introdução da educação bilingue. A partir da teoria e da prática que já existiam em outros países, como também da experiência de especialistas internacionais como Carol Benson, tentou-se idealizar um programa que pudesse trazer benefícios ao contexto escolar moçambicano.

Uma das entidades nacionais que mais se tem esforçado para o desenvolvimento de uma prática bilingue efetiva e eficiente em Moçambique é a Universidade Eduardo Mondlane, cuja contribuição foi essencial para o desenho, a difusão e a mobilização da educação bilingue. Através dos seus especialistas e do avanço dos seus cursos de licenciatura e pós-graduação, a UEM conseguiu construir uma base sólida de pesquisa e formação neste campo.

O propósito desta dissertação é precisamente fornecer uma amostra das práticas que se realizam no curso de pós-graduação em Bilinguismo e Educação Bilingue da Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS) da Universidade Eduardo Mondlane. Através do estudo de caso conduzido na UEM será apresentado e descrito primeiramente o impacto que a FLCS tem tido em estudantes e docentes, em segundo lugar os desafios que este curso enfrenta e as relativas propostas de desenvolvimento, bem como as relações que se criam entre docentes e estudantes, relevantes para o sucesso formativo. Pretende-se deste modo contribuir ativamente para a investigação e o desenvolvimento de práticas universitárias sempre melhoráveis, como também compartilhar com a comunidade

científica as características e nuances dos processos de ensino-aprendizagem no contexto académico moçambicano, sobretudo tendo em conta que, realmente, Moçambique pode atuar como ponto de referência para os outros Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) em relação à educação bilingue, num contexto lusófono caracterizado por desafios cada vez mais prementes no que diz respeito ao papel que o português tem e ao estatuto das línguas nacionais nos seus países membros. Portanto, a descrição das criticidades e das vantagens da prática académica da UEM configura-se como necessária para que esses elementos possam ser eventualmente seguidos, desenvolvidos e utilizados em outros contextos académicos de língua portuguesa.

O presente trabalho está organizado em três capítulos: no primeiro é apresentado o contexto histórico contemporâneo de Moçambique e um mapeamento linguístico do país, para contextualizar os conceitos de bilinguismo, diglossia e plurilinguismo, no panorama moçambicano. Além disso, são abordadas as noções de preconceito linguístico e atitude linguística, mantendo sempre o foco no caso moçambicano; de facto, pode-se constatar que na mente dos moçambicanos é profundamente enraizada uma hierarquia de línguas, que às vezes os leva a menosprezar as próprias línguas maternas, causada claramente pela história colonial do país. Finalmente, são destacadas as etapas mais importantes na história das políticas linguístico-educacionais de Moçambique.

O segundo capítulo é dedicado à educação bilingue e ao seu desenvolvimento em Moçambique: são pontualmente apresentados os elementos úteis para compreender o impacto deste modelo de ensino: as suas vantagens, os falsos mitos que caracterizam as narrativas sobre esta prática, ou ainda a descrição do importante papel que os educadores bilingue desempenham na sala de aula. Em segundo lugar, é apresentado o quadro completo dessa prática no país, partindo do projeto-piloto de 1993-97, passando pelas duas reformas da educação (em 2003 e 2018), que progressivamente criaram mais espaço para as línguas moçambicanas no ensino. Apresentam-se, ainda, as perspetivas dos especialistas nacionais da educação bilingue, delineando o estatuto que a prática tem atualmente e o que poderia ser feito para melhorar a situação educacional.

A parte conclusiva do trabalho, constituída pelo estudo de caso, abre-se com a apresentação dos passos que nortearam a pesquisa no local, as metodologias e os instrumentos de recolha de dados, bem como a problematização do posicionamento do pesquisador. A metodologia escolhida é a qualitativa, portanto foram realizadas sessões de

observação de aulas e entrevistas orais para conhecer e problematizar as perspectivas dos participantes. Os resultados da análise dos dados recolhidos são apresentados por núcleos temáticos. Em particular, são três os macrotemas que foram identificados e que foram guiando a pesquisa: em primeiro lugar, o impacto e as criticidades que caracterizam o curso de Educação Bilingue, com respectivas propostas de desenvolvimento avançadas por estudantes e docentes; em segundo lugar, as relações que se instauram entre alunos e professores e a relação entre colegas, destacando-se o papel que os estudantes atribuem aos professores, e vice-versa; finalmente, o terceiro macrotema refere-se a questões que estabelecem uma relação entre o contexto académico da UEM e as criticidades principais do contexto moçambicano em geral ligadas à educação bilingue, nomeadamente a questão cultural e política.

Capítulo I

Bilinguismo e multilinguismo: o caso moçambicano

I.1 A herança linguística do passado colonial

Moçambique é um país do Sudeste da África que faz fronteira com a Tanzânia no Norte, o Malawi, a Zâmbia e o Zimbabwe a Oeste e a África do Sul e o eSwatini a Sul. As suas fronteiras atuais, como também as dos outros países vizinhos, foram decididas pelas nações que participaram na Conferência de Berlim de 1884. Foi a partir deste ano que Portugal começou a instalar-se no território moçambicano maciçamente, através de colonos brancos que chegariam do país europeu; a tomada de posse completa, porém, levou mais tempo, por causa da intensa resistência em várias áreas do país.

No entanto, para poupar dinheiro na administração do território, os portugueses deixaram o controlo de algumas áreas do país nas mãos de Companhias Majestáticas, instituições privadas de capital estrangeiro contratadas para gerir e explorar extensos territórios do país, enquanto outras zonas foram administradas pelos portugueses. O controlo administrativo passou por várias fases dependendo do grau de resistência que os colonizadores enfrentaram: por exemplo, no Norte do país a grande ação de Portugal consumou-se sob a forma de ocupação militar; por outro lado, na província de Maputo já no final do século XIX o governo começou a fragmentar o território em circunscrições civis que depois se tornaram distritos.

O colonialismo trouxe consequências que moldaram profundamente as raízes sociais de Moçambique: primeiramente, levou à estratificação da sociedade em camadas distintas, entre as quais a força de trabalho negra dos campos e os colonos brancos; além destas, havia mestiços descendentes de brancos que chegaram anteriormente a Moçambique, e assimilados, ou seja, negros que escolheram absorver a cultura e a língua portuguesa para obter algumas vantagens sociais.

Contudo, os termos “assimilação” e “assimilado” foram sofrendo uma mudança ideológica ao longo dos anos de colonização, tendo sido cunhados antes de 1885 para referir-se a quem queria ser tratado, sob o ponto de vista social e jurídico, como um

português de Portugal. Mais tarde, em 1917, o governo português promulgou o Estatuto do Assimilado, uma lei aprovada pela Portaria Provincial n.º 317, pela qual os assimilados precisariam de um documento que demonstrasse a sua “cidadania” e sua transformação de hábitos; mas a lei basicamente impunha uma divisão entre brancos e negros, tornando a palavra “assimilado” em um pretexto colonizador, uma vez que os moçambicanos assimilados muitas vezes eram obrigados a atuar como supervisores dos outros negros; do ponto de vista dos moçambicanos não assimilados, os mesmos eram vistos como traidores, chegando a ser considerados espiões.

Um dos elementos que mais catalisou a divisão social trazida pela colonização portuguesa é a língua, inclusive na educação. Desde a década de 80 do século XIX, o controlo da educação estava nas mãos dos missionários protestantes que vinham da Inglaterra ou do Norte da América que, apesar de tentarem converter os moçambicanos à religião cristã protestante, costumavam lecionar na língua bantu da área onde se encontravam, para facilitar o acesso à instrução essencial. Por outro lado, os colonos portugueses só queriam educar os moçambicanos aos trabalhos manuais, de modo a torná-los mão de obra facilmente explorável.

Ao eclodir o golpe de estado de 1926, Portugal tomou posse completa da colónia, interrompendo quase totalmente as ligações com as Companhias Majestáticas e introduzindo mudanças imbuídas da ideologia do “nacionalismo económico”. Por isso, o setor da educação foi renovado e esta foi utilizada como meio para alcançar mão de obra acessível: em 1930, através do Ato Colonial e do Diploma Legislativo n.º 238, foi proibido o ensino das línguas moçambicanas em qualquer âmbito, menos na religião, poderoso expediente para espalhar o catolicismo, neste caso. Portanto, os moçambicanos foram obrigados a usar a língua portuguesa e, por conseguinte, a sentir-se mais portugueses que moçambicanos¹. Aliás, como refere Simpson, no âmbito da educação uma das estratégias mais usadas pelos colonos consistia em ensinar a sua língua aos indígenas até chegar a um nível essencial de conhecimento, que se traduzia numa quantidade razoável de jovens amoldados e dóceis. Os outros níveis de ensino não eram garantidos e eram deixados à eventual ação dos missionários².

¹ A. Chilundo et al., *História de Moçambique, volume 2: Moçambique no auge do colonialismo, 1930-1961*, Maputo, Livraria Universitária da Universidade Eduardo Mondlane, 1999, pp. 15-48.

² A. Simpson, *Language and National Identity in Africa*, Oxford, Oxford University Press / ProQuest Ebook Central, 2008, p. 3.

De forma geral, o Estado Novo intensificou o controlo sobre o país africano, o qual, com o Ato Colonial deixou de ser considerado “província ultramarina” – como nas Constituições de 1822 e 1911 – e passou a ter estatuto de colónia. Daquele ano em diante, Portugal pretendeu moldar a sociedade moçambicana através da ideologia fascista que o caracterizava, a distinção entre assimilados e não assimilados continuou a crescer, o governo central de Lisboa passou a gerir todos os assuntos administrativos das colónias e a produção e a colheita forçada de algodão (o maior recurso económico do país), era destinada exclusivamente à mão de obra moçambicana, explorada de tal sorte que não faltaram greves ao longo de Moçambique, rapidamente reprimidas pelo Governo Colonial; juntamente com a criação de sindicatos e corporações de impressão fascista, tudo isso resultou num agravamento das condições de trabalho.

Depois de ter tomado o controlo da mão de obra nacional, o regime fascista pretendeu gerir a esfera comunicativa também. Na década de 30 do século XX, o Governo tentou censurar a imprensa nacional, primeiramente forçando uma mudança na direção do jornal *O Brado Africano*, e depois oficializando a sua censura em 1934. Ainda que fosse censurado, por dois anos o jornal continuou a mostrar as afrontas dos que se associavam ao Governo. Contudo, em 1936 foi promulgado o Decreto-Lei n.º 26:643, que obrigava todos os funcionários do Estado a jurar com o empenho de não apoiar ou fomentar ações potencialmente nocivas para o Governo; além disso, o aparelho jornalístico foi totalmente revolucionado quando faleceram os principais intelectuais nacionalistas moçambicanos, permitindo a apoiantes do Regime de tomar posse dos jornais mais influentes de Moçambique, entre os quais *O Brado Africano*. De facto, ao controlar os meios de comunicação, tornava-se mais fácil controlar e moldar as ideias de um povo.

Desde a sua instalação e até ao fim da Segunda Guerra Mundial, a dominação colonial portuguesa nunca foi devidamente condenada, primeiramente por causa da situação parecida em que outros estados europeus se encontravam, ou ainda porque houve outras situações mais claras de uso imotivado da força, nomeadamente no caso da tentativa de colonização italiana na Etiópia. O mesmo conflito mundial desviou o olhar internacional da situação colonial portuguesa.

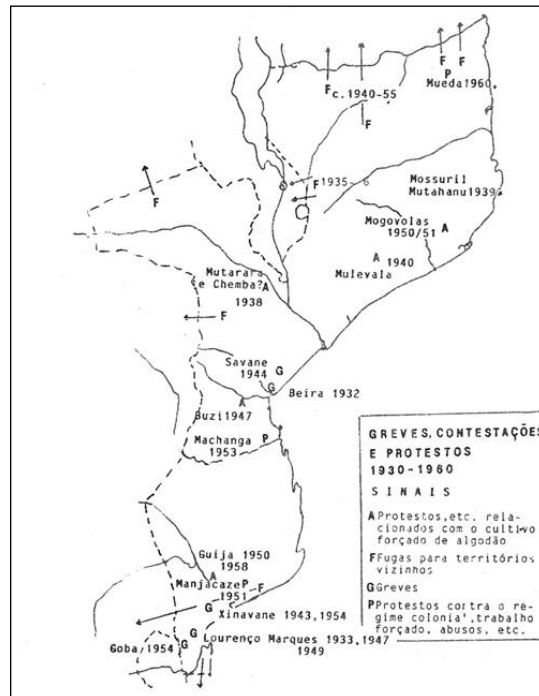
Apesar de o fim da Segunda Guerra Mundial ter levado a atribuir mais peso à legitimação do direito internacional, Portugal continuou a explorar todos os recursos de

Moçambique, através de trabalho forçado e violência corporal e psicológica³. Além disso, o Governo Central fortaleceu ainda mais a presença dos colonos no país, tanto que em 1960 quase cem mil colonos portugueses viviam em Moçambique, cumprindo um dos objetivos maiores da governação, ou seja, o povoamento cada vez maior por parte dos portugueses nas colónias; por conseguinte, a maior parte do desenvolvimento industrial do país foi alcançada para beneficiar os colonos portugueses: os caminhos de ferro e as infraestruturas em geral tinham esta função e não foram concebidas para um desenvolvimento do povo moçambicano.

Adicionalmente, no fim da década de 40, o sistema de sindicatos chegou a ser praticamente fechado para os moçambicanos, aos quais não era permitido trabalhar em algumas ocupações, por exemplo no Sindicato dos Motoristas. A situação mudava quando o trabalho era feito por um assimilado, uma vez que os assimilados tinham mais direito a ter uma ocupação, reforçando mais uma vez a discriminação entre eles e os moçambicanos não assimilados. Este sistema protegia os trabalhadores brancos recém-chegados, cujo privilégio atuou como uma barreira de emprego para os demais. Contudo, esta prática não era sustentável para o sistema económico da colónia: os salários dos brancos, considerando todos os benefícios e as regalias, ultrapassava surpreendentemente o salário de um trabalhador em Portugal e ultrapassava dez vezes o dos trabalhadores moçambicanos dentro do país; isto significa que começava a ser difícil gerir uma carga tão alta de pagamentos a nível da colónia, constituindo uma das primeiras rachaduras do sistema colonial português.

De facto, neste período registou-se um número crescente de greves e protestos nos pontos de produção mais influentes do país, como mostrado pelo mapa 1:

³ Cfr. Ibidem, pp. 148-150.



Mapa 1. Protestos em Moçambique 1930-1960⁴

Estas lutas acabaram por melhorar ligeiramente as condições e os salários dos trabalhadores, mas a situação ficava ainda longe de ser resolvida. Por isso, começaram contestações a nível nacional, por parte também de jovens moçambicanos que em 1949 formaram o NESAM (Núcleo dos Estudantes Secundários de Moçambique), cujo iniciador foi Eduardo Mondlane, o pai da luta pela independência moçambicana. O NESAM impulsionou fortemente o sentido nacionalista moçambicano, tanto que, embora o nível de escolaridade dos jovens não fosse sempre alto, muitos decidiram aliar-se a esta causa.

Em 1951 formou-se também o Centro de Estudos Africanos, uma associação de pessoas que se reuniam secretamente para dedicar-se à cultura africana e à luta contra o colonialismo. Entre outros, participaram nele figuras do calibre de Marcelino dos Santos, Agostinho Neto, Noémia de Sousa, Amílcar Cabral e Mário de Andrade. A participação intelectual também levou a uma contestação importante ao nível das artes, da literatura e da poesia.

O contexto mudou drasticamente no final da década de 50, quando começaram a formar-se movimentos políticos claramente anticoloniais, ainda que obrigados a desenvolver-se em países vizinhos, e com a chegada das notícias da luta pela

⁴ Ibidem, p. 196.

independência em outros países, nomeadamente os atuais Malawi, Tanzânia e Zimbabwe, bem como o regresso de Eduardo Mondlane a Moçambique no início da década de 60. Isto fez com que na década de 60 Moçambique começasse a sua luta pela independência. Embora não tivesse um plano devidamente desenhado e o centro das operações se encontrasse no Sul da Tanzânia, o objetivo da luta armada era reunir os grupos anticoloniais já formados e pôr as bases para uma organização política que pudesse dismantelar o controlo colonial português no país⁵.

Foi exatamente o que tentou fazer o principal grupo anticolonial de Moçambique, a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO). A FRELIMO foi criada em 1962 em Dar-es-Salam na sequência da fusão de três organizações independentistas moçambicanas nascidas no exterior, a UDENAMO (União Democrática Nacional de Moçambique), a MANU (Mozambique African National Union) e a UNAMI (União Nacional Africana de Moçambique Independente). A FRELIMO pretendia libertar Moçambique através da vontade explícita da luta armada, por isso em 1964 foi lançado um ataque contra os portugueses em Cabo Delgado, no Norte do país. Dado que a ação portuguesa no Norte era muito fraca, a FRELIMO conseguiu tomar posse das províncias de Cabo Delgado e Niassa e deslocou-se rapidamente para atingir Manica e Sofala, tentando chegar ao Sul. Em 1970, depois de ter perdido tantas províncias, os portugueses lançaram a operação Nó Górdio, uma tentativa de retomar o controlo dos territórios perdidos⁶. Contudo, depois de quatro anos de luta, em 1974, o exército português sofreu uma derrota significativa, consequência de uma luta teimosa e heroica do povo moçambicano e de um desgaste imenso de capital humano (e não) por parte do colonizador. Tamanha foi a despesa, que Portugal chegou a gastar 40% do orçamento nacional para o exército, empenhado simultaneamente em várias frentes em África⁷.

A situação financeira de Portugal ia enfraquecendo e paralelamente o Governo Central começou a enfrentar dificuldades na gestão do Estado: em 1968 Marcelo Caetano sucedeu-se a Salazar e tentou diminuir paulatina e moderadamente a repressão interna ao país, mantendo ativa, por enquanto, a guerra colonial. As ruturas internas geradas por esta guerra, juntamente com um clima de descontentamento e vontade de derrubar o regime,

⁵ Ibidem, p. 249.

⁶ J. A. S. Barrios Diaz, “Por intermédio da luta armada: Ocupação Colonial, Guerra de Libertação Nacional e Independência em Moçambique”, in *Revista Brasileira de Estudos Africanos*, v. 7, 2022, pp. 39-42.

⁷ B. Davidson, “Portuguese-speaking Africa”, in M. Crowder (org.), *The Cambridge History of Africa, Volume 8 from c.1940 to c. 1975*, Cambridge University Press, Cambridge, 2008, p. 782.

foram algumas das causas do grande esforço do Movimento das Forças Armadas, um conjunto de capitães e militares que planejou e atuou, a 25 de abril de 1974, a Revolução dos Cravos. A Revolução trouxe uma atmosfera de liberdade e renovação que se espalhou por todo o mundo de países de língua portuguesa. Uma das consequências maiores da queda do regime foi o desenvolvimento do processo de independência de todas as colónias portuguesas em África entre 1974 e 1975.

A declaração de independência de Moçambique, assinada em Lusaka em 1974, conferiu o poder a um governo de transição e de facto Moçambique tornou-se completamente independente no dia 25 de junho de 1975. O primeiro Presidente de Moçambique, e um dos primeiros membros da FRELIMO, Samora Machel, encontrou-se a ter de liderar um estado fraco e frágil sob o ponto de vista da unidade nacional, tanto que dali a pouco tempo eclodiu uma guerra civil sangrenta entre a FRELIMO e a RENAMO (Resistência Nacional de Moçambique), um movimento de guerrilha que se tornou partido político e que tentava inverter o monopólio político-eleitoral constituído pela FRELIMO.

A luta interna causou um milhão de vítimas e cinco milhões de refugiados, que fugiram para o exterior ou permaneceram no país⁸. Ainda que em 1992 os dois partidos tenham assinado os Acordos de Roma, a luta continuou em menor escala até ao início do século XXI; de facto, entre 2012 e 2013 o chefe da RENAMO, Afonso Dhlakama, reinstituiu uma velha base militar na província de Sofala e no mesmo período registaram-se confrontos armados entre militantes e polícia, que resultaram em algumas centenas de mortes⁹. Contudo, o conflito fez com que se considerasse um aspeto novo na política moçambicana: desde a independência, a FRELIMO detinha o poder absoluto sobre as eleições, pois Moçambique era um país monopartidário, mas com a nova Constituição de 1990, a FRELIMO abriu espaço político a outros partidos, permitindo eleições abertas e supostamente democráticas.

De maneira geral, a história de Moçambique está marcada por momentos difíceis: primeiramente por causa da colonização portuguesa, que mudou completa e globalmente a sociedade moçambicana sob vários pontos de vistas, entre os quais o linguístico; em segundo lugar a guerra civil, que fraturou Moçambique, apesar de ter jogado um papel

⁸ B. Bertelsen, “Civil war and the non-linearity of time: approaching a Mozambican politics of irreconciliation”, in *Journal of the Royal Anthropological Institute*, v. 28, p. 50.

⁹ N. Wiegink, “Former Military Networks a Threat to Peace? The Demobilisation and Remobilization of Renamo in Central Mozambique”, in *Stability: International Journal of Security & Development*, v. 4, 2015, pp. 1-2.

importante na abertura ao multipartidarismo.

1.2. Mapeamento linguístico de Moçambique

Embora Moçambique seja historicamente um país plurilingue, é claro que com a chegada dos colonos, gradualmente o português tornou-se a língua franca do país, não por escolha, mas por imposição. Dois fatores contribuíram para esta configuração: primeiramente, o objetivo de “educar” os moçambicanos passava também pelo recurso linguístico e, ainda, o crescente número de assimilados, colonos de segunda geração e mulatos fez com que o português tivesse mais espaço não só a nível governamental mas também ao nível da sociedade; em segundo lugar, como aponta Chimbutane, a particularidade do panorama linguístico moçambicano jaz na sua subdivisão territorial, que não permite identificar uma língua bantu que possa ser considerada franca¹⁰.

A dificuldade em catalogar extensivamente o património linguístico de Moçambique faz com que não haja mapeamentos oficiais completos além do efetuado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) através do Censo Populacional, que ocorre a cada dez anos. A última edição do Censo foi conduzida em 2017, o que significa que só em 2027 conseguiremos analisar a vitalidade linguística do país. Os outros projetos de mapeamento linguístico acontecem em escala reduzida, muitas vezes são apoiados por organizações estrangeiras, pois é complicado encontrar recursos governamentais adequados à tarefa. O projeto de mapeamento Vamos Ler! de 2017, por exemplo, foi conduzido pela USAID em duas províncias do Norte de Moçambique, Nampula e Zambézia, e tinha como objetivo catalogar as línguas mais faladas e os níveis de compreensão destas línguas dos estudantes dos primeiros três anos de ensino¹¹.

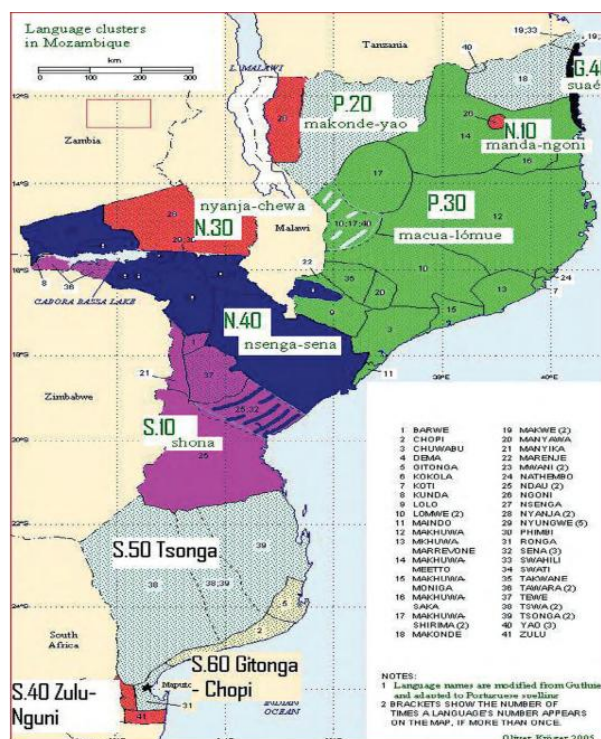
Ao longo dos anos, muitos especialistas já tentaram indicar o número exato de línguas moçambicanas, chegando a assumir a presença de um número indefinido entre vinte e quarenta línguas; segundo os dados do IV Recenseamento Populacional de 2017, Moçambique tem vinte e duas línguas bantu; entre as outras, destacam-se o makhuwa com quase seis milhões de falantes, o changana com cerca de dois milhões de falantes, ou ainda

¹⁰ F. Chimbutane, “Políticas e práticas linguísticas e formação do Estado-nação em Moçambique: da unidade na uniformidade à unidade na diversidade”, in P. F. Pinto e S. Melo-Pfeifer (org.), *Políticas Linguísticas em Português*, Lisboa, LIDEL, 2018, pp. 108-109.

¹¹ USAID, *Vamos Ler! Language Mapping Study in Mozambique – Final Report*, 2017.

o chuwabu, o lomue, o sena e o nyanja com um número de falantes que oscila entre um milhão e um milhão e oitocentos mil¹². Por outro lado, conforme o Ethnologue, Moçambique dá abrigo a quarenta e uma línguas indígenas vivas, além da língua gestual moçambicana e do português: seis dessas quarenta e uma são consideradas ameaçadas¹³.

Nos mapas que se seguem são apresentadas as áreas linguísticas de Moçambique de acordo com duas fontes diferentes: em primeiro lugar, a classificação do Kröger citada por Chambo na *Guia Prática à Educação Bilingue em Moçambique [sic...]*. No que diz respeito a esta, podemos notar que é listado o mesmo número de línguas nacionais do Ethnologue, embora algumas destas sejam antes variantes da mesma língua.



Mapa 2. Áreas linguísticas de Moçambique segundo Kröger¹⁴

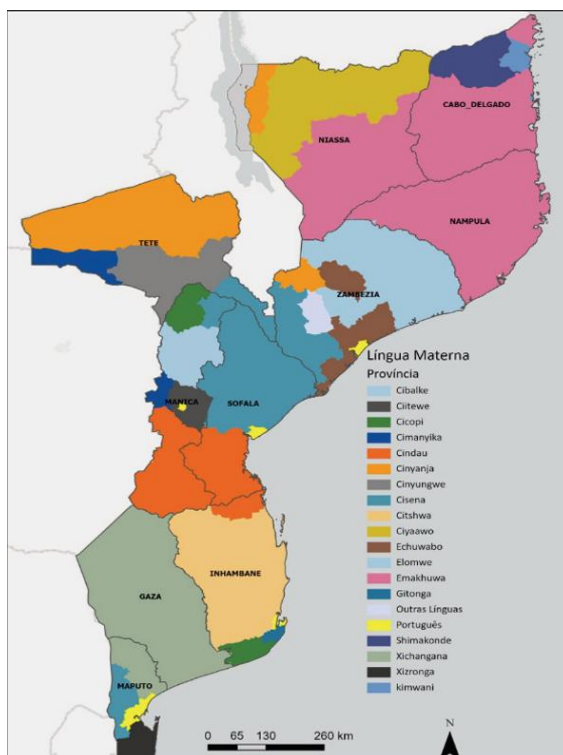
Por seu lado, a classificação do Instituto Nacional de Estatística (INE) apresenta as línguas maternas utilizadas em cada província do país, o que resulta em dezoito línguas moçambicanas, além do português e de outras línguas não identificadas. Quanto à

¹² INE, *IV Recenseamento Geral da População e Habitação 2017: Resultados definitivos*, Maputo, Instituto Nacional de Estatística, 2019.

¹³ “Mozambique Languages, Literacy and Maps”, disponível em: <https://www.ethnologue.com/country/MZ/> (último acesso em 10/01/2026)

¹⁴ Mapa idealizado por Kröger, publicado em G. Chambo et al., *Educação Bilingue em Moçambique. Guia Prática [sic...]*, Vigo, Universidade de Vigo, 2020, p. 25.

classificação do INE, as variantes consideradas foram incorporadas às línguas mais usadas, como se vê no mapa reproduzido abaixo



Mapa 3. Línguas maternas de Moçambique segundo o INE¹⁵

É interessante notar que em coincidência de algumas das maiores cidades de Moçambique, a língua materna mais falada é o português, o que evidencia uma aproximação muito forte das últimas gerações a esta língua, devido às melhores condições socioeconómicas e aos próprios fluxos migratórios internos que trazem a estas cidades pessoas vindas de diversas áreas e com línguas maternas diferentes¹⁶.

Contudo, como o mapa pode confirmar, a língua portuguesa, apesar de ser a língua oficial, não é a língua materna mais falada em Moçambique. Com efeito, conforme os dados do INE, em 2017 só 16,5% da população falava português como língua materna, enquanto 80,2% era falante nativo de uma das línguas bantu. As projeções mostram que em 2027 este número diminuirá a 75,5%¹⁷. O fator socioeconómico mencionado acima, juntamente com a opinião corrente de que atualmente saber falar português é mais útil do

¹⁵ INE, *Padrão Linguístico em Moçambique*, Maputo, Instituto Nacional de Estatística, 2023, p. 8.

¹⁶ Ibidem, p. 66.

¹⁷ Ibidem, p. 11.

que saber falar uma língua nacional, são duas das razões desta descida. Parece corroborar esta leitura a percentagem de falantes nativos de português que se encontra na faixa de maior riqueza ser 49,1%, face a 50,9% de falantes nativos de línguas nacionais. O alto número de falantes nativos de português associado a este dado remete de certa forma à convicção de muitos de que o português permite um acesso facilitado à riqueza e a ter sucesso na vida.

De uma maneira geral, o português é falado, seja como L1 ou como L2, por 58,1% da população com 15 ou mais anos de idade¹⁸. Se olharmos para as distinções geo-sociais, como por exemplo a diferença de percentagem de falantes de português entre o Norte e o Sul do país ou da população urbana e a rural, ou ainda a diferença de literacia em português entre homens e mulheres, notaremos uma grande desproporção: por um lado, a zona com maior percentagem de falantes de português é a zona urbana do Sul do país, que regista 92,6% de falantes de português; por outro lado, a zona rural do Norte regista 36,4% de população que sabe falar português. O mesmo acontece com a distinção entre homens e mulheres: em todas as regiões, a percentagem de falantes de português masculina é sempre maior do que a feminina; este dado reflete uma situação de evidente disparidade de oportunidades que afeta as mulheres desde os primeiros anos de educação.

As projeções, como mencionado anteriormente, relatam um crescimento dos falantes nativos de português, em detrimento dos falantes nativos de outras línguas moçambicanas. O mesmo vale quanto aos dados dos falantes de português em geral, devido às políticas linguísticas adotadas pelo país ao longo dos anos.

I.3. Plurilinguismo, bilinguismo, diglossia

A riqueza linguística de Moçambique apresenta algumas características ao nível da sociedade e do indivíduo que podem ser descritas ou resumidas por três conceitos fundamentais. O primeiro é o plurilinguismo, ou seja, a capacidade de um indivíduo entender e utilizar mais línguas com níveis variáveis de proficiência. Adicionalmente, o bilinguismo, que pode ocorrer a nível pessoal ou social, prevê a coexistência de duas línguas na mesma área; no caso de Moçambique pode-se notar que as línguas bantu e o português ocupam contemporaneamente várias zonas do país, contudo, essas línguas não

¹⁸ Ibidem, pp. 10-29.

são consideradas paritárias, por razões de prestígio ou estatuto. O terceiro conceito é o da diglossia, que, portanto, caracteriza fortemente o contexto moçambicano.

Muitos especialistas, ao longo dos anos, tentaram encaixar esses conceitos em definições com o objetivo de abranger todos os pontos de interpretação que eles geram. No que diz respeito ao bilinguismo, por exemplo, uma das propostas seminais foi a de Bloomfield, que em 1933 defendia que um indivíduo bilingue sabe falar duas línguas com a proficiência nativa de cada língua¹⁹. Trata-se de uma definição que abrange um número limitadíssimo de pessoas. Como destaca Edwards, podemos contrapor a esta todo um espectro de definições, referindo-se desde a um indivíduo que domina duas línguas a nível nativo até a uma pessoa que conhece algumas palavras numa língua não nativa; entre um extremo e outro, os matizes e as perspectivas possíveis são inúmeras. Por exemplo, no seu trabalho de 1953 Weinreich, muito próximo de Bloomfield, define o bilinguismo como o uso alternado dos dois idiomas, enquanto, no mesmo ano, Haugen defende que há bilinguismo já quando um indivíduo forma as primeiras frases significativas e completas numa segunda língua²⁰.

Contudo, a investigação mais recente sobre esta matéria traz em jogo outras considerações e tende-se agora a considerar que as variáveis em questão estão diretamente ligadas às habilidades de cada falante. Se para os especialistas citados anteriormente o indivíduo constitui um bloco único de habilidades linguísticas nas duas línguas, para Edwards devem-se considerar as habilidades no seu particular. Por exemplo, um indivíduo bilingue pode ter uma proficiência máxima na leitura da segunda língua, sem ter o mesmo nível na fala²¹.

A este respeito, vale a pena notar mais dois aspetos, importantes para o aprofundamento do conceito de bilinguismo. Uma das distinções tradicionais, já mencionada acima, é entre bilinguismo recetivo e produtivo, contrapondo quem entende uma das duas línguas mas não a fala e quem tem ambas as competências. O primeiro caso é hoje considerado como “semibilinguismo”, enquanto no passado era usado para descrever indivíduos que supostamente não conheciam nenhuma das duas línguas, como por exemplo falantes de grupos étnicos minoritários, acabando por veicular um sentido mais ideológico

¹⁹ L. Bloomfield, *Language*, New York, Holt, Rinehart & Winston, 1933, p. 56.

²⁰ J. Edwards, *Multilingualism*, London, Routledge, 2005, p. 56. No original: “[...]complete and meaningful utterances in the second language”.

²¹ *Ibidem*, p. 57.

do que linguístico.

Outra distinção importante é entre bilinguismo subtrativo e aditivo. Essa oposição remete para a evidência de que o contexto socioeconómico em que duas línguas se encontram influencia o sucesso ou insucesso de uma das duas. Por um lado a aquisição/aprendizagem de uma segunda língua pode enriquecer o património linguístico de um falante, se o encontro das duas línguas for positivo e funcional. Neste caso, fala-se de “bilinguismo aditivo”, no sentido de que as duas línguas se influenciam positiva e mutualmente sem que uma destas sofra desvalorização; um exemplo de bilinguismo aditivo é o Canadá, em que inglês e francês coexistem sem se limitar.

Por outro lado, no “bilinguismo subtrativo” uma das duas línguas é desprezada e, em alguns casos, excluída do contexto social por ser considerada de estatuto inferior ao da língua maioritária²². Um exemplo claro deste tipo de bilinguismo é precisamente o Moçambique pós-independência, onde todo um conjunto de línguas foi menosprezada enquanto tida como pouco útil: embora as atividades culturais ligadas às etnias bantu tivessem sido reinstituídas, as línguas nacionais foram excluídas da sociedade e das escolas²³. Com efeito, os moçambicanos podem ser considerados bi- ou plurilingues – tendo em conta que alguns deles são bi- ou plurilingues mesmo sem contar a língua portuguesa – não necessariamente por escolha espontânea, mas porque o português desde a época colonial se espalhou gradualmente por toda a sociedade moçambicana: era a língua institucional, dos tribunais, da educação, da comunicação social. A priorização do português permaneceu depois da independência, pois o novo governo de Moçambique considerou-a importante para garantir a unidade nacional e estabelecer-se no quadro internacional. Portanto, o estatuto da língua do ex-colonizador fortaleceu-se, em detrimento do das línguas moçambicanas.

Outra característica associada ao bilinguismo é o biculturalismo, que define indivíduos que integraram duas culturas e que falam fluentemente a língua diretamente associada a cada uma delas²⁴. No entanto, é possível que o bilinguismo e o biculturalismo não andem sempre juntos, porquanto pode haver pessoas bilingues que não são ao mesmo

²² Ibidem, pp. 58-59.

²³ A. Ngunga, “Monolingual education in a multilingual setting: The case of Mozambique”, in *Journal of Multicultural Discourses*, v. 6, n. 2, 2011, p. 178.

²⁴ D. Luna; T. Ringberg; L. A. Peracchio, “One individual, two identities: Frame switching among biculturals”, in *Journal of consumer research*, v. 35, n. 2, 2008, p. 279.

tempo biculturais²⁵, uma vez que o biculturalismo é alcançável só em condições favoráveis, nomeadamente quando um indivíduo mora num contexto onde se fala habitualmente a sua L2, ou seja em contexto de imersão, em contraste com uma pessoa que aprende uma L2 num contexto apenas escolar.

Além disso, há quem defenda que as pessoas bilingues são tais quando utilizam diariamente duas ou mais línguas ou dialetos²⁶. Adotando esta visão, integram-se no conceito de bilinguismo classes de indivíduos que chegam a ser polarizadas e que não seriam consideradas numa aceção “pura”²⁷ de bilinguismo; por exemplo um cientista que escreve um artigo numa língua que não é a sua língua materna ou, igualmente, um imigrante que fala a língua do país para onde se mudou, mas que não consegue escrever nessa língua. Esta perspetiva traduz-se numa das teses suportadas por Grosjean, nomeadamente a visão holística do bilinguismo. Esta visão opõe-se ao chamado “monolinguismo duplo”, em que o bilingue é analisado como um indivíduo que domina ao mesmo nível as duas línguas em causa; pelo contrário, conforme o autor:

O bilingue é uma totalidade integrada que não pode ser facilmente decomposta em partes diferentes. Os bilingues não são a soma de dois, ou melhor, não são monolinguês completos ou incompletos; pelo contrário, eles têm uma configuração linguística única e específica. A coexistência e a interação constante das duas ou mais línguas nos bilingues produziu um sistema linguístico diferente, mas completo.²⁸

Um tipo especial de bilinguismo é a chamada “diglossia”. No seu trabalho seminal, Ferguson apresenta uma situação pela qual “em muitas comunidades de falantes duas ou mais variedades da mesma língua são utilizadas por alguns falantes sob condições

²⁵ M. Akioma; A. M. B. Nunes, “A criança bi e multilingue – Ultrapassando mitos e obstáculos: Uma breve síntese sobre o bilinguismo”, in *Revista EntreLinguas*, v. 8, n. 00, 2022, p. 6.

²⁶ F. Grosjean, *Life as a Bilingual*, Cambridge, Cambridge University Press, 2021, p. 6.

²⁷ Ibidem, p. 6. Grosjean fala de uma definição obsoleta do bilinguismo, e contende que, no passado, os bilingues “verdadeiros” eram os que tinham a competência nativa de duas línguas diferentes enquanto as pessoas que não entravam nesta categoria eram consideradas “tipos especiais” de bilingue ou “não verdadeiramente” bilingues.

²⁸ Ibidem, p. 9. No original: “the bilingual is an integrated whole that cannot easily be decomposed into different parts. Bilinguals are not the sum of two, or more, complete or incomplete monolinguals; rather, they have a unique and specific linguistic configuration. The coexistence and constant interaction of the two or more languages in bilinguals have produced a different but complete language system”.

diferentes”²⁹. Isso aponta que numa determinada área ou num país podem coexistir dois sistemas de fala ligados à mesma fonte linguística, com funções diferentes na sociedade e em contextos comunicativos “baixos” ou “altos”. Em seguida, vários estudiosos abordaram este conceito e contribuíram para a sua expansão: este é o caso de Fishman, que continua o trabalho de Ferguson e evidencia que o termo “diglossia” se expandiu nos anos sucessivos à primeira definição dada por Ferguson³⁰. Com efeito, a noção deixa de envolver só as variedades de uma mesma língua, e passa a ser considerada como a coexistência de dois sistemas ou códigos linguísticos separados que podem sofrer uma hierarquização por causas variáveis, entre outras o estatuto ou o prestígio de uma das duas línguas.

Considerando as duas visões, por um lado Ferguson defende que numa situação de diglossia os dois sistemas linguísticos envolvidos têm papéis distintos: um é utilizado sobretudo em situações do dia a dia e quase sempre inclui a percentagem maior de falantes, sendo considerada a língua L (“low”, ou seja, baixa); o outro consiste numa língua usada quase só em âmbitos oficiais, governamentais ou comerciais e é definida língua H (“high”, ou seja, alta). O autor aponta nove elementos necessários para entender a natureza da diglossia na sociedade, entre os quais se destacam a função (em que contextos é preciso utilizar a língua H ou a língua L) e o prestígio. Outros fatores são, por exemplo, o legado literário, que na maioria dos casos compreende trabalhos na língua H e exclui os da L, e a estandardização, pela qual a padronização e a gramática de uma língua tendem a seguir a norma, em detrimento da variante corrente³¹.

Por seu lado, Fishman chegou a identificar quatro categorias de relação entre bilinguismo e diglossia, como mostrado na Tabela 1:

²⁹ C. A. Ferguson, “Diglossia”, in *WORD*, v. 15, n. 2, 1959, p. 327. No original: “In many speech communities two or more varieties of the same language are used by some speakers under different conditions”.

³⁰ J. A. Fishman, *The sociology of language, An Interdisciplinary Social Science Approach to Language in Society*, Rowley, MA, Newbury House, 1972, p. 91.

³¹ *Ibidem*, pp. 328-332.

Tipo 1: Diglossia e Bilinguismo Cada membro da comunidade é fluente em ambas as línguas H e L.	Tipo 2: Diglossia sem Bilinguismo Os falantes das línguas H e L são dois grupos disjuntos que moram na mesma área.
Tipo 3: Bilinguismo sem Diglossia H e L fundem-se: cada língua pode ser usada para qualquer função.	Tipo 4: Nem Diglossia nem Bilinguismo Sociedades completamente monolíngues sem variantes (hipotético).

Tabela 1. A categorização de diglossia de Fishman³²

Ao contrário do tipo 4, que na verdade é apenas hipotético, os outros tipos são comuns. A análise de Fishman introduz, portanto, um conceito de “diglossia ampla”, pela qual um país pode apresentar simultaneamente bilinguismo, uma vez que nele coexistem dois sistemas linguísticos, e diglossia, porque as duas línguas podem ser utilizadas em contextos diferentes e distintos.

Nessa perspetiva a situação bilingue é no fundo dupla, havendo um bilinguismo individual e um bilinguismo comunitário, o qual poderia ser considerado sinónimo de diglossia. Esta duplicidade alicerça-se nos chamados princípios de “personalidade” e “territorialidade”. Os dois entrelaçam-se e concretizam-se num país bilingue, contudo a *personalidade* remete especialmente para o bilinguismo individual, ou seja, os direitos linguísticos da população devem ser considerados a partir das características e necessidades do indivíduo, opinião advogada também por alguns especialistas moçambicanos ao descreverem o contexto do próprio país. No entanto, o conceito de *territorialidade* remete para o bilinguismo comunitário e faz com que os direitos linguísticos variem de região em região, e que a política linguística se caracterize pela diferenciação de dois sistemas monolíngues considerados gémeos³³.

No caso de Moçambique, a situação é parecida com a apresentada por Fishman, por haver uma profunda hierarquização das línguas utilizadas, de acordo com os princípios de personalidade e territorialidade expostos por Edwards, uma vez que a própria cultura de cada indivíduo e cada região é ameaçada por políticas linguísticas que tendem ao

³² Adaptação da tabela idealizada por Fishman, publicada em H. Wiggers, “Living with L: H-Speakers’ Perceptions of the L-Variety in Northern Germany”, in *Journal of Germanic Linguistics*, v. 24 n. 4, 2012, p. 328.

³³ J. Edwards, Op. Cit., pp. 83-87.

monolinguismo. Com efeito, o português foi a língua do colonizador, utilizada extensivamente por quase cem anos de colonização. As suas raízes ideológicas influenciaram a escolha do primeiro governo independente moçambicano e por isso permaneceu como língua oficial na nova República de Moçambique. O português é agora a língua institucional, enquanto as línguas bantu são utilizadas maioritariamente em contextos informais. O Artigo 13 da Lei n.º 12/2016 do Regimento da Assembleia da República indica que é permitido aos membros da Assembleia falar nas próprias línguas maternas, porém, dado que é o membro da Assembleia que tem a obrigação de garantir um intérprete para o português, esta oportunidade só é válida se o mesmo pagar do seu bolso o serviço de interpretação, acabando por confirmar a hierarquia e o papel das línguas nacionais dentro das instituições moçambicanas.

As línguas nacionais em Moçambique, por um lado, continuam a ser utilizadas sobretudo no meio rural e são as línguas que se utilizam mais em contextos familiares; de facto, segundo o censo de 2017, 81,7% dos moçambicanos utiliza uma das línguas bantu em casa³⁴; por outro lado, o português é utilizado em contextos institucionais bem como em grandes centros urbanizados. Por outras palavras,

a língua portuguesa é, de facto, a língua de ensino em Moçambique, administração pública, acesso a emprego formal e à justiça, dentre outras funções formais, ao passo que as línguas bantu, apesar de estarem paulatinamente a entrar para domínios tradicionalmente formais são, tipicamente, línguas usadas em domínios não-formais.³⁵

Uma das questões que mais afeta o posicionamento “alto” ou “baixo” das línguas, inclusivamente no contexto moçambicano, é sem dúvida a educação, cujo papel depende muito das políticas do governo. Segundo os maiores especialistas neste âmbito, é a educação o ponto de partida para combater a hierarquização das línguas. Com efeito, se por um lado a divisão das duas línguas é clara em alguns contextos comunicativos, na escola poder-se-ia desconstruir a narrativa pela qual as línguas bantu não trazem benefícios, e nivelar o grau de importância de ambas as línguas aos olhos das crianças, contribuindo para o desenvolvimento e fortalecimento de atitudes linguísticas e culturais favoráveis. Realmente, de acordo com o estudo do INE, utilizar as línguas moçambicanas em contextos

³⁴ INE, *Padrão Linguístico em Moçambique*, Cit., 2023, p. 38.

³⁵ Cfr. F. Chimbutane, 2018; D. Langa, 2019; G. Firmino, 2002 *apud* Ibidem, pp. 67-68.

institucionais, bem como em contextos geralmente reputados cimeiros como os tribunais, a Assembleia da República ou a própria escola, mudaria drasticamente o seu estatuto³⁶.

I.4. Preconceito linguístico e atitudes linguísticas

Como se acaba de ver, duas línguas em contacto acabam por influenciar-se mutuamente alcançando posições e desempenhando funções diferentes na sociedade. Esta distinção pode fundar-se na base histórica, se por exemplo um país tiver sido colonizado e se tiver introduzido uma língua como “padrão” a ser seguido. Esta hierarquização das línguas muitas vezes vem a refletir-se em atitudes e até preconceitos em relação aos indivíduos que as falam e que acabam por se identificarem com as características correntemente atribuídas a essas línguas em determinados contextos.

A noção de preconceito linguístico, para a qual nos últimos trinta anos muito tem contribuído o linguista brasileiro Marcos Bagno, encontra-se referida já no livro *Course in General Linguistics* (1916), onde os linguistas Bally e Sechehaye reuniram os apontamentos de algumas aulas de Ferdinand de Saussure e onde já se destaca que as “ideias preconceituosas e absurdas” sobre o carácter social de uma língua se formaram desde a primeira categorização e definição de sistema linguístico, enquanto sistema funcional e equilibrado, completamente adaptado para realizar todas as tarefas comunicativas necessárias³⁷. Dado que as línguas concebidas como sistemas pertencem a esferas e contextos da sociedade definidos pelos próprios falantes, que reconhecem (querendo ou não) os contextos em que se inserem, não é possível ter uma língua superior e uma inferior, porque tudo depende do contexto em que a fala acontece.

Similarmente, o preconceito linguístico pode ser encarado de um lado “generativo” seguindo os trabalhos de Chomsky, segundo o qual todos os indivíduos nascem com um potencial natural de produção e manipulação da língua, contido no cérebro; por isso, já que os indivíduos têm a possibilidade inata de formar uma língua, não faria sentido na base

³⁶ Ibidem, pp. 67-70.

³⁷ G. Massini-Cagliari, “Social status and linguistic prejudice in Brazil”, in J. Setter, S. Dovchin, V.A. Ramjattan (eds.), *The Oxford Handbook of Language and Prejudice*, Oxford, Oxford University Press, 2025, p. 399. No original: “[...] all languages – and, consequently, all of their varieties – are functional and balanced systems, fully adapted to perform all the needed communication tasks”.

psicolinguística considerar uma língua como mais importante do que outra³⁸.

O preconceito linguístico, nas palavras de Marta Scherre, é um “julgamento depreciativo, desrespeitoso, jocoso e, conseqüentemente, humilhante da fala do outro ou da própria fala”³⁹. De acordo com Marcos Bagno, o preconceito linguístico é alimentado por um círculo vicioso, produzido por três elementos: a gramática tradicional, os métodos tradicionais de ensino e os livros didáticos⁴⁰. Em particular, “a gramática tradicional inspira a prática de ensino, que [...] provoca o surgimento da indústria do livro didático, cujos autores [...] recorrem à gramática tradicional como fonte de concepções e teorias sobre a língua”⁴¹. Embora o círculo pareça fechado, encontra-se um elemento adicional que não é tão institucionalizado como os outros três, ou seja, os que Bagno refere como *comandos paragramaticais*, ou seja, “todo esse arsenal de livros, manuais de redação de empresas jornalísticas, programas de rádio e de televisão, colunas de jornal” etc., que acabam por difundir argumentos superficiais sobre as habilidades de fala dos indivíduos que não seguem o padrão⁴². Contudo, os meios de comunicação têm um potencial de influência enorme para quebrar a perpetuação desses mesmos preconceitos⁴³.

Em contextos plurilingue, quem não domina fluentemente as línguas francas, ou veiculares, pode ser alvo de um preconceito e julgamento feroz; de facto, quando se despreza uma língua, também se despreza a pessoa que a fala e a sua personalidade⁴⁴. Uma das soluções possíveis para enfrentar este problema é precisamente a educação: o foco da escola, no caso moçambicano e em outros casos caracterizados por uma hierarquização de línguas, deveria ser o de mostrar que o uso de duas línguas para contextos comunicativos diferentes é normal e que línguas minoritárias trazem as suas vantagens e utilidades dentro de sociedades bilingues ou plurilingues.

Outra solução pode ser encontrada na valorização da diversidade cultural; por

³⁸ Ibidem, p. 399.

³⁹ “O preconceito linguístico deveria ser crime”, M. Scherre, disponível em <https://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0,,EDR87198-7962,00.html> (último acesso: 15/10/2025).

⁴⁰ M. Bagno, *Preconceito linguístico*, 56ª ed. revista e ampliada, São Paulo, Parábola Editorial, 2015, p. 109.

⁴¹ Ibidem, p. 110

⁴² Ibidem. p. 116.

⁴³ No caso específico do livro, Bagno cita e contesta oito preconceitos comuns em respeito aos brasileiros, nomeadamente “O português do Brasil apresenta uma unidade surpreendente”, “Brasileiro não sabe português”, “Português é muito difícil”, “As pessoas sem instrução falam tudo errado”, “O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão”, “O certo é falar assim porque se escreve assim”, “É preciso saber gramática para falar e escrever bem”, “O domínio da norma padrão é um instrumento de ascensão social”.

⁴⁴ M. Laperuta-Martins, “Preconceito Linguístico: Origem na Sociedade; Término na Escola” in *Revista Observatório*, v. 3 n. 1, 2017, p. 312.

exemplo, o Brasil, ao longo dos anos, realizou campanhas de revitalização da identidade e do orgulho em todas as suas expressões culturais, como a dança ou a arte; no caso de Moçambique, realmente, as atividades culturais de reconhecimento de identidade local foram incentivadas assim que a independência foi alcançada.

Se por um lado o encorajamento das práticas culturais moçambicanas constituiu um passo importante para alcançar uma nova ideia de moçambicanidade, por outro lado a cultura ligada às línguas nacionais constituiu uma exceção. Com efeito, o estatuto do português, e sobretudo o valor que lhe foi atribuído, contribuíram para criar uma divisão entre a língua que os moçambicanos supostamente deveriam saber para ter sucesso na vida e as línguas que só prejudicariam o seu desenvolvimento individual e o da nação.

A escolha de priorizar o português por parte da República de Moçambique fez com que se criassem atitudes linguísticas negativas em relação às línguas bantu. As atitudes linguísticas são comportamentos que a comunidade de falantes pode ter, de forma consciente ou não, em relação a uma língua, que podem prejudicar a sua relevância em vários contextos, geralmente os mais altos. A opinião ou atitude de um interlocutor pode efetivamente mudar dependendo da língua ou da variante falada por um indivíduo, e as posições de uma comunidade sobre a mesma língua são caracterizadas pelo valor que lhe é conferido e pelo espaço que lhe é dedicado, sobretudo em âmbito institucional.

Portanto, a ideia de que o português fosse o único meio de ascensão social, e a propaganda do português como língua que pusesse todos de acordo foram meras tentativas de fortalecer a hierarquia das línguas no contexto moçambicano. Nas palavras de Ngunga, “o efeito da política linguística colonial em Moçambique foi tão [...] enraizada que influenciou o sistema educacional e a maneira de pensar de alguns moçambicanos que sofreram uma lavagem cerebral completa”⁴⁵.

Adicionalmente, podemos notar que o facto de os colonizadores etiquetarem as línguas nacionais moçambicanas como “línguas de cão” e “dialetos”⁴⁶ foi claramente o resultado de um preconceito linguístico, perpetuado para manter o poder linguístico do português e mudar as atitudes dos moçambicanos relativamente às próprias línguas. Por isso, depois da independência a situação não mudou e a tentativa do governo de unificar o

⁴⁵ A. Ngunga, Op. Cit, p. 183. No original: “the effect of colonial language policy in Mozambique was so [...] profoundly rooted that it conditioned the education system and the way of thinking of some Mozambicans who were completely brainwashed.”

⁴⁶ G. Chambo et al., Op. Cit., p. 28.

país sob uma única língua favoreceu só quem falava português, resultando na limitação de a população inteira poder colaborar no avanço da nação⁴⁷.

As atitudes negativas ligadas às línguas moçambicanas e perpetradas pelas políticas linguísticas do país independente influenciaram também o seu papel na educação: por muitos anos, estas não foram reconhecidas como recursos necessários para o desenvolvimento das crianças, sobretudo as que não têm português como L1, que por exemplo em 2017, na faixa etária de 5-9 anos, representavam 79% do número total de crianças⁴⁸. A educação e as políticas linguísticas ligadas à educação carregam uma importância enorme na sociedade moçambicana, pois são sinónimo de oportunidades, de mudança do paradigma ocidental, formas de enfrentar e desconstruir criticamente os discursos hierárquicos que encadeiam as línguas nacionais a um lugar inferior. Contudo, a escola e os seus funcionários muitas vezes estão ainda profundamente ligados à situação colonial, e por isso podem transmitir as suas atitudes negativas às crianças, motivação pela qual, por exemplo, estas escolhem de deixar de falar as línguas bantu em casa⁴⁹.

Tamanha foi a influência das políticas linguísticas portuguesas que Moçambique parece estar agora a enfrentar um “mudança linguística” intergeracional: com efeito, conforme observam Chimbutane e Gonçalves, os pais, sobretudo da média burguesia urbana, que vivenciaram mal o ensino monolíngue pós-independência, consideram que agora os seus filhos não deveriam passar pelas mesmas más experiências; portanto, decidindo não transmitir a sua língua materna para os filhos, automaticamente contribuem para a diminuição de falantes nativos de línguas bantu e paralelamente à mudança para o português como língua materna. Outros fatores que têm levado a esse fenómeno são, por exemplo, o utilitarismo que o português carrega como “língua das oportunidades”, bem como o fator sociodemográfico, pois os autores evidenciam que Moçambique é caracterizado por migrações internas e casamentos interétnicos e, por conseguinte, interlinguísticos; estes muitas vezes levam as famílias a determinar que o português seja a L1 dos filhos, sendo a língua de comunicação no seio da família.

⁴⁷ A. Ngunga, “Literacy campaigns in Mozambique: Why did they fail?”, in *Language Matters*, v. 30 n. 1, 1999, p. 150.

⁴⁸ INE, *Padrão Linguístico em Moçambique*, Cit., p. 17.

⁴⁹ Cfr. A. Ngunga, N.N. Bavo, “Práticas linguísticas em Moçambique: Avaliação da vitalidade linguística em seis distritos”, in *As Nossas Línguas*, v. 4, 2011.

1.5. Políticas linguísticas e educacionais em Moçambique

Ao longo deste capítulo, pontualmente foram mencionadas algumas políticas linguísticas e educacionais que moldaram a história mais recente de Moçambique, em particular pela chegada dos portugueses, a imposição da sua língua como meio de comunicação e instrução ou a estigmatização que os moçambicanos sofreram em função das suas línguas nacionais. Contudo, será oportuno analisar as várias fases da política linguístico-educacional do país, de modo a complementar o contexto histórico e linguístico já apresentado, frisando a importância das escolhas tomadas ao nível nacional no que diz respeito às línguas e ao estatuto das mesmas dentro da sociedade, como também o valor do meio educativo e, ao mesmo tempo, o seu poder manipulatório e ideológico.

Como se viu, a política linguística mais marcante no final do século XIX e maior parte do século XX foi a imposição da língua portuguesa como única língua de comunicação e de educação, pois as línguas nacionais foram proibidas em todos os âmbitos primeiramente com a promulgação da Portaria n.º 137/1917 e depois pelo Decreto n.º 77 de 1921. A única forma de educação em língua bantu era dada pelos missionários protestantes, obrigados por sua vez a descontinuar o ensino assim que o Estado Novo tomou posse completa da colónia, para permitir que os missionários católicos se inserissem no sistema educacional. Tamanho foi o impacto desta escolha que qualquer moçambicano que quisesse aceder à educação deveria ultrapassar o obstáculo da língua portuguesa, muitas vezes levando muito tempo para passar de ano. Por conseguinte, os únicos que conseguiam ingressar na escola eram os assimilados, que tinham abandonado as suas raízes para conseguir uma condição social melhor, e os filhos dos portugueses que chegaram a Moçambique⁵⁰.

Os outros estavam destinados pelo Governo Central dos primeiros anos do século XX a uma formação centrada no trabalho manual e prático, que os levasse a ter alguma utilidade no processo de desenvolvimento económico e industrial do país. Este ideal continuou a ser seguido mesmo depois do início do Estado Novo, através de um sistema de ensino instituído em 1930 chamado “rudimentar”, que consistia em disciplinas como Língua Portuguesa, Geografia e História de Portugal, Educação Moral entre outras, e cujo objetivo era “civilizar e nacionalizar os indígenas da Colónia difundindo entre eles a língua

⁵⁰ A. Ngunga, “Os desafios da investigação linguística em África: o caso de Moçambique”, in *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*, v. 42, 2021, pp. 95-96.

e os costumes portugueses” de modo que fossem “mais úteis à sociedade e a si próprios”⁵¹. Rapidamente, o número das escolas rudimentares oficiais e católicas cresceu, enquanto o das escolas protestantes diminuiu, como mostrado na Tabela 2:

Ensino	1930	1935	1937
Oficial	64	149	177
Católico	126	214	231
Protestante	84	55	45

Tabela 2. Aumento das escolas rudimentares, 1930-1937⁵²

De uma maneira geral, durante essa época em Moçambique o nível de ensino era muito fraco e, como mencionado acima, visava apenas moldar o cérebro dos moçambicanos e capacitá-los a trabalhar manualmente. Ao mesmo tempo, os missionários protestantes foram progressivamente afastados do sistema de ensino, porque o Governo Central os considerava um obstáculo à “civilização” dos indígenas. Com efeito, as escolas rudimentares oficiais passaram sob o controlo das escolas católicas, chegando a ser mais de quinhentos em 1944, face a 36 protestantes. A formação dos professores, bem como o desenho de materiais estavam completamente nas mãos do governo português e da igreja católica, os missionários não portugueses que quisessem ensinar deveriam ser aceites pelo governo, e a disciplina de História tinha de ser focalizada na ideologia e a cultura portuguesa.

Os resultados deste sistema educacional foram muito fracos, dado que, no mesmo ano de 1944, em quase cem mil matriculados, só 804 estudantes conseguiram passar para o nível de ensino sucessivo (ensino “elementar”) e só um negro pôde participar no ensino secundário em Moçambique. Aliás, o ensino rudimentar atuava como uma barreira enorme para o desenvolvimento das crianças moçambicanas, de modo que as crianças brancas eram evidentemente privilegiadas, pois era-lhes permitido passar do ensino primário para o ensino secundário e, por fim, para o superior, capaz de garantir uma carreira profissional.

Em 1956, o ensino rudimentar mudou de nome, passando a ser chamado “ensino de adaptação”, mas manteve-se igual na prática e os resultados fraquíssimos permaneceram: em 1960, em cerca de trezentos mil alunos, só dez mil conseguiram chegar ao último ano

⁵¹ *Anuário do Ensino*, 1930, Lourenço Marques, 1931, pp. 10-11.

⁵² A. Chilundo et al., *Op. Cit.*, p. 48.

desse nível de ensino; conseqüentemente, só esses poderiam passar para o ensino elementar, ou escolas primárias comuns. No que diz respeito ao ensino secundário, se em 1945 só um negro frequentava estes cursos, em 1960 foram 69 os negros matriculados, podendo-se concluir que a discriminação racial contra os moçambicanos passava, em grande parte, pelo sistema educacional, já que o nível de analfabetismo atingia os 95% e só 0,2% dos moçambicanos conseguia completar o último ano de ensino rudimentar, ou de adaptação. Os que conseguiram, tornaram-se atores fundamentais no nascimento e desenvolvimento dos movimentos anticoloniais moçambicanos⁵³.

Durante os dez anos de lutas de libertação, a política linguística da FRELIMO coincidiu exatamente com a do colonizador, pois se acreditava ser melhor manter uma língua que pudesse unificar a nação e atuar como um elemento supostamente neutral e forte contra o tribalismo, elemento que alguns funcionários da FRELIMO recebiam de tal sorte que foi cunhado o slogan “é preciso que morra a tribo para que nasça a nação”⁵⁴. Com efeito, ao longo das lutas pela independência, o português foi escolhido como língua de ensino dentro das escolas controladas pela FRELIMO, enquanto continuava a ser negado o espaço às línguas nacionais, mais uma vez por razões ligadas à tentativa de limitação do tribalismo; conforme Ngunga “era proibido perguntar ‘de onde és?’ ou ‘qual a língua que tu falas?’”, porque estas eram consideradas perguntas que poderiam exacerbar a consciência de pertença a um grupo específico [...]”⁵⁵. A única exceção foi o uso do suaíli e de outras línguas moçambicanas dentro da organização das operações da FRELIMO, dado que a primeira era língua oficial da Tanzânia, um aliado forte da luta anticolonial moçambicana, e as outras atuavam como elemento aglutinador entre os membros da FRELIMO⁵⁶; além disso, a maioria deles não sabia falar português. A respeito do papel da língua portuguesa no processo de independência, Ngunga chega a comentar que “os moçambicanos não precisavam daquela língua para libertar-se” e que “[...] o povo moçambicano nunca considerou português como sua língua. Era, e ainda é, ensinado nas escolas como língua estrangeira porque é uma língua estrangeira para os moçambicanos”⁵⁷.

⁵³ Cfr. A. Chilundo et al., Op. Cit.

⁵⁴ Frase cunhada durante a primeira reunião da FRELIMO por Eduardo Mondlane, em 1962.

⁵⁵ A. Ngunga, “Monolingual education in a multilingual setting: The case of Mozambique”, in *Journal of Multicultural Discourses*, v. 6 n. 2, pp. 185-186.

⁵⁶ A. Ngunga, *Os desafios da investigação linguística em África: o caso de Moçambique*, Cit., p. 96.

⁵⁷ A. Ngunga, *Monolingual education in a multilingual setting: The case of Mozambique*, Cit., pp. 184-185, no original: “The Mozambican people did not need that language to free themselves.” e “[...] the

O mesmo discurso vale para o período pós-independência, de 1975 a 1990: depois dos acordos de Lusaka, a FRELIMO continuou a sua tentativa de unificar a nação através da língua portuguesa também; contudo, o problema maior era a alfabetização das massas, pois naquela altura 93% da população moçambicana era iletrada. Portanto, o novo governo tentou implementar políticas de literacia maciças que, contudo, não produziram os resultados esperados. De acordo com Ngunga, terão sido três os fatores principais que determinaram a ineficácia dessas campanhas: a língua utilizada no ensino, a política linguística do governo e as próprias finalidades das campanhas.

Em primeiro lugar, a escolha do português como língua de ensino foi influenciada pelo estatuto dos altos funcionários da FRELIMO, que preferiram reforçar o seu poder como falantes de português, em detrimento dos que não eram. Em segundo lugar, a escolha de uma política linguística que seguia substancialmente os padrões do período colonial prejudicou a participação e contribuição dos moçambicanos no desenvolvimento da nova República, pois três em quatro moçambicanos não falavam português. O curto-circuito, portanto, ocorreu porque a língua escolhida para alfabetizar era exatamente uma língua desconhecida pela maioria da população. Por fim, os objetivos dessas campanhas não eram bem colocados: as campanhas eram obrigatórias e os inalcançáveis níveis de exigência faziam com que os participantes não tivessem a motivação adequada para avançar⁵⁸. Estes três elementos, juntamente com o conflito interno que enfraquecia o tecido social de Moçambique, fizeram com que o elevado ritmo de alfabetização impulsionado pela independência e por projetos de alfabetização de adultos, que levaram no espaço de oito anos ao decréscimo da percentagem de analfabetismo de 97% a 72%⁵⁹, sofresse uma travagem significativa ao longo da segunda parte da guerra civil. Com efeito, se por um lado a taxa de iliteracia baixava de cerca de 4% a cada ano, desde o início da década de oitenta do século passado o ritmo diminuiu drasticamente, chegando a tocar 1,44%, e uma taxa de analfabetismo de 56,7% conforme os dados do INE⁶⁰; atualmente, a taxa de

Mozambican people had never had in mind that Portuguese was their language. It was, and still is, learnt in Mozambican schools as a foreign language because it is a foreign language to Mozambicans.”

⁵⁸ A. Ngunga, *Literacy campaigns in Mozambique: Why did they fail?*, Cit., pp. 149-154.

⁵⁹ Cfr. M. Mário, 2002, in M. Mário, D. Nandja, “A alfabetização em Moçambique: desafios da educação para todos”, comissionado para o *Education for All Global Monitoring Report 2006: Literacy for Life*, UNESCO, 2005, p. 3.

⁶⁰ A. Ngunga, *Literacy campaigns in Mozambique: Why did they fail?*, Cit., p. 148.

analfabetismo atesta-se em torno de 38%⁶¹.

O afastamento das línguas moçambicanas da escola e da fala pública durante a época colonial e a continuação desta política linguística ao longo do período pós-independência também deixaram uma marca profunda no âmbito educacional. Com efeito, a dificuldade das crianças em idade escolar é realmente constituída pelo obstáculo da língua, já que, por exemplo, um estudo de Ngunga de 2011 aponta que mediantemente um/a aluno/a levava mais de três anos para acabar com êxito o primeiro ano de escolaridade⁶².

De uma maneira geral, as posições da FRELIMO orientaram-se a reconstruir Moçambique de uma forma homologada ao padrão ocidental, uma República unificada sob uma só bandeira e uma só língua, em vez de uma nação diversificada sob o ponto de vista etnolinguístico. Ainda hoje, devido à profunda diferença cultural do país e à influência dos centros de poder, situados no Sul de Moçambique, podem verificar-se disputas entre indivíduos do Norte e os do Centro-Sul, mostrando que o processo de unificação da nação foi um processo que exigiu muito sacrifício e escolhas nem sempre tomadas para favorecer a população, incluindo a escolha da língua portuguesa como língua de unidade nacional e de instrução.

⁶¹ INE, *Anuário Estatístico 2024-Moçambique*, Maputo, Instituto Nacional de Estatística, 2025, p. 33.

⁶² A. Ngunga, *Monolingual education in a multilingual setting: The case of Mozambique*, Cit., pp. 185-186, no original: “It was forbidden to ask questions like ‘where are you from’ and ‘what language do you speak?’, because these were considered to be questions that could exacerbate the consciousness of belonging to a specific group [...]”.

Capítulo II

A Educação Bilingue em Moçambique

II.1. A viragem da Educação Bilingue em Moçambique

Em relação às políticas linguísticas, não se pode deixar de sublinhar a importância que algumas partes da sociedade exercem e sua influência no processo de desenvolvimento e sustentamento de um ideal linguístico e educacional. Os exemplos mais claros de movimentação social que abriram caminho em Moçambique são dois: as ações da UNESCO no começo da década de oitenta e da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), a maior universidade do país.

As contribuições científicas de instituições nacionais como o Ministério da Cultura, ou o Comité Central da FRELIMO no que diz respeito ao multilinguismo em Moçambique foram ocultadas durante muito tempo, mais uma vez para tentar dissuadir qualquer ideia que tivesse a ver com o “tribalismo”⁶³. Só com o trabalho de Yai, junto com a UNESCO, a situação mudou de qualquer forma, pois fez com que a direção das políticas multilinguísticas no país evoluísse; por conseguinte, os especialistas moçambicanos aliaram-se na formação de novos espaços dedicados às línguas nacionais⁶⁴. É importante, com efeito, apresentar o papel que a UEM teve no processo de revitalização e redescobrimento da cultura linguística do país, bem como o seu papel na inversão de rumo em direção à legitimação das línguas nacionais sob o ponto de vista de políticas linguísticas.

O evento catalisador foi a criação do Núcleo de Estudos de Línguas Moçambicanas (NELIMO) nos finais da década de setenta pela Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane⁶⁵. O NELIMO era constituído por especialistas que levavam a sério a questão da revitalização das línguas nacionais e ao longo dos anos chegou a ser considerado um verdadeiro grupo de pressão em relação às políticas

⁶³ A. Ngunga, N.N. Bavo, Op. Cit., p. 3.

⁶⁴ Ibidem, p. 4.

⁶⁵ A. W. Saguete, “Heterogeneidade linguística na descrição e ensino de línguas em Moçambique”, in *Cadernos de Linguística*, v. 2, 2021, p. 4.

linguísticas que poderiam ser desenvolvidas no país, devido à sua força e aos seus objetivos. O primeiro grande passo dado pelo NELIMO foi a instituição do I Seminário sobre a Padronização da Ortografia das Línguas Moçambicanas, programado em 1988 e seguido por outros Seminários com cadência decenal.

O primeiro Seminário constituiu um episódio crucial para a consciencialização sobre e a organização das línguas moçambicanas, numa altura em que Moçambique saía de um período em que a sua riqueza linguística tinha sido limitada pela priorização do português, e necessitava de entender que as próprias línguas nacionais ainda poderiam desempenhar um papel importante na formação de uma nova identidade moçambicana. Para tal, era preciso primeiramente tentar padronizar as línguas nacionais e estabelecer uma cultura escrita nessas línguas. Efetivamente, a cultura linguística oral é predominante em Moçambique, e até determinada altura não houve nenhum especialista (ou leigo) que pretendesse enfrentar um trabalho de tamanha envergadura. Por isso, os Seminários continuam a desenvolver um papel importante na formação da cultura escrita de Moçambique.

De uma maneira geral, a questão da padronização é crucial para transmitir o impacto e a força que as línguas nacionais podem e devem ter ao nível da sociedade, ao nível do mundo científico e institucional também. A padronização não deverá ser entendida como uma normatização que exclui todas as nuances de uma variante da mesma língua; pelo contrário, o princípio é o de coadunar o que coincide em duas ou mais línguas e alavancá-lo para beneficiar o estatuto destas línguas. Conforme Siteo, “a harmonização [...] aproxima as pessoas e facilita a circulação de textos, a troca de experiências, a construção de pontes entre pessoas e instituições”⁶⁶.

O período pré- e pós-Acordos de Roma também lançou luz sobre algumas limitações em relação às políticas linguísticas de Moçambique independente. De facto, em 1990 foi promulgada a nova Constituição da República, que continha artigos importantes em matéria de línguas nacionais e língua oficial, em particular os artigos 9º e 10º: se, por um lado, o artigo 9º defende que as línguas nacionais são consideradas património cultural e educacional e um meio para fortalecer as identidades dos moçambicanos, por outro lado o artigo 10º confirma que a única língua oficial de Moçambique é o português⁶⁷. Portanto, a

⁶⁶ B. Siteo, “Padronização e harmonização da ortografia de línguas moçambicanas”, in *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*, v. 1, 2021, p. 11.

⁶⁷ *Constituição da República de Moçambique*, Maputo, 1990.

política linguística principal continuou a ser a do período do imediato pós-independência, enquanto um mínimo espaço foi dedicado às línguas nacionais, que pelo menos começaram a ser consideradas institucionalmente.

Realmente, o ponto de viragem para tentar melhorar o estatuto das línguas moçambicanas não se consumou ao nível do Governo, mas na educação. Se a política linguística de Moçambique independente não foi voltada ao reconhecimento global das possibilidades das línguas nacionais, a política educacional do país foi relativamente melhor. A motivação maior, como foi já referido, veio da academia e das organizações nacionais e internacionais, que desempenharam um papel fundamental para o avanço cultural das línguas moçambicanas.

A situação sociolinguística moçambicana no período sucessivo à Guerra Civil não se afastava consideravelmente do contexto do imediato pós-independência: em 1997, por exemplo, a maioria dos moçambicanos era falante nativo de uma das línguas bantu, enquanto 6% da população era falante nativa de português⁶⁸. Tendo em conta que a língua oficial de ensino em Moçambique era sempre a portuguesa, pode-se depreender que, naquela altura, uma criança que entrava na escola sem conhecer a língua de ensino era profundamente dificultada, basicamente destinada a reprovar e em alguns casos até a desistir. Portanto, o objetivo era encontrar uma medida para contrastar esta tendência, para reverter o problema das altas taxas de abandono escolar e da reprovação registado ao longo dos anos, pois conforme o Plano Estratégico da Educação 1999-2003 só cerca de 25% dos estudantes conseguiam alcançar a quinta classe sem reprovações⁶⁹.

Uma das possíveis soluções seria a Educação Bilingue, uma forma de educação já adotada em outros países, com base na educação multicultural e profundamente virada para o empoderamento da criança e das línguas consideradas minoritárias. Por conseguinte, nos primeiros anos da década de noventa, ideou-se em Moçambique um projeto-piloto de Educação Bilingue que pretendia ajudar a diminuir o número das desistências escolares.

II.2. Caminhos e resultados da Educação Bilíngue no contexto moçambicano

Nos primeiros anos da década de noventa, a percentagem de conclusão do ensino primário

⁶⁸ INE, “*Padrão Linguístico em Moçambique*”, Cit., 2023, p. 9.

⁶⁹ MINED, *Plano Estratégico de Educação 1999-2003 “Combater a Exclusão, Renovar a Escola”*, Maputo, 1998, p. 14.

oscilava entre 5 e 15%⁷⁰. Evidentemente, não se pode reconduzir a fraca percentagem unicamente à língua de ensino utilizada, mas esta situação crítica fez com que se ideasse o primeiro projeto de Educação Bilingue em Moçambique, de modo a tentar limitar a dispersão escolar.

Em particular, em 1990 foi criado o núcleo de pesquisa do Projeto de Escolarização Bilingue em Moçambique (doravante PEBIMO). Embora este núcleo tenha sido criado pelo INDE (Instituto Nacional de Desenvolvimento e Educação), o NELIMO contribuiu ativamente para a sua realização; este último, na sequência do I Seminário sobre Educação Bilingue em 1988, apresentou um pedido de inclusão das línguas moçambicanas no sistema de ensino primário, junto com propostas de pesquisas para organizar o território em zonas de línguas, além de programas de formação de professores bilingues. Em todo o caso, o INDE, o NELIMO e a SIL (Sociedade Internacional de Linguística) foram inicialmente os únicos promotores da prática bilingue, atuando de facto como agentes de mudança, movendo-se entre a política educacional, controlada pelo Governo, e a necessidade de garantir uma educação acessível e justa a todas as crianças que não tinham o português como língua materna.

O PEBIMO começou em 1993, com o objetivo de verificar a utilidade e legitimidade da Educação Bilingue no eixo de quatro anos, até 1997, partindo de uma experiência territorial reduzida. Portanto, foram instituídas oito classes de EP1 (Ensino Primário de primeiro grau) distribuídas por duas províncias: Tete e Gaza. As línguas escolhidas para a Educação Bilingue foram o nyanja para a primeira província e o changana para a segunda. A escolha privilegiou estas duas línguas porque, como refere Benson, eram já estudadas e padronizadas por países africanos vizinhos, portanto o seu sistema escrito estava adequadamente formado e eram utilizadas no contexto escolar desses países⁷¹.

A organização do projeto, na teoria, foi muito boa, pois compreendia alguns fatores prometedores, nomeadamente o sistema de produção de materiais e a capacitação inicial dos professores. Quanto ao primeiro, consistia na produção anual de material escolar, de modo a fornecer o material adequado no começo de cada novo ano letivo; ao mesmo

⁷⁰ UNESCO, *Relatório holofote sobre a conclusão do ensino básico e aprendizagem fundamental – Moçambique*, Paris, 2023, p. 16.

⁷¹ C. Benson, *Relatório Final Sobre o Ensino Bilingue: Resultados da Avaliação Externa da Experiência de Escolarização Bilingue em Moçambique (PEBIMO)*, Maputo, Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação (INDE), 1997, p. 6.

tempo, os professores seriam chamados a ter uma formação inicial de duas semanas no começo de cada ano, que se focalizariam na organização do próprio material e nas bases gramaticais das línguas maternas utilizadas.

É importante realçar que o processo de formação de um educador bilingue é diferente da formação de um professor de ensino monolíngue, já que este último é capacitado para explicar a sua disciplina de modo que o aluno possa desenvolver conhecimentos unicamente ligados àquela disciplina; pelo contrário, o educador bilingue é chamado a valorizar e defender o património linguístico do aluno através do ensino de várias disciplinas em línguas diferentes. Por exemplo, termos científicos utilizados em ambas as línguas podem ter traduções diferentes, ou nuances que ajudam a entender melhor o assunto, ou são simplesmente úteis para enriquecer a bagagem lexical do aluno. Nesse sentido, é fundamental os formadores de educadores bilingues basearem e desenharem os próprios programas nos saberes e nas práticas dos indivíduos bilingues e biculturais, porque partindo das experiências destes se podem formar novas abordagens e pode-se facilitar o processo de formação⁷².

O educador bilingue, portanto, tem de ser capaz de cuidar de alguns aspetos essenciais: em primeiro lugar, a habilidade de “guiar os seus estudantes a reconhecer e refletir sobre instâncias de não-reconhecimento bem como de existentes desigualdades de recursos”⁷³. O não-reconhecimento acontece quando um indivíduo, de forma consciente ou não, se reconhece erradamente numa identidade que à partida lhe parece como sua própria. Por seu lado, a falta de recursos prejudica muito o desenvolvimento e o funcionamento de programas bilingues, como acontece por exemplo no caso moçambicano.

Além disso, o educador tem de perceber a língua materna do seu aluno, para que possa eventualmente apoiá-lo no processo de decodificação; poderia parecer um assunto óbvio, mas acontece que os educadores, especialmente em países multilingues, se encontram num contexto em que as línguas que sabem, ou estudaram, não coincidem com a língua ensinada na escola, ou com a língua maioritária da comunidade, por exemplo no caso das reuniões com os pais e os encarregados da educação.

Igualmente, o professor bilingue tem de “[...] se fazer *perceber* dentro dos

⁷² S. Fitts, E.M. Weisman, “Exploring Questions of Social Justice in Bilingual/Bicultural Teacher Education: Towards a Parity of Participation”, in *Urban Rev*, v. 42, 2010, p. 374.

⁷³ Ibidem, p. 389. No original: “[...] guide their students to recognize and reflect upon instances of misrecognition as well as existing inequities of resources”.

contornos dos dialetos, e, de facto, promover a tolerância sociolinguística entre os alunos”; a comunicação, não só meramente linguística, mas também intercultural, entre professores e alunos deve ser idealmente clara e espontânea para que ambas as partes possam aproveitar as vantagens da prática bilingue.

Finalmente, os educadores deveriam organizar o seu trabalho seguindo alguns princípios da sociolinguística: apostar nas habilidades recetivas e produtivas básicas da língua, ter em conta a idade dos alunos, escolher devidamente entre modalidade formal ou informal; além do mais, deveriam instaurar com a comunidade relações capazes de favorecer o desenvolvimento da prática bilingue, através da informação contínua sobre os objetivos formativos dos alunos⁷⁴.

O sistema de Educação Bilingue escolhido por Moçambique não coincidia bem com o protótipo de modalidade geralmente utilizado pela sua eficácia em outros países, talvez porque se queria passar o mais rapidamente possível ao estudo da L2, ou seja, no caso concreto o português. De facto, a modalidade escolhida foi a de transição, que favorece a L2 em detrimento da L1. Esta modalidade prevê que uma língua atue como uma ponte, até a língua segunda ser suficientemente desenvolvida para ser utilizada como único instrumento de ensino⁷⁵. De uma maneira geral, esta escolha ocorre principalmente quando uma dada língua é vista como um obstáculo a ultrapassar⁷⁶.

A Tabela 3 que se segue mostra o modelo adotado pelo PEBIMO:

Classe	1 ^a	2 ^a	3 ^a	4 ^a	5 ^a
Disciplina	/	Port.*	Port.	Port.	Port.
	Mat.	Mat.	Mat. C. Nat.	Mat. C. Nat. Hist.	Mat. C. Nat. Hist. Geog.
	L1	L1	L1	L1	L1

Tabela 3. Modelo de Educação Bilingue de transição adotado pelo PEBIMO⁷⁷

⁷⁴ J. A. Fishman, “Sociolinguistic Foundations of Bilingual Education”, in *Bilingual Review / La Revista Bilingüe*, v. 9 n. 1, 1982, pp. 18-19. No original: “[...] make him/herself *understood* across dialect boundaries, and, indeed, to foster sociolinguistic tolerance among pupils”.

⁷⁵Cfr. Ibidem, pp. 23-25. No original: “a marked language is used as a co-medium of instruction only briefly - until the unmarked language is sufficiently well learned so that it alone can be used as the medium of instruction”.

⁷⁶ Ibidem, p. 28.

⁷⁷ Adaptado de C. Benson, Op. Cit., p. 69.

As secções em fundo cinzento são as disciplinas lecionadas em L1, enquanto o asterisco indica a introdução tardia da disciplina de Língua Portuguesa, que só seria incluída no final do segundo ano apenas na modalidade oral. A transição que foi tida como brusca para o português aconteceria no terceiro ano, enquanto os últimos dois anos de ensino seriam lecionados totalmente em português, exceto a disciplina de L1. Benson afirma que a escolha deste sistema de transição terá sido a causa principal do fraco desempenho dos alunos durante os quatro anos do projeto-piloto, tendo-se baseado em modelos fracos de Educação Bilingue, ou seja, aqueles empenhados em priorizar o ensino na língua maioritária em detrimento das minoritárias. Neste tipo de modelo, as línguas nativas servem apenas de ponte para a língua maioritária e são postas de parte depois de alcançada a transição.

Além disso, na prática as coisas foram diferentes do plano teórico delineado no início, pois por um lado o PEBIMO começou um mês depois do começo geral das aulas; por isso, os especialistas e os professores encontraram uma situação não ideal: os professores das escolas selecionadas para a Educação Bilingue não escolheram aleatoriamente os alunos que integrariam essa modalidade, mas selecionaram pessoalmente aqueles de que não gostavam, operando portanto uma seleção negativa. Esta opção foi profundamente errada sob o ponto de vista pedagógico, resultando numa confusão ainda maior no que diz respeito à divulgação das práticas junto dos pais dos alunos envolvidos, que, antes de começar com o projeto, na sua maioria não sabiam o que os filhos enfrentariam.

Mais em geral, a criação dos materiais encarou desafios críticos sob o ponto de vista dos prazos de idealização e entrega: decisões sobre a forma correta de alguns elementos linguísticos e a escolha de algumas práticas que não aproveitavam a verdadeira potencialidade da Educação Bilingue fizeram com que os materiais não fossem devidamente produzidos. De resto, os professores nem sempre conseguiram afastar-se de uma metodologia de ensino que, na prática, só traduzia as práticas monolíngues para a Educação Bilingue, devido também à presença de alguns materiais meramente traduzidos do português.

No que diz respeito aos professores, a princípio a sua escolha foi direccionada e bem pensada; contudo, olhando para os resultados, o problema principal que os afetou foi a falta de motivação para continuar, sobretudo pela falta de encorajamento e a escassez de

recursos. O Relatório Final também aponta para a necessidade de uma maior capacitação em matéria de glotologia e linguística educacional: os professores utilizavam metodologias que limitavam o impacto da Educação Bilingue e das práticas de ensino de L2, não conseguindo fornecer aos alunos ferramentas para melhorarem a sua aprendizagem. Adicionalmente, a boa realização do projeto esbarrou contra a política também, dado que em 1994 houve eleições gerais e muitos dos educadores estavam envolvidos na política, pelo que se ausentaram das aulas durante muito tempo, prejudicando o progresso das crianças abrangidas.

Além disso, é útil referir a configuração ideal de um programa de formação de educadores bilingue, tal como delineado por Benson:

(1) Teoria de aprendizagem de L1 e L2; (2) Modelamento de métodos de ensino de L1 e L2 (orais e escritos); (3) Modelamento de métodos para educação intercultural; (4) Habilidades verbais e de literacia em L2; (5) Habilidades verbais e de literacia na L1, incluindo vocabulário pedagógico; (6) Avaliações de língua e de programas, incluindo estudos internacionais de escolarização bilingue, modelos e análises; (7) Visitas de estudo ou estágios práticos em escolas operativas bilingues; (8) Colaboração com pais e membros da comunidade.⁷⁸

É possível notar neste plano que os esforços de um educador bilingue não se limitam às noções linguísticas, mas abordam conceitos de sociolinguística e relação intercultural que o professor deve dominar para apoiar o desenvolvimento de uma Educação Bilingue eficaz e eficiente. Ainda que esses elementos não tenham sustentado uma realização ideal do PEBIMO, houve sinais muito positivos em outras vertentes da experiência.

Em primeiro lugar, o projeto tentou limitar o abandono escolar e há alguma evidência de que a Educação Bilingue conseguiu neste objetivo, ainda que com indicadores que oscilam muito de ano para ano e de província para província. O verdadeiro ponto positivo é a aprovação, dado que a modalidade bilingue ultrapassou os níveis de aprovação do Sistema Nacional de Educação (SNE) em vários pontos percentuais. As taxas descritas pela autora do Relatório Final são taxas brutas, baseadas nos registos dos professores, pois não houve a possibilidade de a criança repetir o ano caso tivesse sido reprovada. Contudo,

⁷⁸ C. Benson, "Do We Expect Too Much of Bilingual Teachers? Bilingual Teaching in Developing Countries", in *International Journal of Bilingual Education and Bilingualism*, v. 7, 2010, pp. 215-216.

esses dados são apresentados com base na experiência e habilidade dos professores bilingue que, conforme a especialista, provavelmente seguiam as mesmas linhas de avaliação do SNE, tornando os dados muito úteis para fazer a comparação e para mostrar a diferença positiva entre os dois sistemas.

Outros dois pontos notáveis em favor do PEBIMO são a presença feminina e a interação na sala de aulas. Quanto à primeira, é fundamental realçar a participação das raparigas porque foi e continua sendo um problema crítico do contexto educacional moçambicano: a rapariga tem geralmente menos oportunidades de continuar a estudar, por causa de casamentos e gravidez prematuros, escolhas familiares de priorizar a educação dos rapazes, os assédios físicos ou verbais dos professores, ou os rituais de iniciação ligados à puberdade; por exemplo os dados apresentados em 2019 indicam que, no caso de participação das raparigas nesses rituais, a taxa de desistência escolar sobe de 12,8% a 31,5%, enquanto a dos rapazes cresce de 11,9 a 21,4⁷⁹. De uma maneira geral, o envolvimento nos ritos de iniciação depende da zona considerada, já que no Norte do país é mais comum participar. Continua a existir uma disparidade imensa nas oportunidades, ainda que o PEBIMO tenha produzido alguns resultados positivos. Em particular, as raparigas registaram maiores habilidades linguísticas que os rapazes (+4%); este dado ultrapassa o das suas colegas do SNE tradicional, que registaram uma diferença de dois pontos percentuais em relação aos colegas. Além disso, parece que o PEBIMO fez diminuir a reprovação feminina: os dados fornecidos por Benson mostram que a idade média das alunas da quarta classe da Educação Bilingue era inferior à do SNE tradicional, levando a uma possível interpretação da maior taxa de aprovação na EB⁸⁰. Contudo, vale a pena repetir que estas são interpretações da autora, pois não foi conduzido um estudo aprofundado sobre a situação da rapariga na escola bilingue naquele período.

Por outro lado, a participação na sala de aulas foi melhor no PEBIMO, já que os alunos podiam utilizar a sua língua materna para a interação com o professor; isso fez com que a atmosfera das aulas fosse mais descontraída do que a do SNE; ainda que falassem entre eles nas suas línguas maternas, os estudantes da modalidade monolíngue não estavam à vontade para intervir e interagir com o professor. As turmas do PEBIMO, em

⁷⁹ Cfr. UNICEF, 2019, in A. R. Torre et al., *Análise aprofundada dos factores da desistência escolar no ensino primário em Moçambique – Resultados da Avaliação de 2021*, Maputo, 2022, pp. 69-71.

⁸⁰ C. Benson, *Relatório Final Sobre o Ensino Bilingue...*, Cit., pp. 34-35. Essas interpretações são da autora, pois não foi conduzido um estudo aprofundado sobre a situação da rapariga na escola bilingue naquele período.

contrapartida, estavam mais dispostas a intervir e interromper o professor, fator que contribuía para uma grande motivação na criança naquela fase da educação. Por conseguinte, também se registou uma mudança de atitude, com uma maior consciência que ficou visível aos olhos dos pais. Esse elemento é relevante, uma vez que a aprovação e a confiança dos pais e dos encarregados da educação nestes projetos são fundamentais para uma melhor atuação e desenvolvimento.

O Relatório Final registou, de facto, algumas perceções muito positivas dos pais das crianças que estudavam no PEBIMO. Em particular, alguns pais notaram que os seus filhos estavam mais envolvidos na vida da escola e ficaram satisfeitos com a modalidade bilingue. A Tabela 4 apresentada a seguir mostra as principais razões dessa satisfação por parte dos pais das crianças incluídas na modalidade bilingue:

Razões dadas em suporte da Educação Bilingue	N.º de respondentes (percentual)
A criança pode ler, escrever e contar em ambas as línguas.	72 (70)
Valor da cultura/língua local é maior.	52 (50)
A criança pode escrever cartas na L1 a familiares que vivem no estrangeiro.	46 (44)
A criança pode ler a Bíblia na L1 em serviços religiosos	34 (32)

Tabela 4. Cinco maiores motivações dos pais e encarregados em suporte do ensino bilingue⁸¹

Pode-se observar que a dimensão sociocultural das línguas moçambicanas é valorizada pela Educação Bilingue, graças às vantagens que as crianças podem levar para casa, como por exemplo a comunicação escrita com familiares no estrangeiro.

Ainda que o PEBIMO na sua essência tenha mostrado que o nível dos seus alunos nas provas escritas foi inferior ao dos colegas do SNE, Benson sublinha dois pontos que podem explicar a causa do aparente insucesso da prática bilingue: em primeiro lugar, a autora menciona a modalidade de ensino utilizada, taxando-a de “corta-mato educacional” para chegar quanto antes ao português, que fez com que os alunos não absorvessem bem as habilidades da L1 para transferi-las para a L2. Adicionalmente, faltou uma modalidade bem organizada de recolha dos dados para efetuar uma comparação científica fundamentada⁸².

⁸¹ Tabela adaptada de C. Benson, “Real and Potential Benefits of Bilingual Programmes in Developing Countries”, in *International Journal of Bilingual Education and Bilingualism*, v. 5, 2002, p. 311.

⁸² C. Benson, “The Primary Bilingual Education Experiment in Mozambique, 1993 to 1997”, in *International Journal of Bilingual Education and Bilingualism*, v. 3, 2000, pp. 155-156.

Por isso, a autora compensou os dados estatísticos das provas escritas subtraindo os resultados das provas de matemática, disciplina com baixa presença de linguagem escrita, tomando-a como medida da habilidade intrínseca dos alunos. Com essa compensação dos dados, os alunos do PEBIMO constam ter melhorado as suas capacidades ao longo dos quatro anos⁸³, e ainda, os alunos da quinta classe do PEBIMO registaram um melhoramento notável nas habilidades da L2, em menos tempo⁸⁴.

Concluindo, o PEBIMO mostrou dois níveis de encorajamento cruciais para a implementação futura da EB em Moçambique. A nível qualitativo o resultado foi claramente melhor, já que participação, relação aluno-professor, motivação e consciencialização foram os elementos que mais caracterizaram as turmas do projeto-piloto. Por outro lado, a nível quantitativo se registaram dados menos positivos: como foi referido, há uma diferença de resultados nas provas escritas das duas modalidades, mas foi mitigada por uma compensação de dados e com previsões de atuação melhor da modalidade bilingue.

Contudo, Benson realça a importância de não renunciar à investigação e ao avanço dessa prática só por não ter registado resultados excelentes no projeto-piloto⁸⁵. É por isso que em 2003 foi implementado um outro projeto de ensino bilingue, desta vez com a expectativa de maior consciência e organização do material para desenvolver um bom trabalho e ampliar a oferta das línguas moçambicanas para mais províncias.

A Reforma Curricular de 2003, com efeito, introduziu uma modalidade de ensino bilingue baseada na utilizada no PEBIMO. O Governo indicou cinco línguas moçambicanas que poderiam entrar no novo modelo de Educação Bilingue, porém, devido à receção muito positiva que as comunidades mostraram no que diz respeito a esta prática, as línguas incluídas nos *curricula* aumentaram para dezasseis⁸⁶.

Ainda que não fosse considerado parte integrante do SNE, o *curriculum* bilingue gozou de uma expansão não indiferente também ao nível de escolas envolvidas, porque muitas comunidades que olharam para os resultados do primeiro projeto de escolarização bilingue solicitaram o acesso a esta modalidade; de facto, começaram por ser 23 escolas em

⁸³ C. Benson, *Relatório Final Sobre o Ensino Bilingue...*, Cit., 1997, p. 38.

⁸⁴ C. Benson, *The Primary Bilingual Education Experiment in Mozambique...*, Cit., 2000, p. 159.

⁸⁵ Cfr. C. Benson, “*Relatório Final Sobre o Ensino Bilingue...*”, Cit., 1997, p. 4.

⁸⁶ C. Manuel, F. Chimbutane, et al., *SHARE LITES (Língua de Instrução e Transições em Sistemas Educacionais – Moçambique, Relatório Final)*, University of Notre Dame, 2025, p.119.

2003⁸⁷ e passaram a 370 em 2013 e mais de 550 em 2015⁸⁸.

A modalidade oferecida era parecida com o PEBIMO, prevendo uma transição marcada entre o terceiro e o quarto ano de escolaridade, como descrito pelo Gráfico 1, apresentado a seguir:

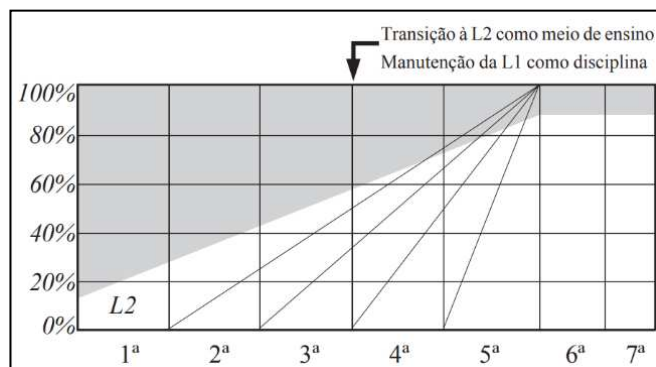


Gráfico 1. Modalidade de ensino bilingue adotada em 2003⁸⁹

A área destacada em cinzento refere-se ao ensino da e na L1, registrando-se que a ativação do português oral começa na primeira classe até à introdução do português escrito na terceira. A modalidade adotada, como se pode depreender, continuou a ser limitante para os alunos, pois eles não conseguiam alcançar um nível de literacia em L1 que pudesse ajudá-los a transitar entre a L1 e a L2; o intuito de chegar rapidamente ao ensino de português parece ter sido uma prioridade maior do que ajudar os alunos a desempenhar melhor as suas habilidades apoiando-se nas suas línguas maternas. A questão da modalidade, a preparação dos materiais e a capacitação dos professores permaneceram como desafios cruciais no período de atuação do segundo projeto bilingue, que aliás arrancou com um atraso de três meses, de modo que 2004 pode ser considerado o ano em que o projeto foi efetivamente implementado⁹⁰.

Quanto ao problema da produção de materiais, há que ter em conta que até 2005 não havia um plano do Governo bem esclarecido para a produção de livros escolares na modalidade bilingue, numa situação em que a produção de livros era tarefa quase exclusiva do Estado, pois só nos meados da década de noventa foi aberto um espaço para que as

⁸⁷ G. Chambo, Op. Cit., 2020, p. 30.

⁸⁸ UNICEF, *The impact of language policy and practice on children's learning in Mozambique*, 2017.

⁸⁹ INDE/MINED, *Plano Curricular do Ensino Primário – Objectivos, Política, Estrutura, Plano de Estudos e Estratégias de Implementação*, Maputo, 2003, p. 44.

⁹⁰ F. Chimbutane, C. Benson, "Expanded Spaces for Mozambican Languages in Primary Education: Where Bottom-Up Meets Top-Down", in *International Multilingual Research Journal*, v. 6, 2012, p. 11.

associações privadas e as ONGs pudessem participar na idealização de material escolar. Estas associações e organizações tiveram um papel importante na melhoria da qualidade dos materiais, como no caso, descrito por Magona, do desenvolvimento de um novo método de organização de livros por parte da ONG ADPP-Moçambique. Esta introduziu novas estratégias para um melhor emprego do material educacional seguindo a modalidade “scope and sequence”, que pretende desenvolver as habilidades de leitura das crianças através da introdução gradual de todos os grafemas das línguas utilizadas, neste caso o changana e o rhonga. O autor menciona duas razões que levaram à implementação das estratégias da ADPP: em primeiro lugar, poucos livros foram produzidos nessas línguas moçambicanas; além disso, houve desorganização na impressão dos livros, facto que contribuiu para a fraca realização das finalidades previstas pela modalidade bilingue, acabando por limitar também o trabalho dos professores.

Dois fatores negativos que se juntaram à desorganização foram a fraca participação da comunidade e a vontade patente de manter a mesma modalidade de Educação Bilingue. Quanto à participação da comunidade, ainda que seja um elemento fundamental para o sucesso de programas deste tipo, nem sempre esta é chamada a participar ativamente no processo de desenvolvimento da prática bilingue; Magona, no seu trabalho, por exemplo, realça as reclamações de alguns elementos da comunidade no que diz respeito à falta de integração nas decisões, pois os conhecimentos da comunidade podem garantir um nível maior de legitimidade de produção de materiais e maior localização dos temas presentes nos livros⁹¹.

A capacitação dos professores é também um ponto crucial que o segundo projeto de Educação Bilingue em Moçambique mal considerou, dado que a experiência e a competência dos educadores são fatores que influenciam profundamente o sucesso escolar. Pelo contrário, a capacitação dos professores do ensino bilingue não era considerada pelo Ministério da Educação, já que não era mencionada em nenhum documento oficial nem na Estratégia de Formação de Professores; a justificação desta escolha dada pelo Ministério de Educação é que a natureza experimental do projeto bilingue fazia com que não houvesse espaço para o investimento na prática de formação docente. A sua única implementação era ministrada pelo INDE, que não beneficiava das melhores condições organizativas para a

⁹¹ V. Magona, “Produção do livro escolar em línguas africanas: o caso da ADPP-Moçambique”, in *Multilingual Margins*, v. 7, 2020.

efetivar; os especialistas realizavam a capacitação com base em conhecimentos e modalidades bilíngues diferentes da experiência moçambicana, ou seja, a formação não envolveu estratégias de ensino que considerassem e refletissem a situação real do país. Além disso, existia outra motivação, limitante e de carácter sociocultural: alguns professores enfrentaram dificuldades a nível de variações linguísticas, porque a ortografia padronizada indicava um modo de dizer, enquanto a comunidade julgava mais correta outra forma.

De uma maneira geral, a duração das capacitações em exercício era limitada a uma ou duas semanas por seminário, evidentemente um período inadequado para formar professores bilíngues, obrigados a participar em encontros que não eram suficientes para absorver estratégias apropriadas para a Educação Bilingue. Por isso, a combinação de falta de participação comunitária e capacitação de professores com base nas práticas estrangeiras, juntamente com o limitado período de tal capacitação, facilmente resultou numa qualidade insuficiente dos programas de formação⁹².

Se, por um lado, as escolhas das autoridades da educação limitaram profundamente a figura do educador bilingue e a produção de materiais bilíngues, o carácter intrínseco desta modalidade trouxe alguns aspetos positivos que não podemos deixar de mencionar: em linha com o descrito pelo PEBIMO, houve uma importante ressonância a nível social e alguns dados estatísticos que mostram como a Educação Bilingue efetivamente conseguiu melhorar o contexto educacional e fazer mudar de ideias a membros da comunidade ou a gestores das escolas e professores. A nível social, a Educação Bilingue confirmou mais uma vez que o processo de ensino-aprendizagem na língua materna pode reforçar a identidade de um indivíduo, e talvez aumentar o estatuto desta língua, pelo menos a nível comunitário. A este respeito, alguns especialistas destacam nos seus trabalhos o valor cultural da prática e o impacto que esta pode ter no desenvolvimento de uma nova identidade; é o caso de Chimbutane, que defende que o Ensino Bilingue, nas regiões objeto de investigação, trouxe vantagens em três pontos: “o melhoramento e a legitimação de culturas/línguas marginalizadas e seus falantes, a manutenção e desenvolvimento de línguas locais, e a integração de conhecimento e comunidades locais nas escolas”⁹³.

⁹² Cfr. S. Patel, *Olhares sobre a Educação Bilingue e seus professores em uma região de Moçambique*, dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas, 2006.

⁹³ Tradução nossa. F. Chimbutane, *The purpose and value of bilingual education: A critical, linguistic ethnographic study of two rural primary schools in Mozambique*, tese de doutoramento, University of

Menezes relata ainda que os encarregados da educação que entrevistou na sua pesquisa sobre a questão da interferência entre o português e as línguas bantu, eram todos favoráveis à implementação da Educação Bilingue porque permitiria aos alunos apreciar a sua cultura, e sobretudo poder falar com toda a família, sobretudo com quem não fala português⁹⁴.

Também há autores que apresentaram dados quantitativos para defender as vantagens da Educação Bilingue, por exemplo o INDE coordenou um estudo em 2006 para testar em Português e Matemática os alunos da 3ª classe das modalidades bilingue e monolingue. O Gráfico 2 expõe os resultados obtidos:

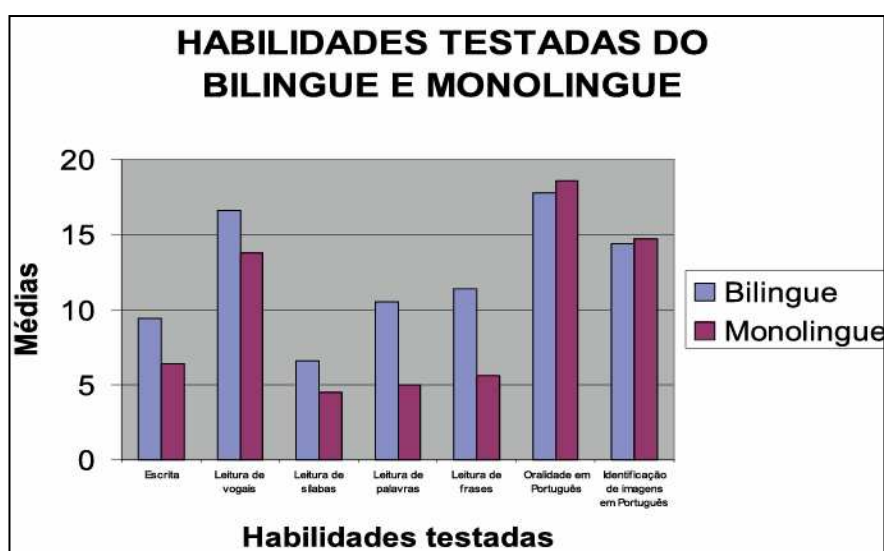


Gráfico 2. Resultados da avaliação do ensino bilingue (2006)⁹⁵

Apesar da fraqueza geral dos resultados, é notável que entre as sete habilidades de português avaliadas, só duas indicam os resultados da modalidade monolingue como melhores dos do Ensino Bilingue. Além disso, as habilidades a Matemática dos alunos do ensino bilingue também excederam as da modalidade monolingue.

Por sua vez, Ngunga também conduziu um estudo na província de Gaza sobre habilidades em Português e Matemática, com resultados parecidos com os do estudo do

Birmingham, 2009, p. 272. No original: “the upgrading and legitimization of marginalised languages/cultures and their speakers, the maintenance and development of local languages, and the integration of local knowledge and communities in schools.”

⁹⁴ L. J. Menezes, *O Ensino Bilingue em Moçambique: entre a casa e a escola – a questão da interferência das línguas Bantu no Português*, Saarbrücken, Novas Edições Académicas, 2016, p. 186.

⁹⁵ Estudo do INDE (2006) sobre a terceira classe do Ensino Bilingue e do Ensino Monolingue, *apud* A. Ngunga et al., *Estratégia de Expansão do Ensino Bilingue, 2020-2029*, Maputo, 2020, p. 5.

INDE no que diz respeito às provas de língua, sobretudo na oralidade. Com efeito, os alunos das duas modalidades só diferem em cerca de três pontos percentuais nos testes de oralidade, tendo em conta que é a única disciplina em português que os alunos do ensino bilingue têm nessa altura⁹⁶. Este dado é importante porque, apesar de a modalidade monolingue abranger mais habilidades em português (ou seja, escrita e leitura), nas quais teoricamente os alunos deveriam ter competências muito melhores que os seus colegas do ensino bilingue, isso não acontece. Pode-se depreender, então, que existem criticidades ao nível do processo de aprendizagem relativamente às habilidades em Português por parte dos alunos da modalidade monolingue, muito provavelmente por esta não ser a língua materna de muitos, mas uma língua segunda.

Tal como aconteceu com o PEBIMO, o segundo projeto bilingue implementado em Moçambique em 2003 durante muito tempo não beneficiou de uma atualização no que diz respeito ao estatuto desta prática de ensino. O ensino bilingue em Moçambique continuou a ser considerado um projeto-piloto durante quinze anos e foi só graças ao Vice-Ministro da Educação Armindo Ngunga, que vinha do mundo académico, que este se tornou num método de ensino reconhecido a nível institucional. Com efeito, o Boletim da República de dezembro de 2018 garantiu a efetiva presença do ensino bilingue no Sistema Nacional de Educação, introduzindo duas modalidades agora oficiais: a monolingue e a bilingue.

A ressonância da lei de 2018 levou também a uma nova reforma do Plano Curricular do Ensino Primário de 2020, e da modalidade na qual o ensino bilingue é oferecido, devido aos resultados registados pelos especialistas nacionais e internacionais, e seguindo exemplos de outras experiências fora do país. O novo modelo pretende tornar a passagem das habilidades entre L1 e L2 mais gradual, de modo que a criança possa consolidar as habilidades na sua língua materna e consiga transferi-las melhor para o português. Este modelo permite uma transição mais progressiva para a L2, que começa a ser ensinada nas primeiras classes só de forma oral; a terceira classe marca a introdução do português escrito, que só passa a ser língua de instrução para todas as disciplinas na sexta classe, como ilustrado pela Tabela 5:

⁹⁶ A. Ngunga et al., “Educação Bilingue na Província de Gaza: Avaliação de um Modelo de Ensino”, 2010, *apud* ibidem, p. 6.

DISCIPLINA	CLASSE					
	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª
Língua Portuguesa	Oralidade	Oralidade	Oralidade, Leitura e Escrita	Leitura e Escrita	*Leitura e Escrita	*Leitura e Escrita
Língua Moçambicana	L. Moç.	L. Moç.	L. Moç.	L. Moç.	L. Moç.	L. Moç.
Matemática	L. Moç.	L. Moç.	L. Moç.	*L.Port.	*L.Port.	*L.Port.
Ciências Naturais				L. Moç.	*L.Port.	*L.Port.
Ciências Sociais				L. Moç.	*L.Port.	*L.Port.
Educação Visual e Ofícios					L.Moç.	*L.Port.
Educação Física	L. Moç.	L. Moç.	L.Port.	L.Port.	L.Port.	L.Port.
Língua Moçambicana	80%	80%	67,7%	43,3%	16,7%	6,7%
Língua Portuguesa	20%	20%	30,3%	56,7%	83,3%	93,3%

Tabela 5. Novo modelo de ensino bilingue apresentado no PCEB⁹⁷

Esta mudança visa aproximar o sistema moçambicano à literatura e resultados internacionais, nos quais se evidencia que aprender uma língua para que esta possa ser utilizada no ensino leva cerca de 6 a 8 anos e que na aprendizagem de uma L2 a maioria dos alunos beneficia consideravelmente de um fundamento robusto da L1⁹⁸. A literatura académica refere-se a esta modalidade como Educação Bilingue orientada à manutenção, com o objetivo de “promover uma língua não (ou ainda não) reconhecida por funções educativas públicas, bem como promovê-la para alunos que a falam como língua materna”⁹⁹.

Os asteriscos presentes na Tabela 5 indicam as disciplinas lecionadas em português na modalidade bilingue, que têm o mesmo programa e os mesmos materiais da modalidade monolingue. Provavelmente a escolha de utilizar os mesmos materiais da modalidade monolingue foi tomada por falta de organização e disponibilidade de material, contudo pode-se revelar problemática no processo de ensino-aprendizagem dos alunos do ensino bilingue, porque os materiais são concebidos na ótica do ensino do português como L1. Portanto os professores foram levados a utilizar metodologias de ensino de língua primeira para ensinar Português, ignorando as estratégias características do ensino de língua segunda, que propiciariam maior sucesso. A coincidência de materiais nas duas modalidades de ensino faz com que o educador continue a utilizar estratégias de ensino típicas da prática

⁹⁷ MINEDH, *Plano Curricular do Ensino Primário – Objectivos, Política, Estrutura, Plano de Estudos e Estratégias de Implementação*, Maputo, 2020, p. 23.

⁹⁸ Cfr. J. Cummins, “The Entry and Exit Fallacy in Bilingual Education”, 1980, *apud* C. Manuel, F. Chimbutane, et al., Op. Cit., p. 103.

⁹⁹ J. A. Fishman, “*Sociolinguistic Foundations of Bilingual Education*”, Cit., p. 24.

monolíngue, falhando em atualizar a sua bagagem pedagógica.

Outro elemento que prejudica muito o processo de ensino-aprendizagem dos alunos é a prática da tradução dos livros para o ensino bilingue, por falta de disponibilidade de livros produzidos especificamente para tal; mas “esses materiais reflectem as tradições culturais e linguísticas portuguesas, ignorando o conhecimento local e as estruturas linguísticas da L1”¹⁰⁰.

Apesar destas criticidades, deve ser reconhecido o empenho do então Vice-Ministro da Educação e Desenvolvimento Humano Armindo Ngunga, que investiu muito no progresso e na implementação do ensino bilingue. Graças ao esforço do Vice-Ministro, o MINEDH idealizou inclusive uma Estratégia de Expansão do Ensino Bilingue, baseada em previsões e objetivos escolares, publicada em 2020. Simultaneamente, foi publicado também o Plano Estratégico da Educação 2020-2029, que apresenta os objetivos e as implementações propostas no ensino primário em geral. Contudo, em alguns pontos do Plano Estratégico é notável o envolvimento ativo das políticas multilinguísticas de inclusão: são tratados temas como a valorização da cultura do país no seu todo e a integração das línguas moçambicanas no ensino através da modalidade bilingue, com a esperança de que as línguas bantu possam vir a tornar-se línguas de comunicação científica e técnica. O documento retoma ainda o desafio da falta de professores bilingues e aponta como prioritária a sua formação e o investimento na criação de ferramentas escolares bilingues ou instrumentos de suporte à leitura nas línguas maternas¹⁰¹.

As questões que tocam a Educação Bilingue, ocasionalmente mencionadas no Plano Estratégico, são abordadas de forma completa na Estratégia de Expansão do Ensino Bilingue, ou seja, um plano de ação para uma difusão adequada do ensino bilingue ao nível primário no eixo de nove anos. O programa segue três pontos principais para alcançar a expansão esperada, que deverá ser “criteriosa, gradual e sustentável”¹⁰². Respetivamente, a expansão criteriosa está diretamente ligada aos processos de decisão das autoridades educacionais, porquanto o aumento das escolas com modalidade bilingue deve encontrar a aprovação dos órgãos de ensino competentes, que têm de analisar uma série de requisitos fundamentais para a aceitação de cada escola, nomeadamente acesso aos recursos humanos e presença de equipamento escolar apropriado. Em segundo lugar, a ampliação deve ser

¹⁰⁰ C. Manuel, F. Chimbutane, et al., Op. Cit., p. 63.

¹⁰¹ MINEDH, *Plano Estratégico da Educação – 2020-2029*, Maputo, 2020, pp. 42-43.

¹⁰² A. Ngunga et al., “*Estratégia de Expansão do Ensino Bilingue...*”, Cit., p. 8.

progressiva, na medida em que esta deve ser acompanhada, ao longo dos anos, por contextos favoráveis no âmbito social, económico e material, de modo que possa haver um crescimento funcional. Por fim, a expansão deve ser sustentável, enquanto baseada na certeza de que os instrumentos teóricos e práticos utilizados podem enfrentar e suportar corretamente a modalidade bilingue por um período substancial.

As condições para que se realizem estes objetivos são claras, sendo que a prerrogativa inicial é a de monitorar ativamente as áreas linguísticas do país, através de um mapeamento linguístico que visa categorizar e listar as competências de cada zona, a fim de que as escolas possam ser integradas. Adicionalmente, como já referido, é necessário que a qualidade e a quantidade de ferramentas escolares sejam aptas ao desafio. Além dos materiais para os formadores e os alunos, é essencial criar manuais de literatura que integrem as línguas bantu, como também instrumentos próprios de qualquer escola, que podem variar dependendo da área visada: no plano são mencionados, por exemplo, “cartazes didáticos, quadros silábicos, escantilhões do alfabeto”¹⁰³.

Similarmente, outra condição para o sucesso do ensino bilingue é a presença de recursos humanos adequados. Para além da presença de professores formados, os elementos básicos incluem alunos que saibam falar as línguas autóctones, administradores de escolas ou de Zonas de Influência Pedagógica (ZIP) preparados nas metodologias do ensino bilingue e especialistas que possam garantir a supervisão destas práticas.

O último ponto, tão importante como os outros, é a participação pública: a estratégia pretende formar a comunidade sobre a filosofia do ensino bilingue, porque a Educação Bilingue se opõe à prática escolar monolingue, já normatizada. Por isso, a Educação Bilingue poderia ser recebida negativamente pela sociedade, que, por conseguinte, tem de ser educada nas bases do ensino bilingue, mostrando realmente a sua estrutura e os resultados. Por este motivo, no programa de cada escola que aspire a implementar a modalidade bilingue, devem ocorrer primeiramente reuniões com componentes da comunidade, de modo que possa haver uma sensibilização propiciatória para o sucesso da Educação Bilingue.

Os esforços dedicados a este processo levarão a vários resultados esperados, nomeadamente o incremento de escolas idóneas ao ensino bilingue em áreas estratégicas (as ZIPs) e o alargamento das competências dos atores do sistema escolar no contexto

¹⁰³ Ibidem, p. 9.

provincial. Para mais, em linha com a orientação multilingue adotada pelo governo de Moçambique, vai atuar-se uma política de estabilização das línguas bantu que atualmente são utilizadas só a nível experimental. Isso favorecerá a inclusão de outras línguas nacionais na escola, que, porém, terá de atender requisitos específicos, tais como uma gramática estabelecida para cada língua. Por conseguinte, mais alunos poderão participar na vida escolar e o sistema educacional, bem como a sociedade, serão beneficiados¹⁰⁴.

Embora ainda não existam avaliações completas desta nova modalidade em termos de sucesso escolar conduzidas por órgãos estatais como o MINEDH ou o INDE, alguns estudos de especialistas já se focalizaram em questões diretamente ligadas ao sucesso escolar e aos critérios apresentados pela Estratégia de Expansão do Ensino Bilingue com base nas perceções dos protagonistas do ensino bilingue em Moçambique, delineando um contexto parecido com o descrito pelos projetos bilingues realizados anteriormente e resultados que tendem a coincidir com as esperanças e os objetivos do documento que acabámos de analisar.

Quanto aos dados preliminares da eficácia das reformas do ensino bilingue, um estudo publicado em 2023, conduzido pela UNESCO em quatro distritos de três províncias diferentes, apresenta dados segundo os quais o nível de algumas habilidades dos alunos bilingues ultrapassava o dos seus colegas da modalidade monolingue, “com cerca de 15% de diferença na obtenção de competências básicas em leitura, escrita e matemática, de acordo com dados de desempenho mantidos pelos diretores das escolas”¹⁰⁵, mostrando progressos em relação às competências das crianças.

A nível de materiais e capacitação dos professores, um estudo de Chimbutane e Reinikka encontrou a mesma situação das pesquisas anteriores à reforma da educação, isto é, falta de organização, materiais mal produzidos e atrasados relativamente ao início do ano escolar. Isto pode dever-se, entre outros motivos, à rapidez com que as reformas foram aprovadas e atuadas nos últimos anos. De uma maneira geral, parece haver uma diferença entre a atenção dedicada à produção de livros na modalidade monolingue e à da modalidade bilingue, claro reflexo dos baixos níveis de atenção destinados à modalidade bilingue no geral. A nível de formação de educadores, os dois autores descrevem um contexto em que a capacitação foi esporádica e breve, e os níveis de especialização dos

¹⁰⁴ Ibidem, pp. 8-11.

¹⁰⁵ UNESCO, “*Relatório holofote sobre a conclusão do ensino básico...*”, Cit., p. 41.

professores não eram adequados relativamente ao que se esperava deles.

Com efeito, outros especialistas analisaram a mesma situação de inexperiência por parte dos educadores bilingues, provavelmente porque até 2025 não existiam programas de capacitação fornecidos pelo Governo dedicados exclusivamente à formação docente nessa modalidade, enquanto mais recentemente os Institutos de Formação de Professores começaram a facultar cursos iniciais focalizados no ensino bilingue¹⁰⁶; contudo, a maioria da capacitação nesta modalidade parece ser conduzida pelas ONGs. Antes só existia a Disciplina de Didáctica de Línguas Moçambicanas dentro do Plano Curricular da Formação de Professores, que desde 2022 segue a modalidade 12º+3 (podem participar os que acabaram o decimo-segundo ano de escolaridade, e a formação dura três anos), pretendendo melhorar a qualidade dos professores formados pelos sistemas antecedentes, 10º+1 e 10º+3, os quais foram considerados insuficientes para continuarem a funcionar¹⁰⁷.

A Disciplina de Didáctica de Línguas Moçambicanas apresentada no Plano Curricular de Formação de Professores conta com 54 horas de programa, nas quais o professor deve adquirir competências específicas no que concerne à Educação Bilingue. Entre outros resultados de aprendizagem que rodeiam a prática bilingue, destacam-se dois pontos interessantes:

- Aplica as estratégias de ensino adequadas ao contexto onde a L1 é meio de ensino nas disciplinas, antes da transição (Matemática, Ciências Naturais, Ciências Sociais, Educação Visual e Ofícios;
- Aplica os métodos de ensino em duas línguas, no contexto em que a L1 é recurso no ensino em L2 nas disciplinas de Matemática, Ciências Naturais, Ciências Sociais, Educação Visual e Ofícios depois da transição¹⁰⁸.

Estes são pontos interessantes tendo em conta que o educador bilingue no Ensino Primário leciona sozinho todas as disciplinas contidas no ciclo, até à sexta classe¹⁰⁹, o que significa que, além de padronizar os conhecimentos das diferentes disciplinas, deve também padronizar a L1 da escola, que nem sempre coincide com a língua materna do

¹⁰⁶ C. Manuel, F. Chimbutane, et al., Op. Cit., p. 102.

¹⁰⁷ UNESCO, “Relatório holofote sobre a conclusão do ensino básico...”, Cit., p. 30.

¹⁰⁸ INDE/MINEDH, *Plano Curricular do Curso de Formação de Professores do Ensino Primário e Educação de Adultos – 12ª classe + 3 anos*, Maputo, 2023, p. 248.

¹⁰⁹ UNESCO, “Relatório holofote sobre a conclusão do ensino básico”, Cit., p. 32.

professor¹¹⁰, e a L2. Tudo isso resulta numa carga enorme de trabalho que às vezes pode fazer diminuir a motivação dos professores da modalidade bilingue.

Além disso, o professor da modalidade bilingue carece ainda de uma preparação adequada. Um estudo de Tachiua et al., conduzido num Distrito da província da Zambézia, mostrou que a maioria dos professores daquela zona beneficiou de uma inédita formação de dois ou três anos em métodos bilingues, em vez da habitual capacitação breve e limitada; outros propuseram a inclusão de programas dedicados exclusivamente às línguas moçambicanas dentro dos IFPs. Estas razões juntam-se a outras mais gerais que concernem ao mundo educacional moçambicano, nomeadamente o rácio elevadíssimo de alunos/professores, as condições das turmas, e a falta de materiais didáticos entre outras.

Para resumir, os autores do estudo LITES fornecem uma tabela exaustiva no que diz respeito aos vários elementos que norteiam a implementação adequada do ensino bilingue, junto à avaliação pontual dos vários elementos na implementação atual:

Materiais de ensino e aprendizagem	- Lacunas na qualidade e no acesso aos MEA de EB (livros dos alunos, manuais para os professores, programas de disciplinas); - Mais crítico na transição e para as L1s.
Formação e apoio aos professores	- Apenas 1 ou 2 semanas de formação em exercício em EB; - Principalmente centrada na 1ª e 2ª classe; - Formação mínima em métodos de EB; - Implementação recente de L1s na formação inicial em alguns IFPs.
Correspondência linguística	- No geral, professores, alunos e comunidades falam a Língua de Ensino com altos níveis de correspondência (1º ciclo); - Alguma não correspondência linguística (alguns poucos professores não nativos).
Equilíbrio do ensino L1/L2	- Modelo de transição gradual com 50/50 L1/L2 da 1ª a 6ª classe; - Mais L1 por causa do recurso à L1 e falta de pedagogia adequada; - Ensino em L2 quando não há acesso a livros em L1.
Planificação linguística da educação	- Falta de planificação, monitoria e apoio claros; - Questões de coerência (o tipo de abordagem da literacia, a liderança do MINEDH;

¹¹⁰ Cfr. F. Chimbutane, R. Reinikka, Op. Cit.

	- Lacunas de comunicação e mobilização.
Entidades implementadoras	- O MINEDH é o principal implementador, mas tem lacunas a nível das capacidades técnicas; - ONGs com fortes capacidades, mas com lacunas de coordenação e financiamento, todas sujeitas a mudanças nas prioridades dos doadores

Tabela 6. Fatores de implementação da Educação Bilingue¹¹¹

Adicionalmente, considerando o papel do Governo, os autores do estudo LITES defendem que ao longo dos oito anos de implementação do ensino bilingue em Moçambique, a só entidade governamental que se preocupou com o seu desenvolvimento foi o INDE, resultando numa fraca organização estrutural e uma fraca implementação desta modalidade, que torna o Governo estreita e profundamente ligado ao trabalho de agências extragovernamentais¹¹². Portanto, não podemos deixar de descrever o impacto dessas agências no contexto da Educação Bilingue em Moçambique: em particular, é necessário mencionar os esforços do mundo académico do país no que concerne esta prática, através de pesquisas contínuas, seminários, encontros e propostas.

A entidade académica que mais contribuiu para o melhoramento da situação é sem dúvida a Universidade Eduardo Mondlane (UEM), já mencionada por ter começado a discussão sobre a importância das línguas moçambicanas na educação e na sociedade numa altura em que ninguém considerava o impacto destes assuntos. Ao longo dos anos, a Faculdade de Letras e Ciências Sociais da UEM sempre esteve alguns passos à frente de todos os outros atores nacionais em termos de pesquisa e de divulgação sobre os temas do ensino bilingue. Foi a UEM que instituiu os Seminários de Padronização da Ortografia das Línguas Bantu, que em 2018 teve a sua quarta edição¹¹³, ou ainda foi a UEM que em 2005 instituiu um curso de licenciatura para formar professores em línguas bantu¹¹⁴, o primeiro do país a nível universitário, e só um ano depois a UEM introduziu percursos de mestrado e doutoramento para capacitar novos pesquisadores e conduzir mais estudos e

¹¹¹ Tabela adaptada de C. Manuel, F. Chimbutane et al., Op. Cit., p. 62.

¹¹² Ibidem, p. 79.

¹¹³ A. Ngunga, “*Os desafios da investigação linguística em África...*”, Cit., p. 100. Os últimos dois seminários foram conduzidos sob a égide do Centro de Estudos Africanos da UEM, já que o NELIMO deixou de existir.

¹¹⁴ C. Manuel, F. Chimbutane et al., Op. Cit., p. 120.

investigação¹¹⁵. Esta última desempenhou um papel tão grande na pesquisa sobre o ensino bilingue que a maior parte dos documentos produzidos pelo governo é coordenada pelos seus membros académicos.

Conforme os estudiosos do LITES, a Universidade Eduardo Mondlane “tem sido uma importante defensora do programa de EB, gerando e traduzindo evidências que moldaram políticas, tomadas de decisão e implementação”¹¹⁶. A atividade da UEM beneficiou, ao longo dos anos, de parcerias cada vez mais fortes com organizações nacionais e internacionais, entre as quais a PROGRESSO, a UDEBA ou a USAID e a UNESCO. Infelizmente, nos últimos anos o nível de financiamentos destas organizações diminuiu drasticamente, limitando o alcance dos estudos científicos e obrigando alguns pesquisadores a autofinanciarem a realização e publicação dos seus trabalhos.

II.3. Perspetivas dos protagonistas da Educação Bilingue em Moçambique

Tendo apresentado o impacto da academia sobre o ensino bilingue em Moçambique, vale aqui a pena apresentar os pontos de vista de três protagonistas desta prática, cuja combinação pode beneficiar o seu desenvolvimento. Os professores e, em geral, as escolas enquanto órgãos de gestão e autoridade escolar desempenham um papel fundamental na tarefa de informar os pais e os encarregados da educação das crianças no que diz respeito às especificidades do ensino bilingue. Além disso, os pais também são e devem ser protagonistas, pois através das respetivas atitudes, podem fortalecer a legitimidade e o estatuto desta prática. Finalmente, o Governo também tem o papel fundamental de apoiar a prática bilingue através de medidas eficazes e financiamentos adequados.

A escola, em particular, deve atuar como um mediador especializado, através de informações e atualizações, considerando que existem alguns falsos mitos sobre bilinguismo e Educação Bilingue que poderiam prejudicar a sua implementação e efetividade. As objeções mais frequentes concernem às dificuldades que os indivíduos bilingues podem enfrentar diariamente pela coexistência de duas línguas, por exemplo a mistura das mesmas ou o atraso na sua aquisição. Contudo, os indivíduos bilingues conseguem adaptar-se ao contexto comunicativo em que se encontram seguindo estruturas

¹¹⁵ A. Ngunga, “*Os desafios da investigação linguística em África...*”, Cit., p. 101. Entre os autores que foram citados ao longo desta secção sobre o Ensino Bilingue em Moçambique, a maioria são licenciados da UEM.

¹¹⁶ C. Manuel, F. Chimbutane et al., Op. Cit., p. 51.

precisas¹¹⁷. Aliás, existem evidências das vantagens a curto e longo prazo do bilinguismo e da Educação Bilingue, como, por exemplo, o treino em larga escala dos centros cerebrais de atenção e inibição. Outras vantagens são o desenvolvimento de ideias engenhosas e uma mente adaptável¹¹⁸, ou a proteção contra o Alzheimer e, em geral, contra doenças neurodegenerativas:

os falantes bilíngues experimentam diferentes “adaptações bilíngues” ao longo das vidas deles, como por exemplo: os bebês que crescem em um ambiente bilíngue desenvolvem diferentes estratégias de atenção; [...] nos jovens adultos, há mudanças consistentes nas propriedades estruturais e funcionais do cérebro; nos idosos, entende-se que são mais resilientes ao declínio cognitivo e sintomas de demência.¹¹⁹

Para além das vantagens cognitivas mencionadas, a Educação Bilingue favorece também benefícios intangíveis, como a capacidade de comunicar com todos os membros da família¹²⁰, fator que em Moçambique constitui um dos maiores benefícios encontrados pelos pais das crianças empenhadas na prática bilingue.

A este respeito, Chimbutane e Reinikka apresentam alguns fatores que moldam as atitudes dos pais relativamente ao ensino bilingue: em primeiro lugar, falta uma boa implementação, seja ao nível da preparação dos professores, ao nível infraestrutural da condição das salas de aula (o que afeta também a modalidade monolíngue), ou ao nível de materiais, ainda que em algumas escolas os pais notaram que os materiais eram bastantes. Por isso, uma boa implementação é uma grande motivação para mudança de ideia.

Adicionalmente, conforme um outro estudo de Alhola, Chimbutane e Reinikka, as previsões de carreira dos filhos desempenham um papel muito importante na atitude dos pais, a maioria dos quais ainda acredita que o português é a única via para ter sucesso no mundo de trabalho. Esta convicção traduziu-se também em desconfiança em relação aos verdadeiros objetivos do *curriculum* bilingue: alguns pais chegaram a pensar que a pouca quantidade de informações dadas pelas escolas era voluntária e vinha da consciência de que

¹¹⁷ Cfr. F. Grosjean, *Myths about bilingualism*, 2011, disponível em: https://www.francoisgrosjean.ch/myths_en.html (último acesso em 22/10/2025).

¹¹⁸ E. Bialystok, “Consequences of Bilingualism for Cognitive Development”, in J. F. Kroll; A. M. B. Groot (eds.), *Handbook of bilingualism: Psycholinguistic approaches*, Oxford University Press, 2005, pp. 428-430.

¹¹⁹ M. Akioma; A. M. B. Nunes, Op. Cit., p.9.

¹²⁰ E. Bialystok, “Bilingual education for young children: review of the effects and consequences”, in *International Journal of Bilingual Education and Bilingualism*, v. 21, n. 6, 2018, p. 11.

os alunos do ensino bilingue, ao procurarem trabalho, seriam prejudicados por esta modalidade de ensino. Outros pais, provavelmente mais informados, defenderam que a aprendizagem de duas línguas poderia beneficiar a carreira dos seus filhos.

Os últimos dois pontos que o estudo tratou são os resultados de aprendizagem e as vantagens socioculturais; ambos conseguem mudar as visões e as crenças dos pais mais ou menos explicitamente. Quanto ao primeiro elemento, os pais ficaram satisfeitos com as habilidades de leitura na L1 dos seus filhos, tanto que ultrapassaram a desconfiança inicial; vale a pena realçar que muitos pais “destacaram que aprender na língua local conectou melhor a escola com o dia a dia e reduziu o risco de desistência antes de completar o ensino primário”¹²¹. Contudo, em alguns casos os pais lamentaram e preocuparam-se com a baixa proficiência em língua portuguesa por parte dos filhos.

O aspeto sociocultural, sem dúvida, é a vantagem mais relevante para os pais, uma vez que a maioria deles sublinhou a importância de valorizar as suas culturas e a satisfação em ver o seu reconhecimento por parte do Estado e a possibilidade de eles poderem comunicar com os membros da família que não falam português¹²².

Ainda que a educação bilingue seja indubitavelmente uma prática que traz melhorias e algumas soluções a um sistema educacional que enfrenta muitas criticidades, os pais e encarregados não podem ser deixados às escuras sobre as decisões que influenciam as carreiras dos seus filhos, já que o ensino bilingue sofre de uma desinformação geral no contexto escolar. Mesmo porque existe uma desinformação enorme, é preciso em primeiro lugar explicar claramente qual o objetivo e funcionamento desta modalidade, e depois comunicar e/ou recolher as participações voluntárias por parte dos pais.

O primeiro elemento que caracteriza a falta de informação é a decisão das escolas de inscrever as crianças na modalidade bilingue sem solicitar os pais ou encarregados da educação. Este não é um resultado isolado, pois temos evidências disso num trabalho de Chonane, o qual focalizou-se na Província de Maputo, e também no estudo LITES, que

¹²¹ S. Alhola, F. Chimbutane, R. Reinikka, “What shapes parents' attitudes towards bilingual education? Evidence from Mozambique”, in *WIDER Working Paper*, v. 40, 2025, p. 17 (tradução nossa). No original: “pointed out how learning in the local language connected the school better with everyday life, and reduced the risk of dropping out before finishing primary school”.

¹²² Ibidem, pp. 20-21.

trabalhou nas Províncias de Nampula e Maputo¹²³.

A falta de participação nas decisões relativas à carreira dos filhos é só um dos elementos que constituem a fraca informação sobre o ensino bilingue; segundo o estudo de Alhola, Chimbutane e Reinikka, é importante mencionar também a correlação, diretamente proporcional, entre a quantidade de informação que as famílias receberam e o suporte em favor desta modalidade. Informar, portanto, é um dos primeiros passos que se devem tomar ao implementar o ensino bilingue para reverter a ideia que os pais têm desta prática.

Chimbutane e Reinikka conduziram uma pesquisa exemplificadora em dois distritos da Província de Maputo para recolher os pontos de vista dos gestores e professores das escolas sobre obstáculos e pontos de força do EB. De uma maneira geral, o estudo apresenta um número consistente de participantes favoráveis ao ensino bilingue, mas há alguns elementos críticos no ponto de vista dos mesmos que vale a pena destacar. Em primeiro lugar, parece que tem havido um incumprimento a nível distrital, pois a decisão de instituir turmas bilingues é responsabilidade do oficial distrital de educação, enquanto em algumas escolas esta decisão foi tomada pelos diretores das escolas: pode ter havido pressão por parte de membros da comunidade para aumentar o número de turmas monolingues¹²⁴ para “garantir” à criança o acesso rápido à língua portuguesa, ou os diretores podem não ter querido gastar fundos para incluir a modalidade bilingue, dado que os recursos financeiros dedicados a esta são muito inferiores aos da modalidade monolingue.

As quatro escolas observadas mostraram perspectivas diferentes sobre a implementação do ensino bilingue: a primeira só contava com uma turma bilingue, que perdeu dez alunos ao longo do primeiro ano de ensino, principalmente pela falta de materiais e pela atitude negativa dos pais em relação à língua de ensino. Por sua vez, o diretor da escola destacou que sempre organizou encontros para esclarecer a modalidade e os objetivos aos pais, mas que há ainda muitos esforços a fazer para que eles aceitem. A segunda escola apresentou um corpo docente maior e o seu diretor julgou o ensino bilingue uma boa prática para ajudar as crianças através da sua língua materna; a escola pretendeu também mudar a modalidade de matrícula dos alunos, passando para uma escolha com

¹²³ Cfr. D. Z. Chonane, *Percepções e atitudes dos pais e encarregados de educação sobre a educação bilingue no distrito da Manhica*, tese de doutoramento, Universidade Eduardo Mondlane, 2024 e C. Manuel, F. Chimbutane, et al., Op. Cit.

¹²⁴ F. Chimbutane, R. Reinikka, “Language and student learning: Evidence from an ethnographic study in Mozambique”, in *WIDER Working Paper*, v. 62, 2023, p. 22.

base na língua de casa de cada criança. Quanto à terceira escola, a diretora queixou-se de as reformas educacionais terem ignorado as prioridades da escola e das crianças; por isso na sua opinião, juntamente com as atitudes negativas dos pais e a falta de professores, formaram-se só três turmas bilingues ao longo dos oito anos de implementação. De uma maneira geral, para ela, a prática bilingue foi perdendo a fama que a caracterizou nos primeiros anos de adoção. Similarmente, a diretora da quarta escola declarou ter registado uma boa aceitação do ensino bilingue por parte dos pais nos primeiros anos; infelizmente, o entusiasmo em seguida diminuiu e os pais voltaram a priorizar o ensino monolingue.

Contudo, os especialistas também destacaram uns pontos positivos da introdução da Educação Bilingue nessas escolas, que coincidem com outras vantagens já mencionadas anteriormente: por um lado, ensinar em turmas bilingues foi motivo de satisfação pessoal para os professores, que acabaram por entender a importância do contexto multilingue e multicultural da sala de aulas, o que torna as aulas mais participativas¹²⁵.

Como última instância, uma das perguntas de pesquisa do estudo LITES, publicado em 2025, inquiria o nível de engajamento político do ensino bilingue, ou seja, quanto espaço é dado a este dentro do programa do Estado. Os resultados mostram um envolvimento neutro por parte do Governo.

Se por um lado a idealização de políticas e a explicitação do seu apoio público ou privado a esta prática foram descritas como “moderadas” pelo LITES, por outro lado, os elementos ligados à política que mais limitam o desenvolvimento do ensino bilingue são o baixo apoio financeiro e a discordância entre decisores políticos sobre a utilidade do mesmo. O LITES descreve certa resistência por parte de alguns políticos quanto à implementação ou até valorização do ensino bilingue no país. Essa resistência explicitada pelos políticos reflete-se também na hierarquização dos contextos em que este é adotado. Com efeito, existe uma diferença na implementação do ensino bilingue com base nas zonas de atuação e zonas de influência, ou seja, a modalidade bilingue é mais implementada em zonas rurais, enquanto nas zonas urbanas não está muito presente. Por isso os pesquisadores já levantaram a hipótese de que alguns decisores políticos e funcionários da escola “podem não acreditar plenamente no potencial transformador do programa para

¹²⁵ Cfr. Tachiua et al., “Formação docente em ensino bilíngue e as implicações da utilização de metodologias monolíngues: estratégias de aprimoramento de práticas pedagógicas na escola primária de Cunheia, distrito de Mocuba, Zambézia”, in *Confluência*, v. 68, 2025, p. 339.

melhorar a qualidade de ensino em todo o sistema”¹²⁶.

¹²⁶ Ibidem, p. 57.

Capítulo III

O impacto da UEM na formação de especialistas da Educação Bilingue

III.1. O caso de estudo da UEM: observação e pesquisa

O presente capítulo apresenta as etapas e os resultados fundamentais de uma experiência de pesquisa de três meses conduzida na Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo. A realização desta pesquisa foi financiada pela Universidade Ca' Foscari de Veneza através do programa Erasmus+ ICM. A pesquisa no local começou em setembro de 2025 e acabou em dezembro do mesmo ano, concentrando-se no período do segundo semestre do primeiro ano de mestrado de dois cursos dentro da Faculdade de Letras e Ciências Sociais: Ensino de Português Língua Segunda e Bilinguismo e Educação Bilingue (doravante EB).

O propósito da pesquisa é o de apresentar as perspectivas de docentes universitários e alunos e alunas do primeiro e segundo ano no que diz respeito ao impacto e ao papel da FLCS na sua formação e, mais em geral, de futuros técnicos especializados da Educação Bilingue. Ainda que este estudo esteja focalizado principalmente na prática bilingue, considera-se essencial considerar também o ponto de vista de estudantes de Português Língua Segunda (doravante PLS) pela conexão evidente com o ensino bilingue, permitindo um diálogo que pode beneficiar ambos os lados. De maneira geral, dentro da Faculdade de Letras e Ciências Sociais, o mestrado em PLS é parte integrante de algumas dinâmicas indicadas no curso de EB; aliás, os dois de certa forma são complementares.

A diferença entre os dois cursos incluídos neste estudo é limitada, se, por exemplo, considerarmos que os alunos dos dois mestrados partilham três em cinco cadeiras do segundo semestre; por isso, também é possível considerar os alunos do primeiro ano no conjunto, sem fazer distinções de curso. À pergunta sobre as diferenças que notavam entre si, alguns alunos sublinharam que para eles não havia muita diferença; outros afirmaram que a diferença existia ao nível dos conhecimentos e no plano de estudos oferecido por cada curso, por exemplo a presença de Didática de Línguas no PLS, tida como fundamental por um estudante (C) para ter sucesso na carreira do ensino. Por seu lado, o aluno N respondeu ironicamente que a diferença se notava apenas nos dois dias da semana em que

as turmas tinham cadeiras diferentes, adicionando que “é uma sensação muito estranha quando a turma está dividida”. Esta afirmação é indicadora de uma grande cumplicidade e desenvolvimento da relação com os seus colegas ao longo do ano, pois muitos dos alunos entrevistados afirmaram considerar favorável e produtiva esta relação.

Durante as sessões de observação pôde-se notar que a separação das turmas leva a processos diferentes de ensino-aprendizagem, ou seja, por um lado as cadeiras compartilhadas propiciavam que os alunos autogerissem as suas apresentações e moderassem debates muito bem expostos, promovendo, portanto, um enriquecimento mútuo. Neste caso, a abordagem dos docentes era dupla: um preferia deixar espaço ao diálogo entre estudantes e finalmente resumir e orientar a correção de alguns passos, enquanto outra instaurava conversações com os alunos partindo de experiências concretas para explicar e aprofundar conceitos teóricos, através de perguntas direccionadas a estimular o seu pensamento. Por outro lado, durante a sessão de observação da cadeira nuclear de Tópicos de Bilinguismo, devido também ao baixo número de estudantes, o docente pôde orientar os estudantes a um enriquecimento pessoal, isto é, no fim de cada exposição, o professor forneceu *inputs* interessantes aos alunos partindo dos seus trabalhos, de modo que eles pudessem aprofundar aquelas questões ou até desenvolver outros trabalhos, apoiados pelas sugestões do docente. Os comentários personalizados e as perguntas do docente pretenderam avaliar a satisfação pessoal e a autoconsciência do estudante em relação à apresentação; aproveitando a presença de só três estudantes, o docente disponibilizou conselhos e materiais trabalhando na motivação intrínseca dos alunos.

A separação formal entre os dois cursos encontra-se ao nível burocrático de denominação e organização dos cursos, ainda que ambos, na sua instituição e organização tenham sido orientados pela importância do carácter multilingue de Moçambique, como destacam os professores envolvidos. De acordo com estes, o facto de o português ser uma língua segunda para a maioria da população faz com que haja a necessidade de ter um curso de PLS, de modo a formar quem queira escolher a carreira da didática de línguas. A Educação Bilingue, por seu lado, embora seja uma prática típica do ensino primário, deverá ser considerada como um curso essencial para os estudantes que escolhem uma carreira no âmbito das políticas educacionais, formação de formadores ou, mais em geral, investigação.

Contudo, os mesmos professores não deixaram de encontrar uma ligação forte entre

os dois cursos, pois no primeiro semestre todas as cadeiras são compartilhadas, sendo que a diferença só ocorre no segundo semestre. Os dois cursos estão tão ligados que os estudantes de PLS, por exemplo, poderiam eventualmente escolher as mesmas saídas profissionais que os colegas de EB; por outro lado, os que ensinam português em Moçambique devem ter necessariamente noções de bilinguismo e Educação Bilingue para cumprir da melhor forma o seu papel.

A relação entre os dois cursos não se limita ao nível organizativo, aliás se transforma numa relação de influência mútua, na qual o impacto do curso de EB é claramente visível: duas alunas do curso de PLS, falando da sua escolha de mestrado reconheceram lamentar a decisão de candidatar-se para esse curso, acreditando que deveriam ter escolhido o de EB.

Podemos notar aqui dois pontos fundamentais: em primeiro lugar, a influência positiva que o curso de EB é capaz de gerar, tanto que as duas alunas mencionadas chegaram a questionar a sua própria escolha; em segundo lugar, a imersão que os alunos têm nos assuntos dos dois cursos permite um esclarecimento progressivo sobre os seus objetivos de carreira, sobre as suas motivações e inspirações, confirmando o que foi dito pelos professores em relação à semelhança dos cursos.

Ainda que em princípio os alunos de PLS estejam enquadrados numa carreira na sala de aula e os de EB se focalizem mais em carreiras académicas, ocupações institucionais no ramo do bilinguismo, de desenho e tradução de materiais e de gestão de escolas bilingue, existem exceções para essa separação nítida de âmbitos ocupacionais.

Como já foi referido no capítulo anterior, a UEM tem desempenhado um papel crucial na ideação e no desenvolvimento do ensino bilingue em Moçambique, sendo a primeira instituição que se interessou por esta prática. Considerando o impacto que esses cursos podem ter no desenvolvimento da prática bilingue no país, pretendeu-se observar a atuação ao nível de mestrado e reunir as interpretações e perspetivas dos componentes académicos mais diretamente envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Além disso, entender a importância e as dinâmicas dos cursos é fundamental para podermos antecipar uma trajetória do futuro da pesquisa sobre os temas da Educação Bilingue em Moçambique, já que o Centro de Estudos Africanos e a UEM são o fulcro da investigação sobre este tema no país e deve-se preservar o impulso que a academia moçambicana teve nas questões da prática bilingue.

A metodologia escolhida para conduzir este estudo de caso foi a qualitativa. Conforme Martyn Hammersley, a pesquisa qualitativa é

uma forma de investigação social que tende a adotar um desenho de pesquisa flexível e orientado por dados, a utilizar dados relativamente não estruturados, a enfatizar o papel essencial da subjetividade no processo de pesquisa, a estudar em detalhe um pequeno número de casos em contextos naturais, e a utilizar medidas de análise verbais em vez de estatísticas [...].¹²⁷

Foram utilizados dois métodos de recolha de dados típicos da pesquisa qualitativa: observações e entrevistas. Para continuar com a investigação, foi necessário obter uma credencial emitida pela Faculdade de Letras e Ciências Sociais (Anexo A), e cumprindo com a ética da pesquisa, foi preparado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinado por cada participante e pelo pesquisador (Anexo B).

Em primeiro lugar, entre 7 de outubro até 19 de novembro de 2025, foram conduzidas nove observações de aulas, distribuídas entre seis aulas do curso de Português Língua Segunda e três aulas do curso de Bilinguismo e Educação Bilingue. Por outro lado, de 13 de novembro a 4 de dezembro de 2025, foram efetuadas dezassete entrevistas semiestruturadas nas quais foram delineados os principais tópicos, expandidos seguindo rumos diferentes ao longo de cada discussão.

As cadeiras observadas foram cinco: duas do *curriculum* de EB – Bilinguismo Teoria e Prática e Tópicos de Bilinguismo, e três do PLS – Formação de Professores (FP), Desenho de Materiais Instrucionais (DMI) e Tópicos de Ensino de Línguas. Os/as alunos/as do primeiro ano eram nove (seis de PLS e três de EB) e os professores responsáveis pelas disciplinas eram quatro (dois de PLS e dois de EB). Na verdade, três desses cinco cursos contam com a participação dos/as alunos/as de ambos os *curricula*, nomeadamente as aulas de FP, DMI e Bilinguismo Teoria e Prática, enquanto o curso de Tópicos de Ensino de Línguas só contava com os cinco estudantes de PLS, e Tópicos de Bilinguismo só contava com os três de EB. As aulas decorriam entre as 16h às 20h, uma

¹²⁷ Tradução nossa de M. Hammersley, “What is Qualitative Research?”, in G. Crow (ed.), *‘What is?’ Research Methods series*, London, Bloomsbury Academic, 2013, p. 12. No original, “[...] a form of social inquiry that tends to adopt a flexible and data-driven research design, to use relatively unstructured data, to emphasize the essential role of subjectivity in the research process, to study a small number of naturally occurring cases in detail, and to use verbal rather than statistical forms of analysis”.

por dia, de segunda a sexta-feira.

No total, os apontamentos das observações perfazem cerca de cinquenta páginas de caderno, enquanto as transcrições das entrevistas preenchem cento e vinte e seis páginas, com mais de novecentos e vinte minutos de gravação. Os/as entrevistados/as, como já foi mencionado, são dezassete (n=17; H=12, M=5): nove alunos do primeiro ano (H=5, M=4), quatro professores (H=3, M=1) e quatro estudantes do segundo ano (H=4, M=0), que já não tinham aulas a frequentar.

As entrevistas foram gravadas através de um telemóvel e a sua duração oscila entre os trinta e quatro minutos e os cento e cinco minutos de conversa; mediantemente, cada entrevista dura cerca de cinquenta e quatro minutos. Em seguida, as entrevistas foram transcritas utilizando em parte o sistema de transcrição oferecido por Microsoft Word e em parte pelo site Transkriptor. Para facilitar a consulta e a reprodução, as entrevistas foram compactadas num único documento, onde a cada entrevistado/a está associada uma letra do alfabeto, de modo a garantir o anonimato dos participantes.

As duas fases da pesquisa (observação e entrevistas) foram conduzidas em língua portuguesa, sem a ajuda de tradutor ou intérprete. O Anexo C apresenta as entrevistas integrais com a respetiva legenda. Todas as entrevistas foram realizadas de forma presencial, na sala de aula ou num lugar previamente escolhido pelos dois interlocutores, exceto uma (Q), que foi realizada através da plataforma GoogleMeet. Todos os apontamentos foram tirados de forma presencial e à mão.

Para analisar a vasta quantidade de material recolhido para este estudo de caso baseado numa abordagem qualitativa, procedeu-se, em primeiro lugar, a um processo de reconhecimento de padrões a partir de todas as observações e entrevistas realizadas, o que permitiu a categorização de alguns temas especialmente relevantes. Em segundo lugar, procedeu-se à análise do conteúdo, que Patton descreve como “qualquer redução de dados qualitativos, ou esforço de dar sentido, que apresenta um volume de material qualitativo e tenta identificar consistências e significados principais”¹²⁸. Esse processo ajudou a construir os sentidos e as ideias comuns a todos os participantes para orientar uma interpretação eficaz dos resultados.

Michael Patton descreve a reflexividade como “uma maneira de enfatizar a

¹²⁸ Tradução nossa de M. Patton, Op. Cit., p. 453. No original: “[...] any qualitative data reduction and sense-making effort that takes a volume of qualitative material and attempts to identify core consistencies and meanings.”

importância da autoconsciência, da consciência político-cultural e a apropriação da própria perspectiva”¹²⁹. Todos os conhecimentos que um pesquisador carrega consigo, portanto, influenciam cada passo da sua investigação. O mesmo acontece com os dados que são retirados de observações ou entrevistas: as perspectivas dos participantes podem complementar ou mudar o ponto de vista do pesquisador. Ter consciência desta troca é essencial.

O foco deste estudo, ao longo das observações e entrevistas, enfrentou algumas mudanças estruturais e de abordagem, tendo sido guiado pelas experiências dos participantes. Se, numa primeira fase, a observação não participativa das aulas gerou em algum momento dúvidas sobre a pertinência dos objetivos desta pesquisa, e, por outro lado, o questionamento sobre o lugar de um pesquisador europeu no contexto acadêmico moçambicano despertou dúvidas de legitimidade, ao mudar para uma observação semi-participativa das aulas e ao começar a realizar as entrevistas, ficou claro que o impacto de um pesquisador e da sua pesquisa pode ter o mesmo valor em diferentes contextos, desde que orientados pela consciência e autoconsciência.

A participação nas aulas nivelou as aparentes discrepâncias de papel entre pesquisador e informantes, tornando mais natural a absorção de informações e materiais úteis para a interpretação dos núcleos temáticos da investigação.

III.2. Macrotemas

Para poder analisar o material reunido e elaborar os resultados, a partir de todas as anotações e entrevistas foram identificados núcleos temáticos. Inicialmente, foram encontrados trinta e quatro temas; estes foram agrupados em três principais macrotemas, de modo a cobrir a elevada quantidade de elementos surgidos durante a pesquisa. Os três macrotemas são: impacto e criticidades dos cursos e respetivas propostas de desenvolvimento, tais como são figuradas pelos/as interessados/as; práticas que se concretizam na relação estudante-docente e questões aparentemente alheias ao domínio da UEM, que remetem para uma dimensão política mais ampla.

Para ter uma visão mais completa dos tópicos, o Anexo D inclui um código QR que

¹²⁹ M. Q. Patton, *Qualitative Research & Evaluation Methods*, 3ª ed., Thousand Oaks, Sage Publications, 2002, p. 64.

leva a uma tabela que, na horizontal apresenta todos os temas associados a uma de três cores, e na vertical inclui as indicações das citações de cada entrevista que remetem àquele assunto. A tabela que se segue apresenta uma versão reduzida da reproduzida no Anexo D e fornece uma sinopse dos macrotemas e dos assuntos nucleares que os compõem.

Macrotemas	Temas
Papel e impacto da UEM/FLCS, criticidades e propostas de desenvolvimento	• Relação entre EB e PLS • (Falta de) alcance das informações sobre o curso de EB • O papel da FLCS/ impacto da UEM no ensino bilingue • Atividades práticas • Propostas da e à FLCS/UEM; • Impacto da UEM no trabalho/ objetivos dos/das participantes • Empregabilidade, objetivos e criticidades; • Pouca fluência • Questão económica • Questão burocrática • Impacto do curso de EB • Organização dos cursos, pro e contra
Relação aluno/a-docente	• Esforços de estudantes e docentes • O papel do aluno/a ideal • Sensação do/a estudante e docente sobre si • O papel dos docentes • Ensino ativo e ensino expositivo • Nível dos/as estudantes • Relação com os colegas • Relação com os professores • Relação com os/as alunos/as • Diferença entre professores/as • Formalidade
Diálogo entre a UEM e contextos externos	• Falta de conhecimento/ informações/ interesse no ensino bilingue • Papel da comunidade • A verdadeira implementação do ensino bilingue no país • Inspirações dos participantes • Trajetórias/ experiências de carreira

	• Financiamentos • O papel dos políticos/ do Governo • Questão cultural • Impacto do colonialismo • Importância do ensino bilingue • Mudança de paradigma
--	--

Tabela 7. Temas e macrotemas.

Os temas e macrotemas são fundamentais para apresentar os resultados obtidos sob um ponto de vista comparativo e da análise do conteúdo. De forma geral, foram compartilhadas visões e percepções comuns à maioria dos entrevistados no que diz respeito ao impacto que os dois cursos têm tido sobre os estudantes: estes mostraram direta e indiretamente duas formas de influência, ou seja, a que afetou o seu ponto de vista em relação a esta prática e a que impactou a sua própria carreira, sendo que pelo menos dez em treze estudantes relataram uma experiência tão positiva com o curso de EB que decidiram continuar neste caminho, seja nas instituições, na academia ou sob a forma de ativismo. Vale a pena destacar que três desses dez estudantes pertencem ao curso de PLS, sendo que duas estudantes desse grupo de três lamentam ter escolhido PLS após terem conhecido melhor o curso de EB.

Outro resultado interessante é o emprego das técnicas e estratégias típicas da Educação Bilingue transmitidas pelos cursos dentro do trabalho de cada um dos estudantes entrevistados. Esta questão liga-se ao grande trabalho que os professores fazem dentro da sala de aula: ao longo das entrevistas é visível a marca deixada por alguns professores no que diz respeito a questões de multilinguismo, direitos linguísticos e combate aos preconceitos linguísticos. Embora cada professor empregue, evidentemente, o seu particular método de ensino, os conceitos transmitidos pelos professores e apontados durante as observações das aulas traduziram-se claramente nas palavras dos/das estudantes durante as entrevistas.

A questão do impacto dos cursos está diretamente ligada à questão das criticidades que estes cursos enfrentam, sobretudo em relação ao baixo número de candidatos, devido a questões diferentes como a componente burocrática, que complica e dificulta o percurso académico, ou a económica, uma vez que quase todos os estudantes referiram que as propinas elevadas dificultam o processo de candidatura. Alguns alunos referiram também uma mudança de prioridades nas novas gerações de estudantes, hipótese corroborada

também por alguns professores. Uma das causas pode ser a elevada especialização do setor académico, que resulta num ambiente aparentemente estéril em termos de oportunidades de desenvolvimento. Por isso, alguns jovens preferem optar por cursos mais profissionalizantes.

Outro fator que limita o número de candidatos é o da exigência académica. Esta dificuldade não foi mencionada por todos os/as entrevistados/as, mas em algumas ocasiões ficou claro o esforço que os/as estudantes fazem para organizar as suas vidas entre trabalho(s) e universidade. Contudo, na visão de alguns professores, os alunos deixaram de priorizar a universidade, prejudicando o futuro da pesquisa sobre o multilinguismo em Moçambique; entre as possíveis soluções que os docentes avançaram surge a ideia de mudar o regime de lecionação destes cursos de pós-laboral para laboral, para permitir a candidatura a jovens, potencialmente mais dedicados, que inclusivamente possam ajudar a UEM a alcançar o objetivo de tornar-se universidade de investigação.

Um elemento importante que complementa os dois pontos descritos acima é a relação entre docentes e estudantes, seja do primeiro ou do segundo ano, bem como a relação entre pares; além disso, é de ter em conta a consideração que cada um dos dois grupos têm sobre o papel do outro e sobre o seu. A maioria dos/as entrevistados/as declarou que o principal papel do estudante é o de ser formador do seu próprio conhecimento, de investigar as diferentes criticidades da sociolinguística a nível nacional e, em alguns casos, de devolver à comunidade aquele conhecimento absorvido na universidade.

Por outro lado, o docente universitário deveria orientar os estudantes, guiá-los para exprimir o seu potencial e o potencial da investigação académica, mantendo uma relação profissional que, ocasionalmente, não deixa de ser um pouco mais informal. Fazendo isso, por exemplo, os estudantes podem entender que a verdadeira qualidade de um trabalho não depende da carga de formalidade com a qual é exposto, mas sim é dada por uma capacidade de organização da conversa, aprofundamento dos conteúdos, sensibilidade mental e cultural e multidisciplinariedade. Durante a observação das aulas, registou-se que cada professor reservava parte das aulas para oferecer *inputs* ou fornecer aos alunos ferramentas para melhorar o seu trabalho e a sua exposição, além de criarem espaços seguros para apresentar as suas ideias. Contudo, alguns entrevistados criticaram a dureza de alguns professores, destacando a expectativa elevada que alguns deles têm em relação aos trabalhos que são feitos nas diferentes cadeiras, bem como a parte afetiva da relação aluno-

professor e a consideração que eles têm do esforço académico do aluno-trabalhador.

III.3. O impacto dos cursos do mestrado e o papel da FLCS

Um dos núcleos temáticos das entrevistas diz respeito à influência da FLCS sobre as pessoas entrevistadas, qual a sua realização concreta nas escolhas e motivações dos/das estudantes e como impactou as decisões e carreiras dos docentes. O impacto concreto da FLCS é múltiplo, pelo que se pode observar tanto o impacto que a Faculdade tem tido sobre as carreiras dos/das professores/as que agora lecionam nos cursos de mestrado, como o impacto que estes cursos e professores têm tido sobre os seus alunos e alunas.

Em primeiro lugar, constata-se que todos os professores entrevistados passaram pela UEM como alunos, alguns completando os primeiros dois ciclos de estudos, outros só a licenciatura, uma vez que na época em que estudaram não havia mestrados na UEM. Todos voltaram à UEM como professores e investigadores, formando aquela linha de grandes especialistas em multilinguismo da Universidade, capazes de oferecer o seu conhecimento e experiência no campo da Educação Bilingue em Moçambique.

Em dois casos específicos, mas por razões diferentes, a FLCS foi especialmente importante no percurso profissional dos professores. Os professores B e M responderam às perguntas sobre as suas trajetórias e o papel que a UEM teve nas suas escolhas. O primeiro recordou que há vinte anos assistira a um programa na televisão em que dois professores da UEM apresentavam um novo curso universitário, sobre línguas bantu. Aquela informação ajudou-o escolher o seu percurso académico e, na sua opinião, numa perspetiva *a posteriori*, a promoção desses cursos indicava uma tentativa de reverter a narração sobre o papel das línguas bantu, embora ainda sofressem grandes preconceitos. Acabada a licenciatura, ficou como assistente professor e conseguiu um doutoramento no exterior, recebendo ao mesmo tempo uma proposta de um professor para voltar à UEM para lecionar no mestrado.

Por seu lado, o professor M decidiu fazer mestrado e doutoramento no exterior, e sempre decidiu voltar para Moçambique e para a UEM, por duas razões: a primeira era social, ou seja, na altura em que ele estudou, os formados e especializados numa área tencionavam voltar para Moçambique para ajudar o país a desenvolver-se; a segunda, evidentemente secundária, ligava-se às oportunidades de trabalho, pois, como afirma o próprio, “eu tinha emprego, eu estava sempre ligado à UEM... então não voltei para

procurar trabalho, voltei e entrei no meu trabalho”.

As duas experiências carregam aspetos fundamentais. O primeiro é a carga de valores associados ao multilinguismo veiculados pela UEM. A visão daquele programa na TV há cerca de vinte anos, numa época na qual falar concretamente de propostas de Educação Bilingue era ainda malvisto, conseguiu despertar a vontade de melhorar a condição do próprio país do ponto de vista educacional. Fazê-lo na maior Universidade do país indicava não só uma grande responsabilidade, mas era também um sinal visível de que as coisas poderiam mudar. Os mesmos conceitos, juntamente com a abertura ao multilinguismo e o valor da educação como motor de uma sociedade, alicerçam as cadeiras dos quatro professores observados ao longo da pesquisa.

Por outro lado, o relato do professor M remete para outra grande questão desta geração de professores, ou seja, as garantias. Ainda que não fosse a única ou maior motivação, a garantia de ter um trabalho dentro da UEM foi importante para o professor continuar na sua carreira académica. Trata-se de um fator histórico; pelo contrário, atualmente as possibilidades de estudar no exterior diminuíram drasticamente para os estudantes da UEM. As oportunidades geradas graças ao nascimento e desenvolvimento de um novo ramo académico, tal como o do bilinguismo, são variáveis que justamente favoreceram três dos quatro professores entrevistados, os quais participaram em grupos de pesquisas que beneficiaram dos seus conhecimentos sobre a linguística e o multilinguismo para inaugurar as políticas linguísticas da prática bilingue.

O impacto dos cursos e dos professores sobre os estudantes tornou-se visível seja durante a fase de observação, seja a nível das entrevistas. Uma aluna de PLS (D), por exemplo, reconsiderou a sua escolha de mestrado, pois, nas suas palavras, “me encontrei nesta cadeira [de EB, NdE] [...], e por não ter estudado aqui, nunca ter ouvido de [...] bilinguismo, eu já teria ido mesmo para a Educação Bilingue só, não para Português como Segunda Língua”. Outro exemplo é o aluno N, que queria ocupar um lugar institucional no Ministério da Educação no âmbito da programação; ele justificou a sua declaração dizendo que queria fazer a diferença, e não se limitar a ficar dando aulas no ensino secundário depois de tantos esforços. É importante notar também que a dissertação final do aluno N, apesar de ele pertencer ao curso de PLS, está a ser orientada por um professor de EB. Uma vez mais notamos a influência deste curso e a ligação que alguns alunos e alunas de PLS têm com ele.

Como se pode ver dessas declarações, a influência do curso de Bilinguismo e Educação Bilingue, graças aos valores compartilhados na sala de aula, é concreta. A observação das aulas e dos métodos de ensino dos professores permitiu identificar uma transmissão positiva de conhecimento e de valores entre docentes e estudantes: muitos deles, especialmente durante as entrevistas, mostraram uma sensibilidade em falar sobre determinados assuntos típica de alguns professores, como clara consequência de processos de ensino bem-sucedidos. O facto de os estudantes autogerirem as aulas e confrontarem-se séria e livremente sobre assuntos delicados como religião, sexualidade ou política que em outros contextos poderiam ser considerados até tabu, denota a aquisição de uma capacidade de organização e de consciência do curso que só poderia ser alcançada através da orientação de professores preparados adequadamente. Por um lado, os estudantes tornam-se mediadores, gerem debates e trocam críticas construtivas sérias, sem atacar pessoalmente o/a colega, mas com o objetivo de melhorar mutuamente. É um mérito de quem leciona estas cadeiras o de promover espaços abertos ao confronto positivo, seguindo o mote “estamos a falar de práticas e processos, não de pessoas”.

A transmissão do sentido de engajamento é outro elemento evidente. Dois alunos do segundo ano de EB, por exemplo, ao falar dos instrumentos que as cadeiras de bilinguismo oferecem para combater melhor o preconceito linguístico que permeia a sociedade moçambicana, exprimiram-se com a vontade de reverter a ideia da sociedade em relação à EB. O aluno L mencionou o seu empenho para atuar uma “mudança ideológica”, para conferir a esta prática a relevância que merece. Por sua vez, o estudante K, falando dos temas tratados na sala de aula e da sua transmissão para fora da UEM, referiu-se aos estudantes como o “resultado” do esforço dos docentes. Ambos os pontos de vista são importantes para perceber o peso da experiência universitária na formação dos estudantes; intuímos que a UEM atua propiciando uma forte mudança na perspetiva que os estudantes têm sobre as questões ligadas aos direitos linguísticos, como resultado de um trabalho intenso e profundo que pretende mudar as convicções preconceituosas que a sociedade tem sobre as línguas bantu.

Outro aluno (O), do primeiro ano de EB, também comentou a importância deste curso de mestrado listando todos os elementos que o caracterizam positivamente e afirmando que é um percurso que promove também a autoconsciência, a importância de conhecer as suas próprias raízes, a sua cultura, e utilizar esses valores como elo entre a

academia e a comunidade, não só a circunvizinha, mas “para todo o continente”. A este respeito, destaca-se que numa das aulas observadas foram apresentados os exemplos de ensino bilingue adotados em outras partes do continente africano; mesmo que mencionar as experiências de ensino bilingue fora da África seja útil para compreender o lado teórico desta prática, aprofundar e trocar ideias sobre as escolhas e políticas linguísticas de outros países africanos, como aconteceu com o PEBIMO, pode ajudar a encarar de forma mais eficaz a situação da educação linguística em Moçambique, como os estudantes bem entenderam.

As palavras desse mesmo aluno adquirem um valor adicional se olharmos para as escolhas que o levaram à UEM. A sua primeira opção era ir para a Universidade de Manchester, pela qual sentia uma forte atração cultural, inclusive pela via do futebol. Embora o aluno tenha desistido por razões familiares, destaca-se a mudança de motivação e interesse no processo de ponderação sobre a sua trajetória.

A Faculdade de Letras e Ciências Sociais oferece um nível de formação e consciência crucial sobre o quadro completo da EB em Moçambique. De facto, poucos alunos entraram no mestrado sabendo o que é realmente a EB. As informações que alguns tinham, inclusivamente, eram incorretas ou incompletas, como relatado nas suas entrevistas por outros dois alunos do primeiro ano do EB. A primeira (F), dado que um dos requisitos do curso era saber inglês, achava que o curso envolveria português e inglês e que o nome “Educação Bilingue” refletisse essa dupla. Quanto ao segundo (P), ele sabia que existia um programa bilingue de transição em Moçambique, mas desconhecia o seu funcionamento e a presença de muitas outras realizações possíveis desta prática; contudo, ele ficou surpreso, no sentido positivo do termo, ao expandir o seu conhecimento sobre estas questões. A problematização da orientação e exaustividade das informações relativas aos cursos será retomada mais adiante, ao longo do parágrafo. A aluna F, embora não conhecesse a prática bilingue, está satisfeita com o nível de conhecimento e experiência alcançada durante o curso e diz-se pronta a transmitir o que aprendeu para o seu trabalho dos sonhos, ou seja, a gestão de uma escola bilingue português-inglês, pois nas suas palavras, “não estou a aprender para guardar, estou a aprender para usar”. A mesma argumenta a sua escolha alavancando todas as ferramentas que obteve durante as cadeiras de bilinguismo e Desenho de Materiais Instrucionais, como também confirmou numa mensagem enviada a uma professora posteriormente à entrevista, compartilhada com o pesquisador. Nesta mensagem

exprimiam-se sobre o seu trabalho de fim de curso, relatando que tinha mudado de ideias em relação ao mesmo e que queria apresentar um novo trabalho a partir do seu objetivo de abrir uma escola bilingue comunitária, passando pela teoria e prática do Desenho de Material Instrucional Bilingue.

O aluno P, por seu lado, esbarrou-se com uma situação de desistência escolar na sua comunidade e tentou encontrar soluções para limitá-la, por isso candidatou-se ao curso de EB para melhorar o seu conhecimento e compartilhá-lo com quem o necessitar. Em particular, o aluno resolveu encontrar uma via para solucionar um problema que afetava a sua comunidade, isto é, ele observou que familiares e vizinhos tinham deixado de frequentar a escola por causa da barreira do português, portanto concebeu o seu pré-projeto pensando nas vantagens que esta prática pode trazer, focalizando o seu trabalho na estratégia do *translanguaging* dentro da sala de aula. Observa-se, portanto, que a prática bilingue tende a permear e complementar as outras cadeiras, além de moldar as escolhas dos estudantes e ser um caminho de “devolução” à comunidade.

Por outro lado, é interessante destacar o realismo do aluno P ao falar do seu futuro, da situação que encontrará ao tirar o mestrado: ele disse que assim que ele tiver uma oportunidade, seja onde for, ele vai aproveitá-la. A propósito da decisão de voltar para Moçambique depois do doutoramento ou não, ele respondeu que

se tiver emprego lá, posso ficar, eu acho que não tem mal algum, nós estamos à procura de oportunidades, onde a oportunidade aparecer, nós... abraçamos já a oportunidade, [...] se eu vou estudar fora e tenho um emprego, hei de abraçar, porque cá não farei nada, posso [...] voltar para cá e não ter emprego, então, estarei a fazer nada a respeito.

As suas palavras tornam-se ainda mais interessantes se retomarmos o que foi dito pelo professor M no que diz respeito a ajudar o próprio país voltando atrás e compartilhando as experiências absorvidas no exterior. A questão não é ajudar Moçambique ou não, pois o aluno ao longo da entrevista expressou a sua vontade de melhorar de qualquer forma a sua comunidade; a questão reside nas oportunidades de trabalho, como no exemplo do próprio professor que voltou e logo teve emprego, no futuro, no investimento sobre os jovens, fatores fundantes para tentar limitar a saída de jovens formados.

Além disso, vale a pena comentar a capacidade de os alunos traduzirem o que

aprenderam na sala de aula para o seu trabalho. Como se viu, os mestrados em causa enquadram-se no regime pós-laboral, para permitir a participação de trabalhadores-estudantes, ainda que, na verdade, as altas propinas dificultem a vida dos mesmos. Neste panorama de trabalhadores-estudantes, nove em treze alunos, no momento da entrevista, trabalhavam ou tinham trabalhado precisamente na área do ensino de línguas, de produção/tradução de materiais bilingue ou ensino superior, ou seja, empregos diretamente ligados à matéria de estudo. O impacto da experiência universitária no trabalho destes estudantes é ainda mais eficaz e visível. Em especial, os alunos do primeiro ano de EB que trabalham na tradução e no desenho de materiais dizem-se satisfeitos porque conseguiram aplicar os conceitos aprendidos na criação de materiais mono- ou bilingues, já que as escolas onde trabalham não os disponibilizam.

Já no segundo ano, há exemplos claros de como a Faculdade influenciou o trabalho atual ou ideal dos quatro alunos entrevistados, nas práticas do dia a dia ou nos objetivos futuros, positiva ou negativamente. Com vista à possibilidade de um futuro doutoramento, estes alunos estão a trabalhar para conseguir o seu mestrado. Um estudante que é já professor da UEM (I), dentro do curso de Linguística na licenciatura, confirmou ter aplicado algumas práticas aprendidas ao longo do mestrado nas suas aulas, por exemplo na organização didática ou na gestão dos imprevistos. Outro estudante (K), que está perto da reforma, afirmou que, ao deixar de trabalhar, decerto vai continuar com o doutoramento na área do multilinguismo e tornar-se investigador, não para ganhar dinheiro, mas para ajudar a sociedade e para “satisfação pessoal”. Um terceiro aluno (L) afirmou que gostaria de gerir uma escola bilingue para poder ajudar todas as crianças que o necessitarem, não diretamente como professor, mas na direção, para poder aplicar mais extensivamente tudo o que aprendeu na FLCS¹³⁰.

Na sua grande maioria, os alunos entrevistados concordam sobre o papel importante que a universidade desempenha em termos de capacitação, confirmando que a UEM forma alunos capazes de refletir, analisar e utilizar com critério os conceitos e métodos aprendidos; outros concordaram sobre o elo que se deve formar entre a academia e a comunidade, sublinhando que a universidade consegue capacitar os alunos de tal forma que

¹³⁰ A este respeito, o aluno L relatou que na sua experiência de professor ele teve de resolver um episódio de *bullying* sofrido por um aluno de uma província do Norte, já que existe uma disputa bastante visível a nível histórico e linguístico-cultural entre o Centro-Norte e o Sul de Moçambique. Esta pode gerar desavenças e preconceitos por parte de uma das duas áreas em relação à outra e por isso ele recorreu às estratégias pedagógicas aprendidas no curso de EB para solucionar a situação.

eles possam ajudar teórica e praticamente as suas comunidades. Por exemplo, pelo menos três estudantes relataram que se empenharam em ilustrar os benefícios e funcionamentos do bilinguismo e da Educação Bilingue a membros da sua comunidade, principalmente para aumentar o conhecimento deles sobre a área.

Das entrevistas surgem, todavia, algumas criticidades apontadas seja pelos estudantes seja pelos professores, a partir do número reduzido de estudantes que se matriculam nos cursos de mestrado em causa, especialmente no de EB.

Indubitavelmente interligadas, as hipóteses em relação às razões da pouca presença de alunos variam dependendo do ponto de vista de cada estudante, embora se possam encontrar convergências, e nem sempre põem de acordo os docentes e os alunos, ou são debatidas entre os próprios alunos. Os elementos que, em alguns casos, geram visões diferentes são principalmente quatro: a burocracia, o fator económico, a empregabilidade e a exigência académica, como já se aludiu em III.2.

Quanto à primeira, ao menos cinco em treze estudantes mencionaram que a burocracia em algum momento pode tornar negativa a experiência académica; por exemplo, um aluno do segundo ano de EB (I) relatou que o processo de realização da dissertação é caracterizado por etapas burocráticas que eventualmente poderiam ser cortadas para facilitar o completamento do ciclo de estudos. A fase que ele destaca como um “processo que leva muito tempo” é principalmente o da defesa do projeto de pesquisa; com efeito, ele fez uma comparação com outras universidades que não apresentam essa fase, declarando que cortá-la poderia tornar um pouco mais fluido o processo de escrita da dissertação.

Além disso, é útil notar a questão do pagamento das propinas sob o ponto de vista burocrático, principalmente pelas declarações de dois estudantes (J e P) e da professora Q. Os primeiros relataram que, no caso de um estudante não pagar as propinas, a UEM pode não permitir o prosseguimento da carreira, ou nas palavras do estudante J, “[a Universidade, NdE] tranca, sim, a maior parte de nós que estamos a falar, [...] não tamos a defender, também tem a ver com as dívidas”. O aluno P, ligando-se à questão dos pagamentos atrasados, destaca que em alguns casos o aluno tem de enfrentar muitas despesas; por isso, a UEM não autoriza os estudantes a se inscreverem no semestre sucessivo e não lhes permite receber classificações e terminar o ano académico. A este respeito, a professora Q refere que só três em nove estudantes poderiam terminar o

primeiro ano, acrescentando que por um lado é complicado para alguns pagar as propinas no prazo, mas por outro lado a quantidade de dívidas geradas pelos estudantes é insustentável para a Secretaria da Pós-graduação. Quanto às notas, ela declara que para ajudar os estudantes vai “avaliar a todos, [...] congelar as notas daqueles que não tiverem, à medida que forem resolvendo os problemas, [...] abro as notas e entrego”, demonstrando a boa-vontade de pelo menos parte do pessoal docente.

Portanto, as possibilidades económicas dos estudantes constituem outro tema crítico nas suas experiências académicas. Como já se viu, os cursos de mestrado enquadram-se no regime de lecionação pós-laboral, permitindo o acesso a trabalhadores-estudantes, mas implicando o pagamento de propinas. Nove em treze alunos entrevistados exprimiram-se sobre a dificuldade gerada pelo esforço económico, e a dificuldade que um estudante pode encontrar sem uma bolsa de estudos que possa aliviar os custos.

A questão económica foi levantada também por três professores: o primeiro (M) limitou-se a confirmar que o problema das bolsas existe e que é muito difícil obtê-las, enquanto o segundo (E) complementou esta visão dizendo que a economia de Moçambique sofreu um decréscimo notável e que o ensino superior tem sido afetado por esta conjuntura. A professora Q, por seu lado, exprimiu-se sobre a escolha de ter os dois cursos de mestrado no regime pós-laboral atribuindo à direção da faculdade a intenção de gerar verbas, o que parece ter resultado no caso dos cursos pós-laborais mais concorridos. De resto, a situação financeira do país, tal como apresentada pelo professor E, a escassez de oportunidades de trabalho para os estudantes, o balanço financeiro que a UEM tem de manter, os cortes sofridos pela Faculdade na sua gestão e organização, são elementos que no seu conjunto fazem com que a experiência académica dos estudantes seja prejudicada, e, da mesma maneira, que o futuro da investigação seja dificultado e limitado.

Todos os estudantes entrevistados consideram as propinas onerosas e estas representam um dos elementos que mais influenciam a escolha de um estudante que quer continuar com um mestrado. A este respeito, vários alunos propuseram algumas ideias para tentar solucionar a questão económica, embora seja uma questão que pode ser pouco controlada pela Faculdade, devido à situação financeira geral do país, como se mencionou. Entre as sugestões dos alunos, destaca-se a disponibilização de bolsas de estudo ou um corte das propinas, como sugerido em particular pelos estudantes C e K.

O valor elevado das propinas produz uma mudança de expectativas também, como

referido explicitamente por três estudantes (I, L, N): um estudante que paga um valor considerável espera justamente ter um dado retorno em termos de oportunidades de trabalho ou doutoramento, por isso há estudantes que preferem olhar para cursos menos caros e um pouco mais favoráveis em termos de oportunidades de trabalho, em especial cursos profissionalizantes. Também há casos mais extremos em que os estudantes foram levados a mudar completamente de vida. Em particular, dois estudantes relataram duas histórias exemplificadoras do impacto que a questão económica pode ter sobre as escolhas dos alunos: um deles (L) contou que um amigo preferiu adiar a dissertação para ir trabalhar num banco; o outro (N) lembrou as palavras de um professor, que durante uma visita em outra província, encontrou alguns dos seus alunos a vender pescado ou crédito.

É natural que a empregabilidade seja um fator condicionador da vida académica, independentemente da forte motivação intrínseca demonstrada pelos entrevistados. Indubitavelmente uma das motivações pela qual os alunos querem completar o mestrado consiste na formação e qualificação obtidas, ou a possibilidade de se candidatarem a um doutoramento, mas das entrevistas emerge que são também a satisfação pessoal, demonstrar o próprio valor, a vontade de ajudar a comunidade ou a esperança de poder mudar certas condições do país, que impulsionam os estudantes a continuar. Para eles, porém, a falta de propostas de empregabilidade é um conceito que não os motiva a ter uma esperança muito forte para o seu futuro.

A professora Q, por exemplo, confirma que o interesse que um aluno pode ter ao considerar um curso como o de EB diminui ao olhar para as possíveis oportunidades, ou, pelas suas palavras, “eu faço este curso para fazer o quê? Para trabalhar onde? Não é muito claro [...], desse ponto de vista, não é um curso atrativo.” Embora se contextualize que este é um problema comum a quase todos os setores profissionais em Moçambique, a professora insiste com o exemplo concreto do mestrado em Bilinguismo e Educação Bilingue referindo-se à escassez de políticas linguísticas por parte do Governo, potencialmente capazes de aumentar o engajamento desta prática, e torná-la mais atrativas para os alunos.

De uma maneira geral, os alunos também expressaram as suas perplexidades sobre a empregabilidade das suas habilitações; por exemplo, o aluno K, do segundo ano de EB, levanta as mesmas perguntas colocadas pela professora, acrescentando que, para além de postos de trabalho, também faltam financiamentos para levar a cabo as pesquisas

necessárias num âmbito que ainda necessita ser explorado completamente.

Quanto à questão dos financiamentos, é importante destacar que, devido ao fraco apoio orçamental, muitos professores podem ser obrigados a autofinanciarem as suas pesquisas; contudo, como referido da professora Q, no caso de parceiros externos patrocinarem as investigações, pode acontecer que os docentes se encontrem a elaborar mais consultorias do que verdadeiras pesquisas.

Há, por fim, estudantes que se mostram críticos em relação a esta preocupação com a empregabilidade. Nesse sentido, são exemplificadoras as palavras do aluno L, que afirma que há quem queira tirar o mestrado apenas para conseguir o título de “mestre” e não para “refletir o mestrado, no sentido de... continuar a produzir, a mudar, mostrar a cientificidade, mostrar novas oportunidades, criar um mercado a partir daquele conhecimento adquirido”.

Um ponto relacionado com a transição para o mundo do trabalho e que foi apresentado como carente é a possibilidade de realizar estágios, que poderiam ser implementados mediante a construção de um sistema de cooperação entre a UEM e organizações externas, conduzindo posteriormente a novas propostas de trabalho. Nas entrevistas, nove alunos declararam que poder realizar um estágio influenciaria positivamente as suas experiências universitárias, lamentando não ter tido nenhum tipo de estágio ao longo do seu mestrado, ainda que seja uma componente do programa anunciada pela Faculdade e uma prática fundamental para cadeiras como a de Educação Bilingue. As causas da falta de estágios são várias; por exemplo, um dos professores (E) mencionou o complicado período de início do ano académico devido aos protestos na sequência das eleições, decorridos entre outubro de 2024 e janeiro de 2025¹³¹, enquanto alguns alunos atribuíram a um problema burocrático, uma questão de credenciais. Alguns entrevistados declararam considerar inaceitável a falta de estágios e atividades práticas, que deveriam ser organizadas e previstas de antemão pela UEM. Em todo o caso, todos os alunos acreditam que testemunhar e experienciar o que realmente acontece nas escolas bilingues moçambicanas seria um passo fundamental do seu percurso de formação universitária e que, portanto, deveriam ser atuadas medidas eficazes para o tornar possível.

¹³¹ Na sequência das sétimas eleições gerais em outubro de 2024, caracterizadas por uma campanha intensa do líder da oposição Venâncio Mondlane, que fomentou greves a nível nacional, e por uma manipulação dos votos por parte da FRELIMO, consumaram-se violentos protestos pelas ruas de Maputo e das maiores cidades do país até janeiro de 2025, nos quais foram mortas mais de 300 pessoas; Cfr. Amnesty International, “Protesto sob ataque – Violações de direitos humanos durante a repressão pós-eleitoral de 2024 em Moçambique”, online, 16/04/2025: <https://www.amnesty.org/es/documents/afr41/9225/2025/pt/> (último acesso: 18/06/2026).

Outro ponto em que se concentram as sugestões dos alunos entrevistados concerne à proposta de fortalecer colaborações extrauniversitárias, gerando mais intercâmbio e mais cooperação entre a FLCS e organizações externas, públicas ou privadas. A este respeito, é interessante o ponto de vista de três estudantes, cujas perspectivas apontam três vias que a Faculdade poderia percorrer, e que proporcionariam um enriquecimento ao nível do estudante, da universidade e da comunidade. De facto, o aluno N observa que a Universidade “não está apostando muito em networking para o [...] curso com escolas e instituições” e que o desenvolvimento de um bom intercâmbio “ia dar mais credibilidade até para o curso, para a Universidade”. Portanto, a rede de colaborações entre entidades escolares e governamentais como o Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano ou o INDE poderia fortalecer o papel da Universidade e ajudar mais os estudantes que querem seguir com a sua carreira ideal. Para o aluno O, o enriquecimento individual do estudante é um dos benefícios que a Faculdade deveria ter em conta ao estabelecer ou reforçar intercâmbio; para ele seria ideal relacionar-se com outras universidades de países que pertencem aos PALOP, por exemplo Angola, ou no Brasil, mesmo de forma remota. Com efeito, ele afirma que a “troca de informações, um intercâmbio de informações, [...] ia nos enriquecer ainda mais no curso”. Finalmente, o aluno J a propósito da questão dos estágios e atividades práticas sublinha a necessidade de a FLCS fortalecer relações com instituições externas, para que os estudantes que participem em estágios, por exemplo, possam compartilhar a sua experiência e competências com as suas comunidades e melhorar a situação no que diz respeito à divulgação e conhecimento destas práticas por parte da sociedade moçambicana.

O último elemento que influencia direta ou indiretamente o número de alunos inscritos nos cursos de mestrado observados, como já se aludiu, é a exigência académica, uma questão muito debatida entre estudantes e professores. A UEM é considerada a melhor universidade do país pela maioria dos alunos; há até quem diga que a consideração das pessoas muda visivelmente se um aluno disser que frequenta a UEM. Estudantes e docentes mencionaram o confronto com outras universidades do país, declarando que há uma diferença visível em relação tanto à qualidade da formação oferecida como à exigência, principalmente no processo de escrita do trabalho final, ou mais em geral nas expectativas dos professores.

Oito em treze estudantes mencionaram a exigência e pressão académica como uma

das causas do número reduzido de estudantes matriculados nos mestrados em causa; alguns disseram que a pressão existe, mas que é normal e até abraçada por eles. Aliás, entre os entrevistados há quem declara ter pedido de forma explícita aos professores para desafiá-los adequadamente, como o aluno N; além disso, há quem se diga avantajado por esta pressão, como os alunos D e H. A aluna D, em especial, afirma que

a Universidade Eduardo Mondlane, pela sua exigência, zelo, pelo ensino, por aperfeiçoar, por capacitar cientificamente os seus estudantes, eu penso que há esta contribuição no que concerne a minha vida estudantil, porque me sinto desafiada a dizer, “eu preciso alcançar aquilo que os professores esperam, mesmo com dificuldade”.

De facto, alguns estudantes reconhecem que estudar sob pressão é normal, que faz parte das suas carreiras académicas. Por outro lado, há quem reclame que alguns aspetos rigorosos da vida universitária poderiam ser aliviados, principalmente porque, na sua opinião, os alunos têm de cuidar de outras coisas nas suas vidas fora da universidade. É o caso dos alunos J e P, que mencionam o rigor de alguns professores no que diz respeito aos prazos e aos critérios de avaliação, por um lado, e à quantidade de incumbências por outro, que poderiam vir a prejudicar a qualidade dos trabalhos. Isso não significa necessariamente que a exigência deva diminuir, mas que uma justa exigência não é representada só por grandes quantidades de trabalhos. Além disso, pode haver uma discrepância visível quanto aos comentários positivos que um professor pode fornecer sobre um trabalho e, num segundo lugar, à insatisfação do estudante ao receber a nota.

Quanto aos docentes, o professor B sugere que de facto a exigência seja uma causa da baixa de inscrições, pois ele acha que a diferença entre a escolha entre estudar na UEM e estudar em outras universidades é influenciada também pela presença de professores rígidos e sérios. Outros dois professores (M e Q) concordaram com esta visão, acrescentando que, na verdade, o nível de exigência académica foi diminuindo ao longo dos anos e foi ajustando-se. Este ajuste de dificuldade dos cursos protagonistas deste trabalho, para eles, é uma causa direta da qualidade e do perfil dos estudantes que se candidatam nestes cursos: na sua opinião, a qualidade de aluno que entra não é a mesma do aluno que entrava anos atrás. De acordo com a professora Q, outro fator determinante seriam as prioridades dos estudantes: para ela é “sobrevivência, luta pela sobrevivência, não vou dizer que é dinheiro, mas é luta pela sobrevivência, [...] há outras prioridades que

não sejam estudar”. Essa falta de condições para uma dedicação exclusiva ou, pelo menos, mais intensa ao estudo e à pesquisa representa um obstáculo adicional, se considerarmos que um dos objetivos da UEM é tornar-se uma universidade de investigação.

Resta trazer à tona outros dois fatores interligados que poderiam ajudar a aumentar o número de candidatos aos cursos de mestrado em análise, promovendo-se a implementação de orientação entre licenciatura e mestrado e a difusão e alcance das informações. Quanto à primeira, a UEM organiza todos os anos um “Dia Aberto” para que os estudantes da 12ª classe possam ter informações sobre os cursos de licenciatura, mas o mesmo não acontece na passagem entre licenciatura e mestrado. Nessa passagem, o único suporte à escolha dos estudantes é o edital publicado online e em cartazes, enquanto a página online dedicada aos cursos de EB e PLS não apresenta aprofundamentos, não há fichas dos cursos nem informações adicionais que possam facilitar a escolha dos estudantes. Como relatado pelos entrevistados, muitas vezes as informações sobre os cursos encontram-se nas redes sociais e nos próprios editais, que, contudo, nem sempre fornecem todas as informações úteis para a escolha dos estudantes, como relatado pela aluna F ao dizer que achava que o curso de bilinguismo fosse português-inglês. Outros exemplos análogos são os alunos A e D, de PLS, que se pudessem voltar atrás escolheriam o curso de EB, pois a sua escolha não foi baseada em informações suficientes. As palavras das alunas são parecidas e remetem para a falta de orientação académica e institucional, tanto que as suas escolhas foram determinadas pelo facto de conhecerem pessoas ligadas ao curso de PLS. Se a aluna A declara que só conhecia a “essência” do curso de EB, enquanto tinha mais informações sobre o outro curso, a aluna D, em situação semelhante, por seu lado acrescenta que afinal “se encontrou” no curso de EB. Há ainda o caso de um estudante (N) que pediu um conselho a uma das professoras do seu ensino secundário, que o aconselhou a candidatar-se a PLS porque achava “um desafio grande trabalhar com bilinguismo” e porque na altura em que ela estudou “não havia muitos recursos em termos de materiais” no âmbito do bilinguismo, sem poder ter em conta os progressos notáveis registados nesta área de estudo e de atuação e confirmando, por outro lado, o prejuízo produzido pela falta de informações claras e estruturadas e da orientação dos possíveis futuros alunos e alunas.

Ao longo do segundo capítulo mencionámos que as informações e o seu nível de clareza podem engajar melhor as comunidades e reverter o pensamento geral sobre o bilinguismo no país. A partir das pesquisas publicadas sobre estes assuntos, que fornecem

interpretações e propostas a especialistas e decisores políticos para sensibilizar melhor o ensino bilingue, podiam ser envolvidos outros meios de comunicação para a população poder conhecer melhor esta prática. A este respeito, as próprias informações relativas ao curso de mestrado em EB parecem refletir uma realidade parecida com o contexto extrauniversitário. Dado que a UEM tem sido uma das instituições que mais tem contribuído para o desenvolvimento da prática bilingue em Moçambique, é essencial analisar o nível de alcance das informações desse curso, como circulam as informações sobre o mestrado e o que é que falta melhorar na comunicação.

A questão do alcance das informações foi mencionada por dezasseis dos dezassete entrevistados, que na sua maioria tiraram a sua licenciatura na UEM; até por isso para eles a fonte de informação para a escolha de curso em geral foi a consultação do edital ou a proximidade de pessoas dentro da UEM que sabiam dos dois cursos. O aluno H observa a este respeito que “há coisas que [...] só chegamos a saber quando formos dentro da Universidade”. O estudante I do segundo ano de EB também lamenta a falta de informações dizendo que só quem é da área da linguística chega a saber da existência de um curso como o de EB.

Mas, apesar da relativa facilidade com a qual quem já está dentro da FLCS pode obter informações sobre os cursos, há também quem refira uma divulgação limitada das informações, que poderia e deveria melhorar.

Contrariamente à maioria dos entrevistados, três alunos (G, K, L) deixaram entender pelas suas palavras que o que falta a muitos estudantes atualmente é o interesse, pois um deles se disse “curioso” em descobrir e escolher o curso de EB, e os outros declararam mais ou menos abertamente que a escassez de divulgação nem sempre é uma falta da UEM, mas existe o interesse de um aluno e existe a vontade de saber mais sobre um determinado curso. Contudo, os três juntaram-se aos outros em dizer que há alguns pontos em que a UEM poderia atuar melhor. De maneira geral, os estudantes expressam preocupações ligadas à divulgação telemática e àqueles alunos que podem não ter acesso à internet, pelo que haveria a necessidade de divulgar as informações também por rádio, nos jornais ou na televisão. De facto, parece que a prática de divulgar informações sobre os cursos através de programas na televisão, que foi essencial no caso do professor B, foi descontinuada.

Duas questões interessantes colocadas por dois estudantes são o alcance da

informação e os objetivos da divulgação e orientação. Quanto à primeira questão, o aluno P observou que a informação para na capital do país, ou seja, o centro da divulgação de todos os níveis universitários é Maputo, enquanto a UEM é uma universidade nacional, portanto continua declarando que seria bom para a universidade tentar alavancar rádios ou jornais locais. Por outro lado, o aluno K faz uma observação que o propósito da UEM deveria ser o de se focalizar sobre a difusão do impacto que estes cursos podem ter nas vidas dos alunos e por isso defende a necessidade de uma melhor orientação, porque “nós até podemos saber que tem lá cursos, X X X, mas ok, qual é a importância daqueles cursos?”. Além disso, o entrevistado acrescenta a relevância de a universidade nortear um aluno para que descubra e cultive os seus interesses e reconheça os motivos das suas escolhas. A este respeito, o professor M, sentindo a necessidade de conscientizar os alunos acerca das motivações que os levam a escolher um curso em vez de outro, dirige-se a todos os que não justificam devidamente as suas escolhas: “você [...] está a fazer esse curso porque?” ‘gostei do nome’ não é porque sabe o que é que vai fazer mas gostou do nome”.

Em relação à difusão das informações e às oportunidades para que alunos de outras partes do país frequentem os mestrados da UEM, os estudantes e os docentes avançaram com várias propostas: para fortalecer a divulgação, como já mencionado, seria melhor utilizar todos os meios de comunicação possíveis, colar cartazes pelas cidades e expandir o “Dia Aberto” aos cursos de mestrado também. Sobre a questão da divulgação, dois professores entrevistados concordaram que carece difusão de informações sobre os cursos em geral: para o professor E a FLCS não está a fazer um “bom marketing”, como por exemplo aconteceu na altura em que foi instituída a Educação Bilingue. Esta mesma visão é exposta pela professora Q, de acordo com a qual um dos próximos passos a fazer seria de iniciar um processo burocrático através da Presidência da Faculdade que possa fortalecer a divulgação dos temas apresentados até agora para os que não os conhecem.

No que diz respeito à descentralização da UEM, é necessário fazer uma distinção entre quem exprimiu a ideia de levar delegações académicas para outras províncias e quem expôs a ideia de ter um ensino híbrido, ou a distância, sobretudo tendo em conta que muitos estudantes têm de viajar muito ou até mudar de cidade, o que implica um custo elevadíssimo, para alcançar a UEM; com efeito, alguns dos alunos entrevistados vêm de outras províncias porque nas suas não existem cursos como os ministrados pela Universidade da capital. A proposta das delegações, porém, é dificilmente atuável, como

explicado pelo professor M, que refere a falta de recursos e de financiamentos; de facto, se no passado havia delegações da UEM nas outras províncias, atualmente é muito complicado ter esta cobertura no país.

Quanto à proposta de instituir um ensino híbrido que possa incluir os que moram na capital e os que querem tirar cursos da UEM em outras partes de Moçambique, o aluno L previu que a introdução desta modalidade de ensino decerto seria obstaculizada por parte da Universidade. A professora Q, ao longo da sua entrevista, confirmou esta suposição, declarando que ela também considerava o ensino à distância uma boa ideia para ter uma educação mais inclusiva, de tal forma que inicialmente tinha proposto à FLCS a instituição de um curso de EB à distância. A Faculdade, nas palavras da professora, “não entendeu bem esta necessidade”, e logo foi aberto o curso de mestrado presencial. Embora aquele método de ensino exija o acesso à internet, que não é uma condição acessível a todos/as, entende-se que a disponibilização de um curso que pode ser seguido por pessoas de todo o país representaria a oportunidade de envolver eventualmente os melhores alunos de cada província, que não ficariam excluídos por falta de condições financeiras para se mudarem para a capital.

Entretanto, os docentes apresentaram uma única grande proposta, que para eles poderia aumentar o número de candidatos ao mestrado, ou seja, a mudança de regime de pós-laboral a laboral. Esta medida levaria a poder recrutar mais estudantes e permitiria um outro nível de estudantes, que o regime pós-laboral não implica por não ter um sistema de candidatura meritocrático, mas baseado nas possibilidades financeiras dos estudantes. Além disso, como destaca a professora Q, os atuais estudantes têm responsabilidades acrescidas devido ao regime pós-laboral e forçosamente pensam em outros assuntos de vida, não podendo investir na vida académica muito do seu tempo, que eles também têm de usar para trabalhar ou cuidar da família, por exemplo. A almejada subida de nível dos alunos liga-se aos objetivos da FLCS de tornar a UEM uma universidade de investigação. Para os docentes entrevistados, mudar de regime significaria permitir um processo de candidatura mais aberto, cortar as propinas para torná-las mais acessíveis aos estudantes e apostar em jovens que possam sustentar e contribuir completamente para as pesquisas.

Destaca-se que o aluno I do segundo ano de EB espontaneamente também mencionou esta questão na sua entrevista, afirmando que seria uma opção muito favorável tornar mestrados ou até doutoramentos mais acessíveis do ponto de vista financeiro do que

se dá com o regime pós-laboral. Três em quatro professores informaram, aliás, que o próximo passo para a realização desta proposta será o pedido formal à Direção da Faculdade, que decidirá sobre a questão.

III.4. Práticas nas relações aluno-docente e aluno-aluno

Serão aqui abordados três subtemas que se ligam à questão das práticas que existem entre docentes e alunos, nomeadamente o papel dos professores universitários tal como percebido pelos estudantes, a relação que estes têm com os próprios docentes e as diferenças de método e abordagem que há entre os professores.

Quanto ao primeiro ponto, ao menos oito estudantes exprimiram o seu ponto de vista sobre o papel que o professor universitário deveria cumprir; para a maioria deles, a função de um docente ideal coincide com a experienciada dentro da sala de aula. De facto, para eles o professor deveria ser uma pessoa capaz de orientar e guiar os alunos para alcançar um nível de competências tal que possam ser pesquisadores ou especialistas autónomos ao terminarem o mestrado. Alguns alunos sentiam-se gratos por ter estudado com professores que comunicam, que são disponíveis ao confronto e que, às vezes, são exigentes no sentido positivo. No parágrafo anterior apresentámos a perspetiva da aluna D em relação ao zelo que caracteriza a universidade e que é muito construtivo para ela. É a mesma perspetiva que o aluno C tem no que diz respeito aos professores quando diz que ser exigente faz parte da função do docente e que o seu trabalho vai além do mero ensino.

Outra característica fundamental que os estudantes notaram e estimaram foi a seriedade dos docentes. A seriedade e o profissionalismo são componentes que os alunos julgam positivamente, pois eles olham para a experiência universitária com o objetivo de progredir e melhorar a sua condição, e para tal é preciso ter orientadores preparados. A este propósito, podemos acrescentar o ponto de vista do aluno N, que elogia outro elemento importante que os professores trazem, ou seja, a disponibilização dos materiais didáticos. Para ele, os docentes deveriam facilitar o acesso ao conhecimento, aos ensaios, pesquisas e trabalhos de cada tema enfrentado.

Não faltam, porém, críticas dos estudantes sobre a elevada carga de exigência de alguns professores. Por exemplo, o aluno J explica que alguns professores podem criar “modelos” de alunos e basear a sua expectativa naquele modelo de estudante, mal

considerando o que os outros estudantes fazem ou como o fazem. A predileção por um dado tipo de estudante concretiza-se, nas palavras do aluno J, quando a única preocupação de um estudante é a de estudar. No caso de um estudante trabalhar também, as expectativas do professor entram em conflito com os esforços que o aluno tem de enfrentar e às vezes culminam numa discrepância – na sua percepção injustificada – no seu processo de avaliação.

Por fim, a propósito do papel do docente universitário, o aluno L sugere que cada ciclo de estudos deveria ter um tipo de docente, cujo nível deveria coincidir taxativamente com o grau de dificuldade e exigência do ciclo de estudos, havendo professores que lecionam em vários níveis e que ao mesmo tempo trabalham em pesquisas exigentes. Portanto, dever-se-ia categorizar os docentes; o aluno, a este respeito, refere situações em que

o professor acaba não tendo tempo para refletir sobre aquilo mesmo que está a lecionar e ir melhorando aquilo e fazendo mais pesquisas sobre a área em que está integrado, e isso também pode alavancar os estudantes que vai recebendo, [...] se há falta disto... o docente acaba só cumprindo uma questão administrativa.

Então, a condição do professor acaba interessando os alunos, evidentemente.

Quanto à relação que se instaura entre docentes e estudantes, salienta-se que praticamente todos os estudantes consideram positiva e construtiva a relação com os seus professores: alguns se referem à relação didática, sob o ponto de vista da abordagem prática e teórica utilizada na sala de aula; outros ao nível de confiança que se instaura. Esta confiança não limita a credibilidade do professor ou o esforço académico do aluno, mas, pelo contrário, facilita a transmissão de conhecimento e a comunicação aberta entre os dois lados. Com efeito, um dos elementos mais referidos pelos alunos foi a comunicação aberta com os professores e a disponibilidade destes em adiar prazos, se necessário, ou reorientar os trabalhos dos alunos. Durante as sessões de observação das aulas sempre se patenteou a vontade dos professores de ajudar os alunos, às vezes através de *inputs* que pudessem estimulá-los a desenvolver pesquisas individuais, outras vezes corrigindo a eventual superficialidade das apresentações, ou também disponibilizando materiais que facilitassem a realização dos trabalhos.

Vários estudantes mencionaram o lado humano dos professores dizendo que

facilitava muito a aprendizagem, enquanto outros solicitaram a presença de maior empatia, abertura afetiva, de modo a inspirar os alunos. De uma maneira geral, o ambiente convivial que se cria quando um professor permite esta abertura, leva também uma vantagem para os estudantes, que podem absorver estas práticas afetivas e traduzi-las nos seus trabalhos. Contudo, alguns alunos também consideram que a relação com os professores poderia ser melhorada; nomeadamente, alguns alunos têm a impressão de que há barreiras impostas pelos próprios estudantes, que não permitem uma relação de profundidade com os docentes, que por vezes, são tidos como inalcançáveis. Os mesmos alunos relataram que quebrar estas supostas barreiras beneficiaria o seu processo de ensino-aprendizagem.

Esta diferença nas perspetivas dos alunos sobre a relação com os docentes depende principalmente da inevitável diferença de método entre os próprios professores. Esta diferença depende por um lado das experiências de vida académica que cada professor teve, como explicitou o aluno J; por outro lado, depende também do tipo de cadeira que o professor leciona. A este propósito, vários alunos explicaram que a diferença substancial reside nos objetivos de cada cadeira e, com efeito, mesmo durante as sessões de observação das aulas notou-se uma abordagem diferente no que diz respeito aos temas tratados por parte dos quatro professores. De facto, alguns docentes podem tratar de assuntos delicados com muita naturalidade e sensibilidade, sobretudo porque consideram a função educacional dos debates que ocorrem durante as suas aulas, em relação à modalidade de cadeira que eles lecionam. Além disso, é fundamental ter em conta que alguns temas podem ser encarados diferentemente e refletidos em materiais instrucionais específicos dependendo da zona do país considerada. Por outras palavras, a diversidade cultural moçambicana faz com que haja perspetivas diferentes em relação aos temas delicados, e por isso é importante treinar a desconstrução de preconceitos e a sensibilização desses temas com vista à elaboração de material didático. Em outros casos, os docentes limitaram-se a lecionar os temas inerentes às suas próprias cadeiras sem enfrentarem discussões que poderiam eventualmente desviar a atenção dos alunos ou interferir com os propósitos da aula. Todos os alunos entrevistados reconheceram que aquelas aulas se prestavam à discussão daqueles temas, enquanto outras não permitiam um espaço de debate muito grande devido aos objetivos e ao próprio tipo de disciplina. Num caso específico, no entanto, durante uma aula de EB, surgiu um debate sobre a importância das infraestruturas no âmbito escolar: quando os estudantes questionaram o professor sobre o assunto, ele não quis tomar partido

e continuou com a aula. A este propósito, é necessário considerar que a escolha do docente pode ter sido guiada por uma conjuntura de fatores, por exemplo a organização e avaliação das finalidades da aula e talvez da presença de um pesquisador externo.

De qualquer forma, é evidente que o contexto da cadeira também influencia o método de ensino próprio de cada professor, que se coloca entre ensino ativo e expositivo. Durante as aulas observadas houve uma predominância de ensino ativo, pois a maioria das aulas consistiam em apresentações dos estudantes, moderadas por eles e encerradas pelos professores, que só resumiam e acrescentavam comentários úteis para a correção das intervenções. Além disso, forneciam orientação concreta aos estudantes, seja para os trabalhos de fim de curso, seja para pesquisas individuais.

De uma maneira geral, os estudantes preferem um ensino ativo, que motive o aluno a ter um debate, e não atuar como um mero recetor de conteúdo. Quanto aos professores, os quatro entrevistados concordam que é importante ter um ensino ativo porque ao nível de mestrado os protagonistas deveriam ser os estudantes, cujo engajamento em relação aos temas abordados, portanto, deveria ser estimulado através de aulas dinâmicas. Por outro lado, porém, alguns sublinham que a escolha de uma aula expositiva pode depender das necessidades ou pedidos dos alunos ou do tipo de cadeira lecionada: o professor B, por exemplo, explica que pode acontecer que os alunos peçam uma aula teórica complementar, ou que seja necessário um seminário de apoio ao estudo organizado pelos professores. Por sua vez, o professor E e a professora Q confirmaram que depende do contexto da disciplina, e que, por um lado, ao nível de mestrado se deve dedicar mais espaço aos alunos, mas, por outro, é sempre necessário garantir bases teóricas que possam sustentar a aprendizagem dos mesmos. Por fim, o professor M acrescenta a questão da organização do tempo, explicando que é muito difícil gerir a balança entre ensino ativo e expositivo porque a organização horária atual não o permite. Se precedentemente o horário estava organizado em blocos de duas horas em dois dias da semana por cada professor, agora cada professor tem quatro horas num único dia da semana. Portanto, se antes ele conseguia estruturar as aulas em duas horas de ensino teórico e duas horas de debate por semana, atualmente deve gerir diferentemente o tempo à disposição. Com efeito, quatro horas de debate, ou apresentações continuadas sem pausas, constam ser muito cansativas para estudantes e professores; a observação das aulas permitiu corroborar que, ao longo das quatro horas, a atenção e o engajamento dos alunos nem sempre permaneciam ao mesmo nível. As

palavras do aluno C referem-se precisamente ao efeito que as aulas expositivas têm sobre os alunos, dando o exemplo de aulas frequentadas durante o primeiro semestre, quando

alguns colegas mesmo descansavam, estavam a dormir por causa de ser aulas expositivas, então se essas são aulas [...] de diálogo, debate, conversa, [...] o tempo você não vê a passar, [...], é diferente de uma aula expositiva, de 16h às 20h é complicado, então é sempre bom alternar.

Já no que diz respeito à responsabilidade dos alunos, dez em treze estudantes pronunciaram-se sobre a questão, enquanto os professores focalizaram-se mais sobre o papel que o aluno ideal deveria ter nos dois cursos, sendo que, em alguns pontos, as duas visões coincidem.

Os estudantes, em particular, dividem-se em três grupos principais e complementares; primeiramente, os que consideram o aluno como um transmissor de conhecimentos úteis à comunidade, ou seja, um indivíduo que possa contribuir na sociedade com todos os conhecimentos práticos e teóricos que adquiriu durante os cursos, e que possa eventualmente traduzi-los no seu trabalho e na vida real. Em segundo lugar, há os que veem o aluno como promotor do seu próprio conhecimento, uma vez que o professor é um guia; nessa perspectiva, os estudantes devem produzir ideias e sobretudo criar espaços de interação, de debate, que possam enriquecer todos os participantes; portanto, para alguns é fundamental ter colegas sérios que criem este diálogo construtivo. Finalmente, há quem diga que o nível de mestrado é especificadamente pensado para a investigação, isto é, o aluno deve fazer pesquisas, deve investir nas informações que obtém e deve contribuir de qualquer maneira para o desenvolvimento académico da área interessada.

Através das entrevistas foi possível constatar que alguns alunos se propuseram a pesquisas de dissertação que poderão contribuir profundamente para o progresso científico da esfera da Educação Bilingue; a título de exemplo, há pesquisas sobre o papel das línguas bantu no Parlamento ou investigações sobre variantes de línguas bantu em relação às atitudes da comunidade sobre estas línguas.

Por outro lado, as sessões de observação permitiram focalizar-se na participação do aluno na aula e na importância do debate. Com efeito, principalmente nas aulas presenciadas por todos os estudantes, o envolvimento dos estudantes nos temas

apresentados foi sempre muito marcado, os debates contavam com o ponto de vista de todos e os estudantes sentiam-se livres de exprimir a sua visão sem receio de ofender o outro, pois todos tinham consciência de que a sua opinião estava estritamente ligada à questão debatida, e não ao interlocutor. Portanto, os debates eram sempre muito sérios e críticos e os estudantes sempre se confrontavam sobre questões teóricas, cujas interpretações, contudo, pareciam guiadas por perspectivas pessoais, permitindo o desenvolvimento de leituras e opiniões pessoais e facilitando a partilha. A presença do professor garantia carris dentro dos quais os estudantes podiam expor as suas ideias e gerir autonomamente as suas intervenções.

Quanto aos professores, eles concordam com os alunos relativamente à necessidade de o estudante investir em pesquisa, além de sublinhar a importância de o estudante transmitir e partilhar os conhecimentos com a comunidade; contudo, existe um fator que a professora Q menciona ao definir o protótipo de aluno ideal: a motivação. Motivação e prioridades são elementos fundamentais, na sua perspectiva, para que um estudante possa ter sucesso académico e profissional; a motivação a contribuir ativamente será um dos pontos de diferença fundamentais entre quem só quer uma habilitação académica para ter mais oportunidades de trabalho, sobretudo para aumentar a sua categoria salarial, e quem realmente quer melhorar a sua formação e capacitação.

Outro elemento interessante destacado pela professora Q é a fraca seriedade com a qual alguns estudantes levam a cabo os seus trabalhos; realmente, relata a docente, acontece que alunos contratem outras pessoas para escrever os seus trabalhos, ou ainda utilizam inteligência artificial sem consultar devidamente o resultado.

Para concluir, muito importante é a relação que se instaura entre os próprios alunos e a possibilidade de terem um bom convívio. De uma forma geral, os alunos entrevistados consideraram boa e profícua a relação entre eles, principalmente pela perceção da possibilidade de terem um enriquecimento mútuo; de facto, a presença de trabalhos em grupo, por exemplo, faz com que haja mais interação dentro e fora da sala de aula. Além disso, como relatou o aluno L, um saudável espírito de competitividade pode tornar tudo mais interessante. Outros apreciaram a seriedade e o contexto aberto da aula para exprimir opiniões críticas, às vezes destinadas aos próprios colegas, remetendo tudo a uma questão de vantagem do grupo, enquanto o aluno N mencionou também a boa relação que ia além da simples convivência na sala de aula, frisando a importância de conhecer o lado humano

dos colegas, o indivíduo fora do ambiente acadêmico.

Finalmente, outro fator muito importante para alguns alunos é o apoio recíproco; por isso, segundo os alunos F e K, a troca de informações e conselhos, ou um apoio por parte dos colegas na ideação de trabalhos constitui um benefício não indiferente para o desenvolvimento e fortalecimento de uma boa relação.

Em alguns casos, porém, a situação não era vista de maneira tão positiva. Por exemplo, o aluno H considera a relação entre colegas uma relação profissional séria, que se deveria limitar à necessidade de trabalharem juntos, sem ir além disso. Inclusive, dois alunos relataram que existem ocasionalmente episódios de egoísmo ou oportunismo dentro da sala de aula; num caso, o aluno J referiu que a relação com um par de colegas não foi muito produtiva por causa da atitude distante que estes tinham; na sua opinião, faltava um pouco de disponibilidade e de ajuda mútua entre o resto do grupo e eles. De qualquer modo, durante as sessões de observação os alunos do primeiro ano sempre mantiveram uma boa convivência entre eles, como indicado pelos debates construtivos e a franqueza que os caracterizava.

III.5. Diálogo entre a UEM e contextos externos

O último núcleo temático está aparentemente longe das dinâmicas académicas que se consumam dentro da FLCS. Contudo, através das entrevistas é possível notar duas questões que também podem influenciar o âmbito académico, sobretudo quando se fala de desenvolvimento da teoria e da prática bilingue em Moçambique: uma questão cultural e uma questão política.

Ao longo deste trabalho foi mencionado várias vezes o grande esforço que a UEM tem feito em relação ao avanço científico ligado ao bilinguismo e à Educação Bilingue. Apesar das melhorias visíveis, graças também à contribuição da Faculdade de Letras e Ciências Sociais, há ainda muito trabalho que se pode e deveria fazer a nível de sensibilização e de realização concreta; contudo, levar a cabo este trabalho sem a ajuda do Governo é complicado, se não impossível. São os políticos que deveriam guiar o desenvolvimento cultural para que o ensino bilingue fosse mais conhecido e aceite pela sociedade, e é por isso que alguns entrevistados se exprimiram sobre a questão política ligando-a à questão cultural.

Em primeiro lugar, ao menos nove em dezassete entrevistados indicaram o impacto do colonialismo como um dos possíveis fatores de limitação nas políticas linguísticas do país, com particular atenção para as consequências das políticas assimilacionistas que os moçambicanos sofreram durante o período colonial. Para estes entrevistados, essas limitações tiveram efeitos nocivos na consideração que as línguas africanas têm em várias camadas da sociedade, a partir das zonas urbanas, nas quais a língua portuguesa é considerada o meio principal para ter sucesso na vida, chegando aos espaços políticos, nos quais o uso das línguas bantu é malvisto e desencorajado pela responsabilidade de pagar do próprio bolso um intérprete, o que representa um custo que muitos não podem sustentar. Por isso, um ponto importante referido por alguns seria considerar o valor e sobretudo o poder que é atribuído a estas línguas, e como este poder permeia outros contextos da sociedade, como por exemplo a escola. Os estudantes A e J comentaram sobre esta questão dizendo, por exemplo, que os políticos moçambicanos não têm um grau de escolarização tão elevado que lhes permita gerir bem assuntos fundamentais como o ensino bilingue, principalmente por terem tido uma educação orientada a elevar a língua portuguesa em detrimento das línguas bantu.

Adicionalmente, o estudante L expõe outro problema que pode limitar o desenvolvimento da prática bilingue, ou seja, a falta de debate político e social sobre essas questões. A este respeito, o aluno entrevistado afirma que “o ensino bilingue deve ser falado para um contexto moçambicano, [...] deve ser falado, ser discutido, e não só terminar em livros”. O aluno, de facto, refere que por muito tempo ninguém se pronunciou sobre o assunto, com a exceção de Pio Matos, Governador da Zambézia, que comentou negativamente o ensino bilingue dizendo que afinal criava mais desigualdade do que inclusão¹³². Além do aluno L, dois professores também falaram da intervenção deste político; o professor M concordou com o aluno sublinhando a questão da atitude dos indivíduos em relação às línguas. Por seu lado, a professora Q confirmou que as palavras desse Governador são o fruto de uma falta de difusão das informações sobre o ensino bilingue, ligando-se depois ao esforço de conceber um plano de divulgação robusto que possa partir da UEM e atingir mais pessoas possíveis.

De uma maneira geral, todos os entrevistados que se pronunciaram sobre a ação e

¹³² Cfr. C. Lino, “Quando o discurso político contradiz a ciência: o caso do Ensino Bilingue na Zambézia”, 18/11/2025, online. Disponível em: <https://integritymagazine.co.mz/arquivos/52521> (último acesso em 18/06/2026).

atitude do Governo, afirmaram que este deveria desenvolver mais políticas para fortalecer o estatuto das línguas bantu e, por conseguinte, organizar melhor os planos de Educação Bilingue. Já o aluno O, falando do estatuto das línguas bantu, comentou a possibilidade de um dia estas línguas se tornarem línguas oficiais; para ele, esta perspectiva mudaria tudo na consideração que os moçambicanos têm destas línguas e no uso que fazem das mesmas, acrescentando que com certeza isso também influenciaria positivamente o âmbito educacional.

As consequências das limitadas políticas governamentais concretizam-se em dois pontos: a questão cultural e a falta de conhecimento ou até interesse no ensino bilingue. Se, por um lado, o professor E, falando dos parceiros privados, afirmou que a questão principal são os financiamentos e não o pouco interesse na questão, por outro lado é crucial olhar para a importância que os parceiros públicos, como o Ministério da Educação ou o INDE, têm no engajamento da população nos assuntos que envolvem o ensino bilingue. Basta pensar naqueles estudantes que, como se mencionou acima, não concorriam para o curso de mestrado em EB por escassez de informações, para perceber que um grau de divulgação mais elevado poderia gerar mais interesse na população e propiciar maior sucesso.

Contudo, como bem se vê, este é um desafio que a UEM não pode resolver sozinha; a este propósito o professor B mencionou o *Manual de Mobilização da Educação Bilingue* como material que poderia ajudar na difusão destas informações, acrescentando que, porém, não basta ter este tipo de recurso, se não for utilizado da melhor maneira; a televisão e as rádios locais e nacionais deveriam dedicar mais espaço à questão, como referido também pelo aluno K, mas provavelmente faltam financiamentos adequados para tal. Outros entrevistados mencionaram um fator que se liga à questão da falta de interesse, ou seja, o papel das línguas bantu na Constituição da República; de facto, o aluno J contrapõe o valor cultural e o valor institucional observando que as línguas moçambicanas na Constituição só beneficiam de um valor cultural, mas não há uma referência ao seu valor institucional. Portanto, de acordo com o aluno entrevistado, é essa desigualdade de valores que cria desinteresse na sociedade.

Outro aspeto cultural que deveria ser implementado, na opinião de quatro entrevistados, é a descolonização do pensamento. Cada um deles utilizou palavras diferentes para exprimir esta ideia, contribuindo com a sua visão: em primeiro lugar, a aluna A comentou a grande quantidade de produtos culturais que vêm do exterior,

acrescentando que a cultura nacional não está a ser aproveitada como deveria. Além disso, o aluno J mencionou o problema das traduções, salientando que tudo o que é produzido em línguas moçambicanas parece não ser natural, dado que é uma tradução feita do português. Contestando esta prática de influência externa que as línguas nacionais sofrem, refere que “falta naturalizar, apropriar-se daquele conhecimento”.

O estudante L e a professora Q falam explicitamente da necessidade de descolonizar o pensamento: o primeiro refere-se ao poder cultural das línguas em relação aos novos meios de comunicação, isto é, a sua proposta seria aproveitar no máximo o potencial tecnológico, principalmente para difundir informações úteis e corretas. Com efeito, uma vez que a tecnologia é tão espalhada, conviria alavancar esta possibilidade e tentar educar ou reeducar os indivíduos sobre os assuntos ligados às línguas moçambicanas e ao seu uso no contexto escolar. Finalmente, a professora Q menciona a necessidade de descolonizar as ideias comentando as falhas na implementação concreta do ensino bilingue no país. Embora alguns digam que o problema da implementação são os custos, para os especialistas como a professora Q, ou também o professor M, estes são pretextos para não encarar realmente a questão; a professora, na sua entrevista, defende que a desconstrução do pensamento é o verdadeiro desafio que se deveria enfrentar.

Tudo isso, desde a transmissão de informações através de jornais, telejornais, rádios ou redes sociais, até à descolonização do pensamento, são elementos que indubitavelmente ligam o contexto académico e o contexto político; com efeito, sem o apoio do Governo, seja através de financiamentos ou ajudando na sensibilização, dificilmente será possível reverter uma situação na qual os próprios moçambicanos têm uma visão limitada das potencialidades da prática bilingue.

Conclusões

Este trabalho surgiu do propósito de apresentar e descrever as práticas de ensino-aprendizagem que ocorrem no curso de mestrado em Bilinguismo e Educação Bilingue da Universidade Eduardo Mondlane e é o resultado de uma pesquisa conduzida no local durante três meses no segundo semestre do ano académico 2025, realizando um estudo de caso qualitativo. Durante a pesquisa, foram recolhidos materiais através de sessões de observação de aulas e entrevistas. No total, foram observadas nove aulas e conduzidas dezassete entrevistas com docentes e estudantes de ambos os anos de mestrado de Português Língua Segunda e Bilinguismo e Educação Bilingue, que no primeiro semestre partilhavam todas as cadeiras, enquanto no segundo semestre só duas cadeiras nucleares apresentavam uma separação de turmas.

A coincidência de cadeiras entre os cursos não limitou a investigação, aliás, enriqueceu o acervo e as possibilidades de interpretação do material recolhido, graças aos pontos de contacto e à complementação das perspetivas dos participantes. Além disso, os estudantes parecem não notar uma diferença substancial em termos de relação interpessoal e processos de aprendizagem dentro dos dois mestrados. De facto, para alguns, as únicas diferenças só se notavam nos dias da semana em que as duas turmas estavam separadas; para outros, a diferença jazia mais evidentemente nos objetivos de carreira, já que os de PLS são orientados mais para o ensino, enquanto a saída de trabalho mais comum para os estudantes de EB é a de especialista ou técnico do ensino bilingue.

A observação das aulas e as entrevistas realizadas permitiram destacar numerosos temas de interesse neste caso de estudo, podendo-se reconhecer três macrotemas. O primeiro macrotema apresenta o ponto de vista dos participantes em relação à influência que a Faculdade de Letras e Ciências Sociais teve nas suas escolhas, nos seus objetivos e motivações pessoais e de carreira, mas também criticidades e respetivas propostas avançadas por estudantes e professores para poder melhorar a situação. O dato mais interessante é representado pela conscientização de alguns estudantes de PLS sobre a sua escolha de curso, havendo quem declarasse que voltando atrás teria escolhido o curso de EB, pela marca que o contacto com este curso deixou na sua experiência. Uma das razões

salientadas para essa escolha “errada” tem a ver com uma das criticidades que este curso enfrenta: foi observado que um dos desafios maiores é a falta de circulação das informações sobre o curso de EB; com efeito, se antigamente a divulgação era maior, atualmente parece que as informações podem ser obtidas facilmente só por quem trabalha na área, tanto que um estudante pode mesmo desconhecer a existência de um curso de Educação Bilingue na UEM.

A consequência desta criticidade é visível e é demonstrada pela pouca afluência de alunos no curso de EB. Além da fraca difusão das informações, há outras causas possíveis pela pouca presença de estudantes; cada grupo de participantes apresentou as suas ideias sobre este tema. Para os alunos e alunas, a afluência depende de fatores sobretudo burocráticos, bem como de áreas opacas em relação à possibilidade de obter bolsas de estudo. Em segundo lugar, a questão económica influencia muito as escolhas dos/das estudantes, uma vez que, conforme declarações de alguns, hoje, se podem gerar prioridades que motivam, por exemplo, a escolha de cursos mais profissionalizantes. Finalmente, foram notadas dificuldades ligadas à exigência e pressão académica que algumas cadeiras comportam, e outras relativas à empregabilidade, ou seja, às possibilidades e aos retornos de carreira que os alunos esperam ao completarem este ciclo de estudos.

Na visão dos docentes, é possível que a exigência académica possa constituir uma causa da pouca afluência, juntamente com o assunto da empregabilidade. Contudo, alguns acrescentam a questão das prioridades e das verdadeiras motivações que levam um aluno a escolher um mestrado, defendendo que muitos estudantes só querem conseguir a habilitação de mestrado para aumentar o seu próprio estatuto, e não para contribuir ativamente ao futuro da pesquisa académica. O ponto de vista dos docentes relaciona-se estritamente com o objetivo que a UEM se propõe, isto é, tornar-se uma universidade de investigação. À luz deste facto, de acordo com os professores as prioridades dos estudantes deveriam ser guiadas pela pesquisa, por isso, a proposta generalizada dos docentes é a de mudar do regime pós-laboral para o regime laboral, baixando as propinas, de modo a facilitar a entrada de estudantes motivados e investir nos jovens que querem e podem contribuir para a investigação sobre temáticas tão importantes como o ensino bilingue.

Por sua vez, os estudantes acrescentaram propostas de menor envergadura, que consistem num fortalecimento da divulgação seja das informações do curso, seja das informações sobre a prática bilingue no geral. Adicionalmente, a sistematização e

organização das atividades práticas e estágios ao nível de mestrado, e a introdução de intercâmbios nacionais e internacionais que decerto poderia beneficiar os estudantes e a própria Universidade Eduardo Mondlane.

Quanto ao segundo macrotema, ou seja, a relação entre professores e alunos e entre alunos, os estudantes exprimiram-se primeiramente sobre o papel que os docentes deveriam ter, concordando quase unanimemente que o professor deveria ser um orientador e guia que facilita a experiência universitária do aluno, enquanto o estudante deveria ser o promotor do seu próprio conhecimento e destino académico. De uma maneira geral, os estudantes confirmaram que os professores do segundo semestre coincidiam com o papel ideal atribuído a eles; houve, porém, dois pontos pelos quais alguns estudantes expressaram opiniões discordantes: segundo alguns, o nível de rigidez talvez possa limitar a experiência académica dos alunos; em determinados casos os professores parecem ter como “modelo” a seguir um tipo de estudante que só se focaliza na universidade, por não ter nenhum empenho que vá além da academia. Essas perspectivas divergentes podem vir a criar desentendimentos com alunos que não conseguem cumprir com essas expectativas.

Em segundo lugar, ao longo das sessões de observação foi notada uma diferença no método de ensino por parte dos docentes, sobretudo na gestão de questões que podem ser consideradas delicadas; para estudantes e docentes, o motivo jaz no tipo de cadeira, nos temas e espaços que se criam durante as aulas. Por outro lado, questionados sobre a balança entre ensino ativo e expositivo, manifestaram-se pontos de vista diferentes: os estudantes defenderam que o ensino ativo motiva mais um bom desenvolvimento académico, relatando que os professores que só baseavam as aulas na exposição de conteúdo geravam desconforto. Para os docentes é necessário balançar os dois tipos de ensino, argumentando que é fundamental ter uma base teórica para poder trabalhar e formar uma ideia; destacaram, porém, que o estudante é sempre o protagonista e que o ensino deve ser constantemente melhorado e visar ao desenvolvimento de um olhar crítico. Para tal, é preciso ter um ensino ativo que impulse positivamente o pensamento dos estudantes.

O terceiro macrotema constitui uma ponte entre as questões analisadas dentro da Faculdade de Letras e Ciências Sociais e as criticidades que caracterizam o âmbito extrauniversitário do ensino bilingue em Moçambique, nomeadamente as questões governamental e cultural. Estas estão indubitavelmente ligadas à história do país, pois, como foi descrito no primeiro capítulo, o Governo da nova República independente de

Moçambique escolheu a língua colonial como língua oficial, gerando automaticamente uma hierarquia marcada entre o português e as línguas bantu. Com efeito, muitos dos participantes indicaram as políticas assimilacionistas, e, portanto, a linha conservadora seguida pelo Governo independente, como a causa da rejeição cultural da prática bilingue. Todos confirmaram que o papel dos políticos é fundamental para reverter essa narrativa e que, embora tenha havido progressos, dever-se-ia fazer mais para valorizar concretamente o potencial da Educação Bilingue, a partir da sensibilização e dos financiamentos dedicados a este âmbito.

Para concluir, este trabalho alcançou o seu objetivo de apresentação e descrição dos processos de ensino-aprendizagem dentro do curso de Bilinguismo e Educação Bilingue, na ótica de ligar o conhecimento que existe sobre a teoria e prática bilingue em Moçambique com as experiências académicas e de trabalho dos estudiosos e estudiosas que fundaram a literatura nacional e dos estudantes que constituem o futuro da investigação nesta área, para perceber quais são os obstáculos que esta pode enfrentar e como se podem ultrapassar. Adicionalmente, os resultados fornecidos poderão sustentar o desenvolvimento e melhoramento de boas práticas académicas em outros países lusófonos, que encaram desafios cada vez maiores em relação à posição do português na sua sociedade; é o caso dos PALOP, pelos quais Moçambique pode representar um modelo em questões ligadas ao ensino bilingue. Por isso, prevê-se que em pesquisas futuras será interessante analisar as consequências da mudança de regime de pós-laboral para laboral, avaliar se a transformação e os investimentos nos jovens que se candidatam a estes cursos podem ajudar a UEM a alcançar o seu objetivo de tornar-se uma universidade de investigação, e finalmente perceber se os estudantes que saem do curso de EB realmente impactam – e como – o mundo do bilinguismo e Educação Bilingue no país.

Por enquanto, é necessário termos em conta que o mundo académico carrega consigo a importante responsabilidade de transmitir conhecimentos e informações, veiculadas por indivíduos que com a sua experiência podem ajudar inteiras comunidades a conscientizar-se que o recurso bilingue pode produzir desenvolvimento; contudo, sem o apoio de instituições nacionais ou internacionais, sem o apoio do Governo, a ressonância é limitada e a via para o progresso continuará a ser complicada.

BIBLIOGRAFIA

AKIOMA, Miriam; NUNES, Ana Margarita Belém, “A criança bi e multilingue – Ultrapassando mitos e obstáculos: Uma breve síntese sobre o bilinguismo”, in *Revista EntreLínguas*, v. 8 n. 00, 2022, pp. 1-18. DOI: <https://www.doi.org/10.29051/el.v8i00.15250>.

ALHOLA Sara; CHIMBUTANE, Feliciano; REINIKKA, Ritva, “What shapes parents’ attitudes towards bilingual education? Evidence from Mozambique”, in *WIDER Working Paper*, n. 40, 2025. DOI: <https://doi.org/10.35188/UNU-WIDER/2025/599-8%0A>.

Anuário do Ensino, 1930, Lourenço Marques, 1931.

BAGNO, Marcos, *Preconceito linguístico*, 56ª ed. revista e ampliada, São Paulo, Parábola Editorial, 2015.

BARRIOS DIAZ, Jose Alejandro Sebastian, “Por intermédio da luta armada: Ocupação Colonial, Guerra de Libertação Nacional e Independência em Moçambique”, in *Revista Brasileira de Estudos Africanos*, v. 7 n. 14, 2022, pp. 33-52. DOI: <https://doi.org/10.22456/2448-3923.124572>.

BENSON, Carol, *Relatório Final Sobre o Ensino Bilingue: Resultados da Avaliação Externa da Experiência de Escolarização Bilingue em Moçambique (PEBIMO)*, Maputo, Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação (INDE), 1997.

BENSON, Carol, “The Primary Bilingual Education Experiment in Mozambique, 1993 to 1997”, in *International Journal of Bilingual Education and Bilingualism*, v. 3 n. 3, 2000, pp. 149-166. DOI: <https://doi.org/10.1080/13670050008667704>.

BENSON, Carol, “Real and Potential Benefits of Bilingual Programmes in Developing Countries”, in *International Journal of Bilingual Education and Bilingualism*, v. 5 n. 6, 2002, pp. 303-317. DOI: <https://doi.org/10.1080/13670050208667764>.

BENSON, Carol, “Do We Expect Too Much of Bilingual Teachers? Bilingual Teaching in Developing Countries”, in *International Journal of Bilingual Education and Bilingualism*, v. 7 n. 2, 2004, pp. 204-221. DOI: <https://doi.org/10.1080/13670050408667809>.

BERTELSEN, Bjørn Enge, “Civil war and the non-linearity of time: approaching a Mozambican politics of irreconciliation”, in *Journal of the Royal Anthropological Institute*, v. 28, pp. 50-64. DOI: <https://doi.org/10.1111/1467-9655.13753>.

BIALYSTOK, Ellen, “Consequences of Bilingualism for Cognitive Development”, in J. F. Kroll; A. M. B. Groot (eds.), *Handbook of bilingualism: Psycholinguistic approaches*, USA, Oxford University Press, 2005, pp. 417-432.

BIALYSTOK, Ellen, “Bilingual education for young children: review of the effects and consequences”, in *International Journal of Bilingual Education and Bilingualism*, v. 21 n. 6, 2018, pp. 666-679. DOI: <http://doi=10.1080/13670050.2016.1203859>.

BLOOMFIELD, Leonard, *Language*, New York, Holt, Rinehart & Winston, 1933.

CHAMBO, Gervásio Absolone et al., *Educação Bilingue em Moçambique. Guia Prática [sic...]*, Vigo, Universidade de Vigo, 2020.

CHILUNDO, Arlindo et al., in HEDGES, David (coord.), *História de Moçambique, volume 2: Moçambique no auge do colonialismo, 1930-1961*, Maputo, Livraria Universitária da Universidade Eduardo Mondlane, 1999.

CHIMBUTANE, Feliciano, *The purpose and value of bilingual education: A critical, linguistic ethnographic study of two rural primary schools in Mozambique*, tese de doutoramento, University of Birmingham, 2009.

CHIMBUTANE, Feliciano; BENSON, Carol, “Expanded Spaces for Mozambican Languages in Primary Education: Where Bottom-Up Meets Top-Down”, in *International Multilingual Research Journal*, v. 6 n. 1, 2012, pp. 8-21. DOI: <https://doi.org/10.1080/19313152.2012.639278>.

CHIMBUTANE, Feliciano, “Education and citizenship in Mozambique: Colonial and postcolonial perspectives”, in LIM, Lisa; STROUD, Christopher; WEE, Lionel (eds), *The Multilingual citizen: Towards a politics of language for agency and change*, Clevedon, Multilingual Matters, 2018, pp. 98–119.

CHIMBUTANE, Feliciano, “Políticas e práticas linguísticas e formação do Estado-nação em Moçambique: da unidade na uniformidade à unidade na diversidade”, in FEYTOR PINTO, Paulo e MELO-PFEIFER, Sílvia (org.), *Políticas Linguísticas em Português*, Lisboa, LIDEL, 2018, pp. 105-123.

CHIMBUTANE, Feliciano; GONÇALVES, Perpétua, “Family language policy and language shift in postcolonial Mozambique: a critical, multi-layered approach”, in *Language Policy*, v. 22, 2023, pp. 267-287. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10993-023-09658-3>.

CHIMBUTANE, Feliciano, REINIKKA, Ritva, “Language and student learning: Evidence from an ethnographic study in Mozambique”, in *WIDER Working Paper*, n. 62, 2023. DOI: <https://doi.org/10.35188/UNU-WIDER/2023/370-3>.

CHONANE, David Zefanias, *Percepções e atitudes dos pais e encarregados de educação sobre a educação bilingue no distrito da Manhica*, tese de doutoramento, Universidade Eduardo Mondlane, 2024.

CUMMINS, James, “The Entry and Exit Fallacy in Bilingual Education”, in *NABE Journal of Research and Practice*, v. 4 n. 3, 1980, pp. 25–59.

DAVIDSON, Basil, “Portuguese-speaking Africa”, in M. Crowder (org.), *The Cambridge History of Africa, Volume 8 from c. 1940 to c. 1975*, Cambridge, Cambridge University Press, 2008, pp. 755-810.

EDWARDS, John, *Multilingualism*, London, Routledge, 2005.

FERGUSON, Charles Albert, “Diglossia” in *WORD*, v. 15 n. 2, 1959, pp. 325-340. DOI: <https://doi.org/10.1080/00437956.1959.11659702>.

FIRMINO, Gregório, *A “questão linguística” na África pós-colonial: o caso do Português e das línguas autóctones em Moçambique*, Maputo, Promédia, 2002.

FISHMAN, Joshua Aaron, *The sociology of language, An Interdisciplinary Social Science Approach to Language in Society*, Rowley, MA, Newbury House, 1972.

FISHMAN, Joshua Aaron, “Sociolinguistic Foundations of Bilingual Education”, in *Bilingual Review / La Revista Bilingüe*, v. 9, n. 1, 1982, pp. 1-35.

FITTS, Shanan; WEISMAN, Evelyn, “Exploring Questions of Social Justice in Bilingual/Bicultural Teacher Education: Towards a Parity of Participation”, in *Urban Rev*, v. 42, 2010, pp. 373-393. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11256-009-0139-9>.

GROSJEAN, François, *Life as a Bilingual*, Cambridge, Cambridge University Press, 2021.

HAMMERSLEY, Martyn, “What is Qualitative Research?”, in G. Crow (ed.), *‘What is?’ Research Methods series*, London, Bloomsbury Academic, 2013.

LANGA, David, “Usos linguísticos da comunidade moçambicana bilingue”, in SIOPA, Conceição; MARQUES, José António; MONTEIRO, Ana Catarina; SERRA, Paulo (eds), *Língua e literacia(s) no século XXI: Textos selecionados das 9^{as} Jornadas da Língua Portuguesa*, Porto, Porto Editora, pp. 99-126.

LAPERUTA-MARTINS, Maridelma, “Preconceito Linguístico: Origem na Sociedade; Término na Escola”, in *Revista Observatório*, v. 3 n. 1, 2017, pp. 305-326. DOI: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n1p305>.

LUNA, David; RINGBERG, Torsten; PERACCHIO, Laura, “One individual, two identities: Frame switching among biculturals”, in *Journal of consumer research*, v. 35 n. 2, 2008, pp. 279-293.

MAGONA, Vasco, “Produção do livro escolar em línguas africanas: o caso da ADPP-Moçambique”, in *Multilingual Margins*, v. 7 n. 1, 2020, pp. 48-68. DOI: <https://dx.doi.org/10.14426/mm.v7i1.1383>.

MANUEL, Carlos; CHIMBUTANE, Feliciano et al., *SHARE LITES (Língua de Instrução e Transições em Sistemas Educacionais) – Moçambique, Relatório Final*, University of Notre Dame, 2025. DOI: <https://doi.org/10.7274/28078130>.

MÁRIO, Mouzinho, “A Experiência Moçambicana de Alfabetização e Educação de Adultos”, comunicação apresentada na Conferência Internacional *Adult Basic and Literacy Education in the SADC region*, 3-5th of December 2002, University of Natal, Pietermaritzburg, RSA, 2002.

MÁRIO, Mouzinho; NANDJA, Débora, “A alfabetização em Moçambique: desafios da educação para todos”, comissionado para o *Education for All Global Monitoring Report 2006: Literacy for Life*, UNESCO, 2005.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis, “Social status and linguistic prejudice in Brazil”, in SETTER, Jane; DOVCHIN, Sender; RAMJATTAN, Vijay (eds.), *The Oxford Handbook of Language and Prejudice*, Oxford, Oxford University Press, 2025, pp. 396-416.

MENEZES, Leonarda Jacinto, *O Ensino Bilingue em Moçambique: entre a casa e a escola – a questão da interferência das línguas Bantu no Português*, Saarbrücken, Novas Edições Académicas, 2016.

NGUNGA, Armindo, “Literacy campaigns in Mozambique: Why did they fail?”, in *Language Matters*, v. 30 n. 1, 1999, pp. 147-156. DOI: <https://doi=10.1080/10228199908566150>.

NGUNGA, Armindo et al., *Educação Bilingue na Província de Gaza: Avaliação de um Modelo de Ensino*, Maputo, Centro de Estudos Africanos, 2010.

NGUNGA, Armindo; BAVO, Názia Nhongo, “Práticas linguísticas em Moçambique: Avaliação da vitalidade linguística em seis distritos”, in *As Nossas Línguas*, v. 4, 2011, pp. 1-75.

NGUNGA, Armindo, “Monolingual education in a multilingual setting: The case of Mozambique”, in *Journal of Multicultural Discourses*, v. 6, n. 2, 2011, pp. 177-196. DOI: <https://doi=10.1080/17447143.2011.577537>.

NGUNGA, Armindo, “Os desafios da investigação linguística em África: o caso de Moçambique”, in *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*, v. 42, 2021, pp. 86-108. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2526-303X.i42p86-108>.

O’NEILL, Paul; MASSINI-CAGLIARI, Gladis, “Theorising Linguistic Prejudice in Brazil: Pierre Bourdieu – The Symbolic Power of Language and the Principle of Error Correction”, in MASSINI-CAGLIARI, Gladis; ANDRADE BERLINCK, Rosane; RODRIGUES, Angelica (eds.) *Understanding Linguistic Prejudice - Critical Approaches to Language Diversity in Brazil*, Cham, Springer International Publishing, 2023, pp. 11-27.

PATEL, Samima, *Olhares sobre a Educação Bilingue e seus professores em uma região de Moçambique*, dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas, 2006.

PATTON, Michael Quinn, *Qualitative Reasearch & Evaluation Methods*, 3ª ed., Thousand Oaks, Sage Publications, 2002.

SAGUATE, Artinésio Widnesse, “Heterogeneidade linguística na descrição e ensino de línguas em Moçambique”, in *Cadernos de Linguística*, v. 2 n. 1, 2021, pp. 1-20. DOI: <https://doi.org/10.25189/2675-4916.2021.v2.n1.id297>.

SIMPSON, Andrew, *Language and National Identity in Africa*, Oxford, Oxford University Press / ProQuest Ebook Central, 2008.

SITOE, Bento, “Padronização e harmonização da ortografia de línguas moçambicanas”, in *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*, v. 1 n. 1, 2021, pp. 9-24.

TACHIUA, Brain Daniel et al., “Formação docente em ensino bilíngue e as implicações da utilização de metodologias monolíngues: estratégias de aprimoramento de práticas pedagógicas na escola primária de Cunheia, distrito de Mocuba, Zambézia”, in *Confluência*, n. 68, 2025, pp. 325-346. DOI: <https://doi.org/10.18364/rc2025n68.1443>.

UNESCO, *Relatório holofote sobre a conclusão do ensino básico e aprendizagem fundamental – Moçambique*, Paris, 2023.

UNICEF, “*Drivers of Primary School Dropout in Mozambique Longitudinal Assessment of School Dropout 2019.*”, Maputo, 2022.

UNICEF, *The impact of language policy and practice on children’s learning in Mozambique*, 2017.

UNICEF, *Análise aprofundada dos factores da desistência escolar no ensino primário em Moçambique – Resultados da Avaliação de 2021*, Maputo, 2022.

USAID, *Vamos Ler! Language Mapping Study in Mozambique – Final Report*, 2017.

WIEGINK, Nikkie, “Former Military Networks a Threat to Peace? The Demobilisation and Remobilization of Renamo in Central Mozambique”, in *Stability: International Journal of Security & Development*, v. 4, 2015, pp. 1-16. DOI: <https://doi.org/10.5334/sta.gk>.

WIGGERS, Heiko, “Living with L: H-Speakers’ Perceptions of the L-Variety in Northern Germany”, in *Journal of Germanic Linguistics*, v. 24 n. 4, 2012, pp. 325-367. DOI: <https://doi.org/10.1017/S1470542712000128>.

DOCUMENTOS OFICIAIS

Constituição da República de Moçambique, Maputo, 1990. Disponível em: <https://cedis.novalaw.unl.pt/wp-content/uploads/2021/01/CONST-19901.pdf>.

INDE/MINED, *Plano Curricular do Ensino Primário – Objectivos, Política, Estrutura, Plano de Estudos e Estratégias de Implementação*, Maputo, 2003. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000230905>.

INDE/MINEDH, *Plano Curricular do Curso de Formação de Professores do Ensino Primário e Educação de Adultos – 12ª classe + 3 anos*, Maputo, 2023. Disponível em: https://www.academia.edu/124303701/Plano_curricular_do_curso_de_Forma%C3%A7%C3%A3o_de_Professores_do_Ensino_Primario_e_Educa%C3%A7%C3%A3o_de_Adultos_de_12a_Classe_3_anos?sm=b&rhid=40609465512.

INE, *IV Recenseamento Geral da População e Habitação 2017: Resultados definitivos*, Maputo, Instituto Nacional de Estatística, 2019. Disponível em: <https://ine.gov.mz/documents/20119/44367/Censo%202017%20Brochura%20dos%20Resultados%20Definitivos%20do%20IV%20RGPH%20-%20Nacional.pdf>.

INE, *Padrão Linguístico em Moçambique*, Maputo, Instituto Nacional de Estatística, 2023. Disponível em: https://www.mozcensus.com/theme_of_mozambique/facts-sheets/ThematicStudies-2017/Padrao_LinguisticoVFprint-02-02-24.pdf.

INE, *Anuário Estatístico 2024-Moçambique*, Maputo, Instituto Nacional de Estatística, 2025. Disponível em: https://www.ine.gov.mz/web/guest/d/anuario-estatistico_-2024.

MINED, *Plano Estratégico da Educação 1999-2003, “Combater a Exclusão, Renovar a Escola”*, Maputo, 1998. Disponível em: <https://www.scribd.com/document/713282414/TEXT0-2-MOCAMBIQUE-MEC-Plano-Estrategico-de-Educacao-e-Cultura-1999-2003-Maputo-1998>.

MINEDH, *Estratégia de Expansão do Ensino Bilingue, 2020-2029*, Maputo, 2020. Disponível em: <https://planipolis.iiep.unesco.org/en/2020/estrat%C3%A9gia-de-expans%C3%A3o-do-ensino-bilingue-2020-2029-7082>.

MINEDH, *Plano Curricular do Ensino Primário – Objectivos, Política, Estrutura, Plano de Estudos e Estratégias de Implementação*, Maputo, 2020. Disponível em: https://mept.org.mz/wp-content/uploads/2020/07/PCEP_Maio_2020_Final_1.pdf.

MINEDH, *Plano Estratégico da Educação – 2020-2029*, Maputo, 2020. Disponível em: <https://www.globalpartnership.org/node/document/download?file=document/file/2020-22-Mozambique-ESP.pdf>.

MINEDH/PROGRESSO, *Manual de Didáctica de Língua Primeira – Formação de Professores para o Ensino Primário e Educação de Adultos*, Maputo, 2018. Disponível em: <https://bidam.co.mz/wp-content/uploads/2023/10/didactica-lingua-primeira.pdf>.

MINEDH/PROGRESSO, *Manual de Línguas Moçambicanas – Formação de Professores do Ensino Primário Educação de Adultos*, Maputo, 2018. Disponível em: <https://bidam.co.mz/wp-content/uploads/2023/10/linguas-mocambicanas.pdf>.

FONTES ELETRÓNICAS

Amnesty International, “Protesto sob ataque – Violações de direitos humanos durante a repressão pós-eleitoral de 2024 em Moçambique”. Disponível em: <https://www.amnesty.org/es/documents/afr41/9225/2025/pt/>. (Último acesso: 18/06/2026).

EBERHARD, David; SIMONS, Gary; FENNING, Charles (eds.), “Ethnologue: Languages of the World”. Disponível em: <https://www.ethnologue.com/country/MZ/>. (Último acesso em 09/06/2026).

GROSJEAN, François, “Myths about bilingualism”. Disponível em: https://www.francoisgrosjean.ch/myths_en.html. (Último acesso em 22/10/2025).

LINO, Cesário, “Quando o discurso político contradiz a ciência: o caso do Ensino Bilingue na Zambézia”. Disponível em: <https://integritymagazine.co.mz/arquivos/52521>. (Último acesso em 21/06/2026).

SCHERRE, Marta, “O preconceito linguístico deveria ser crime”. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0,,EDR87198-7962,00.html>. (Último acesso em 15/10/2025).

Anexos

Faculdade de Letras e Ciências Sociais

CREDENCIAL NR.34 /DAIE-FLCS/2025

No âmbito dos acordos de cooperação entre a Universidade Eduardo Mondlane e a Università Ca'Foscari Venezia, a Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS) recebeu o estudante Filippo Amerio da Università Ca'Foscari Venezia para participar do programa de mobilidade académica ao longo do segundo semestre do ano 2025.

O estudante Filippo Amerio está a fazer uma mobilidade no domínio da investigação. Havendo necessidade de observar aulas do curso de Mestrado em Bilinguismo e Educação Bilingue e fazer entrevistas aos estudantes e docentes do mesmo curso, emite-se a presente credencial para os devidos efeitos.

Solicitamos que lhe seja dado todo apoio necessário para o alcance dos seus objectivos.

Maputo, 22 de Outubro de 2025

O Director Adjunto para a Investigação e Extensão


Prof. Doutor Carlos António Compa Hita
(Professor Auxiliar)



Anexo B – Termo de consentimento livre e esclarecido

Você é convidado(a) a participar na pesquisa intitulada “Entender o curso de Mestrado em Bilinguismo e Educação Bilingue na Universidade Eduardo Mondlane: perspectivas de docentes, estudantes e ex-estudantes para aprofundar o tópico”. Este documento contém todos os esclarecimentos da pesquisa, de modo que o(a) interessado(a) possa ser informado(a) sobre o decorrer da mesma. Serão necessárias as assinaturas do pesquisador e do(a) interessado(a); o(a) interessado(a) pode pedir uma cópia do presente termo quando ele(a) quiser.

O objetivo da pesquisa é o seguinte: aprofundar e perceber, através da observação de aulas e entrevistas a professores, estudantes e ex-estudantes, as relações entre os vários atores bem como os pontos de vista dos três no que diz respeito às práticas de ensino/aprendizagem no curso de Mestrado em Bilinguismo e Educação Bilingue na Universidade Eduardo Mondlane. Esta pesquisa encaixa-se em um trabalho de dissertação de mestrado, e pretende acrescentar algo original à literatura ligada aos temas da pesquisa, para desenvolver o conhecimento das noções a nível académico e apresentar a situação académica moçambicana ao contexto italiano.

Os dados recolhidos serão utilizados somente pelo pesquisador, com o único objetivo de conduzir e enriquecer a pesquisa. Para fazer isso, serão atuadas duas modalidades de recolha de dados. As observações das aulas e as entrevistas. Para cada uma destas modalidades, o pesquisador recolherá apontamentos e gravações de som, para que a pesquisa seja mais objetiva possível. As entrevistas e os apontamentos focarão exclusivamente sobre os temas e tópicos da pesquisa.

O nome do(a) convidado(a) não será divulgado sem a sua permissão. O(a) convidado(a) pode recusar de participar da pesquisa em qualquer momento. O(a) convidado(a) pode pedir ao pesquisador para esclarecimentos ou informações sobre a pesquisa em qualquer momento através do email 885520@stud.unive.it. Os dados do(a) convidado(a) não serão utilizados em nenhuma outra pesquisa senão esta.

Consciente e de acordo com as informações fornecidas, eu _____ dou o meu consentimento livre e esclarecido para participar na pesquisa intitulada: “Entender o curso de Mestrado em Bilinguismo e Educação Bilingue na Universidade Eduardo Mondlane: perspectivas de docentes, estudantes e ex-estudantes para aprofundar o tópico”.

Maputo, aos __/__/2025

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador

Anexo C – Transcrição integral das entrevistas

De novembro a dezembro 2025, foram efetuadas dezassete entrevistas a docentes e estudantes do primeiro e segundo ano dos cursos de mestrado Bilinguismo e Educação Bilingue e Português Língua Segunda da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane de Maputo. Desses dezassete participantes, quatro são docentes, quatro são estudantes do segundo ano e nove estudantes do primeiro ano. A transcrição que se segue foi realizada através do sistema de transcrição de Microsoft Word e do site Transkriptor.

A transcrição segue critérios funcionais aos objetivos da investigação. Por razões de uniformidade com a norma ortográfica utilizada na redação da dissertação, optou-se por aplicar o mesmo critério de transcrição nas entrevistas, ainda que Moçambique não tenha implementado o acordo ortográfico.

Quanto aos textos escritos reproduzidos na transcrição das entrevistas, nomeadamente o caso da mensagem enviada pela Aluna F no final da sua entrevista, foi mantida a convenção ortográfica do texto original e nenhuma intervenção foi feita para normalizar o texto, que reflete as características da norma ortográfica moçambicana.

LEGENDA

Entrevista X = letra da entrevista

SPK_1 = entrevistador (speaker 1)

SPK_2 = entrevistado/a (speaker 2)

Negrito = palavras pronunciadas com alguma intensidade

Hífen (-) = interrupções bruscas

Ponto (.) = fim de cada intervenção

Vírgula (,) = pausa breve

Reticências (...) = pausa prolongada

Colchetes ([]) = notas do editor; risos; intervenções do SPK_1 dentro do turno do SPK_2 e vice-versa; interrupção da conversa

[*incompreensível*] = palavras que não foi possível entender devido a interferência sonora na gravação

Aspas (""") = discurso direto; acrônimos dos projetos de pesquisa mencionados

Entrevista A – SPK_1 Queria que fosse uma... mesmo uma conversa, não é uma entrevista pura, ok? Era só para falar um pouco sobre a sua experiência aqui na universidade e... principalmente, a influência que a universidade teve na sua formação e tudo isso, por isso, a primeira pergunta que eu queria fazer é... a motivação porque você decidiu estudar e entrar na universidade e acompanhar com esse percurso de estudos, ou seja, qual foi também a sua... carreira escolar e a sua licenciatura também um pouco falar sobre, sobre isso.

SPK_2 Eu... me inscrevo para esse curso primeiro porque na minha licenciatura sou formada em gestão e estudos culturais... e o meu curso é todo relaci- o meu primeiro curso, meu curso de licenciatura é todo... inspirado em tradições locais e... o meu primeiro emprego foi na educação, dando aulas, então, nesse processo de dar aulas, prim- a minha licenciatura não era para dar aulas, era um curso de estudos culturais relacionado à cultura e tradições locais, só que depois, quando eu tive o meu primeiro emprego dando aulas, eu percebi que a questão da cultura está **muito** interligada à questão também da educação porque nós somos educados com base nas, nas nossas culturas e esse curso de... o meu curso é ensino de português como língua segunda então esse curso também é influenciado em parte pela minha licenciatura porque nós em Moçambique, segundo a nossa história nós temos a maior parte da população tem o português como L2 não como língua primeira e... nessa questão nessa... nessa luta entre as línguas locais entre e o português existe uma lacuna ou uma parte da, das, das, da nossa cultura que é esquecida porque os nossos materiais, materiais são usados nas na nas escolas no ensino geral mesmo em parte mesmo no... na universidade, eles são muito focados em tradições externas ou europeias, americanas, eles não focalizam essa questão das tradições locais, então vi um casamento perfeito entre a minha licenciatura e o curso de ensino de português como língua segunda, porque o curso de português ele- como língua segunda e tem uma cadeira lá de educação bilingue que eu até às vezes costumo conversar com meus colegas que eu acho que estou no curso errado [*riso*] e acho que devia estar no curso de bilinguismo e educação bilingue, porque esse curso ele **casa** melhor com a minha licenciatura, só que eu já tinha concorrido para o curso de ensino de português como língua segunda, então, nesse processo de aprender, pelo menos temos oportunidade de aprender tanto as cadeiras do curso de educação bilingue, como também as cadeiras de português como língua segunda, eu me identifico mais com as cadeiras de educação bilingue e bilinguismo, porque eles têm esse cunho de valorização das das culturas locais, das línguas locais, do do do material didático que pode se reaproveitar nas nas no conhecimento das comunidades, não olharmos para as comunidades como... pessoas, as pessoas da comunidade como se não tivessem nenhum conhecimento, com a educação bilingue eu aprendi que **através** do conhecimento da comunidade nós podemos aprimorar tanto o nosso conhecimento como também o conhecimento da própria comunidade, podemos trazer soluções para a comunidade, porque as pessoas da comunidade eles têm o seu conhecimento empírico, sabem como gerir os seus problemas, a sua vida do dia a dia, mas eles não têm essa parte científica, essa parte escrita da da...do seu conhecimento, então essa questão de educação bilingue seria um aliado forte para eles, porque permitiria a eles **escrever** a sua própria história, escrever sobre o seu conhecimento local, se calhar resolver alguns problemas sociais ou ambientais que eles enfrentam no dia a dia, e isso eu consegui ver e... entender melhor nessas cadeiras de educação bilingue, por isso eu costumo dizer, “eu acho que estou no curso errado”. [*Risos*]

SPK_1 Mas e... você escolheu esse curso aqui porque não sabia da existência do curso de educação bilingue? Ou porque... teve tipo informações erradas, ou algo assim?

SPK_2 Eu não sabia que existia, eu não sabia a essência do curso de educação bilingue, eu sabia a essência do curso de ensino de língua segunda, de português como língua segunda, porque eu tenho pessoas, conheço pessoas que se formaram nesse curso e as pessoas não falavam muito de educação bilingue, se calhar, ou seja, eles não se interessaram muito como eu [riso], por acaso, estou a me interessar com essa questão de educação bilingue, sobre a valorização da cultura local, dos conhecimentos locais, das tradições de muitas outras coisas que vão se perdendo porque nós aqui em África nós não temos o hábito de escrever sobre as nossas histórias sobre os nossos conhecimentos muitas coisas que nós sabemos nas nossas tradições são coisas que os mais velhos nos contam porque eles não têm a, a literacia não não escrevem não sabem escrever não não foram **alfabetizados** a escrever eles têm a sua forma de guardar as suas crenças, seus conhecimentos que é guardando na cabeça mesmo e ir partilhando de geração em geração, então, nesse nesse... caso, nessas aulas que eu fui tendo de educação bilingue, eu vi que se nós vamos à comunidade, ensinamos às pessoas da comunidade a escrever com as suas línguas e eles **ouvem histórias, ouvem conhecimentos** dos mais velhos nas suas línguas, eles podem escrever e se calhar no futuro nós até podemos traduzir e aquilo ser um conhecimento que um dia podemos espalhar para o mundo, porque fica um conhecimento perdido que nós não sabemos, tem uma história que eu costumo partilhar aqui com muitas pessoas de... nós aqui por exemplo no Sul de Moçambique quando nasce uma criança... nós a criança toma o remédio chamamos de remédio de lua, hum, remédio de lua, esse remédio é para controlar... as, as febres ou as oscilações de temperatura da criança, e não me lembro o autor mas quando estava a fazer licenciatura houve um professor que explicou que, há um autor que conseguiu provar porque é que uma criança tem que tomar remédio de lua, dizem que quando a maré sobe, por exemplo, geralmente no meio do mês ou no fim do mês, a maré costuma subir, e mesmo nas crianças, essas oscilações de febre e temperatura acontecem nessas épocas em que a maré sobe, então, os mais velhos sabem que para que a criança não não não... e dizem que o corpo, 70% do corpo é água, então quando aquela água sobe no corpo da criança é ao mesmo tempo que a maré sobe e dá-se esse tal remédio de lua para para... controlar as febres ou às vezes a criança fica com diarreia, fica com vários vários problemas de saúde, e os mais velhos sabem, tem que dar remédio de lua, é um conhecimento esse que os mais velhos têm, e eles vão tomando de direção e direção, eu e os meus filhos estou a dar remédio de lua e quando eu tiver netos, os meus netos vão ter que tomar remédio de lua [riso], e é um conhecimento que não está escrito, mas ele é passado oralmente e nós estamos a usar e estamos a crescer, é assim mesmo, eu até dizia para as pessoas quando houve a COVID, morreu-se muito na Europa, aqui morreu-se pouco, eu dizia se calhar foi o remédio de lua que me salvou [interrupção] eu dizia às vezes brincava quando eu dizia se calhar foi o remédio de lua que nos salvou, fortaleceu a nossa imunidade [riso], vocês não tomaram remédio de lua [riso], então o remédio de lua nós tomamos por seis anos, desde o nascimento da criança até aos seis anos, é um medicamento que a pessoa faz desde a primeira infância, desde o nascimento até aos seis anos, eu dizia se calhar foi o remédio de lua que fortaleceu fortaleceu a nossa imunidade.

SPK_1 Mas concretamente o que é o remédio de lua? É tipo uma coisa que se toma...?

SPK_2 É uma coisa de lua, são... são plantas, é uma junção de plantas que se faz outra parte ferve-se, outra parte só põe-se de molho, e dá-se à criança, sim.

SPK_1 E se explica à criança também o que é que significa aquela coisa...

SPK_2 Sim, para começar o remédio é preciso um ritual que se faz para que a criança comece a fazer...SPK_1 E é em língua bantu?

SPK_2 Sim, em línguas bantu, é preciso, faz-se um ritual para que a criança comece a tomar aquele medicamento, então, eu acho que esses conhecimentos bem explicados para pessoas letradas em línguas locais, eles podiam escrever esse conhecimento e esse conhecimento pode ser se calhar transmitido **para outras culturas** que se calhar podiam aproveitar, podia-se estudar a questão dos remédios de lua desde a formação destas plantas, como é que... qual é a relação entre a maré e o corpo humano e a relação com essas plantas que se dá às pessoas, então eu acho que a educação bilingue vem como uma solução, foi uma decisão [incompreensível] da universidade, a educação bilingue para o desenvolvimento das nossas culturas, das nossas línguas e... uma forma também de **guardar** os nossos conhecimentos.

SPK_1 Ok, muito interessante, e... você acha também que o curso de educação bilingue aqui ou... das cadeiras que estão se tirando aqui na universidade podem influenciar de qualquer maneira o... o emprego que estás a fazer agora? Você é empregada?

SPK_2 Não.

SPK_1 Ok, queria fazer algo... queria trabalhar?

SPK_2 Eu gostaria de continuar a trabalhar com educação bilingue, **defender** a educação bilingue, embora não é o meu curso [riso], como estamos a dizer, mas é um ramo pelo qual me apaixonei e... casa muito bem com o meu curso de graduação e, eu acho que **bem explorada** a educação bilingue e **bem explicado**

para a comunidade porque é outro problema que nós temos, é que não há esclarecimento para as pessoas sobre **o que é** educação bilingue por exemplo eu estava a dizer que eu não concorri porque eu não tinha informação sobre educação bilingue se calhar tem **muitas** outras pessoas que não estão a concorrer para educação **mesmo por falta de informação** vêm pessoas da comunidade para vir fazer história e fazer outros cursos e é claro que não vamos todos fazer educação não irão todos fazer educação bilingue mas se eu acho que... são por exemplo aqui só três colegas estão a fazer educação bilingue, isso é uma forma também de mostrar que existe falta de conhecimento sobre essa área, eu acho que devia-se divulgar um pouco mais o que é educação bilingue, como funciona, não só dentro das universidades, mas também dentro das comunidades.

SPK_1 Mas porque antes de... de encontrar a educação bilingue aqui, nunca tinha ouvido da educação bilingue tipo na sua carreira escolar?

SPK_2 Tinha ouvido assim ao alto, não... entender como é que o processo ocorre na sua essência, ouvir ao alto, ouvir ao alto não me suscitou nenhuma curiosidade, mas agora estando aqui na universidade, lendo, aprendendo, vendo soluções de outros países e outro dia até contei a história de um filme que estava a passar de um jovem que descobriu o vento... que descobriu o vento, conseguiu produzir energia, não me lembro o nome do filme, mas é uma solução local que aquele jovem criou para uma situação que estavam enfrentando naquela comunidade, eu acho que aquilo, a educação bilingue também tem essa capacidade, se um aprendente aprendeu a explicar aspetos científicos com a sua língua, ele consegue levar esses aspetos científicos, explicar à sua comunidade como é que podem ultrapassar um certo problema, como é que eles podem criar soluções concretas para o problema que eles enfrentam...

SPK_1 Estávamos falando também disso na aula do professor Chim-, o professor Carlos Manuel na semana passada, quando o Santos também mencionou a mudança de paradigma, de sistema de educação, porque não sei se concorda, mas ele disse que... aqui em Moçambique ou na África se escolheu um paradigma que... é **importado** pelas associações e organizações estrangeiras principalmente ocidentais, um sistema escolar que deveria ser renovado de qualquer maneira, com base na cultura moçambicana e tal, concorda com isso?

SPK_2 Concordo, nós até temos textos que falam sobre isso, sobre a questão da **contextualização** dos materiais didáticos, dos modelos de ensino, da forma como nós ensinamos, nós estamos a trazer material didático que foi feito, inspirado num contexto **muito** diferente do nosso, até aqui na cidade o material de alguma forma até funciona mas para quem está na comunidade é outra coisa **totalmente diferente** são coisas, são coisas simples que a pessoa não vai conseguir interpretar mas não porque a pessoa se tenha algum problema cognitivo não porque o professor não seja bom mas é porque aquilo não, não, não reflete o dia a dia do aprendente.

SPK_1 E, e como é que você se, se talvez você tenha pensado nisso, de qualquer maneira, como é que você mudaria essa falha na, na, no desenho dos materiais? Por exemplo, há algumas soluções que vocês...

SPK_2 As soluções concretas que muitos professores fazem, por exemplo, agora, a nível da comunidade, alguns exemplos, têm um material didático, por exemplo, a ensinar sobre... frutas da época, vamos encontrar o livro tem maçã, nós, nas nossas comunidades, não tem árvores de maçã, tem árvores de manga, tem árvores de papaia, tem árvores de caju, de canhu, então, ao invés do professor limitar-se em dar frutas de época, falando de maçã, falando de uvas, frutas que nós não temos, árvores que nós não temos, podia criar, contextualizar o tema, são frutas, mas usando **frutas que existem na comunidade, usando plantas que existem na comunidade**, as plantas existem em todo lado, só que cada planta depende do, do, do meio que permite o seu crescimento, o seu desenvolvimento, então, fazendo uma adaptação do material que somos disponibilizados, para o nosso contexto, é possível, mas embora existam outros materiais que não é possível... trocar ou cria- usar objeto de relacionar a uma aula, aulas mesmo que são mesmo para o contexto urbano, não tem mesmo esse cunho de levar para a comunidade, então eu acho que podia- se criar materiais didáticos que permitem essa abertura.

SPK_1 Ok, interessante, ok, falámos também sobre as expectativas, eu queria, que você falasse um pouco sobre as expectativas da aluna, da pessoa que você é, que vai sair daqui com os conhecimentos que você teve e as expectativas também sobre o seu papel dentro da aula, o que é que um aluno desse curso aqui deveria fazer dentro da aula e também fora, ou seja, como estudar, como confrontar-se com os outros, tudo isso... se você não entendeu a pergunta eu posso também explicar melhor *[interrupção]* ... porque nós... numa das primeiras aulas falámos sobre um dos estudos da Benson que citou como um dos desafios a... o facto de a educação bilingue não... ter... implementado essa consciência de... qual é o objetivo, qual é o aluno que deveria sair de um curso de Educação Bilingue, ok? Então eu queria saber se dentro do mestrado em Educação Bilingue e Didática da Língua II tem essa consciência, há essa consciência aqui, com os conhecimentos que foram dados pelos professores sobre o que..., qual é o, o, o, o objetivo, qual é o

aluno ideal que poderia sair de aqui?

SPK_2 Bom, segundo a minha percepção nós estamos a viver uma realidade de educação bilingue que não é a desejada pelo, tanto pelos pelos precursionistas do ensino bilingue os que lutaram para que um dia fosse implementado o ensino bilingue e... por nós como estudantes, né? porque nós estamos a estudar e estamos a ver que o que estamos a estudar **não se reflete** na realidade, a implementação do ensino bilingue, por exemplo, aqui em Moçambique, ela não está a ser feita devidamente, não está, não está a seguir os critérios de ensino bilingue, no seu todo, porque o ensino bilingue ele consiste em desenvolver as duas línguas, mas o que nós estamos a ver é um ensino bilingue transitivo com vista a... tirar o aprendente para que um dia possa falar português, nós queremos desenvolver um biling-, uma educação bilingue, um bilinguismo que tenha essa capacidade de desenvolver as duas línguas, tanto as nossas línguas locais como português, mesmo as habilidades que nós exigimos no, no aluno em português, devem ser desenvolvidas em changana, em chope, em várias outras línguas que se fala aqui em Moçambique e que estão na educação bilingue, e quanto ao tipo de estudante que eu gostaria de ser e... quanto ao papel de **estudante**, eu acho que nós como estudantes, como pessoas que têm um pouco mais de instrução na área, nós podemos prestar também ao ativismo, como eu estava a dizer que há pouca informação sobre a educação bilingue, nas pessoas, então, nós, nos nossos círculos de convivência, nas pessoas com as quais nos relacionamos, nós temos que ter essa abertura de explicar às pessoas, eu, por exemplo, sou chope, eu nasci aqui na cidade, mas o meu pai é chope e eu quando vou à comunidade, na comunidade há pessoas que têm **medo** de colocar as crianças no ensino bilingue, porque dizem que a criança não vai aprender português, eu tenho que ter essa capacidade de explicar a **vantagem** de colocar a criança na educação bilingue, a criança a aprender em **chope** e em português, quais são as vantagens disso? Nós temos que prestar esse ativismo no nosso dia a dia à nossa comunidade, se eu explico uma pessoa, aquela pessoa explica para outra e assim a informação vai se difundindo, então eu acho que é esse o papel que nós temos agora porque... a educação bilingue em Moçambique está a ser implementada desde 2000, mas os resultados é o o... os resultados eles mostram-se que há desenvolvimento da educação bilingue está a permitir o crescimento, a aprendizagem, que está a manter as crianças nas escolas, mas por parte das pessoas que **devem**, que devem reconhecer isso, ainda não há reconhecimento, por exemplo, pelo Ministério, criar mais... políticas que desenvolvam mais o ensino bilingue, produzir mais materiais, desenvolver muitas outras atividades que permitam fazer a, a difusão do ensino bilingue, como informar, como por exemplo, nós temos televisões públicas, nunca vi nenhum programa televisivo que **esteja a falar, a explicar** às pessoas sobre o ensino bilingue, sobre o **valor** do ensino bilingue, sobre essa questão do ensino bilingue, o **objetivo** do ensino bilingue, tanto para o estudante como para o aprendente, tanto para o estudante que vai, que será professor, como também para o estudante que será introduzido no ensino bilingue, então, também, a universidade, para mim, ela tenta criar um, nós temos um problema de preconceito em África entre nós, nós temos o problema de nos **menosprezar**, menosprezar as nossas línguas, nós temos que, como se diz, quebrar essa barreira, mostrar que as nossas culturas têm valor e nós temos conhecimento, nosso conhecimento tem valor e o estudante do ensino bilingue, de ensino de português como língua segunda, tem que saber dar valor a esse conhecimento que existe nas nossas línguas, então esse é esse estudante que eu espero, um estudante com uma autoestima seguro, que consiga falar que sim, nós temos conhecimento e esse conhecimento **deve** ser desenvolvido.

SPK_1 E só ligando-me a essa última questão, é também por causa desse preconceito aqui, de menosprezamento, de pessoas que... a educação bilingue não, ainda não foi implementada também, tipo no secundário, no superior? Tem algo pessoal e identitário? Ou também é, por outro lado, é só tipo uma coisa ideológica, política, que não se quer espalhar muito... o verbo, entre aspas.

SPK_2 Eu costumo dizer que eu sou uma pessoa confusa [risos] porque, tem um problema aqui **em África**, nós, diferente de outros continentes, os nossos políticos não são pessoas muito **formadas**, muito..., como é que eu posso dizer, muito académicas, muito letradas, e isso de alguma forma acaba minando a **nossa educação, o nosso desenvolvimento**, porque a pessoa está a liderar uma área na qual não tem nenhuma formação, não **conhece** os benefícios da promoção da da... como é que se diz, da área que está a liderar, então, isso de alguma forma, e o preconceito existe, **primeiro** porque nós ainda estamos a viver as consequências da política de assimilação, as políticas de assimilação elas visavam menosprezar as nossas línguas, as nossas tradições, e as pessoas que estão [incompreensível] na política são pessoas que **viveram** esse processo de assimilação, para trabalhar a mente dessa pessoa, voltar a reconhecer que a sua cultura tem valor, isso leva tempo e voltando à questão de que os nossos políticos não são formados, primeiro, ele não tem formação, sobre a área que vai trabalhar, segundo, ele passou por um processo de assimilação que dizia que as tradições dele são feitiço, são macumba, são, são diabólicos, então, ele olha para toda essa questão como uma questão diabólica, porque as línguas, elas não transmitem só a parte oral

ou escrita, mas também levam consigo essa questão da cultura e a cultura é um todo, leva crenças, tradições, formas de ser, formas de estar e para nós, por exemplo, eu chegar para as pessoas que têm muito assimiladas, eu chegar a uma mesa e comer à mão, eu tou a ser baixa, mas para mim, eu acho que isso é normal, eu costumo discutir com as pessoas sobre comer com garfo e faca, eu costumo dizer comer com garfo e faca é tradição francesa e eu não vou levar a tradição do outro, transformar na minha modernidade, a minha tradição também **vale**, a minha tradição é comer à mão, é moderno aquilo na minha cultura comer à mão, comer com garfo e faca **é tradição francesa**, é uma tradição que foi trazida para a África como modernismo, mas para quem não tem esse conhecimento, para quem nunca leu sobre isso, olha para aquilo como se fosse... a coisa mais chique, a coisa mais moderna do mundo, mas não tem nada de moderno ali, é uma tradição **doutra** cultura, por exemplo, o ir à igreja nas igrejas católicas é uma tradição **de outro**, de outro povo que estão a trazer para nós como um modernismo, o modernismo não pode ser levar, a cultura do outro não pode ser melhor que a minha, toda a cultura é equivalente.

SPK_1 E acha que essa questão da cultura que é equivalente para todos, para... sim toda a cultura é equivalente, é tipo um tabu a falar nas aulas ou se pode... pode-se falar dessa coisa?

SPK_2 Não tem problema, nós falamos, sim...

SPK_1 E no público?

SPK_2 No público também fala-se, só que há, os cursos de cultura por exemplo aqui em Moçambique eles são novos, abriu-se uma universidade de artes aqui em dois mil... 2011 e mesmo sobre a universidade de artes são poucas pessoas que têm informação tanto da sua essência, dos seus cursos, de como ela funciona e... a questão da cultura aqui não é **muito explorada**, então, isso tudo deve ser essa questão dos políticos, acho que se chegarmos, vamos ter políticos formados, políticos um pouco mais estudados, se calhar alguma coisa muda.

SPK_1 Ok, ok, e falando de... porque falámos também dessas coisas aqui durante, por exemplo, as aulas da professora Patel e... ela falou muito sobre... coisas sensíveis né? Tipo religião [*interrupção*]... rapidamente, falámos sobre coisas sensíveis tipo política, religião, sexualidade dentro das, das, das aulas da professora Samima e... parece que a turma era muito... interessada em falar dessas coisas aqui, mas eu também reparei-me da... do facto que, por exemplo, nas aulas do professor Chimbutane não se fala muito dessas coisas aqui, você tem umas ideias sobre o porquê... poderia ser assim, e é por isso que eu... perguntava antes do facto de ser tabu, essas coisas aqui, porque pode ser que um professor goste e um professor não goste.

SPK_2 Eu acho que essa diferença é mesmo em termos de... do tipo de cadeira, a cadeira da professora Samima, as cadeiras de professora Samima, elas são cadeiras muito ligadas à prati-, parte prática de dar aulas, diferente da, da, das cadeiras do professor Chimbutane que elas têm a ver com a parte teórica, **o que** é educação bilingue, **como** é que deve funcionar, a parte da professora Samima, ela fala **como** é que um professor deve se posicionar dentro de uma comunidade, um professor não pode ter problemas... não pode ter problemas de falar do dia a dia com os alunos, porque, a sexualidade é um problema do dia a dia das pessoas, a religião, a cultura, nos... são várias coisas que faz-se no dia a dia... eu costumo dizer, toda a gente tem uma religião, até aquele que diz “eu sou pagão”, tem uma religião, então, é uma questão do aluno, tem essa religião, então o professor tem que ser uma pessoa **prática, aberta, receptiva** a esses debates, com... não pode ser uma pessoa que **se fecha** a esses assuntos, eu acho que não se fala muito na cadeira, nas outras cadeiras mesmo pelo tipo de cadeira, sim.

SPK_1 E ultimíssimas perguntas... tem por acaso tipo atividades práticas, estágios, algo assim a decorrer na, no curso de mestrado, por exemplo, eu fiz um estágio dentro de um, de um... centro de educação para os adultos lá na Itália e tipo 150 horas acompanhado por um monitor, por um professor e... e ganhei esses, esses créditos aqui a fazer tipo trabalhos práticos, mesmo com as pessoas... fora da universidade.

SPK_2 Para esse curso eu não sei se ainda se há, mas para os outros cursos de educação existem sim estágios, cursos relacionados de educação em sala de aula, existe um estágio.

SPK_1 Você queria fazer um estágio, idealmente?

SPK_2 Acho que sim, seria melhor.

SPK_1 Para se tornar professora?

SPK_2 Sim.

SPK_1 Ok, você queria ser professora, né?

SPK_2 Eu quero ser professora, mas quero trabalhar com o ativismo e desenvolvimento da educação bilingue, sim, porque eu acho que os... tanto o meu curso da licenciatura, tanto o meu curso de mestrado agora, eles **tendem** muito a valorizar essa questão da educação, a **difusão** da educação, como funciona, como é que tem que ser a educação bilingue, principalmente, porque eu **gosto** de ser africana e não tenho vergonha de ser africana, eu gosto de ser africana e tenho orgulho, toda a gente vai para Europa, eu não

tenho sonho de ir para Europa [*riso*], eu não tenho sonho de ir para Europa, [*riso*] então, eu sou africana, eu gosto daqui, gosto do, do meu dia a dia daqui, da forma como nós vivemos, gosto das nossas famílias alargadas, das nossas comidas, de ter que fazer cinco filhos, é a minha tradição, eu me identifico com aquilo, então, eu quero que isso seja desenvolvido e aquilo, seja conhecido por outras tradições tem pessoas que se interessam por isso como o Filippo viajou da Itália para **aqui** então **há outras pessoas** com essa ideia ou com essa perspectiva de vir conhecer um pouco de nós, então...

SPK_1 Só ultimíssima e depois fechamos e... quanto falta na sua opinião depois de ter conseguido a... o mestrado e ter saído da universidade, quanto falta até alcançar o objetivo de ser professora ou... não sei o que você quiser ser... falta também em termos concretos, tipo capacitações, tudo isso, não sei se a universidade capacita também para ser professor bilingue.

SPK_2 Hum... como estava a dizer sobre a cadeira do professor Chimbutane e professora Samima, a professora, o professor Chimbutane na cadeira dele é teórica, nós até tínhamos professores que queriam-nos levar para uma escola de educação bilingue para nós irmos assistir... a concretamente como é que funciona esse processo de educação bilingue **no terreno**, e a, e as aulas da professora Samima eles- elas são mais práticas, mostrar como é que tem que ser, como é que tem que, por exemplo na cadeira de eh desenho de materiais instrucionais, é uma cadeira que permite o professor desenvolver materiais instrucionais, aquela questão que estava a falar anteriormente sobre, adaptar material, **ter** um material e o professor ver que esse material não está dentro do contexto do meu aprendente, ter essa capacidade de adaptar aquele material para que possa... atingir o objetivo da aula, os aprendentes possam se identificar e tenham maior capacidade de, de participar, de contribuir... para o decurso da aula.

SPK_1 Então, você pode, uma vez que você sai da universidade, você pode... rapidamente tornar-se professora bilingue?

SPK_2 Professora, sim.

SPK_1 Muito bem, era só isso, agradeço muitíssimo pelo seu tempo e você... [*incompreensível*]

SPK_2 Espero ter ajudado.

SPK_1 Sim, sim, é...

Entrevista B – SPK_1 Queria mesmo começar, com esse facto aqui... dos temas da, da pesquisa e... porque nos últimos dias eu tive um pouco de... crise do pesquisador [*riso*], não sei se isso acontece também ao professor algumas vezes de... começar por ter uma ideia de, que depois torna-se, ser não completamente, mas na maior parte oposta, ou seja, eu... comecei aqui com a ideia de que ia... sei lá... participar em aulas de educação bilingue... tout cour e reparei que havia uma **divisão**, uma divisão entre bilinguismo e educação bilingue e língua portuguesa como língua segunda, exatamente, não sei se o professor tem algumas ideias como esses dois cursos podem coexistir.

SPK_2 Muito bem, yá... yá... bom, eu não conheço bem, muito bem como é que está estruturado o curso de... de mestrado em ensino de Português Língua Segunda... mas... , agora que você colocou uma questão, penso que, seria um curso que estaria... que devia contemplar elementos do bilinguismo e de educação bilingue né? Por razões daquilo que o sustenta, nós estamos num país multilíngue em que a maior parte dos alunos que frequentam a escola... primária, secundária, inclusive a escola universitária, o ensino universitário, não são falantes nativos... de português, o português é sempre uma língua segunda... então, construir um curso de mestrado sobre língua segu- o ensino de português como língua segunda é fundamental que se abordem elementos que têm a ver com o bilinguismo, não é? A psicolinguística, o próprio ensino da língua portuguesa num contexto em que é uma língua segunda, num contexto de diversidade linguística, como no caso do nosso país, para mim, faria muito sentido, e até, já que me colocou essa questão, eu não, não hesitaria na possibilidade de, possivelmente, esta questão da língua portuguesa ser uma das saídas... do curso de mestrado em Bilinguismo e Educação Bilingue, uma saída **de pesquisa** e que também poderia ser integrada nas disciplinas que fazem parte do curso, dito de outra forma, parte da disciplina que estão no mestrado do português como língua segunda poderiam estar juntas com as disciplinas do bilinguismo e educação bilingue, e depois os estudantes poderiam, **outros** saem para a educação bilingue, **outros** saem pelo ensino de português como língua segunda, esta seria... a minha reflexão.

SPK_1 Só porque eu até vi que em algumas disciplinas, como por exemplo, a disciplina de Teoria e Prática da Educação Bilingue tem todos os alunos, então os do Didática da Língua Segunda, de Português como Língua Segunda estão na mesma turma do que os do Bilinguismo, mas, por exemplo, no seu curso só estão a... os de Bilinguismo.

SPK_2 Sim, os três estudantes, yá.

SPK_1 Era só uma curiosidade só para quebrar um pouco o gelo e... ligar-me também para uma outra questão, ou seja... qual foi a... ou seja, como é que decidiu, como é que o professor decidiu ensinar dentro da Universidade Eduardo Mondlane e... porque o professor decidiu, tirar aquele caminho ali da educação bilingue, do bilinguismo...

SPK_2 Yá, bom, talvez tenha que dizer o seguinte, Filippo... eu, nunca tive interesse em estudar línguas moçambicanas, mas as nossas provas de acesso à universidade... eu fiz as primeiras provas em 2003, eu acabava de terminar o ensino secundário, na cidade de Inhambane, fiz, concorri para dois cursos, naquela altura não havia **tantas** universidades, senão duas universidades, que é a Universidade Pedagógica e a Universidade Eduardo Mondlane, as outras eram privadas, então, os cursos da Universidade Pedagógica não tinha interesse, eu não tinha interesse, eu concorri para cursos de licenciatura em Ciências Sociais... e licenciatura em Jornalismo, na primeira edição, a primeira vez que eu concorri, **não admiti**, porque eu tinha notas muito baixas, então fiquei um ano todo a me preparar, entretanto, nas vésperas das inscrições, eu vejo um programa na televisão em que estava o professor Ngunga, mais um professor chamado [*incompreensível*], que eles estavam a anunciar o lançamento do novo curso, que era Ensino de Línguas Bantu, e eu, como sou falante de uma língua moçambicana, que é o xichope, eu disse não, eu vou fazer esse curso, é um curso novo, e eu dizia para mim mesmo que “olha, ainda que existam estereótipos por parte da sociedade, em relação a essas línguas que nós falamos, penso que aqueles doutores da universidade não estão malucos ao ponto de fazer um curso, desta natureza, então eu escrevi-me, admiti para a universidade, no primeiro curso de 2005, eu entrei aqui para aí em 2005, frequentei, o curso e em 2007 eu estava no terceiro ano, tivemos várias disciplinas sobre ensino de línguas bantu, a própria linguística bantu, começámos a ter disciplina de especialidade para o ensino, com a professora Samima, fomos aprendendo muito sobre **o que é que era** a educação bilingue, né? Os fundamentos teóricos, as perspetivas teóricas, **tipos** de programas, sistema de avaliação, necessidades do país, começámos a entrar, **dentro** daquilo que era a necessidade de ensinar a língua moçambicana, um programa bilingue, depois da gente ter compreendido a diversidade linguística do país, na nossa turma éramos 42 estudantes e representávamos, 19 línguas moçambicanas, era cada língua duas pessoas, então nós já vínhamos em um contexto de quebrar o gelo, em que estávamos todos nós na mesma sala a **aprender as línguas**, e, num belo dia, nós estávamos a estudar, eu recorro muito bem, não me esqueço, estávamos a estudar sobre

modelos de ensino bilingue... a professora Samima deu-nos uma atividade que era, em função de onde vocês vêm, por favor, construam um modelo de educação bilingue que vocês acham que ajusta-se a questões políticas nacionais, à cultura local, questões sociais e que vocês acham que vão- esse programa vai permitir com que as crianças **aprendam** nas suas línguas e em português e terem sucesso escolar... eu fiz o trabalho com um colega que também é docente aqui, fizemos a apresentação na [*incompreensível*], a professora Samima fez muitas perguntas, nós respondemos, não é? E ela gostou do nosso trabalho, **em jeito de brincadeira**, eu disse, “professora Samima, eu estou super apaixonado por esta disciplina, é uma disciplina que a mim abriu-me a mente em muitas coisas que eu nunca tinha pensado na vida”, em jeito de brincadeira, “Se precisar de um monitor, eu estou disponível para ir aprofundando o estudo dessa disciplina”, mas aquilo era brincadeira! No fim da apresentação, a professora Samima registou aquilo na cabeça dela, né? Acontece que ela, tinha que voltar para o Brasil na altura, para continuar com o estudo de doutoramento... então, ela ligou “Olha, Gervásio, em função daquilo que tu disseste, qual a possibilidade de tu trabalhares comigo como monitor?” Monitor é um estudante, do quarto ano que, apoia atividades teóricas e práticas, de um professor sénior, então, eu aceitei... trabalhei com a Professora Samima durante um ano... e depois ela viaja para o Brasil... e era quando sai-, eu e o meu colega, que éramos dois, ficámos a trabalhar, quer dizer, que era mais ou menos dar o seguimento enquanto ela estuda, ela trabalhava connosco à distância, nós tínhamos na altura, tínhamos uma plataforma brasileira de ensino à distância, não é? Preparávamos para a professora, metíamos conteúdo, preparávamos questões, organizávamos debates dos estudantes, por aí em diante... então nós começámos a trabalhar **assim**, depois houve necessidade de sermos contratados como assistência estagiária, que é a primeira categoria mais baixa, eu e o meu colega fomos contratados, trabalhamos, depois fomos progredindo, depois fizemos os mestrados, depois fizemos doutoramento, foi mais ou menos isso [*riso*] como é que eu fiquei interessado para trabalhar nesta área, entretanto, quando eu vou fazer o doutoramento... a minha universidade, a Universidade de Vigo, que está na Galiza, sugere-me a possibilidade de o júri ser composto também por um professor moçambicano que conhece o contexto de Moçambique, porque eu estudei algo sobre questões de... didática, de ensino de ciências, usando a língua moçambicana e a língua portuguesa, numa classe, que era a quarta classe, no período em que as crianças estão a transitar do ensino em língua materna...

SPK_1 Eu acho que eu li sobre isso, pode ser tipo do translanguaging?

SPK_2 Exatamente, translanguagem, então, eu, na altura, vasculhei e disse ao meu professor que podíamos contactar o professor Feliciano Chimbutane, então o professor Feliciano Chimbutane viaja para, para Espanha para participar do meu júri, mas nós tivemos alguns... alguns encontros antes da data da defesa... e prontos, depois da defesa, correu muito bem, felizmente, o professor Feliciano, no dia seguinte, pergunta-me, né? Convida-me “Olha, quando tu voltares a Moçambique, tu podes fazer parte do curso de mestrado” eu disse, “epá, isso é muito cedo, é muito cedo, eu não posso entrar para a pós-graduação agora, porque entendo que ainda sou muito jovem, preciso publicar, o trabalho que eu fiz”, depois dali, ele disse “tudo bem, quando tu estiveres pronto, diga-me”, então eu fiquei um ano a me preparar, e entrei para o, o programa de mestrado de bilinguismo e educação bilingue em 2020, prontos, entrei com muita força e estou lá... até então, então a minha história é mais ou menos essa [*riso*].

SPK_1 Mas, sim..., durante a sua... o seu conto, eu estava interessado em saber se o professor lembra-se qual era o modelo de educação bilingue que apresentou com a professora Samima, na aula da professora.

SPK_2 Sim, sim, nós apresentámos, espero, espero descrever melhor, nós apresentámos um sistema de ensino bilingue, de manutenção, porque, na altura, nós entendíamos que essa questão da transição tinha **muitos** problemas, em função da aula que nós tivemos, nós apreciámos vários modelos, ainda me recordo que era Baker, Baker 2004, “Foundation“, hã? Como é que é? “Foundation of bilingualism and bilingual education“, eu recordo muito bem, então, nós escolhemos o modelo de manutenção, que era justamente para que aquela língua materna moçambicana estivesse na escola de forma presente e não houvesse nenhuma transição, mas também, nós prevíamos que houvesse a aprendizagem da língua portuguesa desde o, a primeira classe até a sétima classe, na altura era a sétima classe, e que a transição só faria-se quando o aluno **fosse** à escola secundária e na escola secundária ele pudesse aprender em português, e **tendo** também uma disciplina de língua materna, era esta a ideia que nós tínhamos.

SPK_1 Então, continuar com a língua... com a disciplina de língua materna também no secundário.

SPK_2 Sim.

SPK_1 Ok, ok, porque essa é uma outra questão que eu me estava a perguntar... porque é que as línguas bantu não podem entrar também no secundário ou até no superior? Sei lá porquê?

SPK_2 Sim, [*riso*] ... Filippo, hum..., deixa que eu lhe narro **um pouco** só de história, não é?

SPK_1 Sim, sim, sim.

SPK_2 O ensino bilingue nasce aqui na universidade, **a ideia**, a primeira ideia do ensino bilingue nasce

aqui na universidade, penso que já leu sobre o PEBIMO, [SPK_1: Sim, sim Sim, já li] a década de 90 aquele programa de- foi concebido por professores da Universidade Eduardo Mondlane, mas quem devia financiar era o Banco Mundial, o Banco Mundial disse “olha eu não financio centros de pesquisa de uma universidade”, porque nós temos aqui o NELIMO que era Centro de Estudos de Língua Moçambicana, então os professores fizeram uma gemilagem com o Instituto Nacional de Desenvolvimento da Educação que é o **INDE** e **juntos** juntaram-se abraçaram o programa e desenvolveram esse, esse, essa pesquisa-piloto, agora, o ensino bilingue depois passou para a etapa experimental de 2003 a 2018, 2018 passa, agora a ser um modelo normal, e **nessas** andanças todas, a universidade Eduardo Mondlane, dispôs-se a formar quadros, professores, que somos nós, sim, e que poderiam formar pessoas **para**, por um lado, formarem professores, pôr-te lá trabalhar nas direções provinciais para gerir essa expansão, trabalhar nos **distritos**, não é? Para a **gestão** do programa, formação de professores, outros trabalhariam no INDE para a questão de elaboração dos materiais, essas coisas todas, no próprio Ministério, então, a universidade encarregou-se em formar **quadros**, e, de facto, os quadros foram formados, a Universidade Eduardo Mondlane cumpriu com a sua palavra, entretanto, o ensino bilingue, passou por vários momentos, então, como pode ver, nós temos o ensino bilingue na escola primária, depois temos, formação de pessoas...

SPK_1 No ensino superior.

SPK_2 No ensino superior, né? Um pouco tempo- um pouco tempo depois, houve a reforma da formação de professores para o ensino primário, então, como havia quadros para formar os professores, abriu-se lá uma disciplina no currículo, em que os jovens que saem por aqui poderiam, foram aceitos naquele Instituto de Formação de Professores, então eles foram professores... andou, andou a coisa com alguma reticência, porque, como sabe, nós somos um país ex-colonial, há gente que pensa que essas línguas não têm, espaço político...

SPK_1 Importância...

SPK_2 ...muito menos no poder, na área da educação e que o ensino tem que ser feito em português, porque o português é a língua do desenvolvimento, essas coisas todas, por aí em diante, mas essa gente, às vezes, esquece-se daquilo que são os dados estatísticos do país, das dificuldades que **nós**, que somos professores, **vemos** nas escolas, das dificuldades que as crianças têm de **ler**, porque aprendem numa língua que não falam.

SPK_1 Claro.

SPK_2 Entre vários outros elementos que têm a ver com a questão da educação, então, em 2009 **havia** um currículo do ensino secundário que **previa** a continuidade, a integração da língua moçambicana no ensino secundário, eu que falo mais alguns colegas, fomos ao Ministério da Educação, na altura éramos jovens, acabávamos de terminar a licenciatura reunimo-nos com o Diretor Nacional do Ensino Secundário, que era justamente para nos **apoiarmos** à Direção Nacional de Ensino Secundário na preparação não é? de **programas** para que houvesse a concretização do currículo de ensino secundário especificamente na questão do ensino de língua moçambicana, a resposta que nós tivemos não foi satisfatória, nós vimos nos olhos, nas palavras, nas pessoas que nos atenderam, que eram diretores, que não havia assim muito **interesse**, porquê? Por causa dessa visão assimilacionista, unidade nacional e por aí em diante, e as coisas ficaram assim, houve uma outra reforma, as línguas moçambicanas entram, continuam lá mais como **opção**, significa que o estudante da escola secundária podia **optar**, as línguas moçambicana, artes cênicas, parece que havia mais uma outra que eu não me recordo bem, que era a língua de sinais, ele podia escolher **uma** das disciplinas, né? Nunca aconteceu, muito recentemente eu acompanhei uma conversa, em que havia outra pretensão, porque o manifesto eleitoral, do atual presidente Chapo, tem lá um ponto de ensinar línguas moçambicanas na escola, então havia a iniciativa do Instituto Nacional de Desenvolvimento e Educação de introduzir essas línguas, não sei em que ponto está, apenas participei ainda no mês passado, uma reunião de discussão, e fundamentação sobre esse ponto.

SPK_1 Então muito germinal como...

SPK_2 Já... portanto, existe uma hesitação **sim**, existe uma hesitação, mesmo no ensino primário, no ensino bilingue, existe muita hesitação, tanto mais que se reparar, a elaboração dos materiais escolares não está completa, se nós tivemos alguma **pujança** em relação ao ensino bilingue, foi porque nós tínhamos um **vice-ministro**, que é o professor Ngunga, o mentor de tudo isto, ele, no pouco tempo que esteve lá, produziu muitas coisas, muitos instrumentos que **hoje**, por exemplo, defendem o próprio ensino bilingue, entendo e eu sei muito bem que na altura também havia a intenção de se introduzir no ensino secundário, alguns colegas que trabalhavam lá, que foram nossos colegas aqui também, já estavam a mexer na preparação dos materiais, dos programas, mas quando o Professor Ngunga foi exonerado [*sic*] do cargo, infelizmente, a ideia também ficou, em banho-maria até hoje, portanto, é uma lacuna que nós temos, já temos no ensino primário, formação de professores e no ensino superior, agora falta alfabetização de

adultos, falta, falta o ensino secundário.

SPK_1 O ensino secundário também, ok... porque, acha que o povo, as pessoas queriam fazer... mais, queriam, porque eu vejo que há dentro desta Universidade até com as pessoas que eu, com que eu falei há muita... não sei, **vontade** de **reconhecer** essas culturas, ... o país como multicultural e multilíngue também mas não, não sei se pela rua também há pessoas que acham na mesma maneira.

SPK_2 Já... eu iria citar um estudo feito desenvolvido pela cátedra de Português Língua Segunda daqui da Universidade, participaram os nossos colegas David Langa, Feliciano Chimbutane, Félix Tembe, acho que a Perpétua também participou, que era um estudo que visava avaliar atitudes linguísticas de **jovens** universitários em relação às línguas, moçambicanas, o estudo mostra que ele sente-se orgulhosos por estar a falar essas línguas, e que também entendem que podem ser usadas na escola, **mas** não garantiram no estudo que poderiam fazer a transmissão, das línguas que falam aos seus filhos, portanto, essa... esse foi um estudo que foi feito entre jovens universitários, não sei se já reparou por aqui, as pessoas falam o changana aqui na universidade, muito comum, muito comum, se bem que exista translíngua, se você for aos grupos de estudo, há de encontrar jovens a falar o changana, né? Isto é comum em diversas partes do país, mas se tu perguntares às pessoas se nós podemos usar essas línguas, as pessoas têm um pé atrás... porquê? Nós somos uma comunidade oral, falamos, mas se nós queremos tratar temas **sérios** como educação, as pessoas têm um pé atrás, porquê? Falta sensibilização, porquê? Falta consciencialização, porquê essas pessoas vêm do ensino, em português, portanto, um ensino **assimilacionista** porque eles não têm nunca alguém terá lhes dito que essas línguas são importantes tanto mais que no sistema escolar nas escolas primárias, as crianças são castigadas quando são encontradas a falar as línguas moçambicanas no modelo em português, por exemplo então é uma questão de colonização educacional que as pessoas sofrem então se tu perguntares hoje as pessoas têm alguma limitação, se fores para as comunidades rurais a coisa também está lá patente porque as pessoas pensam que ser educado é falar português, é aprender em português e nunca aprender nas línguas moçambicanas, e isto é muito comum naquilo que é a **visão** sociolinguística da sociedade africana, todos os países colonizados têm este problema, o mesmo não acontece, por exemplo, na Etiópia, porque a Etiópia não foi colonizada, e a Etiópia tem vários tipos de programas de educação bilingue, dependendo da província ou da região, eles adotaram uma descentralização de conceção e execução do programa de ensino bilingue, incluindo também programas em inglês, existem, né? Eles **não têm** esta visão colonial que nós temos em relação à educação e às nossas línguas, agora, o que eu tenho observado nos últimos dias é que, **quando** existe uma boa sensibilização, as pessoas aderem, **quando** existe providência de materiais, educacionais, as pessoas aderem, **quando** as pessoas veem benefícios nas crianças, as crianças têm atitudes diferentes, sabem ler, sabe- progressão escolar, as pessoas **gostam**, não é? É mais ou menos isso que me cabia, comentar em relação à sua questão.

SPK_1 Claro, claro, veio-me à mente durante a sua, a sua, a sua, a sua intervenção, que, eu li agora fogue-me o nome do autor desse desse ensaio, mas deve ser Ngunga, deve ser porque tem ali muita, muita coisa do Professor Ngunga que diz exatamente estas palavras aqui “há de haver a necessidade de se desenvolver uma investigação séria para se encontrar nas línguas moçambicanas, vocabulário endógeno para exprimir conceitos que fazem parte da metalinguagem das diferentes áreas de conhecimento. Isso serve para alertar os moçambicanos que a questão da introdução das línguas moçambicanas no ensino é um grande desafio para todos os moçambicanos “ e... sobre esta frase aqui também nós vimos algo, durante as aulas, eu acho que não, não foi durante a aula do professor, mas durante a aula de outro docente de que falámos sobre essa mudança de paradigma, paradigma de sistema de ensino, e porque houve ali um estudante que... queixava muito sobre esse sistema aqui **importado** pelos ocidentais ou europeus, que sejam, aqui para Moçambique, e ele desejava que, digamos assim, fosse criado um novo **paradigma**, digamos assim, de ensino, um novo sistema de ensino, e... baseado na, no conhecimento das línguas bantu, no conhecimento da, das etnias, na consciencialização, como disse o professor muito bem, e... rapidamente... eu, pensei que essa, na sala de aula este conceito aqui é tomado muito muito seriamente e... e por isso eu queria perguntar se... melhor, não se, mas, na sua ideia qual seria, o tipo, o ideal, o estudante ideal que você queria saísse daqui dessa universidade...

SPK_2 ...no curso de mestrado.

SPK_1 No curso de mestrado.

SPK_2 Já... *[riso]*... no nosso curso eu acho que, primeira coisa estudantes, com uma experiência... forte de pesquisa... já... estudantes que conhecem... as diversas células... do ensino bilingue, desde a questão linguística, questão pedagógica, questão da avaliação, questão da interação, questão de desempenho dos alunos, questão de ensino de ciências, são várias células que compõem o Ensino Bilingue, que penso que seria **muito** relevante os estudantes conhecerem, né? E a outra, a outra a outra o outro, o outro, a outra visão que eu acho que deveria se conseguir nesse curso são estudantes que... entendam a realidade e a

partir dela possam projetar... propostas de mudança né? **de melhoria**, porque o nosso programa de Ensino Bilingue atravessou dois momentos, um momento que era um modelo transicional, transição brusca, três anos, e agora estamos com um modelo transicional mais gradual, né? Os estudantes de licenciatura *[sic]* precisam dominar ao fundo as especificidades deste programa e também serem capazes de fazer uma pesquisa ao seu nível sobre essas, esses problemas todos que **rodeiam** o ensino bilingue. SPK_1 É só porque também na sua aula, a única que eu consegui observar e não sei se é assim em todas as aulas, mas... eu notei que há, também, por sua parte, uma vontade de **despertar** esse olhar crítico dos estudantes e... através também de **inputs**, não é? Eu lembro-me muito bem de que enquanto os estudantes falavam, ao final dos seus discursos, dos seus, das suas apresentações, o professor, tipo... acrescentava algo, complementava, mas também dava um input **a mais** para o aluno **continuar**, de qualquer forma, com a sua, com a sua pesquisa, também pessoal, interior, não é? E... por isso, me estava perguntando essa, essa coisa também, a questão é... quanto numa aula ou num curso, num desenho de um curso, quanto esse ensino **ativo**, quanto a presença de ensino ativo, de de de ensino visado ao... digamos assim... capacitar o aluno a estudar e analisar, descrever as situações sozinho, entre aspas, quanto espaço é dado a esse tipo de ensino e se o ensino ativo e o ensino tipo nocionístico, expositivo, das slides do professor que lê ou do professor que expõe toda a aula, devem ou podem coexistir no mesmo curso? Numa mesma aula. SPK_2 Bom...*[riso]* yá, nós estamos num, bom diria assim, nós estamos num curso de **mestrado**... e como teria dito na minha resposta anterior nós somos ambiciosos em ter um estudante com uma qualidade **forte** sobre ensino bilingue **pesquisa ver aspetos calentes** que que **minam** o ensino bilingue não é? Portanto não conseguiríamos ter estudantes assim, sem que eles desenvolvam essas competências num ensino ativo, em que **eles** é que são o centro da aprendizagem, lembre-se, Filippo, que são os estudantes que devem preparar os seus projetos de pesquisa... e as **aulas** que nós fazemos aqui, muitos estudantes das outras universidades dizem que são muito pesadas, por isso que o nosso curso não tem muitos estudantes, porque muitos estudantes não preferem vir cá, porque entendem que nós somos muito exigentes.

SPK_1 Na verdade era uma outra questão que... *[riso]*

SPK_2 E que de facto nós somos exigentes, somos exigentes, os nossos estudantes quando depositam as dissertações são dissertações com uma boa qualidade, então essa é...essa é a cultura que nós temos como Faculdade de Letras, como UEM, então nós não concordamos que tenhamos que fazer slides, nós, **nós**, claro, que preparamos seminários em que... são seminários para apoiar os estudantes... a vislumbrar aquilo que eles provavelmente não estão a ver, mas não é uma aula expositiva no sentido de beneficiar o aluno, não, ou o professor não, é uma aula que o professor prepara raramente, que não é muito, não é muitas vezes, para o estudante poder ver **para além** daquilo que ele vê, e, a partir dali, **ir** tanto quanto antes, ir diagnosticando e reinventando **temas** que possivelmente possam ser úteis para a sua pesquisa, no ano de 2023, que foi a penúltima turma que, na qual eu trabalhei, porque no ano passado não tivemos estudantes suficientes para abrir o curso, nós sempre anda- usamos a metodologia centrada no estudante, nossos estudantes era uma coisa que eles pedem que, de vez em quando, os professores possam fazer seminários expositivos, que é para apoiar os estudantes a reconectarem-se e a ter uma visão muito mais crítica daquilo que eles leem, e, isso nós temos feito com alguma regularidade, este ano fizemos acho que três vezes, em que nós falamos 30 minutos só, para os estudantes poderem **ampliar** a visão dos textos que eles constantemente leem e discutem, né? Portanto, ensino expositivo não, mas sempre um ensino de **apoiar**, até nós chamaremos que é um “scaffolding”, não é? para que o estudante possa continuar a correr, correr muito mais rápido e com qualidade até chegar...até chegar ao fim.

SPK_1 E o professor acha que, a turma desse ano alcançou um bom nível de...desse conhecimento?

SPK_2 Yá... eu acho que sim, eu acho que sim, evidentemente que o alcance dos objetivos não é comum, não é? Sempre que a gente tem uma turma, todos os alunos não vão sair *[incompreensível]* há sempre um e o outro que está um pouco abaixo da média, mas se puder ver, não é? Os nossos estudantes como se **comportam**, como se colocam, como se posicionam, como argumentam, como **entram** ao pormenor dos textos, eu pessoalmente entendo que os estudantes estão num bom caminho, yá, estão num bom caminho.

SPK_1 Ok, ok, ok, e só umas... outras perguntas, eu queria saber... uma, uma questão que já pus a uma outra entrevistada...uma estudante, se há por acaso, tipo... atividades práticas, tipo estágios.

SPK_2 Yá...yá, não infelizmente não, infelizmente não, porquê? Porque essa é uma parte curricular, curricular, em que o estudante...submerge, quer dizer, ele **entra dentro** das especificidades do curso, mas depois tem a parte já da pesquisa, em que ele já desenha uma pesquisa, vai ao campo, faz a recolha de dados, depois volta, para começar a organizar a dissertação, no ano de 2023, eu recordei que por causa dessa pergunta os estudantes que nós tivemos teriam nos dito “olha nós pedimos por favor para que tenhamos credenciais para visitar escolas do ensino bilingue” nós congratulámos essa visão porque eles diziam que “nós estamos a entender muito bem mas gostaríamos de ver a realidade moçambicana e a partir

dos nossos olhos, a partir das leituras que fazemos aqui desta bagagem teórica podermos **ver** o que que realmente está a acontecer nas escolas e isso poderia nos ajudar”, diziam os jovens, “a conceber... projetos de pesquisa” não é? De acordo com a realidade, no ano de 2023, sim os estudantes foram fazer visitas depois da parte curricular, este ano, infelizmente, não o fizemos porque não está previsto no currículo.

SPK_1 Se bem que, em alguns casos, pode ser que o, o trabalho de pesquisa possa ser tipo, possa coincidir com uma espécie de estágio, tipo trabalho de campo pode até parecer um pouco...

SPK_2 Sim, sim, só que aquele trabalho de campo que eles fazem é para- é a pesquisa como tal, portanto em termos curricular não está previsto um estágio como tal, não.

SPK_1 Mas idealmente devia, deveria ter...

SPK_2 ah, eu acho que sim, eu acho que como teria dito em 2023 os estudantes **pediram** credenciais para ir às escolas penso que é uma coisa fundamental porque? Porque muitos desses jovens que vêm para aqui tem uma graduação na área de línguas, tradução, outros vem de outros cursos afins, alguns são professores outros nem por isso e por causa disso eles **quando** estudam essas matérias todas ficam interessados em ver o contexto **real**, não é? Para os seus próprios olhos poderem ver o que é que realmente lá acontece e isso eu acho que é fundamental na graduação eu faço isso, não é? Em cada semestre organizo estudantes para fazer visita de estudo nas escolas, não é? Rurais e urbanas que é justamente para eles poderem **ver com os olhos** o que que realmente está a acontecer e considero que nós aprendemos aqui e a realidade de que são as práticas nas escolas.

SPK_1 E também formar talvez uma ideia do que eles querem fazer, ao sair da universidade também?

SPK_2 Sim.

SPK_1 Porque tem alguns, é uma outra questão também essa, ao sair do curso de mestrado em bilinguismo e educação bilingue, um um digamos assim, imagina, eu vou sair, vou me... licenciar e ficar aqui no mestrado de bilinguismo e educação bilingue, vou fazer essa pesquisa, vou defender, a minha dissertação e ao sair da universidade eu já posso tornar-me educador bilingue? Ou tenho que enfrentar uma capacitação a mais, e...

SPK_2 Bom, depois do mestrado... não, porque que não? Porque... o campo de atuação de quem sai de um mestrado é mais pesquisa, capacitação de professores, monitoria, da educação bilingue, avaliação da educação bilingue, a pessoa pode também participar na produção de materiais, pode participar na formação de professores e não professor de ensino bilingue como tal, se bem que **se for** uma pessoa que já trabalha lá, ele agrega muito valor, nas suas práticas, porque ele fez um mestrado, já...

SPK_1 Aquele é o espaço dos IF- IFPs, não é?

SPK_2 Sim, por exemplo, nós tivemos formadores dos IFPs nos anos passados que vieram fazer os nossos cursos, tivemos também professor de inglês, era mais do que isso.

SPK_1 Se eu quiser tornar-me professor, educador bilingue, eu tenho que ir aos IFP.

SPK_2 Se você quer ser educador bilingue, você pode, tem que ir à IFP sim, mas também pode partir daqui da licenciatura, a nossa licenciatura [SPK_1: Em língua bantu?] sim, pode muito bem trabalhar na educação bilingue, justamente na questão da literacia, e também pode trabalhar na formação e capacitação contínua de professores, já.

SPK_1 E...eu acho que os temas que eu queria analisar foram tratados todos, se o professor quer acrescentar alguma coisa, não sei se... acha que faltou algo da conversa, de interessante, não sei, eu era interessado em, eu escrevi aqui, vou voltar um segundinho sobre uma coisinha, o professor viu um...um serviço no telejornal, na televisão, que falava sobre a educação bilingue.

SPK_2 Não, era, era um programa... um programa de televisão.

SPK_1 Tipo de divulgação?

SPK_2 Sim, então dois professores entraram para o programa e o o o apresentador foi fazer pergunta e eles estavam a explicar o que era esse curso, não é? Em 2024... 2004, 2004, há 20 anos atrás, não é? Já...

SPK_1 Era só isso, eu fiquei muito interessado, era, era interessado também nessa... como é que os meios de comunicação, podem alcançar as pessoas, porque se o professor viu, em 2004 um serviço ou um programa que falava sobre educação bilingue, como é que em 2025 não..., por exemplo, não há muitos jovens que, assistem a televisão e tem... a possibilidade de verem esses programas em que se fala de educação bilingue?

SPK_2 Já...por isso nós estávamos com os problemas da mobilização, sensibilização, já, nós temos um, acho que já lhe mostrei, um instrumento que é Manual de Mobilização da Educação Bilingue, que já prevê, não é?... Este uso dos meios de comunicação social para sensibilização, mobilização, **mas** a prática diz o contrário.

SPK_1 Porque eu sei que a Rádio Moçambique tem algumas coisas.

SPK_2 **Não só**, Rádio Moçambique, Televisão de Moçambique e rádios comunitárias.

SPK_1 Rádios comunitárias também.

SPK_2 Transmitem nas línguas locais, eu não sei o que é que está a acontecer, possivelmente, não tenha havido investimento para as... as... os os os rádios e as televisões possam divulgar isto, não é? Yá...e no passado havia, havia um pouco mais, mas agora caiu não sei porquê, yá, não sei, não sei porquê yá, e não se faz muita sensibilização como se devia fazer, porque com a sensibilização as pessoas ficariam muito mais conscientes do que é que é essa modalidade, porque algumas pessoas pensam que é para aprender a língua materna, não é? E como é uma língua desvalorizada segundo o ponto de vista político, social e económico, as pessoas dizem que não, isso é um sinal de retrocesso ou **atraso** para as crianças, ninguém diz, “olha, é bi, porque são duas línguas que são usadas para o processo de ensino-aprendizagem”.

SPK_1 Dois é melhor de um.

SPK_2 Sim, dois é melhor que um, e que a criança vai aprender a ler a escrever na sua língua, depois aprender a ler a escrever na língua portuguesa, vai aprender matéria na língua portuguesa e na língua moçambicana, **e isso tudo** é muito bom para que a criança tenha boas potências sobre o conhecimento daquela disciplina, competências de **língua, de escrita** essas coisas todas, é isso que falta para as pessoas poderem entender... e para terminar, eu acho que o nosso programa, este, este mestrado, é muito forte, é muito forte, foi concebido com **muita** atenção, tendo em conta a nossa realidade...moçambicana, a única coisa que nós temos deparado é essa questão de, pouca afluência de candidatos, né? Yá, temos pouca afluência de candidatos, em contrapartida, os estudantes que nós formamos aqui, alguns depois vão fazer uma outra universidade, o que nós não entendemos é se eles não gostam do curso, ou é porque... a forma como nós administramos o curso, desenvolvemos o curso não ajuda a, as pessoas a se ficarem motivadas para trabalharem connosco, não é? Yá, e prontos, é uma questão que nós precisaríamos estudar com os próprios candidatos para **entendermos** por que razão não optam por este curso, mas optam, por exemplo, por português língua segunda, optam por cursos de mestrado em linguística bantu nas outra- nas outras universidades públicas, não é? E yá, não sei exatamente o que está a acontecer, não é?

SPK_1 Ok, ok... muito bem, eh...agradeço muito pelo seu tempo, eu acho que foi uma conversa muito interessante e que vai dar muito valor à minha, à minha pesquisa, e prontos, ok, eu posso acabar com...

SPK_2 Obrigado.

SPK_1 Obrigado eu.

Entrevista C - SPK_1 Eh queria, queria começar realmente sobre a natureza deste termo aqui e da, da minha dúvida sobre a **conexão** mais ou menos se tem, tem conexão e de que, de que tipo entre o curso, na sua visão na sua opinião curso de Bilinguismo com curso de Didática de [Português, NdE] Língua Segunda, tem ali umas coisas que se... mergulham?

SPK_2 Sim, tem... há uma semelhança, há uma interligação entre o... o Ensino Bilingue e a Didática de Ensino de Línguas. Isto quando falamos, das técnicas e das metodologias de ensino-aprendizagem, então existe lá uma interface que algumas técnicas e alguns métodos podemos usar, no ensino daquilo que é o ensino bilingue como professores então podemos algumas técnicas que aprendemos na didática de línguas, podemos levar para poder ensinar aquilo que é o bilinguismo porque o bilinguismo também estamos a falar de uma língua então **logo** as metodologias, as técnicas de ensino-aprendizagem, algumas podem ser incorporadas naquilo que é o ensino bilingue.

SPK_1 Ok. Então eu queria também falar um pouco sobre a sua trajetória da, da carreira escolar, ou seja, você tirast- tirou também a licenciatura, não é? Tiraste aqui?

SPK_2 Sim, eu tirei a licenciatura, mas antes eu fiz um curso intensivo de ensino de português e metodologia, chama-se 12+1, numa outra universidade, chama-se UP, então eu fiz isso primeiro antes de entrar aqui na Universidade Eduardo Mondlane, então eu comecei a trabalhar no ensino de português em 2010, comecei a trabalhar em 2010 e só depois ingressei na universidade para fazer licenciatura em Ensino de Português como Língua Segunda.

SPK_1 Então, a licenciatura era, realmente sobre o ensino de português também.

SPK_2 Sim, sim.

SPK_1 O curso era Ensino de Português, e decidiu também continuar com o mestrado... [SPK_2: Exatamente] ok, e... como é que decidiu... tirar licenciatura e mestrado aqui na Universidade Eduardo Mondlane e não continuar, por exemplo, na UP?

SPK_2 Na UP, ah, sim, ehm isso deve-se a primeiro, eu tive um pouco tempo, nós esse curso estou a dizer 12+1 é um curso de um ano é um curso intensivo então eu estive lá com a UP mas não gostei de lá, dar continuidade lá, então por isso continuei aqui por isso também há umas professoras de lá da UP que vinham entrar no mestrado aqui que quando me encontraram aqui perguntaram também “porque é que não continua na UPW [risos] a estudar lá e tudo mais, diferentemente da, da UEM, mas pronto, a primeira coisa é que eu estou a trabalhar e a estudar, então havia mais facilidade de eu trabalhar e estudar, isto é, de dia estou a trabalhar, de noite vinha aqui para estudar na UEM, então era mais fácil para **mim** trabalhar **de dia** e às 17 horas vir para aqui para, para a UEM porque as aulas na UP começavam muito cedo então eu não ia conseguir, às vezes ia perder aulas então, foi mais fácil para mim decidir vir estudar aqui né? Porque o horário era um bocadinho mais tarde [SPK_1: para encaixar bem...] para encaixar bem as aulas e não [incompreensível] tudo foi mais ou menos, isso.

SPK_1 E, então você trabalha há 15 anos?

SPK_2 Sim sim, 15 anos.

SPK_1 Dentro de uma escola?

SPK_2 Dentro de uma escola primeiro trabalhei numa escola chama-se escola comercial da Catembe...

SPK_1 Além do... da ponte?

SPK_2 Sim exatamente além da ponte, então trabalhei lá e... estava mesmo a lecionar Português, Português que era de oitava a décima então, depois dali a escola teve o desejo de mudar para ser um instituto comercial, então, o instituto comercial, quem ensina são os licenciados, então, tive que vir fazer licenciatura para a continuidade a dar aulas no instituto comercial.

SPK_1 E como é que você está aqui a conseguir um mestrado? Ou seja, você poderia também trabalhar **sem** o mestrado ou o mestrado é necessário para você ensinar naquele lugar ali.

SPK_2 Ehm... Eu podia trabalhar sem mestrado...

SPK_1 Mas você quer porque...

SPK_2 Para aumentar mais conhecimento na área explorar mais a área sim, porque licenciatura são... licenciatura são cursos muitos diríamos muitos cursos ali muita coisa já mestrado é mais, específico é mais especialidade da área.

SPK_1 Você acha que está a dar êxito positivo esse curso de mestrado?

SPK_2 Sim vendo os programas como estão a ser decorridos aqui, eu acredito que sim porque por exemplo nós estamos a falar do ensino técnico profissional há problemas do ensino chama-se materiais didático, então aqui aprendemos como desenhar o material didático como elaborar material didático em algum momento há, há uma relação... [incompreensível]

SPK_1 E você consegue traduzir bem os conhecimentos que você obteve aqui, para a sala de aula...

SPK_2 Exatamente, é... aqui há um problema porque eu estou no ensino **técnico**, ensino técnico para nós é

um curso modular, os nossos cursos, são objetivos, são nossos objetivos, é diferentemente do ensino geral que ensino geral em algum momento em algum momento podia levar aquilo que é o conhecimento daqui, porque nós lá no ensino técnico que temos aqui chamamos UCP, UCP é aquilo que você deve ensinar como deve avaliar mas em algum momento é minha área, ajudo muito mais as crianças a poderem perceber aquilo que são os conteúdos a ser lecionados.

SPK_1 O UCP é dado pelo Ministério da Educação?

SPK_2 Sim sim... a UCP...

SPK_1 ...para você seguir esta trilha aqui...

SPK_2 Exatamente, a UCP quem dá é a NEP, a NEP é a autoridade nacional de ensino técnico profissional... exato... então nós em algum momento seguimos aquilo mas como sendo da área isso me ajuda, a lecionar melhor as aulas para os candidatos.

SPK_1 Ok... e você... queria continuar com a sua carreira de trabalho ou queria mudar se calhar com não sei outras outros níveis ou tornar-se não sei educador de um... do secundário, por exemplo, não sei.

SPK_2 Não... até que seria bom eu continuar dar continuidade, não está mal, uma vez que também, desde lá sempre fiz a área, desde a UP, onde fiz 12+1, licenciatura, agora o mestrado, tou mesmo na área de língua portuguesa... então é minha área aí, gosto de dar continuidade.

SPK_1 E o contexto em que você trabalha tem algo a ver também com bilinguismo? Tem ali umas características ou é monolíngue 100%.

SPK_2 Lá nós nós somos monolíngue, 100%, já... não tem nenhuma relação com o bilinguismo.

SPK_1 E nem pra, pra passar melhor algumas informações, nem precisas de falar outra língua...

SPK_2 Já, aí temos, talvez... o que se pode abrir é a questão da comunicação em termos do bilinguismo, aceitamos as crianças falar ronga, nesse caso, como estamos aqui em Maputo, mas em termos do programa não abre espaço porque são, é uma área ligada à contabilidade então aí eu dando português sou focalizado pura e simplesmente naquilo que são **os relatórios, as atas** e tudo mais não abre-se o espaço para contexto do bilinguismo... mas abre-se o espaço porque as crianças falam ali no corredor, no quintal sobre as suas línguas maternas isso não é, não é nenhum problema.

SPK_1 Pergunto isso só porque tivemos ali um... debate, uma discussão sobre um novo paradigma, um novo sistema de ensino aqui em Moçambique porque houve ali um aluno que... falou sobre, inclusive essa questão dos ocidentais levarem aqui os sistemas de, de ensino, como podem ser divididos e como podem ser lecionadas as aulas e eu queria saber se há es- uma ideia de **mudar** de paradigma. Há alguma questão sobre **tirar** o paradigma velho, entre aspas, ou importado por alguns e **criar** um novo paradigma que pode ser moçambicano ou pan-africano também, na sua opinião?

SPK_2 Eu penso que, há necessidade há necessidade de se criar um paradigma local um modelo do ensino que seja baseado localmente estamos a falar, porque nós estamos a ver o nosso país como sendo grande dividido em regiões Centro, Norte e Sul então há necessidade de se criar um modelo um paradigma que seja, ajustado àquela determinada região por nós estarmos num contexto multilíngue e a forma de ser e estar é bem diferente então para mim concordo que haja de facto, esse paradigma esse modelo localmente mas que deve-se basear nas pesquisas deve-se investigar para poder-se elaborar, o modelo que não seja os modelos ocidentais podem funcionar como fonte de inspiração, mas nós também há uma necessidade de ajustar aquilo que é, o modelo local, que se ajusta às nossas necessidades, forma de ser, e estar.

SPK_1 E neste respeito aqui, o que é que pode fazer a universidade e você dentro da universidade, vocês também como alunos de uma turma de mestrado em Bilinguismo de um lado e a Didática de Língua Segunda por outro, como é que a universidade pode trabalhar? Qual seria o papel da universidade dentro dessa questão aqui?

SPK_2 Exatamente, então, a primeira coisa é que a universidade tem o primeiro papel que **deve** fazer é a questão das, das pesquisas, essas pesquisas que devem ser feitas no terreno para que se desenhe esse modelo, então, essa é a primeira atividade, a segunda também seria também **auxiliar**, nesse caso, a criar esses programas, né? Para além das pesquisas, a criação do programa, não só, e também o papel da formação, dos professores, a universidade também tem esse dever de formar os professores para poderem se ajustar aos programas, aos novos modelos ou paradigmas que querem ser desenhados para que se possam lecionar, outra coisa é sobre o ensino da língua segunda nesse caso, há uma necessidade porque, algumas técnicas, conforme eu dizia, que nós aprendemos na Didática de Línguas, podemos implementar no ensino bilingue, porque há técnicas e há metodologias que em algum momento pode- a **interlíngua** nesse exato momento podemos usar para poder esclarecer determinados conteúdos que não estejam a perceber os alunos, a universidade tem o papel das pesquisas, desenhar os programas a formação, para que possam sem excluir a comunidade também porque, temos o direito de ouvir a comunidade também e escutar o que eles querem, desejam que as coisas sejam.

SPK_1 Eu sempre li e acompanho com esse pensamento de alguns professores e especialistas que também trabalham aqui de que eh, deve ser um círculo ou seja... seja onde for, começar por algum lado e perguntar se for, começar pela universidade... na universidade, ir para a comunidade e se for, começar na comunidade, ir para a universidade para a pesquisa, e você acha que os professores que encontrou até agora estão a fazer bem o seu trabalho, o seu papel?

SPK_2 Sim, eu vejo que estão a fazer bem o seu papel, é basicamente o... o Doutor Chimbutane, que é a pessoa que mais vejo que ele está fazendo bem o papel e... é muita pena porque nós só tivemos um... um semestre estamos a dizer o que? Estamos a falar do primeiro, segundo semestre mas o Doutor Chimbutane tem muito material então ele tem muito material para oferecer, tem muito material para a gente ler tem muito isso é muito bom é muito bom não só para nós que estamos aprender pelo menos eu comecei a aprender ensino bilingue a partir do mestrado isso não tem na licenciatura na graduação não tem, mas Doutor Chimbutane conforme eu vi ele tem muito material para oferecer ele não esconde explica bem eu penso que ele está está está a tomar em conta do recado agora, é muita pena conforme eu dizia que é muito material, para um semestre é muito, é muito curto enquanto ele tem **muita** informação para para transmitir e eu dou-lhe parabéns ele está a fazer bem até aqui ele está a dar conta do recado não sei os outros porque eu nunca estive com os outros mas **com ele** está está a tomar conta do recado...

SPK_1 Mas também a Doutora Samima também faz uma... umas coisas...

SPK_2 Ah sim... a Doutora Samima, só que ela está está no módulo de Formação de Professores e Desenho de Materiais Instrucionais.

SPK_1 No módulo de Formação de Professores não tem também espaço para formadores tipo bilingue, tipo de educação bilingue?

SPK_2 Há uns materiais que ela também ofereceu para falar, só que...

SPK_1 Mas principalmente é...

SPK_2 Ela focaliza-se muito mais na formação dos professores e tudo, mas às vezes quando nós falamos sobre o ensino bilingue, ela tem, tem falado porque ela também é uma das especialistas da arte.

SPK_1 E é a mesma coisa para o Desenho de Materiais, se fala também de...

SPK_2 Ela também fala de desenho de materiais instrucional também focaliza para o ensino bilingue sim porque ela é especialista produziu, o ensino bilingue... ela também dá conta mas é diferente se ela tivesse **um módulo** uma cadeira que falasse somente do ensino bilingue acredito que a coisa seria diferente...

SPK_1 Você participaria?

SPK_2 Sim, eu podia participar, [risos] ...podia participar.

SPK_1 Acho também interessante porque, mencionámos estes 2 professores e... a sua, as suas modalidades de ensino, porque eu vi, nas observações que eu fiz, uma diferença também em tipo, posicionamento, às vezes, não é? E com um, com um docente se fala de aspetos que podem ser considerados até tabu, tipo [SPK_2: Sim, sim] sexualidade, religião, política, e com outros docentes não se fala muito dessas coisas aqui... eu estava me perguntando, mesmo isso, por que tem essa diferença na sua opinião? Entre essas visões e isso tem um sentido dentro de uma cadeira que um professor está a dar...

SPK_2 Sim, sim.

SPK_1 E também a **vontade** dos alunos participarem no debate.

SPK_2 Sim, eu entendo essa posição, por exemplo, falando da Doutora Samima, quando fala dos tabus, entendo como sendo a questão de produção do material instrucional então na produção de material instrucional nós temos que ter em conta sempre o contexto, então em alguns contextos aqui do nosso país algumas matérias como por exemplo a sexualidade a menstruação a puberdade, gravidez tem sido em algum momento, tabu então ela como Doutora que dá, ensina como desenhar esse material institucional ele chama a nossa atenção para termos em conta essa questão, cultural né? De cada, de cada região que há tabus que não podem ser mencionados então ela traz isso como tendo em conta os princípios para o desenho de materiais instrucionais é diferente por exemplo dum outro docente até que podia falar, mas acredito que a doutora Samima... ela tem mais competências porque está a falar do material que nós vamos produzir para uma **comunidade**, então essa comunidade tem formas de ser e estar tem seus tabus que tem determinadas coisas que julgam que é tabu então eu vejo esse posicionamento dela nesse sentido, de que nós ao produzirmos materiais instrucional temos que ter em conta a sociedade o contexto e as pessoas com que nós estamos a nos dar.

SPK_1 Como se não, se, se... por exemplo, a um outro docente não cabe falar dessas coisas.

SPK_2 [Riso] Podia falar, talvez seja a questão de, de oportunidade, ou módulo, sim, eu acredito mais por aí, porque como, já, eu vejo mais por aí, porque se também, se um docente tivesse que falar de material instrucional, acredito que também podia em algum momento falar desses tabus, que temos de ter em conta na produção dos textos para aquela, aquela comunidade.

SPK_1 Sim, é é também porque essa questão aqui está ligada também a outra questão que eu observei nas aulas, ou seja a vossa relação com os professores, porque... eu, julgo que às vezes seja até **necessário** ter uma relação... também pode ser leve às vezes, tipo jocosa e tudo isso, com os professores para criar um pouco de intimidade e até despertar um pouco, mais...

SPK_2 De interesse...

SPK_1 ...exatamente, de interesse nos alunos, e... como é que você está posicionado sobre esse assunto aqui? A relação com os vossos professores...

SPK_2 Hum...bem, essa é uma questão afetiva não é? É uma questão afetiva, mas eu vejo que a relação, isto depende do... há professores que são conteúdo, aluno, conteúdo, sim [*riso*] não tem essa parte afetiva cada um é o que ele é né? E nós temos que respeitar como aluno, eu tenho que estar a corresponder com aquilo que ele está a pedir, há outros professores ou professoras atenciosas, mais abertas que abrem espaço para a gente poder falar de mais alguma coisa mas há outros que não abrem esse espaço, passam só o conteúdo... terminou cada um é o que é se calhar está a preservar a integridade **mas** é questão de trabalho, mas seria bom se pudessem abrir-se mais para poder explorar outra parte afetiva e tudo mais que tem a ver com... mas somos diferentes, nós temos que respeitar.

SPK_1 Claro, claro, também porque, eu estava pensando mesmo nesta questão, que tem três elementos, eu acho, que sejam muito importantes na, na sala de aula, ou seja, os professores, a relação dos professores que acabámos de discutir aqui, a sala de aula, eu acho que ter uma só aula- uma só sala pode ser **muito, muito importante** para a convivialidade, a comunidade, para também ter esse sentido de **pertença**, e a relação com os colegas, eu queria mesmo falar sobre a relação com os colegas, você acha que, esta relação tem alguma influência sobre... a sua experiência universitária, sobre a sua... não sei, vida, ou trabalho, ou fora da aula e tudo mais?

SPK_2 Sim, tem, tem uma relação, porque o que é que acontece? Quando eu saio, venho para a universidade, encontro aqui outros colegas, trago também a minha forma de ser e estar de onde eu sou, venho partilhar experiências, isso é muito importante, porque há alguns colegas que são aberto, outros não são aberto, há outros que são mais fáceis, são mais compreensíveis, carrego também a questão dos meus defeitos e qualidades, [*risos*] então, em algum momento isso afeta aquilo que é o aproveitamento, porque se vamos supor, daqui a um trabalho em grupo, se não há consenso sempre teríamos problemas então, como estudante como, dessa universidade claro que essa relação com os colegas sempre vai afetar naquilo que se é um grupo que não há entendimento sempre teremos problemas com, com o docente, porque o docente tem um dia marcado tem trabalho para entregar então nós temos que reunir o consenso, agora se eu tenho problemas de trabalhos em grupo, não sei trabalhar em um grupo, não sei abrir a mão para poder sentar e fazer trabalho sempre teremos problemas com, com o docente, isso acaba afetando aquilo que, porque a experiência universitária, como está a ver o trabalho não são somente individuais, também é trabalhos em, em grupo, então esse trabalho em grupo requer consenso, requer sentar-nos, programar-nos, vir aqui e tudo mais, requer mais alguma coisa, um esforço de mim para poder fazer os trabalhos.

SPK_1 E você acha que os trabalhos de grupo, como mencionou esta... esta modalidade, são úteis para a sua experiência?

SPK_2 Sim, são úteis, são úteis porque quando eu sento consigo ouvir, aprender também do outro colega, há sempre alguma coisa que eu aprendo de... diferentemente se eu estou em casa, em casa sozinho não tenho a quem eu perguntar se tiver uma dúvida digo isso porque às vezes eu também saía de Catembe no final de semana para ir ter com um colega lá... aqui para fazer os trabalhos isso era mais produtivo para mim é diferente de ficar em casa sozinho porque às vezes ia deixar, mas estando com o colega eu sei de que tenho que terminar esse trabalho para ver outra coisa então há sempre uma experiência positiva e sempre, eu faço os trabalhos...

SPK_1 É um facto também de enriquecimento mútuo.

SPK_2 Exatamente, então é, é sempre bom, é sempre bom, sempre a experiência em grupo, é sempre boa, pelo menos tenho boas recordações.

SPK_1 E até essa, essa questão pode ser traduzida também nos debates que vocês fazem, porque eu vi, observei, eu, na verdade, tenho que ser sincero, nem esperava ver quanto vocês tomam seriamente algumas questões e quanto os debates sejam muito sérios às vezes... mas também com respeito por um... um pelo outro, e você acha que essa modalidade aqui de apresentação de um trabalho, ou trabalho de grupo ou trabalho individual, seja o que for, e depois debater, e perguntar, seja... uma modalidade boa aqui na universidade, ou você acha que também deveria ter espaço para aulas expositivas, de noções, só de um professor a falar? Como é, a sua opinião?

SPK_2 Vejo... vejo isso tendo em conta o tipo do professor né? Porque esta forma por exemplo do, de aulas exposição depois debate é o Doutor Chimbutane mas eu percebo que é muito bom, é muito bom

porque quando eu preparo um trabalho para apresentar de uma forma individual quer dizer o quê? Eu aproveito reter mais coisas né? Por exemplo hoje temos, estamos aqui a falar do ensino bilingue falamos da experiência do PEBIMO 1993-97 falamos... falamos de muita coisa mas graças àquilo que nós às vezes preparamos para ver apresentar os colegas isto é quando eu preparo aprendo mais então é sempre, é sempre boa, boa coisa é sempre boa com os... eu até gosto muito porque a pessoa prepara-se melhor para vir também apresentar e debater com os colegas, então, se os colegas também prepararam-se melhor, aí já saímos todos a ganhar, tanto **eu**, assim como ele, depois com as explicações **finais** do Doutor, então nós saímos a ganhar para nós, é diferente, de estar numa aula expositiva, porque às vezes a pessoa nem está ali, mas como tem que apresentar depois debater então eu também, há um sistema de autoenvolvimento na aula também nos, nos conteúdos é uma boa metodologia é uma boa metodologia, porque digo isso? Há outros módulos do primeiro semestre que alguns colegas mesmo descansavam, estavam a dormir por causa de ser aulas expositivas, então se essas são aulas esses aqui de diálogo debate conversa, são aulas, e o **tempo** você não vê a passar, assim, não vê a passar, é diferente de uma aula expositiva, de 16h às 20h é complicado, então é sempre bom **alternar**, sempre bom alternar, e essa modalidade sempre foi boa, gostei porque ajuda também, nós como alunos a nos prepararmos para vir aqui dizer alguma coisa...

SPK_1 Claro, sim, também ao sair da universidade e para quem quer tornar-se, não sei, Doutor e tipo fazer doutoramento, estas coisas aqui são muito, muito importantes e até necessárias, e eu estava... pensando numa questão que agora foge-me sobre... o que é que era? Então, vou fazer, vou fazer primeiro uma outra sobre... você acha que não não não tem diferença de ligação com os seus colegas que são do mestrado de Ensino Bilingue? Não tem assim uma, um... afastamento.

SPK_2 Há alguma diferença quando se trata de especificidades, por exemplo, eu em algum momento pude perceber que, de Educação Bilingue parece que eles não têm a Didática **de Ensino**, eles têm Didática de Línguas mas Didática de Ensino... nós temos Didática de Ensino então aí há... há diferença então em algum momento alguns colegas, dizem que eles nunca deram aulas... então aí já começa a questão como é que vai ensinar uma língua se não aprendeu a Didática de Ensino? Então há uma necessidade de se reajustar aquilo que são os programas do Ensino Bilingue por causa do do... desta componente se um colega diz que “eu nunca dei aulas” mas ele é um bilinguista como é que ele... iria ensinar na sala de aulas? Então há uma necessidade de ajustar pelo menos terem a Didática do Ensino, de Línguas para poder, para poder lecionar... é essa a diferença e de facto é uma grande lacuna porque chega até o nível do mestrado ao nível de licenciatura não teve Didática de Ensino pode haver problemas imaginemos se estivesse na sala de aulas para poder transmitir ensinar uma língua como é que ia ensinar? então a...

SPK_1 Você está a falar só de Didática de Ensino das Línguas ou didática de ensino em geral, tipo pedagogia? Como é que se ensina?

SPK_2 Sim, eles não têm Didática de Ensino de Línguas.

SPK_1 Ok.

SPK_2 Nós aqui do Ensino de Português temos, enquanto em si no mestrado de Ensino Bilingue eles não têm Didática de Ensino.

SPK_1 Só têm tipo...

SPK_2 ...Didática de Línguas nos tópicos, não sei, mas Didática do Ensino não, [SPK_1: Não têm] porque se tivessem estaríamos a fazer juntos... [SPK_1: a mesma coisa] a mesmo módulo, sim.

SPK_1 Ok, isso é muito interessante... queria perguntar também sobre isso, e... agora veio-me à mente a pergunta de antes que era realmente sobre as modalidades de apresentação dos trabalhos, ou seja, os ensaios que os professores deem para apresentar é só o apresentador que lê ou é toda a turma que lê e depois só o apresentador apresenta?

SPK_2 A orientação é que **todos** então, uma vez que o docente disponibiliza aquilo que é o programa, o ideal seria **todos** nós devíamos ler para podermos vir aqui partilhar com o- esse é o ideal tá?

SPK_1 É só porque às vezes parecia que alguns alunos não... não leram...

SPK_2 ...não leram sim sim sim.

SPK_1 ...o trabalho que estava a ser apresentado... é só isso.

SPK_2 Exatamente...isso às vezes dependia porque há dias que cada... cada um tem um autor para apresentar então aí já é diferente mas por exemplo no Ensino Bilingue quando nós sabemos que no dia 18 o programa é este e este, temos obrigação de todos **lermos** aqueles dois textos ali para serem discutidos aqui depois, da apresentação.

SPK_1 E eu agora queria passar por um outro tema, que é a sua sensação o seu, o seu ponto de vista sobre **o seu** papel como aluno aqui dentro da universidade, o que é que você... é e deveria ser **dentro** da universidade, e também qual o tipo de aluno que você queria saísse de aqui?

SPK_2 Hum, tá bom, então vamos começar desta última, então, eu na verdade, eu queria sair como um

aluno que sabe, fazer, por exemplo, as resenhas, as dissertações os ensaios diferentes tipos de ensaio então é esse aluno queria, queria ter esses conhecimentos teóricos e práticos sobre o desenho desse e também o meu papel como aluno eu acredito que o meu papel é de vir aprimorar mais os conhecimentos que eu tenho de licenciatura então, cabe a mim como aluno também me esforçar me dedicar para poder assimilar de... várias formas pelos professores dão lá os textos e cabe a mim também tenho que continuar a **investigar** tenho que chegar em casa e ler aquilo que os docentes mandam para ler, os trabalhos que mandam para fazer, tenho dever também de fazer então, para ser um aluno obediente também tenho que ser sempre, obediente relativamente agora relativamente ao papel da universidade queríamos que, pudesse ajudar um bocadinho mais a outras pessoas porque... em algum momento a forma como aprendi é, é diferente da forma como estão nos ensinar como devemos ensinar a... agora né? Aprendi no contexto poderíamos dizer de guerra e tudo mais, as condições que nós tínhamos é diferente de hoje em dia então cabe a mim saber enquadrar isso também para poder ajudar os demais.

SPK_1 Ok E então, você acha que a universidade está a fazer um bom trabalho com isso, ou não? Ou se deveria fazer mais?

SPK_2 A universidade está a fazer, digo isso porque os professores são, são sérios, digo isso, não faltam e dão trabalhos para serem feitos, exigem e isso é o papel deles, então é o papel deles, então a Universidade como tal está a fazer a sua parte isto é, os professores tão aqui presente quando não há aula sempre avisa há uma comunicação sempre, estão aberto ao comunicar então eu acredito que o papel é mais do que ensinar é isso estarmos abertos então nós na universidade... está a fazer a sua parte também temos... não tenho como não fazer a minha parte... exatamente.

SPK_1 Como é que... além da universidade em níveis mais baixos, no sentido de de, do termo teórico, não é? Então nível secundário, primário, como é que tem ali um número tão alto de desafios, ou seja, desenho de materiais, formação de professores, falta de professores, qual é a diferença? Na sua opinião, entre universidade no sentido do ensino superior e, outros níveis de ensino.

SPK_2 Sim, eu vejo...eu vejo que há diferença, né? A universidade é muito diferente do ensino, podemos dizer ensino geral, conforme vou partir, por exemplo, para a escola onde eu dava as aulas, que ainda estou lá chama-se a escola comercial então nem todos os professores têm a componente psicopedagógica, então quando já na universidade cada docente que leciona ele é especialista ele é doutorado naquela **área** então logicamente nós aprendemos mais porque ele tem mais conhecimento da área... temos dificuldades por exemplo, no desenho de material de instrução por exemplo no ramo mesmo de contabilidade então há problemas nós temos problemas... o desenho de- nós não temos um manual de português para o ensino técnico profissional... não existe, não existe um manual não existe um livro nesse- mas devido à nossa formação somos obrigados a pesquisar então para poder lecionar isso até não é um problema mas seria bom se tivéssemos o material, um livro, para poder ensinar àquelas crianças mas como investigar mas também como Universidade é muito fácil para nós mas tivéssemos um livro é sempre bom então eu vejo esse esse... agora relativamente à formação acredito que não porque a partir de já do daquilo que é ensino médio conforme eu disse pede-se que quem deve lecionar lá deve ser um, um indivíduo da área Isto é eu não posso sair daqui dizer que eu vou dar contabilidade porque não é minha área, então deve ser uma pessoa especializada na área então há esse... nós pensamos que com com essa forma de ser, logicamente há ali mais conhecimento a transmitirmos porque é uma pessoa que conhece a área é uma pessoa que estudou naquela área, tem mais subsídio para poder transmitir às crianças.

SPK_1 Ok, ok, percebi, ok, últimas duas perguntas, eu...[riso] até talvez seja uma mais complicada da outra, eu queria saber, na sua opinião, porque... mesmo sendo não tão perto, não é, próximo da educação bilingue como indivíduo e... queria saber porque, na sua opinião, a educação bilingue não está a ser implementada também no ensino secundário e superior, está a ser só implementada no ensino primário.

SPK_2 Sim, sim, sim, nós já falámos, essas são questões meramente... políticas, políticas e económicas e... sobretudo eu tava a ler hoje até tava a ler o livro do Chambo et al., chama-se o título *O bilinguismo em Moçambique: guia prática* do ano 2020 então falava também sobre essas questões que, a questão do ensino bilingue não é só... nós estamos a ver o ensino bilingue como um programa, uma proposta para ser ensinado, e também tem lá outra componente que é o respeito pela língua, então, nós temos que respeitar a a, as línguas, a partir do momento que nós respeitarmos essas línguas, então **logo** vamos implementar desde a primária, a secundária, até o ensino superior, temos que respeitar, então, é essa questão de respeito e o direito que as pessoas têm de falar as suas próprias línguas, está a ser ignorado porque não está sendo implementado o ensino bilingue desde a... a primária até o ensino superior, então isso também é um bocadinho de falta de respeito com... com as outras línguas, entramos naquela questão de línguas superiores, línguas minoritárias, então tem, tem essa conjuntura, eu julgo que, é mesmo por questão de falta de consideração com as línguas maternas, porquê? Se há respeito com essas línguas o que vai

acontecer? Vai se elaborar programas **consistentes** vai se fazer programas **bons** vão ser **promovidos** e vão ser **incentivados** para que as pessoas possam aprender essas línguas **nas escolas** agora se a gente não tem respeito com outras línguas logicamente, não vamos implementar vamos estar aqui a elaborar programas que no fundo no fundo não... não trazem nada, porque estamos ainda a tentar ensaiar, esse modelo de transição com características de manutenção para o ensino primário **até hoje** então há há há essa questão que fala então que nós devemos ter o respeito e também saber que as pessoas **têm o direito** de falar as suas próprias línguas... logo então a partir desse momento desde a primária até o ensino superior a pessoa vai aprender **como direito** que a pessoa tem e respeito que nós temos com, com as outras línguas, **fora** das componentes políticas e tudo mais, é sobretudo o respeito é o respeito.

SPK_1 Talvez com o trabalho da universidade, será possível alcançar esse nível aqui? Eu sei que a universidade trabalha muito, é muito investida nessas questões, e atua também como um, um, um ator protagonista.

SPK_2 Sim.

SPK_1 Dentro da mudança...

SPK_2 Exato... Então, yá, por acaso estava mesmo a ler sobre isso sobre essa estratégia que é preciso mesmo haver respeito com as línguas então se eu digo que se há respeito com as línguas claramente vão ser ensinada vão ser promovidas sim.

SPK_1 Ok ok e... ok ultimíssima questão que é um pouco complicada no meu ponto de vista eu estava a tentar debruçar-me sobre, sobre a resposta a essa questão e eu acho também muito interessante e muito útil para a minha pesquisa.

SPK_2 Exato.

SPK_1 Queria saber a sua opinião sobre o número de alunos que estão aqui na aula porque eu vi que mesmo... seja do curso de mestrado em Bilinguismo, seja no curso de Didática de Língua Segunda tem ah... poucos alunos do que eu pensava... sim ok... então eu queria saber segundo a tua opinião qual é o motivo dessa, entre aspas...

SPK_2 ...poucos alunos? Sim sim o que acontece, os mais, aqui ao nível de... mestrado são, são pagos né? Nós é que pagamos individualmente, é diferente se fosse uma **bolsa**, então, não são bolsa, e um dos aspetos pode ser os valores, é um dos aspetos, outra coisa... esta universidade é tida como tradicionalista, então, tem regras ainda, diríamos tradicionais, [riso] então, há, há procedimentos que em algum momento, as pessoas não gostam, não gostam... sim então...

SPK_1 Está a falar da burocracia...?

SPK_2 ...da burocracia, da burocracia... então em algum momento isso não... não cativa os alunos mas são retraídos são retraídos então há... há esse pensamento agora não sei se são preferências ou que... porque muita gente prefere direito prefere que é mais direito, medicina... por aí, mas eu vejo... vejo um bocadinho nesse, nesse, nesse aspeto todo mundo quer estudar mas em algum momento também os cursos que estão a ser lecionados por exemplo nós, eu segui porque de facto é a minha área e veja só que há anos que não... que às vezes não corre... [SPK_1: não se forma] não corre o curso por falta dos números, do número que são, são poucos para arrancar o curso aqui no mínimo pedia-se 15, para arrancar o curso no mínimo, pedia-se 15, mas...

SPK_1 ...mas vocês são 10 são 10... no máximo...

SPK_2 Sim, no máximo... então chegamos nem metade, aliás, para nós arrancarmos mesmo assim arrancámos mais uma outra colega ficou pelo caminho então há... há... isso aí é isso aí porque a burocracia...

SPK_1 E mesmo trabalhando não dá para... cobrir bem...

SPK_2 Yá... mesmo trabalhando vai depender por exemplo nós temos aquele sistema de, como é que se chama... o nosso sistema no estado nós recebemos por tabela, por nível então se você é licenciado eu já sei que você recebe de tanto a tanto [SPK_1: Ok...] se você é um técnico médio, eu sei de você recebe de tanto a tanto, se você é um técnico base, eu sei de você recebe de tanto a tanto, então, isso também em algum momento é um desafio, é um desafio para poder... porque temos que estudar, temos que estudar, então, se nós queremos estudar, há outras coisas também que vão ter que parar...[riso] e vão ter que parar, então, há esse... é isso mesmo arriscar é o mesmo arriscar mas estamos aqui número muito pouco, mas muito pouco mesmo.

SPK_1 Ok mas é por isso não é por exemplo na questão de dificuldade do curso?

SPK_2 Hum acredito que não... acredito que não é dificuldade do curso porque... diferentemente, eu penso que a coisa mais difícil foi, foi **licenciatura** hum aqui já... porque aqui já é mais leitura, mais investigação.

SPK_1 E também tem as ferramentas para poder enfrentar as questões...

SPK_2 Exatamente.... então, eu acredito que não, acredito que não, o que talvez podia-se fazer é todos

aqueles que passaram daqui, porque se calhar a universidade, pode ter um banco de dados, sabendo que eles trabalham poder chamar para virem a fazer mestrado, e dar também um espaço de como o pagamento pode ser feito, assim também podia alavancar mais a universidade porque...

SPK_1 ...Ah então tipo oferecer uma espécie de bolsa para... para quem trabalha?

SPK_2 ...sim para quem trabalha vem pagar e tudo- essas facilidades não bolsas como tais, mas facilidades para as pessoas virem estudar é... porque eu estudei, com muitos colegas que são professores então eles estão a dizer que até agora já fizeram o nível de licenciatura eles são, são licenciados... então podem estudar e pagar mas se a universidade não abre o espaço não há promoção não há nova forma de fazer as coisas no século XXI vai ser muito difícil, vai ser porque por exemplo assim para poder concorrer eu tenho que vir para aqui à universidade, enfim é dizer, “epá venha lá aqui... porque tem nossos [incompreensível] tem todo não... podemos promover esses cursos para as pessoas virem...virem estudar”, é por isso que nós somos o número que somos e veja só que nós nesse número que somos **cinco** estamos a fazer mestrado em Ensino de... de Português, Ensino de Português... quatro... devíamos ser 10 nós somos, a mais temos Paula também mas a Paula é de outro curso então há isso aí devia, a universidade deve oferecer... não estamos a dizer que deve dar de borla não... Mas oportunidades para as pessoas poderem estudar, sim.

SPK_1 Até porque alguns alunos podem viver longe daqui para vir...

SPK_2 Sim, sim, sim, sim.

SPK_1 Eles já vir aqui, é um pouco complicado.

SPK_2 Sim, sim, há muita gente que vive longe daqui, muita gente, há muita gente, eu estudei com alguém que venha, vinha de Gaza.

SPK_1 Ah... wow!

SPK_2 Vinha de Gaza mas fazia pós-laboral...sim!

SPK_1 E depois voltava para Gaza?

SPK_2 Pois, às vezes dormia aqui... tá a ver o esforço que essa pessoa fez para poder fazer licenciatura, então há muita gente que vem daqui mas se a pessoa quer, tem vontade e tudo mais as coisas podem... podem acontecer.

SPK_1 Ok ok então já está já está sim sim, e agradeço muitíssimo...

SPK_2 De nada.

SPK_1 ...pelo seu tempo e...pronto e vamos aqui fechar a gravação...

Entrevista D - SPK_1 Vou começar com a gravação aqui, e aqui...primeiramente eu queria falar um pouco sobre a sua trajetória escolar, ou seja, você deve ter feito licenciatura também, não é?

SPK_2 Sim.

SPK_1 E qual foi a matéria do curso de licenciatura?

SPK_2 Minha história é um pouco complicada. *[riso]*

SPK_1 Ok, ok.

SPK_2 Mas, a minha licenciatura foi na Universidade Pedagógica, primeiro... o curso foi Planificação, Administração e Gestão da Educação... concluí as cadeiras em 2010 e por conta de, situação financeira, eu fiquei **quatro anos** sem defender... tinha lá uma lacuna na parte financeira e só em 2014 é que eu consegui fazer... até nem cheguei mais a defender como foi o exame de estado por causa do tempo e e o curso também estava em extinção, até o ano em que eu defendi já haviam dois anos que era só Administração e Gestão de Educação já não era mais Planificação, então defendi, graduei em 2015 e desde 2010 que eu terminei as cadeiras com o certificado de bacharel até eu conseguir o mesmo certificado, não havia porta de emprego, por causa do próprio curso, o curso era mesmo para a área administrativa e não para lecionação... isso foi dificultando **muito** a minha vida, já era casada e não havia portas de emprego, e em 2014, no início de 2014, tive uma oportunidade de dar aulas no, Instituto de Formação de Professores Pré-escola, que para abrir esta instituição foi necessário ter este meu certificado de bacharel, então, fez parte dos certificados que foram usados para essa instituição ser aberta, e a minha trajetória foi essa, depois fiz... Teologia, fiz Teologia e logo em 2010 tive a oportunidade de começar a **dar aulas** mesmo em Teologia, não havia muita exigência como hoje, em termo de psicopedagogia, então, o pouco que eu já trazia da Universidade Pedagógica, ia partilhando e com esta parte teológica, então ia **ganhando experiência** no que diz respeito ao assunto aluno.

SPK_1 À relação com os alunos...

SPK_2 Sim, então entro para dar aulas neste instituto, também fui ganhando um pouco mais de experiência, mas aquele instituto só funcionava aos **sábados**, porque não tinha assim um edifício próprio, então numa das escolas, e funcionava aquilo aos sábados, sábados e não era muito, era aparentemente um divertimento, então, por conta disso, só em 2017 fiz a Psicopedagogia, fiz Psicopedagogia e logo em 2017 comecei a trabalhar numa escola como professora, mas já no terceiro trimestre, quando já me queriam enquadrar como efetiva tive a oportunidade de vir trabalhar aqui nesta escola aqui Maputo International College, então comecei a trabalhar então fui ganhando mais experiência na área de professora de Português... de Português e chegou um tempo que eu queria me interessar pelo mestrado e eu fui a qual é o curso que podia enquadrar para mim porque eu não tinha nenhum, não tinha licenciatura com base no, no ensino, então, para também dar ênfase à profissão que eu já estava inserida, procurei, fui vendo em outras universidades e vi aqui, procurei os cursos, vi que este podia se enquadrar, e dentro...

SPK_1 Coincidia com a sua...

SPK_2 Coincidia pois, porque ali o ensino é Cambridge, eu era professora de Português.

SPK_1 Então ali o ensino é de língua portuguesa como língua estrangeira.

SPK_2 É, sim, é português, mas a maior ênfase é mesmo inglês, eu só era professora de português e sou de português, sou de grade... three até six, então, terceira, quarta, quinta e sexta...

SPK_1 ...sexta classe.

SPK_2 Primeira e segunda classe, não, então isso foi me ajudando e **me enquadrando** já no curso.

SPK_1 E então você acha que os conhecimentos que você está a obter aqui são úteis para, para o seu trabalho?

SPK_2 Sim, infelizmente este ano não estou a trabalhar, mas fui vendo que, mesmo quando estava, que eu estou a fazer apenas esta cadeira aqui, tive uma situação que me impossibilitou a não... aprovar, em 2023, eu sou da turma de 2023.

SPK_1 Ok.

SPK_2 Então mas como ano passado não houve o curso e tinha que esperar esta turma para poder fazer esta cadeira e só esperar porque era mesmo uma lacuna do segundo semestre para eu começar a escrever.

SPK_1 Só falta essa cadeira aqui?

SPK_2 Só falta esse Bilinguismo só.

SPK_1 As outras são já feitas...

SPK_2 As outras já fiz, sim, eu fiz, em 2023 só faltava **esta** cadeira.

SPK_1 E como o ano passado não se formou... por falta de estudantes.

SPK_2 Penso que é falta de estudantes e a outra estava a terminar, a minha turma estava a terminar, então abriu-se só este ano.

SPK_1 Ok, ok.

SPK_2 Até quando vim a tentar pensar que havia de avançar, não era possível que tinha que ir fazer esta cadeira, no dia, na semana que tínhamos que fazer a entrega deste trabalho, era para entregar numa sexta-feira, naquela terça, eu vivia com uma sobrinha que ela fugiu de casa, naquela segu-, fugiu no domingo, procurámos na segunda, terça-feira que tivemos uma pista, fomos recuperar, ela voltou para casa, então, quarta-feira, ela volta a fugir, porque eu já queria lhe levar para a casa dos avós, é órfã de pai, praticamente é a sobrinha do meu marido, então eu tinha o maior peso, então fui-lhe levar, fui-lhe deixar praticamente não, não fui-lhe levar, a quarta-feira e o dia que eu ia-lhe levar, ela voltou a fugir pela segunda vez, então, praticamente ficou sem efeito, a minha mente até tentava fazer o trabalho, mas não havia concentração, só às 18h da quinta-feira é que tivemos uma pista, eu larguei tudo, fui ao encontro, meti no carro... e sem roupa, eu preferi que as roupas viessem depois, fui-lhe levar e fui deixar na casa dos avós onde eu lhe levei para viver comigo.

SPK_1 Ok.

SPK_2 Então, só vim a ter concentração depois acho que já era um zero [horas, NdE] porque foi um dia de muita chuva e andei... pela [Avenida da, NdE] Liberdade.

SPK_1 Claro.

SPK_2 Era bem distante, então aquela meia-noite dia seguinte de manhã tentei fazer e não consegui cumprir com a hora da entrega do trabalho de bilinguismo.

SPK_1 E não, não foi possível adiar...

SPK_2 Mandei, os colegas conseguiram, eu até **tentei, lutei mesmo**, só foi uma coisa de muito pouco tempo.

SPK_1 Nem dava para juntar um dia... acrescentar?

SPK_2 Mandei mensagem, e-mail, aliás, não foi possível, o professor não aceitou e fiquei assim, só isso, foi isso, então tinha que aceitar, nunca me aconteceu isso em toda a minha vida que comecei a estudar, mas tinha que aceitar pôr os pés no chão e voltar à carteira porque desistir não é para mim, passo de dificuldades porque este ano não estou a trabalhar mas preferi voltar porque estou a enfrentar a minha dificuldades mesmo para pagar porque não é metade, **é todo** o valor e no ano em que eu estava a estudar era sete mil [meticais, NdE] agora são... [faz sinal com as mãos]

SPK_1 Nove.

SPK_2 E só estou a fazer uma cadeira, então, com dificuldades, sem trabalho, não é fácil.

SPK_1 Não é fácil mesmo. Ok, ok, e você queria voltar para o ensino, ser professora, depois?

SPK_2 Já tenho muita experiência no ensino, passei... meu marido tentou abrir uma empresa, fiquei como administradora, mas...

SPK_1 Não dava...

SPK_2 Já... Não é fácil, faço bolos também, gosto de fazer bolos aquele pouco que consigo é mesmo para ajudar porque eu já estava habituada trabalhei aqui sete anos quando eles souberam que eu estava a estudar aqui, porque eu antes não tinha carta, não entrava aqui na universidade não sei se conheces este, este colégio?

SPK_1 Ah não.

SPK_2 Vê-se daí.

SPK_1 Ah. Ok.

SPK_2 É o Maputo International College, sim é aqui **em frente** à universidade mesmo, então...

SPK_1 Daria para ir à pé...

SPK_2 Sim eu entrava **aqui mesmo** sim, então eles viam que eu estava a estudar e eles...

SPK_1 Não era permitido?

SPK_2 Não que não era permitido normalmente... um pouco de racismo e estavam a ver que estava a aumentar o estudo e nós não éramos pagos justamente, a mão de obra dali é filipina então para falar português **só nós daqui** [risos] tá entender? Então eu estava a fazer mestrado, o colega que dava o primeiro nível que é level one, também estava a fazer mestrado, então foram criando muitos, muitas, muita coisa que não, não precisava, então vieram-nos com a proposta de ficarmos part-time e diminuir o salário... embora o que ganhávamos nem era a metade dos outros, era muito pouco... nós dissemos “não tem problema, podemos ficar part-time”, então eles disseram “tudo bem nós vamos vos pagar, indenizar... tudo que tem a ver com este contrato tempo inteiro e depois vamos voltar a vós recontratar como part-time” ficou tudo claro e aceitámos... só que na prática já não foi, pagaram-nos chegou o tempo ficámos à espera nunca mais nos chamaram então fomos enganados ao mesmo tempo, ficámos na expectativa de que haviam de nos chamar mas não nos chamaram mais então preferiram uma **outra** mão de obra para realmente pagar muito pouco então tentámos ir aos tribunais e tal, então houve aqui com muita muita burla no meio disso então, às vezes...

SPK_1 Imagino que seja também muito trabalho, muito gasto de energia.

SPK_2 Para nós...

SPK_1 ...para vocês irem ali no tribunal...

SPK_2 Sim, é outra coisa, sim, então foram, em vez de nos pagarem os verdadeiros sete anos, foram-nos pagar só seis anos, porque começámos em 2018 logo em janeiro, então, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, mas eles disseram que “não, é 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24”, mas nós contámos o ano **letivo**, começámos em 18, mas então preferimos, até andarmos em advogados, mas depois não avançámos, avançámos porque ao mesmo tempo havia muita perseguição... não havia um ambiente favorável de trabalho, então vamos lutar para voltar àquele ambiente tóxico, **perseguição mesmo**, o diretor ficava na porta...

SPK_1 Não valia a pena...

SPK_2 Sim, se fosse para voltar, era mesmo para aquele ambiente tóxico, sem trabalho, mas tínhamos que estar- a Covid, trabalhámos todos os dias, em **nenhum** dia eu fiquei em casa no tempo de Covid, trabalhávamos online **ali**, apanhar chapa, sofrer riscos, mas ali, então, é só ver este nível.

SPK_1 E você acha que com... ao acabar este curso aqui, você pode, poderia ter mais oportunidades de trabalho para outras escolas?

SPK_2 Para outro nível, creio muito, é isso mesmo que me **motiva**, sim, é isso mesmo que me motiva, já comecei... parar porquê? Sim, já comecei... parar porquê? Além de.. de... sou uma pessoa que... fui a primeira pessoa a me formar na minha família e tenho um pai batalhador que sempre lutou para pudéssemos nos formar, e eu lutei muito para poder fazer esta licenciatura e... quando eu graduei ele me deu carta de condução, e ele disse, “essa carta é para você continuar os seus estudos” [*emocionada*], tive muitas dificuldades conforme eu falei aqui para trabalhar, foi muito difícil, ter esta oportunidade foi muito bom na minha vida, foi pela primeira vez ter um contrato **sério** e começar a me erguer como pessoa... motivei-me pela última palavra e disse, “eu vou voltar para melhorar”, porque já estávamos a ver que quando começaram aquelas guerras, perseguições, eu tive bebé, engravidei em 2023, só por eu estar grávida, tive até um warning, sim, **sim**, é só para ver o nível, sim, porque uma vez fui encontrada... a sonocar, só por isso eu tive o warning.

SPK_1 Porque você estava ali, trabalhando enquanto grávida.

SPK_2 Sim, sim, então não podia... e ninguém [*riso*] não sei, então as guerras começaram ali, quando eu tive bebé, só fiquei **um mês e meio** por medo de até perder emprego se eu ficasse mais de dois meses, sim, então é esta coisa que fui sacrificando, fui, eu saía de casa às cinco e vivia lá bem longe... então... é mesmo para melhorar, a minha vida, às vezes a minha mente nem está sempre **bem disposta** para estudar mas prefiro-me me concentrar pelo meu futuro, na altura quando eu escolhi aquele curso não tive orientação, não tinha irmão mais velho que me orientasse... é engraçado que só escolhi o curso da **minha amiga** e minha amiga já estava a trabalhar daí eu disse “ah vou escolher esse curso”.

SPK_1 Porque você queria também continuar...?

SPK_2 Porque **não tinha orientação**... na licenciatura, não tive orientação de ninguém, porque **ninguém** tinha esta capacita-, passou por algo semelhante, experiência, algumas das minhas colegas da facul-, da escola pri-, secundária tiveram orientações e logo que terminaram a décima segunda, fizeram a universidade, conseguiram **bons** empregos, então eu tive que ficar 2010 só consegui ter emprego de verdade em 2018... então é só ver, só depois que fiz a Psicopedagogia, quando entendi que **alguém** que me disse foi um diretor até, quando eu queria transferir aquela menina que me fugiu, eu queria sair, levar ela de lá para cá, então eu fui a uma escola perto de casa, é ele que me disse, “não, vai à Universidade Pedagógica fazer Psicopedagogia”, eu disse, “ah, é” logo fui fazer afinal de contas foi aquilo que me veio a ajudar já com o certificado de Psicopedagogia consegui trabalhar... no meio dessas dificuldades.

SPK_1 Hum hum.

SPK_2 Mesmo agora é batalha.

SPK_1 É batalha também, ok, e... [*interrupção*] ok, desculpa... ehm.... ok e, e o objetivo ao sair daqui, de tirar a última cadeira, festejar a sua, a sua dissertação e grau de mestre, você tem um objetivo, ou seja, já falámos do voltar a ensinar, não é? Mas você tem um objetivo específico ou é só voltar a ensinar, tem tipo um nível de ensino que você queria atingir?

SPK_2 Sim na verdade... para que eu... logo que eu terminar desejo realmente já não estar a dar aulas em escolas [SPK_1: Ok] mas em universidades [SPK_1: Ahhh ok], porque aqui não, não se permite que um, um licenciado dê aula de uma universidade, existem institutos, mais oportunidades, e mesmo agora já não me vejo a ser professora de uma escola primária, não que eu não possa.

SPK_1 Claro.

SPK_2 **Posso**, mas existe um nível que eu mesma criei para mim e será mesmo por eu estar apertada como pagar... as propinas e mais, creio que é um tempo determinado, o desejo é voltar.

SPK_1 Então, continuar com o doutoramento e voltar...

SPK_2 Voltar com o doutoramento é mesmo de eu estar **estável** financeiramente, sim, o doutoramento depende muito de eu conseguir oportunidades de um bom emprego ou ter grau de mestrado.

SPK_1 Como é que funciona depois do grau de mestrado passar para o doutoramento? Porque por exemplo na Itália é você apresentar uma... pesquisa, um trabalho de pesquisa e, tipo, participar num, numa, num concurso público na universidade e tirar um dos lugares possíveis no edital, exatamente.

SPK_2 Pois, mesmo para poder fazer este, entrar neste concurso, eu tenho que me garantir que eu vou conseguir custear as despesas do doutoramento, não sei se faço-me perceber.

SPK_1 Sim sim sim...tem que ter um fundo...

SPK_2 Tem que ter um fundo, sim, o meu esposo só o próximo ano é que vai fazer a licenciatura, então estou-lhe a apoiar lá, porque ele esse tempo todo esteve-me apoiando até agora, então o meu desejo é pelo menos lutar, ele também me apoia, “Vamos lutar para terminar o teu mestrado”, então, com o mestrado então esperamos que haja uma outra oportunidade um pouco melhorada... sim.

SPK_1 Ok, ok, e...qual é... neste ponto aqui... como é que o, o facto de você ter só uma cadeira influencia a sua experiência universitária **agora**?

SPK_2 Eu diria que na verdade no primeiro ano, mesmo a cadeira este mesmo Bilinguismo este ano eu me sentia a produzir um pouco mais, não sei se é pelo facto de não estar a trabalhar, embora mesmo em casa não conseguia muito estudar mas... sentia que a minha mente estava um pouco mais aberta para os estudos, já não estava na sala de aulas apenas para ter o... o nível, mas que eu já me inteirava da matéria, por coincidência, nesse meu ser crente, eu faço trad-, sou tradutora na Igreja, português-changana, changana-português.

SPK_1 Porque a sua língua materna é changana?

SPK_2 Porque a minha língua materna é changana, e me encontrei, não sei se pode perceber, me encontrei muito nesta cadeira que eu estava aqui a fazer, eu até dizia para os colegas, “parece que este ano foi muito bom para mim”, e fui-me encontrando, fui entendendo que eu não estou perdida, quando eu iniciei, não sei se é porque estava cansada e tal, mas em algum momento às vezes eu me questionava, “será que não errei naquele tempo?” mas este ano, que eu só vinha fazer esta cadeira, eu ia-me sentindo mais firme e eu disse “não é por acaso que eu estou neste curso”, foi por um, não entendia quando eu fazia, mas Deus creio que me, me encaminhou para eu cá chegar, Bilinguismo me me me...me encontrei nesta cadeira, em particular, cheguei a conversar... e por não ter estudado aqui, nunca ter ouvido de bilingui- bilinguismo, eu já teria ido mesmo para a Educação Bilingue só, não para português como segunda língua, mas é aquela coisa, não ter ninguém para te orientar...

SPK_1 Sim, sim, sim.

SPK_2 Mas me encontrei muito pelo que eu faço, não por dinheiro que é servir a Deus na igreja, já estive em eventos muito grandes lá, a nível **nacional**, a nível da igreja, mas a nível nacional, fazendo trabalho de tradução português para changana, changana-português, e faço com muito amor, e, nesta cadeira fui aperfeiçoando as coisas que o professor Chimbutane não imaginava que estava me dando background para **melhorar** esta área, mesmo no ensaio, fui-me encontrando, aonde eu fui, o trabalho de campo que fiz, fui, fui entendendo que “não, eu estou no lugar certo. Parecia estar a andar às escuras, mas estou no lugar certo”.

SPK_1 E você acha que esta, esta experiência do bilinguismo- bilinguismo pode até levar você pra ensinar num contexto bilingue?

SPK_2 Creio, não tem problemas, eu estou pronta para essas, esses desafios.

SPK_1 Pode ser até monolíngue, seja monolíngue ou bilingue, não tem diferença?

SPK_2 Sim, sim. O professor, assim, o professor Chimbutane, na última aula, ele até chutou algumas escolas que tem ensino bilingue aqui em Moçambique... e eu coloquei no meu coração que eu hei de ir, fui, conversei com o diretor, com, com a única professora que estava lá e aquilo me deixou mais **lá** e mais interessada em me desenvolver um pouco mais, só fui-me despertando ao longo da caminhada, se calhar já no fim, mas eu penso que com, se calhar, o trabalho de dissertação, vou, vou melhorando mais e dando um pouco de mim... sim.

SPK_1 E quanto você acha... quanto a Universidade, a UEM influenciou esta sua visão sobre o seu objetivo de carreira? Falámos que foi também por parte, por uma parte de religião, não é? Da sua crença.

SPK_2 A minha vocação.

SPK_1 Exatamente, a sua vocação, e mas tem ali também uma... uma contribuição da Universidade na sua escolha, nas suas trajetórias de carreira, ou é só pessoal, individual, como... como trilha?

SPK_2 Eu penso que **tem** uma contribuição na medida em que me sinto desafiada, desde o início mesmo, mesmo sem- a gatinhar ou a coxear, eu me sentia desafiada com cada intervenção, nós podemos assistir a

algumas apresentações naquele ano, este ano, não sei se ainda acontecem, e aquilo me colocava em desafio, porque é algo que eu não sabia que existia, então, a Universidade Pedagógica, pela sua-... ehm a Universidade de Eduardo Mondlane, pela sua **exigência, zelo**, pelo ensino, por aperfeiçoar, por **capacitar cientificamente** os seus estudantes, eu penso que há esta contribuição no que concerne a minha vida estudantil, porque me sinto desafiada a dizer, “eu preciso alcançar aquilo que os professores esperam, mesmo com dificuldade”, porque eu não, não não não fiz monografia na minha licenciatura, conforme eu disse com o exame de Estado, e foi depois de muito tempo, lembra que eu falei? Foram quatro anos depois, então foi desafiador para mim voltar à carteira, estudei em tempo recorde, comecei meus estudos e nunca tive problema de, de chumbar e tal, foi... então ter que interromper desde **2010** para voltar à carteira, **13 anos depois**.

SPK_1 É muita coisa.

SPK_2 É muita coisa, sim, foi muito tempo, então ainda estava-me a encontrar lá, por isso que eu disse que **só agora** já está... já está a entrar, sim.

SPK_1 Ok, você pode reparar com a diferença entre a UP e a UEM?

SPK_2 Sim, há uma grande diferença, [*riso*] há outra, uma das diferenças primeiro é pelo curso, o curso lá era baseado na parte administrativa, aqui está ligado ao ensino, que se eu tivesse logo de cedo, conforme eu disse, ter tido orientação para a área do ensino, nem teria ficado muito tempo sem trabalhar, eu estudava com 95% de professores... na hora nem entendia nada, e só eu estava ali para estudar.

SPK_1 Então dá para encontrar trabalho como professora ao ter uma licenciatura? Dá para...

SPK_2 Sim, sim, sim...

SPK_1 ...possibilidades mesmo.

SPK_2 Sim, sim, no ensino.

SPK_1 No ensino tem muitos lugares...?

SPK_2 Tem muito disso, tem muitos lugares, então, e eles estavam, tinham feito a formação de professores, então, eu nem depois da minha décima segunda, não tive orientação para esta área de formação de professores, porque eu fiquei um ano em casa a preparar-me para os exames de admissão, então, se calhar naquele ano, se eu tivesse-me enquadrado, porque **não tinha ninguém**, fui a primeira a fazer a 12^a, e fui a primeira a fazer ensino superior na minha família, **com irmãos mais velhos**, mas parece que eu corria um pouquinho mais, então, esta dificuldade que eu tive de falta de orientação me prejudicou, me prejudicou, como aqui disse, não é? Prejudicou-me porque não tive emprego na hora, mas dizem que em tudo há um, algo a retirar, uma lição.

SPK_1 E voltando para a diferença entre a UP e a UEM, além de, da natureza dos cursos, falando também com outros e observando as aulas, eu vi que não há um número de estudantes muito alto, como já mencionámos, não é? Eu queria entender porque há essa falta, entre aspas, de estudantes, do número de estudantes, e, por exemplo, no Bilinguismo são três, não é? E, na outra parte, é tipo sete ou oito... e, eu queria entender se é, por acaso, uma questão económica, uma questão de dificuldade do curso, uma questão, sei lá...

SPK_2 Ok, no meu entender... esta é a primeira parte, económica, a segunda parte vem, vem responder à falta de oportunidades, porque diz-se que o nosso país não tem a ba-, a vale- ou não tem um salário para um mestre... então muitos dos que se calhar até formei-me com eles, encontrei-me uma que até dizia “Não vou fazer mestrado. Vou fazer mestrado para quê?” porque aqui não se paga um mestre, tá a entender? Muitos dos que fazem é mais por aumentar...

SPK_1 ...a sua capacitação.

SPK_2 Não é? a sua capacitação.

SPK_1 Porque ao nível de salário, de ganho, não há diferença entre um licenciado e um mestre?

SPK_2 Não há, não há, não há um cabimento orçamental, pelo que eu saiba, principalmente **principalmente nesta área**, um exemplo, Filipe, quando eu entendi que possivelmente não haviam de me chamar aqui... eu imprimir muitos currículos, mas eu cometi um erro, sabes qual foi? Fui escrever que eu sou **mestranda**, eu disse mestranda, ensino de português, eu meti o meu currículo na Willow [International School, NdE], muitas escolas de currículo internacional que ao ver meu currículo podiam ter, mas eu só fui despertar depois acho que passado os quatro meses eu disse “eu preciso remover esta” porque foi susto, foi um susto “**ex-mestranda?**” não não vale a pena então tive que remover agora começar de novo a bater portas, sim, para mim, na verdade, é mais para dar continuidade aos meus estudos, o estar a procurar por essas escolas, porque eu sei que depois do nível de mestre, já ter outras oportunidades... sem... se calhar nesses institutos, que agora são tantos institutos, eu já tenho muitas oportunidades.

SPK_1 Então a universidade não tem essa garantia de, de oportunidades **depois**...

SPK_2 Sim, sim, sim, o nosso país em si, a universidade, creio que, já, para os professores fazem

doutoramento.

SPK_1 Se tivesse sido também na UP, tirar mestrado, seria a mesma coisa?

SPK_2 Seria a mesma coisa, não tem nada a ver com a universidade, aqui, não, não, não.

SPK_1 Ok, ok.

SPK_2 Sim, sim, esses colegas que eu me referi que fiz com eles a licenciatura, que já eram professores, **não têm interesse** em fazer mestrado, não têm interesse nenhum...

SPK_1 É uma questão mais pessoal?

SPK_2 Sim, não tem nada a ver, é interesse de, de “nada vai me valer, só vou gastar e, e nada vai acontecer nesta área aqui”. Sim, é nesse sentido.

SPK_1 Ok. E, vale a mesma coisa também para o doutoramento ou o doutoramento é outra coisa, outra questão? Na sua opinião?

SPK_2 Na minha opinião, eu penso que não, [SPK_1: É outra coisa], é outra coisa, é um outro nível de que para fazer doutoramento tenho que fazer mestrado, então, eu tendo oportunidade e eu sinto que a minha mente ainda não está bloqueada, embora tenha muitas atividades, se tiver oportunidade e estiver economicamente preparada, eu penso que posso entrar, que o mundo está num dinamismo e precisamos de responder.

SPK_1 Ok, ok, passando para outra, outro tema que está ligado ligeiramente com essa questão aqui, sendo que você só... tira essa cadeira aqui de Bilinguismo, não é? De tópicos de bilinguismo... de teoria prática de bilinguismo, este facto aqui influenciou em alguma coisa, em qualquer maneira, a sua relação com professores, primeiramente e colegas depois? [SPK_2: se...influenciou...] Quer dizer, se a sua experiência de faltar um ano, começar em 2023 e voltar depois de um ano e meio fazendo só uma cadeira, influenciou a sua relação com os professores [SPK_2: da universidade], da universidade...

SPK_2 Não, em nenhum momento.

SPK_1 Ok.

SPK_2 Graças a Deus, em nenhum momento.

SPK_1 E com os colegas?

SPK_2 Também não.

SPK_1 Desta turma aqui.

SPK_2 Não, por acaso, foi uma boa relação, e me receberam e por acaso admirei a forma como eles estão **muito** enquadrados, **se esforçam** vamos assim dizer... não, em nada, em nada.

SPK_1 Porque também falando com outros... reparámos que os três elementos fundamentais de uma, de um curso podem ser os professores, os alunos, os colegas e a sala de aula, porque eu acho também que, sendo que a sala de aula é única para todo o curso.

SPK_2 Para todos nós... mesmo quando eu, na minha turma anterior, era uma...

SPK_1 Era esta?

SPK_2 Não era aqui, era do outro lado.

SPK_1 Mas era uma só.

SPK_2 Mas era uma só, sim.

SPK_1 Para criar convivialidade.

SPK_2 Era uma só.

SPK_1 Ok, e queria saber na sua opinião duas- dois elementos principais, ou seja, o papel da universidade em formar os mestrandos, quer dizer..., qual, na sua opinião, é a visão da universidade, do nível do alcance que os estudantes têm que ter ao saírem da universidade, qual é o aluno ideal que deve sair da universidade? E, essa é uma primeira questão, e qual é a sua opinião? Qual é a aluna que você quer que saia daqui da universidade? [SPK_2: São duas questões?] sim sim sim.

SPK_2 A expectativa da universidade...

SPK_1 Exatamente, e a sua expectativa.

SPK_2 E a minha expectativa, eu penso que a expectativa da universidade é formar pessoas capazes de desenvolver uma mente científica capaz de poder... expor aquilo que são as suas análises científicas, as suas pesquisas, esta capacidade de poder também saber falar a oralidade... eu vim aprender muita coisa aqui em pouco tempo, mas que eu não vou deixar de dizer que me arrependo, porque é que eu não fiz a licenciatura aqui? Me vem às vezes, “porque é que eu não fiz aqui a licenciatura mais jovem?” Então, eu sinto que há uma ligeira diferença, quando diz-se que alguém formou-se na Universidade Eduardo Mondlane e diz-se que a pessoa formou-se na Eduardo- na Universidade Pedagógica, a forma de olhar para esses dois indivíduos é diferente, sim, porque se tem a Universidade Eduardo Mondlane como uma universidade **modelo**, que forma realmente indivíduos, já, capazes de poderem se **expressar**, já... mais ou menos isso, ok, então, o que é que eu espero de mim? [risos]

SPK_1 Sim, sim, exatamente.

SPK_2 Na verdade, eu espero um pouco mais de mim, que até então eu digo que seria bom se isso ainda fosse o primeiro ano, creio que a minha mente estaria um pouquinho mais aberta, mais pronta para aprender, mais pronta para enfrentar esses desafios, [interrupção]... então, mais ou menos desse jeito, eu espero a minha mente ficar mais aberta e desenvolver mais, sim yá... fiquei esse tempo todo sem estudar, e, de certa forma... baixei um pouquinho, a minha mente já não está mais fértil como quando fiz a licenciatura, então, estou aqui no [incompreensível], sim, a minha idade não sou muito... velha, vamos assim dizer, mas também já não sou muito nova, mas que eu exijo de mim ou **cobro** de mim que eu **preciso** dar um pouco mais de mim para os estudos, agora sou mãe de três filhos e ainda tenho um bebê pequeno, só para sentar ao computador eles têm que estar a dormir, para eu poder sentar, porque ele também quer teclar, então são desafios que eu enfrento, mas que eu digo “tenho que vencer”.

SPK_1 E a universidade no plano teórico, não prático está a ajudar nessa sua, vontade de...

SPK_2 Sim, pelas exigências da universidade está a ajudar, se fosse, se calhar tivéssemos docentes menos exigentes, eu creio que não havia de sentir-me desafiada, são desafios que valem a pena, olho para amanhã e vejo que neste ritmo eu posso melhorar o meu eu, amanhã.

SPK_1 Então é bom ter professores um pouco mais...

SPK_2 Mais exigentes...

SPK_1 ...e sérios...

SPK_2 E sérios, acima de tudo **sérios**, sim, eu já tinha o trabalho, enviei para o professor... o professor Chimbutane, mas ele disse “não, já passou da hora”, eu podia, se calhar, ter-me chateado, sim, mas eu entendi, é o trabalho dele.

SPK_1 Ok.

SPK_2 Sim.

SPK_1 Então, na sua posição, você teria feito a mesma coisa?

SPK_2 Se calhar, logicamente, não [riso].

SPK_1 Claro, mas sendo uma outra pessoa.

SPK_2 Sendo uma outra pessoa e na justificação que dei, praticamente era uma filha que tinha-se perdido, fiz um jornal a explicar, mas eu entendi, é o trabalho dele, é a forma dele, então tem que **respeitar** as pessoas, então foi que me veio a mente, respeitar.

SPK_1 Respeitar, e também, por outro lado, ou seja, eu respeito a ti, você me respeita.

SPK_2 Sim, respeita.

SPK_1 Uma troca de respeito.

SPK_2 Sim.

SPK_1 Ok, ok, bom, eu queria só fazer uma perguntinha mais... ah, falámos da falta de estudantes... ok, você acha que a modalidade de ensino da universidade... é... pode ser comparada com uma espécie de paradigma ou sistema de educação **importado**? Vou-me explicar melhor, falámos numas aulas dessas sobre o sistema de ensino importado pelos ocidentais aqui, não é? Ao longo da colonização, da estadia dos portugueses aqui, mas queria saber se tem a possibilidade de o modelo, o sistema mudar pra um modelo moçambicano, só ou pan-africano, que seja, ou não tem a possibilidade por... o sistema ser funcional, ou frágil, ou fraco... ou tem, tem a possibilidade de se mudar alguma coisa no sistema **universitário** também, mas em geral da escola moçambicana... ou se está bem assim e... pronto.

SPK_2 Eu penso que, eu diria que estamos numa espécie de um progresso... a forma como eu estudei na altura, é diferente eu comentava com uma amiga que ela colocou um vídeo em que davam exemplo de como calcular a raiz quadrada e vinha ali raiz quadrada creio eu que de 35... então nessa raiz quadrada vinha, é só levar o três e o cinco, colocar o mais ali no meio e depois fazer menos, a raiz se é cúbica, se é o quadrado e fazer menos e sai o resultado, então são coisas que já estão a ser **simplificadas** por causa do desenvolvimento da **tecnologia**, então... penso que estamos a nos esforçar para responder ao desenvolvimento científico que vai acontecendo a nível global, e não tem como dizer que a universidade está a ser um pouco mais exigente, está a tentar responder e correr atrás do desenvolvimento global... e já fazer um esforço, agora é comum ouvir que que os nossos filhos, nossos sobrinhos, agora está a ser comum nesta semana, ouvi que soube de duas crianças que estão, uma está a estudar na China, outra está a estudar em Portugal, então os pais estão na busca deste desenvolvimento ou, ou munir os seus filhos de mais conhecimentos, cada um com as suas possibilidades, então, enquanto nós vamos recebendo dos que estão a receber, outros vão à fonte [riso].

SPK_1 Você acha que a universidade tem a ver com isso? Ou seja, formar futuros professores que podem mudar a situação.

SPK_2 Está a... eu penso em Universidade Eduardo Mondlane, sim, eu vi aqui alguém, outro dia, um

outro que foi o colega da minha irmã, é docente, ele já fez o mestrado, mas foi o colega da minha irmã **mais nova**.

SPK_1 Ok.

SPK_2 Sim, eu penso que a universidade está a [*incompreensível*] esses esforços, está a fazer, um dos meus colegas do ano passado era assistente dos docentes, eu penso que está a formar pessoas capazes de saber pensar.

SPK_1 Ok, ultimíssima questão, e depois vou lhe... livrar...ok... gostaria de ter feito algo diferente dentro do curso do professor... aqui ou achas- acha que o nível de conhecimentos foi tratado de uma forma boa e exaustiva? Não sei, faltava algo?

SPK_2 Eu penso que não, não tenho o porquê de dizer que faltava algo, para mim, o ensino em particular de bilingue é algo novo, e penso que mesmo na nossa realidade moçambicana é algo novo, contudo, esta capacidade que nos foi dada de poder saber discutir essas discussões foi algo muito interessante para mim, aprendi muito aqui, espero ainda aprender, por isso que digo que **quem dera** se fosse o primeiro, porque a minha mente está um pouquinho mais, parece que houve uma gaveta um pouco mais aberta para voltar a saber pensar, cientificamente, tem muita coisa na minha cabeça, mas eu agradeço pela oportunidade de poder aprender... dizer que esperava um pouco mais, é porque eu ainda quero aprender [*riso*] se calhar isso um dia me leve a fazer o doutoramento, querer aprender, mas eu penso que o professor ensinou-nos, desafiou-nos, um dos... um dos requisitos para concorrer era ter noções de inglês, e eu não tenho muitas, tenho primeiro e segundo nível de inglês, não tenho muito, então tinha que sempre recorrer às traduções, nos textos, foi desafiador, mas foi bom para mim, desafiou-me e colocou-me...

SPK_1 Você confia na educação contínua? Na capacitação contínua... não só inicial?

SPK_2 Pois, pois, pois, não sou inicial, depois tudo esqueço, sim, sim, eu tenho que ser contínua, eu me formei ao mesmo tempo em Teologia e fiz a licenciatura ao mesmo tempo e comecei a dar aulas, então dei aulas até dois mil e... vamos lá, 19, 20, 21 em Teologia, e parei, porque queria dar oportunidade ao meu esposo também fazer a Teologia, então ele fez, terminou, ele já está a fazer o superior de Teologia, eu ainda não fiz, então, há quando me sinto oca nesta área, mas até fui professora, mas porque não dei continuidade, estava à espera que ele terminasse, eu também terminar o mestrado, então estamos a fazer assim coisas [*riso*] então, é um exemplo isto, porque acreditamos que realmente o ser humano morre aprendendo... morre aprendendo.

SPK_1 Muito bem, prontos, era isso, agradeço muitíssimo pelo seu tempo, sua disponibilidade, foi uma conversa muito interessante, deixe só parar com a [gravação, NdE].

Entrevista E – SPK_1 Ok... na verdade, eu queria realmente começar por essa questão aqui de, de entender um pouco mais sobre a relação, entre o curso de mestrado em Bilinguismo e o curso de mestrado em Didática de Língua Segunda, ou seja, tem alguma ligação além da presença, digamos assim, dos estudantes nos dois cursos... nas aulas que estão a ser lecionadas ao nível, um pouco mais... sim teórico...

SPK_2 Já... eles têm muitos elementos em comum acho que o primeiro elemento é que os dois cursos se inserem no contexto multilíngue de Moçambique e não só e... o primeiro curso de ensino bilingue e bilinguismo procura analisar ou preparar os, os estudantes para serem capazes de analisar, por um lado, a situação de multilinguismo, bilinguismo em Moçambique, sob vários aspetos... político, ideológico e também educativo e também focalizar nesta questão do ensino bilingue que é **uma** das modalidades oferecidas em Moçambique, então eles têm que ser capazes de não só analisar as políticas e as práticas de implementação do ensino bilingue em Moçambique como também de ter algumas ferramentas para serem eles próprios implementadores e gestores do ensino bilingue... então, o ensino de português como língua segunda, mais uma vez está aí o termo, como língua segunda, também está neste contexto de que a maior parte dos alunos, deste país que aprendem o português é falante de uma língua bantu, então, o português neste país é **tipicamente** uma língua segunda, apesar de termos cerca de 17% de moçambicanos com português como língua materna, mas a maior parte, sobretudo nas zonas rurais, tem português como língua segunda, Então, **quem** ensina português neste país tem que ter conhecimento sobre o bilinguismo, tem que ter conhecimento sobre aquilo que se faz no ensino **bilingue** também, então daí que em algum momento estudantes do ensino bilingue como o mestrado, por um mestrado como o outro estão juntos, que tem algumas disciplinas que são comuns, como bilinguismo, bilinguismo e educação bilingue, sobretudo e que são comuns para cada um deles.

SPK_1 Ok, mas seguindo esta linha aqui, vem-me à mente rapidamente uma questão sobre o porquê, então, se todos devem ter uma, uma noção do bilinguismo e educação bilingue, como é que no sistema nacional de educação, não é... integralmente bilingue? Tem essa diferença aqui entre monolinguismo e bilinguismo **na educação**?

SPK_2 Já...esta é uma questão histórica... tem a ver, por um lado, com a importância que é dada à língua portuguesa neste país, uma língua de **mobilidade social**, a língua de **prestígio** então durante muito tempo mesmo sabendo que a maior parte das crianças não sabe falar português quando entra para a escola, impôs-se o ensino monolíngue, por causa desses fatores e também o português **politicamente** neste país foi definido como língua da unidade nacional... então, tem um carácter **ideológico**, então a ideia é que, **em vez** de a escola se preocupar em citar as línguas locais, devia preocupar-se em ensinar, divulgar a língua portuguesa, como a língua da unidade nacional, a língua que era considerada o veículo para a construção da nação moçambicana... então, isso tudo era em **detrimento** da oportunidade de aprendizagem da maior parte das crianças, mas discussões quer ao nível da educação quer ao nível da academia e ao nível social, mostraram que era importante introduzir-se o outro ensino bilingue... mas, porque é uma questão **ainda** controversa por causa desse valor do português que é transportado do tempo colonial mas foi perpetuado depois da independência...muitos pais sobretudo nas zonas urbanas **ainda** não aceitam que as suas crianças tenham uma educação inicial em português- na sua língua materna local **mesmo** sabendo que elas não conhecem português então a ideia é que aprendendo em português é a via mais fácil de de adquirir português e também para... ter sucesso na vida.

SPK_1 Ter sucesso na vida, e tem ali algumas motivações que estão ligadas também ao porquê o bilinguismo, a educação bilingue não está sendo implementada também no secundário, no superior?

SPK_2 Sim, o primeiro fator que é colocado é, tem a ver com a própria implementação de ensino bilingue de forma geral, então, como vê, a opção agora é apenas implementar nas zonas **rurais**, basicamente, há algumas escolas urbanas mas por causa do **nível** do multilinguismo nas urbes considera-se que é difícil, é um desafio implementar nas zonas urbanas então basicamente funciona nas zonas suburbanas, nas zonas rurais que são consideradas entre as zonas linguisticamente homogêneas onde a maior parte das crianças fala uma língua local, português como língua segunda, então, porque é que não passam para o ensino secundário? Por um lado, a justificação **oficial** é que não há ainda a capacidade de se ter professores para ensinar essas línguas à dimensão nacional, mas esta é uma desculpa, porque nunca se fez nenhum esforço, então não há, mas nunca se planificou, o segundo fator tem a ver com a a a a ideia de que a um nível secundário e superior, é importante investir em línguas estrangeiras, como francês, inglês, do que investir em línguas locais, por causa da abertura para **o mundo**, diz-se, então, este é o segundo fator, então, as línguas locais são mais uma vez relegadas para o segundo plano, note que, no currículo que estava em vigor até 2023... 2018, previa-se que se ensinasse as línguas locais no ensino secundário mas nunca aconteceu portanto estava lá mas nunca foram criadas as condições para isso acontecer então é ideológico basicamente.

SPK_1 Basicamente ideológico, ok ok e, e qual é que foi o esforço da Universidade da UEM dentro da atuação de algumas políticas linguísticas sobre o bilinguismo?

SPK_2 Já, a UEM tem sido **chave** na implementação do ensino bilingue neste país e na promoção do multilinguismo e das línguas bantu... a primeira, a primeira instituição que colocou a hipótese de haver o ensino das línguas locais foi a UEM... quando em 1988 se realizou o primeiro seminário de padronização, então a ideia era ok diz-se que as línguas locais não podem ser usadas porque não estão padronizadas então a UEM que fez? padronizou e **influenciou** o INDE Instituto Nacional de Desenvolvimento e Educação **para experimentar** a implementação do primeiro, das primeiras experiências pilotos de educação...

SPK_1 Através do PEBIMO...

SPK_2 ...então quem, quem **orientou** até quais eram os consultores eram consultores da Universidade Eduardo Mondlane então aquele 1988 como primeiro seminário foi **crucial** depois disso foi uma sequência de acontecimentos e até hoje, até há pouco tempo, **nem a UP, nem nenhuma organização** ou universidade apoiava o ensino bilingue, era tudo Universidade Eduardo Mondlane, até a UP **nem acreditava** no ensino bilingue, ao nível superior e até os docentes, mas agora já tem até cursos de ensino bilingue na, na UP.

SPK_1 Ok, então, a UEM influenciou um pouco a situação aqui na cidade.

SPK_2 Já... desenvolvido por docentes que foram alunos aqui da universidade.

SPK_1 De aqui...ok, ok, e uma, uma curiosidade, como é que o professor tornou-se professor de educação bilingue, ou professor dentro da universidade, aqui? Qual foi uma, a trajetória mais ou menos? Trajetória, sim, sim.

SPK_2 Primeiro foi professor secundário de português, então mas quando fui fazer... quando era um professor do secundário tinha apenas o nível de bacharelato.

SPK_1 Ok o professor se formou aqui?

SPK_2 Sim, formei-me aqui, mas depois fui para lá fora dar aulas ensino pré-universitário, português então houve necessidade de voltar à universidade para completar a licenciatura, então quando completei a licenciatura eu fui o **melhor** estudante... então desde trabalhei como monitor, depois trabalhei como assistente e quando acabei a minha licenciatura fui selecionado para integrar o corpo docente aqui na universidade.

SPK_1 E as disciplinas de educação bilingue, seja no, na licenciatura, seja no mestrado, quando é que foram instituídas?

SPK_2 No tempo em que eu estava aqui, não tínhamos disciplinas de Educação Bilingue e Didática [*incompreensível*], mas tínhamos Linguística Descritiva das Línguas Bantu, tínhamos Linguística Comparativa e também tínhamos Sociolinguística que **tinham** elementos que tratavam do multilinguismo, multilinguismo na educação, políticas linguísticas, etc. então, **só** foi quando nós criamos..., a Universidade criou o curso de de Ensino das Línguas Bantu, é que começámos a ter o Ensino **das Línguas Bantu**, formar técnicos para trabalhar no ensino bilingue, e depois, mais tarde, nós criámos o curso de mestrado em Educação Bilingue e... Bilinguismo e Educação Bilingue.

SPK_1 E o professor acha que as modalidades de ensino-aprendizagem mudaram muito, ao longo dos anos de mudança, digamos assim, dos cursos, que é em primeiro lugar eram só de... não sei pequenas disciplinas e que agora tornaram-se cursos e cursos de mestrado?

SPK_2 Sem dúvida, sem dúvida, porque agora tem mais **foco**, não é? Antes eram apenas conteúdos dentro das disciplinas, mas agora são cursos inteiros, então há maior foco, maior espaço, maior tempo para abordar questões de multilinguismo e educação bilingue do que tínhamos antes, as pessoas estão mais focalizadas, e também sendo disciplina- ehm, curso de especialidade, mestrado, a nível de mestrado e também de doutoramento, então o foco é maior.

SPK_1 Ok, e o professor acha que ter um semestre só para falar de assuntos tão importantes como educação bilingue é bastante ou deveria ser mais?

SPK_2 Devíamos ter se calhar mais mas eu penso que ao nível do Mestrado um semestre sobre bilinguismo um semestre sobre educação bilingue podem ser suficiente porque depois tem um semestre que fala de **tópicos**, então tem três disciplinas um é bilinguismo outro é educação bilingue o outro é **tópicos** de bilinguismo e educação bilingue então tem três cadeiras que tratam disso e também a orientação geral é que das outras disciplinas também é preciso focar esses aspetos então temos por exemplo a produção de materiais escolares também que entra a componente de produção de materiais **para** o ensino bilingue então também quando falam de disciplinas de ensino de português como L2 então também tá vendo entram aspetos do bilinguismo portanto, então como um conjunto tudo isso achamos que confere aos estudantes conhecimentos e habilidades para trabalharem na... no bilinguismo e educação bilingue.

SPK_1 E o professor estava a mencionar os tre- as três cadeiras digamos assim de educação bilingue mas

as primeiras duas são lecionadas no primeiro semestre e a terceira é no segundo?

SPK_2 **Uma** é ensinada no primeiro semestre, a outra é ensinada no segundo semestre, as outras duas.

SPK_1 As outras duas no segundo semestre, ok, muito bem, o professor estava a falar um pouco sobre os conhecimentos dos alunos e, e tudo mais, sobre a educação bilingue, você acha que o nível de conhecimento dos seus alunos **neste ano aqui** é bastante, é...foi bem desenvolvido, foi bem alcançado?

SPK_2 Acho que, de forma geral sim mas nós temos notado que de alguns anos para cá, o nível de entrada dos nossos alunos é um pouco baixo do que aquilo que nós tínhamos antes... como consequência disso também os seus níveis de absorção das matérias e também de, de utilização dessas matérias é relativamente fraco... então é por isso que porque nós estamos a trabalhar com, com estudantes que são trabalhadores, não sei quantos, então é por isso que agora nós estamos a considerar ter um curso diurno para **jovens** então esperamos que esses jovens tenham mais tempo para se dedicarem ao curso e possam ter maior absorção do que muitos dos estudantes aqui, que é parcial, também antes nós temos **muitos** estudantes que eram **da área** né? Eram professores do ensino bilingue ou era formadores de professores também técnicos do INDE, técnicos... agora muitos desses estão formados então estamos a ter os professores primários, já não é a mesma massa de ingressos que nós estamos a ter.

SPK_1 Também essa, essa questão que eu queria abordar a questão da falta de estudantes porque eu sei que o ano passado o curso não se criou não é?

SPK_2 Já... mas a falta de estudantes é um pouco relativa como nós dissemos não é? Porque, porque estes cursos são tipo pós-laboral e é mais ou menos destinado a trabalhadores mas temos **muitos** estudantes talentosos que terminam a licenciatura e poderiam entrar para os cursos de mestrado e doutoramento nessa universidade, então é por isso que percebendo esta questão de poucas candidaturas neste curso, como está a ser oferecido para trabalhadores nós queremos abrir para o curso diurno com propinas mais baixas mais simbólicas do que estas que estamos a praticar agora.

SPK_1 Ok, ok, e sobre essa questão dos alunos, sendo que a turma desses cursos aqui é juntada, não é? Entre bilinguismo e educação, e... português como língua segunda, tem alguma diferença, diferença entre os alunos dos dois cursos a nível de conhecimentos, de habilidades, de algo assim? Ou são no mesmo nível, mais ou menos.

SPK_2 As turmas são juntas, no primeiro semestre tem muitas disciplinas que são juntas, mas no segundo semestre há momentos em que estão separados, de acordo com a especialidade, do modo geral, nós também esperávamos que houvesse diferenças nas disciplinas que são comuns entre eles, ter, por exemplo, quem está a fazer mestrado em bilinguismo, educação em bilinguismo, ser mais **hábil** do que aquele que está a fazer ensino de português como língua segunda, né? Mas o que se vê é que não é necessariamente isso... naquelas disciplinas que eles estão em comum... não há diferenças do ponto de vista das habilidades e até em alguns casos mesmo nesta turma alguns estão a fazer ensino de português com língua segunda que tem melhor desempenho a bilinguismo, educação bilingue do que que eles **estão** a fazer aquele curso então isso aí é... é variável.

SPK_1 Ok e e você acha isto porque os que estão a fazer português como língua segunda já estão no mundo do trabalho de ensino? Ou tem uma, não tem uma motivação... certa?

SPK_2 Não, acho que é uma questão deste ano em particular, nos outros anos não.... [SPK_1: É uma coisa aleatória] Uma coisa aleatória, acho que não tem um fator comum que possa ser denominador comum.

SPK_1 Ok, ok, e qual é que seria o... na sua opinião, o papel do professor universitário dentro do curso de mestrado, de um curso de mestrado, especificamente também do curso de mestrado de ensino bilingue e educação bilingue?

SPK_2 O que nós estamos a tentar fazer é o docente ser um facilitador, mais do que ser um transmissor de conhecimento, se você acompanhou as minhas aulas, por exemplo... nós colocamos os estudantes, são eles que **preparam as leituras**, fazem **as sínteses**, são eles que orientam o debate e **cabe-me**, muitas vezes, o papel de, no fim, aprofundar aquilo que eles podem não ter explorado de forma adequada, **dar** uma ideia do **conjunto**, não só das leituras do dia, como também **ligando** com as matérias anteriores então basicamente... o docente deve ser um **orientador** porque estamos ao nível de pós-graduação, então não é **transmissão** de conhecimento tanto que tal mas ajudar o aluno a encontrar a forma de ele aprender então é esta abordagem que temos estado a desenvolver.

SPK_1 Ok ok só porque eu estava a me perguntar qual é a balança entre um ensino ativo, ou seja, o que o professor está a dar, eu aproveitei muito das suas aulas, para observar o nível também de **seriedade** que os estudantes têm em alguns, em alguns temas e, mas estava-me também perguntando sobre a importância, do... de uma aula que podemos chamar de expositiva, qual é o nível, qual é a balança entre uma aula expositiva e uma aula em que a, a turma é autogerida, basicamente?

SPK_2 Já... acho que depende da natureza das disciplinas, porque há disciplinas como, por exemplo,

aquelas de... introdutórias, de métodos, de investigação que damos no primeiro semestre, também a minha intervenção na disciplina de bilinguismo era **maior** do que na disciplina de educação bilingue exatamente porque a disciplina de bilinguismo tem muitos conceitos que tem a ver com psicologia tem a ver com as políticas linguísticas então aí o professor tem que ser mais expositivo mas numa disciplina como educação bilingue é por isso que nós chamamos que ela é **prática**, mais prática, então era no sentido de que **eles** é que procuram a informação, **nós** orientamos para os textos que são os cruciais e no fim fazemos esta...este balanço, mas **dentro** do conjunto do curso, há algumas disciplinas que são mais expositivas do que as nossas, então, acho que varia da disciplina também, o **nível** dos estudantes.

SPK_1 Falando de conhecimentos **práticos**... tem na universidade a oportunidade de fazer tipo estágios?

SPK_2 Já, esse é um aspeto que, lembre-se que nós dissemos por exemplo no nosso caso, nós devíamos ter visitado para a **minha disciplina**, devíamos ter visitado duas escolas de educação bilingue alguns anos nós conseguimos fazer isso mas este ano não foi possível, porque este ano foi um ano **atípico** não sei se acompanhaste o início deste ano com as manifestações que surgiram, então muitas escolas, muitas direções tiveram fechadas para si próprias e não era fácil conseguir autorizações deste ano infelizmente nós não conseguimos mas, em cursos anteriores, nós conseguimos estágios, incluindo estágios no exterior, fizemos um curso de ensino de português, por exemplo, que tínhamos em cooperação com a Universidade de Coimbra, Universidade de Lisboa, então há alguns estudantes que foram para Coimbra, para Lisboa, para... já... mas agora os fundos estão cada vez mais difíceis... parceiros europeus também não têm recursos, aqui o país também não está com recursos, então está a ser difícil este, este intercâmbio como grupo, não é? Apesar de alguns casos haverem questões de mobilidade, mas são muito poucos.

SPK_1 Ok, e essa falta de, de recursos e de apoio, entre aspas, é uma, é uma falta de interesse? Ou é uma outra questão? Só económica?

SPK_2 Acho que não é falta de interesse, eu acho que é uma questão de recursos, [SPK_1: meramente económica?] eu acho que é muito económico, eu acho que é mais económico, não é? Porque, como disse, no passado nós tivemos, mesmo com cooperação com universidades europeias, com o apoio da **União Europeia**, por exemplo, mas mesmo a própria União Europeia, o número de.... de, de vezes a mobilidade agora **baixou** muito, já não é, já não é mesmo.

SPK_1 Ok percebi, então, além de, da questão económica, o que é que a Universidade Eduardo Mondlane pode **fazer** para enfrentar o desafio, seja de falta de estudantes, seja de acréscimo dos conhecimentos gerais da população sobre isso.

SPK_2 Já, acho que a Universidade de uma forma geral não tem falta de estudantes, tem falta de estudantes de pós... pós-laboral, aí também mais uma vez a situação económica, **antes** conseguíamos bolsas para estudantes, agora está difícil, então os estudantes estão a pagar do seu próprio bolso e a situação financeira aqui **caiu muito** desde alguns alguns anos então isso também retrai, então as pessoas preferem investir para a educação dos seus filhos do que para para si mesmo quando são, quando são adultos então está difícil, está difícil de conseguir isso porque ainda hoje tivemos uma reunião, agora tivemos uma reunião, a Universidade Eduardo Mondlane estava apostada em transformar-se numa universidade de **investigação**, para isso, houve **muitos** estudos, **muitas** viagens, **muitos** acordos que foram assinados com universidades internacionais, parecia estar tudo a andar bem, mas nos últimos cinco anos, nos últimos três anos até, a, situação económica **quer** nacional, **quer** internacional caiu muito, então, se tu não até consegues mesmo para pagar os professores a tempo, não consegues para apetrechar as bibliotecas, não sei quantos, é difícil pensar numa universidade de investigação, então o apelo agora é que... o recurso que nós temos como petróleo, gás, que sejam **usados** para impulsionar o desenvolvimento não só das universidades como de todo o país, o que não está a acontecer até agora, então é essa a situação, uma situação de crise geral nacional do ponto de vista económico e de, de gestão também... de gestão...

SPK_1 Na gestão... passando para um outro tema, eu queria que você me explicasse um pouco sobre o seu processo de desenho de curso, ou seja, tem ali uma linha que você deve seguir, e barra ou acompanhar com, ou você pode escolher sozinho os temas e as modalidades de ensino.

SPK_2 De forma geral aqui não temos- os estudantes não têm muita manobra os cursos são muitas vezes, direcionam então são aqueles, disciplinas estão arroladas e estudantes só segue a **única** escolha que eles têm é que temos às vezes temos no segundo ano, não é? Do último ano... do segundo ano quando nós temos a possibilidade de **escolha**, então às vezes tens produção de materiais, didáticos ou formação de professores, então o estudante pode escolher uma ou outra dessas disciplinas que são dadas do mesmo autor, mas de forma geral há um tronco que todos os estudantes seguem e há umas duas ou três disciplinas que eles podem escolher.

SPK_1 OK, e ao sair, aos estudantes, saírem daqui com o nível de mestres nas mãos, quais é que são as possíveis carreiras profissionais para eles? Ou seja, eles podem entrar logo para uma escola, ensinar, por

exemplo, serem professores bilingues já logo ao sair da universidade? Ou tem um nível de capacitação tipo ao nível de IFPs que eles devem alcançar?

SPK_2 Yá, em princípio, a este nível nós não estamos a formar professores **para** o ensino bilingue, porque o professor primário aqui é formado ao nível de IFP... aqui, em princípio, eles podem ser **técnicos**, de educação... no Ministério de Educação nas Direções Provinciais, nas Direções Distritais pontos focais de educação bilingue... também podem ser **formadores** de professores e também formadores, professores ao nível universitário, ao nível superior, mas quem já está como professor primário **pode**, já tivemos vários aqui que estão no ensino bilingue podem melhorar os seus conhecimentos muitas vezes quando ele termina a licenci- o mestrado já não continua como professor, vai para gestão a nível distrital a nível provincial mesmo que seja do ensino bilingue.

SPK_1 Ok mas se eu se eu, ah fosse um... um educador do ensino básico e tirando esse curso aqui, básico monolíngue não posso me tornar professor.

SPK_2 Pode pode pode porque até mesmo de... do ensino [interrupção]... yá então estávamos a falar sobre...?

SPK_1 Sobre o facto de me tornar professor bilingue...

SPK_2 Ah sim sim sim pode pode ser porque como deve ter lido muitas vezes, há muitos professores são formados **para** o ensino monolíngue depois vão para o ensino bilingue então até é bem-vindo, até é bem-vindo porque não temos muita formação **em** ensino bilingue, pode mas os professores, os que estão formado como mestres em educação ensino de português normalmente eles podem ser professores secundários de português ou até o nível pré-universitário e **até universitário**.

SPK_1 E para uma pessoa tornar-se professor universitário tem que tirar claramente o doutoramento.

SPK_2 Geralmente, a exigência é doutoramento mas infelizmente quando é recrutado aqui pode começar como mestre mas não é titular, é assistente...

SPK_1 tipo através da monitoria?

SPK_2 Depois eu tenho que estudar, fazer um doutoramento para ficar no quadro...docente.

SPK_1 Ok, então ele pode tirar o doutoramento enquanto está a fazer...

SPK_2 Sim, temos vários, temos vários aqui.

SPK_1 Ok, ok... uma das últimas perguntas que eu queria fazer era... qual o, o aluno ideal que o professor queria saísse daqui, da UEM, qual o aluno, estamos a falar aqui do curso de mestrado em Educação Bilingue, então qual o aluno deste curso, um aluno ideal?

SPK_2 Yá...Para mim, aluno ideal, para sair do curso de educação bilingue, seria um formado que seja capaz de usar as teorias, que, e as diferentes experiências **práticas** que nós incutimos **para** participar na implementação do ensino bilingue, que seja também capaz de **usar** as ferramentas que nós usamos, que aprendemos aqui para fazer **investigação** no ensino bilingue e também um indivíduo que fosse **promotor** do bilinguismo, do multilinguismo e da educação bilingue, basicamente, estas capacidades seria...

SPK_1 E o professor acha que você, os seus colegas docentes e os futuros técnicos do ensino bilingue, da educação bilingue, podem... de qualquer forma, **mudar** esse paradigma que está aqui a não reconhecer as línguas moçambicanas como... como línguas que podem fazer parte de pesquisa, **ser** línguas mesmo de pesquisa, de investigação, de criação de novos conteúdos **nas** línguas moçambicanas, vocês podem atuar em qualquer maneira, como agentes de mudança?

SPK_2 Como te disse, a coisa do, promoção do multilinguismo do bilinguismo da educação bilingue começou aqui **antes** não havia **nenhum técnico** nenhum especialista neste país que não fosse da UEM, hoje temos uma semente que saiu daqui está na UP por exemplo, temos uma semente que está, que saiu daqui está no Ministério da Educação são estudantes que saíram daqui, então por exemplo, a semana passada estávamos na Manhiça a produzir materiais **para** o ensino bilingue, docentes da UEM, docentes da UP e técnicos do Ministério da, da Educação, e também são esses diferentes técnicos também que estão em setores muito importantes de promoção da língua moçambicana, como ARPAC, Arquivo de Património Cultural de Moçambique, também na... há um instituto de nomenclatura, de nomes da tipo topónimos não sei quanto são de, daqui também então **sim** estamos a ser agentes de mudança neste país, há um relatório que foi produzido por LITES... já teve acesso a esse?

SPK_1 Não, ainda não.

SPK_2 Pela UEM e também pela cidade de Notre Dame muito recente e tem um pouco dessas coisas de UEM que foi o **núcleo** que depois está a ser espalhado.

SPK_1 Sim, qual qual é o nome do relatório?

SPK_2 O, estudo "Lites", L I T S...

SPK_1 L I D...

SPK_2 T S acho que está na net, basta entras na net, Lites Moçambique, Moçambique o relatório que nós

lançámos o professor Carlos Manuel que é o primeiro autor e eu também sou autor e outros colegas da Universidade de Notre Dame, então aqui estou a escrever “Lites Mozambique LITES Moçambique, está aqui”.

SPK_1 Ok hei de ler...e só uma pergunta final, só para uma curiosidade minha, como é que o professor veio a contacto com, com o ensino bilingue e com o bilinguismo? A sua experiência com o bilinguismo? Além do facto de ser educador bilingue- ehm educador da universidade.

SPK_2 Yá tá tudo ligado também, eu terminei meu curso eu fiz na licenciatura em português de Moçambique.

SPK_1 Ah tem um curso de português **de** Moçambique?

SPK_2 Não era um curso... era a minha tese era licenciatura em linguística [SPK_1: ok ok] então eu analisei a estrutura do português de Moçambique [SPK_1: ah ok] para melhor dizer a, as frases relativas do português de Moçambique então quando eu terminei tive... um convite para ser parte de um projeto que estava a ocorrer no **INDE** sobre sociolinguística de Moçambique... então com base aí comecei a, para além de estrutura linguística a interessar-me pela questão sociolinguística, e foi a partir daí que depois trabalhei no **INDE** como part-time, não é? Para ajudar naquela fase de início do ensino bilingue no país... então foi a partir daí.

SPK_1 E, porque falando também com os outros estudantes e professores, reparei que não, na minha opinião, não sei se o professor quer contestar a minha visão, mas, na minha opinião, o conceito de educação bilingue e ensino bilingue, estar na universidade, estar à disposição de pessoas que querem...digamos assim, estudar sobre os assuntos, não é bem **espalhado**, eu acho, ou seja, as informações, porque alguns estudantes disseram-me que até eles a posteriori queriam ter feito o curso de bilinguismo mas não sabiam sobre o curso de bilinguismo ou...sei lá outros que disseram que não obtiveram informações necessárias e básicas para juntar-se ao curso, só isso, porque eu, por um lado, sei que a questão do ensino bilingue, do bilinguismo está a ser **muito** desenvolvida na sociedade moçambicana e tudo mais, mas ao mesmo tempo, eu reparo que, ou seja, eu...notei que está assim, parece ter uma falta de informação.

SPK_2 Yá...acho que nós já discutimos isso também no departamento que nós não estamos a fazer um bom marketing.

SPK_1 É exato, a questão de marketing.

SPK_2 Não estamos a fazer um bom marketing nós fizemos marketing inicial em instituições que nós considerámos que eram interessadas profissionalmente como o Ministério da Educação INDE, UP, não sei quantos mas as pessoas já fizeram curso, então nós não não procuramos **outros** mercados, então essa é uma consciência nossa e **nesta** coisa de trazer o curso para o curso diurno e para alunos mais jovens é um pouco nesta de tentar divulgar mais e diversificar também o público, é verdade, é verdade nós reconhecemos isso.

SPK_1 Ok ok muito bem era era só este, eu agradeço muito pela disponibilidade...

SPK_2 Nada, nada nada.

SPK_1 Eu até...

Entrevista F – SPK_1 Ok vamos começar... com uma pergunta um pouco só para quebrar o gelo eu queria que você me contasse um pouco a sua trajetória escolar, ou seja como é que chegou aqui a fazer mestrado na Universidade Eduardo Mondlane e onde é que fez a licenciatura também e as suas escolhas nas... na sua, na sua carreira escolar, só isso.

SPK_2 Bom, primeiro meu nome é Carlota Ruth, Abelo Cachongo, fiz a instrução primária no tempo colonial, acho que foi em 73 até...79, mais o menos assim... depois, escola secundária, entrei... na escola secundária Estrela Vermelha, já não me recordo o ano, sinceramente falando, fiz lá a minha sexta classe...ehm, quinta, sexta, foi Estrela Vermelha, depois foi de Malhanga, onde foi apanhada a sétima, oitava e nona... a décima fiz na Josina... à noite, porque eu era desportista, jogava handebol, [riso] depois handebol, a escola combina, mas eu tive uma **paragem**, parei, depois casei-me, tive os meus filhos, voltei para a escola **à noite**, para concluir a décima... voltei a parar, voltei a parar e... voltei a estudar já na UP, de 2019... 2009, 2009, 10, 11, 12, 13, 14, 15 e 16, já 2016 conclui.

SPK_1 Ok, a licenciatura?

SPK_2 A licenciatura, foi à distância, foi o ensino à distância, UP, o ensino da língua inglesa.

SPK_1 Ok, então a licenciatura era sobre ensino de língua inglesa.

SPK_2 Ensino da língua inglesa, exatamente, e de lá fiquei, não liguei mais para a escola, só colhi da vida, trabalho, casa, escola, casa...e... mas eu gosto de aprender, então decidi voltar para a escola, foi quando vim cair aqui na educação bilingue para fazer o mestrado.

SPK_1 E tem ali uma motivação específica para... que você escolheu a educação bilingue?

SPK_2 Bom, eu andei a dar aulas, andei a dar aulas e... acontece que dou aulas de inglês numa escola... é o Instituto... Médio, Instituto Médio lá em Marracuene e... pronto sabe que nós temos grupos, lá no grupo vi ali um edital... edital da coisa de mestrado parei pensei eu disse “porque não?” então vim mas não foi uma coisa premeditada, foi uma coisa daqui para aqui, gostei e vim.

SPK_1 Um grupo em que sentido?

SPK_2 Grupo do WhatsApp.

SPK_1 Ah, ok.

SPK_2 Grupo do WhatsApp, vi lá o edital, então fiquei engajada, pronto eu disse, “não, deixa-me experimentar” concorri e pronto, entrei, por isso eu parei aqui.

SPK_1 Era a primeira vez que você ouvia sobre a educação bilingue ou já tinha ouvido?

SPK_2 Na verdade? Já ouvia falar mas vagamente, mas...profundamente encontrei aqui mesmo na faculdade, não foi...eu não vim aqui por causa da educação bilingue como tal, vim aqui porque queria fazer o mestrado, então apanhei a educação, o conhecimento da educação bilingue **aqui**.

SPK_1 Ok, então você queria fazer o mestrado em geral, E depois...

SPK_2 No geral, exatamente, foi mais ou menos isso, e sabe quando a pessoa está para se inscrever, tem que dizer porque é que quer fazer o mestrado, tem que dizer os motivos, eu já nem me lembro que motivo é isso, sabe? Eu não me recordo qual foi o meu motivo.

SPK_1 Ok, e se você...

SPK_2 Sim, durante a minha...para poder-me inscrever...

SPK_1 O preenchimento de...

SPK_2 Exatamente.

SPK_1 Ok...e se você tivesse que explicar **agora** o motivo? Se você tivesse que preencher agora os dados... os dados que você...

SPK_2 Que motivo diria?

SPK_1 Sim.

SPK_2 Eu tenho um sonho, na verdade, tenho um sonho que era a minha própria escola, eu tenho o sonho de ter a minha própria escola, então um indivíduo que tem uma escola tem que ser uma pessoa **formada**, então, eu sendo uma professora da língua inglesa, então acredito que vou precisar da educação bilingue para poder explicar às pessoas, uma e outra coisa.

SPK_1 Ok.

SPK_2 Acredito que sim.

SPK_1 E as suas expectativas desse curso então não eram formadas, não havia expectativas?

SPK_2 É o que eu falei antes, não foi uma coisa premeditada do curso de educação de bilingue, era uma coisa “preciso ser formada”, só não tenho...tenho um espaço em que quero ser... fazer a minha reforma, a minha reforma é ter a minha escola e gerir a minha escola, então eu nem cheguei a descrever isso aí, de falar essas coisas durante o coiso, senti um pouco de receio de falar essa particularidade, porque é uma coisa muito pessoal, que não sei quanto tempo isso vai levar, sim... é mais ou menos isso.

SPK_1 Ok, ok, e o que é que está a achar agora do curso? Como é que está a correr?

SPK_2 O curso está a correr bem, vale a pena, estamos a aprender consideravelmente e, tal como eu falei antes, não sabia nada de educação bilingue, agora estou mesmo a ter conhecimento e tou a gostar, e acredito que quando tiver na minha escola, vou usar **50%** de tudo o que estou a aprender aqui, acredito, vou usar, [riso] eu vou falar 100, vou falar assim, metade, vou usar, depois os 100% vou adquirindo à medida que eu já tiver a minha escola, também vou poder transmitir para os outros, com certeza, eu **não estou** a aprender para **guardar**, estou a aprender para usar...

SPK_1 Para partilhar também.

SPK_2 Isso é que...é que mais me... motiva, isso é que mais me motiva, aprender não para ter um canudo, **não, não**, não é apenas para ter um canudo, eu só vou ter uma escola particular, mas **tem que ter conhecimentos também**.

SPK_1 E a sua escola será...

SPK_2 Comunitária.

SPK_1 Ok, e com modalidade bilingue? Eu acho, não é?

SPK_2 Siiiiim, comunitária, e o sonho é mesmo para crianças.

SPK_1 Para crianças.

SPK_2 English for children.

SPK_1 Ok.

SPK_2 English for children.

SPK_1 E, mas não, portanto, a sua opinião sobre a educação, a capacitação **contínua**... ou seja você se está formando aqui agora nesse momento ao acabar do curso você queria continuar também capacitar-se para ter uma... formação contínua ou, os conhecimentos que você obteve agora estão lá você pode usar e nunca mais vai aprender algo mais?

SPK_2 Não, a ideia é aprender mais e mais, não é só para aprender e acabou, eu até aprazo-me dizer que por mais que o curso acabe, hei de continuar a ler **todos** os materiais que a gente usa aqui, porque no momento em que a gente tá fazendo o curso, não me cabe ler tudo....profundamente, o curso vai acabar e eu estou a guardar tudo isto, hei de voltar a ler, vou visitar tudo para perceber melhor, não porque agora não esteja a ler, mas eu vou mesmo continuar a ler, ler e a ler, até porque fiquei no primeiro semestre a educação bilingue, fiquei, então hei de ler muito mesmo, sim, mesmo aquelas cadeiras que já fizemos do método de investigação científica, hei de ler, há umas cadeiras que já fizemos também, hei de continuar a ler, agora não é possível porque estamos todos ocupadinhos com os nossos trabalhos mas estou a conservar todo mundo como se fosse um ovo, lá em casa, então, vai fazer parte de mim, vai fazer parte de mim, porque vale a pena.

SPK_1 Claro, claro.

SPK_2 É um curso que não parece interessante, mas tem informações que tem a ver com o nosso cotidiano.

SPK_1 Ok, porque é que diz que não é interessante? Não **parece** interessante.

SPK_2 É um curso novo, é novo e muita gente não adere... somos poucos quanto somos? Somos três, somos três apenas, então, digo isso porque não tem muita gente, não sei se é porque é a falta da disseminação do coiso, não sei se não há informação, não sei, não posso falar sobre isso, mesmo eu, antes, acredito que só ouvi através das **revistas**, lê uma revista tem... as informações estão em bilingue, em bilingue, tem aqui em português, tem aqui em inglês, tem aqui em português, tem em inglês, e eu vim aqui com o intuito de educação bilingue, **português-inglês**, aconteceu aqui de forma já com essa matéria de 2023, fui introduzida, aprendi aqui, sim.

SPK_1 Ok, então você não queria fazer Bilinguismo tipo português e língua bantu?

SPK_2 Não porque não quisesse, vim aqui pensando, que fosse bilinguismo português e inglês, muito mais, porque ali no edital disseram que a pessoa tinha que ter noção da língua inglesa, e isso aí fez com que eu pensasse que, “Epá, ali vou aperfeiçoar melhor a minha língua inglesa”, sim... mas isso aí não me deixou dececionada, não, pelo contrário, só gostei, até recorde-me quando, foi na aula do professor Doutor Chimbutane, quando um dos colegas disse que muitos pais não aderem para que os filhos aprendam outras línguas, e eu fiquei um pouco em pânico sozinha e com a minha amiga, disse “Porque é isso? É possível isso?” porque eu estava a pensar na língua **inglesa**, não estava a pensar na nossa língua bantu versus língua portuguesa.

SPK_1 Língua portuguesa.

SPK_2 Sim.

SPK_1 Mas... acredito que na sua escola ideal também... teria espaço para a língua bantu ou não?

SPK_2 Claro, tanto mais que a ideia é inglês para as crianças e a ser lá no “gueto”, digamos, “gueto” entre aspas, não é longe, é aqui na Matola Gare, há até criança que não fala português ali, então eu vou procurar

essas crianças, é um dos motivos que me anima eu estar aqui.

SPK_1 Sim, e quanto, na sua opinião, a universidade está a fazer um bom ou um mau trabalho sobre a sensibilização sobre estes assuntos aqui?

SPK_2 Ai está... acabei de dizer e eu descobri tudo isso aqui, eu não sei se é falta de disseminação... nós somos três... três alunos... como assim?

SPK_1 É outra questão que eu também queria abordar...

SPK_2 Não sei se a universidade está a fazer bem ou não a informação para o público eu não sei, porque eu própria não sabia, vim aqui a pensar que essa educação bilingue é inglês-português.

SPK_1 Mas na sua opinião porque é que estão aqui só três estudantes... tem um motivo ou é só aleatório?

SPK_2 [*riso*] Apetece-me fazer uma gargalhada porque, custa-me responder pelos outros, estaria a como é que se diz? Como é que se diz? Esqueci-me, não sei... especular, estarei a especular, não sei, sinceramente, qual é a... porque eu vim aqui, não sabia o que é que era, pensei que fosse algo, mas quando descobri que não era aquilo que eu esperasse que fosse? Gostei mesmo assim, gostei mesmo assim, e estou a gostar até agora, pois.

SPK_1 Ok, ok, muito bem... por outro lado, algumas cadeiras aqui estão em conjunto com outros estudantes, não é? Com os estudantes de didática de língua portuguesa como língua segunda, você vê essa questão aqui como uma coisa positiva ou negativa, ou seja, é melhor partilhar **todos** ou era melhor dividir os dois cursos?

SPK_2 Sem querer especular, eu julgo que isso aconteceu **exatamente** por não ter o número de alunos suficiente para cada um dos cursos, porque acredito que se o número fosse maior, cada turma seria... na sua sala, acredito que seria assim.

SPK_1 Ok mas neste caso aqui é uma coisa positiva ou seja em termos de trocas de conhecimentos trocas de ideia...

SPK_2 Acho que é uma coisa positiva e eu até nalgum momento em algum momento penso “como é que será o certificado?”... porque por sim ou por não afinal de conta estamos juntos, ok houve separação agora as turmas estão separadas, mas, ao fim ao cabo todos fizemos a educação bilingue todos fizemos a parte do PPM... FFP formação, de professores, né?

SPK_1 De professores... didática de português como língua segunda do curso... o outro curso.

SPK_2 Se calhar a diferença é essa porque nós não estamos a fazer a didática, porque nós não temos essa cadeira.

SPK_1 E você acha que tem algumas diferenças em termos de conhecimentos dos estudantes entre as duas cadeiras dos seus dois cursos?

SPK_2 A partir do momento em que fomos separados, vai ficar lá diferença, e agora já tenho a resposta, porque é que o certificado não pode ser, tem que dizer, questionei, mas já tenho a resposta, acredito que o meu certificado não há de vir que eu sou formadora de professores.

SPK_1 Claro, seria uma decepção.

SPK_2 Será apenas... mas é uma decepção, é, é uma decepção.

SPK_1 Se você está formado numa coisa, não pode ser formado na outra.

SPK_2 Sim.

SPK_1 Ok, ok, e... e porquê, na sua opinião, a educação bilingue não está a ser implementada **além** do ensino primário, agora, na sociedade moçambicana, não tem no ensino secundário, não tem no ensino superior.

SPK_2 Na minha opinião, eu acho que o objetivo de educação bilingue é, o objetivo é alcançar a língua portuguesa, e que a língua portuguesa é a nossa língua oficial que nos liga né? É a língua oficial das instituições e tudo mais, eu acho que a partir do momento em que o aluno já tem a língua portuguesa, depois da escola primária...

SPK_1 Basta, basta o português?

SPK_2 Basta o português, isso pela história, pela história, pela história, nossa história.

SPK_1 Não seria, entre aspas, “útil” ter uma outra língua além do português?

SPK_2 ...seria muito bom seria muito bem- bom ter uma outra língua além da língua portuguesa mas não é o que está acontecendo neste momento.

SPK_1 Ok, ok... mas dentro do seu lugar de trabalho atual, ou seja uma escola onde você... trabalha como professora de inglês, não é? [SPK_2: sim sim] tem ali algumas características também de bilinguismo mais com línguas bantu ou só de bilinguismo com inglês e português, tem ali algumas situações... tipo ajudar os estudantes a aprender através das línguas bantu ao não entender alguma coisa... algo assim.

SPK_2 Ali o que acontece, sinceramente falando é que os alunos... **gramaticalmente** falando, têm problemas sérios, **mesmo** na língua portuguesa, o que torna difícil também aprenderem facilmente a língua

inglesa, então eu sinto-me obrigada a ter que, usar um pouco da nossa língua **materna**, que é para poderem perceber alguns conteúdos, existe o bilinguismo, com certeza existe.

SPK_1 E como é que você traduz os conhecimentos que, obteve aqui dentro da sala de aula, no trabalho que estás a fazer- está a fazer?

SPK_2 Não, não percebi a questão, como é que eu traduzi em que aspeto?

SPK_1 No aspeto prático, ou seja, você é que desenha as aulas e como é que os conhecimentos que você, teve aqui influenciam o seu... se houve uma mudança nos anos.

SPK_2 Ah já percebi...eu já tenho um trabalho facilitado, porque chego lá o programa analítico já **existe** a única coisa que não existe lá é o material, o material não existe o outro motivo também que me faz eu gostar muito deste curso é ter aquelas cadeiras de desenho de materiais instrucionais, é ter aquela cadeira do formação de formadores e professores ali aprendo muita coisa porque eu também tenho um, um desejo de desenhar mesmo materiais instrucionais e vou usar o mesmo conhecimento que tenho estado a adquirir aqui não é? Para alcançar, esse objetivo, porque lá mesmo... no coiso eles só te dão o... os temas, mas o material não existe, nós é que temos que fazer o próprio material, temos que... as fontes, as fontes, mas são fontes que às vezes nem existem, então, com **base** no plano analítico, então nós temos que harmonizar para poder ter a matéria para poder dar aos alunos, também como as novas tecnologias de informação há muita facilidade porque só...

SPK_1 Encontrar na Internet.

SPK_2 Encontrar na Internet.

SPK_1 Então, neste momento, aqui você está a fazer os desenhos de aula, para as suas aulas você está a idear as aulas, não é? [SPK_2 faz sim com a cabeça], ok, ok, ok, agora passando para um outro tema, queria perguntar sobre algumas- alguns elementos... eu acho, eu julgo que são fundamentais na aula ou seja, os professores, os estudantes os colegas, neste caso e a sala de aula, eu acho que tendo uma sala de aula só, as aulas são muito mais íntimas, muito mais que... fazem com que haja comunidade e tudo mais, mas eu queria falar sobre um pouco, a sua relação com os colegas e com os professores, ou seja, acha que a relação com os colegas seja... útil, seja necessária, seja, sei lá, boa neste caso e a mesma coisa para os professores, você acha que uma relação com os professores deveria ser seriosa, profissional e tudo mais? Ou pode ser, pode também, tipo, haver espaços para situações leves, situações jocosas e tudo isso.

SPK_2 Bom, aqui, vou começar primeiro a referenciar a questão tempo, aqui não há tempo para ser...é mesmo algo profissional, chegamos às aulas, no meio da aula pode haver esta e aquela piadinha, mas é tudo profissional, não há tempo para brincadeira, porque nós temos aulas das 16h às 20h, então esse tempo é usado exatamente para as aulas, e as aulas estavam, são administradas da melhor forma, não tem razão de queixa, não tem razão de queixa.

SPK_1 Mas os professores... são... como é que se comportam com vocês?

SPK_2 Muito bem, por isso eu digo não tem razão de queixa para todos os docentes, eles dão bem a matéria e... orientam, orientam conforme, sem...explicam também as matérias, e aconselham, em relação à nossa relação com colegas e também não há tempo aqui, nós chegamos aqui, o tempo é aquele aqui, mas a nossa relação quando alguém não percebe alguma coisa, comunicamo-nos também, ajudamo-nos, há apoio, eu pelo menos quando sinto por falta de algo, comunico-nos com eles, comunico-me com eles, tenho sempre resposta.

SPK_1 E tem também trabalhos de grupo?

SPK_2 Temos, temos trabalhos de grupo, temos tido.

SPK_1 E você acha que é melhor fazer trabalhos de grupo ou individualmente?

SPK_2 Ambas as coisas, primeiro individual, depois em grupo, ou, é tal coisa... nas cadeiras da doutora Samima, temos trabalho em grupo, depois Chibutane também, temos trabalho em grupo... temos tido trabalhos em grupo, nas outras cadeiras não tivemos, nos métodos de investigação científica não tivemos trabalho em grupo, não tivemos, na língua portuguesa também não tivemos, **mas**, em algumas cadeiras tivemos trabalho em grupo, ou em pares, ou em pares.

SPK_1 Estávamos falando há uns segundinhos sobre o facto de não ter tempo, e para a brincadeira, para piadinha, tudo isso... e estou mesmo a me perguntar se você... no que diz respeito ao tempo ou aos materiais, queria.... gostaria de ter feito algo diferente dentro do curso e se o tempo, se um semestre ou um ano inteiro é bastante para a partilha dos materiais, partilha dos conhecimentos, para o **alcance** também dos seus objetivos académicos também e...ou se necessitaria de mais tempo.

SPK_2 ...conforme programado, eu sou caloiira, sabe o que significa caloiira? É uma pessoa é a primeira vez a fazer a coisa quer dizer ser um novo aluno, caloiira, então, caloiira, nesse curso de educação bilingue como é ministrado foi programado para um ano e meio... então...e a maneira como o curso está sendo administrado, temos a conseguir, de acordo com os programas... chegar ao fim e notarmos que sim,

concluimos o programa [*incompreensível*], então o tempo também coincidiu com os trabalhos que temos tido para fazer, mas se nós não tivéssemos outras ocupações acredito, até poderíamos acabar muito antes do tempo estabelecido, sim nós, nós não somos apenas estudantes somos estudantes trabalhadores Então se um estudante trabalhador fica muito apertado mas com um pouco de esforço não dormir em casa dormir às duas às zero fim de semana não ir passear, ficar em casa, compensa, porque aqui, lá em casa, **não tem que passear**, não vai à festa, tem que dormir sim, só para descansar, mas a pessoa torna a pensar, tenho algo para fazer, convívios familiares, à parte, esquecer, não há convívio familiar... o sacrifício, o sacrifício em primeiro lugar, pelo menos da minha parte.

SPK_1 Claro, claro, mas esse sacrifício vai dar frutos, você acha?

SPK_2 Exatamente, com certeza.

SPK_1 Porque, ao sair daqui, acho que terá toda a capacitação necessária para fazer o que é o que você queria fazer, ou seja, abrir uma escola.

SPK_2 Acredito que sim, acredito que sim, tanto mais que eu digo que não **vou** parar por aqui, vou continuar a querer capacitar-me, primeiro com os mesmos conteúdos e vou ficar **atenta**, vou ficar atenta nas informações públicas, se houver alguma capacitação que tem a ver com a educação bilingue, **estarei lá**, sim, ficarei atenta mesmo, sim.

SPK_1 Além de ser educador bilingue, ao sair, daqui deste curso de mestrado um estudante o que é que poderia fazer? tornar-se também tipo técnico de educação bilingue, poderia fazer o quê? Oportunidades de carreira, estou a dizer, tem?

SPK_2 Bom ainda não me ocorreu até agora não posso mentir ainda não me ocorreu até agora, agora estou mesmo concentrada com aquilo que são os estudos tudo que temos que ter conhecimento daquilo que estamos a aprender aqui e o meu objetivo pessoal... continuar a aprender mais.

SPK_1 E falando dos, dos trabalhos de fim de curso pode se faz favor falar um pouco sobre o o os temas dos seus trabalhos da... das demais disciplinas, é que, tipo, para a aula do Doutor Chimbutane que é que você está a tratar? Qual é o tema?

SPK_2 Neste momento?... o meu tema do doutor Chimbutane é “Impacto das línguas bantu para as crianças que não usam a língua portuguesa em casa” porque existem crianças que não falam português em casa aprendem a língua portuguesa em casa então qual é o impacto dessa língua ba... ba.... até porque eu queria de outra maneira, só que tive muitas dificuldades já em apanhar subsídios para sustentar o que eu queria, o tema que eu queria, qual era o impacto... da língua, qual foi a minha primeira ideia? Era qual seria o impacto da língua... porque temos crianças que não falam a língua portuguesa, não é? Então, qual seria o impacto... qual seria o impacto da língua portuguesa? Deixa-me lá ver aqui, estou com a minha cabeça cheia, porque estou aqui a fazer coisas que ainda nem consegui.

SPK_1 Não tem problema, não tem problema, era só uma curiosidade, só para isso.

SPK_2 ...A minha proposta do projeto foi “Impacto das línguas bantu na escola para crianças com aprendizagem em língua portuguesa” é isso que eu disse mas a minha primeira ideia não foi esta a minha primeira ideia foi Impacto... e como perguntou se nós discutimos em grupo, discutir em grupo com meus colegas disseram “não Assim, vais-te atrapalhar. Muda de tema, escolha esta”, eu tinha escolhido um tema, foi a partir dessa conversa com colegas e cheguei a esta conclusão que tinha que investigar isto aqui, porque eu tinha escolhido uma outra coisa, e era uma coisa que disseram, isso ia ser inédito, e eu disse “É isso, eu quero um inédito”, disseram “Tu não vais apanhar o que? material para sustentar”, porque aqui só se fala de bantu... língua portuguesa, não ao contrário, sim.

SPK_1 Ok, então será uma então, é também uma investigação **qualitativa** ou só...

SPK_2 Qualitativa, eu queria fazer uma investigação qualitativa.

SPK_1 Ok, então, trabalho de campo também.

SPK_2 Sim, trabalho de campo também.

SPK_1 Ir para as comunidades...

SPK_2 Sim...acabei mudando já de dez, fui para aquilo que é... se fala, mas eu queria outra coisa, disseram não existe material para o que tu queres pro...para o que tu queres, então ouvia os colegas, conselhos dos colegas e realmente fiz isso tudo, cada vez que eu fizesse o projeto mandasse para o Doutor Chimbutane sempre vinha com algumas observações, mas porque [eu sou limitada?], né? Então pronto, e quando faço surgem novas ideias, mesmo agora surgiram novas ideias, vou lhe mandar com novas ideias, é por isso que eu pedi a ele, fiz o projeto diferente, ficou tudo diferente, vou ter que refazer o projeto porque foi o ensaio que eu fiz antes do projeto agora estou a fazer o projeto do ensaio que eu fiz, está a ver sempre as ideias aparecem, aparecem sim.

SPK_1 Daria até para fazer também um, um projeto para a dissertação não é? Você já achou sobre... já está a pensar sobre algo... fazer sobre... a dissertação, para a dissertação?

SPK_2 Bom, eu ainda hei de consultar se posso fazer a dissertação do mesmo ensaio, para não ter que pensar em outras coisas, para aprofundar melhor, sim, vou perguntar se isso será possível, se disser que sim, vou continuar, se disser que não, então aí vou ter que pensar no outro tema, mas até eu gostaria de fazer uma coisa inédita, uma coisa que nunca aconteceu, hei de voltar a discutir com ele, tal como eu queria, para fazer uma coisa inédita e nova, porque é possível mesmo **há crianças**... há crianças cujos pais... não falam a língua bantu...

SPK_1 Por medo?

SPK_2 **Não por medo** eu, os meus filhos não aprenderam comigo a minha língua bantu não por medo é por... quer dizer sei lá fomos assim educados e criados crescemos aquela coisa para nós conseguir falar a língua portuguesa, para sair boa nota, então começa na língua portuguesa em casa, nós crescemos a falar a língua portuguesa, não a nossa língua bantu, então há pais, há pais que não falam a língua bantu, são esses pais que não aceitam quando os filhos aprendem a língua bantu na escola, então qual é o **impacto** da língua bantu em casa? Era isso que eu queria estudar, qual é o impacto da língua bantu em casa? As crianças que não falam **em casa**, a língua bantu.

SPK_1 Claro, claro.

SPK_2 Era isso que eu queria investigar, qual é o **impacto** da língua bantu? Em casa, para aquelas crianças que não **falam** a língua bantu em casa, porque existe isso aqui, há crianças que não falam a língua bantu em casa só falam a língua portuguesa, mas qual é o impacto? Então disseram “não, nós não estamos a estudar isso, estamos a estudar a língua bantu para aquelas crianças para aprenderem a língua portuguesa” não sei agora eu pergunto ao Mateus [lapso no nome do entrevistador, NdE] faz sentido eu investigar nisso, faz sentido? Porque há crianças que leva a língua bantu para **casa**.

SPK_1 Claro, a relação... as relações entre os pais e os filhos dentro da educação bilingue eu acho que seja uma das das questões maiores, porque como você disse os pais não querem que os filhos aprendem as línguas bantu, mas os filhos talvez podem ver fora da casa, podem não sei apanhar algumas sensações sobre educação bilingue ou se eles estarem no meio rural, talvez na escola, a escola é de impressão bilingue, então, também seria bom ver como é que os pais se confrontam com os filhos.

SPK_2 E trazem a língua bantu...

SPK_1 Exatamente.

SPK_2 Era esse o meu propósito, então os meus colegas disseram que... “Não, não faça isso”.

SPK_1 E perceber porque em 2025 os pais ainda querem que os filhos não aprendam as línguas bantu.

SPK_2 Exatamente, era isso que eu queria investigar, sim, só para enfatizar, você com os colegas, tem relação, discute, um dos motivos também...

SPK_1 Então foi também com a ajuda dos seus colegas que alcançou esta...

SPK_2 Sim, que eu alcancei o coiso... o tema.

SPK_1 E falou também com o professor ou não- ainda não.

SPK_2 Não, com o professor só **mandei** o tema que é para ele aprovar, aprovou, mas eu tinha que fazer muitas mudanças então cada vez que eu mudo também aparece aquela ideia, acabo mudando alguma coisa, mas o tema é sempre aquele

SPK_1 Como é que funciona a aprovação dos professores? Ou seja, vocês mandam o...enviam o, o trabalho e eles só respondem ou é tipo tem ali um atendimento a ser feito entre vocês e os professores.

SPK_2 Com base na nossa escolha, então desenvolvemos a proposta do projeto, né? Desenhámos a proposta de projeto e enviamos eletronicamente então ele também responder eletronicamente mas também com com...

SPK_1 Tipo sugestões?

SPK_2 Com sugestões, como questões como se chama? Com comentários, comentários “faz assim não faz assim” ...está aqui.

SPK_1 Sim sim depois vou ver depois obrigado e... ok hum... ultimíssimas questões sobre... qual, na sua opinião, seria... o aluno ideal que sai daqui, deste curso mestrado aqui, na sua opinião?

SPK_2 Qual seria o aluno ideal?

SPK_1 Deste curso de mestrado aqui, o que é que este aluno deveria ter alcançado ao longo do do semestre ou do ano académico tudo isso... idealmente ... pode também referir à sua experiência...

SPK_2 Eu vou ter dificuldade em responder essa questão [riso]... mas em que aspeto?

SPK_1 Epá...sei lá... na forma de pensar, na, na... no que diz respeito ao comportamento com a sociedade de fora, com expectativas, com ambições, tudo isso, por exemplo, na minha...

SPK_2 Por exemplo, lá na minha zona, digamos assim, “Tia Carlota, vais para onde?” “Vou para a escola” “Ainda estudas?” “Sim” “O que é que estudas?” “educação bilingue” “O que é isso de educação bilingue?” entende? Então eu explico, “Educação bilingue é uma forma de ensino usando duas línguas” “Por

exemplo, nós na escola aprendemos a língua portuguesa, aprendemos tudo em português, mas há criança que não sabe falar a língua portuguesa”, “Então nós temos que ensinar a criança português, mas usando a nossa língua”, então, “**existe isso?**” ficam pasmados, “Existe”, a sociedade, na minha comunidade, são poucos que conhecem a matéria da educação bilingue, ontem, saí de casa, acabei de fazer o meu trabalho, vim, quando chego aqui, o meu flash não abre, “O que é que se passa? Não está a abrir?” eu liguei para um vizinho meu, “peço para ir lá a casa, fala de tudo com meu marido, fala com ele, peça a ele” e digo uma coisa, meu marido não sabe que eu estou a fazer mestrado, eu ainda não tive coragem de lhe dizer, ele tem uma maneira de ser muito difícil, por causa dos dinheirinhos mas eu vou ter que lhe dizer, não agora porque senão há de haver problemas então “diga a ele que tens algo para gravar para o flash depois me envia, via WhatsApp” então ele não conseguiu, o meu flash estava corrompido lá abre mas aqui não abre tive que sair daqui a correr fui para casa não ele perguntou-me “O que é isso aí?” porque ele leu um pouco “Eu li aí de educação bilingue, bilingue, bilingue, o que é este de bilinguismo?” eu expliquei a ele, “o bilinguismo é isto, isto, isto, isto”, entende?

SPK_1 Ok, sim... e por isso..., portanto, um aluno que sai daqui **deve** saber responder à comunidade sobre essas questões.

SPK_2 Exatamente.

SPK_1 Ok, no geral, você acha que a universidade... permite uma boa- um bom alcance de conhecimentos, um bom alcance dos objetivos, molda o seu pensamento de uma maneira positiva e **ativa** ou... você preferiria tivesse sido numa outra maneira?

SPK_2 Os docentes que nós temos todos dominam... cada um domina não vou dizer, até certo ponto **dominam** a matéria que eles trazem para... para nos...a doutora Samima diz não é transmitir, fala-nos é ensinar...então eles dominam dominam e... dominam então eles ensinam-nos, orientam-nos com conhecimento de causa, dão exemplos concretos e tudo mais.

SPK_1 Ok, ok, muito bem, eu acho que já estamos, já são 42 minutos, espero não ter aborrecido demais.

SPK_2 Não, não, não.

SPK_1 Agradeço muitíssimo pelo seu tempo, pela sua disponibilidade.

SPK_2 Não, não sei se ficou satisfeito com as minhas respostas....

[Seis dias depois, a entrevistada enviou uma mensagem áudio:]

SPK_2 Espero que estejas bem eu estou muito bem graças a Deus estou a mandar aquela mensagem por causa daquela gravação que fizemos onde perguntava qual, qual seria a minha pretensão depois do curso em termos de continuar a fazer algo então fui pensando, fui pensando depois daquela aula que tivemos com a doutora Samima tal como tu viste escolhemos os temas naquele dia fomos aprovados nos temas mas exatamente por causa daquela questão que me fez então eu achei mesmo que tinha que... a... mudar de tema na cadeira DMI para poder ter algo para continuar a fazer depois do curso, eis a mensagem que eu mandei para ela, ela já respondeu e ela concordou comigo então já tens mais alguma coisa a acrescentar na minha gravação ou na, na conversa que tivemos em relação àquela questão, na altura eu tinha dito que ainda não tinha pensado, mas já pensei, está aí, obrigada adeus, tá tá.

[A mensagem de áudio estava acompanhada por esta mensagem escrita:]

Bom dia Prof. Dra Samima,

Pela presente, venho solicitar permissão para mudança de tema na cadeira de DMI, pois tenho um sonho de ter uma escola particular comunitária, na Matola Gare, onde tenho um espaço, para ensino de língua inglesa para crianças - “English for Children”.

Associando ao princípio de Motivação na matéria de Andragogia, gostaria de dissertar sobre a Criação e Desenvolvimento de Materiais Instrucionais Bilingues, começando por Ensaio para o trabalho final com o tema Produção de Materiais Didácticos Bilingues para o Desenvolvimento de Aprendizagem nas escolas moçambicanas.

A partir daqui, seria um projecto continuo após a minha Formação. Digo, tornar-me escritora de Materiais Instrucionais Bilingues para Iniciantes.

Contudo, peço opinião e orientação da Prof. Dra Samima, sobre a ideia.

Melhores cpmts

Entrevista G – SPK_1 Só para quebrar um pouco o gelo e começar com a entrevista, queria saber a sua trajetória... no ensino superior, ou seja, qual foi a licenciatura que você escolheu e como é que encontre esta, este curso aqui de mestrado e quais foram os critérios para as suas escolhas?

SPK_2 Bom, obrigada, para começar vou falar o nome chamo-me Meta Alberto Moiana, minha trajetória... relativamente ao curso superior, eu sou formada em ensino de língua portuguesa com habilitações ensino de línguas bantu... e a língua bantu [*incompreensível*] é o ciutee, neste caso, uma língua, falada na província de Manica, sim, eu sou da província de Manica, do centro do país.

SPK_1 Você vem até aqui para atender os cursos...

SPK_2 Exatamente para fazer o mestrado, sim.

SPK_1 Então, a sua licenciatura sempre foi aqui ou na UP?

SPK_2 Foi na UP, na universidade- distinta universidade pedagógica que é a UP, atualmente a universidade tem outro nome que é UniCongoi, sim, houve descentralização da universidade pedagógica.

SPK_1 Mas está lá em Manica?

SPK_2 Sim.

SPK_1 E como é que você decidiu mudar de, de universidade? Porque ali não havia os mestrados?

SPK_2 A universidade ofereceu mestrado sim, mas em outras áreas, não para o ensino de português, que é a minha área neste caso, não tem...

SPK_1 Então a UEM era a única escolha, neste sentido.

SPK_2 Sim, a única escolha, sim, outra universidade que tem esse curso é a universidade, é Unilurio, sim.

SPK_1 Sempre aqui em Maputo?

SPK_2 Não, está numa outra província, na província da Zambézia.

SPK_1 Que está mais longe, ou não?

SPK_2 É um bocadinho mais perto da minha província, sim.

SPK_1 Mas você decidiu...

SPK_2 Eu preferi... [SPK_1: vir aqui] sim.

SPK_1 Tem uma motivação específica ou só... assim?

SPK_2 A motivação foi mesmo, querer fazer este curso, porque me interessa.

SPK_1 E como é que você, veio em contacto com informações deste curso aqui?

SPK_2 Foi através das redes sociais, sim.

SPK_1 Posso perguntar quais?

SPK_2 Eu vi publicidades no Facebook e depois disso fui... procurei o site da universidade, neste caso, na internet e apareceu toda a informação, acabei escolhendo mesmo este curso ensino de português como língua segunda.

SPK_1 Você acha que as informações são todas ali, claras e o alcance das informações já é... é mesmo bom para uma pessoa conseguir ver do que é que se trata esse curso aqui?

SPK_2 É um pouco restrito para por exemplo... aqueles que, que também precisam mais que se encontram em zonas que não tem acesso à internet, sim, é um pouco difícil, para você ter acesso a essas informações, tem que mesmo **buscar** informações.

SPK_1 Na internet.

SPK_2 Sim, na internet.

SPK_1 Não há tipo cartazes, coisas assim.

SPK_2 Ah, não, que eu saiba, não.

SPK_1 Ok, ok, está bem...

SPK_2 Sei que as pessoas sabem que existe a Universidade... Eduardo Mondlane neste caso, sim, mas nem todos tem noção, essa informação dos cursos... como é que funciona, até muitos por ser uma universidade pública pensam que talvez o curso é gratuito, a passo que não, paga-se não se difere tanto assim com a universidade privada.

SPK_1 Claro, claro... ok, mas então qual... falámos há uns minut- segundinhos que você tem também capacitação para ser educadora bilingue, não é?

SPK_2 Sim.

SPK_1 E como é que você escolheu a Didática de Português como Língua Segunda e não o curso de Bilinguismo e Educação Bilingue? Tem uma motivação ou é uma preferência da meta?

SPK_2 Tem sim, porque eu penso- há diferença, Ensino Bilingue parece que não tem Didática de Ensino de Língua... Segunda neste caso, tem diferença de algumas disciplinas, claro que o curso funciona todos aqui juntos, de estudantes dos dois cursos, mas tem algumas disciplinas que nós temos e na educação bilingue não tem, sim, o curso de bilinguismo não tem.

SPK_1 E esta questão aqui, segundo a sua opinião... é um limite para, para as pessoas que querem fazer

educação bilingue ou é uma questão metodológica mesmo, só metodológica? Ou seja, poderia ser acrescentado, poderia ser implementado essa coisa da didática de língua segunda **dentro** do ensino bilingue ou está bem assim, na sua opinião?

SPK_2 Bom... para questões pedagógicas, tendo em conta que depois do curso o estudante poderá inteirar-se com criança na sala de aula, eu penso que há necessidade, sim, de, eu ainda não aprecio, não sei quais são as disciplinas do bilinguismo, não sei se tem conhecimento disso.

SPK_1 E, pronto, as aulas do professor Chimbutane são educação bilingue, depois tem o professor Chambo que faz, tipo, Tópicos de Bilinguismo, pode ser? Não sei, e no primeiro semestre eu sei que há o professor Carlos Manuel que faz Desenho de Materiais Bilingue, pelo que eu saiba.

SPK_2 É tópico de ensino.

SPK_1 E também a Doutora Samima faz algo no primeiro semestre, sobre, sim, alguma coisa do bilinguismo.

SPK_2 Sim, há essa junção de disciplinas.

SPK_1 Estão ligadas na, em qualquer maneira essas duas?

SPK_2 Há uma eu penso que há uma ligação, há uma relação que existe entre os dois cursos, até porque temos cadeiras que... temos cadeiras similares, sim, o curso de bilinguismo.

SPK_1 E falando da sua escolha de seguir o curso, acompanhar com o curso de Didática de Língua Segunda e falámos das motivações, mas é- também tem uma motivação de objetivo de carreira, ou seja, você queria estar- está trabalhando neste momento?

SPK_2 Eu atualmente sou professora.

SPK_1 Ok, e queria ficar ali com a professora ou mudar de emprego depois de sair dessa universidade aqui? De ter um mestrado nas mãos.

SPK_2 Eu vou continuar, vou continuar na educação e... uma das motivações que levou-me a fazer esse curso foi mesmo por causa dessa, dessa trajetória minha e do que eu **pretendo** ser depois, eu quero acrescentar aquilo que eu já vivi no nível superior, sim, uma questão mesmo de complementar, de enriquecer mais.

SPK_1 Ok, então não é para tipo... mudar [SPK_2: mudar... de área de atuação?] de área ou de nível, não sei, nível de escolaridade, você acha que os esforços e os sacrifícios que você está a fazer neste momento aqui na universidade coincidem com o nível e a posição profissional que você está a ter agora?

SPK_2 Minha posição profissional vai **mudar** depois de eu fazer o mestrado, falo de mudança de carreira.

SPK_1 Exatamente é isso.

SPK_2 Por enquanto eu sou [N1?], porque fiz ensino superior, depois do mestrado, claro que haverá mudança, serei especialista, especialista em educação, especializada em ensino de língua segunda e pretendo também, depois desse curso, fazer o doutoramento [*incompreensível*], ok.

SPK_1 Tem um doutoramento aqui?

SPK_2 Sim.

SPK_1 Para fazer na UEM?

SPK_2 Tem, tem doutoramento, em Linguística.

SPK_1 Linguística?

SPK_2 Sim.

SPK_1 Ok.

SPK_2 Não sei ainda qual o curso que poderei escolher, se calhar poderá ser um curso diferente.

SPK_1 Ok, então as suas posições profissionais vão mudar, vão melhorar, entre aspas, mas a, o lugar, ou seja, o facto de você ser professora não vai mudar, você vai continuar a ser professora, não é? Só com conhecimentos maiores.

SPK_2 O que vai acontecer, se calhar, poderei ter uma proposta de ser uma professora universitária.

SPK_1 Você gostaria?

SPK_2 Sim, gostaria.

SPK_1 De tornar-se professora universitária?

SPK_2 Gostaria sim, apesar de embora, eu gosto muito de trabalhar com crianças, e sou professora há oito anos no ensino primário, sim, há oito ou nove anos, então, eu acho muito interessante trabalhar com crianças, mas também acho interessante trabalhar com adolesce-, pessoas um pouco, classes um pouco... avançadas, falo de ensino secundário, ensino superior, eu acho um mundo interessante, gostaria de ter essa experiência.

SPK_1 Ou no mundo académico também, tipo aqui na universidade.

SPK_2 Sim, quem sabe?

SPK_1 Quem sabe? E você acha que a universidade, a UEM, está a capacitar você numa maneira, numa

maneira positiva, numa maneira boa e, não sei, frutuosa para o seu futuro?

SPK_2 É, sim.

SPK_1 Sim?

SPK_2 Sim, eu digo isso porque temos professores capacitados que... fazem o possível para nos levar para um outro patamar.

SPK_1 Ok, ok.

SPK_2 Isso é positivo...

SPK_1 Ok, ok, e você acha que tem uma diferença, de qualquer maneira, de qualquer jeito, entre os estudantes do curso de Bilinguismo e Educação Bilingue e do curso de Didática de Língua Segunda? Tem diferenças, sei lá, nos... saberes, nos conhecimentos, nos, na experiência também, sei lá.

SPK_2 A experiência é individual, cada um tem a sua posição, o seu lugar, claro que somos diferentes, é difícil termos a mesma capacidade, sim quanto a essa pergunta é um pouco difícil.

SPK_1 Ok, em termos de, sei lá.

SPK_2 Fala de domínio de conteúdos?

SPK_1 Sim, pode ser também... de qualquer habilidade, não sei.

SPK_2 ...Eu posso me limitar em dizer que temos habilidades diferentes.

SPK_1 Ok, ok.

SPK_2 Sim, somos diferentes.

SPK_1 Era só para perceber a vossa... ligação entre os do, do Bilinguismo e os do Didática da Língua Segunda e porque... pelo que eu vi, há em alguns casos uma seriedade maior nos estudantes de Língua Segun- de Didática de Língua Segunda, do que os de Bilinguismo, então eu queria saber se faltava algo dentro das cadeiras de Bilinguismo para atingir uma espécie de... um, um patamar como você disse... mas tudo bem, se na sua opinião não houver uma diferença é melhor, é até melhor, seria até melhor porque assim faz, faz com que vocês podem trocar de ideias e podem melhorar mutualmente...

SPK_2 O que acontece é que nós temos, temos capacidades, ideias diferentes, então com a nossa convivência aqui na sala é possível, tá a ser possível haver essa troca de experiência e cada dia os de bilinguismo ganham... experiência a partir dos de Ensino de Língua Segunda, os de Língua Segunda também ganham alguma coisa com os de Bilinguismo, então juntos acabamos construindo.

SPK_1 Claro... mas é só para não... ficar enganado com as minhas palavras não é que- não estou a dizer que os de bilinguismo são menos capazes, claramente, obviamente pelo que eu vi todos vocês são muito muito preparados muito muito preparados nas aulas era só para entender se no curso de bilinguismo e educação bilingue falta algo na sua visão na vossa visão como estudantes de língua segunda ou se... no curso de bilinguismo está tudo certo e é- tudo está a correr bem tudo isso não era uma questão do indivíduo era uma questão do curso se o curso dá para ter... e os estudantes terem aquelas habilidades que remetem ao bilinguismo, não habilidades pessoais, é só isso.

SPK_2 Mas em todo o caso penso que... mesmo os do curso de Bilinguismo acabam tendo essa parte de didática, psicopedagógica, sim porque temos aulas, por exemplo, com a Doutora Samima, em que ela enquadra, envolve todos, Bilinguismo, assim Ensino de Língua Segunda, sim, tivemos Tópicos de Ensino de Línguas no primeiro semestre, também envolvia, envolvia-nos todos.

SPK_1 Exatamente, por exemplo, na sua opinião, porque nas aulas da Doutora Samima, tem a presença também dos de bilinguismo e por exemplo nas aulas do Doutor Carlos Manuel não tem... é uma coisa...?

SPK_2 Aí está... porque a cadeira do Doutor Carlos Manuel é Tópicos de Ensino **de Língua** e da Doutora é FFP e DMI... aí também não percebo, talvez seria bom mesmo se houvesse uma separação porque isso acaba confundindo, acabamos ficando um pouco confusos porque a diferença nesse semestre é de duas cadeiras que os de Bilinguismo estão a ter e nós não e tem duas cadeiras que nós estamos a ter os de Bilinguismo não.

SPK_1 Não é? exatamente era isso que queria entender porque não há uma junção de **todos** os cursos, porquê por um lado, vocês da Didática da Língua II estão a seguir as aulas do professor Chimbutane, que é do bilinguismo, e os do bilinguismo estão a seguir as aulas da Doutora Samima, nas, professor Chambo, vocês não seguem, não acompanham, e o professor Carlos Manuel, os outros não acompanham.

SPK_2 Talvez devíamos, reside aí a diferença dos cursos, eu penso que reside aí.

SPK_1 Ok, ok porque eu, pelo meu entendimento, até agora, às vezes tem uma questão de número, número de estudantes.

SPK_2 Sim, juntaram as duas turmas, juntou-se as duas turmas por insuficiência de estudantes, sim.

SPK_1 Ok.

SPK_2 Os de bilinguismo são apenas três e nós somos sete.

SPK_1 Uhum.

SPK_2 S... sete é isso?

SPK_1 Acho que seis e, e uma outra estudante...

SPK_2 Nós somos seis, uma colega desistiu ficámos cinco.

SPK_1 São cinco.

SPK_2 Cinco, e do outro lado são três.

SPK_1 E no seu entendimento porque é que há um número tão baixo?

SPK_2 Porque a fraca aderência? ...Eu penso que há falta dessa motivação e interesse de estudantes, muitos porque eu notei que muitos preferem cursos que tem a ver com administração, outros preferem fazer, o curso em outras universidades privadas muitos fazem cursos a distância, por causa do tempo.

SPK_1 Ok.

SPK_2 Sim, e é por aí, e eis a razão que em todos os anos não abre esse curso, por exemplo, no ano passado não abriram o curso de ensino de língua portuguesa e este ano abriram, mas com um número reduzido de estudantes e para constituir uma turma para pelo menos ter um número considerável é que acabaram juntando... [SPK_1: as duas]

SPK_1 E por isso, o motivo dos outros estudantes escolherem uma universidade privada qual poderia ser... em vez desta? Na sua opinião, obviamente, o também pode não responder se não quiser, obviamente, qualquer pergunta que você não quiser responder pode ser “não quero” ou “não me... sinto-me à vontade de responder”, pode ser qualquer coisa.

SPK_2 Mas eu vou responder, eu penso que outros pensam que na universidade privada, por exemplo, as coisas são diferentes, não há tanta pressão.

SPK_1 No sentido de facilidade.

SPK_2 Sim, a facilidade, para quem faz ensino à distância, por exemplo, não precisa de ir à escola, à universidade todos os dias, tipo de segunda à sexta, outros só vão aos sábados, outros só terminam em aulas online, então, olha essa facilidade... poupa-se o tempo.

SPK_1 Embora as universidades privadas talvez sejam mais caras, também é uma questão de balança de... ok, ok.

SPK_2 Então outros... é mesmo porque os que escolhem outros cursos por exemplo há outros que depois de fazer licenciatura fazem licenciatura assim ensino de português mas depois querem uma outra área de conhecimento, acabam escolhendo um outro curso, não só para... ter essa visão de áreas diferentes.

SPK_1 E passando por um outro tema, eu queria saber se no seu lugar de trabalho, no seu contexto de trabalho, tem algum espaço para o bilinguismo? Tem ali um espaço, você trabalha num ambiente monolíngue ou bilingue?

SPK_2 As duas modalidades, as duas modalidades, monolíngue e bilingue.

SPK_1 Ok, e... mas você é professora de português?

SPK_2 Não, não só português, dou... todas as classes do ensino básico.

SPK_1 Ok, qual é a disciplina?

SPK_2 Ensino primário, neste caso, o ensino básico vai até nona classe, mas na escola onde eu trabalhei vai até sétima classe, aliás, sim, até sétima classe este ano, sim, até sétima classe, portanto, eu já trabalhei com a primeira classe, as disciplinas são português, matemática e educação física, mas já trabalhei com outras classes que envolvem ciências naturais e ciências sociais.

SPK_1 E você trabalha também na sua língua bantu?

SPK_2 Não, não porque não estou enquadrada no ensino bilingue, apenas ensino monolíngue, [SPK_1:E... Ok...], mas sou obrigada nas aulas... a usar a língua materna, para facilitar essa, essa **prática** pedagógica, pedagógica para facilitar esse processo de ensino-aprendizagem porque onde eu trabalho é numa zona rural sim muitas crianças lá... não tem domínio...

SPK_1 Não tem domínio, da língua portuguesa... e então na sua opinião não seria bom tipo implementar o ensino bilingue também, além do ensino básico, ensino secundário ou ensino superior. [Interrupção]

SPK_2 Eu acho interessante, seria muito bom de estender o ensino bilingue até no ensino superior, se queremos um ensino bilingue acessível para **todos** e significativo e relevante, eu penso que tinha que se estender **até** a universidade, isso de limitar-se do ensino, ir até a sexta classe...

SPK_1 Não basta.

SPK_2 Não basta, não basta porque valorizamos as nossas línguas até um certo ponto, depois?

SPK_1 ...Outras perguntas, eu queria... na sua opinião qual é... estou a fazer essa pergunta a toda a gente, que entrevisto... qual seria para você o estudante ideal que deveria sair daqui, deste curso que está a fazer? Qual é que seria, na sua opinião... [SPK_2: o perfil?] Exatamente, o perfil.

SPK_2 Eu espero que... todo estudante, todos os estudantes envolvidos neste curso possam ser capazes depois de aplicar, o que é aprendido aqui, aplicar na vida real, não deixar de aplicar o que o estudante

aprendeu, eu penso isso, eu penso que o estudante, tenha essa capacidade de ensinar, porque na verdade o nosso curso é ensino, então essa prática deve ser levada em consideração, todas as práticas que somos ensinados aqui temos que levar em consideração lá no campo, isso para enriquecer o sistema todo educativo né? Sim, para estudantes do curso bilingue também que tenham... que depois tenham essa capacidade, essa habilidade de lidar com crianças que trazem **línguas** diferentes, variedades de línguas, assim como nós também, todos acabamos estando envolvidos em ensino de língua **segunda** então eu espero que o perfil seja esse, um estudante **capaz** de lidar com diferentes situações.

SPK_1 Ok e acha que a universidade está a fazer um, um bom trabalho com isto, falando também com os seus colegas a pessoa que você tornou dentro desse curso?

SPK_2 A universidade está a fazer a sua parte, já é gratificante só de disponibilizar os cursos, de abrir os cursos e dar essa oportunidade de formação... o que falta, se calhar, é a **implementação**... dessas poli-, das políticas, falo das políticas, por exemplo, de ensino **bilingue** nas escolas, falta mesmo se calhar supervisionar se na prática há efetividade... está-se a efetuar? Sim, está-se a efetuar o ensino bilingue e da melhor forma ou não e disponibilizar recursos para tal porque não basta apenas formar estudantes e estudante não ter recursos para implementar e não ter **áreas de atuação** porque muitos são formados sim mas depois não tem acesso a emprego por exemplo assim.

SPK_1 A questão é que a universidade deveria atuar conjuntamente, por exemplo, ao INDE ou ao Ministério da Educação para alcançar esses objetivos aqui?

SPK_2 Sim, eu penso que sim.

SPK_1 A universidade, também porque temos nomes **importantes** aqui no que diz respeito ao bilinguismo e à educação bilingue... ok, ok... tem aqui neste curso atividades práticas, tipo estágios que vocês podem fazer ou podem tipo escolher de fazer, sei lá um trabalho de campo numa escola ou para a sua dissertação.

SPK_2 Abre-se esse espaço sim de trabalho ao campo... abre-se esse espaço mas tivemos dificuldades na aula de bilinguismo, de educação bilingue que teríamos uma atividade de irmos ao campo mas houve uma barreira, houve essa dificuldade e acabámos não **indo** mas para outras disciplinas por exemplo na disciplina de didática de língua e tópicos... e educação bilingue mesmo tivemos atividade que era para irmos as escolas e fomos.

SPK_1 Como é que foi? Foi interessante? [SPK_2: foi, foi interessante] ok e daria para acrescentar no seu lugar de trabalho uma componente de educação bilingue ou há... não sei questões da política da escola não se pode mudar de modalidade monolíngue?

SPK_2 Desculpa, não percebi.

SPK_1 Deve ficar... porque se disse que está a trabalhar num, num contexto monolíngue, não é? Ou seja, monolíngue na teoria, ou seja, você não...

SPK_2 A escola tem duas modalidades, monolíngue e bilingue.

SPK_1 Ah, então tem as duas, ao mesmo tempo?

SPK_2 Sim, tem algumas turmas de ensino bilingue, que é primeira, segunda e terceira classe.

SPK_1 Ok, mas porque é que não se juntam as duas? Também para poupar custos de, sei lá, professores, materiais e tudo isso, ter as duas contemporaneamente, ser apenas uma modalidade que possa abranger **todos** ao mesmo tempo.

SPK_2 Aí é a questão mesmo de, da planificação do Ministério da Educação porque o que eu sei... é que nós ainda estamos na fase experimental de ensino bilingue.

SPK_1 Ok.

SPK_2 Eis a razão que isso se escolhe algumas escolas não são todas as escolas por exemplo de um distrito é apenas são apenas algumas escolas e nessas escolas tem algumas turmas, turmas que representam, sim, o ensino bilingue, por ter lá primeira... algumas turmas de primeira classe ensino monolíngue muitas turmas tem sido ensino monolíngue e umas duas, três ensino bilingue, é assim como funciona...

SPK_1 E você já tinha ouvido de educação bilingue e bilinguismo antes de vir aqui na universidade?

SPK_2 Sim, eu o que estou a dizer aqui eu já tinha conhecimento porque estou numa escola, que tem essa modalidade de ensino bilingue.

SPK_1 Mas antes de ir trabalhar ali, você conhecia também, bilinguismo e educação bilingue?

SPK_2 Sim, sim porque eu tive antes de ir no ensino superior eu fiz o ensino, fiz formação em ensino básico, no Instituto de Formação de Professores.

SPK_1 Ah IFP?

SPK_2 IFP, sim, e lá tínhamos uma cadeira que é educação bilingue.

SPK_1 Ok, então todos tiram essa cadeira ali de educação bilingue, todos os professores mesmo sendo não..., que não vão se tornar professores bilingues, educadores bilingues, vão tomar essa cadeira aqui de educação bilingue.

SPK_2 Sim, nos IFPs é assim... lá tem ensino... regular e tens uns que fazem curso de inglês, tens uns que fazem curso regular, então, para as duas... modalidades, tem lá o ensino bilingue.

SPK_1 Ok, ok em pouquíssimas palavras, eu queria saber se para você tem uma diferença, uma diferença entre o ensino dentro... o processo de ensino-aprendizagem dentro do IFPs e dentro daqui da universidade.

SPK_2 Se há diferença? Sim, há diferença sim.

SPK_1 No que diz respeito? Por exemplo...

SPK_2 Primeiro é a duração do curso, nos IFPs consideram... o curso que eu fiz.

SPK_1 É aquele tipo doze mais três?

SPK_2 É dez mais um, [SPK_1 : Ah, dez mais um] dez mais um ou décima segunda ou décima segunda mais um.

SPK_1 Ah, ok.

SPK_2 Sim, e agora passei que já não existem, extinguiram, já não existe, agora são décima mais três, mas algumas, alguns institutos têm esse décima mais um, alguns de outros têm ainda, a diferença é do tempo, o IFP, o curso considera-se **intensivo** cada tempo, fiz apenas em um ano, assim, o número de cadeiras é reduzido.

SPK_1 E em termos de capacitação, ou seja, se você não tivesse ido ali nos IFPs e só tirando o mestrado aqui, você poderia tornar-se educadora?

SPK_2 Não percebi.

SPK_1 Sem o curso dos IFPs, então, só fazendo aqui o mestrado nesta universidade, ao sair do mestrado, você pode se tornar educador ou educador bilingue sem a capacitação dos IFPs?

SPK_2 Sim, pode, há quem faz ensino superior, do ensino superior o... concorre para ser professor e começar a dar aulas.

SPK_1 Ah, ok, não serve nenhuma... nenhuma tipo certificação para ensinar? Além da certificação...

SPK_2 Exigem didática, exigem didática, por exemplo, na Universidade Pedagógica, lá formam professores, quem faz curso de ensino em qualquer universidade, curso de ensino, pode diretamente ir dar aulas, trabalhar como professor, como educador, há quem faz...

SPK_1 Qualquer nível?

SPK_2 Qualquer nível, não, quem faz ensino superior pode dar aulas até décima segunda.

SPK_1 Ah, ok, já está.

SPK_2 Pode dar aulas até à décima segunda, mas não pode dar, por exemplo, no ensino superior, porque um licenciado, sim, o que deve acontecer, a pessoa deve fazer pelo menos mestrado.

SPK_1 Sim, e se tornar monitor, tipo, ser monitor das aulas, talvez.

SPK_2 Sim, pode ser monitor, sim.

SPK_1 Muito bem, ultimíssima pergunta sobre sua relação com os colegas, ou seja, quanto a relação com os colegas influencia a sua experiência universitária e acadêmica, os colegas daqui, tem uma ligação, tem uma relação ali ou cada um para, para si? *[risos]*

SPK_2 Não falta né? Aqueles colegas um pouco egoístas, que querem... que até usam os outros para alcançar um certo objetivo, já, são coisas, coisinhas assim. *[riso]*

SPK_1 Dinâmicas um pouco assim, ok, ok... então...

SPK_2 Só para retificar, eu disse que no IFP, a diferença nos IFPs é o número de disciplinas, que lá é um pouco, [SPK_1: é maior?] ...sim, em relação ao curso de mestrado, lá as disciplinas são, tem mais disciplinas em relação ao curso de mestrado, já no ensino superior as disciplinas são tantas, eu fiz 54 disciplinas.

SPK_1 Ah, uau, 54, ok, ok, então você prefere trabalhar sozinha? Aqui, na universidade.

SPK_2 Trabalhar sozinha? Não, eu gosto o trabalho em equipo, trabalhos em grupo...

SPK_1 Só para entender a sua resposta de antes sobre a relação com os seus colegas, era só isso.

SPK_2 Não, eu gosto a trabalhar em grupo, claro que essas desavenças um pouco, outro concorda, outro não, sim.

SPK_1 Mas você acha que essa esses debates, porque pelo que eu vi os debates são muito interessantes, levam muita informação e troca, enriquecimento, é a mesma coisa para você? Ou não? Tem enriquecimento mútuo?

SPK_2 Sim, sim, trabalho em par é muito produtivo por acaso, é muito produtivo.

SPK_1 Tá bem então eu acho que terminámos se houver alguma coisa que você quer tirar dessa entrevista você pode e é só para... é só me dizer eu vou tirar, vou editar a gravação e prontos agora vou parar com a gravação.

Entrevista H – SPK_1 Agora, então só para quebrar um pouco o gelo eu queria que você me dissesse um pouco, contasse um pouco sobre a sua trajetória no... no nível superior, ou seja, qual foi a escolha?

SPK_2 Ok...é muito longo mas vou preparar ser sintético né? Para começar, vou dizer que eu entrei na universidade muito tarde já estava na casa dos 30 anos, eu quando cresci num distrito não aqui na província de Maputo, na Província de Inhambane há 400 e tal quilômetros daqui... sempre tive sonho de me formar em qualquer área mas ir até ao ensino superior, então quando eu terminei de estudar completei a décima segunda classe que chamamos de nível médio em Moçambique, eu tive que deixar de estudar, fui para a África do Sul, por causa dessa inclinação que eu tinha na língua inglesa, sempre quis dar continuidade aos meus estudos, mas na área que tivesse a ver...que tivesse a ver com o inglês, então foi então que eu viajei para a República de África do Sul, mas lá as condições não foram favoráveis para mim, primeiro porque eu era um imigrante ilegal, fiquei lá por cinco anos, depois quando voltei para Moçambique a minha intenção era mesmo de concorrer para o ensino superior, concorri, fiz um curso de tradução inglês-português e depois não foi fácil eu ter emprego, só depois de 3 ou 4 anos é que tive emprego aqui onde estou a trabalhar como professor e estando na área da educação vi a necessidade de dar continuidade... infelizmente na UEM não tem o curso de mestrado na área de...

SPK_1 Tradução?

SPK_2 ...de inglês.

SPK_1 De inglês no geral.

SPK_2 Sim, de inglês em geral, portanto...escolhi fazer o curso de ensino de português como língua segunda... então [*riso*], é mais ou menos isso que eu tenho.

SPK_1 E a licenciatura, onde é que conseguiu?

SPK_2 Fiz mesmo na mesma universidade [SPK_1: Na UEM?] Sim sim sim.

SPK_1 E então, não havendo esta possibilidade de continuar com o estudo... estudos de inglês, você decidiu para os estudos de didática da língua segunda, e como é que foi a escolha? Ah, gostou da sua escolha? deu êxito positivo?

SPK_2 Sim, sim, sim, sim, sim, sim, sim, sim, gostei porque, como pode ver, é uma continuidade, é a área de linguística, o inglês [*sic*] em Moçambique não é língua materna para muitos, ou é estrangeira ou é língua segunda, há sempre uma ponte, independentemente de se tratar de línguas de sistemas linguísticos diferentes, mas o que nós temos estado a discutir na universidade, eu creio que seria o mesmo, mesmo que eu estivesse a fazer um curso em inglês, sim, não há muita diferença, não há nenhum arrependimento e nem sinto que estou fora dos carris.

SPK_1 Então, não é ...não era uma questão de língua, era uma questão de temas, de tópicos... de conhecimentos em geral... na área da língua?

SPK_2 Sim sim sim, na área, sim na área das... sim, de linguísticas.

SPK_1 E onde é que você encontrou as informações para candidatar...no curso?

SPK_2 Não, a informação... anualmente, na Universidade Eduardo Mondlane tem havido um edital, que é partilhado através de plataformas digitais, através de um jornal de notícias, então, para o meu caso foi muito fácil porque tenho acesso à informação com base **ou no jornal** ou nas redes sociais, então foi assim que eu tive a informação.

SPK_1 Você acha que a informação é algo... o alcance das informações é bastante para ser... para ser possibilitados a encontrar um caminho bom.

SPK_2 Não tanto, mas também existe um fator determinante que é o interesse, porque quando você estiver interessado em algo, você sempre vai procurar saber, então é assim que você pode ir ao encontro da informação que precisa.

SPK_1 Tem um conjunto de interesse e de alcance das informações da universidade.

SPK_2 Exatamente.

SPK_1 E também, você escolheu em primeiro lugar muito rapidamente aquele curso ali ou teve um pouco de...dúvida?

SPK_2 A nível da licenciatura, neste caso?

SPK_1 Nível de licenciatura, mas também no mestrado.

SPK_2 Foi assim, eu sempre... estou apaixonado em língua inglesa, o que é que aconteceu quando você estiver a se candidatar para o curso de licenciatura, pelo menos, você tem duas opções, o que eu fiz, primeira opção, eu tenho que fazer o curso diurno, e a escola de dia, porque é grátis, é uma escola pública, a universidade é pública, então, a minha primeira opção foi tradução inglês-português, a segunda opção inglês-, a tradução inglês-português, significa que o curso é o mesmo, mas em períodos diferentes, a primeira, que é diurno, que é grátis, e a segunda...

SPK_1 Que é o pós-laboral?

SPK_2 sim sim, tinha que pagar, felizmente, foi admitido para o diurno, onde estudei, sem ter que pagar o quê? As propinas, então para... a licenciatura- o caso de mestrado foi exatamente o que eu disse aqui, a questão de ter que dar continuidade aos meus estudos, mas na área de linguística.

SPK_1 Nem contemplou a possibilidade de virar para a educação bilíngue e bilinguismo, o curso de mestrado ali...

SPK_2 E... e... sabe o que é que acontece? Essas coisas, algumas coisas nós sabemos quando já estamos lá dentro, há coisas que só só chegamos a saber quando formos dentro da universidade.

SPK_1 É por isso que eu estava a perguntar sobre o alcance das informações.

SPK_2 Exatamente, mas tendo sido estudante da mesma universidade para a nível da licenciatura, sempre fiquei sabendo de curso de de de...bilinguismo, essas coisas todas.

SPK_1 Isso não estava no seu interesse?

SPK_2 Não, não tinha muito interesse na área de...do ensino bilíngue.

SPK_1 E mesmo tendo feito e presenciado cursos e cadeiras de bilinguismo, continua sendo não...

SPK_2 Não, não, não...existe uma... eu quero acreditar que são dois cursos que é o ensino de língua portuguesa e o ensino de bilinguismo, tanto que há cadeiras de tronco comum que nós partilhamos e não me arrependo de ter feito isso porque... há alguns temas que se abordam que são abordados no...na área do ensino bilíngue, são importantes para o ensino da língua de línguas, de línguas, sim, línguas segundas.

SPK_1 E vice-versa.

SPK_2 E vice-versa, não há aqui..., talvez no sentido de, talvez se nós tivéssemos que olhar para o ensino bilíngue, tendo em conta as línguas... bantu que é... o foco do bilinguismo em Moçambique, tá a perceber? Mas não vejo que há muita diferença, porque qualquer um que tenha interesse em ensinar as línguas no contexto do bilinguismo, seja, tenha feito o quê? Ensino do português, língua segunda, assim como... ensino das línguas bantu, no contexto moçambicano, quer dizer que...quero acreditar que é só uma questão de alguém tomar uma decisão, então, quem tiver sido formado em ensino de língua segunda e bilinguismo... essas pessoas podem fazer vice-versa.

SPK_1 E já falámos sobre mais ou menos a ligação entre os dois cursos tem ligação, tem ligação, mas o que eu queria saber é também se há diferenças, ou seja, entre vocês, entre os próprios colegas, têm, na sua opinião, diferenças entre os de bilinguismo e os de didática de língua portuguesa? Em termos de conhecimentos, por exemplo.

SPK_2 Eu quero acreditar que não há muita diferença, porque é que vai acontecer em primeiro lugar? É que sempre que você se candidata a... a posição do professor em Moçambique tem que saber que, essa língua é língua segunda para a maioria da população sobretudo nas zonas rurais nem todos têm o português como... língua materna então sempre que você tiver que ir dar **aulas** fica a saber que você vai lidar com estudantes que têm o português como ...como língua segunda independentemente você é um professor de português, língua segunda ou professor do ensino **bilingue**, então, aqui não há muita diferença, eis a razão de nós termos essas cadeiras em comum, não há muita diferença, e há uma coisa que acontece no, no Departamento de Linguística e Literatura, mesmo a nível da licenciatura, existem cadeiras que todos nós temos que ter, e tal modo que se eu estiver a discutir com o meu colega, por exemplo, que tenha feito o ensino de português, mesmo que eu tenha feito aqui a tradução, sempre haverão temas candentes que nós temos em comum, tá a perceber?

SPK_1 Tipo a cadeira do professor Chimbutane é obrigatória para todos?

SPK_2 Não, não, não, a nível de licenciatura, porque o que é que a nível de licenciatura o professor Chimbutane não dá, na altura não dava essa coisa de bilinguismo, o que nós temos, em comum no departamento de linguística é introdução aos estudos literários que tem a ver com a literatura moçambicana temos introdução aos estudos **linguísticos** então o que é geral então... e depois já começamos a... por exemplo a nível de estudos linguísticos nós vamos ver a linguística descritiva, significa que um tradutor, um professor, devem ter conhecimentos de linguística descritiva, veja só uma coisa, eu não sou formado como professor, mas estou aqui a dar aulas porque tenho essa componente descritiva.

SPK_1 Então, a licenciatura e o mestrado dão para tornar-se educadores, sem ter tido experiências com IFPs, por exemplo.

SPK_2 Exatamente, porque o que é que é importante, acho eu, a pessoa tem que ter **competências**, tem que ter o conhecimento, então a questão das IFP é muito mais para questões de... saber como lidar com os alunos, porque alunos são...[SPK_1: Pedagogia...] pedagogia! Mas também você não vai aplicar uma pedagogia sem que tem o quê? A competência, a competência deve estar em primeiro lugar.

SPK_1 Então você acredita que não é necessário ter uma certificação dos IFPs para ser professor?

SPK_2 Para o nível... secundário nós precisamos... para o nível secundário... primário, até secundário nós precisamos de pedagogia, porque estamos a lidar com crianças, então existe alguma informação que nós

precisamos que é para sabermos como lidar...

SPK_1 Mas vocês não precisam da **folha**, do certificado.

SPK_2 Não, não, não, não, tanto que aqui onde eu estou temos tido essas essas preparações em cada início do ano nós passamos por uma formação para saber como é que nós vamos lidar com as crianças, então a coisa mais importante que se exige é a competência a pessoa deve ter, porquê? Essa coisa de saber como lidar com a criança, você vai aprender com o tempo.

SPK_1 Claro.

SPK_2 Mas a competência, saber se a fonética você precisa de ir a a à sala de aula mas há coisas que você vai... tanto que mesmo para casos de pessoas que tenham a formação psicopedagógica quando entram na sala de aula sempre vão se comportar como quem está a entrar pela primeira vez, para dizer que a questão de psicopedagogia no meu entender tem a ver também com a **experiência** é uma coisa que você pode adquirir a qualquer altura, trabalhando.

SPK_1 É uma coisa que se deve juntar e acrescentar...

SPK_2 Sim sim...

SPK_1 E estava me perguntando só...como é que você consegue combinar a experiência universitária com o trabalho? É um sacrifício?

SPK_2 Exatamente, eu sempre fui treinado a, a fazer as coisas sob pressão, a vida ensinou-me isso, tanto que eu até não sinto essa pressão, quando começámos a nossa conversa, eu disse que não consigo ficar sem... [SPK_1: Sem fazer nada]... *[risos]* sempre tenho que estar a fazer alguma coisa, então é uma pressão sim, mas que... ah... o meu trabalho não interfere... na...

SPK_1 Na experiência académica.

SPK_2 Sim, a minha academia também não interfere na... então eu consigo conciliar as duas coisas sem prejuízo em nenhuma das partes.

SPK_1 Mas... você acha que a universidade tem-lhe dado algumas...alguns conhecimentos, alguma experiência pra também traduzir no trabalho?

SPK_2 Exatamente, exatamente, temos tido uma literatura **vasta** que nos ajuda e eu digo que é uma grande sorte, é claro que eu também tenho sido guiado por instinto, faço as coisas...antes de ir à universidade para fazer um mestrado, eu fazia algumas coisas guiado por instinto, e que agora que estou na universidade a fazer mestrado, consigo ver que o instinto... guiava-me a fazer coisas que já são previstas pelas literaturas, sim, existe um livro de Brown, de Teaching by...[SPK_1: Principles] by Principles, sim, então é um livro muito importante para qualquer um que pretende abraçar a área do ensino, mesmo que não tenha passado por uma formação psicopedagógica, então, esta literatura ajuda-nos muito bastante no sentido de podermos lidar com as crianças na sala de aula, então, o que eu faço lá tem, tem, tem um grande impacto no meu trabalho e estou muito feliz por isso.

SPK_1 E acha que os esforços são maiores na universidade ou aqui no trabalho?

SPK_2 Bem eu já estou há três anos a trabalhar nesta escola, algumas coisas, não são tão difíceis assim porque aqui não há muita inovação, não há muita inovação o que eu faço este ano é o mesmo que eu fiz, no ano passado e no ano antepassado então o que o que o que eu tenho tentado fazer é fazer as coisas de uma forma mais melhor cada vez, então não há aqui uma pressão **acima** daquilo que eu posso conseguir fazer.

SPK_1 Ok ok... ehmmm... passando para outro tema, queria perguntar uma coisa que até pode ser um pouco pessoal, mas pronto, se não quiser responder pode também não responder... eu queria entender qual é o seu papel dentro das aulas da universidade, ou seja, qual deveria ser, e qual é a sua expectativa no seu comportamento e nos seus esforços dentro da aula da universidade.

SPK_2 Acho que não percebi a pergunta, podia...

SPK_1 Ok... então... dentro do curso... tem ali elementos que se combinam muito, ou seja, professores, estudantes e mesmo a sala de aula.

SPK_2 Ok, ok, ok, acho que já percebi, isto é assim, um dos requisitos para alguém frequentar um curso de mestrado é que tenha no mínimo 3 anos de experiência na área que se candidata a fazer na universidade...

SPK_1 Para todos os cursos de mestrado, é isto?

SPK_2 Tinha que ser assim, tinha que ser, temos tido exceções, não é? Temos pessoas mais jovens que terminam a licenciatura e querem dar a continuidade sem nenhuma pausa, então esses aí não têm a probabilidade de adquirir uma experiência, e eu acho que isso é muito óbvio, porque no nível de mestrado você já não vai **aprender**, tá a perceber? Eu já lá não vou aprender, tanto que quero acreditar que os docentes também já estão cientes que estão a lidar com pessoas que de certa forma já trabalharam numa determinada área, então a nossa presença na sala de aula é muito útil tanto para nós como estudantes assim como os próprios docentes porque existe coisas que só são aprendidas através da experiência é que o que eu passo... na minha sala de aula não é o mesmo que o meu colega pode passar noutra ainda que sejamos

da mesma escola imagina professores de escolas diferentes, então para mim o nível de mestrado... no nível de mestrado tem um papel do aprendente mas também de um contribuinte sim porque ao longo das aulas os professores... ordenam que nós façamos exercício mas esses exercícios, nalgum momento tem a componente da experiência aquilo que você... o nível de mestrado é uma pesquisa, na verdade, então, aquilo que eu vou constatar no, no terreno, só eu é que sei e devo partilhar com os que não estiveram no terreno, tá a perceber? Então, o meu papel lá na universidade, não só como estudante, mas também sou contribuinte.

SPK_1 E você acha que os professores perceberam isto?

SPK_2 Ah, percebem, percebem, estamos a lidar com professores experientes, que já formaram muita gente [*riso*] e percebem, percebem muito bem.

SPK_1 Ok, ok... e queria mesmo também falar um pouco sobre a vossa relação com os professores, porque eu vi que tem muita seriedade, mas às vezes também há espaços para uma brincadeira, um espaço jocoso, você não acha?

SPK_2 Bem... para o nível de de de... mestrado, a meu ver, há muita, há muita exigência por parte dos docentes, que é óbvio, que... não vejo isso como se fosse algo errado, e há uma coisa que acontece sobretudo na nossa universidade, a nossa universidade é muito famosa sobre... em termos de de... pressão, então qualquer um que se candidata a fazer curso na universidade Eduardo Mondlane tem que estar preparado, só para ver, noutras universidades, o curso de mestrado tem duração de..., poderia dizer, três anos, significa que dois anos... dois anos curriculares, contacto directo com os docentes e o terceiro ano já para questões de [SPK_1: dissertação] já, dissertação, mas na nossa universidade... e só para acrescentar alguma coisa... para o nível de mestrado, não se espera que o aluno vá ao campus todos os dias, mas nós vamos ao campus de segunda à sexta-feira, é só imaginar o nível de de pressão, mas há vantagem nisso, porque só temos esse ano, o próximo ano começamos a dissertação e o outro ano já estamos a defender, então isso faz com que não haja muito espaço, para essas questões de descontração, sim, leves, não há muito espaço para...

SPK_1 Não deveria ter?

SPK_2 Para mim não deveria ter, sim, não deveria ter, deveria haver muita seriedade ainda mais.

SPK_1 Profissionalidade.

SPK_2 Profissionalidade, essas coisas, só isso.

SPK_1 E também no que diz respeito aos estudantes...

SPK_2 Exatamente!

SPK_1 Entre vocês.

SPK_2 Eu sou da opinião que... só devíamos nos encontrar quando fosse necessário, então outras coisas ficariam talvez para depois do curso essas coisas todas o nosso foco ah não sei para outros colegas que só, que só tem a a faculdade como a única ocupação mas para os para outros como o meu caso eu estou aqui ah das 7h e só saio daqui às 15h e 20, 15h e 20 eu preciso de 40 minutos para chegar à universidade, então quando chego lá também, espero encontrar o docente presente, os meus colegas, porque estou cansado, quero tratar assuntos da academia e depois também...

SPK_1 Para aproveitar da presença de todos.

SPK_2 Exatamente, ir para a minha casa, então a pressão é **tanta** que não deixa espaço para outras coisas, extra... curriculares, diria assim.

SPK_1 E será que esta pressão, o conceito de entre aspas dificuldade dos cursos lá no mestrado, tem a ver com o facto de haver poucos estudantes... o número baixo a questão da não formação dos cursos.

SPK_2 Exatamente, isto é assim, pelos comentários, o que estou a dizer aqui não resulta de uma auscultação, é o que eu tenho acompanhado assim de modo geral, se você for a ver os cursos de mestrado sobretudo na nossa ou este curso que eu estou a fazer é um curso com- começou com oito alunos [SPK_1: Exatamente] estou a dizer não, nove alunos sim, nove alunos...

SPK_1 Três de bilinguismo...

SPK_2 Exatamente, e seis de... [*risos*] português como língua segunda, tá a perceber?... E até aqui só temos cinco de ensino de português de língua segunda e três de, de ensino bilingue, isso pode dizer que, tal como eu disse, muitos não gostam da Universidade Eduardo Mondlane, por causa mesmo dessa dificuldade, e... isso faz com que os nossos cursos de mestrado não tenha muitos candidatos, exactamente, os comentários que eu ouvi, sobre outras universidades, é normal num curso de mestrado encontrar 30 alunos, noutras universidades, [SPK_1: Trinta!?] sim, no curso de mestrado, 30 alunos, e isso não acontece na universidade... não quero acreditar, e veja uma coisa, eu quero acreditar que a Faculdade de Letras e Ciências Sociais é que tem mais candidatos, imagina se numa faculdade de Letras de Ciências Sociais tenhamos **nove** alunos até não são nove, tem como seis alunos para uma turma deve imaginar o que é que

já deve estar a acontecer num, num curso de engenharia onde envolve matemática essas coisas todas, quero acreditar que no curso de engenharia para o mestrado tenha um número mais reduzido ainda em relação a um curso na faculdade de Letras e Ciências Sociais.

SPK_1 Então a questão é de dificuldade, afinal?

SPK_2 Há dificuldades, há dificuldades, as pessoas hoje em dia não, esta geração, sobretudo, é uma geração com...que está muito preocupada com resultados imediatos, sim, então a pessoa entrou... e tem que sair o quanto antes, sim.

SPK_1 Então sem adquirir aquele nível de experiência...

SPK_2 Parece que a experiência não é...

SPK_1 é tipo como se fosse superficial...só para sair...

SPK_2 Exatamente, as pessoas da minha geração entendem isso porque nós somos daquela geração que entende que as coisas não acontecem de um...de um dia para o outro, então, quando mais demora, melhor ainda.

SPK_1 Então, se houvesse a possibilidade de mudar o curso para o regime diurno... diário, é diurno né?

SPK_2 Diurno sim.

SPK_1 Você acha que não haveria esta, esse acréscimo de estudantes?

SPK_2 Não, não, não há, isso não há como, tal como eu disse, um dos requisitos para que um indivíduo frequente um curso de mestrado é que tenha no mínimo três anos de experiência na área, é como quem diz que eu...eu fiz um curso na licenciatura, então se eu não der continuidade ao curso, pelo menos tem que estar a fazer um curso dentro do departamento, está a perceber? Então são poucos, ou veja só uma coisa, são poucos casos que as pessoas terminam a licenciatura e vão dar a continuidade, alguns vão terminar a licenciatura, a primeira prioridade é o emprego.

SPK_1 Porque o emprego... não se importa dos níveis, ou seja, você ter uma licenciatura é a mesma coisa que você ter um mestrado? A nível de encontrar emprego? Tipo oportunidades de encontrar.

SPK_2 Bem, falando de oportunidades de emprego, o que é que vai definir a oportunidade de emprego? É a licenciatura, porque você vai terminar a licenciatura e vai ser inserido no trabalho.

SPK_1 Então o mestrado é uma coisa a mais.

SPK_2 O mestrado é uma coisa a mais, então o que é que vai acontecer? Você estando já inserido numa área, é que vai definir qual é o curso que você pretende fazer já no mestrado, tá a perceber? Então isso é que é o que é determinante para dar continuidade ao nível de mestrado e a uma determinada **área** é o local onde você está inserido para trabalhar... tá a perceber? Eu fiz a minha especialidade é tradução inglês-português tá a perceber? E aqui estou a dar o que? Aulas de língua estou a dar aulas de língua então o que é que eu, o que é que eu pensei? Eu tenho que estar no departamento de linguística e literatura, tal modo que um dia, por exemplo, eu posso sair e dar aulas também numa outra universidade... então a questão do mestrado é mesmo a questão, é uma questão...é mesmo uma questão...

SPK_1 Pessoal.

SPK_2 Pessoal, como é que é... de realização **individual**.

SPK_1 Sim sim...ou satisfação individual.

SPK_2 Então quem não achar, existem pessoas que terminam a licenciatura, epá, o foco é...

SPK_1 Emprego.

SPK_2 Emprego, eu, por exemplo, estou a pagar 9 mil meticais.

SPK_1 9 mil.

SPK_2 Meticais para fazer o curso de, de mestrado.

SPK_1 É tipo uma taxa a pagar, uma propina?

SPK_2 Uma propina, 9 mil meticais, então há quem acha que “epá, esse dinheiro é muito, eu poderia estar a construir minha casa, poder estar a comprar um carro pá”, tá a perceber? Então é uma questão mesmo pessoal olhar para os benefícios que vão- que virão? Sim, de que...de... é dessa formação a nível do mestrado.

SPK_1 A questão da propina, é 9 mil por ano?

SPK_2 Não, não, por mês.

SPK_1 Por mês.

SPK_2 Sim.

SPK_1 Ok, ok.

SPK_2 Eu não sei 9 mil quanto é que é em euros?

SPK_1 É tipo... pá mil meticais são 13 euros e por isso 9 mil serão 13 tipo cento e tal.

SPK_2 Cento e tal, por mês

SPK_1 Por mês, ok, ok, ok, percebi, o que é que queria perguntar, estava ligado a esta questão...? Ah, sim,

deixa-me ver só, ok, só a ultimíssima pergunta... os objetivos de carreira antes de você sair do mestrado, vão mudar ou não? Vai continuar a querer ficar aqui?

SPK_2 Aqui onde estou a trabalhar? Bem isso é uma coisa que vai depender, o que é que acontece com o nível de mestrado? A vantagem do nível de mestrado é que você pode dar aulas em diversas escolas, então essa é a escola que permite que eu cresça, então em forma de gratidão eu gostaria de continuar a trabalhar e... mas sei muito bem que eu vou também poder trabalhar ...noulras... noulras escolas, institutos superiores ou mesmo em universidades, então não tenho muito plano de trocar de posto de trabalho, porque não vejo muita necessidade, já que é possível conciliar, sim, é possível conciliar.

SPK_1 Então, com o mestrado vai acabar a sua experiência universitária?

SPK_2 Não, não, não, não, eu tenho pensado em, mas **desta vez** já tinha que ser por meio de uma bolsa, tinha que ser por meio de uma bolsa, eu tenho intenções de dar continuidade para fazer o doutoramento, se fosse possível gostaria de fazer fora de, de Moçambique, que é para quer dizer o que é que acontece lá fora, diferente de...

SPK_1 Ficar na África ou ir também...?

SPK_2 Não, não, não ficar na África, para poder... partilhar essa experiência, olha, isto para mim é partilha de experiência, eu quando vou à universidade, vejo a forma como os docentes trabalham connosco, e também vejo que... acho que dá para tirar alguma coisa do que eu aprendo deles para aplicar na sala de aula, na última aula de DMI estivemos a falar da andragogia, que diz que a forma como nós devemos tratar dos adultos deve ser diferente, mas eu quero acreditar que todos merecem respeito, as crianças, apesar de serem crianças, não deviam ser tratadas com falta de respeito, então, isso é muito importante para mim.

SPK_1 Ok, ok, rapidissimamente, só a última coisa, a universidade, na sua opinião, deveria ter feito algo mais ou está bem assim?

SPK_2 Eu não vou falar da universidade assim, vou falar do papel do Governo, sim, o Governo devia permitir, a universidade não devia ser algo da elite, infelizmente em Moçambique a universidade é da elite, eu sou da opinião de que devia haver políticas que permitissem que mais pessoas, sobretudo as pessoas mais carenciadas, tenham acesso a, a... [SPK_1: Ao ensino superior]sim, ao ensino superior, porque o indivíduo quando entra na universidade não sai a mesma pessoa, então eu quero acreditar que o governo devia fazer mais, de modo a abarcar o maior número possível de pessoas, sobretudo as pessoas das zonas rurais sim porque se nós formos a ver a universidade Eduardo Mondlane para o seu para o seu conhecimento é uma universidade que não expande... existem cursos que só se dão a nível... da cidade de Maputo e se você for para a província, a universidade não tem delegação tá perceber **não tem** delegação.

SPK_1 Não tem delegação, mas porque não tem...?

SPK_2 Não se expande, não se expande.

SPK_1 Por causa das escolhas do Governo?

SPK_2 Sim, sim, sim, das políticas é uma universidade **muito** centralizada, é como quem diz [*incompreensível*] aqui, “se você quer se formar na universidade, venha para Maputo”, é por isso que nós temos muitos colegas que vem do **Norte**, vem do **Centro**, porque a universidade já não sai ao encontro das pessoas, as pessoas que devem sair do distrito, das zonas recônditas para encontrar a universidade, e quando chegam aqui, têm esse, esse choque de familiarização, tá a perceber? Tu sais de um lugar e chegas à cidade, não tens familiares, não tens as bases, é muito difícil, então eu quero... sou de opinião que a universidade devia fazer mais, de modo a que ...muita gente tem acesso à universidade, sobretudo a Universidade Eduardo Mondlane outras universidades como a UP consegue fazer isso, hoje em dia, é normal você encontrar uma delegação a nível do distrito, tá perceber? Mas não acontece o mesmo para a universidade Eduardo Mondlane.

SPK_1 E dentro do curso de didática da língua portuguesa com a língua segunda, ou bilinguismo, deveria ter algo mais ou está bem assim?

SPK_2 Bem, eu não tenho muito a comentar sobre essas coisas do bilinguismo, porque para começar há muita coisa que eu acho que devia ter sido feito em relação ao bilinguismo em Moçambique, nos estamos a falar de bilinguismo, bilinguismo em Moçambique, bilinguismo na perspetiva das línguas bantu, é que se você for a uma escola aqui perto, você vai encontrar que não há, não é esse bilinguismo que tanto se fala, então, antes mesmo de de de de se pensar naquilo que se devia fazer, a primeira coisa que se devia fazer é implementar o ensino bilingue **de facto**, e daí já podemos pensar em que se devia fazer, mas antes, o que se devia fazer é **implementar** o ensino bilingue de facto, quando eu falo de implementação do ensino bilingue de facto, numa situação em que você **vá** a uma escola, uma escola qualquer, pública, das públicas sobretudo, encontrar lá que há o ensino bilingue.

SPK_1 A começar pelas raízes, não pela cima?

SPK_2 Começar pelas raízes, exatamente.

SPK_1 Ok, ok, era só isso, agradeço muitíssimo uma vez mais para ter encontrado o tempo-

Entrevista I – SPK_1 Ok, então, eu queria saber primeiramente, só para quebrar um pouco o gelo... sobre a sua trajetória escolar no que diz respeito ao ensino superior, quais foram as suas escolhas de ensino superior?

SPK_2 Eu fiz o ensino superior aqui, na Universidade Eduardo Mondlane, e o curso que eu fiz na licenciatura foi Linguística, Linguística é... o que é o curso de licenciatura que ainda corre agora acontece o mesmo, que acontece lá naquele curso porque a linguística e a literatura andam mais ou menos ligadas mas são cursos diferentes mas eu estava no ramo da linguística, fiz os quatro anos aqui, depois disso quando concorri para o mestrado concorri para a língua e sociedade, mas mas como expliquei por causa do número de... de... para poder abrir precisa ter um número de estudantes então das duas escolhas que era ensino de português língua segunda e bilinguismo e educação bilingue eu optei por, bilinguismo e educação bilingue.

SPK_1 Ok, tem ali uma motivação específica?

SPK_2 A motivação é mais ou menos por interesse de trabalho o meu interesse não era ensino de português, então mais ligado a área que eu fiz a licenciatura foi bilinguismo e educação bilingue, propriamente para a área da sociolinguística que foi uma das disciplinas que ao longo da licenciatura...

SPK_1 Mas se se o curso da língua sociedade tivesse...

SPK_2 Tivesse arrancado... eu faria a Língua e Sociedade sem problemas porque era... é a coisa que também dá mais manobra por tudo mesmo um pouco da da do bilinguismo e entre aspas de educação na Língua e Sociedade é fácil também adaptar porque é tudo sociolinguística, né? Língua e Sociedade usar- o estudo- fazer um estudo da língua associado ao contexto social então...

SPK_1 O ano em que você começou a fazer o curso de mestrado em Bilinguismo, estavam lá muitos alunos?

SPK_2 Éramos... então uns 10 nós, quando digo nós algumas pessoas concorremos um ano antes não abriu por causa do número de estudantes não era, não, como não cumpria não chegava nem acho que juntando os dois cursos né? Vou me referir quando concorremos mas estamos a falar de dois cursos não chegava a 10 então no ano seguinte fizeram... um arranjo de juntar os que estavam concorrendo naquele ano e os que concorreram no ano anterior para poder completar o número mas éramos 10, 10 ou 11 quando iniciámos mas depois reduzimos mais e ficámos éramos 11 reduzimos ficámos 10.

SPK_1 Mas 11 sempre tendo ali aquela junção das... dos dois cursos?

SPK_2 Dos dois cursos, sim, acho que éramos cinco-cinco.

SPK_1 Porque pelo menos também o ano passado não não se...

SPK_2 Sim sim sim sim, o ano passado também teve a mesma situação, esperou-se até poder juntar para poder abrir este ano [SPK_1: mas não deu?] no ano passado não deu então só conseguimos abrir esse ano só conseguiu se entrar neste ano.

SPK_1 E na sua opinião porque é que há este número tão baixo de estudantes?

SPK_2 Eu acho que é primeiro as pessoas, agora quando olham para o mestrado olham para cursos mais profissionalizantes querem sair e ter, saber fazer alguma coisa cursos mais ativos mais profissionais, que ensinam a fazer ele já sabe o que vai fazer segundo também tem a ver com a falta de divulgação dos nossos cursos, a sociedade não **sabe** que existe um curso por exemplo ligado ao ensino bilingue ou bilinguismo **aqui** por exemplo na universidade no **país** a pessoa só, só quem faz esse curso é quem lida por exemplo com ensino é quem fez linguística são pessoas **muito** ligadas à área e os outros não tem esse conhecimento então mesmo que tenham interesse por exemplo não [*incompreensível*] aproximar porque não sabem... [SPK_1: a questão do alcance...], a informação é até sai é tornada pública mas não nós não vamos lá mostrar a pessoa não precisamos ir mas... não há plataformas que faz-façam com que a informação chegue e mais pessoas possam vir fazer o curso outra coisa também a questão do...dos valores, porque as pessoas muitas das vezes tem de pagar e às vezes é complicado então a questão dos valores também contribui, contribui bastante porque...

SPK_1 Não tem bolsas?

SPK_2 Não há bolsas, primeiro, as poucas bolsas que existiam às vezes no... nalguns setores de trabalho foram diminuindo e... as bolsas daqui mesmo para os funcionários daqui são complicadas então pagar a conta própria é complicado e verificou-se uma mudança porque o curso sofreu um agravamento antes de nós entrar daqueles da minha da minha leva entrar, o curso... tava a um preço e depois **subiu** a um outro preço que agora **subiu** de novo para um preço também um pouco acima, então eles fazem as pessoas depois começam a fazer um cálculo né? O curso depois vão fazendo **comparações** com cursos um pouco mais profissionalizantes mesmo que tenha interesse a pessoa depois prefere ir para um lado e os nossos cursos ficam, ficam de lado então só vem para cá pessoas que trabalham na área trabalham com **ensino bilingue**, tem alguma ligação com o **ensino** são pessoas por isso é que são pessoas que conhecem tem

interesse com a coisa.

SPK_1 E porque você veio em contato com bilinguismo mesmo na universidade? Ou já conhecia?

SPK_2 Não não, tive contato quando eu fiz linguística aqui dentro da Universidade antes não... tal como todo mundo não... as pessoas não **sabem** mesmo que é por exemplo linguística as pessoas não têm **muito** conhecimento são poucos que são um bocadinho mais **curiosos** vão atrás tentam entender o que é o que que se faz.

SPK_1 E só por curiosidade qual é que será o tema de sua dissertação? Você já está a escrever?

SPK_2 Eu já tou no projeto já tou no processo eu falo do, do preconceito linguístico na educação bilingue.

SPK_1 Ok, interessante ok, ok.

SPK_2 Falo do preconceito linguístico na educação bilingue.

SPK_1 Ok, está a ser orientado pelo professor?

SPK_2 Pelo professor Feliciano.

SPK_1 Ok, ok e você acha que o curso de, de Bilinguismo e Educação Bilingue é, ou mesmo os dois cursos tiveram um bom, desempenharam um bom papel para sua sua melhoria de conhecimento?

SPK_2 Claro, claro claro muito, algumas coisas já até havíamos visto na licenciatura mas não com a visão por exemplo que nós víamos porque na licenciatura nós vemos aspetos ligados ao bilinguismo numa uma ou duas disciplinas ali nós estamos- vamos- fomos aprofundar aquilo que íamos apanhado numa e noutra disciplina tendo uma visão um bocadinho mais, mais geral então... há sempre uma informação nova uma visão um bocadinho diferente vemos muitos diferentes a nossa comparamos a nossa realidade com outras realidades em termos de educação bilingue em termos do contexto linguístico em geral.

SPK_1 E pronto qual... a sua... digamos assim o objetivo, ou seja, depois de sair daqui tirar o mestrado, defender a sua dissertação qual é que será o próximo passo?

SPK_2 Depois de defender né? Porque estou a trabalhar na área de docência não é? É natural hoje posso se calhar até pensar num doutoramento ligado, também a questão... para não fugir dependendo só que para nós agora cá o doutoramento que tem pelo menos aqui é só... o doutoramento em linguística a pessoa depois há de ver quais são os caminhos... [SPK_1: não tem um doutoramento...?] especificamente em bilinguismo? Não [SPK_1: ok] o doutoramento é em linguística [SPK_1: mas dá, tem espaço para...] mas ali dentro tem espaço para as pessoas poderem fazer os arranjos né? Dependendo do que a pessoa quer falar a pessoa pode fazer essas, essas...

SPK_1 Ok ok e agora está a dar... lecionar mesmo dentro da universidade, na licenciatura? [SPK_2: Sim na licenciatura] qual é o curso?

SPK_2 Linguística, [SPK_1: Linguística] agora tou a a lecionar no curso no mesmo curso que eu fiz que é Linguística.

SPK_1 Ah ok ok ok e nota-se da... tipo algumas diferenças entre ser digamos assim da parte do estudante ter vivi- vivenciado aquele curso ali e agora lecioná-lo mesmo.

SPK_2 Tipo antes de ter feito um curso e agora como é que...? [SPK_1: sim] sim há uma visão diferente de como é que as coisas são como é que com o novo conhecimento tem coisas que eu dava mas a visão era diferente agora é um bocadinho melhorado há sempre uma, uma diferença.

SPK_1 No que diz respeito ao nível dos estudantes, por exemplo os seus colegas ali na licenciatura, o nível dos seus estudantes de agora como é que... tem diferença, melhorou ou piorou...

SPK_2 O nível? Os estudantes que nós temos agora e os estudantes antigamente? [SPK_1: uhm uhm] A coisa não é igual os estudantes de agora não... o nível não é o mesmo, há um desnível relativamente considerável.

SPK_1 Acha isso também tipo no, no, no âmbito do mestrado ou você acha que o mestrado é ali tipo um mundo...?

SPK_2 Tipo separado? [SPK_1: é] não... se calhar seria ousado falar como não, nunca, não tive quando tem pressão com os estudantes que estão agora né? então seria um bocadinho perigoso mas... já é só os professores mesmo que dá um nível de mestrado é que podem dizer né?

SPK_1 Mas os professores que você teve no mestrado são os mesmos?

SPK_2 Alguns, muito poucos agora [SPK_1: eram outros?] quando alguns ah, os que eu tive na licenciatura no ano em que eu fiz a licenciatura alguns deles também coincidentemente eu tive no mestrado mas alguns agora já não estão a dar licenciatura só estão a dar ou mestrado ou doutoramento.

SPK_1 Ok mas por exemplo, estou aqui a observar as aulas, já por acaso eu observei, acabei na, na quarta, ontem... anteontem... as aulas da Doutora Samima professor Chimbutane, professor Carlos Manuel, e o professor Chambo, eram os mesmos do mestrado... de você?

SPK_2 Foram os meus professores do mestrado, sim.

SPK_1 Sim, ok, ok e qual era dentro da sua turma a relação com estes professores? É uma relação só de

profissionalidade, seriedade não tem espaço para momentos leves...

SPK_2 Havia, havia claramente em todas as aulas mesmo naqueles que são um pouco mais sérios aquela quebra de gelo né? Mas já eu creio que era uma relação saudável na medida, é claro que há né? Coisas que são combinadas no início quando não são cumpridas há sanções né? Mas já há sempre o espaço para momentos mais leves mais duros né? É claro um estudante é sempre um estudante sempre vai arranjar artimanhas quando não tiver feito algo não sei quantos mas os momentos eram... e também porque muitos, muitos que fazem mestrado são trabalhadores estudantes-trabalhadores, então os professores ou alguns deles ou grande parte deles tem também essa consideração de olhar para esta parte né? Que para além de estudar vai ao serviço o sai do serviço diretamente para cá então ponderam um pouco esses... esses pontos.

SPK_1 E na questão dos colegas, teve ali também uma relação entre os colegas [SPK_2: os estudantes?] exatamente com eles, deu êxito positivo?

SPK_2 Sim sim sim, era tranquilo para nós, formamos um bom grupo não havia muitas... mas também por serem pessoas adultas e já, né? Íamos é claro saíamos para estudar mas acabamos criando laços de amizade [SPK_1: mesmo sendo também de duas, de dois mundos diferentes] diferentes sim sim, havia... era tudo natural não havia questões de...

SPK_1 Você enfrentou alguma diferença em termos de conhecimentos, de faltas entre os dois tipos de estudantes seja do curso de Bilinguismo e do curso de Didática de Língua Segunda?

SPK_2 Tipo terem dificuldades? [SPK_1: sim] aconteceu porque alguns, porque uns não, não haviam feito cursos ligados diretamente ao bilinguismo e ao ensino de português de língua segunda e eu... era uma desvantagem porque são exigidos conhecimentos relacionados por exemplo a aspetos linguísticos que se o estudante não tem ele tem que fazer um trabalho a **dobrar** porque tem procurar saber o que é que se tiver mais ou menos daquela naquela coisa na licenciatura para poder vir entender, esse aspecto lá no mestrado então houve disciplinas que aparecíamos com algumas dificuldades por muitos ou alguma parte de nós não fez nenhum curso relacionado com, com bilinguismo, com ensino de português língua segunda.

SPK_1 Ah ok então o discurso vale para ambos os cursos [SPK_2: Para ambos os cursos, sim sim] ok ok pronto uma outra questão, passando para outro tema, você teve expectativas antes de começar com o curso de bilinguismo teve uma expectativa ao sair do curso?

SPK_2 A expectativa até estava para o primeiro curso né? Porque quando concorri esperava que né? Que entrasse mas feito este aqui claro né? A expectativa é sempre, fazer bem sair com êxito conseguir terminar perfeitamente... [SPK_1: e deu pra...] a parte curricular foi tranquila mas agora tamos no processo né? Projeto depois desse projeto que está ainda na elaboração tem de vir a defesa.

SPK_1 E na sua, na sua opinião quanto é difícil conciliar as duas- o trabalho como professor agora na universidade e acabar com o curso de mestrado?

SPK_2 A dificuldade é que se calhar... o recurso humano as pessoas aqui agora são um pouco reduzidas para trabalhar e o curso exige... em qualquer curso por isso é que às vezes é difícil conciliar a questão de trabalho e a questão da escola que... trabalho é uma coisa pontual às vezes querem aqui agora e a escola às vezes acaba ficando de lado por isso é muito mais fácil para alguém ter uma bolsa completa que só vai estudar do que para alguém que está a conciliar a questão do, do estudo e... trabalho então entra em choque muitas das vezes porque as coisas querem ser feitas as duas no mesmo momento, então é difícil.

SPK_1 Você está a conseguir acompanhar com as duas?

SPK_2 Epá, não no ritmo que devia por causa da, a dinâmica do trabalho não permite que a escola atenção da escola seja também ao mesmo, ao mesmo nível.

SPK_1 Ok então deveria se encontrar alguns professores a mais aliviar um pouco o peso do trabalho... e você na... no seu, ao longo do curso teve alguma experiência prática tipo estágio, algo parecido?

SPK_2 Não não nós não tivemos, não tivemos estágio não saímos para o campo.

SPK_1 Gostaria de ter feito algo?

SPK_2 Sim seria muito bom **principalmente** porque tamos a falar de uma coisa que acontece no concreto aqui e nós só falamos de como é que a coisa acontece mas não vimos como uma coisa acontece por exemplo o que o que está a fazer é ver como é que o nosso curso é dado nós por exemplo tínhamos que sair para uma escola com modelo bilingue para ir ver- podia até não ser um estágio porque o estágio depois poderia comprometer o relatório por aí fora mas ser uma coisa como... a participação nas aulas ser uma coisa de uma disciplina para vermos como é que ocorre esse processo.

SPK_1 E porque é que não acontece isto? Por falta de recursos, por falta...?

SPK_2 Não sei mas como... quem tinha de fazer isso o programa é que tinha devido desenhado assim porque nós até podemos querer ir mas, a nossa vontade tem de ir de acordo com como o programa foi desenhado... [SPK_1: ah, pelo professor] sim... porque nós não iremos por exemplo sem um credencial para mostrar que eu venho fazer isto aqui então para mim tinha que ser uma componente do próprio curso,

os estudantes numa das disciplinas ou algum momento todos saem para poder ir todos por causa do número a ser pequeno para irem ver como é que a coisa... pode até não ser assim um número elevado de aulas mas nós vemos como é que é a dinâmica do... desse ensino é por isso que muitas das vezes os trabalhos são feitos **às cegas** porque ele nunca teve contato por exemplo com a educação bilingue ele pensa no que vai, vai se escrever não sei e vai sem saber mais ou menos como é que é porque por exemplo se **fossemos** ao campo com um bocadinho mais de antecedência eu acho que a pessoa mesmo para elaboração trabalho para elaboração do tema essas coisas, a pessoa já teria um momento um pouco mais aberto que viu quais são as dificuldades se calhar onde ele foi como é que a coisa é dada “isto é estranho, nós vimos assim mas aqui” então são essas coisas que ela nota põe como problema depois pode pensar numa... num possível tema coisas a coisa prática é que nos ajuda a ter uma visão **real** como é que a coisa acontece.

SPK_1 Ok mas agora no processo [SPK_2: isso não acontece] não acontece... mas no processo de de... escrita da sua dissertação.

SPK_2 Eu terei de ir ao campo [SPK_1: Ok então ainda tem que...] sim eu terei de ir ao campo.

SPK_1 E a universidade ajuda com a escolha do... das escolas [SPK_2: não...]ou é você que tem que... organizar tudo?

SPK_2 Sim... você é que vê qual é a escola em que vai, você é que faz uma pesquisa antes depois eu vou fazer o estudo na escola X Y desde que esteja nesta modalidade de ensino que é... [SPK_1: e deve ser aceite pelo professor eu acho ou não?] sim... também... [SPK_1: tipo um projeto a ser aceite...] o primeiro que quando fazemos o projeto o projeto fazemos... quando chegamos ao fim né? da parte curricular apresentamos propostas de três ...três temas, propostas e depois disso fazem a distribuição consoante as três propostas vão dando supervisores dali cada estudante vai trabalhar com o supervisor que foi atribuído, então chega lá o supervisor que vai afinar qual é o melhor ou qual é o tema que não seria muito apropriado por causa disto daquilo... e depois chega só um consenso que o tema é isto ou aquele passa-se para elaboração do projeto primeiro supervisor aprova o projeto depois o estudante defende o projeto só depois da defesa do projeto é que o estudante pode ir fazer a recolha de dados, porque depois da defesa do projeto é a elaboração da dissertação então é por isso que só depois do projeto é que ele **pode** e faz a recolha porque não pode fazer antes que o projeto ainda não foi, não foi aprovado então só depois dele defender o projeto e o projeto ser aprovado é que ele já passa para a fase de elaboração da dissertação que também está relacionado com a recolha de dados no campo.

SPK_1 E vocês devem relatar os dados tipo, em exercício assim que vocês recolhem os dados têm que relatar aos professores como é que está a correr?

SPK_2 Depois vamos combinando, mandamos ele depois corrige aqui acolá, sim.

SPK_1 E... no curso que você teve, vivenciou, gostaria de ter feito algo mais ou acha que o que foi explicado e apresentado ali no curso era bastante?

SPK_2 Algo mais todo mundo gostava de ter mas a parte prática tal como disse que seria muito boa sim ao curso porque os estudantes iam ver na parte mesmo para questão do ensino português língua segunda porque há locais que ensinam português como língua segunda então estudantes iriam ver de facto como é que ocorre esse, com esse processo de ensino de português como língua segunda como é que ocorre o processo de educação bilingue em Moçambique por exemplo.

SPK_1 E também falando do tempo, porque pelas entrevistas que eu fiz até agora, sobressai um pouco esta questão do tempo, da falta, entre aspas, de tempo, você acha a mesma coisa? Ou seja, algum tem me explicado que em outras universidades, por exemplo, os cursos de mestrado levam tipo três anos.

SPK_2 Não, são dois ok são dois três- são dois anos o curso de Mestrado é um tempo... é um tempo certo se calhar aqui é a questão dos procedimentos para **defesa** porque nas outras nos outros nos outros sítios a questão da defesa não leva esses procedimentos todos... [SPK_1: no sentido de burocracia?] sim sim sim, não são os procedimentos todos são de facto dois anos mas eu não preciso por exemplo fazer o projeto porque eu já defendi o projeto lá atrás quando porque é um dos critérios por exemplo de admissão mestrado então eu coordeno com o supervisor vemos já trabalhamos depois submetemos o trabalho final e só a defesa.

SPK_1 Ok mas não entendi uma coisa, você tem que apresentar o projeto como candidatura para entrar para...[SPK_2: poder fazer a dissertação], ok não o mestrado você não teve não teve de apresentar o projeto antes de começar com o mestrado.

SPK_2 Tem que aproveitar uma proposta de projeto [SPK_1: como se fosse um pequeno doutoramento?] como se fosse um pré-projeto é o que chamam de pré-projeto no sentido de pôr ideia chave do que que projeto terias por exemplo para fazer um mestrado?

SPK_1 Ok como é que você aproveitará dos dois anos de mestrado...

SPK_2 O projeto é mais o que você vai estudar por exemplo no trabalho porque depois isso pode mudar no

trabalho que você vai fazer neste mestrado por exemplo ligado ao bilinguismo e educação bilíngue então a pessoa faz um umas poucas três quatro máximos cinco seis pági- é um pré projeto então esse documento é anexado aos outros documentos que são feitos de uma avaliação da candidatura depois a pessoa é aprovada estuda **no fim** da parte curricular é que ele já faz um projeto **final**... [SPK_1: baseado naquele que...] pode ou não... [SPK_1: pode até mudar] exatamente **se** o caminho for o mesmo o projeto mantém, mas muita das vezes acaba mudando [SPK_1: o seu mudou?] sim mudou, mudou também porque primeiramente eu... o projeto foi feito com base em língua e sociedade e então depois disso é que o estudante tem de fazer um projeto que já é um projeto final depois de defender o projeto final só depois é que **passa** pela elaboração da dissertação.

SPK_1 Você acha este processo de burocracia... normal, ou seja, necessário ou queria cortar um pouco ali alguns... alguns passos?

SPK_2 Se calhar cortar alguns passos principalmente o passo da defesa do projeto para ser um pouco... como um dos caminhos a chegar à dissertação porque é um processo que leva muito tempo muita das vezes o tempo que levaríamos a lutar com um projeto vai não vai já estaríamos a pensar na dissertação porque grande parte dos elementos que estão no projeto passam para dissertação sim.

SPK_1 ...Eu acho que já estamos, não sei se há alguma coisa que queria dizer a mais... a ah, nas aulas, como é que eram estruturadas? Ou seja, nas minhas observações, eu já tive a experiência do professor, tipo Chimbutane ter uma apresentação moderada e... pelos estudantes todos e depois debate e depois no final da aula ele que explica... faz um resumo... [SPK_2: um resumo geral] exatamente ou a professora Samima que dá uns slides e fala, [SPK_2: depois um debate geral...] questões... [SPK_2: é mais aberta...] é, e tudo isso era o mesmo para você?

SPK_2 Sim sim foi o mesmo, foi o mesmo dependia as aulas dependem muito de quem dá por exemplo as aulas do professor Chimbutane já estava claro que quem faz as aulas somos **nós** então nós é que somos moderadores de defesa de cada um nós é que defendemos no fim de tudo ele faz um resumo dependente de como a pessoa apresentou porque às vezes quando a pessoa apresenta bem ele não vê muita necessidade de fazer uns resumos “tem isso só acerta daqui acolá” e a aula fechou, as aulas da professora Samima, são slides, apresentações mas são mais interativas, são mais interativas fala-se mais, há mais abertura mas tem as aulas acho que não teve acesso por exemplo as aulas do professor Gregório [SPK_1: não] sim ali a interação é um bocadinho mais reduzida porque ele faz aula muitas vezes só, somente...

SPK_1 No contexto da licenciatura? [SPK_2: não] é mesmo do mestrado qual é a disciplina do professor Gregório?

SPK_2 MIA, Metodologia de Investigação avançada mas foi do primeiro semestre.

SPK_1 Deve ser ok ok... e como é que você traduziu os conhecimentos das aulas, dos professores do mestrado dentro do seu trabalho agora na licenciatura [SPK_2: sim] tem ali uma ligação entre o que você vivenciou **no mestrado** e o que você tá a dar agora aos seus estudantes?

SPK_2 Algum... em parte sim, tem, algumas disciplinas foram... estavam relacionadas com com com que vemos na na licenciatura por isso é que alguns até tiveram dificuldades porque a licenciatura deles não foi em linguística em alguns trabalhos por exemplo não sei se viu uma das disciplinas que é Linguística Descritiva do Português acho que agora tá por aí a disciplina [SPK_1: no mestrado?] sim [SPK_1: acho que não] ocorreu no primeiro semestre, mas é que é de facto aquilo era de facto linguística muitos como não fizeram linguística tiveram dificuldades, para fazer então aquilo **para nós** por exemplo que estamos ligados a isso se calhar é uma coisa relacionada ao que damos traz vantagem porque vemos **outras** visões daquilo que estamos a dar.

SPK_1 E você absorveu umas práticas que você viu dadas pelos professores do mestrado que agora você está a atuar na sua licenciatura, tipo como é que você estrutura uma aula?

SPK_2 Uma aula, sim a interação como é que por exemplo nas aulas de didáticas nós víamos né? As diferentes formas do professor poder **dar** as aulas e às vezes nós programamos uma coisa a coisa não sai viemos que nós próprios temos de ser capazes de, a coisa não está a sair, arranjar mecanismos de resolver a situação pontualmente então são essas coisas fomos aprendendo ao longo do... para quem trabalha com isso foi foi foi foi aperfeiçoando foi vendo como é que é como é que não é principalmente... por exemplo lá no mestrado somos pessoas adultas então como é que se age como é que devemos agir como é que eles agiram Então são essas, sim, e nós fomos adquirindo.

SPK_1 Outra questão é que, sendo o curso de mestrado no regime pós-laboral, tem, como você disse, pessoas que já trabalham, que são adultos, você acha isto uma espécie de pré-requisito, ou seja, a pessoa a ser já enquadrada numa certa, um certo enfoque ali, ou sim, que tem alguma experiência, algum jeito... ou tem também tipo oportunidade de se desenvolver um curso com, tipo jovens.

SPK_2 Eu acho que deviam até haver cursos para jovens, porquê? Porque o facto de ser num pós-laboral

inibe as pessoas que não trabalham mas que querem estudar que tenham... porque se fosse no laboral e sem custos né? Ou se fosse um mestrado financiado muitas pessoas iam concorrer, porque temos muitas pessoas que terminaram o curso de linguística até com êxito mas que não podem... não tem condições de fazer o mestrado porque às vezes até não é por ser né? Vamos num período fora do laboral é por falta de condições para pagar naquele período porque pode até haver um mestrado de dia como nos outros sítios mas porque **se paga** a pessoa fica com dificuldades de frequentar o curso então se se abrisse essa oportunidade de ter regime laboral um curso de mestrado mesmo até de doutoramento seria uma coisa perfeita, porque até aqueles que já fizeram licenciatura estão... podiam concorrer se fosse que não é um concurso como os outros seria muito tranquilo, seria muito bom.

SPK_1 E os seus colegas de bilinguismo agora, estão a trabalhar estão a fazer o quê?

SPK_2 Todos acho que fizeram- Vinham- vieram fazer mas já estavam a trabalhar acho que sim por- quase todos ali sim.

SPK_1 Porque era uma outra pergunta que eu tinha era mesmo quais são as oportunidades ao vocês saírem da do mestrado?

SPK_2 Muitos deles já tão a trabalhar, já tão a trabalhar, vieram para aqui já a trabalhar... [SPK_1: mesmo dentro do âmbito do bilinguismo?] não, muitos deles não exatamente, tínhamos colegas por exemplo... tínhamos... um na... na Assembleia não é muito ligado ao bilinguismo tínhamos um por exemplo no... no Ministério da Juventude não é **totalmente** ligado ao... temos um **professor** mas não é bilinguismo professor de inglês, tínhamos um só que esses outros são de ensino né? mas vamos... tínhamos outro professor... a maior parte são, são professores mas não muito ligados ao bilinguismo como tal, ensino de português ensino de inglês aqui e acolá.

SPK_1 Ok ok e última questão só para fechar um pouco a conversa do da da importância entre aspas do **impacto** no mestrado... pelo meu entendimento há algum que acha que o mestrado seja só uma uma coisa pessoal, a mais, ok? Porque para encontrar um trabalho pode até bastar a licenciatura, o que é que acha sobre esta questão aqui?

SPK_2 E se calhar ele olha mais ou menos para a visão que se entende o mestrado, aqui no país, né? Muitos usam o mestrado como uma porta, por exemplo, para fazer o doutoramento, porque eu como dizia as pessoas procuram às vezes mestrados profissionalizantes mas, há mestrados que abrem abrem as portas para **outros** mercados de emprego né? Falo- estamos a falar de bilinguismo por exemplo é claro né? Para se ter emprego tem que ser atrás há projetos que falam que trabalham com isso, que às vezes querem pessoas qualificadas se o conhecimento, de forma direta ou indireta sempre abre espaço para oportunidades de trabalho só que muitos de certa forma não fazem com essa com essa ideia, quem faz com essa ideia quem já está na área quer complementar o conhecimento, não sei quanto mas quem não está muito na área faz por questão mais pessoal faz porque tem porque quer fazer.

SPK_1 Quer fazer, porque a um empregador ler um curriculum [SPK_2: sim] e ler “licenciado” e “mestrado”, sim ou por outro lado ler só “licenciado” muda alguma coisa na escolha de um candidato?

SPK_2 Muda muda, direta ou indiretamente a pessoa que vai fazer o mestrado pode perceber explícita ou implicitamente sempre vai ficar alguma coisa e a experiência é diferente porque ele teve mais né? Mais algum tempo a estudar então teve um bocadinho mais experiência em relação a quem fez por exemplo só a licenciatura.

SPK_1 Ok eu acho que podemos encerrar aqui a nossa conversa vou aqui parar a...

Entrevista J – SPK_1 Ok, já está, então, eu só queria, primeiramente, só para quebrar um pouco o gelo, perguntar sobre a sua trajetória de carreira de ensino superior, ou seja, quais foram as suas escolhas, o que é que fez na licenciatura e como é que escolheu o mestrado, tudo isso?

SPK_2 Perfeito, então, podemos começar com o médio, né? [**SPK_1**: Ok, podemos] Eu estudei para ser... um agrônomo ou um médico, por isso que fiz ciências exatas na, no ensino secundário, mas então infelizmente no meu exame do nível médio de matemática não consegui aprovar na primeira época, então não tendo aprovado na altura, foi quase 2004, na altura o sistema era, se você não aprova, no exame, não tem como se inscrever para o ensino superior.

SPK_1 Não tem outra possibilidade.

SPK_2 Fica à espera do outro ano, então, naquela espera, eu já vinha aprendendo inglês, qual é uma coisa dessas que temos aqui? Já vinha aprendendo inglês, não só na escola, mas também vinha me interessando por isso, então, na falta de ir à universidade, um amigo me convida para acompanhar e a inscrever-se para a formação de professores, então, chegado lá, eu também achei melhor me escrever e aquilo me pedia fazer o exame da admissão de português e do inglês, e então, prontos, nunca tinha feito nenhum exame de admissão, estava interessado em avaliar o meu nível de inglês, **me escrevi e admi**ti, então fui convocado para a entrevista, chegado à entrevista, as pessoas que fizeram a entrevista foram americanos, então fiquei empolgado, “uau, vou aprender inglês com americanos”, e assim fui formado como professor de inglês e ciências sociais, como médio, então depois dali, aquilo foram dois anos, foi 2005 e 2006, terminado 2006, 2007, já corremos atrás das vagas de trabalho, então fomos informados que aqui em Maputo, aqui na nossa zona de origem não havia vagas, tivemos que ir trabalhar numa outra província, neste caso na província de Gaza, fui para lá, trabalhava na província de Gaza e prontos, sempre tive essa vontade de querer voltar para Maputo... então, consegui voltar, tendo voltado, para mim já não fazia muito sentido voltar para as ciências exatas, porque já tinha vivido três ou quatro anos de inglês, português e línguas locais, lá na província de Gaza, no distrito onde eu estava, vamos dizer, português era como se fosse uma língua estrangeira.

SPK_1 Qual era a língua primeira?

SPK_2 Changana, sim, changana, então as crianças dificilmente falavam português, comunicavam-se em changana.

SPK_1 É a mesma daqui também?

SPK_2 Sim, sim, mas lá um pouco mais carregada é uma outra variante, sim, e eu na altura também tinha dificuldades a changana, sim, falava mais de ronga do que o próprio changana.

SPK_1 Ok, porque na família você fala mais de ronga?

SPK_2 Sim, sim, então, houve necessidade de aprofundar um pouco o próprio changana, e prontos, quando volto para cá, para Maputo, fui afetar uma escola que é assim, nessa via aqui, chamada Oito de Março, então, quando chego aqui, começar a raciocinar comigo mesmo, fazer... voltar para a área das ciências naturais seria um trabalho enorme conseguir, quer dizer, voltar a estudar matemática, estudar biologia, química, e já estava a meio caminho andado a inglês, português, porque era o meu dia a dia.

SPK_1 Era difícil voltar para trás.

SPK_2 Sim, então daí, quando chegou a vez de me inscrever na universidade, fui me inscrever para a Universidade Pedagógica, para fazer ensino de inglês, na altura o curso chamava ensino de inglês com habilidade a português, e fui-me inscrever na Eduardo Mondlane como primeira opção, eu nunca quis ser professor apenas, sempre quis ser professor mais alguma coisa, então, como segunda opção, inscrevi-me para a licenciatura, tradução português-inglês, e vice-versa, na UEM, então admi ti as duas universidades, admi ti para fazer ensino de inglês na Universidade Pedagógica, admi ti para fazer tradução na UEM.

SPK_1 Então tem que escolher, né? [*riso*]

SPK_2 Logicamente, aqui escolhe-se UEM, né? [*risos*] Sim, a UEM é a referência.

SPK_1 Logicamente porque... é a maior?

SPK_2 A universidade maior, sim, é a maior...yá. Então fui fazer isso em dois mil e... entrei na universidade em 2010, fiz licenciatura, 2010 e 2013 na UEM, e prontos, de lá até hoje trabalho como **professor**, também como tradutor, ajuramentado de inglês-português e vice-versa, então foi assim mais ou menos a minha trajetória na licenciatura.

SPK_1 E depois indo para o mestrado?

SPK_2 Então eu sempre quis fazer o mestrado, sempre, o meu mestrado, a ideia sempre foi de qualquer coisa que tem a ver com línguas nacionais, né? Línguas locais, e a minha ideia foi, há pouca coisa que se escreve aqui em Moçambique nas nossas línguas, e a minha ideia sempre foi querer **contribuir** para a minha língua, peguei changana já é a minha língua, né? Sim, os meus pais, a origem dele é changana, então, e aí eu peguei changana e disse “não, eu preciso contribuir com qualquer coisa na minha língua, na língua dos meus pais”, né? Porque não há nada aqui, então, fui à universidade em 2018.

SPK_1 Ok, então você ficou de 2013 para 2018 trabalhando.

SPK_2 Sim.

SPK_1 E depois decidiu...

SPK_2 Fui só para saber se existia qualquer coisa que eu pudesse estudar que tivesse a ver com isso, então quando eu cheguei lá o que me apresentaram foi língua e sociedade e quando pesquisei um pouco sobre, como é que se diz, o programa de estudo, não me senti cativado ali, sim, então 2019 COVID, 2019 vai até por aí 2021, então quando volto em 2021 não não, em 2020 mesmo, fiquei sabendo que havia esse mestrado em bilinguismo, *yá*, bilinguismo é educação bilingue.

SPK_1 Mas porque se formou naquele ano ou já estava, mas você não sabia?

SPK_2 Não, em 2000, não existia, [SPK_1: não existia ainda?] Sim, existia, mas parece que sempre teve pouco interesse, as pessoas estavam mais interessadas em Língua e Sociedade e mais um outro.

SPK_1 O alcance da informação do bilinguismo não estava? Não tinha.

SPK_2 Sim, não tinha muita gente com interesse, então a universidade não podia iniciar o mestrado com um, dois estudantes, então quando volto, me candidatei, “não, este ano vai arrancar”, me candidatei né?, Disse em 2021 na perspectiva de iniciar em 2022, mas em 2022 **não fomos chamados** por insuficiência de estudantes, então em 2023 eu sempre fazia barulho, fazia barulho, fazia barulho porque estava interessado realmente em estudar e para mim era muito cómodo estudar naqueles anos de covid porque não havia nada e toda a educação era **online** então eu tarei na minha zona de conforto não vou precisar sair daqui até a cidade tenho muito tempo vou estudar... mas infelizmente o curso não arrancou, então em 2023 é quando o curso arranca, então eu fiz parte daqueles... cinco estudantes, sim, porque éramos 10, cinco para português segunda língua e cinco para bilinguismo, então prontos, quando fui informado que o curso ia arrancar, eu disse “uau, ainda bem o que eu precisava” e prontos, voltei à escola, então basicamente fui licenciatura em 2013, só voltei para o mestrado em 2023.

SPK_1 Ok, então, dez anos de espera entre aspas, e... você, porque é que não decidiu começar com o mestrado mesmo saindo da licenciatura? Você queria trabalhar um pouco antes? Primeiro, formar uma experiência a mais para depois entrar no mestrado, ou...

SPK_2 Ah, sim, a educação aqui, a educação, a própria pesquisa está muito ligada à fome, por exemplo, eu sofri muito para fazer licenciatura, essa estrada que você usou de Malhampsene para aqui não existia, alguém tinha que caminhar talvez daqui onde nós estamos, até Malhampsene, é mais longe ainda, ou até um outro ponto, então tem um estudo que diz assim- não, eu preciso de determina- eu já trabalhava para o Estado, sou funcionário do Estado, eu tenho que terminar de estudar, levar a minha documentação, o meu certificado, eu mostrar no serviço para mudar o salário, comprar **carro**, cuidar da **casa**, da **esposa**, da **família**, depois quando achar que as coisas estão estabilizadas, já posso ir à escola, é assim como nós pensamos aqui, posso **voltar** para a escola, é muito difícil alguém terminar o nível e **seguir** o outro [SPK_1: Ok seguir logo...] sim... se faz isso é porque é bolseiro.

SPK_1 Ah mas não tem bolsas no mestrado?

SPK_2 **Tem bolsa** mas o processo aqui é muito burocrático aqui é muito difícil você ser contemplado muito difícil por exemplo de nós os 10 o bolseiro ali era o Marques, sim todos nós e...

SPK_1 Quais eram os critérios?

SPK_2 Das bolsas? Você nem chega a saber até mesmo que **há** bolsas, chega a ser um segredo que...

[SPK_1: Quem ganha?] Que há bolsas, que há bolsas disponíveis.

SPK_1 Ah que há bolsas é um segredo?

SPK_2 Chega até a ser um segredo, você só ouve que “ah não, porque houve bolsa ali, acolá” e às vezes isso envolve política, sim, tem que estar ligado a um certo partido político, *yá* as coisas andam assim, fechadas, então se você não é um político, mas também outra coisa é essa, né? Tu te beneficia da bolsa, estudas, mas depois tu perdes a independência académica.

SPK_1 O que é que seria isto? Continuar com um pensamento? Entre aspas.

SPK_2 Sim, tem que seguir aquela linha daquelas pessoas que fizeram com que você conseguisse a bolsa.

SPK_1 É, para agradecer.

SPK_2 Sim, então, às vezes algumas pessoas como eu preferimos não ir atrás da bolsa, mas cuidar das coisas com um fundo próprio para ganharmos a independência académica que estamos à procura, sim.

SPK_1 Então, você acha que também essa questão da bolsa pode ser uma motivação para a falta de estudantes? A questão económica? Para a falta estudantes.

SPK_2 É, sim, é, é, sim.

SPK_1 Tem ali outras motivações ou é só esta económica? [SPK_2: No que diz respeito às bolsas?] no que diz respeito à falta de estudantes, porque, por exemplo, estava a pensar na dificuldade do curso.

SPK_2 Ah, as pessoas querem estudar não, a dificuldade do curso não exatamente, não, não, não vejo,

porque, olha, se eu sou bolseiro, se a minha vida é só estudar, **só estudar**, qual é a dificuldade que o curso vai me criar? Porque eu estarei todo absorto, todo **dentro**, todo **submerso**, só para estudar.

SPK_1 Se uma pessoa trabalhar ao mesmo tempo, tipo contemporaneamente, enquanto ela estuda, ela trabalha, eu acho que tem que ser um sacrifício a mais, pá.

SPK_2 Mas por exemplo, nós fazemos o mestrado, vamos lá, nós entramos às 17h, 16h, 17h, eu até às 12h, já trabalhei... no meu regime de trabalho, até às 12, já terminei a trabalhar, já posso correr...

SPK_1 Dava para ir... simplesmente ir... com calma.

SPK_2 Sim, sim, mas aí o ponto é esse, eu preciso estudar, preciso cuidar da família, preciso comer carne de porco, beber uma cerveja, né? E tudo gira nesse **pouco** valor que eu ganho, sim, percebe? Por exemplo, só para perceber, eu... trabalho de manhã, vou ao serviço de manhã, nas manhãs, nas manhãs é suficiente para eu ter o meu salário, certo? E o meu salário já tem todas aquelas obrigações familiares tudo aquilo que eu falei, e depois é me dito que “não, tu podes fazer horas extras” né? então eu digo, “ah yá eu quero estudar então com essas horas extras aqui eu posso pagar o que? a universidade” foi assim por exemplo que eu pensei, comecei a estudar em 2023 quando eu tava estudando em 2023 o Estado estava-me a dever o salário já de 2022 mas acredita até hoje que estamos em 2025 o Estado está a me dever 2023, está a me dever 2024 está a me dever 2025.

SPK_1 Você está à espera do do do...?

SPK_2 Sim mas eu fiz plano de estudar contando com **esse** dinheiro aqui mas até hoje estamos em 2025 eu ainda **continuo** à espera do valor.

SPK_1 E imagino que queixar sobre isso é um pouco complicado, não é?

SPK_2 Em geral, não tem como queixar, não é uma situação de uma pessoa, é uma situação **nacional** de **todos**, sim.

SPK_1 Mas é mesmo, é só no âmbito de educação ou é de todos?

SPK_2 É educação, não vou falar dos cantos que eu não conheço, prefiro falar de onde eu estou, não é?

SPK_1 Do seu campo.

SPK_2 Sim, então, aí é que está qual a motivação que eu vou ter de estudar? Eu fiz bem o meu plano, não **falhei**, não **roubei**, não **dormi**, fui **trabalhar**, mas simplesmente a pessoa que deveria me pagar... o meu **direito** até, não me está a pagar, então como é que eu vou estudar? Porque eu não tenho outra fonte, mesmo se eu tivesse outra fonte, se eu fiz **plano**, fiz bem o meu plano, eu disse, não, eu por acaso, por exemplo, eu tenho filhos tenho dois filhos né? Então com esse meu salário vou pagar a escola dos meus filhos minha esposa está a fazer medicina né? Está a fazer medicina vou pagar a escola da minha esposa né? Com o **meu** ah existe esse dinheiro aqui então este aqui né? Vou pagar a minha... o meu mestrado mas chega a hora não me é dado o valor... como continuar? Não sei se percebe.

SPK_1 Sim, sim, sim, percebe.

SPK_2 Então, o que eu vejo muito, para o meu caso, né? Não conheço as realidades dos outros, a motivação económica conta muito, todos os meus colegas, eu trabalho aqui, a escola fica bem aqui.

SPK_1 Sim sim eu vi no maps, está muito perto.

SPK_2 Sim, então, se tu olhares, todos que estão aqui querem estudar, querem progredir, até quando sentem que estou a fazer o mestrado, eles ficam “Uau, você é um vencedor!” “Eu também gostaria de ser como você é”.

SPK_1 É outra questão que queria abordar, porque pelo que eu vi, mestrado nem sempre é considerado como uma coisa, tipo, com que se pode ganhar melhor, ou seja, é uma coisa a mais, pessoal da pessoa, individual, você acha a mesma coisa? Não acrescenta oportunidades maiores?

SPK_2 Sim, sim, o problema é que as oportunidades aqui em casa, aqui estão ligadas ao poder político.

SPK_1 Ok, então o político não vai ver no seu resumo, no seu curriculum, não vai ver se tem mestrado ali... não interessa?

SPK_2 Se eu não... aí o que é que acontece? Eu tenho que ser um **membro** desse partido **político** para ganhar visibilidade, e isso é obrigatório...

SPK_1 Entrou mesmo na universidade essa questão?

SPK_2 Sim, então se eu não sou membro dificilmente... por exemplo, vou dar um exemplo, aqui mesmo aqui na província de Maputo, tem um departamento na direção provincial da educação, de bilinguismo e educação bilingue... percebe? E a pessoa que é chefe desse departamento **não tem formação** nessa área, até onde eu saiba, se fez, foram arranjos que a pessoa foi fazendo.

SPK_1 Foi posto ali...

SPK_2 Então, tá me a dizer que basicamente esse departamento aqui é composto de pessoas que...

SPK_1 Não sabem sobre o assunto.

SPK_2 Mas eu insisto que estou aqui na província, tenho uma formação, e é **sabido** que na escola X existe

alguém que tem a formação nesta área... agora, sou eu que devo pegar o certificado do plano, chegar e dizer “eu tenho essa formação?” Me parece que não, não, não sou eu, eu fiz **a formação** para o benefício do Estado, da sociedade, mas o Estado, a sociedade finge que nem sabe.

SPK_1 Que nem está acontecendo tudo isso, ok.

SPK_2 Sim, só para... deixei a minha pasta lá.

SPK_1 Sim, sim, sim.

SPK_2 Epá, eu não sei se a conversa que estamos a ter aqui... Mas eu não tenho medo de...

SPK_1 Olha, eu só quero garantir a sua privacy e a sua segurança, entre aspas, não é? Então, se você quer tirar qualquer coisa do seu depoimento pode e com certeza pode escolher também de ficar no anonimado ou de eu lhe mudar de nome. *[Interrupção]*

SPK_2 Já não estou a encontrar... mas é um requerimento, eu fiz um requerimento... a manifestar interesse em maio, porquê? Porque a Universidade Pedagógica introduziu licenciatura em bilinguismo.

SPK_1 Há quanto tempo?

SPK_2 Este ano, então, prontos, quando eu fiquei sabendo, eu disse que “Eu aqui estou a trabalhar com inglês, não estou nessa área da minha formação atual”, então eu fiz o requerimento, manifestar o interesse, mostrar que olha, “fiquei sabendo que a universidade introduziu esse curso em licenciatura, eu tenho um mestrado... gostaria de ter uma mobilidade, de cerca onde eu estou, para fazer parte do corpo docente” pronto, mais ou menos era esse o teor, tendo em conta que eles estão a introduzir, entendo que eles **ainda precisam** de... e isso para mim será uma oportunidade também de, de estar imerso na pesquisa **científica**.

SPK_1 Ok.

SPK_2 Em maio, até hoje eu não tenho resposta, até **hoje** não tenho nenhuma resposta, vou para lá, eles não respondem.

SPK_1 Você mesmo foi ali na UP pessoal-, em presencial, para perguntar sobre esta, e eles disseram que...

SPK_2 Eu queria a prova ali do documento, né? Para mostrar, mas não sei onde é que eu deixei, sim.

SPK_1 É um ambiente em que tem que conhecer alguém para...?

SPK_2 Yá, mas é aquela coisa que eu disse... quando tu passas a conhecer alguém... *[SPK_1: tem que se seguir...]* em parte tu perdes um pouquinho da tua independência... e não só... eu, por exemplo, não gosto muito de levar a vida toda a dever **gratidão**, alguém a dizer “Ah, essa aqui se não fosse eu, não estaria aqui”, então, nós aqui temos, a sociedade aqui tem muito **disso**, então, mas não, eu não, não...

SPK_1 Ok, ok, e realisticamente, qual seria, ou seja, quer dizer, você gostaria de mudar de trabalho?

SPK_2 Sim.

SPK_1 E realisticamente, qual é que seriam as oportunidades de você mudar e para onde?

SPK_2 Bom, primeiro porque tem a própria direção provincial, como eu falei, tem este departamento, eu não escrevi para eles porque eu faço parte **deles**.

SPK_1 Ok.

SPK_2 Né? Eu como professor, *[SPK_1: funcionário do Estado...]* sim, estou dentro, eles têm acesso a toda a informação da minha pessoa, eles **sabem** da minha existência.

SPK_1 Então são eles que devem atingir a você para perguntar se você quer trabalhar com eles.

SPK_2 E às vezes eles nem perguntam, eles só chegam e *[digam?]*, “olha, você a partir de hoje, já não trabalha aqui, passa para lá”, esse é o primeiro ponto, tem estes, tem o próprio Ministério, de Educação, precisa de de de pessoa com a minha formação, tem, chamamos de Instituto Nacional de Desenvolvimento de Educação, né? *[SPK_1: O INDE? Conheço]* sim, podemos falar também do Instituto Nacional, de Educação Aberta e à Distância, tem uma coisa assim também, né? Agora, depois, depois tem o instituto de formação de professores, né? Depois tem as próprias universidades... bom... esses, se aparecerem, eu vou porque não tenho muita escolha, mas não me identifico muito porque é a parte mais burocrática, mais da lei, mais de... e muitas das vezes tu já não fazes **nada**, fica dependente, quer dizer, é como se estivesse a ir ficar no arquivo, à espera de orientações, do superior, deixas muito de pensar, se pensas, tens que pensar numa linha previamente já definida.

SPK_1 Não é um trabalho ativo.

SPK_2 Sim, sim, agora..., aqui *[indicando um esboço que fez onde está escrito “universidade”]* é onde eu acho que há muita **liberdade**, para **pesquisa**, para **produção**, então, é onde eu **mais** queria.

SPK_1 E quanto é que falta em termos de tempo, de esforços, de sacrifícios para você alcançar este lugar aqui?

SPK_2 A UEM em particular, me conhece *[SPK_1: claro]* e... me conhece, mas também a UEM não tem esse curso em licenciatura, não tem.

SPK_1 Não tem licenciatura em línguas bantu.

SPK_2 Tem em línguas bantu, não em bilinguismo.

SPK_1 Ah, ok.

SPK_2 Sim, e eu não sou, não estou muito na área, estruturalista da língua.

SPK_1 Didática da língua bantu.

SPK_2 Não, não estou muito...[SPK_1: é só bilinguismo] Sim, claramente que posso pesquisar, posso, porque tenho, estudei, tenho proficiência nisso, mas não me identifico **muito agora**, neste momento, neste momento, por exemplo, o meu tema, não é?

SPK_1 Sim, porque você tem que defender, não é?

SPK_2 Sim, todos nós estamos nessa linha, não sei porque é que até hoje não estamos a defender [SPK_1: neste processo de...], mas o meu tema é “A marginalização das línguas autóctones moçambicanas na comunicação institucional, fator para um possível desinteresse por uma educação bilingue no seio das comunidades”, quer dizer, vem com a questão da marginalização ou estigmatização, o que seria isso? No meu entender, é que as nossas línguas, como a própria Constituição da República mostra, é só mais para valorização **cultural**, não **entram** na comunicação institucional, né?

SPK_1 Claro.

SPK_2 Sim... então, será que não é **isto** que poderá estar a criar **desinteresse** das comunidades pela educação bilingue? Então, entro um pouco mais na questão de políticas [SPK_1 e 2 contemporaneamente: linguísticas] O enquadramento seria este... e para já, preciso de me concentrar nisto, sim, porque é que, por exemplo, na Assembleia da República, acredito que nos próximos dias vai conversar com o colega Arthur, não é?

SPK_1 Sim, é ele que trabalha na Assembleia? Sim, ele disse que ia querer conversar comigo amanhã.

SPK_2 Amanhã, certo, acredito que vai conversar com ele, mas por exemplo, para dar um exemplo, ele vai dar mais detalhes porque é a área dele na Assembleia da República, muitos dos deputados que existem ali vêm das **províncias**, têm problemas sérios na comunicação na língua portuguesa, muitos deles.

SPK_1 Não podem conversar, é tipo..., não tem intérprete?

SPK_2 É aí onde está o problema! Você pode falar na sua língua, local, ali ou tua língua materna, né?

SPK_1 Ok, você pode...

SPK_2 **Pode**, mas você tem que trazer intérprete [sic]. E quem paga intérprete [sic] é **você**, então estamos a fazer o quê?

SPK_1 Não é bem uma garantia de...

SPK_2 Estamos a fazer o quê? Onde é que eu vou ter dinheiro para pagar o intérprete [sic] ? E depois, porque eu falei na minha língua, vou ser conotado como alguém que não foi escolarizado, fala na língua dele porquê?

SPK_1 Tipo de ignorante?

SPK_2 Sim, a nossa língua que estamos a dizer, as nossas línguas estão marginalizadas, estão estigmatizadas [sic].

SPK_1 O preconceito linguístico também.

SPK_2 Sim, há um racismo linguístico, se você falar na sua língua, “não você não sabe falar português” mas o que é isso? “Você não sabe falar português”, e ninguém vai falar, nem em português, nem na sua língua, porque se for o fazer, tem que pagar então, porque é que o Estado, por exemplo, ao nível da Assembleia da República, não coloca uma lei que diz que o próprio Estado é que vai pagar pelo intérprete [sic]? Aí estarei a valorizar... as nossas línguas, então, a minha... o meu... a minha dissertação entra um pouco nessas questões, se tu chegas no banco agora, falas, te comunicas na tua língua né? Em changana, só vão te olhar assim, vão te olhar, depois por onde ela já... entre eles aparecer um que entende changana, se tu vais a alguma instituição de ensino que falas comunicas em changana, só vão te olhar, o próprio presidente, se alguma vez falou a sua língua materna, estava no **âmbito** da campanha eleitoral, e depois disso não vai falar mais, se voltar para aquela terra e querer, para sua terra natal e querer ganhar aceitação, vai falar a língua, para ganhar aceitação, mas não é a língua que ele **usa** para comunicar-se institucionalmente, aliás, ele chega na Beira, fala a língua local da Beira... ele fala na língua, mas ele prefere falar em português e colocar o intérprete [sic] a interpretar [sic] para aquela língua, o que eu acho que devia ser o contrário, ele devia ser o primeiro a falar na língua dele e o intérprete [sic] passar para português, para a cadeia nacional, sim, então, é mais ou menos isso, não sei se eu consigo responder à sua questão.

SPK_1 Percebi muito, muito bem e queria acrescentar uma questão aqui dentro dessa conversa, porque... quanto você acha que o papel da universidade da UEM, neste caso, seja importante na... partilha destes conceitos, destes pensamentos, ou seja, quanto é que a universidade deveria **trabalhar** para **alcançar** um pouco de consciencialização sobre isto, porque me parece, pela sua conversa, que as pessoas não têm muito interesse nem conhecimentos, aliás, porque sem interesse não há conhecimentos, eu acho, mas a

UEM tem um papel, de qualquer forma, para... como é que se diz? A **entrega** desses conhecimentos na sociedade ou seria um papel do governo mesmo, **só** do governo?

SPK_2 Não, a UEM tem, tem, tem, tem.

SPK_1 E acha que está a fazer um bom trabalho?

SPK_2 Está a fazer, está a fazer, não sei se vou chamar de bom trabalho.

SPK_1 Ok, um trabalho.

SPK_2 O que estão a fazer? Os nossos professores, por exemplo, os nossos professores dessa área, uau, os trabalhos, por exemplo, que estão a fazer são interessantes.

SPK_1 Sim, para a minha licenciatura eu tive que ler toda a literatura da professora Samima, professor Chimbutane, professor Chambo.

SPK_2 Sim, sim, esses três, não, até podemos engrossar a lista, né? Ok, professora Samima, professor Chimbutane, professor Chambo, professor Carlos Manuel, a professora Leonarda, estão aí a fazer um excelente trabalho, mas eu volto para aquilo que eu dizia, autonomia financeira.

SPK_1 Ok.

SPK_2 Vais ver que a maior parte dos professores **fazem**, fazem com fundos **próprios**, sim, não com fundos **institucionais**, são poucas vezes que a instituição está lá.

SPK_1 Ok.

SPK_2 Então isso limita.

SPK_1 Muito.

SPK_2 Sim, limita, por exemplo, há uma questão que eu coloquei, eu coloquei essa questão mesmo nos primeiros dias das aulas, eu disse, “professores”, falei com três, quatro professores sobre isso em momentos diferentes, “Epá eu em particular, sou formado em tradução, interpretação, português-inglês, se estou nessa coisa de bilinguismo, de línguas locais, de línguas nacionais, é por curiosidade, e amor, o meu **dia a dia**, eu não trabalho nisto, então até que ponto a universidade” entende? “pode incluir... no currículo dessa formação aqui a **interação... prática com escolas** desse regime?”

SPK_1 É uma coisa que estou a perguntar muitíssimo aos docentes, aos estudantes e aos estudantes atuais, porque pelo que eu vi não tem tipo estágios, não tem práticas.

SPK_2 Não tem nada! É teórico é teoria, epá a grande teoria, ok eles têm uma vantagem porque depois entre nós ali alguns já viveram, vivenciaram as coisas, sabem dizer como é que elas funcionam, mas assim institucionalmente, não há nada, e depois a resposta que eu tive foi de “não a melhor coisa nós-” não até a resposta um pouco mais política elegante que eu tive foi “não, nós vamos vamos vos produzir credenciais então vocês vão ter aquelas credenciais e na base do vosso interesse-” mas acredita terminamos as cadeiras até hoje não recebi nenhuma credencial **aliás** eu, recentemente, pedi credenciais na UEM porque queria sair um pouquinho assim.

SPK_1 Fazer trabalho de campo para a sua dissertação?

SPK_2 Sim, sim, mas até hoje não tou conseguir ter as credenciais.

SPK_1 Eu sei que é muito difícil, para eu ter esta credencial aqui, só para fazer entrevistas e observação de aulas, demorou tipo um mês.

SPK_2 Yá... Então, quando... o que eu acho que a UEM podia fazer é na, na, na linguagem, na linguagem... empresarial, chama-se **incubadoras**, né? Eu preciso criar uma empresa de criação e abate de frangos, né? Ou tenho essa empresa, ou estou a estudar nisto, né? Epá preciso dizer, devem me levar para umas firmas grande que já faz isso, para eu perceber como é que isso é feito, então o que eu acho que a UEM também precisa criar é esse sistema aqui de estágio, de observação de aulas, onde os estudantes, até de uma forma **obrigatória**, irão lá assistir e depois vão trazer alguma coisa que tem a ver com a realidade que, yá então isso falta à universidade, então imagine nós éramos 10 estudantes, ok? Éramos **10** porque fazíamos aquelas cadeiras assim, vou dizer, éramos sim, é melhor dizer éramos 10 porque em algumas cadeiras, por exemplo... acho que a teoria de bilinguismo ou teoria e prática de bilinguismo, fizemos **juntas** as cadeiras com os nossos colegas.

SPK_1 Eu até observei, e as aulas deste ano aqui, eles estão juntos, só nas aulas do professor Chambo é que estão sozinhos, e os outros nas aulas do professor Carlos Manuel, no segundo semestre, estão separados.

SPK_2 Sim, sim, então... imagine se dos 10, cada um fosse a uma escola, a uma comunidade, eram 10 comunidades que estariam...

SPK_1 Até na **sua** comunidade, na **própria** comunidade, que tem ali pessoas que vem também de outra província, de outros lugares.

SPK_2 Então eram essas dez pessoas que estariam nessas comunidades, estariam a difundir essa informação, então, sim, realmente há espaço para a UEM fazer isso, mas depois é aquela coisa que nós

falamos aqui, as motivações, e a motivação muitas vezes é financeira, sim, então o professor ganha também por publicar porque quando é publicado foi chamado para plataforma um pouco mais internacionais, que depois vai ganhar alguma ajuda de custo, porque viajou, porque foi para lá, porque apareceu um projeto, conseguiu encaixar alguns dólares, então o nível dele de interesse com o estudante vai diminuindo em relação àquelas outras coisas e outra coisa é essa né? Que eu estava a dizer me parece não sei até que ponto mas como um investigador pode pesquisar também um pouco mais melhor esse assunto, me parece que há uma fase em que os professores do mestrado... vão ganhar **diretamente...** do pagamento da mensalidade do estudante... não sei que fase é essa, me parece que há uma fase em que é preciso o estudante **pagar**, para o professor ter dinheiro, enquanto o estudante não pagar, o docente parece que fica desprovido de receber, não sei se é uma fase de dissertação, não sei, mas é uma fase em que... [SPK_1: mas o pagamento é mensal?].

SPK_2 Sim.

SPK_1 E o professor deveria receber o seu salário mensalmente.

SPK_2 Sim, então, está-me a dizer que se o estudante tem dificuldade de pagar, automaticamente o docente também [SPK_1: está dificultado], sim, ou a própria universidade, porque a própria universidade parece que para funcionar a esse nível de pós-graduação, **depende** do pagamento dos estudantes... então estamos a ir aonde? Estamos a ir já a um nível macro, do próprio governo, porque se o governo, a mim, eu por exemplo, trabalho para o governo, se o governo não me paga, trabalho para o governo para o estado, se não me paga, não tenho como pagar, eu não tenho como, o meu professor também, ficar incentivado.

SPK_1 Claro.

SPK_2 Então, é **estrutural**, é uma coisa...

SPK_1 Epá, se isto acontecer nos níveis superiores, imagino que também nos níveis um pouco mais, tipo no primário, no secundário, é a mesma coisa, ou pior, até, poderia ser... ok, ok e você queria, então continuar com tipo um doutoramento?

SPK_2 Sim, eu vou.

SPK_1 Vai?

SPK_2 Eu vou, eu acho que esta crise em que estou, vou ultrapassar.

SPK_1 Ok, mas tem que... tem que... chegar, não é?

SPK_2 Sim, não, mas primeiro eu tenho uma dívida com a universidade, tou a dever à universidade, acho que uns seis meses que eu não paguei a mensalidade e aquilo já com... com **multa**.

SPK_1 Ok, mas é uma coisa comum, esta? De dívida.

SPK_2 Sim, porque todos nós dependemos de alguém.

SPK_1 Claramente, não tem como, ok, ok... mas a universidade percebe, ou seja, não queixa muito com os estudantes não pagarem?

SPK_2 Queixa, e tranca, sim, a maior parte de nós que estamos a falar, temos que defender, temos que defender, não temos a defender, também tem a ver com as dívidas.

SPK_1 Ah, ok... essa é uma coisa, uma outra coisa burocrática, não é tipo, não depende de professores, por exemplo.

SPK_2 Não, não depende de professores, [SPK_1: depende da burocracia da universidade mesmo, não é?] Sim, sim, sim, há coisas que eu não posso dizer porque não tenho certeza, né?

SPK_1 Claro, claro.

SPK_2 Mas há quem diz que alguns professores também vão ver se o estudante tem dívida ou não tem, e se percebe que o estudante tem dívida a partir dali, passa a ter limitação em trabalhar com ele, pronto, também acho que é justo, né? Se for trabalhar com alguém que está a dever, não faz sentido, não sei.

SPK_1 Yá, yá, pode ser, pronto, entre parênteses, eu queria que você fosse à vontade em qualquer momento, ok? Se eu fizer uma pergunta que não for bem colocada, é só dizer, ok? Só dizer ou dizer que não vai responder, não tem problema, ok? Como eu mesmo quero aprender **demais**, pode ser que ali está também uma informação que não deveria perguntar, [SPK_2: sim, que você queria aprender] sim, mas também que não deveria perguntar, e eu não sei que eu não deveria perguntar, por isso eu estou a pedir isto, ok, então, doutoramento você vai fazer, mas tem doutoramento sobre bilinguismo e educação bilingue?

SPK_2 Posso não fazer aqui em Moçambique, mas vou fazer... na verdade estou um pouquinho interessado- eu tenho duas linhas, quando eu terminar o mestrado e tudo, ficar tudo limpinho, ou vou ficar na estrutura linguística das línguas bantu, ou vou continuar a estudar um pouquinho mais a questão de políticas linguísticas... então, tenho como objetivo **uma** das duas coisas, esta, portanto, por causa daquilo que eu disse, as nossas línguas aqui são menos exploradas, então alguém precisa, por exemplo, de desenvolver **gramática, dicionários... contos**, porque não adianta ter dicionário ou gramática se não há

literatura **paralela**, né? E invadir as televisões, por exemplo, as televisões agora, aqui em Moçambique, eu até tenho visto muito isso, né?... Eu tou a fazer um trabalho aqui para uma empresa sul-africana, um trabalho de transcrição, em que às vezes [*mostra no seu computador o documento em que está a trabalhar, um áudio*] o que eu encontro aqui é changana, ou é ronga, porque são as línguas que eu entendo melhor, mas eu sinto que esta pessoa aqui não está a falar ronga, tá a **traduzir** a notícia que recebeu em português para a língua ronga, para a língua changana, e **perde-se** a naturalidade, sim, perde-se a naturalidade, então precisamos de entrar nas televisões, na mídia, precisamos de ter alguns programas televisivos, porque aqui a única coisa que se faz nas nossas línguas é pegar a notícia e traduzir, sabe?

SPK_1 Mas por exemplo eu sei que a... tipo a rádio de Moçambique tem algumas coisas nas línguas bantu ou não?

SPK_2 Tem, mas é isso, é isso, é noticiário... [SPK_1: só a tradução] Yá... Depois pode ter algum programa, **tem**, tá lá, mas... [SPK_1: ainda falta algo?] sim, falta naturalizar, **apropriar-se** daquele conhecimento, não sair, não pensar em português para vir a ronga, não, pensar em ronga mesmo e continuar em ronga.

SPK_1 Claro, sim, é uma questão que também... brotou dentro dumas das aulas de um estudante que falava sobre a necessidade de se mudar o paradigma, o sistema também de ensino, porque ele achava que o sistema importado pelos ocidentais aqui deveria ser diferente, deveria mesmo crescer daqui e... incluir também as línguas bantu eu li também um artigo, não sei se.. deve ser tipo do Ngunga, eu acho, que ele que se interessou muito...

SPK_2 Sim, ele é a pessoa que mais fez.

SPK_1 E ele inclusive disse que havia essa necessidade de se criar tipo uma literatura, mesmo uma literatura **científica** também nas línguas bantu.

SPK_2 Isso.

SPK_1 Para fazer perceber também às pessoas que há necessidade de entender a importância também.

SPK_2 Então é isso que faz com que eu perceba que preciso de ir até o doutoramento, agora, qual é o problema, Felipe? É que enquanto eu continuar no ensino secundário, dificilmente eu posso chegar a esses níveis.

SPK_1 Ok, tás a falar de conciliar os dois ou seja, contemporaneamente fazer doutoramento e ensinar no ensino secundário?

SPK_2 Sim... [SPK_1: não tem como?] não tem como, mesmo o próprio mestrado, a dar aulas para o secundário, é uma luta, sim, porque em algum momento eu estou a trabalhar, por exemplo, com inglês, mas estou a fazer bilinguismo, educação bilingue, então não encontro **muita coisa** aqui no meu dia a dia que vai sustentar estocar, não sei se percebe?

SPK_1 Sim, sim, sim, percebo, e a questão das bolsas é a mesma do mestrado? Do que o doutoramento, de doutoramento, é a mesma questão, é o mesmo discurso?

SPK_2 Sim... Mas aí há diferença, se eu já estou, por exemplo, se eu consigo sair para UP, acho que a minha fixação é para UP, na verdade, não para UEM, porque para UEM eu precisaria de meus professores... como é que se diz? **Recomendar**, eles não fizeram isso, então eu não acho que eles venham a fazer, não vejo eles já.

SPK_1 Espontaneamente.

SPK_2 Sim, não vejo... então... a minha fixação pela UP, é essa, porque eu sei que já estando ali naquele ambiente, já sei onde é que existiam bolsas institucionalmente, né? Como fazer, estarei elegível para tal, mas do **secundário** para conseguir aquelas bolsas, é muito difícil.

SPK_1 Mas lá na UP não teria o discurso de, de recomendações?

SPK_2 Teria, mas já estou ali, faço parte do, do... corpo, sim, estou ali e as bolsas ali **chegam**, a dizer tem uma bolsa uma para esta área e pode acontecer que você é a única pessoa que pode ocupar aquela bolsa.

SPK_1 E ali os critérios estão bem esclarecidos?

SPK_2 Sim, você já está lá, já consegue discutir de tu para tu, é diferente desses níveis em que eu me encontro agora... sim, e é a mesma coisa mesmo se for a ir para a Direção Provincial, para o Ministério, para o INDE, aí há certeza máxima que se eu for a trabalhar na área de bilinguismo, educação bilingue, vou fazer doutoramento, já estarei a viver as coisas, no meu dia a dia, estarei a viver isso, é diferente de agora, agora tenho que- vivo uma coisa, tenho que pensar outra coisa, é um esforço enorme, sim, os próprios incentivos não existem cá, mas lá... [SPK_1: Tem] tem, haverá, tem, é um pouco por aí, então, eu tenho que... saindo deste nível em que me encontro agora, secundário para um outro, vou fazer o doutoramento, não tem como, e tenho essa vontade, e tenho também o potencial.

SPK_1 Claro.

SPK_2 Sim.

SPK_1 E depois do doutoramento, você queria entrar para a UP, tipo de professor, pesquisador, investigador.

SPK_2 Sim, é isso que eu tanto quero.

SPK_1 E talvez paralelamente trabalhar com pesquisas fora da universidade.

SPK_2 Sim.

SPK_1 Ok... só passando para outro tema, queria falar um pouco sobre, porque me interessei muito também sobre a relação entre vocês como colegas e vocês como alunos e professores, ou seja, qual era, na sua opinião, a relação, as características das relações entre vocês e os professores? Professores eram, tipo, vistos como, não sei, inalcançáveis, eram ali, profissional só, sem piadas, sem momentos leves, sem nada disso, ou teve ali uma relação um pouco mais, sei lá, jocosa, às vezes, não sei.

SPK_2 Teve tudo.

SPK_1 Ok, mas, ok, ok. [Riso] E você, como é que queria, ou seja...

SPK_2 Na UEM então, vamos responder dessa maneira, na UEM ou em Moçambique temos dois tipos de professores, né? Então temos aqueles professores por exemplo eu vou dar exemplo de mim [SPK_1: uhum] eu sendo professor da univ- eu senti isso quando fiz a licenciatura [SPK_1: uhum] eu sendo professor eu fiz licenciatura já trabalhava já tinha **família** mas estava a trabalha- estava a estudar com pessoas que só saíam **de casa** para Universidade não faziam mais nada... então os professores **usam** esses como **modelo**.

SPK_1 Os que não fazem trabalho, os que não trabalham.

SPK_2 É como se ok fizemos o teste eu tive 13 [SPK_1: uhum] né? Mas o outro teve 16 então já não se **olha** em que condições eu estou a estudar não se **valoriza** [SPK_1: o contexto da pessoa] sim sim é como se **este** aqui é que é estudante esses outros não são.

SPK_1 Ok e também aconteceu na, no mestrado ou só na licenciatura.

SPK_2 Então o que que nós sentimos no mestrado nós já até falámos sobre isso o que nós sentimos no mestrado é que a maior parte dos nossos professores estudaram no regime de **bolsas** e no **exterior** longe de dos filhos **deles** das **esposas** dessa pressão toda aqui, por exemplo há uma cadeira que eu tive **10** mas eu tive 10 nessa cadeira só porque eu não consegui entregar o trabalho às **15 horas que o professor queria** mas às 15 horas eu tinha que estar a **trabalhar** tudo bem, eu pedi dispensa no serviço ao caminho da Universidade para entregar o trabalho às 15 horas.

SPK_1 Porque queria tipo imprimido?

SPK_2 Sim, queria físico às 15.

SPK_1 Não poderia ser telemático?

SPK_2 Tinha que mandar aquele lá eletrónico, mas também queria um físico às 15h, percebe? E eu, pelo caminho, encontrei a caravana da **campanha eleitoral** que fechou **toda a estrada** [risos], não consegui chegar a tempo e fui mal avaliado por causa disso, **até hoje** estão os meus trabalhos estão ali, das cadeiras feitas.

SPK_1 O professor não quis saber nada?

SPK_2 Não quis saber, “não quero saber de nada” então nós até dizíamos assim que os professores estudaram na Rússia então eles estão a trazer aquelas regras **rígidas** [riso] para esse ambiente nós dizíamos isso não é, mas isso era piada, sim o professor depois o professor deixa de ser **humano** deixa de analisar essas coisas todas, de credi- nem **quer te ouvir**.

SPK_1 Como se ele não tivesse sido estudante.

SPK_2 Sim, mas as condições em que ele estudou, ele estudou numa situação em que ele era bolseiro, ele só vivia, era **pago** para estudar, mas eu tenho que pagar para estudar, ele já **não olha** para isso, então, o que eu acho é que lhes falta- alguns dos professores, lhes falta um pouquinho dessa...

SPK_1 Tipo empatia?

SPK_2 Sim, um **pouquinho** só, lhes falta, eu vou dizer, olha, vou dizer aqui, Marques, trabalha na UEM.

SPK_1 Sim, trabalha.

SPK_2 Se ele sair de casa para o serviço, vai à UEM... entende? Ele é o único, de nós os 10, ele era o **único**, então, é natural e normal que ele tenha **tudo** organizado, quando o professor precisar, as coisas estão ali... ele intercala, quer dizer, até porque o mesmo próprio horário dele na sala de aula é feito olhando se para o mestrado, mas eu quero fazer um mestrado, o meu chefe não quer que eu faça o mestrado, não quer, eu sou, eu comecei a fazer o mestrado, só combati no meu local de trabalho, sou a pessoa que mais se marca faltas, percebe? Eu posso- se eu sair e ir à casa de banho, chefe, passar da sala de aula, onde eu devia estar e não me ver, e deduzir que eu fui à universidade.

SPK_1 Mas não quer porque acho que é falta de tempo?

SPK_2 Não quer porque eu **vou progredir**, vou **progredir**, ele não quer que eu **progrida**, e é um pouco [incompreensível] de feitiçaria também, entende? Então, quando chegamos na universidade, somos olhados

todos na perspectiva do modelo que é **Marques**, então se nós não conseguimos atingir esse **padrão** aqui de Marques, então já não somos bons estudantes, não somos.

SPK_1 E você encontrou alguém que não era assim? Ou seja, algum professor que já não achava essas coisas.

SPK_2 Sim, sim, sim, sim, posso dizer a professora Samima, uau, a professora Samima tem uma mente muito aberta, muito, ela tem uma mente muito brilhante... o professor Chambo, por ser jovem, ele acaba entendendo, é verdade que ele não tinha muita autonomia em algumas cadeiras, sentíamos isso que, parece que ele era mais assistente do que dono da da da cadeira... tínhamos ali também... a professora, a professora Leonarda já pelo próprio cansaço, pela própria idade.

SPK_1 Eu não conhecia ela, então não tive essa oportunidade, eu só conheci os quatro.

SPK_2 Sim, então o professor Carlos, o professor Carlos formou professor de licenciatura- o professor Carlos Manuel, professor Carlitos, companhia, fora o meu professor, aliás, o único professor ali que não foi o meu professor de licenciatura é o professor e como é que é? Esse professor estruturalista das línguas bantu... Langa, David Langa.

SPK_1 Ah, ok.

SPK_2 Sim, David Langa não foi o meu professor de licenciatura e... a própria professora Samina não foi minha professora de licenciatura e a professora Leonarda não foi uma professora de licenciatura, mas os restantes são professores e depois eu tive o privilégio de ser chefe da turma durante a licenciatura, então fui muitas vezes cara dos meus colegas, perante os professores, mas só para dizer a professora Samima, uau, o professor Carlos Manuel, eu acho que essa coisa de **intercultural**, porque ele tem aquela parte do inglês, vai para ali acolá, ajuda muito a ele também ter uma mente muito aberta, o professor Chambo por ser jovem, agora, o professor Chimbutane é uma excelente professor, ele é muito competente, mas acho que por causa disso, os níveis dele de **exigência**, conheceu a Paula, não é?

SPK_1 Sim... conheço muito bem a sua história, já entrevistei ela e já falámos sobre isso.

SPK_2 Está a perceber? Ela acabou ficando, mas tu queres... tu não entendes porque ela teve que ficar na cadeira, mas ficou, não é? Então tem outros exemplos que nós íamos dar aqui e que depois você não percebe, “Porque é que eu tive essa nota?” Por exemplo, eu ainda acho que nas aulas de de de de de de de do professor Chimbutane eu dava **muito** de mim porque é o coração do curso né? Mas epá depois a nota... ok... yá... e depois você **percebe** porque esta terça-feira eu não conseguir ir à universidade então, essas coisas depois contam muito mas o que eu não estive mas não deixei de **ler**, não não deixei de **pesquisar**, não deixei de **perguntar aos colegas** e depois na aula seguinte eu estive **melhor** do que aqueles que estiveram, eu levava uma vantagem de ter feito inglês, sou o único não, acho que sim, sou o único que fez inglês ali, então levava essa vantagem de todos os materiais dele vem em inglês, eu, por minha espontânea vontade, traduzia, claro, não era tradução- era para estudar, para entender melhor também, e passava para os colegas, estava sempre à vontade, por muitas vezes, duas, três, quatro vezes em que alguém teve que defender, falar e não falou, não falou, não estava preparado, e eu levantei a minha mão e a aula... aconteceu, né? E depois no final do dia, você espera é que, ok, “eu tenho essas faltas, mas também já fiz isto e isto e essas situações” É uma questão de de balança compensação, acho que você depois não, não via isso, e pronto, acho que também sobre o professor Gregório, já **falaram**, yá, por acaso eu tive dez da metodologia da investigação [interrupção].

SPK_2 Há muita coisa para estudar aqui em Moçambique.

SPK_1 Sim, há, eu queria também talvez voltar para aprofundar... [SPK_2: para fazer uma outra pesquisa] Sim, exatamente, mas... [SPK_2: [riso] é verdade] além da relação com os professores, a relação com os colegas era boa?

SPK_2 Mas **mesmo** a relação com os professores... porque eu como professor, em algum momento também sou **assim** com os meus estudantes, [SPK_1: exigente?] é uma questão de **metodologia** aqui em Moçambique, e no geral, o que é que acontece? Se você não é mu- rigoroso, exigente, os estudantes não se aplicam... [SPK_1: Não tem como motivá-los numa outra maneira, tem que ser exigente?] então, é aquilo que eu estava a dizer, já depende muito do tipo de formação que você teve, sim, porque no final do dia o que você vai fazer você só vai refletir aquilo que você foi **ensinado** se você não foi ensinado a motivar, você não vai motivar [SPK_2: Claro] [interrupção] estava a dizer que nós tivemos boas relações com os professores mas **sentimos** que essas relações poderiam melhorar [SPK_1: ser melhores], com professor Chimbutane por exemplo né? Por causa desse aspetos que falámos aqui que já ouvi com professor Gregório, mas também entendemos que... entendendo né? O que dada a idade deles né? as, como é que se diz? As experiências da vida que eles **tiveram**, então, **yá**, às vezes aquelas metodologias, aquela rigidez, aquilo, é difícil a pessoa tirar.

SPK_1 Ok... e você acha que é complicado quebrar aquele elo que limita as relações com os alunos, ou

seja, as relações de **empatia** com os alunos? Porque, por exemplo, se você tornar-se professor, você vai empregar o que você viu daquele professor ali, neste caso Chimbutane, com os seus estudantes ou você vai mudar...? [SPK_2: Vou mudar] ... a sua perspectiva?

SPK_2 Vou mudar, claramente, sim, e já trabalho nisso, [SPK_1: com... crianças- não crianças- com-] sim, com aquele nível do ensino secundário, já trabalho nisso, né?

SPK_1 E acha que... que seria diferente trabalhar com crianças e com adultos no âmbito do mestrado?

SPK_2 Sim, por isso que eu estou muito... não, perguntava, não entendi a pergunta então.

SPK_1 Que se... você disse que está a traduzir os conhecimentos que você tirou da aula do mestrado para a aula que você está a dar no ensino secundário, não é? E eu queria saber se a relação que você tem com os seus estudantes de **agora** seria diferente, de qualquer forma, da relação que você poderia ter com os estudantes do mestrado, num amanhã.

SPK_2 Não, porque eu, por exemplo, aprendi muito com a professora Samima, porque ali, como estudante, você escolhe em quem você quer se inspirar, então, minha inspiração em termos de pragmatismo, empatia, é a professora Samima.

SPK_1 É ela que está a orientar a sua dissertação?

SPK_2 Infelizmente não, [SPK_1: Não pude escolher?] Não, nós não escolhemos.

SPK_1 Ah, são os professores que tipo propõem uma pesquisa?

SPK_2 Sim... não, você escolhe a pesquisa, mas quem coloca o... o... como é que se chama? O supervisor são eles, é a Universidade.

SPK_1 Já percebi... epá... eu vi isto muito, ou seja, **dentro** das aulas da professora Samima, a situação era bem relaxadinha, era... todos estavam à vontade de falar, de compartilhar as suas experiências, porque ela também, talvez, conseguiu criar esse ambiente de acolhi-, acolhimento, mas com outros professores, esta coisa aqui não acontecia, ou seja, tipo falar de tabus, de questões um pouco espinhosas, não é? Não acontecia, eu perguntava, estava perguntando isso aos estudantes que estou a entrevistar, eles dizem que poderia ser uma questão de **temas** de aula, não mesmo da **personalidade** do professor.

SPK_2 Yá, é personalidade do professor... [SPK_1: Não é temas de aula?] não, eu digo mais é, é a **formação** é o ambiente em que o professor foi formado também conta né? Professor Chimbutane nesse dia se ele decide mandar piada **vai mandar** ele **vai rir** se decide chegar, calar, ficar à espera do tempo dele para falar vai fazer o mesmo né? Era o mesmo com o professor Gregório não sei quem dá investigação agora.

SPK_1 Investigação? Não sei, [SPK_2: Metodologia de Investigação] eu só cheguei aqui no segundo semestre [SPK_2: segundo sim] não não tive aulas com o professor Gregório, conhecia aliás mas só... por outros... motivos.

SPK_2 Porque ouvi dizer parece que foi à reforma, hum ouvi dizer parece que foi à reforma foi, a coisa [SPK_1: talvez seja no primeiro semestre...] yá mas é isso né? Então no final do dia cada estudante escolhe o modelo.

SPK_1 E... última pergunta e depois podemos continuar com o almoço.

SPK_2 Mas eu acho que podemos comer.

SPK_1 Enquanto nós... [SPK_2: conversar] Ok.

SPK_2 [Interrupção] ... porque não faz sentido tudo que tem a ver com... eu estava a dizer? [SPK_1: Que não faz sentido?] Não faz sentido por exemplo eu estou a trabalhar eu fui contratado por uma empresa sul-africana que tem interesse por exemplo em changana... certo? Nós aqui em Moçambique não- quer dizer não temos nenhuma empresa que pode ser referência... nas línguas nacionais não temos não somos **sérios** nessa área, então, paga-se os sul africanos e os sul africanos nos subcontratam.

SPK_1 No concreto o que é que tem que fazer?

SPK_2 Não percebi? [SPK_1: No concreto-] Por exemplo, no tempo do COVID lançou-se algumas plataformas digitais de prevenção mesmo de a OMS... investiu nisso...

SPK_1 Tradução nas línguas nacionais de intervenções médicas?

SPK_2 Sim, então eu trabalhei para uma empresa sul africana para produzir algo para Moçambique.

SPK_1 Ah ok... mas era no interesse de todos não é? Ter alguma alguma coisa que poderia ajudar a sociedade naquele momento ali porque é que aqui Moçambique não se forma uma...

SPK_2 É exatamente isso... é isso mesmo... não faz sentido.

SPK_1 Então você acha que... além da... além dos professores, os estudantes também têm ali a relação com os colegas têm ali um papel importante dentro da sala de aula?

SPK_2 Sim, sim, sim, sim, muito importante.

SPK_1 Como é que era a sua relação, com os seus colegas?

SPK_2 É **muito boa** provavelmente aquela é por causa daquilo que eu disse né? Que depois eu fornecia os

textos né? Em português todos os textos que vinham em inglês aqueles textos de Chimbutane estão sempre em inglês eu tinha que fornecer depois para os colegas em português, mas não só... havia um ambiente de respeito entre nós, de colaboração mútua, sim.

SPK_1 Ok pelo que eu ouvi, ou seja, poucos me falaram disso, mas pronto, a sua relação era tipo, nos estamos aqui, somos colegas, mas depois disso nada mais, ou seja, estamos aqui, profissionalidade, colaboramos, ok, tudo bem, mas depois de saírem daqui?

SPK_2 Havia duas pessoas assim, duas só.

SPK_1 Ok, nas dez ou nas cinco do bilinguismo?

SPK_2 **Dez**, nas dez sim, ok, havia duas pessoas.

SPK_1 Você sentiu alguma diferença, alguma nuance de pensamento, de conhecimentos? [SPK_2: Sim] Entre os dois grupos?

SPK_2 É assim, deixa eu responder à primeira pergunta... porque que eu digo dois colegas? Nós tínhamos dois colegas ali que... aparentemente não eram do nosso nível... o colega- o colega Marques por ser dentro da universidade né?

SPK_1 Ah o nosso nível no sentido de eram demais entre aspas para vocês.

SPK_2 Entre aspas, sim, mas há testes que, eu fui melhor, há disciplinas que eu fui melhor, aliás, eu até tinha sido escolhido pela turma para ser chefe da turma.

SPK_1 Mas como é que se escolhe isso? Porque era também outra questão que...

SPK_2 Nós que escolhemos como, éramos dez, não precisávamos de votar.

SPK_1 Não era uma votação?

SPK_2 Ah não precisávamos era uma... só se fossemos 20, 30 éramos 10 era uma questão de entre nós, percebe? E a pessoa que mais **saiu** se falou que podia ser chefe fui eu, mas olha só... o o um dos professores foi o David Langa primeiro ele colocou... as minhas- a questão de algumas minhas ausências em checkmate, segundo... ele falou da... de que o Marques como estava ali a tempo inteiro é mais é fácil é localizável com facilidade... [SPK_1: ah tipo comunicações e tudo isso?] E epá em parte ele comunica-se com os professores de **tu para tu** eles estão sempre- são colegas, então para mim fez, fez muito sentido e, e pronto e faz sentido mesmo que ele fosse o nosso representante e, e porque ao contrário, ao contrário ele seria uma espécie de... nós falamos coisas, ele correu foi queixar... nós já não nos representa, já está contra, mas assim, naquela posição de chefe, ele passava a nos representar, então, para mim, aquilo ali pareceu...

SPK_1 Tomou a sério a sua posição?

SPK_2 Sim, não, faz sentido, essa aqui é a pessoa mais indicada para ser nosso representante.

SPK_1 Ok, mas é difícil passar para uma relação de tu a tu com os professores?

SPK_2 É.

SPK_1 Porque é sempre de “você”, sempre do “professor doutor”.

SPK_2 Sim, é, é.

SPK_1 Acha que a formalidade ali na universidade é demais? [SPK_2: Muita] É muita ou é demais? [SPK_2: é demais] porque eu vejo também na, no começo, no encerro, no meio das intervenções dos estudantes, é tipo, “boa tarde colegas”, “boa noite colegas” “Estou aqui a complementar o discurso que fez o colega X” e... “Queria blá blá blá blá blá blá” e depois do encerro “eu queria agradecer vocês pela vossa atenção” e tudo isso, é muito formal.

SPK_2 É... é um ritual [SPK_1: Exatamente, é um ritual] [risos] [SPK_1: é uma coisa estranha para mim] Então... veja que é isso... eu acho que até o professor Vítor que é mais jovem, mas eu acho que ele é mais viajado ali, não é? já estudou para Portugal já mas... [SPK_1: fica contigo] é muito, é muito formal. SPK_1. ...é difícil de se afastar desta... desta formalidade [SPK_2: é] mas por exemplo, eu já vi a professora Samima dizer aos estudantes, “não façam isso”.

SPK_2 Sim, sim, sim... Mas é isso, né? Então, voltando para a questão, tínhamos dois colegas, um deles é o Marques, já expliquei, tínhamos um outro colega que trabalha para o Ministério dos, como é que é da Juventude, é muito político ele, é muito, muito, muito... [SPK_1: enquadrado] enquadrado... então, era difícil com eles, esses dois, você dar **continuidade**.

SPK_1 Ok, além da aula.

SPK_2 Além da aula, mas por exemplo, eu muitas das vezes voltava de boleia da Cineta, a Cineta tava lá a fazer português também, segunda língua não tínhamos, não tínhamos como não estarmos assim, e depois a Cineta tinha algumas dificuldades que era preciso... né?

SPK_1 Desenvolver.

SPK_2 Sim, e depois estava ali o Jinga, o Luís e o... o Artur, que nós no fundo, no fundo, nós os três, nós os quatro, não, os três, aí estávamos a fazer bilinguismo, porque vamos a tirar o Marques, o Marques é professor universitário já tinha a posição dele, tem a posição dele tínhamos outro colega chamado

Carmildo que ele eh trabalha há mais ou menos 70-80 quilómetros daqui na Manhica então... [SPK_1: um pouco difícil...] quase que ele não vinha, sim então ficamos nós os três e nós os três eu vivo aqui assim quase, perto de onde me encontrou o o o Arthur vive aqui, na Malhampsene, o Luís um pouco ali, na cidade, ali assim a vir, mas já mais para a periferia, e vínhamos juntos também, alguns dias desses, e sempre que fosse um trabalho em grupo de bilinguismo, éramos nós os três, não tínhamos como, nós não, por isso temos boas relações, sim, agora, porque estava ali a Cineta e a Paula, que são meninas, era preciso puxá-las. [SPK_1: incluí-las] incluí-las... né? e prontos.

SPK_1 Era um pouco de timidez?

SPK_2 Sim... agora... questões sociais de beber cerveja de de... não tínhamos muito sim [SPK_1: Ah por causa do trabalho talvez... cansaço que se...] depois tínhamos ali o Ginaldo, o Ginaldo, conheceu o Ginaldo? [SPK_1: Não, ainda não] Ele é um brasileiro alemão, ele saiu do Brasil faz muito tempo, e... yá... e é uma pessoa que anda um pouquinho ali na cidade de Maputo, trabalha para aquela EGIS, aquela organização alemã, que estava mesmo ali mesmo ali na zona da universidade, depois tínhamos o José, o chinês, não sei se conheceu, [SPK_1: não] ainda não, também estava a fazer português, né? Então não não ele ele estava a fazer português mas ele estava estava envolvido nessas empresas de construção civil da China que estão aqui em Moçambique, por aí em diante... então não, não, há coisas que não, não tinham enquadramento, mas dentro de um enquadramento, ficávamos, cerv- comida, bebida, cerveja eu acho eu, Marques Marques não eu Marques, já fomos almoçar juntos muitas vezes, ainda andamos a almoçar, almoçamos muitas vezes, mas não...

SPK_1 Não era...

SPK_2 Sabe porquê? [SPK_1: ...fora da universidade] É que... vou dizer uma coisa aqui, não boa... eu não posso estar disponível para si, e você não estar disponível para mim... então Marques tem muito disso, tem de... ganho o quê? Então se você é logo a priori quer saber o que você ganha então? [SPK_1: Ah, então para ter uma relação tem que saber que- a relação tem que dar algo para mim?] Yá, você pode até há um, há um texto que você não encontra né? Mas ele tem... “mano [*incompreensível*] ver esse texto aqui”, “ganho o quê?” Percebe? E como ele já está posicionado, está na universidade, ele olha para si como se “não vou precisar nada de si”, e pronto, você como precisa dele, você tem que ir atrás dessa relação... então a vida não pode funcionar assim.

SPK_1 Não, não pode.

SPK_2 Mas não tínhamos nenhuma relação... sei lá, nós os três, por exemplo, estudávamos juntos... cada um, discutimos o tema, se você for perguntar ao Jinga, por exemplo, sobre o meu tema, ele vai te dizer, se perguntar a mim sobre o tema dele, eu vou dizer, se perguntar a Arthur, vai dizer, nós estávamos assim, incluindo a própria Cineta, né? Sim.

SPK_1 Ok, aconteceu também nas aulas que eu observei que alguns alunos, alguns colegas, tipo, ajudaram uma outra colega com o seu tema, ou seja, tipo, mudar algumas coisas, enquadrá-las, o enfoque, tudo isso, achei bom... É isso que deveria acontecer numa aula, eu acho, e... maiormente se a aula conta com 10 estudantes, porque se a aula contar com 50, eu até percebo, pode não haver uma convivialidade, não é? Com todos, mas pronto, com 10, eu acho que dá, eu acho que dá para ter uma relação muito frutuosa.

SPK_2 Nós tínhamos um colega ali, o José da China... ele mal falava português... então nós tínhamos que o professor fazia uma pergunta, ele não entendeu nós tínhamos que voltar a fazer pergunta para ele, enquadrar a ele fazer perceber como é que funciona...

SPK_1 Como é que ele chegou aqui? Fazer mestrado na UEM da China? Era de Macau?

SPK_2 Não sei, não é de Macau, ele veio aqui como... é... para representar- tem empresas chinesas aqui de construção [SPK_1: Ok] ...então acho que ele enquanto trabalha, quer progredir [SPK_1: Ok, ok]... então é isso.

SPK_1 Ok, ok... essa já é a conversa mais longa que eu já tive com alguém... mas pronto, era [SPK_2: Era **necessário**] sim, era necessário, foi também muito útil conversar sobre essas coisas... vou cortar isso no meio.

SPK_2 Não, fica à vontade, não precisa cortar isso no meio [SPK_1: A sério?].

SPK_1 [SPK_1: Muito sério] Com certeza, 100%? [SPK_2: Fica à vontade] Obrigado.

SPK_2 Moçambique é maningue nice.

SPK_1 Eu já sei...yá. Aprendi algumas, algumas palavras tipo “oyo, oyo”.

SPK_2 Ah, sim.

SPK_1 Kanimambo, mas pronto.

Entrevista K

SPK_1 ...Recebe uma pergunta que não quer responder, você pode dizer “não quero responder” ou se você quer tirar alguma coisa da conversa, você pode, sintase à vontade de... estou aqui a garantir também a privacy e a... Ok? [SPK_2: Ok] ...então, eu queria saber, primeiramente, só para quebrar um pouco o gelo, qual foram as suas escolhas dentro do seu caminho de ensino superior? Ou seja... qual foi a sua trajetória, por exemplo, a licenciatura, o que foi, quais são as motivações para a sua escolha e depois passando para o mestrado?

SPK_2 Ok, bom, obrigado pela conversa, respondendo a sua questão... bom, eu entrei na linguística como segunda opção, na altura em que eu terminei o nível médio, o meu pensa- eu tive um percurso, eu tive um percurso académico um pouco diferente se calhar de muitas pessoas... o meu nível básico, digamos... a sétima, a nona classe, foi de ensino técnico na área de agricultura e pecuária... depois fui ao Instituto pedagógico do [Umbilus] formado por professores especialidade de pecuária, terminei na década de 90 então... sempre tive o desejo de estudar primeiro queria fazer veterinária na altura, na altura quando alguém terminasse o nível médio podia concorrer a qualquer área na universidade e por acaso a minha história foi um pouco interessante quando termino o nível médio então eu concorri que era para ser licenciado em veterinária infelizmente nesse ano... não tive acesso eu e outros colegas porque bom quem tivesse que fazer o nível médio técnico primeiro tinha que trabalhar três anos, depois é que podia ir à universidade e por consequência fiquei de fora... então eu naquela altura não havia aquele que quem fez letras tinha que ir também fazer, por exemplo, direito, história, não sei quantos naquela altura qualquer indivíduo que fizesse, mesmo que eu fizesse mecânico podia ir fazendo letras, então nessa altura eu concorri como primeira opção que era para fazer direito, e bom não consegui entrar direito e bom escolhi linguística, nem sabia o que é que seria isso depois entrei e quando entrei fiz linguística e escolhi por coincidência a minha tese de licenciatura era mais para linguística bantu que fiz locativização em xitsua, xitsua é uma das línguas moçambicanas falada na parte do Sul de Moçambique então fiz, por consequência eu também falo xitsua, né? Então esta foi uma grande motivação que eu fizesse a minha tese de licenciatura que fosse para, para xitsua e depois fiz pós-graduação em antropologia linguística... quis seguir mesmo o meu ramo e depois fiz o mestrado em bilinguismo e educação bilingue, então... a opção já para o nível de mestrado foi mesmo prosseguir com a minha especialidade porque também acho que havia muitas coisas das nossas línguas fora da língua portuguesa eram línguas **ricas** então a educação bilingue, bilinguismo e educação bilingue significa hoje em dia quem **tem** estas ferramentas entende melhor então bom eu fiz mestrado em bilinguismo e educação bilingue e bom, quebrando um pouco aquilo que o entendimento das pessoas pensam que só falando a língua portuguesa é que seria o único caminho para ter acesso ao conhecimento e daí esta inclinação então fiquei assim então repare que estou muito apaixonado em ver porque é que os parlamentares moçambicanos não podem usar as línguas nacionais...[SPK_1: Era uma das questões que queria atingir também] então, esta é a parte que me fascinou.

SPK_1 Pelo que eu saiba, os parlamentares têm que pagar para os próprios intérpretes, não é?

SPK_2 Bom, [SPK_1: se quiserem...], se calhar, se calhar, o regimento dá a prerrogativa de o parlamentar poder usar a sua língua desde que se garanta a, a, a interpretação, a interpretação e tradução, provavelmente... também não está tão claro que ele **tem de pagar**, mas o facto só de dizer, desde que ele garanta, significa que subjetivamente entende que ele é que devia, devia, devia se encarregar por fazer isso, mas não sei se é necessariamente, não há nenhum dispositivo que ele é que tem de pagar agora, se ele quisesse, quais seriam os mecanismos que ele tinha que recorrer ou ele paga ou podia solicitar a instituição que pagasse isto é uma coisa que não está bem clara, é verdade que a legislação dá este privilégio de ele poder falar usando a sua língua, desde que ele garanta, agora garantir significa que ou ele paga ou pode solicitar os serviços, isso já é uma outra coisa, mas a legislação está assim.

SPK_1 Mas entre... você tirou a licenciatura na UEM também? [SPK_2: Sim, sim sim] ok, então, ambas as... [SPK_2: As coisas fiz lá na UEM] e como é que conseguiu encontrar as informações da licenciatura? Por exemplo, viu um cartaz, no telemóvel, não sei.

SPK_2 Bom, primeiro, como falante, eu tinha um banco de dados, mas era necessário também fazer uma confrontação com pessoas que também falam a mesma língua, como eu disse que eu fiz, a minha tese de licenciatura foi a locativização e xitsua, não é? Então eu sou falante dessa língua e depois tinha que confrontar também com outras pessoas que falassem a mesma língua, então significa recorri, para além de conhecimento próprio, recorri a outras pessoas que falam esta língua.

SPK_1 E depois de você ter saído da licenciatura, você já sabia que havia um curso de mestrado em bilinguismo e educação bilingue ou teve um pouco de perguntar, encontrar informações?

SPK_2 O curso, bom, eu fiz a licenciatura muito tempo, na altura não havia nem cursos de mestrados a nível da Universidade Eduardo Mondlane, então esses cursos foram sendo criados depois... e normalmente

a Faculdade de Letras e Ciências Sociais divulga, não é? Através do portal da Universidade mas também estou ligado à Universidade através de pessoas que estudaram comigo que são docentes lá, então esta-tenho a facilidade tanto de ver no portal da Universidade assim como com com colegas aqui, estudaram comigo, são muitos, já são professores doutores, estão lá para dizer que o mestrado, os mestrados e doutoramentos na UEM aconteceram depois de eu ter feito a licenciatura, na altura não havia mestrado e nem doutoramentos.

SPK_1 E agora que tem, você acha que vai continuar também com o doutoramento ou vai parar com o mestrado?

SPK_2 Bom, é verdade que eu já estou na fase final da minha carreira como profissional, não é? Mas eu tenciono, de facto, continuar a fazer doutoramento nesta área da, da linguística bantu...

SPK_1 Tem doutoramento ali na UEM, sobre isso?

SPK_2 Sim, sim, sim, sim, tem, tem, já há doutoramento na faculdade de Letras e Ciências Sociais.

SPK_1 E o seu seu trabalho, a sua dissertação, quais são os temas da sua dissertação? Se posso perguntar... de mestrado. [SPK_2: Solicitação?] Não, não, não, na licenciatura você fez localização da língua xitsua, no mestrado, o que vai fazer? Vai aprofundar esse tema aqui?

SPK_2 Não, agora estou a falar desta necessidade de uso das línguas moçambicanas no Parlamento... não é? E estou interessado nisso para perceber porque é que, de facto, sendo um país multilíngue e o Parlamento representa a, esta dimensão cultural e linguística, porque é que não os parlamentares não podem usar as suas línguas para saber... **porquê?** Não é? Porque nós achamos que sendo um país multilíngue há uma necessidade de privilegiar o uso das línguas sem descurar, por exemplo, a língua portuguesa, porque Moçambique é construído por esta diversidade linguística, então os deputados representando, não é? Aquelas comunidades linguísticas, era suposto que os parlamentares tivessem que usar **sem forçar**, usarem as suas línguas, então eu estou interessado em saber isso.

SPK_1 Ok, ok, é interessante, porque também já perguntei a um pouco de pessoas sobre essa coisa aqui, que está ligada mais ou menos a esta questão dos parlamentares que falam ou não falam línguas bantu no, no Parlamento, que é o porquê a educação bilingue só para no ensino primário, porque não vai além? Porque não vai também para o secundário, para o superior, porque para ali no primário? Tem ali motivações?

SPK_2 Bom, se calhar esta pergunta não posso precisar responder porque não faço parte da educação, mas quero acreditar que pode ter sido uma estratégia adotada, começar de um, de um determinado nível e progressivamente isto pode acontecer, primeiro era necessário que houvesse materiais suficientes, né? Também tivesse professores preparados para, para isso e acredito que a introdução de ensino bilingue em Moçambique não poderia ser de uma forma tão **extensiva**, eu acredito que se calhar daqui para os próximos anos isso pode acontecer, isso é uma suposição, não é? Mas eu quero acreditar que provavelmente tenha sido uma estratégia, o que é que acontece quando nós falamos de ensino bilingue? Estamos a dizer que uma criança que nasce, não é? E nasceu numa comunidade linguística X ou Y, ele já tem ferramentas, então, quando ele- quando esta criança chega à escola, é suposto que use as ferramentas que já tem na língua, não é? Materna, para potenciar, por exemplo, o ensino, então, acho que esta é uma estratégia que é necessário reparar que desde 1975, não é? O ensino sempre foi em língua portuguesa, então, seria uma ruptura que se introduzisse esta modalidade a partir do nível primário, secundário e universitário, mas eu acredito que isto é uma questão de uma estratégia política de educação, acredito que vai se encontrar muito, eu estou a supor, já não faço parte, estou a responder.

SPK_1 Estamos a falar sobre opiniões pessoais, não é? E também porque, já perguntei isto também a outros, porque é que há ainda essa diferença aqui entre monolíngue e de bilingue? Porque não fazer só bilingue? Se nos queixamos que os cursos da educação bilingue são demais, porque é que há essa diferença aqui? Poderia ser que- poderia ter só uma das duas modalidades que abrange as duas línguas e, pronto, os materiais são feitos para as duas modalidades, os professores são só para a modalidade bilingue, não seria... viável essa coisa só ter a modalidade bilingue? Tirando a modalidade monolíngue.

SPK_2 Bom eu acredito que isto também tem a ver com com as condições se calhar económicas não é? A outra coisa também as políticas, as políticas e sobretudo os decisores porque há um pensamento que se tem quando se vê a modalidade... monolíngue ou bilingue em termos de, de de de encargos em termos financeiros, em termos de produção de material, mas as teorias mostram o contrário, de tal sorte que a educação não pode ser vista como como como uma despesa, né? Mas isto é, tem de ser visto numa perspetiva de que quando nós fazemos orçamento para como **investimento**, quando investimos e porque é que a importância do ensino bilingue? É esta a questão, a primeira questão que eu estava a dizer, as pessoas já dominam a língua, não é? Só precisariam, por exemplo, [SPK_1: de passar para...outra] de passar para outra, sim, isto também pode facilitar o próprio processo de aprendizagem, não é? Através da

segunda língua, que é a língua portuguesa, a outra coisa, **provavelmente**, isto pode ser resultado de colonização, como é que nós fomos colonizados? Eu entrei também no tempo colonial na escola que bom... as outras línguas eram línguas... não é?

SPK_1 Menores.

SPK_2 Até menores era favor, não é? Eram línguas, uma espécie de línguas selváticas [sic], não é? Então, quem tivesse acesso à língua portuguesa significa que era uma pessoa de elite, não é? Na altura até tinha uma designação específica que era **civilizado**, significa que as línguas europeias estão conotadas com a civilização, então, quem soubesse falar uma língua europeia, no caso a língua portuguesa, seria uma pessoa civilizada, isto, este preconceito acho que as pessoas carregam com elas até hoje, isto é uma pressuposição porque até há pessoas que têm muita dificuldade de falarem as suas próprias línguas bantu perante pessoas que se acham que falam bem o português, então somos forçados a falar em português quando se calhar podíamos falar **melhor** usando as nossas próprias línguas, então há estes tipos de preconceitos, isso que temos de dizer, podem ser preconceitos a, a vários níveis, não é? E tanto daquele que menos estudou usando a ferramenta língua portuguesa, assim como aquele que tem acesso a uma informação um pouco relevante, então há este preconceito que isto pode levar algum tempo, mas a modalidade de ensino bilingue acho que é literatura sugere isso, hoje em dia, não há nenhuma nação do mundo que vive confinada numa mesma língua, e só podemos pegar o exemplo, por exemplo, do parlamento europeu, cada país tende a entrar com a sua língua, não é? Então, mas se calhar a diferença é essas línguas europeias são tidas em línguas civilizadas com acesso à educação, mas não acredito que a... a colocação, por exemplo, de serem línguas inferiores ou superiores, há de ser a capacidade, por exemplo, comunicativa, há de ser a capacidade, por exemplo, de ensinar, então, mas eu acredito que aqui há muito grande preconceito, não é? Somos poucos, com este conhecimento que o recurso língua, quando usamos várias línguas, é mais **recurso** não é? Disponível na diversidade do que usar uma mesma língua, então provavelmente há de ser ligada ao preconceito, ligado também à questão financeira, mas quero acreditar que há **muita coisa** aqui ligada ao preconceito linguístico, não é? Sim.

SPK_1 E essas questões aqui são abordadas dentro das aulas do curso de mestrado, ou seja, os professores falam dessas coisas aqui, preconceito, toda a questão da política linguística.

SPK_2 Sim, sim, sim, não, por acaso, nós somos os resultado disso, estas abordagens que nós fazemos, fazemos porque temos estas ferramentas...

SPK_1 E você acha que, ou, aliás, qual deveria ser o papel da universidade dentro da sociedade nestas questões aqui?

SPK_2 A universidade, em particular, a Faculdade de Letras, tem feito muito, primeiro, as pesquisas que são feitas, não é? Para além disso, os cursos também que são ministrados, para além da capacitação institucional ao nível, por exemplo, dos centros de formação de professores, a universidade tem um papel, produção de material, nós não podemos pensar o ensino bilingue sem termos o material, a primeira coisa, por exemplo, o que se tem feito na universidade é a criação, por exemplo, de corpus, não é? As gramáticas, não é? Essas ferramentas são fundamentais, então, a Universidade, desde a criação do NELIMO, faz-se muito já na década de 80, 85, não é? A literatura mostra que há muito material que a UEM tem produzido nesse sentido, agora, pode estar a faltar outra coisa, é est- fazer uma campanha de sensibilização.

SPK_1 O alcance.

SPK_2 Já o alcance, agora, se me pergunta se a Universidade faz ou não faz, bom, eu não faço parte da Universidade, significa que estaria a especular, isto é uma especulação, porque era necessário que houvesse, através da televisão, houvesse **mais** divulgação na **rádio**... então, se calhar este alcance, infelizmente, ainda aparecem governantes que parecem não conhecerem bem esta coisa da relevância das línguas moçambicanas no processo de ensino-aprendizagem.

SPK_1 Eu perguntei só porque, falando com outras pessoas, elas disseram que não conseguiram encontrar as informações, por exemplo, do mestrado, então escolheram outro mestrado, que por acaso é o de didática de língua portuguesa como língua segunda, nem conhecendo, nem sabendo que havia um outro mestrado, e eles até disseram, “eu acho que falhei, eu acho que errei, eu deveria ter escolhido esse mestrado aqui, mas não sabia que existia”, então, é por isso que eu pergunto sobre o alcance das informações **fora**, por fora da universidade.

SPK_2 Bom, por isso que eu digo assim, não sei quais são as estratégias que a própria universidade faz a divulgação... então, eu estaria a responder... a dar uma resposta de uma de uma entidade que eu, não estou lá, então isto tudo é suposto... a primeira pergunta como é que eu tive conhecimento? [SPK_1: Exatamente] Eu através de, eu entro lá na plataforma da UEM, uma das teorias é que quando nós fazemos o ensino superior não podemos ficar muito distante da universidade, sob pena de apenas termos feito o curso e não sermos nada de académicos, então, eu acredito que a universidade tem lá portal lá de cursos,

hoje em dia tu podes entrar lá.

SPK_1 Sim eu já vi...

SPK_2 Se as pessoas não entram lá, então provavelmente não há de ser o **pecado** da Universidade que não faz, é também como é, qual é o nosso nível de literacia, não é? E como é que nós procuramos? Hoje em dia, por exemplo, se calhar as pessoas estão mais preocupadas com coisas banais do que com coisas tão científicas, e ou terem conhecimento superficial, o que é que, quais são os cursos da universidade? Em particular hoje em dia a, a Faculdade de Letras e Ciências Sociais ramo linguística tem muitos tem muitas ramificações está lá se entrar no portal lá da Faculd-, da Universidade vai, a UEM quais são os cursos estão lá então se a pessoa não conseguiu provavelmente há de ser uma outra coisa [SPK_1: OK] Há de ser uma outra coisa mas não discursando que a universidade pudesse ter em particular porque quando nós falamos da universidade estamos a falar.

SPK_1 Em geral.

SPK_2 Em geral, a Faculdade de Letras tivesse uma outra modalidade de fazer-se conhecer dos seus cursos, não é?

SPK_1 Se através do rádio, da televisão, não há?

SPK_2 Sim, mesmo a divulgação, por exemplo, ao nível, por exemplo, nas escolas, adotar um sistema, não é? De divulgar quais são os cursos que fazem e qual é a importância porque uma das coisas também, nós até podemos saber que tem lá cursos, XXX, mas ok, qual é a importância daqueles cursos? Hoje em dia para um moçambicano ainda está a fazer economia direito não sei que, essas áreas sociais provavelmente as pessoas pouco investem não é?

SPK_1 Especialmente a questão...

SPK_2 Provavelmente também é as pessoas investirem né? Nesses cursos e depois não terem o retorno daquilo que as pessoas esperavam.

SPK_1 Era realmente a questão também da orientação [SPK_2: sim sim] você acha que tem uma falta de orientação entre o secundário e o superior?

SPK_2 Não, eu não posso dizer taxativamente que sim, mas eu acredito que era necessário se fazer sentir mais, não é? E uma das coisas também que devia acontecer, ou se acontece, eu não tenho conhecimento, é como é que nós **levamos** a informação desde o início? Provavelmente se perguntar às crianças quais são os cursos que gostariam de fazer, podem dizer, “epá gostaria de fazer, medicina, gostaria de ser professor”, vagamente, professor, não é? Provavelmente se dizer... epá “Já ouviu falar, por exemplo, de um curso chamado de linguística que trata disso aí?” Porque uma coisa de ser curso de linguística, muitas vezes nem sabemos qual é o alcance disso, não é? O que é que significa ser linguista? Não se sabe com isso, mas são coisas que a sociedade ou a universidade deviam divulgar mais, não estou a dizer que não se divulga, estou a dizer que devia-se encontrar mecanismos de, mesmo os **cursos** de mestrado, encontrar um mecanismo de dizer qual é a relevância e qual é a relevância desses cursos, o **impacto** desses cursos na vida real, não é?

SPK_1 Claro, já... Essa questão do impacto e da importância, do alcance das informações também eu vi no âmbito do número de estudantes que estão ali... não é? [SPK_2: sim sim sim, que se inscrevem] que se inscrevem, ou que se candidatam, porque... eu acho que para um âmbito tão rico, tão interessante, como a educação bilingue, o bilinguismo, ter ali, no caso do ano que eu observei, três pessoas, três estudantes, no seu caso eram cinco, não é? Cinco estudantes do bilinguismo, [SPK_2: não, éramos..., sim, do bilinguismo] e cinco de didática de língua, não é? Então, como é que tem ali um número tão baixo de estudantes, a motivação é esta? Do alcance? Ou outra?

SPK_2 Acho que sim, enquanto eu já não encontro motivação em estudar português, eu encontrei motivação em estudar uma coisa que parece marginal mas é tão interessante, quando nós falamos de ensino bilingue... há muita coisa, é esta coisa de mapeamento que nós fazemos, quer dizer, há casos em que nós usamos a língua portuguesa e discriminamos as pessoas, não é? Como eu dizia antes, se eu tenho uma minha língua em que eu aprendi as bases, porque é que não posso através desta língua estudar [*incompreensível*]? Provavelmente isto podia dar até o alcance de compreensão do mundo em si, porque eu já tenho bases do que encontrar, não estou a dizer que não se podia usar a língua portuguesa [SPK_1: as duas podem coexistir...] as teorias dizem assim, bom, se eu tenho a língua portuguesa também pode me abrir o espaço para falar para fora, provavelmente eu não poderia ter esta capacidade de falar para fora quando eu estiver fora, usando o xitsua... mas sabendo a língua portuguesa pode mudar, tanto como saber inglês pode me dar acesso, por exemplo, [SPK_1: ao exterior] ao exterior! Mas... podemos conectar o conhecimento através da língua nacional, da língua moçambicana a **esse** universo de saber, não é? Para mim, hoje não estou muito interessado em investir, em saber as didáticas da língua portuguesa, não é? É verdade que eu dei a língua portuguesa como uma cadeira, mas desde que comecei a entrar na linguística e entender que há muitas outras coisas interessantes, em particular, por exemplo, a linguística bantu, então,

eu tento perceber esta área que eu considero uma área fascinante, é fascinante, [SPK_1: é muito fascinante] pode não ter **impacto**, não é? Nas atividades do dia a dia que nós fazemos, que infelizmente, até hoje estávamos a falar aqui, nós como colegas, em outros países, por exemplo, da região, eSwatini, África do Sul e tantos outros países... no Parlamento, usa-se as línguas **nacionais**...

SPK_1 Inclusive na Tanzânia, o suaíli é uma das línguas oficiais.

SPK_2 Não é? Sim, não há nenhum **problema** de as pessoas falar... e então é esta riqueza que se tem em relação as línguas, não é? Porque as teorias, se tivermos em conta por exemplo, diz assim, a visão que uma pessoa tem, não é? Tem a ver com a sua cultura, tem a ver com a sua língua, a língua é a cultura, não é?

SPK_1 É muito simples, e por isso, tendo em conta esta importância, este fascínio da educação bilingue, na sua opinião, como é que no seu ano, você é do ano de 2023? Porque o ano passado não se formou uma, uma class- turma, e como é que são só? Eram só cinco estudantes?

SPK_2 Não, por isso que eu digo, bom, isso também tem a ver com... com, com como eu sempre disse, estratégias como a faculdade adota, né? Outra coisa se calhar sejam motivações em termos de **pagamento**, não é? Porque nós esperamos que a minha formação, ainda temos essa coisa, a minha formação, se eu termino a formação, o que é que o mercado me espera? Provavelmente quando não há tal relação, isto pode também frustrar as pessoas, não é? Daí que a universidade tem de adotar- a Faculdade, tem de adotar esses cursos com o mercado de emprego, não é? É verdade que essas são áreas que estão mais viradas à questão de investigação, primeiro é necessário que se crie uma base, se nós, por exemplo, fazia uma pergunta “Porque apenas no ensino primário?” então significa que é um percurso, então, há muitas outras coisas que se calhar outros fatores que podem concorrer a isso, não é? Limitações financeiras, para além disso, a própria Universidade, a Faculdade, devia garantir **bolsas**.

SPK_1 Não tem bolsas?

SPK_2 Não, as pessoas estudam através do seu bolso, isso, isso também pode ser um fator inibidor, ou seja, é necessário que a universidade crie mecanismos de incentivos, quer sejam incentivos de financiamento de estudantes, eu acredito que os cursos podem ter, podem ter, podem ter mais estudantes, há estudantes que terminam, por exemplo, os níveis de licenciatura, se eles saberem que... nós sabemos que o país, as pessoas não dispõem de tal capital para estudar, agora, se tu dizes assim, mensalidade são 7.500 [meticais, NdE] Quem apanha isso? Não é? Quem apanha isso? Significa que as pessoas fazem esforço de se matricular a esses cursos, mas também esperar o retorno [SPK_1: Claro], não é?

SPK_1 E o retorno às vezes não tem, porque pelo que eu vi, muitas pessoas acham que tirar um mestrado, tirar mesmo o certificado do mestrado, é só uma coisa pessoal para o indivíduo, não é? Para o crescimento do indivíduo, não tem um retorno na sociedade, de **emprego**, no mundo do trabalho, porque se um empregador ficar ali olhando para o seu curriculum, ver que também tem mestrado, eu acho que não, ou seja, pelo que eu vi, pelo meu entendimento, as possibilidades podem ser as mesmas de uma pessoa que tem só a licenciatura, não é?

SPK_2 Sim, sim, sim, sim.

SPK_1 É uma coisa a mais, entre aspas, ou não?

SPK_2 Quer dizer, bom, eu acredito que essa parte é mais pessoal do que, se calhar da... das das instituições de quem podem colher, por exemplo, outra pergunta, quando nós falamos no mercado de trabalho... depois de você fazer o mestrado em Bilinguismo e Ensino Bilingue, o que é que acha que pode fazer?

SPK_1 É uma outra pergunta.

SPK_2 Sim, então, se não encontra o contraposto disso, também pode ser um, um um dos fatores que pode ser um fator inibidor, não é? Mas não porque se calhar não haja muito espaço de atuação dos mestrados nesse sentido, há muito ainda coisa por fazer a investigação, mas a investigação ela não é feita apenas por dizer que queremos investigar... há outros fatores que concorrem para que isso aconteça, o que? Os **financiamentos**, se não há nem a própria universidade quando tu terminas, por exemplo, o curso, não te dá nenhum, [riso] nenhum incentivo orçamental para você fazer pesquisa, a pergunta que se coloca e depois daí? O que é que acontece? Pode não acontecer nada, não é? Então significa que o Estado tem de investir muito, não é?

SPK_1 A pessoa pode até voltar para o trabalho que tava a fazer antes, [SPK_2: Sim, sim...] então só tirar o mestrado e depois... pronto acabou ali.

SPK_2 É que mesmo, por exemplo, ao nível de doutoramento, as pessoas pagam através dos seus bolsos ou terão que recorrer a organizações que possam financiar, isso é complicado, não é?

SPK_1 Ou sair do país, até.

SPK_2 Sim, isso pode ficar complicado, mas vamos perceber que isto surge numa conjuntura por país, não podemos ver apenas a questão da formação, temos que ver como é que o país está em outras dimensões, na

educação, no setor da atividade econômica, não sei o que, estradas, [SPK_1: saúde] saúde, não sei o que, então, apenas a equacionar isso, e como é que os decisores, como é que fazem esta esta gestão e daí se o país não está bem economicamente então nunca há de estar bem em termos da sua formação acadêmica não vai oferecer o suporte as pessoas vão estudando por esforços próprios mas acredito que há falta mesmo de incentivos era necessário que a faculdade a universidade encontrasse mecanismo de subsidiar a, a, a atividade de formação acadêmica.

SPK_1 E idealmente... idealmente, também acrescentar essas parcerias entre a Universidade e outros lugares de trabalho.

SPK_2 Sim, sim, sim, sim.

SPK_1 Tipo, através de estágios, não sei.

SPK_2 Sim, não resta dúvida.

SPK_1 Não tem estágios, não tem atividades práticas?

SPK_2 A nível de mestrado?

SPK_1 É.

SPK_2 Não, pelo menos para o curso, o primeiro que eu fiz e o segundo que eu fiz, eu não... não vi a não que haja outras pessoas, não sei porque acredito que mesmo o Marques que está lá também está a fazer por conta própria.

SPK_1 Ele é professor na licenciatura, não é?

SPK_2 Sim, ele é professor lá mesmo na faculdade.

SPK_1 Ok, ok... duas perguntas agora que estão ligadas entre elas e também ligadas ao... à discussão que temos a ter agora primeira pergunta era você conseguiu conciliar bem o trabalho seu seu trabalho e o estudo na Universidade teve ali algum sacrifício grande ou conseguiu [SPK_2: não...] você trabalhava enquanto...?

SPK_2 Sim sim sim, sempre tive esta sorte [*riso*] sorte ou azar mas sempre tive isso [*risos*] não é? Mesmo naquele ano em que eu entrei na UEM, 5 anos depois, atrasado, né? Entrei na UEM em 95, sempre fiz essa coisa de trabalhar, então, agora, se é fácil ou não, isso é um sacrifício, não é? É um juramento... que nós fazemos, para além de que o curso de mestrado é feito depois das 15h, acho que nós entrávamos às 16h30 ou 16h já não me recordo, mas é para aí, significa que primeiro tinha que fechar a jornada do serviço, depois saía daqui e ia à faculdade saía à noite ia para **casa** e não tem sido fácil, porque é necessário... há tarefas que devem ser feitas, então você encontra um mecanismo, então conciliar isso não tem sido fácil, mas o que nós podemos fazer é o possível, né? Sim, mas não tem sido fácil porque de dia estou ocupado, por exemplo, a fazer tarefas daqui, há casos em que eu posso viajar, eu às vezes posso faltar a, as aulas, mas tenho que tenho que fazer o esforço, eu termino às 20h a estudar ou 21h tenho uma tarefa a apresentar no dia seguinte, então **tenho** que fazer esforço, então, mas nós às vezes agendávamos os finais de semana, sábado, domingo, encontrávamos, estudávamos, fazíamos o trabalho, ainda- mas não é fácil conciliar, mas é o que o indivíduo normal tem de fazer, se nós esperarmos que vamos ter o tempo suficiente, nós programamos o tempo para **toda** a atividade que acontece na nossa vida, estamos a pensar que mesmo que não fosse estudar, há outras atividades que nós fazemos, não é? Podemos imaginar que eu fosse um desportista, não é? Tivesse obrigações de **treinar**, mas tem também obrigações de estudar, então há sempre que encontrar meio termo para fazer isso, não é **fácil**, mas é possível.

SPK_1 Você acha que a Universidade fez um bom trabalho a organizar e encaixar os horários das aulas, exames e tudo isso?

SPK_2 Acho que sim, para o nosso curso, acho que sim... nós fizemos naquele horário estabelecido, nunca houve interferência, daqui os programas e horários são concebidos de modo aqui porque aqueles são cursos pós-laboral não é significa que acontecem depois, fora da hora normal agora pode ter havido conflito no sentido de que eu tivesse algumas atividades do serviço **ou** eu tivesse que **adiar** as atividades de serviço para cumprir a minha coisa, terminamos no curso a vida é assim mesmo sim não tem sido fácil mas na medida do possível, também o curso é concebido 16 horas às 20h, é possível fazer, temos duas cadeiras por dia, aquilo eram duas horas por cada cadeira, já dá para fazer...

SPK_1 Mas, por exemplo, imagine que tem uma reunião agora às 16 horas, você falta uma aula da universidade, a universidade vai queixar consigo por ter faltado ou... [SPK_2: não... não...] Ou os professores?

SPK_2 Vamos para o que é que é a Universidade, sobretudo a questão de pesquisa... hoje em dia hoje em dia mesmo no passado não me recordo que o professor provavelmente agora faz- que o professor ficasse com o livro de pontos a dizer “agora o Artur faltou” ou ou ou a Universidade ao nível por exemplo de mestrado o que é que isso significa? Significa a capacidade de investigar do que aquilo que o professor expõe porque em termos daquilo que é a programação dos professores, o professor distribui quais são os

temas, os conteúdos que vão ser desenvolvidos e qual é a literatura, não é, que pode ser consultada... pode-se consultar outra literatura, então isso já é fácil, porque eu já sei que **naquele** dia que tenho reunião às 16h, que eu não posso ir à Faculdade, tenho o material a consultar sobre aquele assunto, é nesse sentido... não há de ser como uma escola, sei que isso acontece hoje, pelo menos na Faculdade de Letras, a nível de que eu estou-me a referir, não havia isso, significa que você está programado, sabe o que é que vai se dar, se você tem a apresentação naquele dia, epá ou adiar não terá que ir fazer a apresentação, se tiver falhado um trabalho, você comunica com o professor, depois pode-se fazer [SPK_1: pode voltar a fazer], quer dizer, aquilo não é tão martírio como podemos imaginar... também no primeiro dia, dependendo do professor, você sabe qual é o tema que vai apresentar, não é? Quais são os trabalhos a fazer, qual é o dia, por exemplo, nós tínhamos uma metodologia que se faz, se calhar até a que fizemos enquanto éramos cinco, se calhar éramos muito, aqui da antropologia linguística éramos dois, não é? Significa que as aulas **dependiam** da nossa presença nós os dois e cada dia cada **um** dos estudantes apresentava um, um tema e depois dali fazíamos o debate o professor fazia a a a a as considerações finais para dizer que tudo é possível a Universidade a nível por exemplo mestrado a organização é um pouco mais apurada do que se calhar na licenciatura em que nós sabíamos naquele dia vamos fazer o quê? Qual é a literatura a ser abordada, devia ser lida e não sei quantos.

SPK_1 Ok, ok.

SPK_2 Sim.

SPK_1 E passando por outro tema, eu queria saber se antes de... entrar para o curso de mestrado você teve tipo expectativas sobre o curso e se essas expectativas, se houveram, foram alcançadas.

SPK_2 Não, [SPK_1: afinal], por acaso sim, porquê? Os professores são os meus professores tradicionais, os conheço tão bem, a expectativa já, já por esse conhecimento anterior, também esperava- sabia o que é que eu esperava do curso, sim, quanto a isso não... [SPK_1: não teve...] não, não tenho problema nisso, eu sabia o que e também porque é que eu escolhia sim, porque havia uns professores nesse sentido que já os conhecia há muito tempo.

SPK_1 E os pensamentos não mudaram ao longo da sua experiência? As suas ideias.

SPK_2 Não, pelo contrário, se calhar foi **aprofundamento** das coisas... [SPK_1: então acréscimo...] sim, porque o nível de licenciatura é um nível, o nível de mestrado é outro, então o **nível** de exigência é outro, eu me recordo quando o professor Gregório dizia assim, a cadeira de Metodologia de Investigação, como a denominação de metodologia de investigação **avançada**, apenas ali é o nome de **avanzado**, mas o que se tem mais é no sentido de a exigência é **maior** do que a licenciatura, é como doutoramento, a exigência é **maior** do que o mestrado, significa à medida que nós vamos alcançar um determinado nível, significa o **nível** de exigência e é **maior**, então era nesse sentido, então a expectativa, não é? É como se tivéssemos a ler um texto, entre o que eu estou a ler e aquilo que o texto vai me transmitir, a expectativa foi mesmo, o que nós chamamos de horizonte de expectativa, significa que houve, de facto, horizonte de expectativa quanto a isso, mas o nível de exigência era outro.

SPK_1 E também, eu acho que à medida que os níveis crescem, não é da licenciatura até o doutoramento, a relação entre o estudante e o docente também cresce no sentido de respeito, profissionalidade... responsabilidade.

SPK_2 Mas para além disso, há uma outra coisa fora disso, diminui-se em termos de o envolvimento e é muito intenso, na licenciatura temos uma espécie de professor-estudante, quer dizer, cada vez mais ficamos um pouco distantes em termos de... aprofundamos com a leitura, aprofundamos em ideia, aí já há uma evolução, há uma interação muito forte, diferente da licenciatura, quando é mestrado é muito intenso, aí o nível, já diminuimos o nível de... o respeito, sim, mantivemos o respeito, mas o **nível** em que nós colocamos as nossas ideias, porque uma coisa é ver o professor como se fosse um **Deus**, não é? Mas quanto mais você aproxima a este nível, Deus está a ficar cada mais próximo do crente, não é? Então, e esta parte é a coisa mais... porque também já não se chama assim de estudante, porque já tenho licenciatura, já até me chamam de doutor, então isto também **acresce** a nossa responsabilidade de fazer abordagem nas coisas.

SPK_1 Ok, ok, então a relação era um pouco mais...

SPK_2 É menos tensa, é mais relação fluida, sim, também o professor não me vê como se fosse- sou estudante sim, mas não é aquele estudante raso, né?

SPK_1 Ok, ok.

SPK_2 Sim, porque quando nós entrámos na universidade, é só ver na década de 90, mesmo para ir ao mesmo balneário com um professor, parecia não sei quê, mas agora não, estamos mais à vontade, significa que **aprofunda-se** o conhecimento, também a interação é maior, não há tanto preconceito de... sim.

SPK_1 Nessas questões, e, e falando por outro lado da relação com os estudantes, entre vocês, entre os

colegas.

SPK_2 Não, fantástico.

SPK_1 Fantástico?

SPK_2 Sempre, sim não há que... ali é uma interação, nós trocamos de tudo, não é trocamos de tudo, mas uma coisa interessante é que quando nós fazemos a apresentação de trabalho, ali se é para levar, leva, sim, se diz aquilo, as críticas são feitas abertamente, sim.

SPK_1 Tem uma ajuda mútua muito forte.

SPK_2 Não, não resta dúvida, por isso que eu dizia que em algum momento sentamos juntos, mesmo a nível, por exemplo, de elaboração dos nossos trabalhos, trocamos, interagimos muito, “troca- para como é que você é isto?” “Qual é a metodologia que você-” ouve o amigo, o colega, qual é a metodologia que ele adotou? Porque é que adotou aquela metodologia? Qual é a sugestão que ele podia fazer? Sim, a interação é maior.

SPK_1 Claro, é só porque falando com outros saiu essa questão de nós somos estudantes que... vimos aqui, fazemos o que devemos fazer, depois saímos, pronto, somos, não tem uma relação muito [SPK_2: Não, é sempre bom...] ao entrar na sala de aula...

SPK_2 Não, por acaso, nunca tive... se calhar tivemos e quando éramos estudantes, éramos muitos, há tendência, né? Mesmo ao nível um pouco de mestrado, pode haver tendência, né? Mas é muito fluido, nós tínhamos no tronco comum, tínhamos um chinês, tínhamos um brasileiro, e nós outros éramos moçambicanos... acho que aquilo facilmente é só imaginar... o chinês não dominava, ele fala a língua portuguesa, mas ele não dominava, mas aquilo era uma coisa fantástica, nós nunca tivemos problema desse relacionamento.

SPK_1 Tem ali enriquecimento mútuo.

SPK_2 Sim, nunca tivemos problema, não tivemos para bem dizer, não tivemos, mesmo hoje, eu posso ligar para o chinês, posso ligar para o brasileiro, posso ligar para aquele indivíduo, aí não há nada, ali é conhecimento, quando é para martelarmos juntos, martelamos, sim, nunca houve preconceito nesse sentido de as pessoas ficarem confinadas porque se calhar detém um conhecimento em relação a outras pessoas pelo contrário nós gostávamos de nos ajudar.

SPK_1 Ok, é interessante e... acho que a última questão era um pouco pessoal então se... como eu disse antes se você não quer responder pode também não responder que inclusive... antes de sair para o mestrado- você disse que queria fazer doutoramento não é?

SPK_2 Sim sim vou fazer [SPK_1: vai fazer doutoramento, com certeza] eu vou fazer, próximo ano vou à reforma... ah já terei muito tempo

SPK_1 Ok e depois do doutoramento você vai mudar as suas ideias de de trabalho, de carreira.

SPK_2 Não ah, carreira é uma coisa carreira... carreira... porque o que eu estou a fazer aqui E como dizia, aqui é um centro de estudos de formação parlamentar, o que é que nós fazemos aqui? Concebemos conteúdos, organizamos e implementamos as capacitações para os deputados, assim como para os funcionários, isto é uma carreira, agora, em termos de pesquisa, se calhar vou mais virar para questões de pesquisas, do bilinguismo, educação bilingue.

SPK_1 Então, dois carris... [SPK_2: Yá] ... paralelos.

SPK_2 Sim, porque a minha especialização agora é, neste caso, vertentes, estou a dizer assim, o uso das línguas moçambicanas no parlamento, e provavelmente... a minha batalha há de estar por aí, línguas bantus... também pode ser ensino bilingue, se calhar virada... ensino bilingue, ensino bilingue virada- virado para uma pesquisa, não é? Para alimentar mais, não é? Esta questão da relevância das línguas moçambicanas no ensino, quem sabe, se houver organizações, eu posso me engajar em dar os meus inputs nessa área de ensino bilingue, bilinguismo e ensino bilingue, não é? No caso de não, vou escrever alguns artigos para publicar, e quem sabe eu devia morrer enquanto já escrevi, também como [incompreensível], não é? Pode não ter uma... materialização em termos de- mas eu gostaria de completar este ciclo, não como ciclo com retorno de ganhos, como salário, mas este ganho espiritual de poder escrever sobre a literatura que versa sobre as línguas moçambicanas, na vertente educação bilingue, que é uma área fascinante.

SPK_1 Claro.

SPK_2 [SPK_1: Tentar explicar às pessoas...] Não é o dinheiro que- já não estou a estudar para ter emprego, não.

SPK_1 Ok.

SPK_2 É satisfação pessoal.

SPK_1 Pessoal... e o desejo de dar algo à comunidade?

SPK_2 Sim, sim, sim, sim, bom, também se a sociedade abrir espaço, porque é que você que dá esse contributo e a sociedade, provavelmente não pode ser vista uma sociedade que abre espaço, é organismos

estatais e organizacionais que possam se calhar... quererem dos nossos serviços, não é? Como pesquisadores podemos ajudar.

SPK_1 Ok, então você acha que o processo de explicação, entre aspas, deveria começar pela cima e ir pra baixo ou tem que brotar lá por baixo- e ir para cima?

SPK_2 Não, podemos- as iniciativas podem ser de baixo para cima, porque provavelmente se esperarmos que as coisas aconteçam de baixo- há momentos em que as decisões dos que estão lá no topo, muitas vezes não reparam aquilo que são as necessidades das pessoas, quem sabe se nós começarmos de baixo e despoletarmos lá que nós existimos, não é? Pequenas coisas, vamos pensar pequenas coisas, o que é que nós podemos fazer na comunidade e que possa isso despertar, por exemplo, que esta atividade da comunidade possa influenciar? Temos que pensar nessas coisas, não esperar pelos outros, não é? Provavelmente feito o curso, há de haver... caminhos ou espaços para que... que se consiga fazer alguma coisa, como se diz, cada pessoa tem de fazer algo e juntos fazemos a diferença, não é? Acredito que por isso que eu estou a dizer assim... se eu fizer o doutoramento, não há de ser aquela coisa de que eu estou a fazer o doutoramento para pedir **emprego**, não é? Porque de emprego já esgotei [*riso*] o que eu vou fazer agora é **autoemprego**, se calhar em outras áreas, não desse estudo de pesquisa, agora, se eu tiver que agregar a parte da pesquisa, isso é uma satisfação pessoal, contribuir para o meu país, não é? Fundamentalmente a questão linguística, porque este país é **muito rico** em aspetos linguísticos, temos comunidades linguísticas diferentes, não é? E nós até podemos falar em existirem muitas línguas em Moçambique, sim, mas há comunidades linguísticas, não é? Se você junta os de Inhambane, de Gaza, Maputo, não é? falando xitsua ou ronga ou changana não é? são línguas mutuamente inteligíveis não é? Essas pessoas se entendem se tu pegas por exemplo Nampula, Niassa não é Cabo Delgado há de ver que tem lá... [SPK_1: emakhuwa] é emakhuwa... não é? então é uma coisa fantástica.

SPK_1 Ok então eu acho que já esgotei as minhas perguntas e acho que a conversa foi bem interessante e... pronto, você tem algo que queria acrescentar?

SPK_2 Não, é eu agradecer por ser encontrado, não é? Através de, acho que se chama de bola de neve, não é? Sim, utilizar bola de neve para que eu fosse alcançado e contribuir naquilo que... e desejar que...

SPK_1 E o seu contributo vai até a Itália.

SPK_2 Vai até a Itália, se calhar pode voltar para aqui e nós estamos aqui para, por isso que quando eu recebi a sua mensagem eu disse que estava disponível porque eu acho que posso contribuir para o seu sucesso e isso pode nos engrandecer... como pessoas, temos que dar uma mão.

SPK_1 Sou eu que agradeço muitíssimo por ter encontrado mesmo o tempo para fazer essa entrevista, então agora vou parar com a...

Entrevista L – SPK_1 Ok... E nós estávamos a falar do seu projeto de pesquisa, né?
SPK_2 Ok, sim, sim.

SPK_1 Queria que você explicasse um pouco o que é que será, quais são os temas, os objetivos, etc. se há?
SPK_2 Ok, tudo bem, eu estou numa fase de desenho do projeto de pesquisa, para mim é de dissertação, como nós sabemos, no contexto moçambicano, nós temos... a possibilidade de se introduzir este ensino que está a ocorrer, mas há resistência por parte da comunidade, para além disto, também temos o **domínio** das línguas nacionais, há sociedades que ainda não se sabe se é língua ou é dialeto, então, no distrito de Gorongosa tem esta particularidade, lá fala-se, **segundo** os relatos da população, é que está-se diante de uma **língua**, e não exatamente dialeto, como os livros vêm relatando, a população lá considera aquilo como uma língua que se chama xiduma, e os **livros** científicos, digo, a literatura, defende que lá fala-se dialeto de língua **sena**.

SPK_1 Ah, o sena, ok.

SPK_2 Sena, digo o cisená, não é? Ok, que é variante, agora, há essa **disputa** entre a literatura e a população, então, eu estou para lá para procurar perceber essa sensibilidade, o objetivo central é compreender a **relevância** do ensino bilingue para aquela população, para perceber como que a população olha para o ensino bilingue, não que a literatura defende sobre o ensino bilingue, tendo em conta que naquela comunidade tem esta discussão se é língua ou é dialeto, então, com esta ideia também, como é um sítio de conservação, poderia estar lá a explorar a questão de, de ensino bilingue com a preservação da biodiversidade, como que a população pode criar uma... pode reservar a sua biodiversidade se **tiver** o ensino bilingue.

SPK_1 Então não há o ensino bilingue ainda, lá?

SPK_2 Lá existe, mas não é extensivo, há algumas escolas, se calhar esta pergunta foi mais interessante e tem que ver com o local mesmo, Gorongosa é um distrito.

SPK_1 Mas se encontra na província de Maputo?

SPK_2 Gorongosa é um distrito que pertence à província de Sofala, é centro do do do país, então, lá encontra-se o Parque Nacional da Gorongosa e a pesquisa estará no cume da montanha, lá uma montanha, então, vai-se fazer lá porque acredita-se que lá na montanha há os ancestrais linguísticos, ou seja, é onde nasce aquela língua que se considera xiduma, então, indo lá fazer a pesquisa, que infelizmente, não está a decorrer lá o ensino bilingue, mas na **vila** já ocorre o ensino bilingue, então, é para se colher os dados, para se ouvir lá, o que que a população nativa, sobretudo, **diz** sobre o ensino das suas próprias- da sua própria língua e o que a parte onde se aplica o ensino bilingue fala sobre esse ensino bilingue, vai ser um estudo de confronto, a perspetiva **populacional** dos nativos e a perspetiva dos que estão a **implementar** o ensino bilingue.

SPK_1 Mas lá na modalidade bilingue da vila é português e sena? Ou português é este dialeto entre aspas?

SPK_2 É português, vamos dizer... há tendência de misturas, usa-se sena, usa-se a língua local em algum momento.

SPK_1 Enquanto na montanha só se fala aquela língua ali?

SPK_2 Fala-se aquela língua, acredita-se que se fala aquela língua... porque aquela população não tem um termo próprio, dizer que esse termo é xiduma, **acredita-se** que seja xiduma, mas quando você estuda e percebe chega a uma conclusão que é uma mistura... usam uma expressão de sena, usam uma expressão de cibalke, cibalke é uma língua que se fala na província de Manica, sobretudo num dos distritos que faz fronteira **com** Gorongosa, e ora usam uma expressão de shona, ou usam uma expressão de ndau, então, há uma mistura, entretanto, a população acredita que seja xiduma aquela língua, essa é toda a mistura, então, isso em algum momento pode gerar uma complicação sobre o ponto de vista didático.

SPK_1 Os ancestrais vêm a dizer à população que ela é a língua xiduma.

SPK_2 Exatamente, então, isto em algum momento pode gerar uma complicação, estive lá por acaso a fazer uma pequena recolha, uma pesquisa, e quando se questionava se poderia aceitar a sua própria língua, não é? Em ensino, não haveria problema nisso, acreditavam nisso, “Podem introduzir, introduzam as nossas línguas, não há problema também vou me sentir bem, vou contar aquela história”, “Por exemplo, vou falar aquela árvore que existia nesta zona”, que é questão já cultural, através da sua língua, e também já vimos aqui na zona que... a rádio tava a contratar, e por aí tivemos pessoas que eram solicitadas para poderem trabalhar aqui, e algumas não foram porque não dominavam a língua, quer dizer, sentiam-se mais satisfeitos, entretanto, no mesmo meio, havia **desdém**, não é? A nossa língua... é que não **posso** aceitar e vale a pena colocar em inglês e a minha língua estar em pé de igualdade, mas essa discussão já tem que ver com o poder que a língua foi... o poder que lhe foi atribuído, né? Que é a questão de posse nessa própria comunidade, porque é que a população sugeria que houvesse essa... essa participação do inglês é que naquela comunidade surgiu um jovem que até agora representa quase... Moçambique, em termos de

biodiversidade do Parque, e ele ganha este mercado, ganha este **espaço**, não por causa só de, de ser nativo, mas pelo domínio também do inglês, então, olha-se o inglês nessa dimensão, [SPK_1: como um modelo a atingir] como um modelo a atingir a extensão social e a posição, o que significa, se o **xiduma** ou o **sena** tivesse a mesma posição, seria totalmente diferente, então, vai ser um trabalho que estará numa metodologia mais de entrevista e de, observação também pelas aulas, ver como que os professores ministram isso, quais são as suas dificuldades, vamos falar também com a direção para ouvirmos, para prestarmos a sua sensibilidade em relação ao ensino bilingue nesse contexto, porque a literatura, estamos aqui a falar de ensino bilingue, a literatura defende, porque surge... ensino bilingue ou educação bilingue como forma, por um lado, de responder a esta necessidade de intercâmbio, ou seja, recebemos um cidadão, vamos dizer, um cidadão... britânico cá, podemos instituir, passar por um ensino que vai aprender o português e aprende também as outras línguas, é uma forma de considerar que estamos no meio de biodiversidade, mas ao mesmo tempo podemos viver eu penso que é uma forma mais humana que eu já vi, que nós agora estamos a adotar, precisamos de viver mesmo que haja diferenças sociais, económicas e tudo mais, mas para este caso, a literatura traz este ensino com este argumento, que por um lado desenvolve a capacidade **intelectual**, porque a pessoa torna-se mais **diversificada**, por aprender duas habilidades, equivale também a um indivíduo que aprende karate, vamos, e canta, e joga, o seu corpo...

SPK_1 E pode utilizar os dois hemisférios do cérebro.

SPK_2 Do cérebro, começar a ativar tudo, então... é o que a literatura diz.

SPK_1 Ok, mas... na verdade?

SPK_2 o que a população diz? [risos] Então, é esta questão que se quer debater.

SPK_1 Ok.

SPK_2 E em função do que que a população pode trazer, confrontar-se com a literatura, vai-se fazer uma inferência, sob o ponto de vista do impacto disto, para a preservação do meio ambiente, tendo em conta que a cultura reina também em línguas, em educação e demais, então este estudo que está ainda a ser reafinado, tira isto, tira aquilo, como você já sabe, hoje você desenha uma coisa, deixa um pouco, depois volta a ler e vai perceber que não.

SPK_1 Atualizar, tirar umas coisas, eu sei, aconteceu, inclusive, com esse meu estudo aqui, no primeiro mês eu achava fazer uma coisa muito diferente do que estou a fazer agora, então... eu percebo muito bem.

SPK_2 É praticamente assim.

SPK_1 Ok, ok, como é que escolheu Gorongosa? Foi uma sua escolha ou uma escolha do seu orientador?

SPK_2 É uma escolha pessoal, por um lado eu fiz lá o meu ensino, secundário, por acaso sou mesmo de Sofala... nativo da cidade da Beira, depois fui para alguns distritos, o distrito de Nhamatanda onde cresci como falante de sena e ndau, então, depois fui para Gorongosa em que fui crescer com uma outra sociedade totalmente diferente e apaixonei-me bastante pelo distrito, gosto mais do campo, tanto que estou aqui, gosto mesmo do campo, então, quando tive a oportunidade de fazer esta pesquisa, de olhar o que aquela população diz, porque na licenciatura fiz ensino de português e em ensino de português tínhamos uma relação com as línguas nacionais, uma coisa que nós chamamos de Descritiva de Línguas bantu, então... lá vinha essa questão, que em Gorongosa falava-se sena, ou seja, o dialeto de sena que se chama de xisena xigorongoso, ou seja, xigorongoso por causa do local, intitularam-se, entretanto, eu que cresci no meio, **tive** a experiência que não se falava isso, mas sim era xiduma, não é? Então, por causa deste conflito, eu procuro perceber mais esta relação, e já numa visão do ensino bilingue, numa visão mais do ensino bilingue porque lá o ensino bilingue está na cidade, está na... não é uma na cidade, ok, vamos usar o termo, eu não sei se lhe é confiável o termo vila, ok, É uma pequena vila, né?

SPK_1 Uma aldeia.

SPK_2 Aldeia...

SPK_1 Mas tem uma aldeia.

SPK_2 É uma aldeia, aldeia é um termo muito reduzido aqui, aldeia estamos a falar de uma coisa **muito** distante, é uma posição muito ínfima, uma população muito restrita, então, temos a vila que está abaixo da cidade, depois temos o distrito, chamamos também vila, depois temos localidade, localidade, temos aldeia, então, fazemos essas diferenças... então o ensino bilingue que está sendo implementado aqui em Moçambique está na, no distrito, ok? Mas onde vou recolher a pesquisa é um pouco distante, estamos a falar de mais ou menos 10, 5 quilómetros do local, então, lá não há esse tipo de ensino bilingue, porque nós sabemos que não abrange a todas as escolas.

SPK_1 Então, lá só tem monolíngue?

SPK_2 Monolíngue, existe lá, **entretanto**, o professor **utiliza** a língua local em alguns casos, não com frequência, porque? porque o próprio professor que vai lá ele tem sido um professor que tem crescido **normalmente** na cidade, então já imaginamos uma pessoa que cresceu na cidade e pela cultura de cá em

Moçambique, pelo histórico colonial, e que se difundiu por um tempo, ainda não tivemos esta quebra, ideológica de que as línguas moçambicanas, as línguas nativas, não têm uma potencialidade para ser científicas, uma potencialidade para a comunicação.

SPK_1 Uma mudança de paradigma.

SPK_2 Exatamente, claramente que o professor sofre mais quando vai e se depara com esta confusão, mas pra quem já tenha entrado nesse processo todo, que já tenha dado aulas em línguas locais, tem sido uma maravilha... em particular, eu cá mesmo, cá em Maputo, eu agora tenho estado a operar no Instituto Técnico Profissional em alguns módulos do português, por... certo dia, ver, que os estudantes não me estavam a corresponder, tive que utilizar as metodologias, [riso] as metodologias do ensino bilingue, e aí chamei um estudante que era fluente mesmo em língua local, porque eu não falo a língua local, agora estou a aprender, certo? [SPK_1: Changana?] sim, changana, agora estou a aprender, eu falava em português e ele traduzia, foi excecional, foi excecional naquele dia, os estudantes acabaram pedindo que numa outra aula fosse também uma outra língua que estivesse lá dentro da sala de aula, escolheu-se sim uma outra pessoa que pudesse fazer a tradução, mas houve receio por parte do estudante, porque era da região do Norte, em região do Norte fala-se uma língua diferente desta de cá.

SPK_1 Emakhuwa.

SPK_2 Emakhuwa! Mas a pessoa estava mais pra Cabo Delgado, Cabo Delgado já é shimakonde, cinianja, então, quando comesse a falar, os outros começavam a rir-se, não é? Então, transformou aquilo pra ele como se fosse bullying, mas era natural pra quem tivesse.

SPK_1 Para ele era natural, porque foram instruídos, do que não se fala uma língua nacional...

SPK_2 Exato, não se falasse, e cá também há esta distinção dos **nativos** em relação ao centro-norte, há uma disputa, sempre quando **um** do Centro-Norte fala sua própria língua.

SPK_1 Como é que você lidou com a situação ali?

SPK_2 Nesse caso, eu tive que explicar sobre potencialidade de línguas, eu tive que explicar tendo em conta a base histórica, trazer a história de Moçambique, o processo colonial, como é que foi, o impacto desse na sociedade, e foi tão, tão impressionante porque os estudantes tinham uma **outra** história em relação às línguas, e eu fui explicando línguas, claramente que surgiram várias questões, como que eu poderia explicar, por exemplo, a equação quadrática [riso] numa língua local, é um desafio que sempre me questionam, e eu digo assim, língua não é pecado, vamos argumentar de uma forma humana, língua não é pecado, e se nós assumirmos que é possível explicar em changana, então vamos conseguir explicar, agora, se assumirmos que seja uma barreira, automaticamente já estamos a filtrar a nossa capacidade de pensarmos e encontrarmos, porque as línguas são, são resultado de reflexões no meio social, convenções, porque aquilo que nós explicamos em português, em changana, em inglês também explica-se, ou seja, a equação quadrática que nós explicamos em português explica-se em inglês, pode-se explicar também em changana, desde que nós possamos refletir e assumirmos que as línguas nativas não têm tido um espaço, o poder das línguas nativas não tem sido muito assim crescente, então, com essa explicação, posteriormente, tomaram uma posição, entretanto, havia sempre um desdém, então, para quebrar isto nas minhas aulas, eu comecei a utilizar, em algum momento, expressões variáveis, “yes, yes...” uma expressão em inglês, não é? “good morning...” depois muda-se para uma língua nativa, como se fosse algo normal, o **empréstimo**, procurei colocar o empréstimo como se fosse algo muito normal e nativo, e aquilo foi mudando, eu creio, foi mudando nativamente, tanto que um aluno um dia quis me saudar em changana, eu tive que responder a primeira parte e a outra [risos] não consegui por causa mesmo do domínio da língua, mas teve essa crença que houve uma mudança, houve uma mudança, então, foi assim que eu lidei com essa parte, que havia praticamente um **indício** de bullying, tinha que se explicar por que é que pode-se utilizar as línguas nacionais.

SPK_1 Então, você conseguiu bem traduzir os conhecimentos que você teve na universidade, dentro da escola.

SPK_2 **Dentro** da escola, exato.

SPK_1 Você passou um pouco dos conhecimentos que você teve para a escola, para a sala de aula.

SPK_2 ...para o contexto da sala de aula.

SPK_1 Isso acontece ou era uma coisa única, digamos assim? Ou seja, as coisas que você- os conhecimentos que você obteve lá na sala de aula da universidade, você pode normalmente empregá-los na sua sala de aula ou é uma coisa que acontece... mal acontece?

SPK_2 Ok, do que nós tivemos, é possível explorar, mas eu exploro mais numa perspetiva de mudança ideológica... quando eu começo a falar sobre o ensino bilingue, falo numa perspetiva de o indivíduo **mudar** a maneira de pensar sobre as línguas... então, isto é o que eu aprendi mais lá do outro lado, que o ensino bilingue poderia ser possível e tinha as suas vantagens, não que falasse de forma de um ensino

bilingue sério, como posso isso traduzir? Ok, olhamos para uma aula que eu esteja a falar de requerimento e o aluno queira explicar mas tem tantas dificuldades, mas se eu questionar em língua local, a criança tenta explicar um pouco... eu dou oportunidade para que a criança fale sua língua local, ou seja, adolescente é melhor utilizarmos esse termo, adolescente, jovens, trabalhamos mais com essa expressão, não, eu não falo changana, ok? Mas “fale changana, vamos encontrar a pessoa que me vai traduzir” e a parte linguística que eu utilizo mais é a questão corporal, a linguagem corporal, digo, “fale, mas cada coisa que você, vai falando eu vou **inferindo** por causa da sua parte corporal”, isto eu faço para mostrar que a língua que foi menosprezada, que foi reduzida, que não foi-lhe dada...

SPK_1 O valor que merece.

SPK_2 O **valor**, não lhe foi dado o valor que merecesse, é possível ser lhe atribuído o valor **no contexto** em que nós nos encontramos, então é uma parte mais do ensino bilingue, ok, vamos, um professor que teve português, depois foi tendo o ensino bilingue, quer dizer, antes do ensino bilingue, como que eu pensava? Ok? Eu acho que... é muito diferente, de jeito que eu olhava depois de licenciatura em ensino de português, olhava português de uma forma e as línguas também nacionais de uma forma, não como alguém que esteja- que seja nativo, tive essa paixão pelas línguas no geral, tenho essa paixão pelas línguas no sentido geral, mas quando tive a licenciatura em português, estendeu-se mais para o português, quando tive o mestrado em línguas, em ensino bilingue, o comportamento pelas línguas mudou, mudou taxativamente, tanto que a defesa das línguas nacionais tem sido mais de forma nativa e normal, por exemplo, a pessoa, estamos num convívio, e é muito... grande parte num contexto moçambicano, é muito difícil e... é difícil ser visto isto como de um bom tom, você falar e terminar em língua local, muito difícil isso ser encaixado, mas se você termina numa língua diferente, torna-se... mais impressionante, você fala em português e depois termina o obrigado, termina “thanks” é diferente de terminar “kanimambo”, é diferente de terminar “takhuta”¹³³ que é uma língua local, depois as pessoas começam a figurar, nada, “poderia terminar assim” mas isso é por causa de uma perspetiva mais diferente, e eu sempre tenho dito que a qualquer um, “se quiser terminar em sua língua, termine”, “não se sinta mal, fale, esteja à vontade, depois vai- vamos procurar alguém que nos vá interpretar e isto vai se comunicando” então tem uma visão mais de biodiversidade do que de não-biodiversidade, de reconhecer o outro, e assim vamos vivendo.

SPK_1 Ok, esta conversa aqui se liga muito a uma outra questão que eu queria abordar, que era a sua trajetória mesmo no ensino superior, ou seja, você tirou a licenciatura em português.

SPK_2 Sim, sim.

SPK_1 Na UEM, sempre?

SPK_2 Sim, sim, foi na UEM.

SPK_1 E mudou de ideia, claramente, porque passou para o bilinguismo, e como é que aconteceu aquela mudança de pensamento entre português e bilinguismo? Ou seja, porque você já ouviu falar sobre o bilinguismo antes ou começou a enfrentar a questão do bilinguismo mesmo dentro da universidade.

SPK_2 Ok, tudo bem, eu vinha ouvindo as pessoas que fazem Ensino de Línguas Bantu aí, mesmo no local onde nós estávamos a ser formados como professores, então tínhamos algumas cadeiras em comum, partilhávamos algumas cadeiras com pessoas que faziam... em línguas nacionais.

SPK_1 Tá a falar dos IFP?

SPK_2 Não, não, não.

SPK_1 Sempre dentro da Universidade?

SPK_2 Dentro da universidade, a UEM tem um curso de Línguas Bantu que forma docentes, formadores, depois daí eles são encaminhados a IFPs, o que está a dizer, para formar um professor de modo a que possa se enquadrar um ensino bilingue, significa que estes posteriormente, irão capacitar os professores para utilizarem as línguas nacionais numa perspetiva pedagógica, para se utilizar didaticamente, então, naquele todo processo, por ter algumas ling- cadeiras de Língua Bantu, que eu disse há pouco tempo, que tem a ver com Linguística Descritiva de Línguas Bantu 1 e Bantu 2, então, as pessoas lá intitulavam-me mais como alguém da área de Ensino Bilingue, ou seja, do curso do bantu, porque as duas Descritivas, quer do português, quer do bantu, eu encaminhava muito bem, explicava aos colegas e tudo mais, e tinha este lado, então, o **horizonte** sobre como a materialização, como explicação, como ensinar a pessoa, isso cresceu mais no mestrado, cresceu mais no mestrado, não que tivesse lido alguma coisa, relacionada ao ensino bilingue não, só lia mais a linguística bantu, eu tinha mais a perfeição em Linguística Bantu, li muita coisa sobre línguas nacionais, línguas nacionais, então a **implementação**, as metodologias, a parte didática, isso foi exatamente no mestrado em que eu tive esse todo conhecimento.

SPK_1 E você já sabia que... havia **um** mestrado em bilinguismo ou é alguém que lhe disse?

¹³³ “Obrigado” em cisena.

SPK_2 Não, eu tive mesmo, quando publicaram editais do ensino bilingue.

SPK_1 Então o alcance das informações era... normal, era bastante?

SPK_2 Sim, por curiosidade também... quando eu participei dessa pesquisa em Gorongosa, por causa das línguas nacionais e por esse lado de linguística, que eu já vinha tendo de estudar, analisar as áreas linguísticas morfológicas, como que acontece nas línguas nacionais, depois daquela pesquisa, exatamente... quando se abriu o curso, os programas do mestrado, havia um curso de Línguas e Sociedades, que é uma relação línguas-sociedades... claramente que a partir do programa é preciso fazer inferências sobre a Língua e Sociedade, tudo bem, posso fazer depois, ou posso ler alguma coisa para eu poder compreender isto, mas quando vi Bilinguismo e... Educação Bilingue, achei algo muito interessante, né? Interessante, visto que eu gosto mesmo da área de educação, então, quando fui pesquisar mais, porque era um novo termo, bilinguismo, então... educação bilingue, a princípio, para quem já esteja numa área de linguística, já percebe que não, são duas coisas, a princípio, que são duas línguas envolvidas, então, é aí onde eu já queria perceber, ok, eu já entendo linguística portuguesa, entendo linguística... do bantu, então, se eu tiver algumas teorias aqui, posso posteriormente criar uma escola, se calhar, era essa a visão, então, optei mesmo por ir para o bilinguismo, deixando língua e... língua de sociedade, a **princípio** mesmo, o que se deveria, para além de bilinguismo, língua e sociedade, era a **linguística** como tal, porque daí da escola secundária eu vinha com essa trajetória e perceber e analisar as línguas e observar qual é o comportamento, quer dizer, um estudo mais estruturalista... e agora, quando fui perceber no mestrado, tinha que ter uma outra visão, então, isso é o que me fez escolher mais o ensino bilingue.

SPK_1 E na candidatura você teve que também acrescentar um projeto, tipo de pesquisa futura, para candidatar-te?

SPK_2 Sim, nós tivemos como requisito o anteprojeto, foi um anteprojeto e eu dei mesmo a proposta de Gorongosa.

SPK_1 Ah ok... Então não mudou de ideia?

SPK_2 Não mudei de ideia, só que a ideia já muda **agora**.

SPK_1 Claro, agora muda.

SPK_2 Por causa da visita.

SPK_1 Mas a base...

SPK_2 A base foi mesmo de línguas nacionais... o projeto- o anteprojeto que eu submeti falava de morfo morfo-fonologia ou morfossintaxe para perceber as **pronúncias** e perceber a organização das palavras, a formação das palavras **para** fazer uma relação entre um meio, **circunvizinho** de Gorongosa, porque se a população diz que é língua, e a literatura defende que, que, que... que é um dialeto de sena, então é importante estudarmos um **meio** em que Gorongosa se encontra, porque é um dos distritos que tem, outros distritos circunvizinhos com **outras línguas**.

SPK_1 Então você vê o que acontece lá.

SPK_2 E o que acontece em Gorongosa e o que acontece em outras províncias, tanto no processo do mestrado, eu tive que viajar para um outro sítio, um distrito próximo, para perceber as relações, mas infelizmente não foi muito produtivo, porque tive que voltar, é uma época de férias, não foi muito bem explorado.

SPK_1 Organizou-se sozinho, esta saída, esta viagem?

SPK_2 Foi mesmo por uma vontade espontânea.

SPK_1 Pessoal, porque também estava a perguntar aos outros se há, tipo, estágios, tipo, pra coisas práticas para fazer lá durante o seu percurso de mestrado, [SPK_2: se pode ir ao campo, um estágio? Não] mesmo tipo com parceria da universidade?

SPK_2 Um apoio financeiro eles podem dar, mas no sentido de ir colocar em prática, em prática seria participar em projetos de ensino bilingue, observar como que o ensino bilingue está a decorrer, dar novas perspetivas, isso nós só tivemos uma época... digamos... do currículo, ou seja, um ano académico... o ano seguido da dissertação, só... termina-se por aí, não há uma visão, no sentido de ter-se um estágio, passar por um estágio, nada, nunca, nunca, nunca [SPK_1: gostaria que tivesse?] eu penso que seria muito útil para o contexto moçambicano, penso que é **muito** útil porque é no estágio... um estágio que seja mais reflexivo, né? Desculpa. [Interrupção] Um estágio que seja mais reflexivo, o estágio reflexivo, qual é que seria? Em que poderíamos confrontar as teorias, eu acho que as teorias precisam de ser confrontadas em função da realidade... a realidade moçambicana é diferente, por exemplo, da realidade brasileira, [SPK_1: Claro] **muito diferente**, num contexto moçambicano, em que um indivíduo, que é o meu tio, o meu pai que cresceu, recebia informação que as suas línguas não eram nada, e me passaram essa informação, como que uma informação que me é dada agora da escola pode ter uma credibilidade? É aí onde o estágio pode contribuir, porque o indivíduo, no próprio mestrado, vai observar o que se faz... aquelas teorias, temos

muitas obras publicadas para o contexto moçambicano, e as obras mostram que... o ensino, o ensino bilingue tem resultados positivos no contexto moçambicano, sim, desde o primeiro relatório até agora, **prova-se** que há evidências que o ensino bilingue é saudado pela população, por um lado, e pela... pela parte pedagógica que tem a ver com os professores, especialistas, por aí, por esta curiosidade mesmo e por causa do meu projeto, fiz uma pesquisa também particular, uma pesquisa rápida em sites, sobretudo foi em Youtube, que eu queria perceber se... o ensino bilingue circula também em meios virtuais no contexto moçambicano porque o que nós pensamos em algum momento é aquilo que nós concebemos, diariamente o que nós vemos, o que nós ouvimos, e... se for a prestar atenção em dois meses, em Moçambique, nunca houve discussão, a não ser esta discussão que surgiu há pouco tempo, do governador lá que criou um choque, não sei se acompanhou, que estava a rejeitar o ensino bilingue.

SPK_1 Ah, na Zambézia, isso aconteceu, ok, então sim, já sei.

SPK_2 Essa foi a única discussão, então, por eu querer ver, o ensino bilingue deve ser falado para um contexto moçambicano, na minha opinião, deve ser falado, ser discutido, e não só terminar em livros.

SPK_1 Ok.

SPK_2 Em papéis, porque é uma sociedade mais oral... claramente que agora está a crescer e para uma sociedade **escrita** e que somos, nós, mas também que temos **reservas** orais, vamos ser mais realistas, temos reservas orais e temos uma parte que ainda precisa de ter essa aprendizagem, de tirar aquele pensamento que se tinha, eu penso que o meio virtual é mais ideal, porque? Todo indivíduo, por mais que esteja em zonas rurais, quer ter esse tipo de telefone... e é esse telefone que nós podemos transformar em livro, em que for- de que forma? Criando palestras, em que a palestra vai circular eletronicamente, a pessoa vê, é uma outra forma de ler, não só lemos os livros, também lemos áudios, vídeos, tudo isso, então, eu penso que este meio seria muito importante para, passe o termo, descolonizar a mente, quer difundir o colonia- o ensino bilingue, a educação bilingue, o bilinguismo, quer dizer, a sociedade ter este **contacto**, isso ainda não se discute, discute-se só assim, de uma forma muito reduzida daqui a algum momento a população para dar credibilidade, torna-se um pouco difícil, na minha visão, seria uma boa estratégia para difundir o ensino bilingue e preparar, agora, voltando para a questão dessa pesquisa que eu ia fazendo, eu queria perceber se há um **canal** no YouTube que difundisse as línguas nacionais, só vi um jovem que fez isso numa época de Covid-19, que estava a dar em língua emakhuwa, ok? Dava aulas no ensino emakhuwa e as metodologias pedagógicas que estavam lá, explicava-se a parte linguística das línguas nacionais, sobretudo emakhuwa, mas que houvesse um jovem, como da minha idade, que surgisse, por exemplo, eu que sou falante de sena, que explicasse sena como que se comportasse, eu fiz isso há dias, no Facebook, há um que publicou um termo em língua local e estava a se discutir que a questão de cunhenga, o que significava, cunhenga é uma expressão muito polissêmica.

SPK_1 Cunhenga.

SPK_2 Sim, sim, cunhenga... então, colocava lá como enganar, que é o verbo enganar, e eu já com a bagagem teórica, linguística, disse “Não, este termo é polissêmico, pode ser vir, enganar, pode ser vir, vamos manter-se, envolver-se sexualmente”, quer dizer, a palavra é tão robusta, só que o que foi interessante é que um jovem vem pedir-me... amizade, porque viu lá o meu comentário, acredite, chegou e me disse assim, “Eu nunca tinha visto uma pessoa escrever daquela forma em língua local”, porquê? Não teve essa educação, é que na verdade, segundo ele, na verdade agora nós estamos a misturar as nossas línguas, e quando eu vi o seu comentário, gostei muito, estamos a falar do **efeito** da tecnologia, porque quando ele começa a perceber que a língua pode ser catapultada, pode ser alavancada, quando recebe a educação bilingue, já não se torna estranho... então, porque a base já foi muito bem preparada, então, a base, eu penso que a base, ela foi preparada, mas ainda tem, tem tem tem um elemento que precisa de ser aprofundado, sim, a população quer, ok? Querem, ensino bilingue, só que a sua língua não está a dar o mercado... não está a dar um **poder** na tecnologia, como por acaso de de de de... esqueço-me dessa língua, está em... há uma língua que se fala logo em Tanzânia, não, não, não...

SPK_1 É suaíli?

SPK_2 Não, não, não, não é suaíli, há uma outra língua que está aqui como posso dizer, uma fronteira aqui, na Tanzânia... ok, mas durante a conversa se me recordar.

SPK_1 Claro, claro.

SPK_2 O que eu estou a fazer entre Manica e lá, mas não é isso, então, aquela língua foi normalizada e foi aplicada naturalmente, sem nenhum problema, então, lá no YouTube, eu só vi este jovem que estava a fazer essas publicações... e, em consequência, vi um vídeo que a STV publicou, que falava da implementação do ensino bilingue, porque eu queria perceber se havia, por um lado, canal, e como que canal discutia essa questão do ensino bilingue na minha visão é que seria um especialista da área do ensino bilingue que estivesse lá, a colocar e num outro dia se calhar uma população, discutisse esse ensino

bilingue, que era uma estratégia de criar uma base que anteriormente não foi criada e se foi criada foi de forma muito pejorativa, assim, passando o termo, então, encontrei lá esse senhor que... encontrei lá a TVM, a TVM fazia o quê? Fazia uma... uma espécie de... não, exat- não foi TVM, foi este STV, STV o que fazia? Reportava uma situação em que a população anteriormente... tinha aceitado e... a implementação do ensino, da educação bilingue sobretudo, que os **livros** fossem escritos em língua local, no caso de Maputo, foi cá em Maputo, que fossem em ronga, então, os nativos não pronunciavam taxativamente ronga, dizem “zronga”, então, a pronúncia é diferente de mim, que é o alveolar, é diferente da minha língua nativa, então, o meu aparelho fonador é totalmente diferente, então, quando eu vi aquele vídeo, eu escutei até o fim, a população tinha concordado, a princípio, que os livros fossem publicados... em sua língua... só que não se entendeu muito bem, penso eu, porque? É que a população... queria que a língua, o livro fosse naquela língua, na sua língua, e fosse **também** em português... analisando aqui, já a população está transmitindo o que quer, está a olhar o ensino bilingue numa **visão** também, que foi uma visão mais no sentido de, ok, vamos, tirando de formalidade, ok, vamos lá, nós queremos a nossa língua, podem nos ensinar, mas coloquem também português porque vemos algumas pessoas que estão a tomar o poder por causa do português, logo, a população quer sim o ensino bilingue, só que o problema é que a língua que está lá não tem um **espaço** territorial, é o que eu estava a **dizer**, quando se discute o livro, porque eles dizem, “não, nós aceitamos o- sim, o ensino bilingue é bom para os nossos filhos aprenderem também a nossa cultura como nós falávamos, como nós falamos”, claramente que não vão falar que a cultura pode mudar, no sentido que os nossos filhos podem aperfeiçoar, podem mudar, claramente que vão falar no sentido ancestral, que vão permanecer a questão de “não tirem de nós o que nos pertence” mas “agora trazem só na minha língua, tem que trazer também português” isso, analisando nessa minha pesquisa, cheguei à conclusão que a população não rejeita o ensino bilingue, rejeita o **poder** que as línguas nacionais recebem.

SPK_1 O estatuto.

SPK_2 O estatuto, exatamente! É o estatuto que está em jogo... eles **querem** sim, todos querem a implementação do ensino bilingue, se fosse inglês, tudo bem, nunca se separaram para pensar em nenhum pai que já chegou e discutiu “Você colocou o meu filho em inglês? Você colocou o meu filho em francês?” então, aqui o ensino bilingue não é nenhum problema... para o contexto moçambicano, segundo essa pesquisa que eu fui fazendo... o grande problema surge quando, quando... o estatuto da língua está a entrar na sala de aulas e com agregado a isso **todo** o valor histórico que já foi incutido... então eu penso que é dessa forma que o contexto moçambicano vive.

SPK_1 Ok, e se... houvesse uma mudança, esta mudança aqui, começaria pela cima, ou seja, especialistas, literatura, livros, ou a comunidade é que melhoraria esse estatuto das línguas? O estatuto nós... percebemos que é parecido com oportunidades, não é?

SPK_2 Sim, sim, sim.

SPK_1 Quase a mesma coisa, então, as oportunidades, quem é que faz, quem é que cria? Por cima ou por baixo?

SPK_2 É, é uma pergunta interessante, muito interessante, a população já criou oportunidade, só falta o reconhecimento, nós temos- estamos numa sociedade, a sociedade claramente pode avançar, pode existir desordem, tanto nos que querem um perfil, chegue de lá de cima, aqui em contexto moçambicano, se alguém errar, sempre há a tendência de se perguntar “Quem quer?” “Onde é que está escrito?” significa que é uma filosofia de que há um perfil que deve existir numa comunidade, eu penso que as duas partes tinham que estar em coordenação, sobretudo lá do topo, tinha que começar em toda a sociedade, nós temos que esperar que lá haja, porque aqui a base já se criou, toda base quer estar no topo, claramente que em sociologia defende-se que temos que priorizar a sociedade, a sociedade que vai tomar a posição só que a sociedade já está a tomar há vários anos.

SPK_1 Está quase pronta.

SPK_2 Sim, só que nós precisamos demonstrar as validades, e isso que nós queremos propor, ou vocês estão a querer, funciona **assim**, tão simples quanto isso, eu penso que as duas partes estão envolvidas, mas começando do topo, que seria de oficialização de algumas línguas, para mostrar a visão cordial, não é nenhum problema sair, ir para a África do Sul aqui e conversar naturalmente em língua local, sair daqui para Tanzânia, conversar naturalmente, sair daqui para... vamos... [SPK_1: Malawi] Malawi! Exatamente, foi Malawi que estava... que se fala chichewa então, em Malawi, também, oficializa-se aquela língua, lá, utiliza-se naturalmente a uso de línguas nativas, naturalmente, mas, para o contexto moçambicano, não funciona nada... então, há este lado de... se eles tomarem o poder e decidirem, nós já vamos isso, **explicar**, vamos **explodir** o que nós carregamos, explodir é no sentido de **expor** a ideia que temos, então, não é tão difícil assim para a parte da população, como eu dizia nesse vídeo, esse vídeo me levou um mês a pensar...

se a população aceitou o ensino bilingue, certo? Mas já **discute, rejeita** como o livro **aparece**, logo, a população **quer**, só que é o poder que está... o que o que o que o que a população está a dizer, é no sentido de “Tudo bem que é a minha língua, mas eu sei que com essa língua eu vou permanecer nesse estado em que eu estou”, e todo pai não quer que o seu filho permaneça naquela posição, quer que ele **passe** aquela posição para mostrar que houve uma diferença de gerações, de um lado, e também para mostrar a... a força paterna em que o filho esteve protegido, então, isto de rejeitar os livros, eu penso que não estavam a rejeitar o livro, mas estavam a **rejeitar** o poder que aquela língua tinha... por que que pedem o português? Porque sabem que o português é oficial, sabe que com o português está na Assembleia da República, sabe que com o português pode aprender francês, sabe que é **isto** que eles carregam, ou seja, todo indivíduo carrega isto, mas toda língua pode fazer... toda língua pode fazer. Imaginemos de uma outra forma, se a população, são essas as minhas interpretações, se a população tivesse um deputado que falasse em sua língua local, claramente que nem poderia rejeitar o que? O livro, aliás, em igrejas em que se prega em língua local é **muito** diferente a atuação, é **muito** diferente a atuação, só que já quando se vai para o poder, a tendência já é de... rejeitar.

SPK_1 Nas igrejas já é mais aberta a situação?

SPK_2 Sim, mas até o próprio, a própria bíblia, os instrumentos, que se usa lá em língua local, quando o pai vê o filho a ler em língua local, fica com... sente-se... um pai mais cuidadoso, um pai com regras culturais ainda **enraizadas**, então é um poder cultural.

SPK_1 Enquanto na Assembleia ou no... sim, na Assembleia da República não se pode... por exemplo, fazer uma intervenção em um língua bantu?

SPK_2 Pode-se fazer, segundo a Constituição, pode-se fazer.

SPK_1 Mas?

SPK_2 [*Risos*] Temos que ler a Constituição de várias maneiras, e nós sabemos muito bem que, a mim, as regras, eu digo sempre aos meus alunos, que não podem olhar para o texto normativo como um texto que vai ditar norma para uma convivência harmoniosa nem sempre é isso, o texto normativo pode dar normas para defender uma classe social, então, nós precisamos de ter em conta isso, então, a Constituição da República diz que pode-se falar em língua local, o deputado tem este direito, desde que pague o intérprete [*sic*], quem poderia fazer isso? Claramente, mesmo no caso, eu não faria, então, se não faz isso, automaticamente, ou seja, tem lá a ideia, tem a abertura, mas também tem um fecho, o deputado não vai falar em língua local, sabendo que depois tem que pagar um indivíduo 20 mil [meticais, NdE] daqui a pouco, vamos, é uma suposição, **não vai**, é uma forma de fechar, automaticamente vai falar em português, e teremos que selecionar essas pessoas que vão falar português, e as outras podem ficar, os outros, podem ficar aí a soncar... porque o domínio do português não é um domínio que possa, vamos, ultrapassar o indivíduo que já... é o **modelo** e fala de... português, mas **quem** esteja a falar em local e ter-se uma referência, vão gostar, é a mesma coisa que acontece, então a constituição da república reconhece que pode se falar, existem lá, mas na prática é um pouco complicado.

SPK_1 Ok, e passando por outro, outro espaço, dentro deste sistema de mudança, de paradigma e tudo isto, você acha que a universidade tem um papel... a cumprir?

SPK_2 Tem um papel a cumprir, tem um papel a cumprir, vamos olhar, como me questionou há pouco tempo, se eu tinha informação ou não.

SPK_1 Exatamente.

SPK_2 Ok? Se eu tinha informação ou não, isso mostra que eu tenho que receber a informação de **algum sítio**, agora que estamos a falar, eu tenho informação do que está acontecendo nos outros países... eu tenho informação agora de... Malawi, que se implementa o ensino bilingue, porque teve acesso de ir à universidade, a universidade deve trazer o indivíduo para a comunidade, o indivíduo sai daqui, vai para lá, vai oficializar os conhecimentos que se tem divulgado, forma um indivíduo que, quando regressa à sociedade, tem uma visão diferente sobre as coisas, é o que se **espera**, por mais que a realidade não traga isso... o indivíduo volta e tem que trazer uma mente diferente, **não para** menosprezar o conhecimento que já existe no local, mas é para **capitalizar** aquele conhecimento que existe, capitalizar o que seria? É se posicionar em função da época que vai decorrendo, é se posicionar em função do mundo agora, o mundo agora tá mais pra globalização, é... há um termo que se utiliza, que eu agora já não me traz aqui, mas, ok, é globo local, ok? Estar no globo.

SPK_1 Glocal, é Glocalização.

SPK_2 Exatamente! é a questão de trazer uma informação geral e conseguir adaptar ao contexto local, então, a universidade tem isto, mas ela também deve estar, na minha opinião, **atualizada**, se a universidade não estiver atualizada, ainda teremos a mesma mente... se o docente não aceitar uma crítica... uma crítica construtiva, se o docente reconhecer somente um pensamento global e não tecer com esse conhecimento,

não treinar os estudantes numa visão mais local, logicamente, que esse estudante irá passar, isso equivale à neurociência, ok? Cada vez que nós chegamos à universidade, passamos de níveis, estamos a criar neurónios diferentes, então, para ligar neurónios e posicionar-se numa sociedade, quem nos faz isso é a universidade, quem faz isso é a universidade, esse exercício que nós fazemos de ligar autor X, autor Y, autor Z, para discutir, por exemplo, sobre biologia, e nos posicionamos, isto vai refletindo na própria comunidade, porquê? Porque nós estamos a olhar, há o problema X, há o problema Y, mas se juntarmos isso podemos ter essa solução, então, a universidade tinha que olhar nessa vertente, uma vertente mais prática, uma vertente **atualizada**, e não uma vertente mais **monótona**, uma vertente...

SPK_1 Um pouco fechada.

SPK_2 Yá, um pouco fechada, não podemos aqui... aqui alguém pode aparecer e usar o Wi-Fi, temos aqui o Wi-Fi grátis, né? Ninguém vai usar isso pra pensar no negócio, né? Só vai estar aqui no Facebook, porquê? É uma **cultura** que ainda não foi destruída, pode-se utilizar aquilo, pra ter acesso à informação, pra ter acesso à informação, e como vender esta informação? Como mudar esta informação ao local? Então eu penso que... a universidade, resumindo, **tem** esta função, **tem** uma função **muito** importante, mas ela deve ter a parte pedagógica robusta, a parte **pedagógica** robusta, a parte **humana** robusta, a parte **histórica**, robusta, e a parte **global**, robusta, **local**, por fim, então, estas componentes todas, porque ter conhecimento da universidade nos dá uma força... intelectual, enquanto a academia militar vai nos dando uma força militar, então... é a mesma coisa, se nós não- se a universidade não atuar, estamos a dizer que a segurança intelectual está, está fragilizada, é a mesma coisa, se pecamos na área militar, então a nossa visão como ensino bilingue, qualquer coisa, estará fragilizada... penso que a universidade tem potencialidade e tem uma responsabilidade muito grande.

SPK_1 Muito grande, claro, e... por exemplo, a faculdade, ou seja, o curso também de mestrado, tem ali pessoas que estão a... cumprir o seu papel?

SPK_2 Sim.

SPK_1 Ou não?

SPK_2 Ou seja... se calhar tentar um pouco, mas não percebi a diferença...

SPK_1 Você falou da universidade no geral, não é?

SPK_2 No geral, sim.

SPK_1 Dentro do curso de mestrado que você fez... tem ali pessoas que cuidam dessas mudança? Dessas mudanças? Ou deveria ser feito algo mais por eles?

SPK_2 Eu penso que...

SPK_1 Incluindo os colegas- seus colegas também.

SPK_2 Eu penso que universidade de uma outra forma são pessoas, universidade são pessoas e pessoas carregam em si a capacidade intelectual e física... olhando para os próprios docentes que estão lá, os docentes é que moldam aquilo, por um lado, para dar mais a crença que isso é possível, porque nós precisamos de um modelo, vemos o modelo e depois seguimos, claramente que há pessoas que por si só conseguem avançar, mas normalmente precisamos de um modelo, os professores devem fazer as pesquisas... o estudante de mestrado tem que fazer pesquisas, tem que ver o que está acontecendo na sua própria área, que visão- por exemplo, eu estive com todas essas pesquisas que eu fui fazendo, era uma questão de perceber o que está acontecendo no próprio território em geral, mas não indo ao local, estando aqui, daí eu penso que é necessário que haja esta **responsabilização** por parte dos docentes e por parte também dos professores e estudantes que lá ingressam... mas aqui há uma coisa que tem que se reparar... um professor pesquisador não pode ter muito- eu que já tive na área de pesquisa e já sei como que isso funciona, levamos muito tempo a pensar, às vezes você leva um dia só para produzir uma ideia... mas ao mesmo tempo você tem que planificar para dar aulas... isso é muito complicado, na **minha opinião**, o que se deveria fazer, o que se deve acrescentar, é se o professor que está no mestrado, o professor que está no doutoramento, o professor que está na licenciatura, tem que haver uma disparidade, temos que perceber essa diferença, o professor que está na licenciatura tem **nível** de exigências, o professor que está no mestrado tem **nível** de exigências, no doutoramento também tem **nível** de exigências, então questiono-me o professor que está a dar mestrado e doutoramento simultaneamente, ok, tudo bem, podemos assumir sim que tem habilidade, é muito **facetado**, é **versátil**, temos vários termos, que é uma questão só de motivarmos a pessoa a fazer, eu acredito nisso, mas eu penso que tem que se controlar, porque o professor acaba não tendo tempo para **refletir** sobre aquilo mesmo que está a lecionar e ir melhorando aquilo e fazendo mais pesquisas sobre a área em que está integrado, e isso também pode alavancar os estudantes que vai recebendo, quer na licenciatura, mestrado e doutoramento, então, se há falta disto... o docente acaba só cumprindo uma questão administrativa, o que é muito mau, a ciência isso pode rejeitar, então, esta particularidade precisa de ser, de ser revista nas universidades, e isso acaba ligando com a questão

governativa, a questão de olhar para o docente, o papel que o docente tem na sala de aula, isso de pensar é um trabalho que exige muita calma, tranquilidade, não pode fazer nas pressas, se fizer também nas pressas, claramente que o resultado também será reflexo, então, por mim, por um lado, os docentes... os professores... os estudantes têm essa responsabilidade de investigar, de investir em conhecimento, mas também devem ter um cunho de tempo, deve existir um tempo para que se possa separar uma coisa de outra, porque já não tem se havido essa particularidade, torna-se um pouco difícil um professor que esteja na UEM e saia, vá para o UJC, eu não sei se conhece, Universidade Joaquim Chissano, [SPK_1: Não] depois vai para a UP [SPK_1: UP conheço] então, ele faz isto **diariamente**, a dar aulas, depois tem que ir a um instituto para dar aulas... [SPK_1: É um pouco complicado] é um pouco complicado, na minha opinião, se a responsabilidade é de estar na UEM e que fique na UEM e que desenvolva a pesquisa e desenvolva novos pensamentos, e que esses pensamentos possam também catapultar outros pensamentos, e não exatamente só viver por si, acho que assim é mais viável, sem descurar que a pessoa tem as suas responsabilidades pessoais, como estaremos aqui a discutir, se é pai, tem uma função em casa, tem que dar, e se é um professor brilhante, espera-se também que a sua geração tenha isso, então, esta toda responsabilidade exige tempo, exige entrega, que em algum momento não se tem verificado, eu penso.

SPK_1 É outra questão que eu queria abordar, está ligada a esta, que você trabalhava enquanto estudava no mestrado, não é?

SPK_2 Sim, a princípio fazia algumas explicações, dava explicações, tive mais o par de quem esteve a testar no meio do [*incompreensível*].

SPK_1 Mas dava para conciliar as duas coisas?

SPK_2 Não, não dava... Porque eu... trabalhava, digamos, em três sítios e tinha que ler, no primeiro semestre eu tive um aproveitamento e cheguei mesmo a surpreender-me por causa da entrega, porque no primeiro semestre eu não tinha essa ocupação tinha a minha própria ocupação que é explicador, abrimos um centro, sou acionista do centro... então... só ia dar aquilo, significa que entrava das 7h até às 10h, Das 10h ficava com as minhas leituras para o mestrado e preparava as minhas aulas, fazia mais investigações e ia, só que acontece que neste período recebo... recebo... a proposta de dar aulas numa escola, num colégio, vou pra lá que é distante, é Matola mesmo onde você esteve, então vamos imaginar Matola, primeiro, tinha que ir ao centro, dava aulas, tomava carro e já percebe a dinâmica da cidade [SPK_1: yá] ia pra Matola, e tinha que chegar mesmo a um ponto para dar aula, depois de lá, ir para a faculdade... já não tenho tempo para fazer uma leitura, yá à universidade, significa que a minha leitura era feita durante... a... a viagem, que é uma leitura mesmo muito **rápida**.

SPK_1 Não dá para aprofundar muito.

SPK_2 Não dá para aprofundar nessa dimensão... então fui, fui tendo algumas dificuldades, tinha que chegar a casa na altura, vivia mesmo de forma independente, então ia pra lá, tinha que preparar, o jantar, o almoço e tudo mais... depois... ler o apontamento, fazer o zoom, planificar para as duas posições, tudo bem que possamos aqui assumir que não era- era difícil porque não tinha transporte público, ou seja, não tinha transporte pessoal, não tinha... secretárias na minha própria casa... mas eu penso mesmo tendo isto, o tempo pode ser difícil, porque em Maputo... já percebe a trajetória, as ruas ficam totalmente em congestionamento, o professor pode levar duas horas, três horas na própria rua, no ano seguinte, naquele colégio, não fui solicitado... porque a minha prestação não foi como se esperava, **primeiro**, por causa da dinâmica que eu trazia, porque encontrei os estudantes no segundo... trimestre, os estudantes tinham uma metodologia de serem avaliados, trabalhava na 11ª e dava português na altura, então... os estudantes estavam habituados a receberem 15 perguntas e tudo mais, e eu trouxe uma modalidade diferente, de mais questões, mais abordagens reflexivas, e, entre aspas, há uma visão, quando se fala de um colégio, há uma visão diferente, há uma visão de um local em que possa se brincar, há mais liberdade para quem... [*incompreensível*] os processos financeiros, por isso, em alguns momentos os encarregados reclamavam da minha parte pedagógica, o que é normal se reclamar quando se ensina... e o pedagogo mesmo acabou dizendo que precisava de mudar e tudo mais, mas ok, tudo bem, pode-se assumir, sim, que foi uma segunda experiência na sala de aula e depois de ter passado por estágio durante a licenciatura, mas eu já vinha dando aulas para explicações, centros de preparação para exames de admissão.

SPK_1 Não foi por culpa da universidade que você teve esta... experiência ruim?

SPK_2 Eu penso também pela prestação.

SPK_1 Ah, porque por falta de tempo você não podia acompanhar com as duas coisas como quisesse.

SPK_2 Exato, exato... eu penso que em algum momento o tempo, quanto mais a pessoa estiver atarefada, penso que a perfeição pode ser um pouco difícil, a excelência leva **muito** tempo, **muito** tempo, não precisa ter, digamos assim... um tempo sem nada, mas tudo que é excelente leva tempo e exige um trabalho, exige um trabalho.

SPK_1 E há algo que a universidade poderia fazer para melhorar a situação ou está assim e é só a pessoa que deve... sei lá, responsabilizar-se?

SPK_2 A universidade, olhando como estudante, não pode alterar nada, porque tem que ir assegurar a todos, tem que assegurar a todos, então, o indivíduo é que **deve se reduzir** as tarefas, deve se reduzir, tendo em conta as suas prioridades, as suas vontades, as suas inclinações, olhando para tudo, né? Porque, se dissermos que é a universidade, então a universidade estará a trabalhar em conformidade com a população de uma forma muito exagerada, o que vai se tornar um pouco difícil trabalhar, porque a população quer taxativamente como está, em algum momento é exigência mesmo, como tal... em algum momento é exigência como tal.

SPK_1 E... e você, depois de acabar com o mestrado, queria também fazer doutoramento?

SPK_2 A princípio sim, tenho essa visão de fazer, eu coloquei tudo de... eu deveria fazer o doutoramento... é o último nível, digamos, então, de catedrático, que temos, é possível de atingir, não há nenhum problema, mas... depois do mestrado, eu preciso de... criar... uma base, por causa dessa experiência de colégio, se tudo ocorrer, se Deus der essa oportunidade, por enquanto tenho que ler mais sobre gestão de empresas, ler mais sobre filosofia de educação, pra ter uma escola também criada mesmo por mim, que é uma forma... Eu **sinto** isso, né? Tenho que trabalhar pra isso.

SPK_1 Seria o seu objetivo.

SPK_2 Exatamente, ter uma escola própria, e transformar a teoria do ensino bilingue já para uma prática, para não só **esperar**, ou vir e ter uma própria escola já existente, então é esta, a visão posterior a isso já pode-se fazer... o doutoramento agora é possível, sim, como o foco é maior, que todos os níveis eu possa fazer com bolsa e não mesmo com... então, havendo esta oportunidade, surge a bolsa para o doutoramento, avança-se, mas o foco ainda não se deixa, que é uma escola que seja bilingue, num contexto moçambicano, que é algo que ainda não tivemos, uma escola privada, temos escolas internacionais, dá-se sim, ensino bilingue, sim, há uma escola, já me recordei, que introduziu-se neste ano, que dá também ensino bilingue, uma escola privada, é uma escola privada aqui na cidade, na Matola ainda não vi... então seria uma forma de demonstrar que é possível se implementar esse tipo de ensino, que no contexto moçambicano ainda não se aceita, claro que é um projeto a longo prazo... e as energias para o doutoramento são criadas, podem ser criadas, então, em suma pretender-se para o doutoramento ainda há vontade de continuar não há nenhum problema com isso...

SPK_1 E você teve esse objetivo há muito tempo? Ou é tipo, ao longo da carreira universitária, você achou que era... o ponto final, entre aspas? [SPK_2: de doutoramento...?] Não, de criação da escola, foi um pensamento que evoluiu ao longo, durante, digamos assim, o ano ou os dois anos de mestrado ou também era antes, estava lá antes?

SPK_2 Primeiro, é por causa do centro em que eu estou como acionista, centro de explicação... o acionista, o meu colega, ele é que tem mais ações em relação a mim, e tenho percebido que em algum momento... a, os comentários, as ideias que eu trago sobre a educação, o **perfil** do centro, como deve ser... não têm sido aceites como deve ser, mas quando se tentou implementar aquilo, deu, deu certo, por exemplo, nos anos 2000... 2023, eu estava a explicar a algumas crianças, vizinhas, e fazia simultaneamente uma pesquisa, que era perceber por quanto tempo posso levar para uma criança, com seis, sete ou oito anos, consiga juntar as sílabas, por causa de alguma dificuldade de falta, cheguei a uma decisão, porque vi os estudantes e a metodologia que eu ia dando, e os estudantes poderiam, em três meses, trabalhando intensivamente, é possível... as crianças conseguiram juntar, reconhecer as letras, juntar as sílabas e depois isso foi crescendo e fui percebendo como poderia se dar aulas em juntar as sílabas, levei essa ideia, já conclusa, vou dar ao meu acionista, que naquela escola, naquele centro, além de darmos explicação para exame de admissão, poderíamos também trabalhar as crianças... nos dias em que não demos aulas de exame de admissão, poderíamos trabalhar as crianças, mas **nesta** modalidade, colocamos aquilo, a princípio houve uma rejeição, que é normal, são ideias e quando se traz...

SPK_1 Coisas novas...

SPK_2 Sim sim... então acabou se implementando este ano, tivemos muitos alunos e houve um resultado muito positivo, até agora que fechamos as crianças já sabem juntar as palavras, claramente que a **frequência** vai aumentando a cada dia, a frequência de leitura nesse caso, mas já sabem juntar as letras, mas usamos aqueles passos, então por ver essa rejeição em algum momento, a incerteza de querer implementar, sinto que tenho que correr com esta visão, já quando entro no mestrado e saio, agora que estou a fazer a... a minha, a minha dissertação e ligando isso a essa experiência toda que tive do colégio também, do centro, então achei melhor que tivesse um próprio centro, uma própria escola, em que a metodologia que eu estaria a dar aos próprios professores, a visão é que eu próprio mesmo seja, digamos assim, pedagogo de matéria para ter uma educação, ter uma escola diferente, essa é a minha visão e eu

acredito que... a escola tem que treinar alguém a refletir, isso que eu acredito, então, em algumas escolas eu não tenho observado isso, eu penso que quando um pai tira o filho de uma escola para uma outra escola, não é questão de prestígio, não é questão de localização, é questão do poder que o filho vai tomar lá e de que natureza vai tomar, se é um poder deficiente, então também vai ser deficiente, então é nessa visão que isso foi crescendo de ter uma própria escola.

SPK_1 Ok... voltando para um pouco... estamos quase a acabar, eh? Uma das últimas perguntas que eu queria abordar é, por dentro da, da aula de mestrado, você acha que o número de estudantes que estavam ali era bastante para ter uma boa- um bom êxito das aulas ou gostaria de ter tido mais colegas?

SPK_2 Ok, tudo bem, numa sala, essa pergunta eu penso que é muito interessante tendo em conta o contexto moçambicano em que poucas pessoas mesmo avançam para o mestrado, por causa das... condições financeiras, e acaba-se não assim... encaminhando, mesmo depois, a pessoa entra, depois olha para o mestrado, as vantagens, na verdade, o ponto central, se for a perceber, Arthur está a fazer o mestrado por causa, pode se fazer, porque daqui a pouco pode ir à reforma e tudo mais, mas se encontrar um jovem, como nós, assim, que deixa de ir a casa, vai fazer o mestrado simplesmente, é **muito** difícil, é **muito** difícil, um jovem pode levar essa questão e traduzir tudo em valor monetário e avançar, tanto que já tive um colega que estava a fazer mesmo, que até agora está na dissertação, no segundo ano ele preferiu ir ao Standard Bank, então temos esta problemática, na minha visão, tendo em conta o ensino bilingue no contexto moçambicano... numa turma de... 15 alunos seria o máximo, 15 alunos seria o máximo e poderia se ter uma outra turma... mais disso não pode, e, se possível, este ensino poderia se **expandir** para... as outras províncias, por aí, porque quem queira fazer o ensino bilingue tem que ser aqui em Maputo.

SPK_1 Ah, ok.

SPK_2 Tem que ser aqui em Maputo, não temos, na UP, ensino bilingue de mestrado... você imagina, então, estamos a dizer que-

SPK_1 um jovem de Nampula não pode...?

SPK_2 Não pode, a não ser que a UEM poderia sugerir, se conseguisse, colocar... o ensino híbrido.

SPK_1 Ah, ok.

SPK_2 O ensino híbrido presencial e virtual, mas vai ser uma resistência, vai ser uma resistência, porque teve um colega que agora está na província de Zambézia, ele disse que tinha que vir para aqui para se inscrever e ficar aqui, então, é um **trabalho**, é um trabalho, eu acho que o ensino poderia se estender, poderia se estender ainda mais para... para outros pontos, para o quê? Para garantirmos que a implementação tenha o recurso humano, o capital humano já preparado a nível territorial, que não seja só o Luís que vem aqui falar, enquanto a maioria nem entende, nem tem essa visão [*riso*], percebe? Então vai ser um pouco difícil, temos sim matéria científica, temos o conteúdo, mas o **número** é reduzido, né? É reduzido, é reduzido, o número é reduzido.

SPK_1 É reduzido, você acha que a única motivação é a financeira? Não tem outra? Tipo dificuldade do curso? Sei lá.

SPK_2 A financeira é que move grande parte, podemos olhar também a parte residencial, a localização da universidade, que é um dos pontos também, porque tive um colega que percorria... vamos dizer...cinco horas..

SPK_1 Para chegar à universidade? E depois voltava para casa? Cinco horas ida e cinco horas volta?

SPK_2 Sim, então era um pouco difícil, claramente que ele fazia isso por causa do congestionamento, né? Por causa do congestionamento na rua e tal, acabava percorrer, mas pela norma percorria por aí duas horas, uma e meia, então isso era um pouco mais difícil de gerir, este é um ponto, o outro ponto tem a ver com a conjuntura social de Moçambique, sob o ponto de vista do respeito pela ciência, o respeito pela academia... isso em algum momento acaba reduzindo o número de estudantes para o mestrado num contexto moçambicano e alguns acabam preferindo mesmo fazer uma [universidade, NdE] estrangeira, porque vão tendo novos horizontes, novas perspetivas de vida e quando alguns conseguem logo lá, ficam, né? Então ainda estamos a dizer que temos o mesmo, o mesmo número aqui, por mais que alguém saia por mais que saia, depois volte e ainda encontre o sistema nas mesmas condições, é um pouco difícil de passar, então, são esses pontos que fazem com que em algum momento não tenhamos um número crescido, e também, algumas pessoas, **algumas**, isso já ouvi dizer, querem coisas facilitadas, não um pouco difíceis.

SPK_1 A papa pronta.

SPK_2 Mas esse não é um argumento que possamos levar isso em conta, porque não há nada que é fácil na terra, nós precisamos trabalhar e a coisa vai acontecendo, a UEM é presa muito pela cientificidade e pelo rigor, então, alguns não aguentam este rigor, acabam desistindo.

SPK_1 Você acha justo este rigor?

SPK_2 Diga?

SPK_1 Você acha justo este rigor?

SPK_2 Pela minha opinião, sim, é importante que haja uma academia e...

SPK_1 Ao nível do mestrado também?

SPK_2 O mestrado, eu acho, isso começa mesmo desde a licenciatura, na minha licenciatura, houve rigor, tanto que a nível nacional, a universidade mais concorrida, não por causa da antiguidade também, por causa do rigor, embora agora o rigor possa reduzir nos próximos anos, por causa da filosofia, da conjuntura social, então, por causa de desprezar muito, algumas pessoas fazem numa universidade em que o rigor é diferente e ingressam no mestrado no primeiro trimestre percebem que “já isso aqui pá não é para mim tenho que voltar”, então voltam às origens, então, em algum momento, que tipo de input a pessoa recebeu na licenciatura e se esse input pode **criar** alicerces para estar no mestrado em função daquele **rigor** que se dá, então, não é uma questão só de crença, mas a conjuntura social, sob o ponto de vista de crença, de habilidade, porque agora eu vou perguntar a alguém, “você quer fazer mestrado?”, “sim, quero fazer, Depois daí?” então, o jovem sempre é “e depois daí?” “Quero perceber o progresso”, eu fiz porque tinha essa dimensão, “Eu tenho que fazer o mestrado” tenho que sentir a vida de ser mestre, de ser mestrado, como que acontece, como que posso isso depois utilizar, então... ok, apareceu uma oportunidade e a vontade já existia, foi se agregando, então, qualquer jovem, e pelas publicidades atuais que tem decorrido de ser empresário, de ser mestrado, vai preferir mesmo... optar por empresa, que ir para a academia, porque vai calcular o custo do mestrado, se calhar são 300 mil [meticais, NdE], tem que viajar aqui, acolá, tal, tudo mais.

SPK_1 Então é uma escolha mais para a pessoa, mais para o acréscimo da... da melhoria das pessoas, não é para um maior alcance de oportunidades de trabalho?

SPK_2 Trabalho, não.

SPK_1 Não é?

SPK_2 Porquê? Porque no mestrado aqui até que não há um subsídio, do ponto de vista, só para perceber como isso acontece, não há um subsídio, não há um valor.

SPK_1 Então o mestre e o licenciado têm as mesmas possibilidades de encontrar um trabalho aqui?

SPK_2 As possibilidades de encontrar um trabalho, as possibilidades são reduzidas, o mestre para encontrar possibilidades, como eu havia dito, um professor que está na UEM, pode estar na UJC, então o mercado está praticamente fechado, para poder encontrar, você tem que andar com estes, não por causa da competência como tal, então, primeiro tem que andar para depois demonstrar a sua competência que vai ser reconhecida, temos muitos licenciados que ainda não encontram- licenciados onde é que vão estar? Estar em projetos, ser licenciado na área de educação, como é o meu caso, só tem que esperar escolas privadas, depois vai à escola privada e percebe que está sendo utilizado, porque aqui tem que ter reconhecimento, tem que ter motivação para continuar na profissão, vai para o Estado, tem que passar por processos e... vamos... passar pelo processo de **nepotismo**, se não há nepotismo, então tem que passar por...

SPK_1 Recomendações.

SPK_2 **Recomendações**, então até recomendações vamos falando cordialmente, recomendações financeiras, espero que me entenda, então isto em algum momento acaba... criando uma conjuntura social não muito boa, sob o ponto de vista da **educação**, a pessoa acaba dizendo, “aquele indivíduo estudou, mas se compararmos ele a este indivíduo que não foi, não há uma diferença”, é a **imagem** que se tem sobre a escola perante a sociedade, então, a imagem ainda precisa de ser resgatada nesses últimos anos e pior que se acredita que não é a escola que faz o indivíduo desenvolver, mas é a visão, então, estamos a passar uma época em que se quer transmitir mais o empreendedorismo, a empresa, se calhar desconhecemos que tudo isso vem do conhecimento, desconhecemos que tudo isso vem do conhecimento... e isso acaba mesmo criando uma preguiça para alguns jovens, agora, quando um jovem já está numa posição... financeira ou do trabalho, do emprego, consegue perceber “Agora já estou bem, posso fazer mestrado”, faz o mestrado como reserva, penso grande parte, faz o mestrado como... digamos, atingir o estatuto... no sentido de que eu...Tenho que chegar...

SPK_1 Ah, tipo ser chamado de mestre.

SPK_2 Mestre, faz mestrado, fazer o mestre para pertencer a um grupo de classe social, e não fazer mestre para **refletir** o mestrado, no sentido de... continuar a produzir, a mudar, mostrar a cientificidade, mostrar novas oportunidades, criar um mercado a partir daquele conhecimento adquirido, é um número muito reduzido, é um número muito reduzido, se nós vemos alguém que logo sair da licenciatura e avançou, temos que saber por trás disso, no contexto moçambicano, **há** uma ligação política, há uma ligação política, então, isso acaba... dando a pessoa a pensar que o mundo só funciona assim, a pessoa acaba acreditando nisso... mas a ciência pode mudar, mas a crença que grande parte da população tem é essa...

que não, se ele chegou a este nível, não, não temos que investigar em torno do que é que está envolvido, se eu quiser, eu vou concorrer com toda a minha licenciatura, vou concorrer no distrito mais recôndito da província de Sofala... mais **recôndito**, estamos a falar da capital da cidade, são por aí... 600, por aí, quilómetros, então... já imagina o percurso que vai ter que levar a pessoa, um licenciado segue pra lá, um licenciado que estudou em Maputo, que estava numa trajetória de toma o carro, foi para lá e tem que caminhar uma distância, não vamos aqui reclamar que são, são dificuldades que enfrentamos, mas são coisas que podem ser ultrapassadas pelos jovens, se passarem por um processo de ensino, ou terem a oportunidade de refletir e mostrar as ideias e estas ideias serem aprovadas e serem implementadas, então, em algum momento há esta questão, só pode fazer o mestrado, mas, fazendo mesmo, a pergunta é depois do mestrado, e para *[incompreensível]*? Então, não há daquilo, depois do mestrado, vou continuar a investigar, vou continuar a ler, vou continuar a fazer isso, vou alavancar a minha área.

SPK_1 Então, a última pergunta era só para perceber qual era, na sua opinião, a, a relação e como era a relação entre vocês, entre você e os seus colegas dentro da sala de aula, teve ali, estava ali uma relação boa, frutuosa, ou era tipo, ok, nós estamos aqui nessa sala de aula, depois ao sairmos, pronto, cada um para ele.

SPK_2 Foi uma relação muito boa... uma relação mesmo de trabalho de equipo... no sentido de um estudo coletivo, tanto que quando você pediu os contatos, logo teve, foi uma relação muito forte, não que o Marques fosse o meu chefe, mas a relação mesmo assim foi... foi muito produtiva, eu fui o mais novo da turma... mas lidava naturalmente com... com o Artur, ele é o mais velho, eu até digo que é o meu pai, ele também me tratava como se fosse... da idade dele, que é algo muito... claramente que em algum momento ele pode reduzir, considerar mesmo o filho, mas não é de forma muito... menos reconhecida, não, ele sempre conseguia dividir isso, eu tenho tido ele como ponto de referência, né? Seu ponto de vista da vida académica, a vida... porque ele é o mais velho e tem... tem ainda a vontade do quê?... De continuar a fazer os estudos, continuar na academia, continuar a escrever, tudo já é muito importante, tivemos alguns... tivemos duas... duas colegas, ok? Em toda a turma, tivemos duas colegas e nós continuávamos ainda a manter o que? A visão de ser o... homem, tem que ser isso, tem que ser protetor, então, sempre houve essa comunicação, foi uma comunicação muito boa, então, foi uma convivência mesmo muito boa, claramente que... em algum momento há quem queira aparecer em primeiro, em segundo, isso é normal em toda sala.

SPK_1 Um pouco de competitividade.

SPK_2 Houve um espírito **muito** de competitividade, de discussões, de perguntas, de debates, até essa questão de utilizar tecnologia para difundir o ensino bilingue, discutir a questão do ensino bilingue, eu estive a discutir isso várias vezes com o próprio Chissano, com o próprio Arthur, já fomos lá, também para Matola, para o escritório do próprio Chissano, para discutirmos sobre isso, então isso significa que era uma convivência muito, muito boa e saudável... para mim seria... quando alguém perdesse um irmão, estivemos lá, a apoiar... então... penso que a convivência foi muito boa, as orientações também pedagógicas, temos um trabalho, quem vai defender, havia um plano, informava-se, informava-se, plano X, plano Y, então...

SPK_1 Eles estavam todos à vontade de, tipo... fazer críticas construtivas e ajudar nos termos de, sei lá, de mudar um pouco um trabalho de um, ou **ajudar** mesmo com os trabalhos.

SPK_2 Havia essa ideia de criticar, principalmente nas apresentações, não é? Nós dávamos a ideia de, tem que fazer, tem que melhorar o trabalho, tem que melhorar o trabalho, a pessoa recolhia e... as críticas e dava os seus comentários, claramente que não somos todos que temos- que recebemos a crítica de uma boa maneira *[riso]* é normal que a pessoa não controle e não se sinta, não se sinta, não se sintam bem.

SPK_1 Tipo, que fica ofendida.

SPK_2 Sim, fica ofendido, disse que “não, eu não posso... por aí” e tal, mas, algo simples, algo simples, houve críticas, “melhora esse ponto” recorde uma vez termos discutido sobre o bullet, que tipo de bullet, de sequência que poderíamos fazer, nesse dia, eu estava a apresentar... na cadeira do doutor Chimbutane... apresentei, apresentei depois o professor e disse, “não, a apresentação foi boa, poderia ser um modelo a se seguir”, isso foi no primeiro semestre em que a energia estava totalmente equiparada, então, um colega disse, “não, precisamos ainda de alinhar alguns pontos”, é claro que no primeiro momento isso foi um choque, né? Disse “Não há necessidade, pode falar de bullet, isso não vai mudar nada. É que eu tenho que mudar os pontos”, e ele apresentou os argumentos, foi **lógico**, o que que ele estava lá a falar, foi uma questão muito lógica, então, se... epá são bullet, como vão perceber bullet de... de introdução, de subtópicos, então “tínhamos que colocar isso para ser uma coisa mais estética”, ok, tudo bem, questão de uniformização, mas de forma geral foi uma boa convivência.

SPK_1 Ok, ok, eu acho que eu esgotei todos os temas que eu queria abordar.

SPK_2 Ok.

SPK_1 Aqui vou parar com a gravação.

Entrevista M - SPK_1 Primeiramente eu queria falar um pouco sobre, ou seja a minha, o meu título da minha dissertação está um pouco work in progress, ok porque ao acabar da minha experiência aqui vou começar exatamente a... esclarecer um pouco a situação mas queria... falar um pouco sobre a ligação, se há, entre o curso de Bilinguismo e Educação Bilingue e o curso de Didática de Língua II, como eu vi que muitas das cadeiras são conjuntas, estava me perguntando se há alguma ligação entre os dois cursos.

SPK_2 Entre Bilinguismo e... [SPK_1: Didática de Língua II] há ligação... porque... por um lado por questões conceptuais por outro lado até mesmo por questões práticas... conceptualmente nós... ao nível do... eles não fazem mas não fazem porque os que estão no bilinguismo e educação bilingue vem já de uma formação de... alguns uma formação já de professores já estão nessa cadeira, mas também porque... na altura em que nós concebemos o currículo, achámos que eles poderiam não fazer isso, porque tinha **outras** cadeiras mais viradas para a parte do bilinguismo, e por isso não fazem, **mas** há uma possibilidade durante o curso de cadeiras opcionais, que se eles quiserem, **podem** escolher didática, o problema é que eles não conseguem fazer isso, porque na hora em que eles têm que fazer, poderiam escolher didática, eles estão a fazer outra cadeira [SPK_1: coincidem as duas...] então há coincidência, então não há de se... mas do meu ponto de vista e da altura, quando nós discutimos o currículo, havia essa possibilidade, a forma que estamos organizados, os horários não estão a dar, havia essa possibilidade, mas, respondendo claramente à sua pergunta, eu acho que sim, há alguma relação e até alguma overlap na questão, porque **eles**, alguns deles, vão trabalhar em políticas, políticas educacionais, alguns deles até vão **ensinar**, porque é como vê, é bilinguismo e educação bilingue, então e para esses que vão fazer o ensino bilingue, a questão... da didática de língua segunda, faz sentido que eles estivessem... que estivessem a fazer a cadeira.

SPK_1 Ok, ok, e o professor, além de lecionar nas cadeiras de didática de língua segunda, também leciona nas de bilinguismo no primeiro semestre?

SPK_2 O bilíngu-, leciono- há uma cadeira semestre chamada aquisição... aquisição... aquisição e aprendizagem de línguas [SPK_1: OK] que também ah... que é... nós passamos pelas **teorias** da aquisição de língua primeira mas temos grande **foco** na língua segunda porque principalmente o caso que nos interessa mas a primeira parte dessa cadeira tem a ver com **aquisição** de, aquisição e aprendizagem de língua primeira que é também para fazer quando **entramos** na língua segunda ou começamos a tratar da língua segunda que é também para começarmos a ver as questões do Cummins e aquela parede de ligação ali, e aí eles fazem, aliás, no primeiro semestre muitas cadeiras... todas, todas as cadeiras são comum.

SPK_1 Ah, ok.

SPK_2 Então eles fazem isso... e ainda bem que me fez essa pergunta porque também **essa** foi uma das outras discussões **para** até relevar eles da didática de língua segunda porque algumas coisas, não didática de ensino mesmo, mas algumas coisas de aquisição, da aprendizagem, de língua segunda e não sei o que, eles apanham naquela cadeira.

SPK_1 Ok, perguntava só porque, queria saber se na sua opinião tem ali uma diferença entre os estudantes do curso de bilinguismo e os estudantes do curso de didática de língua segunda [SPK_2: A... diferença em termos...] em termos de sei lá... características de aprendizagem, de explicação, de conhecimento.

SPK_2 Não me parece que seja assim, porque eles inclusivamente entram com o mesmo perfil, agora, a **saída** aí há, para mim, há **algumas** diferenças em função do que se espera que eles vão fazer.

SPK_1 Ok. [Interrupção]

SPK_2 Então, a diferença para mim acho que está ao nível do que se espera que eles consigam fazer... ah mas eu... estou tentado a pensar que dada a dinâmica dos cursos e inclusivamente a relação que os cursos tem... no fim eles poderão estar a trabalhar em qualquer uma dessas áreas apesar de uma especificidade... ah... eu acho que alguém que sai do bilinguismo e educação bilingue pode... depois de dar aulas numa... no ensino bilingue português tá não sei o quê, língua segunda o mesmo pode acontecer é que por exemplo aqui no português língua segunda... alguns depois podem... por causa do banho por causa do banho das cadeiras que eles têm no primeiro semestre que são comuns, isso permite-nos **intervir**, pode não ser com a mesma intensidade, mas intervir uma e outra área.

SPK_1 Ok, ok, minha próxima pergunta está diretamente ligada a esse conceito aqui, ou seja, qual é, na opinião do professor, qual seria o aluno ideal que saísse daqui? Qual deveria ser, qual deveria ser?

SPK_2 Pro contexto moçambicano?... Ah pro contexto moçambicano... o aluno ideal, o graduado ideal, seria um que tivesse conhecimentos de didática de ensino de português e didática de L1, que conhece a língua portuguesa... que conhece e consegue trabalhar numa língua moçambicana... agora, há algumas dinâmicas que ditam e suspeito que são aquelas o Filippo onde está querer chegar... ah... se... o curso de de didati- o curso de... Bilinguismo e educação Bilingue não poderia por exemplo substituir o de, o outro é esse que está chamado de didática de língua portuguesa mas é mestrado em ensino de língua portuguesa

língua segunda então poderia substituir isso há umas dinâmicas ao nível da nossa sociedade em que o bilinguismo e educação bilingue é mais privilegiada para o ensino primário para o caso de políticas etc. etc. enquanto que a língua portuguesa é privilegiada para ensino da língua especificamente portuguesa mais ou menos a partir do nível secundário para cima, então a divisão destes cursos também tem em conta **essa** questão ao nível da sociedade onde é preciso fazer isto, mas eu acho que... o traba- e uma das diferenças que há aliás não é grande uma das coisas que há é que aliás até não é diferença os dois cursos até tem descrição- linguística descritiva de... Línguas Bantu e Língua Portuguesa... o Justino, professor Justino da descrição... linguística descritiva do português, Holanda dá a descrição de Línguas Bantus dois os dois cursos estão envolvidos nisso tem um pouco disso então... eu acho que os dois tem isso só que **aqui** a partir do segundo semestre... o primeiro semestre é comum o segundo semestre trazemos as cadeiras **mais ou menos** específicas aquilo que se pretende que eles vão fazer, alguns ao nível de Bilinguismo e Educação Bilingue, outros especificamente na área do português, e isso tenta refletir as dinâmicas da sociedade.

SPK_1 Ok, e uma pergunta um pouco, assim... mais específica para este ano aqui, o professor acha que a expectativa que um professor deveria ter... de um aluno... seja alcançada neste ano aqui, ou seja, os alunos têm um bom conhecimento e uma boa, um bom caminho para a frente deles?

SPK_2 Esta é uma boa pergunta...

SPK_1 Porque depois queria também falar da diferença em termos de anos, ou seja, se os alunos...

SPK_2 Eu já percebi, e a minha resposta ia chegar exatamente aí... essa pergunta é interessante e fácil de responder a minha dificuldade agora em responder não tem nada a ver com aquilo que, que é a minha opinião que é aquilo que eu penso sobre isso a minha dificuldade em responder é que o Filippo... está em duas situações uma está aqui como investigador mas às vezes está na minha sala como parte **daquele grupo** [riso] então eu fico sem saber como é que eu respondo, mas eu quero pegar, assumir que o Filippo é está a fazer o seu trabalho como **investigador** e como investigador vai a questão da confidencialidade de informação entre... minha opinião específica... nós e isto nós já temos estado a refletir ao nível do departamento a nível do curso... inclusivamente já há uma proposta que o nosso grupo da pós-graduação este grupo de professores que trabalham nesses cursos já fez à direção da faculdade... estes cursos são... cursos integrados no nível do que nós chamamos aqui do regime pós-laboral, no regime pós-laboral vem aquele que consegue pagar... e geralmente quem consegue pagar nem sempre, implica ou significa que consegue em termos académicos ou em termos de competências que levaram a coisa avante... então, a proposta que nós fizemos... foi de **não** implementar a pós-graduação, pelo menos no nosso grupo de trabalho, não implementar a pós-graduação num regime pós-laboral, mas num regime- porque no regime pós-laboral, o que é que implica? Implica outros, há outros efeitos, em relação ao tratamento do professor... mas se nós trouxermos estes cursos para um regime laboral, o regime normal de funcionamento da universidade, essas outras implicações em relação ao professor deixam de existir, deixam de existir e deixando de existir... os cursos para alguns, poderão ter bolsas, alguns estudantes poderão ter bolsas, **outros** mesmo não tendo bolsas pagarão um preço normal que toda a gente consegue... e fazendo isso, tendo uma propina, a propina **normal**, não a propina do pós-laboral, a propina normal, nós achamos que seríamos capazes de recrutar melhores estudantes, os estudantes que saem das licenciaturas, os melhores que saem das licenciaturas, o que nós temos agora **não são** os melhores estudantes... na pós-graduação são aqueles que **conseguem** pagar e não é isso, então acho que é isto, isto responde a sua pergunta, eu não quero dizer mais- falar muito especificamente nem deste grupo, nem de não sei quê, mas esta é é é é a questão.

SPK_1 No geral, digamos assim, e... então a outra pergunta que vem à cabeça agora é sobre então o número de estudantes, porque poderia, será que é diretamente ligado?

SPK_2 É diretamente ligado... [SPK_1: a essa questão] há duas circunstâncias em relação ao número de estudantes, um... tá diretamente ligado a isso, mas há um outro aspeto... há o aspeto de... quando se olha... quando muitos estudantes que têm inclusivamente que **pagar**... muito, quer dizer, para os níveis da Europa não é muito, mas para os níveis daqui é muito, tem que pagar muito do seu bolso, quando olham entre **vir** fazer um mestrado ou doutoramento na UEM, naquele departamento com aquelas pessoas e **ir** para uma outra universidade, preferem ir para outra universidade... suspeito o que seja por causa do nível de exigências, que é aqui e que pode não haver nos outros, não tenho a certeza disso, mas eu suspeito que seja isso, porque já tivemos estudantes... que estiveram aqui connosco, não conseguiram, ficaram, não sei o quê, mas depois foram para outras universidades e fizeram e inclusivamente, até depois lemos as suas dissertações, suas teses, dissemos, “ok” então, para mim há esses dois fatores, o fator pagar, né? que é **alto** para algumas pessoas, **principalmente** para **aqueles** que seriam **bons** estudantes, estudantes que iriam garantir melhor qualidade do que o que estamos a conseguir, mas por outro lado há a questão de exigências

que... é minha posição, não sei se é isso, mas penso que é uma questão de exigências que é aqui neste departamento de que não há...

SPK_1 ...noutros lugares e o professor acha que este nível de exigência seja justo, deveria ser mais, deveria ser menos.

SPK_2 Eu... da nossa- da minha experiência, do que é um programa de graduação, um programa de pós-graduação, mestrado, doutoramento, etc., etc., eu acho que estamos num nível justo, em termos de exigências, inclusivamente até num nível **ajustado**, ajustámos **muito**, ajustámos muita coisa, nos últimos tempos... a matéria-prima que nos chega é que é que me parece que não está lá, não é? [*incompreensível*] das coisas, houve coisas, manda a ler coisas, que a gente acha que até são simples, houve interpretações que não tem nada a ver com aquilo, então, nós até já ajustamos.

SPK_1 Ok.

SPK_2 Abaixo daquilo, não dá mais, [*risos*] não dá mais.

SPK_1 Ok, ok, faz sentido, e, ok, estou a perguntar isso porque queria que o professor me explicasse um pouco a sua trajetória de carreira, ou seja, você também fez licenciatura na UEM?

SPK_2 Sim, sim eu fiz, eu fiz licenciatura na UEM em linguística e... e fiquei cá a trabalhar depois de alguns anos, uns dois ou três anos fui fazer o meu mestrado na... na Escócia Edinburgh na Edinburgh University fiz o meu mestrado em linguística aplicada e voltei, continuei a trabalhar, e depois fui fazer o meu doutoramento nos Estados Unidos na Illinois State University fui fazer o meu doutoramento nos Estados Unidos e acabei e voltei... ao nível do meu envolvimento por cá tenho... ao nível da graduação já fiz muitas coisas, porque a minha... formação inicial foi de professor de inglês ao nível, ao nível médio ao nível pré-universitário trabalhava na escola secundária mas quando vim para aqui continuei e o trabalho que eu fiz ao nível da licenciatura tinha a ver com português e inglês em Moçambique então já trabalhei aqui na área de inglês, língua inglesa... estudos linguísticos, linguística geral quer para o grupo de inglês quer para o grupo geral dos outros, cursos semântica, pragmática, comunicação oral, escrita também, didática para os grupos, porque não... na licenciatura também temos cursos de línguas, didática, e na pós-graduação no mestrado são essas três cadeiras que é didática de língua- de ensino de línguas que é aquisição e aprendizagem de línguas e estes de tópicos e o seminário de especialidade que é o seminário que nós damos aos... estudantes do doutoramento, eles escolhem uma área de especialidade, então distribuímos eles para cada área, então os que estão na, na área de linguística educacional, alguns têm trabalhado comigo e geralmente são esses que depois levo para... ficam como meus supervisantes, já... do ponto de vista das minhas intervenções, de trabalho, não sei o que, tenho feito trabalhos ao nível do processamento de língua, a nível das aquisições, aprendizagem de língua no geral, nos últimos... **descrição** linguística, mas principalmente da minha língua, que é o emakhuwa, faço descrição linguística disso por exemplo agora, agora com a data de novembro saiu um capítulo... de um livro da Oxford que fez com o professor Ngunga então faço descrições linguísticas mas também faço descrições linguísticas doutras línguas agora acho que próximo há de sair qualquer coisa de uma língua aqui de Manica não, de Sofala, xiduma que tenho estado a trabalhar com um assistente daqui, que também foi... foi e é, porque ele já acabou a parte curricular, mas ainda está a escrever o mestrado, então trabalhei com ele, estou a trabalhar com ele como assistente, e para além disso, nos últimos anos também estou muito envolvido na questão do ensino bilingue... interesse-me no ensino bilingue bem, o meu envolvimento lá tem sido a nível de materiais, de formação de professores, formação de **formadores** de professores, questões de metodologia, mas a **mim especificamente** o que me interessa naquelas coisas, já tenho algumas coisas escritas sobre isso, algumas publicadas e outras não, é a questão da literacia inicial bilingue, porque o meu doutoramento tem a ver com, leitura em língua segunda e então isto tem muita relação com com o ensino bilingue e eu principalmente estou a gostar de ver como é que aquelas crianças fazem- tentam fazer aquilo e por um lado como é que é até inclusivamente são maltratadas [*riso*] [SPK_1: são maltratadas?] não maltratadas no sentido cabeça delas a ferver elas a quererem... processar a informação...

SPK_1 Dar ferramentas para fazer isso, [SPK_2: sim sim] ok... isso leva-me a duas perguntas que podem ser um pouco pessoais, então se eu professor não quer responder, eu percebo perfeitamente, a primeira era porque é que decidiu voltar para Moçambique depois de ter feito experiências para o exterior?

SPK_2 Não... ultimamente... deve haver uma, uma questão acho... não... uma questão social e uma questão pessoal mas eu quero pegar primeiro a questão social, ultimamente os moçambicanos estão a emigrar muito ultimamente nos últimos... cinco, seis, sete, oito, anos por aí... mas isto era um processo que não era **muito** normal em Moçambique, para os moçambicanos, os moçambicanos geralmente iam fora, voltavam, grande parte, mas alguns ficavam, não estou a dizer que outros não ficavam, outros ficavam, conheço outros que ficaram para lá, mas a maioria voltava que era diferente doutras nacionalidades africanas, se calhar, porque na altura... nós tínhamos sentimento ou sentido de que precisávamos de voltar para ajudar o

país a desenvolver para partilhar o que nós aprendemos lá fora... e pronto foi assim e acho que eu também entrei nisso eu quando fiz o... quando fiz o meu mestrado voltei naturalmente porque a minha família ainda estava cá, eu fui para lá depois a família estava cá, quando fiz o doutor o doutoramento eu estive já com a família lá, inclusivamente um dos meus filhos nasceu por lá e quando chegou a altura de voltar nós ficamos a contemplar “bem, vamos voltar” então é- havia esta ideia de que “epá precisamos de voltar porque epá vamos partilhar o que aprendemos vamos saber” no sei que, nos últimos tempos parece-me que esse sentimento é inclusivamente... muitos jovens inclusivamente no início de carreira há alguma desilusão com o rumo que o país está a seguir com as políticas que estão a ser seguidas e inclusivamente com as expectativas que não estão a acontecer, então, é outro momento, tá haver muita emigração, então há muitas pessoas irem para a Europa, Portugal e depois para não sei onde, incluindo até... jovens, miúdos, de famílias bem, bem, bem, bem estabelecidas, que saem e voltam, acho que tem a ver para responder, para ser claro, tem a ver com a **época** e com o contexto social em que nós vivemos, na altura a gente epá... vai para casa. [risos]

SPK_1 Não, é só porque estava a perguntar só porque na Itália também aconteceu e acontece ainda hoje às vezes que os jovens fogem da Itália porque não há muitas oportunidades em **alguns** lugares de trabalho, alguns espaços ali, e por isso parece que seja um pouco parecido.

SPK_2 E outro aspeto em relação a mim especificamente, se calhar também, mas não acho que tenha sido a questão principal, é que nos dois momentos em que eu fui para fora estudar, quer para o mestrado, quer para o doutoramento, eu tinha trabalho, eu tinha emprego, eu estava sempre ligado à UEM... então não voltei para procurar trabalho, voltei e entrei no meu trabalho.

SPK_1 E a segunda pergunta, que pode ser pessoal, até, era como é que nasceu este interesse para o bilinguismo e educação bilingue?

SPK_2 Quando eu vim fazer a licenciatura... eu já... vinha... com... essa questão do bilinguismo, se bem que não era assim entendido ou assim chamado, eu pessoalmente sou... sou bilingue... nasci numa família onde se fala português e onde se fala emakhuwa.

SPK_1 Ok, então na casa, você falava ...

SPK_2 Sim...dependia, no meu caso, dependia de **quem** está à frente, à frente de mim e eu falar com ele ou ela com a língua que não sei quê, eu já nasci bilingue, portanto, é um bilingue **simultâneo**, se é assim que quisermos dizer... e esta experiência da minha formação como professor, pronto foi formado para trabalhar no...no pré universitário para ser professor de ensino secundário e foi formado para ser professor de **inglês**, **mas** os meus estudantes do ensino secundário vinham com as suas línguas, vinham com português e eu tinha que [incompreensível] alguma coisa, então quando eu venho para universidade para dar a licenciatura, estas ideias todas tinham e tivemos inclusivamente cadeiras que me levaram para aquele lado... é assim que... na licenciatura nós tínhamos, agora já não se faz, mas no nosso tempo... nós, no fim, fazíamos uma dissertação, é assim que quando **chega** o fim do curso para eu entregar o tema da **minha** dissertação, para também escolher quando não sei o que, eu tive dificuldades, escolher se eu ia manter-me na área do, na área de ensino de inglês, escrever alguma coisa sobre o ensino de inglês, **ou** seria porque era... áreas aplicadas em ensino português, em inglês e línguas bantu não línguas bantu não ou línguas bantu descrição, então quando chega aquela fase eu tive dificuldade em escolher descrição de línguas bantu ou aplicada a coisa, o que eu fiz foi que peguei nos dois temas que eu tinha mandei para lá e eu... e eu hoje sei porque os professores depois ficaram eram... eles disseram “você deu-nos dores de cabeça”, “Porquê?” “Porque nós tivemos que lutar” [riso] [SPK_1: escolher?] não, tiveram que escolher por mim, mas tiveram que **lutar**, porque os dois queriam, não sei que [riso] é assim que eu depois vou para a linguística aplicada... e e e, faço linguística aplicada aqui para a licenciatura, mas sempre fiz um trabalho na área português-inglês então já vinha com esse... mas não deixei de trabalhar na área, na área das línguas bantu principalmente na área descritiva e quando vou fazer o mestrado voltei a pegar de novo algumas questões de processamento e quando pego nas questões de processamento comecei a trabalhar também com as línguas bantu e foi aí então vou fazer o doutoramento, volto também, sempre estive lá a considerar, olhar para o contexto moçambicano, olhar para as línguas bantu, olhar para a questão de aprendizagem, a questão da leitura, nos estudos do doutoramento e quando volto... tive a oportunidade de ser convidado para começar a trabalhar em questões de ensino bilingue, antes até já fazia, antes de ir para o meu doutoramento já fazia avaliações dos materiais do ensino bilingue do emakhuwa do INDE alguns da alfabetização também do ensino bilingue com uma associação chamada PROGRESSO então quando eu volto do doutoramento fui convidado a participar de um projeto de ensino bilingue e... não, não sentia que estava **fora** da água sentia que estava dentro da água e comecei a trabalhar por aí.

SPK_1 OK, interessante... e na sua experiência, estou só a ligar as suas intervenções de uma pergunta para outra, porque... na sua experiência, que, aliás, se fala muito das, dos limites entre aspas da educação

bilingue no país, de agora, podem ser a criação de materiais, podem ser a formação dos professores e os custos, até são mencionados, o professor acha que... [interrupção] você acha que a situação, ou seja, os custos são tão caros como estão a ser...?

SPK_2 Postos? Não, não, porque... e digo não, não por minha opinião, digo não em função de... de coisas que eu vi de evidências que eu vi não... não, uma avaliação independente que fizemos ao, ao programa de ensino bilíngue... falámos com... um diretor nacional de, da planificação do Ministério da Educação... colocámos-lhe esta questão “Será que o ensino bilíngue é mais caro que o ensino monolíngue”, ele disse taxativamente que não era, porque a partir da altura em que estes cursos em que este custos não cursos, custos e estas despesas forem integradas porque até bem pouco tempo não estava integrada e mesmo agora estão integradas no programa, no programa no plano geral de logística do do do do Ministério, mas não estão todos os custos lá, como por exemplo, questões de materiais, ainda não estão lá, não estão todos, ele dizia, a partir da altura em que se for incluído lá, deixa de haver necessidade de considerar que está lá o ensino bilíngue, esta lá o ensino monolíngue, passa tudo a ser do ensino, de educação, os números que ele fazia, que ele apresentava, porque dizia-se, diz-se, pronto, “há o material em português, esses que vão para o ensino bilíngue, vão ter o material em português, depois vão ter o material nas línguas 1”, ele fazia, de alguns dos materiais em português, para alguns níveis, primeiros níveis, são cobertos pelos materiais na L1 e os materiais da L1 são cobertos por- pelos materiais do ensino monolíngue então era **muito marginal** a diferença que até não fazia nenhuma coisa o que... o que **ele** pedia na altura era que o ensino bilíngue fosse integrado num programa de educação **geral**... porque quando nós olhamos para os **dois**, um bilíngue, um monolíngue, parece que estão-se a duplicar custos... mas se se pensa, se se pega em tudo e se diz “este é o ensino geral, as crianças são as mesmas”, o número de crianças não aumenta... por ser bilíngue ou monolíngue, aumenta na perceção individual quando se separa, este foi o argumento dele, e faz sentido- e ele mostrava com dados estatísticos de [incompreensível] do Ministério, que aquilo não era...

SPK_1 Também porque se... a metodologia for aquela de manutenção, os alunos, os meninos irão... falar português na mesma

SPK_2 Sim... na mesma, e depois a partir de um certo nível eles só usam os livros de português, então em função disso e... há esse argumento que ele apresentou, essa evidência que ele apresentou, mas eu também tenho uma **outra**, um outro não evidência, um outro argumento, o meu argumento é que eu acho que mesmo que fosse caro, mesmo que fosse caro, que não é o caso, eu acho que continua a ser mais caro quando nós levamos crianças... para a escola e a criança não rende, a criança reprova, a criança desiste, a criança apanha... problemas emocionais, a criança estava... isso é muito mais **caro** do que, do que o que está-se a falar, o país perde mais quando a criança reprova a criança desiste porque não se pode dar educação na língua que ela percebe... se for... nós que andamos no terreno há diferenças que notamos quando nós entramos numa sala de ensino bilíngue e entramos numa sala ensino monolíngue português ah pode parecer anedota mas... a sala, e eu estou a falar de lá, não estou a falar aqui, perto da cidade tou a falar de lá nos confins... na sala parece anedota como estava a dizer na sala do ensino monolíngue... as crianças estão tristes as crianças estão com remelas, choram sentadas, mas silenciosas, sente-se e outra coisa quando você entra outra coisa que você observa é que... cheira xixi... na sala de ensino bilíngue, é raro isso acontecer, e porque é que cheira xixi lá? Porque elas, quando querem usar a casa de banho, não conseguem dizer isso ao professor ou à professora em português, então faz ali sentadas, no bilíngue não, a criança levanta-se, **pede com respeito** ao professor, à professora, que “eu quero ir quero sair” e sai, então isto não é **caro**, é caro permitir que esta criança- e olha que os pais fazem grande trabalho para o menino deixar de fazer xixi, depois basta começar a escola já volta a fazer a mesma coisa e... já me aconteceu encontrar este no terreno.

SPK_1 É uma questão de gestão do corpo docente naquele caso ali, porque se um docente ver essa situação aqui, pode até dizer, “vocês podem me perguntar na sua língua para ir à casa de banho”.

SPK_2 Sim, mas... [SPK_1: está a sensibilidade do...] Sim, é a sensibilidade do docente, mas é a sensibilidade também da **política** que não permite, quer dizer, eu chego... esta questão de língua é um pouco eu vou dar um exemplo também acontece com adultos só que pronto o adulto é um pouco mais... não sei que, nós uma vez fomos para uma conferência na África do Sul ficámos três colegas, no fim do dia havia um colega que sempre dizia “epá, estou com dores de cabeça, tou com dores de cabeça” mas até que nós, “nós não estamos com dor de cabeça” e ele ficava com dores de cabeça quando saía das sessões porque quando depois ficámos nós os três no fim do dia a relaxar estas dores de cabeça dela acabavam mas era por causa de língua, ela está todo dia a ouvir inglês, epá está com dores de cabeça agora mas com uma criança...

SPK_1 Mesma coisa, se não pior... e esta questão da gestão de políticas linguísticas está ligada também ao... à motivação pela qual o ensino bilíngue ainda não está implementado no secundário ou no superior, e

para ali no primário.

SPK_2 Há já documentos que... que pedem que o ensino bilingue vá até ao ensino secundário... não me parece que seja... porque a política pode-se definir e se nós formos olhar para... quer dizer, definir aqui há duas coisas que podemos ver em relação à política... há política definida especificamente do campo... do tipo “esta língua é oficial, esta língua é isto, esta língua isto” mas mesmo na falta dessa definição, dessa política, dessa forma se nós olhamos para os documentos regulamentares que existem em Moçambique nós vemos uma tendência de valorização ou tentativa de valorização das línguas moçambicanas... o que está a acontecer para mim nessa questão são duas coisas, uma... é que como em qualquer outra área deste país nós temos regulamentos, temos leis, temos normas muito boas que não estão a ser implementadas, não estão a ser cumpridas... porque é que isso é ou não é, muitas vezes entramos naquela ideia de que não temos recursos, não temos não sei o quê, temos que fazer estudos, temos que fazer, mas outra questão em relação à questão de línguas é a questão da atitude, há pessoas que estão em, em posições cimeiras, posições altas que ainda não tem uma atitude positiva, favorável em relação às línguas moçambicanas... não sei se ouviu ainda há bem pouco tempo houve um Governador que disse... asneiras.

SPK_1 Que aconteceu na... Zambézia.

SPK_2 Há um governador que disse **asneiras**, coisas **irresponsáveis**, no momento em que ele poderia simplesmente ter calado, mas infelizmente temos essas pessoas, então há esta questão, uma que há o país tem boas leis, bons regulamentos, em todas as áreas, não **só** nesta área, que não estão a ser implementadas, com desculpas de falta de recursos falta de momento, momento oportuno, mas também em relação a **esta** questão de língua há também questões de atitude.

SPK_1 E... a minha próxima pergunta é... como é que a UEM lida com essas questões, ou seja, evidentemente, a universidade tem um papel muito importante, não é? No alcance dessas questões, mas estão ali a ser exploradas **todas**- todos os caminhos possíveis ou tem ali algumas coisas que ainda tem que se explorar?

SPK_2 Há sempre alguma coisa que tem que ser explorada, há sempre alguma coisa que tem que ser feito, mas... na minha opinião acho que a UEM ou pelo menos o grupo **ligado** às línguas tem feito e feito muito... tem feito para além das pesquisas e... publicações sobre isso tem feito **pressão** em relação a esta matéria com o governo, alinhando-se a organizações nacionais e internacionais... vai ver que o ensino bilingue quase começa por muita, muita pressão muita insistência e muito trabalho da UEM **principalmente** da UEM... em colaboração também com o INDE mas também pela influência da UEM é a UEM que iniciou as questões de padronização de língua... das línguas moçambicanas é a UEM que... a primeira a lecionar ao nível universitário em Moçambique cursos de língua, de língua bantu... então é a UEM que organiza conferências de língua bantu então todos os anos há... sempre foi a UEM que organizou no no dia da língua materna [SPK_1: em fevereiro] em fevereiro, dia 21 aquela questão do não sei que agora a UP já está já está a se aliar já está a haver organizações conjuntas- então tem feito mas também esbarra sempre com estes problemas com estas questões né? Há, há um poder executivo e um poder legislativo que legisla ou executa aquilo que lhe interessa, e **dependendo** de quem **está** naquele lugar, a coisa avança ou a coisa volta, por exemplo, né? Nos últimos tempos, na última governação, por exemplo, última ou penúltima governação, aprovou-se esta lei de 18/80... 12/18 que é a lei que estipula a existência do ensino bilingue e monolíngue... mas isso foi porquê? Porque quem estava no ministério como vice-ministro era alguém da linguística, mas quando ele saiu, o ensino bilingue... então não há, as coisas parecem andar quando alguém da área ou alguém interessado está, quando não está, vêm outros interesses, então, está a ser triste

SPK_1 E ao nível da comunidade, da sociedade, não a nível de cima, entre aspas, a universidade pode espalhar um pouco as informações ou depende sempre de alguém que está para cima.

SPK_2 Ao **nível** da comunidade, a universidade pode fazer esse trabalho e tem feito, mas aí vai ter outra coisa, tem a questão de falta de recursos, então muita- muito recursos mesmo que quisesse e geralmente alia-se à ONGs nacionais e estrangeiras quando vem aqui, mas aí está, muitas vezes quando- isso acontece quando essas ONGs ou essas organizações têm o interesse na área e às vezes não tem interesse, quando tem interesse aliam-se... nós trabalhamos muito com a associação PROGRESSO em algum momento, trabalhamos com a UNESCO e o UNICEF em algum momento, com outras organizações, mais com UDEBA que era uma organização que é em Xai-Xai e foi muito importante para o Ensino Bilingue na província de Gaza, mas a partir da altura em que essas organizações mudaram de **foco** também baixou por exemplo o PROGRESSO e UDEBA viraram-se para a saúde já não tinham dinheiro para a educação então ficou assim esta questão do, da USAID por exemplo que apoiava muito o Ensino Bilingue saiu, acabou então... e nessas organizações, quando isso acontece, a UEM está lá, é chamada, há seminários, há workshops.

SPK_1 Estava a perguntar isso porque, falando também com outros, com estudantes e... principalmente, vi

que o alcance das informações, mesmo as informações **práticas** sobre os **cursos** da UEM, nem sempre estão muito claras, não é? Então, não sei se estou-me a atrever demais, mas será que seria, tipo, bom fazer uma espécie de **orientação**, por exemplo, nas escolas, no fim do secundário, ir para lá e dizer, “OK, agora, a UEM dá esses cursos X, Y, Z,” ou, sei lá, não, cartazes não, com falta de recursos pode ser uma questão..., mas tudo bem, essa questão da orientação poderia ser uma coisa que leva um pouco mais de interesse para essa questão?

SPK_2 Talvez a gente diga que é falta... há falta de recursos sim, mas também se calhar há falta de imaginação, ah mas também por outro lado... a UEM faz isso [SPK_1: hum] mas faz isso no outro no outro nível, e é uma experiência que começou aqui na faculdade na nossa faculdade na faculdade de letras que é... organiza um dia aberto onde escolas secundárias, **alunos** de escolas secundárias são convidados para vir para aqui e vêm geralmente essas escolas naquele dia, estão a fazer décima segunda acho que nesse dia não têm aulas vêm para cá ah explicam-se os cursos etc. etc., há algum tempo atrás quando isso acontecia **aqui** o dia aberto **aqui** porque a UEM, apesar de estar baseada, sediada em Maputo, é uma universidade nacional, também enviavam-se equipas para as províncias... sei que agora já não se enviam equipas para as províncias, não há recursos, não há dinheiro, então só ficou esta experiência que acontece aqui... que inclusivamente se fossemos por uma questão comercial, económica a UEM até podia não fazer isso, podia não fazer isso porque? Porque há falta de lugares para ensino superior em Moçambique, então fazer ou não fazer vai sempre ter estudantes a UEM... agora mas eu acho que é importante fazer isso quer para informar os estudantes sobre o que se **faz** para não verem aqui, porque também já aconteceu, as pessoas vinham aqui perguntando “você entrou está a fazer esse curso porquê?” “gostei do nome” não é porque sabe o que é que vai fazer mas gostou do nome, então acho que é importante fazer isso agora mas esse e aí, tem a razão por que não me recordo se isso é feito para os níveis da pós-graduação... é só feito ao nível dos cursos da graduação, aos níveis pós-graduação não é feito a única coisa que é feita no discurso da pós-graduação é que sai o **edital**.

SPK_1 Ok, sai o edital e as pessoas dentro da Universidade vêm esse edital aqui e decidem se candidatar-se ou não.

SPK_2 Saem nos jornais, saem... nos websites da universidade etc. etc.

SPK_1 E... últimas duas perguntas e depois posso deixar o professor em paz... a primeira, vamos lá, um pouco mais para... por **dentro** da aula, para as observações que eu pude... aproveitar das suas aulas, das aulas também dos outros professores, vim... vi que tem uma carga muito, muito forte de ensino **ativo**, ou seja, deixar os alunos falarem, deixar aos alunos a palavra, os debates e tentar despertar o olhar crítico dentro deles e tem pouco entre aspas espaço para aulas um pouco mais **expositivas**, o professor acha que tem ali uma balança entre a quantidade de ensino ativo e a quantidade do ensino expositivo ou deveria ser **mais** ensino ativo, deveria ser **mais** ensino expositivo, está justo assim?

SPK_2 Essa é uma, é uma dor de cabeça que... uma pessoa decide fazer... no meu caso eu acho que poderia haver um pouco mais de balanço, um pouco de expositivo, um pouco de expositivo um pouco- agora eu eu prefiro fazer desta forma... porque nós temos um programa **vasto** e... também temos um programa vasto que poderia ser cumprido nas horas em que nos são alocadas, que são 64, só que trabalhar 64 **horas** com horário de 4 horas por dia e trabalhar 64 horas no horário de 2 horas por dia, porque no início, quando nós começámos, encontrávamos os estudantes duas vezes, duas horas num dia... por exemplo duas horas na segunda e duas horas na quarta.

SPK_1 Ok.

SPK_2 Então, apesar do número de horas ser o mesmo, isso é diferente.

SPK_1 Claro.

SPK_2 No primeiro, duas horas depois duas horas dá para fazer **expositiva** na primeira e discussão na segunda ou vice versa, mas nestas de quatro horas, depois de duas horas as pessoas já estão cansadas, aquelas outras duas aulas não dá, então eu prefiro fazer desta forma, porque quando... permite-me identificar os grandes problemas deles, as grandes áreas, e depois pegá-los para aquilo que eu acho que é importante eles saberem, ou pelo menos compreenderem nesta fase, é por isso que eu faço as discussões, depois pego nas coisas que eles andaram a dizer e faço o reforço, então essa é a minha perspetiva de trabalho mas compreendo... é por isso que eu disse é difícil é são as dores de cabeça que as pessoas têm que pegar, ah mas a grande- nós quando fizemos duas horas eu tinha as primeiras duas horas era de exposição e a atenção à teoria... e as segundas era de discussão e dava... mas aqui não dá depois de duas horas já estão, **eles** já estão cansados, **eu** também já estou cansados.

SPK_1 Eu também estava cansado [*risos*] Ao final lá, às 20 horas já estava um pouco assim.

SPK_2 É uma questão pragmática que eu... que eu faço, não sei o que e porque que os outros, outros professores fazem, mas eu faço isso por causa disso, porque eu identifico naquele período em que eles

estão a falar, eu identifico as coisas que eu digo “não No fim desta aula, isto não podem sair com este [incompreensível] não estão a entender” então...

SPK_1 Última pergunta era... estava muito ligada a esta questão e eu acho que o professor mais ou menos já respondeu um pouco sobre isso, que era... a sua opinião sobre o tempo, ou seja, você acha que para a quantidade de material que você tem que explicar, o tempo, seja bastante ou deveria aumentar... um ano e meio ou dois anos não sei de mestrado.

SPK_2 Com... aqui há duas coisas... para mim... a questão do tempo, eu acho que o tempo de, de eles fazerem o mestrado em dois anos é suficiente e podem fazer... mas tem que ser **outra** qualidade de estudante... um, **dois**... a outra parte é que o tempo seria... na sala de aulas o professor iria gerir melhor o tempo se as quatro horas fossem revertidas, já fizemos isso no início mas havia- nós depois pegámos esta de quatro horas juntas por uma questão **prática** porque tínhamos professores com duas, três cadeiras, eu tinha que ir constantemente todos os dias por exemplo lá no segundo semestre aliás estaria aqui **todos** os dias então agora só estou duas vezes e depois com o professor Nelson, às vezes só uma vez, então, então... o que eu estou a querer dizer? Por um lado, eu acho que não é questão de tempo, em tanto que tempo, é questão de **um** de gerir melhor o tempo que temos e **dois** se calhar temos outra qualidade de estudantes.

SPK_1 Então, eu acho que abordámos...

SPK_2 E sobre essa parte, há aquelas coisas que vimos lá atrás, que só entra quem consegue pagar.

SPK_1 Ok, esse é um filtro muito...

SPK_2 Um **filtro** e um **ciclo**.

SPK_1 E sempre foi assim?

SPK_2 Os cursos da pós-graduação sempre foram assim.

SPK_1 Ok, mas foram propostas, mudanças para o laboral, ou não?

SPK_2 Nós já submetemos, este grupo de disciplina, nós já submetemos e submetemos **este** semestre, porque estivemos agora a discutir o doutoramento, queremos estar nos a fazer alguns ajustes ao doutoramento que temos, o doutoramento em linguística, para um doutoramento em multilinguismo... então, no âmbito dessa discussão que tivemos sobre isso, também discutimos esta questão do horário de quem entra, quem não entra, como entra.

SPK_1 E o professor acha que mudando esse regime... de regime laboral... o nível vai aumentar.

SPK_2 Sim, porque **deixa** de ser quem consegue pagar, passa a ser **quem** tem qualidade para entrar.

SPK_1 Ok, mas mesmo agora a candidatura para o mestrado em Bilinguismo e Educação Bilingue não tem que passar pra uma- um teste, uma avaliação de qualquer forma?

SPK_2 Não.

SPK_1 Só tem que submeter um projeto, um **anteprojeto**, tipo.

SPK_2 Submeter um anteprojeto, submete os... [SPK_1: as notas da licenciatura?] sim, as notas da licenciatura, cartas de recomendação etc. e as cartas de recomendação todas dizem que são bons. [risos]

SPK_1 Ok, ok... e não tem bolsas no mestrado- neste caso aqui.

SPK_2 Bolsas... são bolsas de onde vem, mas internas não me pare- acho- acho que há bolsas, mas são muito difíceis.

SPK_1 Não sei se o professor queria acrescentar alguma coisa.

SPK_2 Não sei.

SPK_1 Ok, eu acho que abordei todos os temas que queria abordar, por isso agradeço muitíssimo pelo tempo que me... que conseguiu encontrar para mim e prontos agora vou parar com a gravação.

Entrevista N - SPK_1 Ok... eu queria começar, como todas as entrevistas, comecei com um pequeno quebra-gelo... queria que você falasse da sua trajetória escolar, do secundário em- para além, ou seja, quais foram as suas escolhas de carreira escolar, qual foi a sua licenciatura, onde tirou a sua licenciatura e porque escolheu o mestrado que escolheu?

SPK_2 Ensino secundário? Interessante... eu fiz o ensino secundário na Willow International School, é uma escola Turca, mas internacional, os proprietários aqui são turcos.

SPK_1 Foi ali que você aprendeu turco?

SPK_2 Sim, foi ali que eu aprendi turco, fiz o ensino secundário lá e eles têm duas modalidades, tem um currículo nacional e tem um Cambridge, eu tenho os dois, mas decidi continuar com o nacional para a universidade, na altura, eu queria **letras**, queria fazer letras, porque muitos que saem dali vão fazer engenharias, então eles são engenheiros civis, engenheiros mecânicos, eletrônicos, só que eu nunca entendi matemática, nunca gostei de física, nunca fui amante de química, eu entendia mais biologia e letras, português, filosofia, etc. então, eu quis seguir letras, mas a escola não tinha letras, então, tivemos que fazer uma turma, que na altura eram só **cinco** pessoas na escola toda, que faziam letras, depois disso, eu concorri para fazer... fiz a licenciatura em Ensino de Português na Universidade Pedagógica... em 2017, 2017, sim, fiz um... para ser sincero, não tinha intenção de fazer o curso, **inicialmente**, eu queria fazer direito, mas fiz o curso por causa de documentos, não tinha documentos para fazer, para concorrer para a UEM, a UEM queria muitos documentos, eu não tinha, a UP queria poucos documentos.

SPK_1 Mas em termos burocráticos? Ou tipo propostas de pesquisa?

SPK_2 Não, é a mesma, burocracia, que não permitiu entrar para a UEM, para a licenciatura... então, só concorri para a UP, só entrei para a UP e fiz o curso de ensino de português, no primeiro ano foi difícil o curso, porque eu não queria fazer aquele curso, estava ali porque não queria ficar em casa, sentado, então, foi difícil... mas depois, no segundo, terceiro ano, comecei a **gostar** do curso, a ganhar gosto pela coisa, me descobri lá, me encontrei lá, descobri que é o que eu queria, o que eu precisava fazer para mim mesmo, para aquilo que eram as minhas ambições... e dentro do curso havia muitas cadeiras, tínhamos a própria psicologia, a psicolinguística, a sociologia, a sociolinguística, as **didáticas**, etc., etc. e eu me interessei mais com a sociolinguística, era uma das cadeiras que eu mais gostava no curso, nós fazíamos... na licenciatura fiz um major e fiz um minor, então, o meu major era português, ensino de português, o meu major- aliás, minor era ensino de inglês, major, ensino de português, minor, ensino de inglês, nos dois cursos havia algumas cadeiras similares, mas no inglês havia uma e outra que eram diferentes, como eu já tinha gosto pela sociolinguística, quando terminei o curso, logo comecei a concorrer para a UEM para fazer já o mestrado, queria fazer Língua e Sociedade na UEM, queria ter feito em dois mil e- no ano passado, e este ano aqui terminar, só que o curso não abriu no ano passado.

SPK_1 Falta de estudantes.

SPK_2 Sim, falta de estudantes, o curso não abriu no ano passado, só abriu este ano e não tinha Língua e Sociedade, então, a secretaria ligou e disse que só tem Ensino de Português Língua Segunda e Bilinguismo, então, disse que vou fazer Ensino de Português Língua Segunda, e cá estamos.

SPK_1 E tem ali uma motivação para... pela qual você escolheu a UEM depois da UP?

SPK_2 Tem, sim, a UEM... posso dizer que é a melhor universidade que nós temos, a nível nacional, então, eu como queria fazer mestrado, eu só podia fazer esse **upgrade**, eu estava entre ou fazer UEM ou sair do país, tipo fazer fora do país, mas não gosto muito da ideia de sair para fora porque tenho muitas responsabilidades aqui, tem a minha família aqui e dependem todos de mim, então não tem como sair, por isso é que só pude ir para a UEM.

SPK_1 Ok, ok, e o mestrado, você encontrou o mestrado com a mesma carga de burocracia para entrar do que a licenciatura?

SPK_2 Não, eu acho que agora, porque eu estava mais **preparado** também, burocraticamente, eu estava mais preparado para lidar com isso, então foi fácil, foi muito fácil.

SPK_1 E vocês têm que entregar, tipo, nas suas candidaturas uma... tipo um pré-projeto, não é?

SPK_2 Sim, um pré-projeto.

SPK_1 E pode falar um pouco sobre o seu pré-projeto?

SPK_2 Eu trabalhei... no pré-projeto eu propus uma análise dos programas de ensino do português na perspetiva cultural, até que **ponto** é que os **programas** de ensino que estão adotados na escola secundária em particular, porque eu tava a analisar o plano curricular de ensino secundário, até que ponto é que ele aborda aspetos culturais... locais, acima de tudo, porque é um plano **vasto**, é um plano para o país todo, então, até que ponto é que ele dá aberturas para... nas localidades, nas aldeias, nas **cidades**, diferentes lugares, eles se enquadram em aspetos culturais, essa análise que eu fiz no pré-projeto, e acho que os professores apreciaram e aqui estamos.

SPK_1 Você tem que acabar com as cadeiras e depois pode começar com o trabalho?

SPK_2 Eu queria ter começado ainda este ano aqui com o projeto para a defesa, só que com muitas coisas que têm ocorrido na minha vida agora, trabalho, muitas coisas, não deu, mas no próximo ano, se Deus permitir, logo no início.

SPK_1 E a sua ideia inicial vai mudar um pouco ou é sempre aquela?

SPK_2 Não, o meu pré-projeto mudou **completamente**, vou trabalhar com... com o professor Chimbutane, vou trabalhar com ele, se estiver disponível, porque eu ainda não falei com ele, eu vou trabalhar com ele na área de bilinguismo, vou trabalhar com alternância de códigos, **até agora**, é a opção número um, code-switching, em contexto de aprendizagem de língua segunda, até que ponto que code-switching ajuda na comunicação, até que ponto que ele **facilita**, até que ponto que ele **dificulta**...

SPK_1 Um assunto que também permeia a área de bilinguismo.

SPK_2 Sim, sim, então eu vou trabalhar nessa área.

SPK_1 E é porque também você está interessado na área do bilinguismo ou é só uma questão...?

SPK_2 Não, estou interessado, estou interessado, estou interessado, eu sou ativista social, sou membro de uma associação e nós lidamos muito com pessoas, com trabalhos sociais, etc. então, eu entendo que educação é a **base**, e a ideia do bilinguismo visa trazer **inclusão** na educação, e eu como ativista, tando neste curso, olho para isso como uma oportunidade de ter ferramentas teóricas e não só para aplicar no terreno, então a ideia do bilinguismo é boa, por exemplo, se eu desenvolvo um estudo com base em outros estudos que também já foram desenvolvidos, será mais uma riqueza que nós vamos levar ao terreno e talvez muitas crianças que não falam português que se sentem, de certa forma, em contexto de aprendizagem, se sentem intimidadas, etc., podem se soltar e isso facilitar o enquadramento deles no ensino e automaticamente pode, dessa forma, ditar o sucesso deles na escola e na vida, esse é o objetivo.

SPK_1 Estava um pouco curioso porque... se você escolheu, agora, se o projeto de agora está um pouco também ligado ao bilinguismo, porque é que... você escolheu em primeiro lugar didática de língua segunda em vez do bilinguismo, porque... estou também a falar com outras pessoas e elas disseram que tem uma falta de alcance das informações de alguns cursos, pode ser que o curso de bilinguismo não teve um alcance de informações tão bom para chegar a você?

SPK_2 Sim para escolher, foi a mesma coisa, foi a mesma motivação, porque nós recebemos as ligações da secretaria, eles ligam e dizem, “tu ainda estás interessado em fazer o curso?” eu digo, “sim, quero fazer o curso”, então eles dizem, “nós não temos Língua e Sociedade”, que é o curso que eu tinha escolhido e eu já tinha lido sobre o curso, então eles dizem, “temos Ensino de Português, Língua Segunda e Bilinguismo”, e depois acho que deram um... tínhamos que responder no mesmo dia ou no dia seguinte, eu disse a eles, “vou responder amanhã. Vou ligar amanhã para responder. Porque eu ainda preciso ver”, e eu acabei levando **três dias**, [risos] eu levei três dias, porque eu precisava pesquisar um pouco mais, e não tive muita informação sobre bilinguismo, tive mais informação sobre ensino de português, a única pessoa que me falou sobre bilinguismo foi minha professora de português da Willow, da escola secundária, porque ela fez literatura na UEM, então ela falou um pouco do curso de bilinguismo como mestrado... ela disse que até a altura em que ela estudou não havia **muitos** recursos em termos de materiais e que ela não sabe como é que está **agora**, ela disse que há um desafio **grande** em trabalhar com bilinguismo em detrimento do ensino de português, e que para este nível, para o mestrado, é mais recomendável- porque são áreas que se ligam a essas, se cruzam, então, ela recomendou-me que fizesse ensino de português, porque ia me ajudar a enriquecer para, talvez, o doutoramento e ir para o mestrado em bilinguismo com esta intenção de contribuir de forma muito... muito ativa então é por isso que eu escolhi o curso.

SPK_1 E você queria continuar com o doutoramento depois do mestrado?

SPK_2 Sim, vou continuar logo depois do mestrado, pode ser na UEM, a princípio é só UEM, já não penso em fazer fora.

SPK_1 Outras universidades.

SPK_2 tipo nem fora, não penso em sair para estudar fora, mesmo por causa disso que eu disse, responsabilidade

SPK_1 E mesmo que isso, ...é disso que eu queria falar, ou seja, como é que é conciliar a vida tipo... pessoal e trabalho e estudar na universidade? [risos]

SPK_2 É difícil, é difícil, ainda agora, antes de chegar, eu estava fazendo o... estou a fazer o trabalho da professora Samima, porque temos que entregar amanhã.

SPK_1 Ai, ok.

SPK_2 E agora tenho aquela reunião que eu disse, e depois tenho que ir para migração, é muita coisa ao mesmo tempo, é difícil, mas eu entendo que nós somos jovens, estamos naquela idade de experimentarmos todo e eu estou a aproveitar cada, cada parte deste processo.

SPK_1 Para absorver as experiências.

SPK_2 Sim, é difícil, por vezes é muito... há dias que eu saio, para a faculdade, fico no estacionamento, paro assim, desligo o carro e depois paro, respiro, uns 15 minutos, depois vou parar, às vezes me atraso ali em baixo, mas pronto, já conseguimos resolver um semestre, falta o último, ficou pouco.

SPK_1 Falta o último semestre, ou seja, o próximo semestre?

SPK_2 Não, este é o último semestre.

SPK_1 Ah, este é o último semestre.

SPK_2 Estamos já a fazer trabalhos para entregar e depois já terminamos.

SPK_1 Ok, ok, ok, não, eu perguntava só porque parece, nas entrevistas que eu fiz até agora, que tem ali um nível de exigência da universidade muito alto, não é?

SPK_2 Sim, sim, sim.

SPK_1 Mas você acha que é um nível justo? Demais alto, ou é um... pode melhorar?

SPK_2 Sim, para este nível eu acho que é ideal, eu até disse ao professor Chimbutane no início do semestre, quando ele perguntou o que é que nós queríamos para este semestre, eu disse a ele que talvez puxasse um pouco o nível de exigência, porque nós sabemos que estamos a nos **treinar** aqui, isso é que é mestrado, não é licenciatura, não é ensino secundário, para mim é que não pode haver aqueles mimos, sim, é, mas para quem está preparado e para quem sabe o que **quer**, é fácil **gerir**, é fácil conciliar vida profissional, vida pessoal, vida académica, é muito fácil fazer isso, tendo em conta, por exemplo, eu tenho hora, quando íamos à aula, não importa o que eu tenho nesse dia, até 14h30 eu tenho que parar tudo e ver o que é que nós temos para hoje, percebe? Um dia antes eu já preparo, eu acordo 4h30 a máximo, já estou acordado, porque temos que rezar logo de manhã, então, depois eu aproveito fazer, por exemplo, organizar meus trabalhos, falo com alguns colegas para ver o que é que temos para hoje, etc. então, preparo uma parte de manhã e à tarde é só para aquela observação, percebe? só para chegar à aula preparado, então, 14h30, eu acho que tudo isso parte, acima de tudo, do interesse, da motivação que cada um tem já agora, eu acho que todos os meus colegas são motivados, porque ninguém estaria a fazer aquilo em um curso, que para nós, não é tão barato, um pouco caro, então, ninguém estaria a fazer aquilo sem estar motivado.

SPK_1 E nós falámos de dois elementos um pouco... que podem fazer compreender o porquê ali estão poucos estudantes, ou seja, a exigência e... [SPK_2: o preço] o preço, as propinas, concorda com isso, ou seja, o número, a falta de estudantes, tem por quê?

SPK_2 Eu acho que tem mais a ver com o valor, tem mais a ver com o preço, o custo do curso, sim, o preço, porque há muita gente que tem, que quer continuar a estudar... mas não, pronto, eu acho que vou trazer mais um fator, um terceiro elemento, mas o primeiro para mim é esse, é o preço do curso, muita gente gostava de continuar a estudar, porque nós temos uma coisa, antes nós valorizávamos muito quem tivesse décima segunda, quem terminasse na secundária, muito valorizado, depois de um tempo, décima segunda já não serve, agora é licenciatura, quem tem licenciatura é muito bom, e agora são muitos licenciados, então a licenciatura está perdendo pouco a pouco, agora todo mundo começa a pensar em fazer mestrado, na minha lista de amigos, muitos não pensavam em fazer mestrado, mas com o tempo, eles começam a criar essa ideia de, de fazer mestrado, e tem esse, tem a exigência do próprio curso, mas também tem o fator trabalho, a pessoa fez 12^a, depois fez licenciatura e não tem emprego, então começa a se perguntar “por que é que eu vou fazer mais um, se isso aqui não está funcionando”, percebe? E isso desmotiva a pessoa, a falta de emprego... muitos saíram da UEM, o professor Firmino, acho que conhece Gregório Firmino, falava muito de alguns estudantes dele, que ele quando viajava para Inhambane, encontrava ali a vender crédito, a vender bacias, a vender peixe, percebe? Isso desmotiva o estudante, e são pessoas que deram uma boa performance na escola, **super** inteligentes, mas no final a vida profissional não foi tão favorável para eles, então ele começa a questionar “porque é que eu vou me esforçar para ser mestrado, se fiz isso aqui não dá”, eu acho que é uma das coisas que também desmotivam a **muitos** para não seguir com o mestrado.

SPK_1 É porque o mestrado, afinal, é uma coisa mais para a pessoa, não é tipo uma opção a mais... tipo, ao sair do mestrado eu tenho mais possibilidades de encontrar trabalho.

SPK_2 Não, principalmente porque no nosso país o... o grande... contratante, ou a entidade que mais contrata no- em Moçambique é o Estado, o Estado contrata mais professores, mais médicos, o Estado contrata tudo, só que o Estado não paga mestrado... eu tenho mestrado, posso concorrer, entrar, mas meu salário não será como mestrado, o máximo será de licenciatura, percebe? Se eles têm uma folha de salário, por exemplo, se eles pagam 20 mil meticais para licenciatura, eu mesmo como mestrado vou receber 20 mil meticais, então, isso também tem, tem a ver...

SPK_1 Tem a ver com isso, e o que é que pode fazer um mestrado depois de sair da, da, do curso, do mestrado, o que é que pode fazer, no sentido de onde é que pode trabalhar, além do Estado?

SPK_2 O Estado pode não pagar, mas reconhece que alguém que tem mestrado tem mais competências, eles só não querem soltar dinheiro, mas eles reconhecem que Filippo que fez mestrado e Inácio que fez licenciatura, Filippo é melhor, Filippo pode contribuir mais, por exemplo, no desenho de materiais... eu gostava de trabalhar na planificação, no Ministério da educação, é meu sonho, não sei se dá dinheiro, mas é meu sonho, eu tenho aquela coisa de querer deixar a minha marca, e o meu legado acima de tudo, e eu entendo que faço isso fazendo coisas **práticas**, desenhar alguma coisa que vai ser usada, propor alguma coisa que vai beneficiar alguém, então eu queria trabalhar nisso, mas se tivesse que ser diferente do Estado, ter competências, por exemplo, em línguas, é uma coisa que abre portas para quase tudo, eu estou trabalhando numa empresa, isto aqui é uma empresa de construção, agora tu perguntas como é que eu vim parar aqui, fazer isso, eu aqui lido com a parte burocrática da empresa, todos os documentos, etc., passam por mim, percebe?... Nós projetamos tudo, documentos, aquelas coisas todas, percebe? É preciso competência para saber, por exemplo, para onde partir, como redigir, como interagir com as pessoas, dar as caras, participar, os cartórios, os tribunais, municípios, etc. tudo isso, e... não acho que a licenciatura, **pode** ser suficiente sim, mas não acho que a licenciatura seja o **fim** para isso, com mais capacitação, mais trabalho por via do mestrado, não só, acho que é possível desenvolver mais... a competência emocional para lidar com tudo.

SPK_1 E quanto é que falta em termos de experiência, de carreira para alcançar o seu desejo, o trabalho, para tirar o trabalho lá no Ministério?

SPK_2 Eu queria fazer mestrado, para quando nós formos, quando for concorrer, porque lá é concurso, tens de concorrer para entrar, quando for concorrer ter essa vantagem, entende? Não sermos muitos licenciados, tem que ser muitos licenciados.

SPK_1 Então, seria antes do doutoramento fazer, tentar...

SPK_2 Sim, começar a trabalhar com o ministério.

SPK_1 Ah, ou enquanto você trabalha no Ministério, você também quer fazer o doutoramento?

SPK_2 Fazer o doutoramento, sim.

SPK_1 E você acha que depois do doutoramento, sei que é uma coisa um pouco assim, longe de ti, mas pronto, ao acabar com o doutoramento, você queria permanecer ali no Ministério ou queria mudar?

SPK_2 Pode ser o Ministério, mas também quero lecionar, mas na universidade.

SPK_1 Na universidade?

SPK_2 Sim, eu poderia estar numa sala de aulas agora, a dar aulas da décima segunda classe, “Porque, sujeito! predicado!” [risos] poderia estar a fazer isso, mas não me interessa muito, quero ir ensinar na universidade, por uma simples razão, eu entendo que estudantes universitários, tu quando entras, a tua concentração não é 100%, mas depois de um semestre, dois semestres, tu comesças a levar a **sério** aquela vida, e é com isso que eu me vejo a trabalhar, com pessoas que sabem o que querem, acima de tudo, bom, há problemas no nosso processo de ensino, na escola secundária, há muita coisa que as pessoas despacham, é por isso que na escola, é por isso que chega a licenciatura, alguns nem sabem escrever como deve ser, nem sabem ler como deve ser, porque é um trabalho que não se faz lá de base, entende? Mas eu entendo que gostava de trabalhar com esse nível na licenciatura, talvez primeiro, segundo, terceiro ano, por aí.

SPK_1 E não se pode lecionar só com o mestrado?

SPK_2 É possível, sim, mas com a licenciatura não é possível, tem que ter mestrado para poder lecionar, tem um... há possibilidades de eu sair do mestrado e se, se quiser começar a lecionar numa universidade pública mesmo... vai depender, mas há essa abertura, sim.

SPK_1 E eu queria também falar... do facto de você ser o chefe da turma, ou seja, como é que foi escolhida essa coisa?

SPK_2 Eu não queria [risos], eu não queria, eu agora estava falando com a professora Julieta, você conhece a professora Julieta?

SPK_1 Não.

SPK_2 Julieta é uma professora deu nos Linguagens e Representações Sociais, no semestre passado, a professora Julieta Langa, ela... digamos, nos tivemos aulas com ela às segundas, primeiro dia de semana, então, primeiro dia de semana de aulas na faculdade, primeiro dia desse curso foi uma segunda-feira, e estavam ali alguns colegas, acho que nós estávamos entre rapazes, eu, Jorge Tembe, Santos Palata e Miguelito, só quatro pessoas, sim, quatro ou cinco pessoas, então, a professora era- quando chegou, logo perguntou “quem é o chefe de turma?” nós ficámos [SPK_1: espantados] sim... “Começámos agora a aula, é o primeiro dia, nem sabemos o nome um do outro ainda, quem está a chegar”, etc. então, não sabemos ainda o nome um do outro, depois, a aula decorreu, decorreu, e ela disse, “até o final dessa aula, temos que ter o chefe da turma”, e eu queria que fosse o Jorge Tembe, porque ele é responsável, é uma pessoa admirável, é muito esforçado, o Jorge Tembe, mas o que que foi depois? Ah, criámos um grupo de

WhatsApp, aquele grupo de turma WhatsApp, depois ela começou “vou mandar umas coisas pelo email” a professora, “e depois vocês partilham para o grupo” os colegas, eu criei o e-mail na turma, ali **mesmo** na turma, criei o e-mail da turma, criei o grupo de WhatsApp, a professora mandou a informação, partilhei para o grupo, foi muito rápido e a professora disse “tu vais ser o chefe da turma”... eu disse “não...” por causa da minha agenda, por causa das minhas prioridades, eu jurava que não fosse fácil para mim, né? Estar atento ao e-mail, qualquer coisa mandar para o grupo, porque tem que mandar screenshots, há pessoas que dizem que, por exemplo, alguns colegas até agora não têm nome no sistema, não aparecem nas pautas, a professora Samima reclamou, somos só cinco na turma de... nós somos total nove, mas só cinco é que aparecem nas pautas, 5 ou 3, eu, Jorge e Francisca só, só os 3, os restantes não sei [SPK_1: como é isso?] tem a ver com as matrículas, com as mensalidades, etc. alguns tão tendo algumas dificuldades, então, antes de tudo, você tem que entrar pra cada, pra vida das pessoas, falar com elas, dizer, “Meta, tens de resolver esse teu problema”, “Mussa, tens de... tem que fazer as coisas, desculpa, tá, tá”, então, tudo isso eu não queria, é mais uma responsabilidade que eu tava a fugir, mas no final disseram, “epá, só pode ser” eu disse, “tá bom, vamos fazer uma coisa de experimentação. Três meses, e se não der, fica uma outra pessoa”. Graças a Deus, já estamos no fim.

SPK_1 E deu.

SPK_2 Foi uma experiência muito boa também, foi uma experiência boa.

SPK_1 Perguntava isso só porque queria me ligar a uma pergunta sobre o papel do estudante dentro da sala de aula, você tem um papel que pode ser um pouco maior, entre **muitas** aspas, dos outros, porque é o chefe da turma então tem que gerir essas coisas, mas... na essência, o que é que deveria fazer um estudante lá dentro da sala de aula? Qual seria o papel do estudante?

SPK_2 A este nível, o estudante é produtor do próprio conhecimento, o professor está ali só para filtrar, filtrar, então, o professor está ali para moderar, isto aqui é a baliza, o estudante não sair, mas ele por si tem que saber caminhar nesta baliza, quando estiver a fazer isto, o professor faz ele voltar para o coiso, entende? Então, eu acho que, acima de tudo, essa é o principal- a principal função do estudante, esse é o principal papel do estudante, ser... produtor do próprio conhecimento, os meus professores fazem uma coisa muito incrível, que eu acho que é uma facilidade muito grande, sempre que eles dão um trabalho, eles dão referências... eu, na licenciatura, é que facilitam mais, até, porque eu, na licenciatura, o professor **escrevia** no quadro, dizia, “podem ler Chimbutane 2007”, por exemplo, tu tinhas de procurar Chimbutane 2007, na biblioteca, na internet, por vezes nem apanhávamos, mas aqui eles dão fichas, aquilo que fazem, livros, e dizem “capítulo 11”, facilita-se muito, e dizem que não é só aquela leitura, tem que fazer aquela leitura e depois ler outras coisas para sustentar aquela leitura, o papel do estudante nisso é ser essa figura que **molda** o seu conhecimento, e isso acontece na turma, eu consigo perceber que isso acontece, com uma e outra dificuldade, mas acontece muito, à medida em que nós conseguimos, em aulas de bilinguismo, por exemplo, em teoria e prática com o professor Chimbutane, nós conseguimos ter um debate de quatro horas de tempo e assim trazer aspetos completamente diferentes, mas que no final se unem, [SPK_1: são interligados] são interligados, ali não se trata só de trabalharmos uma ficha de Benson, não é só uma ficha de Cummins, depois, no final, tem a parte da experiência que é suportada por essas teorias todas, então, eu acho que foi... acontece, esse é o papel do estudante, de ser o produtor do próprio conhecimento, com o professor ali a moderar, e isso foi possível observar durante o curso, por via dos... colegas.

SPK_1 Sim, eu também, nas observações que eu fiz, também pude... corroborar essa coisa aqui, e é muito interessante como vocês tomam muito seriamente algumas, alguns assuntos.

SPK_2 Exatamente.

SPK_1 E enquanto o papel do professor é mais de orientador, não é?

SPK_2 Sim.

SPK_1 E eu queria também falar sobre a **relação** que vocês têm com os professores e vocês têm entre vocês... colegas como é que é a relação com os professores? Ou seja, é uma relação puramente, meramente profissional? E tem ali seriedade, ou tem ali uma espécie de... pode acontecer algumas coisas tipo jocosas, leves, piadas...

SPK_2 Não, eu acho que com todos os professores é uma relação não meramente académica, é uma relação que extrapola o académico, nós- eu costumo dizer que a universidade ou a faculdade é, acima de tudo, formação **humana**, nós nos formamos como homens, por isso mesmo é que tu podes ter alguém e temos muito na turma, a Francisca, por exemplo, ela fez fiz qualquer coisa que tem a ver com cultura, mas estava a ensinar, depois de um tempo passou a trabalhar para um laboratório, percebe? É formação humana, à medida que a universidade te permite essa adaptação em diferentes setores, fácil adaptação em diferentes áreas, tu ficas preparado sobre os caminhos para isso, e é possível quando o teu professor não está ali como **polícia**, como **comandante**, “é isso, é isso”, não, as pessoas não são assim, todos os

professores têm lado **humano**, né? O lado humano, as brincadeiras, as piadas, etc. vimos com o professor Chimbutane recentemente, a professora Samima também tem muito disso... cria um ambiente muito confortável para a interação, por isso é que mesmo nós nos sentimos à vontade para partilhar aquelas experiências mais **profundas**, na última aula, a Francisca, ao contar um cenário dela, começou até a lacrimejar, ficou muito emocionada, aquilo é impossível acontecer num ambiente em que você sente que tem **comandante** ali, tem uma polícia ali, isso é **prova** de que o professor está ali não só para desempenhar o papel de docente, como também de nos orientar como... partilhar connosco, como ser humano, como pessoa igual a nós.

SPK_1 E também ensinar a abrir os olhos.

SPK_2 **Exatamente...** [SPK_1: Sobre o mundo] sobre o mundo, sobre a vida, algumas ilusões que nós tínhamos, eles ajudam, porque são pessoas com experiência, são pessoas que têm 60, 50 anos, viveram muito mais, eu tenho, estou com 25 anos de idade, eles têm o dobro, o dobro e mais alguma coisa, né? Disso, e... bom, é interessante essa partilha.

SPK_1 Sim, é interessante mesmo porque eu também vi, pude constatar que em algumas aulas se fala muito sobre, tipo, tópicos que são um pouco **sensíveis**, não é? Sexo, religião, política e tudo mais, mas, tem ali uma diferença em **gerir** essas conversações, porque... estou aqui a explicar duas aulas que eu pude ver, uma do professor Chimbutane e uma da professora Samima, a professora Samima é muito mais, acho eu, investida na fala e nesses tópicos sensíveis, enquanto o professor Chimbutane, por exemplo, quando falámos sobre o ensino debaixo da árvore, não... queria dar uma própria [SPK_2: experiência], experiência, e porque é que acontece isso? Ou seja, por que numa aula se pode falar de um... um tópico tabu e mais alguma coisa, e numa outra é um pouco mais limitada entre aspas.

SPK_2 Porque, acima de tudo, tem a ver com aquilo que são os objetivos da aula, eu acho que tem mais a ver com os objetivos da aula, mas no fundo nós sentimos um pouco disso, um pouco de **partilha**, disso mas a diferença é que é a **proporção** com que o professor **partilha** experiências, há uns que partilham **mais**, há uns que partilham **menos**, percebe? É o que acontece, por exemplo, a professora Samima, ela sim, ela gosta muito disso, e é bom, ela partilha muito a experiência dela, isso abre-nos a visão daquilo que nós nem tínhamos conhecimento, não fazíamos ideia, o professor, tipo o Chimbutane e não só podem partilhar pouco, mas partilham alguma coisa que eles viveram, só que prontos alguns- a professora pode ser de forma muito direta, muito objetiva, muito clara, o professor Chimbutane pode ser mais... [SPK_1: desviado...] sim, desviado, mais subjetivo, tem-se de entender com aquilo que ele diz, mas no fundo eles partilham... bom, se há uns que optam por reservar esse lado da experiência, talvez tenha a ver com o objetivo que eles têm para aquela aula, e o tempo também é reduzido, às vezes, nossos debates duram três, quatro horas e por vezes o professor tem que cortar ou nós temos que cortar e dar espaço ao professor porque ele tem que dar aquelas notas gerais, o tempo é reduzido para fazer toda essa contextualização, sendo que a professora Samima do início, ao **fim**, ela vai fazer de forma **transversal**, a partilha de experiências, ela ensina e ali no meio coloca uma experiência para nos ajudar a entender melhor.

SPK_1 Começando pelas experiências vai até ao conhecimento.

SPK_2 Exatamente, porque é uma estratégia que funciona, são coisas diferentes, são coisas diferentes, são pessoas diferentes, mas tudo tem um objetivo e **funciona**.

SPK_1 E... por outro lado, a relação entre vocês, colegas, como é que é? É uma relação tipo, entro na sala de aula... somos colegas, depois saio e...

SPK_2 E não há mais nada? [*riso*]

SPK_1 Não há mais nada.

SPK_2 Não não não ...é uma relação muito boa, obviamente que há aquilo de alguém ter mais inclinação em falar, em interagir com uma pessoa do que outra, mas a relação não é só, não é só académica, não termina ali, não termina ali, é uma relação de... eu, por exemplo, com dois colegas de turma, durante este processo todo, eu casei recentemente, durante este processo todo estive em constante interação com **dois colegas** que eu conheci no semestre passado, estão casados e eles me orientaram em algumas coisas, não tava só a fazer, a preparar o casamento... a nossa casa também, a casa onde eu vivo agora estava em construção e algumas coisas, alguns desafios que eu fui vendo, etc. interagia muito com esses dois colegas em particular, e ajudou-me muito, só para entender esse tipo de relação, eu abri o meu mundo para elas, trazer esse lado sensível, que era casamento, algumas pessoas nem consegui convidar, etc. de... minha casa, por exemplo, que também é outra coisa, muito sensível, então abrimos o mundo, porque eu senti que elas também tinham essa abertura, então não é só académica, tem esse lado **humano**, tem esse lado pessoal.

SPK_1 E se nota, se vê, esta diferença entre os que estão a fazer o curso de mestrado em bilinguismo e os que estão a fazer o curso de mestrado em didática de línguas?

SPK_2 Não, essa diferença só se nota às **segundas e quintas**, quando não estamos juntos, é diferente.
SPK_1 Ok, divididos.

SPK_2 É uma sensação muito estranha quando a turma está dividida, quando não está Miguelito, não está Mussa, não está Carlota, fica uma coisa muito estranha, não é a mesma coisa nesses dois dias, isso é uma separação meramente **formal**.

SPK_1 Afinal, tem ali umas coisas que a UEM poderia... ah, sim... outra coisa, sobre atividades **práticas** ou estágios, tem?

SPK_2 Não, a título de exemplo é cadeira de bilinguismo, nós tínhamos de ter ido a uma escola bilingue para ver **de perto**, a realidade, no entanto, não foi possível, o professor disse que a faculdade ou a universidade não conseguiu nos dar as credenciais, acho que isso tem a ver com a **interação** também com a própria escola, parece que houve muita burocracia, que não foi possível termos autorização, então, infelizmente, não tivemos, talvez no... nos trabalhos, nos projetos.

SPK_1 Ah, sim, uma espécie de trabalho de campo que funciona também como estágio ou atividade prática... e, além disso, você acrescentaria algo mais dentro do sistema universitário... [SPK_2: para este curso?] que pode ajudar os estudantes.

SPK_2 Sim... há algumas cadeiras que nós sentimos que eram muito repetidas, tem algumas cadeiras que, não sei se eu digo desnecessárias, mas algumas cadeiras que podiam ser... unidas... prefiro aqui não citar, mas há lá cadeiras que, por exemplo, o curso eu entendo que não precisa ser de um ano, mas há algumas cadeiras que não precisávamos ter de forma separada, podia-se juntar o que basicamente é a mesma coisa, cadeiras do mesmo **semestre**, não cadeiras de semestres diferentes, cadeiras do mesmo, por exemplo, no semestre passado, tínhamos duas cadeiras, nós recomendávamos que isso podia ser a mesma coisa, porque o que se falava aqui, era o mesmo que se falava ali, exatamente a mesma coisa, então, podia ser isso, talvez eles, talvez, ia propor a... como é que seria? A **revisão** do programa do mestrado para esses dois cursos, ensino bilingue e o outro... a revisão, ia propor a revisão desses programas para ver até que ponto é que uma cadeira complementa a outra e se há necessidade de matérias separadas ou se juntamos.

SPK_1 E em termos de tempo, você acha que o tempo dado é... [SPK_2: é ideal] é ideal?

SPK_2 [SPK_1: É justo?] Sim, é justo.

SPK_1 Então, dois anos bastam?

SPK_2 Não sei, talvez com essa readaptação, se eles fizessem esse cruzamento, acho que seria... teria de ser 2 anos, é interessante, sim, porque é muito **intenso**, seria muito **intensivo** trabalhar com aulas e o projeto ou a defesa no mesmo ano, seria muito difícil, porque ou as aulas teriam que ter menos, menos teriam de ter menos carga horária, o que ia comprometer a **qualidade** das aulas, ou o trabalho seria **despachado**, então, se tu tens um ano **inteiro** só pra fazer o trabalho, eles entendem que precisa desse tempo pra fazer uma pesquisa **organizada**, devidamente **estruturada**, uma coisa **digna** deste nível, então acho que dois anos está bom.

SPK_1 Agora é dois anos, não é?

SPK_2 Sim, agora é dois anos, este e o próximo ano estamos a terminar.

SPK_1 Mas o próximo ano não tem cadeiras, só tem trabalho?

SPK_2 Só tem trabalho, só com supervisor.

SPK_1 E como é que são escolhidos os supervisores?

SPK_2 Pelo que nós entendemos, tu propões o tema, mandas o projeto e a universidade indica a comissão, acho que é a comissão científica, acho que a universidade tem uma comissão científica que propõe um supervisor, mas há a abertura de tu entrares com uma proposta, por exemplo, eu disse que eu trabalho com professor Chimbutane, eu posso escrever uma coisa, mandar para ele e dizer que eu gostava de trabalhar com ele, então eu vou submeter o projeto, já com esta, com esta, com esta... vantagem.

SPK_1 Ultima pergunta, eu acho, sobre uma coisa muito geral... o que é que a UEM ou a faculdade ou até o curso... pode fazer de concreto para melhorar um pouco a situação, por exemplo, da educação bilingue dentro do país, tem ali uma coisa que se pode fazer, porque eu sei que a Universidade participou **muíto** dentro dos projetos que até agora foram, foram feitos, mas... estava a me perguntar se poderia ter algo mais a fazer, não sei se a Universidade está a fazer o **máximo** que pode, ou pode até, sei lá, ultrapassar esta barreira.

SPK_2 Sim, eu não sei se depende da universidade, pode haver uma limitação da própria universidade, mas há necessidade de haver mais **intercâmbio**, nós somos estudantes, estamos no final do semestre, no próximo ano, alguns nem hão de se ver, cada um estará fazendo o trabalho dele, no seu campo, outro estará fazendo outro trabalho no seu campo, é bem provável que este ano, esta semana, ou próxima semana, seja uma que alguns colegas não vão ver um ao outro, isso que eu estou a falar dentro **daquela turma**, não estou a falar com outros cursos, **muito menos** com outras universidades, **muito menos** com outras

instituições, onde essa teoria se aplica, intercâmbio, porque nós estamos a falar de teoria, nós temos **bases** teóricas, suportes teóricos, estamos a aprender, estamos a colher muita informação, que tem que ser aplicada em algum sítio... eu entendo que não podíamos esperar chegar à parte profissional, tipo, à fase profissional para poder implementar estudo no terreno, era preciso haver uma... criar-se intercâmbio, ainda no processo de formação, essas visitas que não funcionaram, por exemplo, com... pra cadeira de bilinguismo... bom, nós até podemos dizer que é normal, mas não é, não é tão natural, não é tão normal, não é aceitável assim, não é aceitável assim, porque a este nível, para **esta** universidade, essas coisas têm de ser preparadas **muito** antes, se o curso **abre**, é porque já tem um cenário **todo** montado, esses alunos, no segundo semestre, para esta cadeira, terão que ir para o **terreno**, e o terreno é **este**, e já está a- já está **preparado**, e nós não conseguimos fazer isso tudo vai ser uma surpresa no ato da colheita de dados, não fica bem, percebe? Então, intercâmbio, foi um sinal de falta de organização, acima de tudo, falta de preparo, e depois ficamos sem entender porque o curso não abriu no semestre passado, o que é que terá? Será que... bom, poderiam ser estudantes, sim, mas se eles ficaram **um ano inteiro** sem abrir o curso, para agora abrir o curso e não conseguirmos ir a uma escola, para fazer uma observação complicada, e tem uma outra cadeira também, que acho que é didática de alguma coisa, com professor Nelson, que temos que fazer observação, temos que fazer observação de forma individual, eu tenho que procurar uma escola, a universidade não vai dar credenciais, [interrupção] a universidade não vai dar credenciais, eu tenho que procurar uma escola, e vou para lá fazer observação de algo.

SPK_1 Pode ir ali sem credenciais?

SPK_2 Aí funciona a **influência**, agora temos que usar a influência para podermos ter o coiso, ter matéria de avaliação, porque não fica bem, então, tem essas reservas, isso tudo aí se traduz em intercâmbio, networking, a Universidade não está apostando muito em networking, a Universidade não está apostando muito em networking para o nosso curso com escolas e instituições que é o **próprio Ministério**, como é que eu vou terminar o curso a falar de programas, a falar de Ministério, se eu nunca ter ido ao Ministério? Se eu nunca ter tido esse contato com o **INDE**? Até quem sabe onde fica o INDE, **sério!** Isso não, não acho que seja...

SPK_1 Organizar parcerias com outras organizações e...

SPK_2 Sim, então, essa é a recomendação, ia facilitar **muito**, muito mesmo, ia dar mais credibilidade até para o curso, para a universidade.

SPK_1 Claro, ok, uau, então, podemos acabar aqui, visto que tem que ir, eu agradeço muitíssimo por ter encontrado o tempo.

SPK_2 Obrigado eu.

Entrevista O - SPK_1 Então, vamos começar logo, só com a pergunta para quebrar o gelo, eu queria que você me contasse um pouco da sua trajetória... escolar, ou seja, quais foram as suas escolhas a partir do secundário em diante.

SPK_2 Obrigado, o ensino secundário eu fiz no distrito de Malcominha, província de Cabo Delgado, ainda é Moçambique, fiz lá 8ª a 12ª classe, então depois do ensino secundário geral, eu pensei na necessidade de vir para o ensino superior e o curso que escolhi na licenciatura foi o ensino de inglês, que fiz no intervalo de 2018 a 2021, e este curso, que foi fantástico, tive a oportunidade de conhecer muitos colegas que me ajudaram bastante, professores também, e terminei, como eu disse no ano de 2021, quando fui fazer estágio numa escola secundária, a Eduardo Mondlane fica aqui no bairro de Ferroviário, então, depois, no término deste curso, encontrei também a necessidade de poder estudar, poder aumentar de nível, e pude pensar em três cursos, pude pensar em Criminologia Aplicada, Universidade de Manchester, Reino Unido, pude pensar em Linguística Aplicada, Universidade de Manchester, ainda no Reino Unido, e pude pensar também o curso de Criminologia, mas desta vez não é **Aplicada**, apenas Criminologia, e esta é na Universidade... a universidade, eu esqueci o meu nome completo, mas ainda na cidade de Manchester, por que a cidade de Manchester? Porque eu gosto de futebol, sou de Manchester United, então eu estaria na cidade de Manchester ver toda aquela cultura, mas ficou difícil por questões familiares, os meus pais lá em Cabo Delgado foram afetados pela situação de insurgência, então não foi favorável, eu gastava, por exemplo, as poucas economias que conseguia tratar documentos, vistos, fazer por exemplo certificado de língua inglesa, então preferi dar este pequeno investimento nos meus pais, na economia da minha família, e... resolvi fazer o meu curso de mestrado aqui na UAM, Bilinguismo e Educação Bilingue.

SPK_1 E a licenciatura também tirou aqui?

SPK_2 Sim, fiz licenciatura aqui.

SPK_1 E quanto é que foi fácil encontrar informações para passar pelo mestrado em Bilinguismo e Educação Bilingue? Porque falando com outros estudantes, eles disseram que... não encontraram muitas informações sobre o curso e por isso não o escolheram, e pronto, como é que você obteve as informações? Dentro da universidade, talvez? No site da universidade? Sei lá.

SPK_2 Não, sim, eu consegui informações ainda aqui na universidade, e... estas informações circulam nas redes sociais, porque a universidade tem Facebook, tem Instagram, então, quando se abre o período de candidatura para novos cursos, então, sempre ela lança essa informação, então, vi lá a informação que a faculdade lecionava o curso de Bilinguismo e Educação Bilingue, que a priori não foi minha escolha, eu queria fazer Língua e Sociedade, então, por falta de número de estudantes, para o curso abrir, eu fui dado a opção de escolher entre Língua Portuguesa como Língua Segunda ou Bilinguismo, então, como eu fiz inglês, não havia necessidade de fazer **português**, preferi fazer Bilinguismo e Educação Bilingue.

SPK_1 E tem ali algumas motivações a mais para a sua escolha ou é só mesmo porque... era, sei lá... uma- escolher em português não seria bom com a sua continuação de estudos? Quer dizer, se tem um interesse na Educação bilingue ou bilinguismo?

SPK_2 Eu tenho interesse, eu tenho interesse, porque trata-se de um curso que nos dota de princípios, de conhecimentos que são essenciais para a revitalização das nossas línguas e práticas culturais, hoje fica claro que onde há povo, onde há sociedade, há cultura, então, já com a educação bilingue, surgiu esta necessidade de ver que não é só um curso que vai lhe dar o grau de mestrado, mas sim é um curso que vai lhe abrir oportunidade de enxergar mais sobre si mesmo, sobre sua cultura e mais outras circunstâncias sociais que lhes são importantes, então motivação existe aí, poder crescer academicamente e também usar aquele crescimento para **impactar** o lado cultural da sua sociedade, e eu penso que esta é uma vantagem para o país, assim como para o continente.

SPK_1 Ok, e como é que você, segundo a sua opinião, vai traduzir essas motivações para além do curso de mestrado? Ou seja, quando você sair do curso, o que é que queria fazer?

SPK_2 Uma das práticas mais comuns eu penso que seria, por exemplo, tradução de livros, por que eu venho com a tradução de livros? Porque existe muito conhecimento acumulado dentro das nossas sociedades e que aquele conhecimento, por sua vez, não é acessado dentro das escolas, porquê? Não é acessado o conhecimento porque **há** falta de literatura, **há** falta de documentação, então, que tal, por exemplo, a... eu saísse da Universidade e buscasse... expandir este conhecimento através da literatura, através de produção de **livros** ou até mesmo conscientização social, uma espécie de educação da sociedade sobre a importância das nossas línguas, a importância das nossas práticas culturais e, sobretudo, como é que este conjunto- esta conjuntura **impacta**, tendo em conta as transformações sociais do século XXI, então, uma educação social, uma produção literária, eu penso que podem ser pontos viáveis em fazer este conhecimento, que é o que o mestrado dota, útil para a própria sociedade.

SPK_1 Ok, ok... e querias também continuar com o doutoramento?

SPK_2 [*Riso*] Ainda não pensei, mas havendo chances, havendo chances sim, porque havendo chances? Porque, como eu disse, existe **muito** conhecimento, mas este conhecimento não é expresso porque falta documentação, então, eu penso que o mestrado, aliás, o doutoramento é ainda mais amplo, ainda mais grande, então, havendo chance, eu penso que estarei em busca de mais repertórios que vão me dotar de garra, de capacidade, de fome, de vontade, de deixar as nossas culturas, as nossas línguas [*incompreensível*], então, havendo, eu poderia, poderia, poderia tomar o barco.

SPK_1 Ok, ok e, só por curiosidade, você já tinha ouvido sobre o bilinguismo antes de começar aqui o curso de mestrado?

SPK_2 O curso, sim, sim, sim, tinha ouvido.

SPK_1 Ok, e em outras... Modalidades? Tipo, sei lá, na televisão, na rádio... onde é que encontrou?

SPK_2 Ouvi esta informação a partir dos amigos, a partir dos amigos porque eu tenho... amigos produtores de material instrucional, então, durante este proce- aquele período de 2018 a 2020, ou 2022, havia aqui uma forte campanha de tradução de livros, tradução de livros em línguas moçambicanas, então, é ali onde apareceu me esta curiosidade, do que se tratava, então, dizia-se mais educação bilingue, educação bilingue, e eu busquei o que é educação bilingue, e dizia-se esta educação que se tem as línguas moçambicanas, mais o português, então, surgiu ali mais conhecimento.

SPK_1 Então, você quer virar mais para o desenho de materiais?

SPK_2 Eu gostaria, eu gostaria.

SPK_1 E acha que os cursos tirados, as cadeiras tiradas aqui, vão ser úteis e produtivas para alcançar os seus objetivos?

SPK_2 Vão vão vão, eu tenho máxima certeza, até porque se me permite partilhar uma experiência pessoal, eu tenho um livro escrito na língua suaíli, é um livro extremamente fantástico, só que ainda não foi publicado.

SPK_1 Você é falante nativo de suaíli?

SPK_2 Não, **quase** nativo, porque minha língua materna e suaíli estão assim [aperta dois dedos para dizer que são parecidas]

SPK_1 Qual é a sua língua materna, se eu posso perguntar?

SPK_2 Kimwani, e como se não bastasse neste exato momento, também estou a desenvolver um material instrucional de língua inglesa para estudantes de medicina, eu sou professor no Instituto de Medicina, então os meus estudantes não têm o material e eu encontrei necessidade de desenvolver um material para eles, está indo, um material que vai falar ali de doenças, prevenção, quer dizer, aquela introdução ao curso da Medicina, então, já quando venho aqui no curso, por exemplo, encontro Desenho de Material Instrucional, encontro Linguística Descritiva das Línguas Bantu, então eu penso que são ferramentas indispensáveis na produção de material para as nossas línguas.

SPK_1 E também, talvez, a contextualização dos tópicos de desenho de materiais, ou seja, talvez uma criança pode alcançar um objetivo melhor e maior quando se fala das coisas que ela conhece.

SPK_2 Claro, sim, claro.

SPK_1 Porque se falarmos em maçãs ou, sei lá, canetas e... pronto, não sei, dentro de uma comunidade que tem outras coisas, não vai dar muito certo... e outra pergunta, passando por outro tema, eu reparei nas aulas que eu observei que tem pouco... o número, um número baixo de estudantes, não é? E falei também com os outros estudantes sobre esse tema aqui e queria saber a sua opinião sobre as motivações, se há, o porquê tem um número tão baixo de estudantes... que fazem o curso de Bilinguismo e Educação Bilingue.

SPK_2 [*Riso*] É uma pergunta interessante porque, porque a educação em si, ela é movida por diferentes circunstâncias e fatores neste sentido, e que uns podem encarar a educação numa perspectiva **material**, financeira, tipo, eu vou fazer um curso, vou me formar, porque depois daquele curso eu vou ter dinheiro, vou ter uma boa vida, vou ter mobilidade social, um estatuto social tal, uma posição, etc. e que **talvez**, se este for o motivo, pode impactar na escolha **dos cursos**, e o Bilinguismo pode ser o caso, porque se nós formos a ver hoje em dia, bilinguismo trata-se de língua portuguesa, mais as línguas nacionais, mas, se formos a ver o estatuto das línguas, as nossas línguas ainda estão num tom, num tom mais baixo, numa posição desprestigiada, desprivilegiada, em que nós precisamos trabalhar o suficiente para nos colocarmos na posição em que as outras línguas se encontram, e que isso é importante e pode ditar até um certo ponto no porquê, assim como não, da escolha de bilinguismo... por parte dos estudantes, quando vão fazer curso de mestrado, por exemplo, eu encaro a educação não só numa perspectiva financeira, mas numa perspectiva em que esta prática vai revitalizar as nossas sociedades, vai produzir valores socioculturais importantes, um capital humano, uma sociedade onde as pessoas observam os comportamentos éticos e morais antes de agirem, e não só, eu observo também que a educação é uma chave importante para que **esta** promova a voz daqueles que ainda estão lá, dos grupos minoritários, dos grupos marginalizados, então, quem são esses

grupos marginalizados? São estes que usam, na sua maioria, as nossas línguas locais, então, é preciso estudar o bilinguismo para **fazer** entender, **deixar claro** que é possível uma pessoa que vem de uma sociedade recôndita, um povoado minoritário ter as mesmas oportunidades que aquela pessoa que vem da cidade, que vem de uma zona burguesa, de um país do primeiro mundo, etc. etc. então, talvez isto tudo venha a justificar o porquê de **uns** preferirem o curso e outros não puderam preferir.

SPK_1 E como é que é a sua relação com os estudantes de Português como Língua Segunda? É boa, é produtiva, sei lá, tem ali... entre parênteses, se você não quiser responder a qualquer pergunta, você pode, ok? Não é obrigado a responder a todas as perguntas, ok? Então, pode dizer “não quero responder” ou “não estou à vontade de responder”, tudo bem.

SPK_2 Não, a nossa relação é boa, até porque temos, temos são 10 cadeiras do curso e eu penso que fazemos metade juntos, por exemplo, no primeiro semestre todas as cadeiras, as 5, estivemos aqui juntos e no segundo semestre 3 cadeiras juntos, quer dizer, **8 cadeiras**, enquanto eles fazem Didática de Língua Portuguesa, nós fazemos aqui Tópicos de Bilinguismo, Educação Bilingue, fazemos o quê também? Fazemos Linguística- Tópicos de Linguística Descritiva, de bantu, e eles devem ter lá outra cadeira, então, passamos muito tempo juntos, nos associamos, até que no primeiro semestre Descritiva de Língua Portuguesa fazíamos exercícios juntos, nos encontrávamos para estudos, então a nossa interação é muito boa e eu, em particular, não tenho problemas com nenhum dos colegas.

SPK_1 Então, na sua opinião, não tem uma diferença entre os dois grupos?

SPK_2 Não existe muita diferença.

SPK_1 E... por outro lado, com os professores, como é que é a relação?

SPK_2 A relação é boa, eu também confesso, porque nós estamos num nível em que precisamos nos mexer muito, porque não é só a faculdade, é a faculdade mais trabalho, é a faculdade mais família, então, às vezes, um estudante pode não conseguir submeter a tarefa na data que um determinado professor deu, então, por exemplo, quando pedem que o professor aumente mais dias, o professor faz a questão de aumentar, tivemos este caso com o professor Carlos Manuel, no primeiro semestre... temos este caso, neste semestre, com a professora Samima, deu-nos mais datas, temos este caso com o professor Chambo e a professora Menezes, então... com o professor Langa, lá nas Línguas Bantu também tem muito disso, então a nossa relação é muito boa, quer dizer, os professores nos ouvem muito e nós queremos isso, gostaríamos assim e os professores seguem, conseguem atender as nossas necessidades, então, eu vou dizer que esta relação é muito boa.

SPK_1 Em termos de tempo e de gasto de energias entre aspas, você consegue, tipo conciliar a sua vida profissional, a sua vida privada com o estudo aqui na universidade?

SPK_2 Eu consigo, consigo principalmente depois de ter saído de um emprego para o outro, antes de ir para o instituto ser professor, eu trabalhei no atendimento de cliente, numa central de atendimento ao cliente, então ali era **muita** carga de trabalho, tal, tal, e não dava muito bem fazer este casamento justo entre o trabalho e a faculdade, então, mas logo fui pedir emprego numa instituição do ensino, a instituição do ensino atendeu, deu-me um horário, tendo em conta também o peso que eu recebo na faculdade, então, este casamento já ficou justo, ficou igual.

SPK_1 E eles não queixaram sobre o facto de você atender a universidade?

SPK_2 Não, nem tampouco, até que deram motivação de continuar mais a estudar.

SPK_1 Porque acontece também, eu já falei com outras pessoas, acontece que algumas vezes umas agências queixam porque uma pessoa está a estudar, não passa muito tempo a pensar no trabalho, mas passa a pensar a estudar, mas pronto... ok, e você acha que os dois anos de curso são um tempo justo para você alcançar objetivos, conhecimentos e mais alguma coisa? Ou queria um tempo a mais ou talvez menos? Sei lá.

SPK_2 ...Eu penso que o tempo é suficiente e também [riso] eu devo acreditar que o curso de mestrado deve estar mais aqui não para ensinar, mas sim para **estimular** uma curiosidade, é um estudante ir buscar o seu próprio conhecimento, fazer o seu próprio caminho de aprendizagem, então eu penso que o tempo foi favorável, apesar de termos iniciado o primeiro semestre tarde demais por questões políticas que nós tivemos depois das eleições, então isso interrompeu o fluxo das aulas, mas... fora disso, eu penso que o tempo é justo, tivemos um bom equilíbrio, apesar da pressão, que eu penso que é que é que é muito normal, pois trata-se de crescimento, enquanto crescemos de nível académico, as preocupações também devem crescer no nível de pressão.

SPK_1 No nível de exigência também para os professores.

SPK_2 Então devo acreditar que dois anos do curso... tá bom.

SPK_1 E você já pensou sobre o seu tema de dissertação?

SPK_2 Ainda não pensei necessariamente, mas consigo fazer alguma ideia de que mais ou menos eu vou

falar.

SPK_1 Porque eu sei que na candidatura você tem que entregar um- tipo um pré-projeto, um anteprojeto, gostaria de falar um pouco sobre o seu pré-projeto?

SPK_2 Sim, sim, posso, posso, no meu pré-projeto eu falei sobre o papel de... papel das línguas, não sei se ainda tenho a máxima lembrança, mas tem a ver com o papel das línguas na promoção de identidade em espaços culturais, porquê? Porque eu vou voltar para o meu primeiro comentário, nós estamos num contexto em que enfatiza-se muito por multilinguismo, mas é na mesma época em que vemos maior **ênfase** dar-se maior importância à língua inglesa, por exemplo, no contexto moçambicano, eu penso que já conseguiu caminhar pelo campus, explorar um pouco o campus e viu que nós temos o Instituto Confúcio, que é um instituto de língua chinesa, e quando vai para o Centro de Línguas, o Centro de Línguas, não sei se este ano abriu-se, mas nos tempos passados já havia o curso de **árabe**, e há o curso de italiano também! Então, quer dizer, enquanto nós nos abrimos para o multilinguismo, dizemos que não, é possível falar várias línguas ao mesmo tempo, nós sentimos dentro das nossas latitudes **ênfase** das línguas hegemónicas, que é o caso do inglês, o caso de francês, posso falar aqui ainda mais o caso do chinês, que está a vir **mais forte ainda** em relação ao inglês, então, isso tudo vai impactar na nossa identidade, enquanto estivermos a interagir com outras pessoas, há situações em que a pessoa pode se absorver, pode tentar **apagar** a sua **identidade** com vista a aparecer mais inglês, ou aparecer **mais** português, ou aparecer **mais** italiano, mas isso não é de se julgar, porque há motivações detrás disso, eu posso tentar adquirir uma nova língua por questões de **sobrevivência**, estou num novo país, então eu preciso aprender língua dali para ter acesso ao emprego, ter acesso ao mercado, fazer novas amizades, quer dizer, inserção social de um modo geral, então aí eu buscava problematizar no meu próprio jeito que não, por mais que isso seja importante, mas também devemos nos **recordar** que a nossa identidade **primária** é importante, porque ela diz quem nós somos e que isso promove um senso de orgulho e autoestima para nós, assim também dar o espaço dos outros a identificar quem nós somos, então, estaríamos a construir o quê? Uma unidade, mas nesta unidade encontramos **diversidade** de seres, diversidade de coisas, então, esta era a ideia central do meu pré-projeto.

SPK_1 E você acha que a Universidade, a UEM está a fazer um bom trabalho com... espalhar essa questão aqui de sensibilização sobre as identidades através das línguas?

SPK_2 Eu devo acreditar que sim, apesar de... poder haver um outro espaço, ou haver tanto espaço de se desejar, porque se nós voltamos, o Ensino Bilingue foi um projeto que foi iniciado através de, ou **mesmo** as investigações sobre as nossas línguas locais, é um projeto que foi iniciado por linguistas da UEM, a partir de um órgão chamado NELIMO há décadas passadas, então, eu penso que esta sua iniciativa é boa, porque nós linguistas existe essa necessidade, esta visão de que “não, nós temos nossas línguas, nós temos nossas identidades” e as línguas não são só meros repertórios de comunicação, mas também são grandes marcas que trazem para nós e para outras pessoas a informação cultural, a inteligência, o ser-estar de uma determinada população, ou de um determinado povo, então, esta iniciativa de linguistas foi extremamente fantástica, e eu penso que é um trabalho que a própria UEM, aliás, é um trabalho que a própria UEM fez, e fez de forma exemplar, e, como está a se fazer com os acordos, né? Tem havido sessão de padronização das línguas, tem havido seminários, eu penso que agora estamos a usar o quarto, o quarto, o quarto acordo de padronização, se não for o terceiro, o quarto.

SPK_1 O primeiro foi em 88, não é?

SPK_2 Sim, sim, sim, então, o terceiro, se calhar, deve ter sido em 2012, se não foi o terceiro, deve ter sido o segundo, em 2012, em 2022, tivemos o outro, então, este de 2022, se não foi o terceiro, deve ser o quarto que estamos a usar, e aí, sempre se está a apresentar **reformas** de, de escrita e **claramente** isso vai impactar até um certo ponto a nossa forma de fala e isso vai trazer algumas implicações sobre- ou algumas boas vantagens sobre a nossa própria identidade enquanto seres sociais, quer dizer, o que se teve no passado e o que se tem hoje são coisas totalmente diferentes e isto tudo para mim penso ser um trabalho fantástico.

SPK_1 Mas qual é que seria o elo de falta, entre aspas, entre o trabalho fantástico que a universidade, que a comunidade está a fazer e a verdadeira **implementação** do ensino bilingue... no **campo** mesmo?

SPK_2 Eu penso que... primeiro devo dizer que os motivos são diversos e que uma das razões pode ser a realidade política do país, porque a educação bilingue que nós temos em Moçambique há muito tempo chamava-se de **transição** apenas, mas agora chama-se educação bilingue de transição com características de **manutenção**, mas se formos ver, na **íntegra**, ainda é de transição, não há nada de manutenção, não há manutenção das nossas línguas, porque chega-se uma certa fase, parece que agora é sexta classe, faz-se transição, deixa-se a L1, que é a língua moçambicana, e o ensino passa a ser unicamente só em português, e agora, por que isso acontece? Se formos a ver, existem algumas motivações políticas detrás disso, e grandes instituições internacionais que, por exemplo, **controlam** e dão aqui políticas linguísticas ou

educacionais, **influenciam** na forma como as línguas são usadas, né? No **campo**, ou no terreno, ou isto aí, na educação bilingue, isto aí, quer dizer, por mais que a política, sob o ponto de vista documental, seja boa, mas há questões de gestão, há questões administrativas que impedem que isto seja implementado de forma **fiel** no ensino bilingue, então razões, condicionalismos políticos, ajudas do exterior que nós recebemos, as instituições financeiras que apoiam Moçambique, que apoiam o desenvolvimento do país, até mesmo **motivações internas**, também podemos colocar lá, todo este pacote grande vai impactar na educação bilingue e logo no uso das nossas línguas.

SPK_1 E é a mesma razão pela qual o ensino bilingue ainda não foi implementado também tipo no secundário? São as mesmas razões.

SPK_2 Eu penso que pode ser, eu penso que pode ser, porque há dias nós estivemos, todos nós acompanhamos nas redes sociais, o governador de Zambézia a dizer, “não, nós não queremos educação bilingue, nós queremos português, porque português é a nossa língua de unidade nacional” mas o que nós podemos ver na íntegra é que não, a África é **naturalmente** multilingue e que as línguas foram trazidas para os diferentes contextos geográficos, através de migrações, casamentos intertribais, comércio e mais outras atividades praticadas dentro do continente, e que, em nenhuma circunstância, a língua constituiu um sinal de perigo, agora, se isso... pode justificar... a razão da educação bilingue, então, podemos nos questionar porquê que algumas autoridades tendem a não apoiar, é isso que eu estava a dizer, talvez condicionalismos políticos, né? Motivações e mais outras razões podem impactar, e **isso** vai ditar mais outra vez o porquê que a educação bilingue ainda não está implementada no ensino secundário.

SPK_1 Mas você acha que se umas línguas bantu fossem um dia... tornassem-se tipo **línguas oficiais**, mudaria algo ou permaneceria essa falta de motivação entre aspas?

SPK_2 Eu penso que mudaria algo, primeiro mudaria a nossa consciência, a forma como nós vemos as línguas, essa parte ia mudar, e se essa parte ia mudar, então significa que também teríamos grandes transformações na **educação**, como que estas línguas são usadas na educação e não só no campo de educação, podemos ter outras esferas nas instituições formais, né? Dentro das nossas comunidades, etc. então, se as nossas línguas ganhar o estatuto de línguas oficiais, estas, até um certo ponto, vão mudar do seu uso, a forma como nós usámo-las, seu impacto, e vão trazer grandes transformações sociais, um **orgulho, autoestima**, novas formas de marcação identitária, etc.

SPK_1 Nos falámos há uns minutos sobre o que que o estudante deveria ser, ou seja, o papel que o estudante dentro desse curso aqui deveria ter, queria falar um pouco mais sobre isso, ou seja, primeiramente queria falar sobre as suas expectativas, **se** houve ali, **antes** de começar com esse curso aqui, se houve ali umas expectativas, sobre o curso, não sei.

SPK_2 Ah, sim, sim, sim, eu tive expectativas.

SPK_1 E foram alcançadas?

SPK_2 As expectativas, eu vou dizer, foram **mais que alcançadas**, mais que alcançadas, porque qual era a minha maior expectativa? Fazer educação bilingue significa ir lá ter conhecimentos de como produzir material instrucional e instruir nestas línguas, mas faltava-me ver, de uma forma mais mais mais mais geral, sobre questões de contexto, **história** de educação bilingue, políticas linguísticas, a ver a questão das **migrações**, como que estes movimentos migratórios vão impactar nas políticas linguísticas, depois educação, principalmente quando estudámos os casos de de de de Ofélia Garcia, dos Estados Unidos, quando estudámos lá da América Latina, então aquilo deixou-me boca aberto... “uau como é possível!? ah então isso poderia acontecer”... então foram mais mais que alcançadas.

SPK_1 E Mesmo dentro da aula, qual é o papel que o estudante deveria ter?

SPK_2 Eu penso que... o melhor, ou não sei se vou dizer, o melhor, o maior, sem querer tirar o mérito dos professores, mas aquele do professor Chimbutane, para mim foi foi foi foi o mais espetacular, o mais excecional, em que o estudante era o **monitor** da aula, o estudante era o professor, o professor ficava lá e só podia intervir em questões de **correção**, né? Dar o caminho certo, direcionar, o estudante, na experiência do professor Chimbutane, em que ele era o mestre do seu próprio conhecimento, né? O produtor do seu próprio destino, eu penso que foi mais excecional, o estudante ativo, pesquisador, que questiona, busca diferentes fontes, alimenta, mas mesmo assim não está satisfeito, porque existe a ideia do colega, da colega, né?

SPK_1 Eu ouvi que os debates eram mesmo muito, muito sérios.

SPK_2 Sim, para mim foi muito, muito, muito excecional.

SPK_1 E também para ficar prontos ao sair da Universidade, não é? Depois do Mestrado estão prontos já, por exemplo, conferências, intervenções, tudo isso, eu acho que é uma boa oportunidade fazer isso dentro da Universidade, e, ok, ultimíssimas perguntas, só queria saber se tem, dentro do curso de mestrado, atividades **práticas** ou estágios tipo? Porque você falou que já teve estágio na licenciatura?

SPK_2 Sim, sim.

SPK_1 Você teve também no mestrado?

SPK_2 Não, não, era suposto que tivéssemos estágio, principalmente em educação bilingue, estaríamos lá no campo, existem algumas escolas, 3 de fevereiro, esqueço-me mais alguns nomes de escolas, perdão, onde acontece em português, assim como em educação bilingue, ou ensino bilingue, então, a ideia seria o quê? Iríamos ao campo, até porque dentro do nosso programa semestral havia tudo isso, iríamos no campo para confrontarmos as políticas linguísticas, práticas metodológicas, práticas pedagógicas, vemos a questão de **translinguagem**, alternância de **códigos**, como tudo aquilo acontece dentro de sala de aula, teríamos essa oportunidade, mas por questões... alheias, né? À vontade da turma, à vontade do curso e mais outras vontades não foi possível ir, mas já havia o plano de ir ao campo.

SPK_1 Ok, mas você vai aproveitar do trabalho do campo pela sua dissertação, não é?

SPK_2 Eu vou, eu devo.

SPK_1 Ok, e... prontos, a última pergunta era só se você gostaria de ter feito algo diferente ou algo a mais dentro desse curso aqui ou os conhecimentos foram alcançados todos? Os temas foram abrangidos todos?

SPK_2 Não, os temas não foram abrangidos, eu sei que, aliás, devo acreditar que ainda sinto essa sede em mim, que falta muita coisa para se explorar, porque a cada dia a ciência se faz e isso deve ser motivo de estudo, por exemplo, faltou-nos, eu assim vi, apesar de termos estudado alguns casos da Namíbia, Botswana, Malawi, África do Sul, até próprio Moçambique, mas penso que faltou, faltou, comermos muita informação sobre a educação bilingue no contexto da África Austral, eu penso que falta, e como se não bastasse, eu sou um grande entusiasta do Corno da África, apesar de ter lido alguns textos sobre a educação bilingue na Etiópia, mas eu ainda tenho **fome** de ler sobre a educação bilingue na Somália, na Eritreia, no Djibouti, aquela zona da África, e também das práticas pedagógicas, principalmente qual é a filosofia que se tem sobre a alternância de códigos e translinguagem, até porque o professor Chimbutane já recomendou-nos algumas leituras no caso de Movement Against Translanguaging, então ainda devo ir na internet ver como é que está a acontecer. *[Risos]*

SPK_1 E a... universidade deveria... sei lá, acrescentar algumas coisas a mais dentro desse curso, além dos estágios das atividades práticas, que possam facilitar a vida, entre aspas, do estudante? Ou... sei lá, por exemplo, baixar um pouco, ou diminuir um pouco o o o o a exigência, dos professores ou apresentar alguma coisa, não sei, na sua opinião.

SPK_2 Na minha opinião, eu devo acreditar que uma das coisas que nós poderíamos ter é, vamos cá dizer, intercâmbio, sim, este intercâmbio pode ser virtual, onde nós temos uma universidade, ok, nós estamos a nível dos países da PALOP, então eu devo acreditar que em Angola existe educação bilingue, no Brasil, se calhar pode ser de forma reduzida, deve haver também a educação bilingue, então, se tivéssemos intercâmbio com estudantes de lá ou docentes de lá, poderíamos estar aqui a **partilhar** nossos sentimentos, né? Nossas visões, opiniões sobre como é que a educação bilingue lá, de outro contexto, acontece, que práticas pedagógicas usam, que políticas linguísticas têm, quais são as percepções da população, ou de pais e encarregados de educação, sobre a educação bilingue, então, estaríamos o quê? A fazer uma mesclagem, né? Troca de informações, um intercâmbio de informações, eu penso que isso ia nos enriquecer ainda mais no curso.

SPK_1 Ok, então é assim, foram tocados todos os temas que eu queria abordar e agradeço muito por ter encontrado o tempo para falar comigo, não sei se queria dizer algo mais.

SPK_2 Não, não, é tudo, eu agradeço pelo convite.

Entrevista P - SPK_1 Ok, vou começar com a gravação, e queria primeiramente perguntar, para um pouco quebrar o gelo, sobre a sua trajetória... escolar, ou seja, como é que escolheu, por exemplo, a licenciatura e o mestrado que você fez?

SPK_2 Ok, eu desde... desde muito, né? Já era falante na minha língua e na escola- na igreja e em outras circunstâncias da minha vida, eu desenvolvia através dessa língua, então, quando logo soube que existia um curso relacionado a essas línguas, foi um dos motivos que me fez ingressar, não só porque seria uma formação **acadêmica**, porque eu tiraria dela proveitos, né? Que era aplicação nos contextos onde eu estava- eu saía, que era para o meu distrito, não só desenvolver também a língua, ajudar a produzir materiais e todos os aspetos que estivessem ligados a esta língua, e, depois de eu ter feito essa escolha, fiz a minha licenciatura... e queria entender melhor como é que nós podemos olhar isso para os contextos mais formais, que é a **educação**, e foi por aí onde eu pensei em estudar, fazer o curso de mestrado em Bilinguismo e Educação Bilingue, para olhar para o contexto de bilinguismo, como que ele é **visto** na educação, quais são as vantagens e desvantagens, porque...

SPK_1 Então, licenciatura também tirou aqui na UEM?

SPK_2 Sim, eu já fiz aqui na UEM, de 2018 a 2021, mas por causa da grande interrupção de 2020, por causa do Corona, houve uma prorrogação do tempo que terminei quase em 2022.

SPK_1 E o curso era mesmo em... Línguas Bantu?

SPK_2 Sim, em Línguas Bantu, na licenciatura.

SPK_1 Então, você já sabia que havia um curso de mestrado em Bilinguismo e Educação Bilingue antes de começar com este curso?

SPK_2 Sim, antes do mestrado eu já tinha conhecimento que existia um curso que era administrado, só que no período em que eu quis ingressar o curso não abriu só foi no ano passado. O curso não abriu e quando tive a oportunidade de ver o curso abrir, foi no momento em que eu ingressei para o curso.

SPK_1 E foi a sua primeira escolha? Ou seja, outros escolheram tipo Língua e Sociedade, mas não entraram por falta de estudantes e depois passaram para Bilinguismo.

SPK_2 Foi a única opção... eu escrevi, pensei no projeto e tudo, estava enquadrado mesmo em Bilinguismo e Educação Bilingue.

SPK_1 E as informações do curso de Bilinguismo e Educação Bilingue, onde é que você... conseguiu encontrar? Nas redes sociais ou mesmo aqui dentro da faculdade com editais?

SPK_2 E... sobre o curso? O lançamento da informação? Neste caso o acesso à informação?

SPK_1 Exatamente.

SPK_2 Uma das primeiras informações que eu tive foi... pelo edital, né? Eu soube que lançaram cursos nesta Faculdade de Letras e Ciências Sociais e... fui lá tentar ver o curso, encontrei, depois deixei passar, algum tempo depois, umas duas semanas depois, vi o mesmo post no Facebook, parece que tinha um curso de mestrado, enquanto fui mais olhando para o curso, fui lendo para o curso, me interessei no mesmo momento, enquanto tentei fazer o projeto, seguir os requisitos que eram que eram prescritos para o ingresso ao curso e me candidatei.

SPK_1 Você acha que essas informações são claras e bastam, são... bastam para um estudante perceber que ali tem aquele curso com X, Y e Z informações ou a universidade deveria... alcançar...

SPK_2 Em termos de expansão... [SPK_1: alcance] Eu acho que... é pouco feito, né? Não é abundante a informação, se, por exemplo, você não tem a quem que te dê a informação, dificilmente você pode ter acesso a informações, eu necessariamente apoiaria se eles tivessem facultado a informação, as televisões, as rádios, outras **formas** de expandir a informação, porque nós, se eu não tivesse Facebook, se eu não tivesse um smartphone, claramente que eu não teria acesso a essas informações, se calhar há pessoas que querem ter essas informações, mas por falta de smartphone, porque tem um rádio em casa, tem televisão...

SPK_1 Ou compra jornal.

SPK_2 Sim! E não consegue ter acesso a estas informações, então dificilmente as pessoas vão ter conhecimento de... se existem ou não esses cursos para ser adicionados.

SPK_1 Porque uma das questões maiores que eu tinha... pensado, entre aspas, era mesmo a motivação pela qual o número de estudantes aqui do curso de Bilinguismo é tão baixo... estava-me a perguntar se uma resposta eventual poderia ser mesmo o alcance das informações?

SPK_2 Esta pode ser um contributo, né? Essa pode ser um dos fatores que possa levar a não aderência aos cursos, a falta de disseminação de informação, ou por outra pode ser que, historicamente, a UEM tem aquele papel dos professores ser um pouco mais rigorosos, em quando os estudantes não querem ser muito apertados, como as outras universidades fazem, então, talvez seja um desses motivos que faz com que também os estudantes saiam daqui, porque, em questões de valores, nós podemos dizer que há universidades que cobram mestrado de 10 mil [meticais, NdE] [SPK_1: 10 mil por mês?] sim, e as pessoas

vão para lá e a UEM cobra **nove**, tas a ver a diferença, né? Então, eu acho que questões de valores monetários não entram muito em jogo, talvez essa questão de serem apertados, né? A forma como os professores são exigentes é que fazem com que os alunos... porque se você viu aqui nas aulas, as pessoas diziam que os professores são sem coração, como se não tivessem a dar espaço para os alunos respirarem, né? Eles são exigentes, epá até um certo ponto, é **bom**, né? Mas, até um certo ponto, talvez aquele se sufoca porque cada um vem, cada um não... os professores, é como se... eu faço a minha parte, se o professor fez o que fez, pra mim não me interessa, eu desde que as minhas metas sejam alcançadas, o resto pra mim não me interessa, então, é normal o professor chegar, dar dez livros, cinco livros, seis obras pra ler, que não sabe se o outro deixou dez ou não, eles não conseguem conciliar, né? Os momentos se é pra... sobrecarregar que tipo de trabalho dar, eles só chegam, dão o conteúdo e...

SPK_1 ...pronto, [SPK_2: yá] e você acha justo, então, esse nível de exigência aqui? Ou deveria ser um pouco menos?

SPK_2 Epá... Até o nosso nível, eu diria que... ser exigente é bom, mas o tipo de exigência também, em algum momento, sufoca, né? A pessoa não pode chegar e dar 3, 4 textos com 20, 50 páginas e dizer “ok, isso que eu quero resumo, façam resenhas de duas páginas até amanhã”, mesmo que você seja um strongman, eu acho que torna difícil, [rimos] você vai fazer porque é para a exigência, pode sair sem qualidade, onde tem exigência, também temos que olhar para esse tipo, para essas vertentes, você pode fazer porque está a ser exigido, tem que fazer porque **tem** que entregar, mas você não está fazendo porque tem que fazer, porque tem que saber, você faz porque tem que cumprir com o prazo.

SPK_1 Está a faltar o desenvolvimento mesmo do estudante.

SPK_2 Sim, então é necessário que os professores olhem para essa vertente, ou esse aspeto, exigência versus qualidade, nós temos que ser exigentes, mas olhar para a qualidade, por exemplo, há professores que mandam-te fazer um trabalho, né? E o professor diz que “eu gostei do trabalho, fizeste muito bem”, mas, depois dá-te uma nota baixa, então, gostou ou não gostou? Tá entendendo, né? É questão de você olhar, se a pessoa diz “gostei, está bem feito”, significa que ter uma nota que **mereça** o seu reconhecimento, mas, se o professor diz “gostei”, depois dá-te uma nota que não vai de acordo com o que ele disse, epá há contradição né? E é isso.

SPK_1 As notas são mesmo no final do curso ou são também, tipo, itinerantes? Ou seja, de um mês para outro o professor vai-lhe dar um teste e você tem que fazer aquele teste, ou aquele ensaio, entregar, e o professor vai dar uma nota... ou é mesmo um trabalho final e pronto, e a nota sai no final do curso.

SPK_2 Pelo que eu tenho visto, ou minha experiência neste curso, nós não tivemos, ou não tive, em muitas outras cadeiras, o resultado das cadeiras, dos testes, dos trabalhos, era sempre no final, exceto uma cadeira que tivemos dois professores, né? Onde eram dois módulos diferentes, em que os professores tinham que serem mudados, né? Um parar, entrar o outro, e aí tivemos que ter as notas do primeiro semes- do primeiro módulo e outro ter a nota do segundo módulo para fazermos a fusão e sabermos qual era a nossa nota final, mas nas outras cadeiras não tivemos aquilo tipo que epá “O teste foi feito, tiveste nota x”, não, a avaliação é feita pelo professor, nós só teremos, temos o acesso das notas na plataforma, que é o sistema de gestão.

SPK_1 E uma outra questão sobre a exigência dos professores, que é um tema muito interessante, será que é mesmo a motivação pela qual pode não haver uma... relação entre vocês e os professores, que seja, sei lá, uma boa relação? Ou é só mesmo uma relação profissional e... não tem espaço para piadas, para momentos leves, para brincadeiras? Tem ali uma **barragem** entre o professor e os estudantes?

SPK_2 Eu não me vejo, né? Eu me vejo a ter estes... talvez não sejam os professores... do meu ponto de vista né? Não sejam os professores que colocam as barreiras, mas é que, para nós, eu por exemplo, em particular, vim, de onde eu vim até cá, o professor é a pessoa que está no seu nível um pouco mais alto e o aluno está no seu nível um pouco mais baixo, e não podem os dois, na minha conceção, é que os professores não podem dar muita intimidade ao aluno, até um certo ponto, esta pode ser a lógica, mas, cá na universidade, os professores são amigos, né? Nós quase teclamos com os professores, conversamos via WhatsApp, ligamos, “como que foi o final de semana”, até tenho amigos, professores daqui da universidade, que me deram licenciatura, até um de mestrado, que hoje digo, epá, “como vai o final de semana, o que está sendo?” então, eu acho que não tem sido a barreira, tem sido o **nosso ser** construído em relação aos professores, não é necessariamente os professores que colocam o perfil de **barreira** ou de impedimento, porque até os professores dizem que “se tiver alguma dúvida, pode ligar para mim, pode vir no gabinete, falar comigo”, etc. então, não há esse impasse, nós é que, talvez, temos a consciência de colocar o professor como um ser que não pode ser perguntado [SPK_1: Ou alcançado...], yá... e não necessariamente o professor colocar uma barreira para que nós não possamos encontrar.

SPK_1 Essa questão leva-me a uma outra pergunta, a outro tema, que é o **papel** dos professores dentro desse curso aqui? Na sua opinião, qual é o papel do professor? É um papel de orientador ou tem ali

também carga de exposição dos, dos conhecimentos?

SPK_2 Já...epá... há professores, eu não posso dizer que todos **são**, eu diria que em parte neste curso há professores que quando chegavam, eles expunham, você era um recetor, sentava, recebia conteúdos, opinava um pouquinho, ele só dava espaço para você expor suas dúvidas que que que e tudo mais... e há professores excelentes que chegam, dão temas, distribuem, não sei o que é, ele não divide, ele só diz, “epá vamos trabalhar para o tema X e pode apresentar qualquer um”, e isso faz com que todos os alunos leiam os textos, e chega, de repente, vamos discutir sobre o texto e nós discutimos, e ele vai, vem no final, rebater, vem acertar, vem fazer coisa- então, é uma aula meio interativa, né? Não é como aquela expositiva, onde o professor chega, diz o que ele quer e o aluno está lá só para ouvir, aqui não é bem assim, o professor é aquele que vem, fala um pouquinho, os alunos falam mais em relação ao professor, o professor só fala em circunstâncias que os alunos começam a **sair**, os estudantes começam a sair, o professor volta à direita e segue em frente.

SPK_1 Ou para fechar o discurso.

SPK_2 Sim, só para terminar a palavra.

SPK_1 E uma questão entre parênteses, você mencionou o facto de... os alunos lerem os materiais, o que é que acontece ali? Todos os alunos leem os materiais e depois uma pessoa apresenta ou é a pessoa que apresenta a ler o seu material e os outros alunos não leem e só ouvem sobre aquele tópico quando o apresentador falar sobre este?

SPK_2 O professor disponibiliza o material, há situações em que, por exemplo, o professor deixa os temas e depois dá responsabilidades dos temas, e aí o estudante que é responsável pelo tema tem que preparar uma apresentação, chegar aqui a apresentar, isso não significa que os outros estão isentos de ler o texto, eles têm que ler para contribuir no debate, porque há certos aspetos que o colega pode **falar**, que não estejam diretamente ligados ao texto, então, um colega que tenha lido o texto pode vir e dizer, “não, aí eu pude perceber desta forma”, por aquelas questões de acertar ou não acertar, em questões do colega ter algum deslize na sua apresentação, e há aqueles que o professor diz, “epá todos leem, eu não dou responsabilidade a ninguém” e o professor chega, de repente, e diz, “ok, vamos falar sobre o texto x, como foi combinado”, então, um colega fulano pode falar enquanto os outros vão acompanhando, vamos discutindo, [SPK_1: complementar as posições]. já...

SPK_1 Ok, muito interessante, e falámos há um segundo sobre o papel do professor e eu queria também passar pelo papel do estudante mesmo, qual é que seria o papel, na sua opinião, do estudante dentro da sala de aula?

SPK_2 Uma vez que o professor é mediador, ou aquele que está aqui para orientar as aulas, o aluno tinha que ser, ou tem que ser, aquele que está mais empenhado na produção, na perceção, em criar momentos de interação em sala de aula, uma vez que o professor, nós podemos dizer que é alguém que já tem conhecimentos nesta área, nós que estamos mais atrás do conhecimento, das habilidades, então nós é que temos que correr atrás, criar condições para que as aulas sejam mais interativas, então o aluno aqui que terá de desempenhar o papel, que tem o papel mais forte em relação ao professor, então o aluno aqui, ou o estudante, tem de ser o promotor e o professor simplesmente...

SPK_1...o orientador...ok, e você acha que o, o número de estudantes faça com que haja uma interação boa e produtiva entre- durante as aulas? Ou deveria ter mais estudantes para melhorar um pouco...

SPK_2 O ambiente? O número, né? Por exemplo, quando tamos os dois cursos juntos, temos um número significativo, mas quando há separação, cada curso vai para sua, para sua- as disciplinas nucleares, neste caso, nós podemos dizer que o número reduzido e a interação tem sido um pouco mais reduzida, uma vez que somos apenas, por exemplo, no curso de Bilinguismo e Educação Bilingue, somos **três**, em casos de, pelo menos, **um** não aparecer, ficamos dois, e se o outro colega não tiver comentários, então tudo o que você diz para o outro é **certo**.

SPK_1 Como se fosse um monólogo.

SPK_2 Tá a entender, né? Então é um discurso para si, se o professor só vem ali rebater é porque epá você disse alguma coisa, se o número for um pouco mais acrescido, acho que os debates serão mais acesos, serão mais fortes, com mais dinâmica, então, o número também tem contributo para o debate aceso.

SPK_1 Pergunto isso porque também queria falar um pouco sobre a relação entre vocês, estudantes, e mesmo entre o grupo de Bilinguismo e o grupo de Didática da Língua Segunda, tem alguma relação boa, produtiva, ou é tipo só nós estamos aqui, ao entrar na aula somos colegas e depois eu saio...

SPK_2 Cada um vai à sua vida [SPK_1: já...] eu acho que não, por exemplo, eu tenho... tenho me encontrado com o Jorge Tembe, fazemos trabalhos daquelas disciplinas que nós temos um tronco comum, naquele tronco comum, por exemplo, aquela que o ensino de bilinguismo, o ensino de língua portuguesa faz há muito tempo, nós nos encontramos e fazemos juntos, há aqueles trabalhos em grupos, por exemplo,

que há mistura, um estudante daqui vai para ali, então a relação é muito boa, até onde eu saiba, a não ser que cada um tenha suas mágoas, por exemplo, estou a fazer agora um trabalho e a colega de ensino de português sempre me liga, “epá como é que é, como é que eu posso fazer até aqui?” então, isso me diz que a relação entre nós tem sido... boa, se não fosse boa, ela não viria me procurar, eu estaria no meu canto, ela estaria no canto dela, então...

SPK_1 O que é que queria dizer? Ok... ah, sim, sobre... as **expectativas** do curso, você teve alguma expectativa **antes** de entrar para o curso de mestrado sobre o que ia decorrer dentro do curso? Ou não? Ou você entrou sem...?

SPK_2 Eu, quando estive a concorrer para o curso, eu já vinha com uma consciência de que eu vou olhar para como a educação bilingue funciona para o nosso contexto, né? Analisar, né? E cheguei cá... tive algumas surpresas, que são do positivo, né? Que foi analisar o percurso da educação bilingue, por exemplo, coisas que, na licenciatura, eu vi de forma muito superficial, né? Que quando vim pra cá, olhei mesmo pelos programas, tive uma análise profunda sobre os programas de Educação Bilingue, eu só sabia que Moçambique usa o de... transição, mas não sabia como é que necessariamente funcionava na essência, e eu só estava a olhar para **este** modelo, não sabia que existem tantos outros modelos que podiam ser adotados, por exemplo, me surpreendeu pela positiva, eu esperava, sim, e espero, não só aqui, em muitas outras áreas, que valorize-se mais essa questão do bilinguismo, porque nós estamos a ver aqui que há limitações, não é, limitações, é uma área muito sensível, mas que é promissora, por cima, mas não está a ter esse engajamento, tanto pelo governo, não tá a dar esforços suficientes para que esta área seja mais abraçada, o que deixa a desejar, epá nós queremos que, não só porque estou a fazer o curso, o país necessita disto.

SPK_1 Sim, eu sei que a Universidade tem investido muitíssimo do seu tempo e das suas energias tentar espalhar e sensibilizar a comunidade, a partir pelo PEBIMO, eu sei que a Universidade fez com que houvesse este projeto piloto, ou estou a pensar nos... no grupo de pressão, naqueles Seminários de Ortografia, de Padronização de Ortografia, que foram feitos também pela Universidade, mas tem hoje em dia, algo que a Universidade, que a UEM ou a Faculdade mesmo, poderia fazer a mais para melhorar esse engajamento que você está a mencionar?

SPK_2 Nós como corpo académico, né? Eu falo nós porque estamos na academia.

SPK_1 Sim, sim, sim, depois, quando você sair da Universidade, você tem que olhar para esse respeito também.

SPK_2 Nós estamos aqui na academia e nós temos uma forma diferente de olhar sobre essas questões, em relação às pessoas que nem têm conhecimento sobre o papel ou o impacto que a educação bilingue tem para a nossa sociedade, até em conversa com alguém que eu tive, acho que foi no mês passado, cá em Maputo, essa pessoa é lá da minha terra, é da Zambézia, e naquelas conversas nossas, ele me perguntou, “o que é que fazes, né?” eu disse, “estou a fazer mestrado agora”, “você está muito bem, mas você tá a fazer o mestrado de quê?” qual o curso, essas coisas todas, eu lhe disse, “estou a fazer mestrado em Bilinguismo e Educação Bilingue”, “Mas pra quê? Você fez licenciatura, você não fez Línguas Bantu?” eu disse “sim” “por que não fez em uma outra área, por exemplo?” “epá... eu **gosto** de olhar para essas questões de educação bilingue, bilinguismo, línguas, línguas, línguas entre outros aspetos”, disse, “mas eu não vejo qual é o papel da educação bilingue, pois isto **atrasa...** a nossa mente. Uma vez que nós já temos a língua nossa, nós falamos, conversamos, fazemos quase tudo nessas línguas, qual é a necessidade de nós usarmos essas mesmas línguas para ensino?” e eu só lhe fiz uma pergunta, eu disse que... “Você é de onde?” Ele disse que “sou de Zambézia”, eu disse, “Zambézia, eu sei que você é de Buru, é onde eu venho. Crescemos quase juntos. Estou a falar de **onde? Origens** dos teus pais”, neste caso, ele disse, “meu pai é de Milange, minha mãe é de... Buru” é uma zona lá, eu disse, “ok, mas nunca foste para lá?” ele disse “fui, este ano, ano passado, este ano eu estava lá”, “Que tal, quando você chegou lá, qual foi a relação que você teve com os teus familiares?”, “Foi difícil” eu disse “epá porque foi difícil?”, “Eles falavam a língua local e eu falava o português. E eu, tanto crescer na cidade e vir pra cá, ainda continuar na cidade, a minha língua de comunicação sempre tem sido o português”, enquanto lá, eles conversam mais em lomué, que é a língua... e chichewa, né? Que é a língua de Malawi e [incompreensível], e eu disse, e você acha que... ah, eu disse, “você entenderam-se nessa conversa que vocês tinham todos?” ele disse, “não. Era um desafio”, eu disse, “então, é só pra você ver o que... até certo ponto, a educação bilingue **entra...** [SPK_1: é necessária] [risos] é necessária para manter essa relação”, porque, “se você for a ver, eu não sei se lá na tua zona, ou lá nas zonas dos teus familiares, tem um ensino bilingue?” ele disse que tem, “E as pessoas”, eu disse “que tal, essas pessoas que estão lá no ensino bilingue”, disse que “são essas pessoas que algum momento falavam comigo em português”, eu disse “já, agora você olha para o papel da educação bilingue ou do ensino bilingue nas nossas sociedades”, nós dizemos que não tem nenhum impacto, mas tem algum impacto, pode ser frouxo, ou pouco, pequeno, em menor escala, mas tem, mas por que ele tem menor escala? Porque o

governo não está fazendo o seu papel, não faz o seu papel na essência, eles estão a dizer que estamos a fazer, mas não fazem, porque nós esperávamos que a educação bilingue fosse algo que fosse abraçado por todos, claramente que vai gastar dinheiro, gastar, gasta, a educação sempre vai gastar, todos os anos tem que produzir livros, mesmo nos monolíngues, nós estamos a ver aqui nos mercados informais, os livros de educação monolíngue, estão a embrulhar **peixes**, quero dizer que a cada ano tem que se produzir material.

SPK_1 É muito estranho, porque na minha opinião, no meu entendimento, poderia ter, não sei se estou a me atrever muito ou demais, mas poderia haver, se calhar, uma única modalidade, que era aquela bilingue, tirando aquela monolíngue, se agora estamos a gastar **tal** dinheiro sobre as duas, tirando uma, e só ficando com aquela do bilinguismo, epá... era um custo a menos ou não? Custa menos.

SPK_2 Já que a modalidade bilingue abarca o monolíngue automaticamente, então podemos...

SPK_1 Porque se a modalidade bilingue ficar naquela modalidade de transição com características de manutenção, sabemos que essa é uma questão mais teórica do que prática, eu acho, não sei se concorda comigo, uma vez que a modalidade é esta, porque- então o estudante na sexta classe ou na sétima classe vai estudar [SPK_2: no monolíngue...] em português? Porquê é que não tirar [SPK_2: o monolíngue] o monolíngue? Pode ser um caminho, ou seja, mais viável, mas pronto, essa pode ser outra questão, [SPK_2: outro debate] outro debate, ok, então falámos sobre a relação com os professores e com os estudantes mesmos, e ah, sim, você mencionou há uns minutos o seu pré-projeto que você teve que entregar para a candidatura, não é? E queria, se é possível, que você me contasse um pouco sobre o seu pré-projeto.

SPK_2 Yá o meu pré-projeto, ele falava ou fala sobre as desistências escolares, eu como fui de férias, eu fiquei quase um ano lá na minha terra, depois de muito tempo cá, decidi ir passar as minhas férias, e uma dessas vezes eu estava a passar, acredito, desde que eu fazia tanto para os meus familiares, entre outros, eu vi que tinha sobrinhos, vizinhos que não iam à escola, e eu perguntava, porque eles diziam que a língua tinha sido a **barreira** para que o ensino-aprendizagem fosse, mas só mais prático para eles, e foi daí onde eu disse, não, existe um curso de bilinguismo, eu posso ir lá, entender melhor, então, o meu projeto falava sobre educação bilingue em Moçambique, como um mecanismo ou como forma de retenção escolar, os alunos, muito mais nas zonas rurais, onde o português tem sido uma língua **alheia** das crianças.

SPK_1 Como se fosse uma língua estrangeira.

SPK_2 Então, como é que nós podemos, ou como é que a educação bilingue desempenha o seu papel? Será que ela consegue reter os alunos na escola?

SPK_1 E o seu projeto mudou ao longo dos anos, que você esteve aqui na Universidade? Ou seja, agora você tem que começar com a sua dissertação, os temas são os mesmos, mais ou menos, ou mudaram?

SPK_2 Eu estava a pensar num outro tema, né? Eu queria mudar o tema, mas eu prefiro ficar com o meu anterior, porque o meu foco não é mesmo olhar para essa questão de... literaturas, né? Porque muitos optam por analisar os programas, olhar para a evolução, o percurso e muito mais, eu não queria ir nessa onda, por isso que eu queria trazer uma questão um pouco **mais** pessoal, ir lá entender como é que estes aspetos de educação bilingue podem trazer vantagens e não vantagens para a sociedade, por isso que ainda estou pensativo se ainda fico com aquele ou posso olhar para essas questões mais **documentais**, que é olhar para a educação bilingue, evolução, depois olhar para a efetividade e eficácia da educação bilingue, que tem sido um pouco mais, ou olhar para a translíngua dentro da sala de aula, não tem sido o meu braço forte, o meu braço forte mesmo era- é olhar para como é que é essa educação bilingue lá nas zonas rurais, que papel ela vai desempenhar? Será que consegue trazer algum proveito para a nossa sociedade? É isso que eu queria ir compreender.

SPK_1 Mas você fica em dúvida entre as duas escolhas porque acha que a segunda que você quer fazer você encontrará obstáculos ou limites na sua, na sua, na viabilidade da sua pesquisa?

SPK_2 A segunda, que é a questão de análises documentais, significa que as pessoas já falaram tanto sobre esse aspeto, e numa literatura, duas, três, quatro, cinco, seis, eu posso encontrar informações suficientes, e, sendo uma dissertação, uma pesquisa, eu gostava de ir lá e ver resultados **pessoais**, né? E **contribuir** com alguma coisa, porque não estou a dizer que a dissertação ou a consulta documental, que é bibliográfica, analisar documentos, entre outros, não tem sido um contributo para, para a academia, mas eu queria trazer um um dado **novo** e contribuir assim de alguma forma para...yá.

SPK_1 E falando sobre a sua dissertação, depois de sair do mestrado, quais serão os seus objetivos?

SPK_2 Eu tenho uma empresa, eu criei uma empresa de tradução, interpretação e... um pouco ligada à educação ambiental, este ano eu tive sucessos, posso assim dizer, porque estava um pouco mais encaminhado à academia, terminar a licenciatura- o mestrado, mas próximo ano eu acho que hei de dedicar algum tempo para a tal, e não é simplesmente que vou querer estudar, mas as circunstâncias, são outras condições, tem que pagar mensalidades e sem condições isso se torna difícil, as bolsas são oferecidas, mas concorre, um e o outro é que entram, porque tem um braço forte lá, você sozinho não consegue furar,

entre outros aspetos, e... então... eu acho que tenho que me focar mais, né? Como é uma área que eu já vim a trabalhar desde a minha licenciatura, que é a tradução, eu posso trabalhar mesmo na tradução.

SPK_1 Mas tradução de português para as línguas bantu?

SPK_2 As línguas moçambicanas... eu trabalhei na tradução desde 2018, trabalhei para o Ministério, para INDE, editoras Alcance, como tradutor de livros, ensino mesmo da minha língua lomué, os livros que estão aqui a ser usados nas escolas, alguns deles eu é que trabalhei como tradutor, tradutor, entre outros, então, por isso eu me inclinei mais nesta área, que é a área onde eu tenho mais habilidades.

SPK_1 Mas agora a sua... empresa é privada?

SPK_2 Sim, é privada.

SPK_1 E você conseguiu conciliar o trabalho e os estudos?

SPK_2 É isso que eu disse, eu parei a empresa, não tava a ser **fácil** lidar com... [SPK_1: as duas coisas], epá... a faculdade exigia muito tempo de mim e também o trabalho exigia a mesma coisa, então eu parei, mas volto próximo ano a fazer as minhas atividades.

SPK_1 E no que diz respeito tipo a doutoramentos, você queria tentar ali ou você quer mesmo parar na sua empresa e trabalhar na sua empresa... digamos assim, o tempo todo?

SPK_2 Não, doutoramento, penso em fazer doutoramento, mas o país não está a facilitar, são valores, são valores, são dinheiros que tem que pagar, não tenho emprego, é tanto sacrifício que eu faço para pagar o mestrado, com tantas dívidas que tenho em algum momento, então epá continuar para o doutoramento, são 15 mil [meticais, NdE], acho, sem alguma fonte de renda, não sou de cá, tenho que pagar casa, tenho que pagar o aluguel da empresa, tenho que pagar a faculdade, tem sido- mas estudar hei de estudar, posso levar algum tempo, mas sempre hei de fazer o doutoramento, se tiver alguma bolsa, hei de ir, mesmo que seja cá, seja fora, hei de fazer, [SPK_1: fora do país também? Iria?] yá, iria, yá.

SPK_1 E depois, pergunta pessoal então você pode também não responder, e se no caso de você for num outro país a tirar doutoramento, você queria também voltar para Moçambique ou ficar lá?

SPK_2 E... se tiver emprego lá, posso ficar, eu acho que não tem mal algum, nós estamos à procura de oportunidades, onde a oportunidade aparecer, porque claramente que nós...

SPK_1 Recusamos [risos].

SPK_2 Não, não recusamos, abraçamos já a oportunidade, então, se eu vou estudar fora e tenho um emprego, hei de abraçar, porque cá não farei nada, posso voltar, negar e recusar o emprego, voltar para cá e não ter emprego, então, estarei a fazer **nada** a respeito.

SPK_1 E, só por curiosidade, tem outra pergunta que me veio à mente quando você falou do facto que você trabalhou pelo Ministério, como é que acontece ali? Como é que você é contratado pelo Ministério? O Ministério chama você e diz, “vem aqui trabalhar connosco?” Ou é você que candidata para o emprego?

SPK_2 Ok, na altura, por exemplo, em 2018, havia poucos formados nesta área, em Línguas Bantu, neste caso, e na minha língua, que era o lomué, tem um número um pouco reduzido de formados, e eu comecei a trabalhar para o Ministério logo no meu primeiro ano da universidade, logo que eu já tive algumas bases, e eu como já tinha um conhecimento **meu**, que era aquele não formado, que era usar a Bíblia naquela ortografia já antiga, mas eu conhecia a língua, escrevia, podia ser de forma errada, mas quando vim para a universidade, tive aquela iniciação da escrita, tive aquele enquadramento e tudo o mais.

SPK_1 Sistemático.

SPK_2 Enquanto... eu não sei qual era a lógica, mas eles ligaram-me, uma vez, “aqui é o ministério a pedir para você fazer algum trabalho”, mas tinha alguém experiente, eu não trabalhava sozinho, tinha alguém lá que era um pouco mais experiente, que fazia o acompanhamento, eu podia escrever uma coisa, ele tornava-se então um pouco errado a escrever desta forma, que foi assim que eu comecei a desenvolver as minhas habilidades, e depois, como já trabalhei uma vez, voltaram a ligar a segunda, a terceira, e foi assim que eu comecei a trabalhar para o Ministério, para a INDE, para a editora Alcance.

SPK_1 E voltando um pouco para o âmbito da universidade e das oportunidades que a universidade dá para os estudantes, vocês têm algumas atividades práticas ou estágios, tipo, aqui no mestrado mesmo?

SPK_2 O curso prevê, que existam aulas práticas ou de observação, mas neste semestre... ou neste curso deste ano não tivemos porque alegou-se que a faculdade não deu as credenciais ao professor para que a gente fosse observar as aulas nas escolas bilingues, então, não sei se é... a burocracia da universidade em dizer que “não vamos dar”, ou é meramente o professor que não foi atrás e foi justificar-se nesses moldes, mas acredito que o professor queria que nós fôssemos à prática, né? Talvez a universidade, tanta burocracia, **para nada**, né? Uma vez que, epá, tem os seus propósitos, talvez é não poder trazer o que está a acontecer do outro lado, porque sabemos que já estão aqui, muitos deles são políticos, não políticos já, epá, é uma mistura de coisas, de academia e política, então...

SPK_1 Tem demais burocracia?

SPK_2 É muita burocracia... coisas que podiam ser resolvidas de forma natural, mas eles olham para... ou eles metem muita burocracia, há coisas que são muito práticas, que não é necessário levar regulamento, ler.

SPK_1 Sim, eu reparei com o pedido da credencial para a observação das aulas, demorou tipo um mês para eles entregarem essa credencial.

SPK_2 Mas uma coisa que podia ser feita em um dia, você chegar lá e dizer o quê? “Quero isto e isso.”

SPK_1 Exatamente, eu tive que faltar umas aulas só para esperar eles...

SPK_2 A credencial.

SPK_1 A credencial, mas prontos...o o o, a essência dessa questão aqui é que... deveria ter uma... umas atividades práticas ou estágios?

SPK_2 Tinha que existir, eu acho que tinha que existir, porque nós aqui só vemos teorias, isso é teoria, nós tínhamos que ir ver no terreno se o que nós vimos na teoria, na prática é factível ou não, ou aplicável ou não.

SPK_1 Também antes de vocês comecem com o vosso trabalho de campo, ver como é que se faz.

SPK_2 Sim, tentar conciliar essas duas vertentes.

SPK_1 E além da faculdade, digamos assim, disponibilizar estágios ou atividades práticas? Tem algo que a universidade poderia fazer a mais para ajudar os estudantes?

SPK_2 Fora de questões burocráticas da universidade?

SPK_1 Já, fora mesmo de cortar a burocracia, mas mesmo dentro da Faculdade, daqui.

SPK_2 Eu acho que podia-se fazer, né? Podia-se fazer, por exemplo, essas questões de publicidades, informação, palestras, a universidade podia usar os estudantes, neste caso, de mestrado, da licenciatura, entre outros, doutoramento, para poderem, de alguma forma, **falar** sobre as vantagens e desvantagens, então, os cursos são oferecidos, não só os nossos, e há muita falta de informação deles lá fora, mas eles optam mais pela burocracia, não sei se é questão de não denigrir a imagem, o escopo ser único, a forma de olhar para a universidade, ainda querem manter o prestígio, mas não significa... transmitir informação não significa

perder

o

prestígio.

SPK_1 Claro, e como tem aqui uma falta de sensibilização sobre alguns assuntos, era melhor também aproveitar e dar o conhecimento dos estudantes e mesmo dos mestrados, porque os mestrados **devem ter** um conhecimento maior do que os licenciados, seria bom fazer algumas palestras também... ah, sim, em termos de tempo, os dois anos são justos para alcançar [SPK_2: os objetivos] os objetivos de carreira escolar- ou seja, de ensino superior, ou deveria ter mais tempo?

SPK_2 Eu acho que para o mestrado está bom, dois anos eu acho que é suficiente, mas epá por questões burocráticas, ocupação dos professores as pessoas levam mais tempo, eles não cumprem, eles só dizem dois anos e você pode levar mais de dois, bom, quero dizer que o que eles dizem na prática não é isto, porque nós estamos a ver aqui que há questões muito burocráticas que eles seguem, que não há muita necessidade, né? Que nós podíamos resolver, ok, por exemplo, temos aqui as questões de dívidas, eles sabem que tanto o país está mal, os funcionários, para receberem seus salários, têm sido de um mês para o outro, não sei, e... os atrasos de propinas sempre vão acontecer, mesmo que não fosse cá, em outras circunstâncias, né? A vida, que são questões de saúde, tem que ir para o hospital, você recebe 20, 30 mil [meticais, NdE], tem que pagar propinas, tem que pagar saúde, hospital, então... não tem sido fácil, mas você, quando falha uma vez, é crucificado, por exemplo, nós, outros, já perdemos inscrições no segundo semestre porque tínhamos dívida de um, dois meses no semestre passado, e não podemos nos inscrever no segundo semestre, estamos aqui a correr atrás para ver se conseguimos resolver a situação, ah, tem que pagar as multas, pagamos as multas, agora queremos nos inscrever, não estão nos permitindo, há uma burocracia que a faculdade não pode resolver, tem que ser o registro académico central, vai para o registro académico central, ah, não, tem que ser **reitor**, então, são coisas que não há muita necessidade, o aluno já conseguiu, o estudante já conseguiu pagar, escreve ao estudante para poder seguir, então tem que perder um ano, tem que perder o semestre dois, o semestre um, para voltar a escrever no semestre dois.

SPK_1 Tem muitos desvios.

SPK_2 Então são muitas coisas que no meio disso acontecem, que para eles é certo e para alguns não é? É mais tempo para nós, são tantas outras coisas a serem feitas, tempo perdido, mas... no fundo no fundo, é muita burocracia sem muita necessidade.

SPK_1 E em termos de temas... abordados, você acha que foram todos tratados? Ou falta- gostaria de ter feito algo mais nesses dois anos?

SPK_2 Eu acho que foram abordados, eu acho que foram interessantes os temas, se tivermos a acrescentar, podemos acrescentar, e dizer que também epá há cadeiras que tivemos nesse mestrado que eu acho que não faziam muita necessidade de estarem cá, há outras que podiam fazer fusão, por exemplo, as duas seriam uma, e outras que nem podiam aparecer, que são mais **filosóficas**, além de enquadrar aqui, são teorias que

nem... não estão muito ligadas às questões de línguas, apesar de, de alguma forma, falarem de forma superficial, a essência não é mesmo ligada a estes discursos, mas eu acho que fora estas duas vertentes que eu disse, tudo para mim estava alcançado.

SPK_1 E prontos, eu queria acabar com uma pequena reflexão sobre... o que a universidade pode fazer, ou se, **depende** da universidade, a questão, voltando para... a questão da falta de estudantes, porque não consigo... ou seja, estou a tentar pensar se a universidade possa fazer algo mais para a afluência de estudantes, tirando... a questão económica, porque esse é um assunto da universidade, nem muito da faculdade, como... tipo corpo docente e tudo mais, mas será que a exigência seja demais ou o alcance seja fraco? Como é que a Universidade pode lidar? Como é que a Universidade pode melhorar essa situação?

SPK_2 Eu acho, como já disse antes, é criar condições para que esta informação seja expandida, ou seja, disseminada, então, para disseminar informações, sabemos que existem agora **várias formas** de comunicação, existentes podemos utilizar a rádio, televisão, jornal, WhatsApp, Facebook, Instagram, TikTok, são muitas plataformas, até podemos colar os cartazes nas estradas, nas universidades, entre outros aspetos, em todos os locais, onde nós podemos nos autocarros, podemos colocar.

SPK_1 Ou talvez, tipo, orientações nas escolas, nos secundários...

SPK_2 Podemos... também mandar os editais nas escolas, colarem nas escolas, falarem, fazerem palestras com os alunos.

SPK_1 Porque tem aqui um “dia aberto”, não é?

SPK_2 Sim, sim.

SPK_1 Mas já é pela licenciatura, não é?

SPK_2 Sim, sim.

SPK_1 Não é para os mestrados?

SPK_2 Eu acho que falam sobre tudo.

SPK_1 Ok.

SPK_2 Então, esses dias- imagina um dia em que... muitas das vezes só é aqui, já nas províncias, as pessoas podem não ter essa informação, esse acesso à informação, porque nem quem está fazendo ensino superior são pessoas de cá, são pessoas que vêm de outras províncias, então, é necessário que... podemos optar também pelas escolas, rádios locais, muitas outras formas de informação que podem ser usadas para que haja essa informação.

SPK_1 Pronto, eu acho que os termos que eu queria abordar foram abordados todos, e agradeço muitíssimo pelo seu tempo, por ter encontrado o tempo para falar comigo, e podemos fechar a nossa conversa aqui, posso parar com a gravação.

Entrevista Q - SPK_1 Ok...só para quebrarmos um pouco o gelo, eu queria que a professora me contasse a sua trajetória... ou seja, as escolhas que levaram a professora a tornar-se professora dentro do curso de mestrado em Bilinguismo e Educação Bilingue, e partindo, sei lá, do, do, do seu ensino superior, quais foram as suas escolhas de licenciatura, mestrado, doutoramento e, em outras palavras, qual foi a **trajetória** da professora?

SPK_2 Certo, as escolhas, algumas caem do céu, mas não foi o meu caso, eu... em 1985, 1986, 1987, eu dei aulas na “Escola da Amizade”, na antiga RDA, quando a Alemanha ainda estava dividida, nós tínhamos uma escola lá, chamava “Escola da Amizade Moçambique – RDA”, República Democrática Alemã na altura, e nós tínhamos alunos moçambicanos que estavam a fazer lá o ensino primário e depois o ensino técnico, e eram alunos que vinham de todos os paí- todas as províncias do país, eu era professora de língua portuguesa, eu e mais oito colegas, eles tinham alemão, e tinham as outras disciplinas também, então eu percebi que- e cada turma tinha... eram turmas linguisticamente muito heterogêneas, entretanto, eu já dava aulas em Maputo, antes de eu ir para lá, onde a maior parte dos meus alunos tinham português como língua materna, e **aqueles** alunos que eu tinha lá não **tinham** português como língua materna, e tinham **muitas** línguas maternas na sala de aulas... pouco tempo depois eu percebi que eles estavam a falar e a escrever melhor alemão do que o português, então foi aí que me deu aquele... assim, aquela... aquela **centelha** que diz... que me mostrou que... os contextos de ensino, por mais que seja a mesma língua, o contexto é que dita o tipo de ensino que nós vamos fazer... por mais que seja a mesma disciplina que eu dava em Maputo, e eu estava a dar ali, e foi aí que eu comecei a interessar-me por questões de línguas em contacto no contexto de ensino-aprendizagem, é aí que aparece o bilinguismo e tudo, que tem a ver com o bilinguismo, os tipos de bilinguismo, a educação bilingue... e quando eu volto para Maputo, dei um tempo aulas na Josina Machel, de língua portuguesa também, na escola secundária, voltei a encontrar alunos cujas língu- cuja língua materna, a maior parte deles era a língua portuguesa, mas pouco tempo depois fui trabalhar no Instituto Nacional de Desenvolvimento de Educação, e um mês depois de eu entrar lá, fui nomeada... não sei porquê, coincidências da vida, fui nomeada coordenadora nacional da educação bilingue, ainda era o **primeiro** projeto de ensino bilingue em Moçambique, o famoso PEBIMO, então... então, quando... ainda não tinha licenciatura, depois, quando fui fazer a licenciatura, em 1989, na UEM, eu fui das **poucas** pessoas que faziam trabalhos na área de educação bilingue, sociolinguística, educação bilingue, **poucos** colegas meus faziam, **muito** poucos mesmo, mesmo aqueles que são muito fortes hoje na educação bilingue, não tinha muito interesse... entretanto, eu ainda estava no INDE... depois do INDE, trabalhei uns 10, 12 anos no INDE, em 2000, entrei para a UEM como professora e fui convidada para a UEM quando abriu a licenciatura em ensino de línguas bantu, mas não havia educação bilingue... depois de eu entrar, é que introduzimos a componente da educação bilingue... e, no meio disso tudo, nós ainda não tínhamos pós-graduação, não tínhamos **mestrado** em ensino de português e bilinguismo, educação bilingue, como temos agora, eu sugeri a abertura de um mestrado em bilinguismo e ensino bilingue, mas à **distância**, sugeri a abertura à distância porque nós já tínhamos muitos graduados deste curso de Ensino de Línguas Bantu e educação bilingue, que estavam espalhados por todas as províncias do país não **tinham possibilidade** de fazer o mestrado, só que a UEM, a Faculdade de Letras, não entendeu bem esta necessidade e abrimos cursos presenciais, que são estes onde estamos agora, incluindo um doutoramento em multilinguismo que nós fizemos, era um doutoramento em linguística, agora ficou doutoramento em multilinguismo, nós fizemos revisão há pouco tempo, então, numa forma sintética, essa é a minha trajetória, para estar onde eu estou e dizer que eu estive em dois grandes projetos há pouco tempo, financiados pela USAID... “Vamos ler” primeiro e “O Saber”, onde eu era a especialista sénior da educação... e o primeiro programa foi- teve muito sucesso, um sucesso estrondoso, era para classes iniciais, tínhamos cerca de... 2 milhões de alunos, 12 mil professores, este, o segundo, é aquele que foi interrompido pelo Trump, né? Sim, mas também, o primeiro é que foi, é que mostrou a importância da educação bilingue e alimentou muitas pesquisas no ensino superior... exato, fazendo a ligação entre o que eu **faço** no terreno e o que eu faço no ensino superior nesta área aqui.

SPK_1 Ok, ok... então, pelo que eu percebi, já tem ali um doutoramento em multilinguismo que os estudantes que saem do mestrado podem fazer?

SPK_2 Sim, sim, tem.

SPK_1 Ok...e uma outra questão, era mesmo uma curiosidade, porque, pelo meu entendimento, os assuntos do ensino bilingue, do bilinguismo, no geral, são tratados de forma muito, muito... extensiva, estava-me perguntando porque é que no curso de mestrado na **maior**, se calhar, universidade do país, tem um número tão baixo de estudantes que querem fazer este mestrado aqui.

SPK_2 Há duas razões... uma é pragmática, é que os cursos de mestrado são caros, a a segunda é que o país não dá importância ao ensino bilingue... o Ministério de Educação e Cultura, temos uma ministra,

infelizmente, a ministra que temos agora... não quer saber nada sobre o ensino bilingue, é questão de **empregabilidade**... eu faço este curso para fazer o quê? Para trabalhar onde? Não é muito claro, então, desse ponto de vista, não é um curso atrativo, assim como é o curso de Direito, **aparentemente**, eles pensam que cursos como Direito, Economia, Engenharias, são os cursos onde... são os cursos tem mais-que são mais atrativos para os candidatos moçambicanos, apesar de que nesta altura, qualquer curso que eles fazem é complicado porque não há mercado de emprego, então é esta questão, quando eu dizia pragmática, de empregabilidade, o facto de não haver políticas linguísticas no país que **valorizem** as línguas... locais, pelo contrário, então, por isso mesmo é complicado... [interrupção] sim, então as razões principais são essas duas... quando nós iniciámos, tínhamos muito mais estudantes... [interrupção] tava a dizer que os primeiros cursos encheram, eram quase o triplo destes estudantes, depois foi diminuindo, mas também há outra razão, mais local, que eles dizem que os docentes da UEM são muito exigentes, então começaram a fugir para a UP, Universidade Pedagógica, e na Universidade Pedagógica, ali praticamente não se reprova, não... e alguns até que estavam a fazer connosco, desis- fizeram ali a parte curricular e depois foram terminar na Universidade Pedagógica, então, eu diria que são **três razões**.

SPK_1 E a professora concorda... na questão da exigência? Ou seja, a professora acha que a exigência é justa ou é demais ou é até de menos?

SPK_2 A exigência... é tão difícil neste momento porque nós não temos um **padrão**... você assistiu algumas aulas há de ter visto que não há assim... e também não se está à espera que no ensino superior haja um padrão, não é? Não se está à espera disso... mas... e alguma desorganização também da Secretaria da Pós-Graduação, eu só agora é que soube que **infelizmente** só **três** estudantes, imagina, já são tão poucos, apenas **três** estão habilitados a terminar as duas disciplinas porque fizeram inscrição... os outros não fizeram inscrição porque não têm dinheiro, tá a ver o que é isso, né? Mesmo esses tão poucos, só vão, se não conseguirem, parece que fizeram um pedido à Faculdade, a Faculdade, daquilo que eu percebi... indeferiu o pedido deles... e... não sei como é que vai terminar, se eles vão conseguir realmente, eu, o que estou a fazer é, vou avaliar a todos, e vou congelar as notas daqueles que não tiverem, à medida que forem resolvendo os problemas, eu abro as notas e entrego, mas há docentes que não aceitam fazer isso.

SPK_1 Mesmo sendo não um problema do estudante, mas um problema da universidade mesmo?

SPK_2 Na verdade, é um problema do estudante, no caso, é problema deles, que **não pagaram** a inscrição.

SPK_1 Mas a faculdade não pode dar a possibilidade, por exemplo, do estudante ter dívidas?

SPK_2 É que já são **muitas** dívidas, já são **muitas** dívidas, e acho que os estudantes também não são muito honestos, alguns, eu não sabia, e continuaram a frequentar as aulas, mas eu digo que aí a responsabilidade não é do estudante, é da Secretaria da Pós-graduação, é do Registro Académico... é do Registro Académico, não é? Então, assim, uma situação um bocado **confusa**, eu diria...outro aspeto que eu ia falar é... bom, tem essa questão dos pagamentos... bom, escapou-me agora, mas é algo relacionado com... a questão das exigências, não é? Se são justas, se não são, se são muito altas, se estão por baixo, eu, eu- nós, no início, éramos muito exigentes, mas o **perfil** dos estudantes que vai entrando é cada vez mais fraco, e as nossas exigências estão a diminuir um pouco, estão a baixar um pouco também, mas, no início, nós éramos **muito** exigentes, e foi uma época em que... **todos**, por exemplo, terminando os dois anos da parte curricular, apresentavam o projeto e já dividíamos as supervisões e caminhávamos, constou-me que na última edição, sem ser esta, ainda ninguém conseguiu apresentar um projeto... acredita nisso? O último mestrado que houve, ainda ninguém conseguiu apresentar um projeto.

SPK_1 Projeto para dissertação.

SPK_2 Sim, projeto para dissertação, não estou a falar **destes**, o grupo antes destes, portanto, o grupo de há dois anos atrás, ainda só um, acho que é... um chinês, até foi nosso estudante chinês, ele conseguiu apresentar o projeto... os outros **não** conseguiram apresentar o projeto, e a questão principal, eles começam a dizer que é exigência, mas acho que a questão principal é sobrevivência, luta pela sobrevivência, não vou dizer que é dinheiro, mas é luta pela sobrevivência, então há mais... há mai- há outras prioridades que não sejam estudar, prioridades familiares, lembrei-me do que eu ia dizer há pouco tempo... o que é que eu ia dizer mesmo? Eu sempre que vou dizer isso, volto a esquecer. Mas hei de voltar a lembrar, acho que é uma coisa assim importante porque está sempre a buzinar.

SPK_1 Não, provavelmente, ou seja, pelo que eu ouvi, e **ouvi**, talvez seja a... a tentativa dos estudantes de **conciliar** a sua vida profissional, então enquanto eles trabalham, e a sua vida como estudantes, talvez seja esta também outra motivação que possa diminuir, entre aspas, a sua responsabilidade, se queremos dizer assim, como estudante.

SPK_2 Sem dúvida, e voltei a lembrar do que eu ia dizer, por causa desta situação que estamos a viver agora, nós queremos abolir o mestrado no pós-laboral e abrir um curso normal no laboral de mestrado, com estudantes que realmente, principalmente os mais jovens, que ainda não trabalham, e que tenham- que têm

demonstrado muito interesse em estudar, com tempo para fazer **leituras**, com tempo para fazer **pesquisas**, com esse tempo, porque o estudante trabalhador, é esse que estava a dizer, é muito difícil conciliar o seu trabalho, a sua vida, e muitos têm família já, vão estudar à noite, chegam **cansados**, e são aulas, quatro horas de tempo de aulas é muito pesado, para quem teve todo o dia a trabalhar, e muitos vivem muito longe da cidade de Maputo, outros vivem em Marracuene, outros vivem até mais **longe** do que Marracuene, é um **drama**, na verdade, chega a ser um drama às vezes, e uma das nossas últimas reflexões era mesmo quando estávamos a fazer... a revisão curricular do mestrado, que era em linguística, agora passa a ser em multilinguismo, nós pensámos que é melhor cancelarmos esta pós-graduação e abriremos no laboral... aí as turmas vão encher, com certeza, as turmas vão encher porque há de ser não vão pagar propinas, taxas altas como estão a pagar agora, há de ser como se estivessem a fazer um curso normal na universidade, portanto, cursos praticamente gratuitos, e é isso que nós estamos a pensar fazer, então, aí, acreditamos que as turmas vão encher.

SPK_1 E no sistema de candidatura também vai mudar algo? Porque pelo meu ente- eu não sei se estou correto, mas não tem uma espécie de teste para entrar agora no mestrado, é só apresentar o anteprojecto e a candidatura.

SPK_2 Isso ainda não foi discutido, mas acredito que para afunilar a coisa, é provável que mude um pouco o... o processo de candidatura, é muito provável, sim, é para termos, porque a ideia é termos, não vou dizer os melhores estudantes, mas os mais aplicados, os mais aplicados, é para termos... perfis de saída **robustos**.

SPK_1 É mesmo essa pergunta que eu queria fazer à professora, ou seja, eu pude observar nas aulas que os estudantes até às vezes tomam muito seriamente alguns assuntos e a minha pergunta era qual seria o aluno ideal que sai do mestrado, do curso de mestrado em Bilinguismo e Educação Bilingue ou também em Didática de Língua Portuguesa como Língua Segunda, no caso deste ano, que estão **praticamente** juntos, e qual seria o **perfil**, como disse a professora, na saída do curso?

SPK_2 Bom, o perfil é aquele que está traçado, né? Temos esse perfil traçado, dependendo da área que ele vai escolher para fazer a dissertação, que ele seja robusto nessa área, não é? Se ele... que ele seja capaz de **usar** o que aprendeu para fazer pesquisas, como pesquisador, como docente, ou como profissional, alguns são, muitos são professores, não é? O que se espera é que seja, tenha um perfil mais robusto, não é? Que seja capaz de compreender os fenómenos e trabalhar com os fenómenos e ir mais **além**, ser pesquisador da sua própria **prática**, que seja reflexivo em relação às suas próprias práticas, é o que se espera, mas não sei se é o que eles esperam, porque alguns estão ali porque querem ter só um certificado por causa da questão salarial.

SPK_1 Então, para a professora ter um mestrado é... significa também ter mais oportunidades de trabalho?

SPK_2 Não, muitos são aqueles que, sim, significa ter mais oportunidade de trabalho, mas significa também, onde já trabalha, ter... aumentar o salário, a categoria, sim, e no pós-laboral, infelizmente, para alguns a motivação é essa, não é **tanto** mudar o seu perfil, melhorar a sua performance, enquanto profissional nessa área, tanto é que alguns... falava na didática, por exemplo, o que é que se faz na didática? A didática é o aprimoramento do processo de ensino-aprendizagem, não é? Com as diversas variáveis, quer seja de desenho de materiais instrucionais, quer seja na planificação de **aulas**, quer seja na **avaliação**, quer seja nos tipos da avaliação, na compreensão do que é a avaliação e fazer as melhores **práticas** da avaliação... mas eles parecem não estar **muito atentos** a isso, alguns, sim, alguns... desta vez, por serem **muito** poucos, é a primeira vez que temos tão poucos estudantes... é mais fácil discutir e trazê-los... quer dizer, e estar ali com eles de uma forma um pouco mais integrada, mas nas outras edições de mestrado, muito claro que ali as motivações eram mais profissionais do que académicas, sim, mais profissionais no sentido de que eu já estou a trabalhar aqui, eu vivo aqui neste país, tínhamos estudantes, tínhamos um brasileiro, esse chinês, e nota-se que muitas vezes estão à procura da academia, aquele lugar onde ninguém vai dizer “o que é que você está a fazer neste país?” não é? Os outros estão ali, alguns deles nós observamos que encomendavam os seus trabalhos, por exemplo, trabalhos de fim de... esses trabalhos, os **ensaios**, finais, há alguns que **encomendam**, chamam alguém, fazem o trabalho, porque esse.. a motivação dele é ter um **certificado**, diploma, não é mudar a sua prática, ele, ele, no futuro, ele não vai ser um bom investigador, porque ele não aprendeu os passos necessários para fazer uma pesquisa, para ir procurar informação, para organizar a informação, para **ler**, fazer as leituras relacionadas com o seu trabalho... citar, referenciar, discutir os posicionamentos de diferentes autores, porque ele faz um cortamato, encontra alguém que lhe faz um trabalho, paga... e, normalmente, quem faz isso, te- há um perfil que faz isso, são aqueles que são **chefes** e ganham o suficientemente bem, diretores, são chefes, ganham suficientemente bem para encontrar alguém que lhes faça o trabalho, mas também temos um perfil de trabalhadores que são chefes, mas também querem melhorar o seu desempenho, mas são muito poucos, e

temos aqueles estudantes mais jovens que nunca trabalharam, não trabalham, e esses são aqueles que... têm mais preocupação em...[SPK_1: se formar] em se formar, exatamente.

SPK_1 Mas... essa questão das encomendas é muito interessante, tem ali algumas medidas para verificar que um estudante encomendou? Tipo, sei lá, explicações orais por parte do estudante que entregou um ensaio, por exemplo?

SPK_2 Sim, sim, sim, mas também temos um instrumento de, de... cada um de nós tem um instrumento dado pela universidade de... de identificação de plágio... que tem percentagens, né? Tem percentagens assim e assim, temos isso, além disso, nós conhecemos, eu pelo menos conheço bem os meus estudantes, alguns trabalhos eu pedi para eles fazerem presencialmente, percebi que aqueles que eles faziam fora para vir apresentar não tinha relação nenhuma, não tinha relação **absolutamente** nenhuma.

SPK_1 Então não se preocuparam também em ler o que foi encomendado.

SPK_2 Não, não se preocuparam em ler o que foi encomendado, **nem compreendem** o que foi encomendado... e muitas vezes também depende onde eles vão buscar a quem eles encomendam... estava a dizer uma professora, dali, deu aulas a estudantes no semestre passado, ela estava sentada no pátio... ali na zona da biblioteca, ela estava sentada e estava lá uma senhora que ia oferecer os seus serviços para fazer trabalhos de dissertação e... e **tese**, ela ali sentada a ouvir os **preços** e tudo, que ela dizia, “olha, para isto assim, assim, o preço é isto, para uma monografia o preço é isto”, há pessoas que vão para a universidade oferecer esses serviços, tá muito complicado, então, e os estudantes têm uma reação que é... eu tenho dois estudantes agora, tou a orientar um mestrado e um doutoramento... eu começo a ler o do mestrado, página a página, ele primeiro desapareceu **um mês** e depois veio com o trabalho feito, tudo feito, eu disse, “Olha, não fui eu que orientei este trabalho. Quando a última vez que nós nos vimos, você ainda estava na revisão da literatura. Nós ainda não tínhamos terminado. Como é que você já está?” “Ah, mas o trabalho já está pronto, professora.” eu disse, “Eu já li. Vamos nos encontrar para discutirmos. Tá lá isto, isto, isto, isto”, tinha ali definições que ele não sabia explicar, um exemplo, e via-se que onde ele encomendou também foi ao... a inteligência artificial.

SPK_1 que é um outro problema de hoje em dia...

SPK_2 Exatamente, é um **duplo problema** aí, é encomenda e o que encomenda também vai buscar coisas que não são aprofundadas, a inteligência artificial o que faz? Ela vai buscar muitas coisas, mas ela não aprofunda e nem sempre está correto, nem sempre está **devidamente** contextualizado, por exemplo, este do mestrado, você sabe o que é capulana, né? [SPK_1: sim sim, sei] então, ele tava a fazer uma pesquisa na área de educação bilingue, numa escola primária na Manhiça, e ele queria descrever o local da pesquisa, ele dizia que é um local muito pobre, a escola não tem carteiras, algumas meninas levam capulana e estendem, eu sempre lhes disse, eu disse, “você vai usar um termo, porque você tem que pensar no seu leitor. Capulana nós sabemos o que é, por exemplo. Mas há pessoas que podem não saber. Então você sempre tem que fazer um **rodapé**.” e a definição de capulana que vinha no rodapé... a definição era... capulana são panos longos para enrolar corpos, disse “Isto é uma definição de Chat GPT, com certeza” e eu perguntei, eu disse... “O que é capulana para você?” ele disse, “capulana, professora?” “Sim, capulana”, e ele tinha uma camisa de capulana nesse dia, eu disse, “essa camisa é de capulana, não é?” “Sim”, “Está a enrolar um corpo”, [riso] e ele, “por que a professora pergunta isso?” eu disse, “eu é que pergunto assim, vai lá ver na página x, você tem coisas no seu, na sua dissertação, que nem você sabe que estão **lá**, isso é **perigoso**, por isso, agora, vamos continuar a trabalhar, eu vou ignorar, com base nisto, vamos pegar nas observações que eu fiz, página a página, começar a trabalhar nessas observações” claramente, ele tinha encomendado o trabalho, e o **pior** é que há uma co-supervisora, uma colega minha, que já tinha dito que o trabalho estava bom, que era só fazer revisão linguística e entregar... e é complicado, eu, como supervisora principal, estava ali a querer trabalhar e ela escreveu que já “o trabalho para mim esta bom”, “Só aponha isto e isto”, fez umas três observações apenas, e eu, em cada página, tinha muitas observações, eu fui em cada página mesmo para **ajudá-lo** a ver onde é que **estavam** os problemas, **dediquei-me** a... eu disse, “eu agora não vou deixar isto, não vou ver outra versão sua, você vai trabalhar nesta versão aqui”.

SPK_1 E o estudante acabou por cumprir com... as suas...

SPK_2 Ainda estamos a trabalhar.

SPK_1 Esse exemplo leva-me para outra questão, falámos do papel do estudante, eu queria falar um pouco sobre o papel do professor dentro da sala de aula... porque eu vi que na maior parte das aulas que eu já observei, o... professor deixa muito, muito espaço para os estudantes debater e trocar de ideias e mais alguma coisa, e não houve espaço para... tipo, aulas expositivas, então eu estava-me a perguntar qual era a balança ideal entre, na sua opinião, entre uma aula expositiva e uma aula de ensino ativo, como as vossas?

SPK_2 Isso vai depender muito do tipo de disciplina, não é? Disciplinas como... eu já também dei a disciplina de... ensino... acho que é sobre... aquisição e aprendizagem da língua, então aí eu tinha

momentos expositivos e momentos de debate, assim, mais definidos... com disciplinas como o desenho de materiais instrucionais e... não faz muito sentido ter muitas aulas expositivas, é mais aulas de debates e **práticas**, e também... dependendo também do tipo de curso, na pós-graduação, tem que se dar **mais** espaço aos estudantes, para eles se colocarem, para eles se posicionarem, com base nas leituras feitas, sim... aulas magnas, aulas expositivas... há de haver... há de haver disciplinas que se prestem mais a isso, mas o que nós tentámos fazer ao desenhar **este** mestrado, principalmente estes dois mestrados, era dar **ferramentas** que eles pudessem depois usar no futuro... e isso era eles terem mais leituras, mais práticas investigativas e mais debates e exposições, mais seminários onde eles apresentam os trabalhos, não tanto aulas magnas, aulas totalmente expositivas, então, nós procuramos sempre fazer um balanço, não sei se é isso que acontece com os outros colegas, não é a nossa prática assistirmos às aulas uns dos outros, mas...

SPK_1 Ok, mas, tipo, por exemplo, na...

SPK_2 Mas de qualquer dos modos, é necessária sempre uma indução... teórica.

SPK_1 Ok.

SPK_2 Sim, a indução teórica que é aquela que se faz, que eu normalmente faço inicialmente com eles e depois continuo, então eles têm sempre uma indução teórica.

SPK_1 Mas, por exemplo, nas aulas da professora falava-se muito também de assuntos que podem ser considerados sensíveis, não é? Tipo religião, sexualidade, política e mais alguma coisa, e enquanto em outras aulas pode não haver aquela carga de... digamos assim, expansão para temas sensíveis, é uma questão de características de ensino da **professora** ou talvez é outra... tem outra, outra motivação para que haja esta **abertura** nas suas aulas?

SPK_2 Não, eu procurei essa abertura e para eles se sentirem à vontade por causa das características das minhas disciplinas, se você vai falar de formação, de formadores e professores, é o que eles vão encontrar, por exemplo, a questão da homossexualidade, não é? Olha, há dias uma prima minha veio-me dizer que ela era casada, separou-se, não sabia dela há muito tempo, ela disse, “olha, agora estou numa relação com uma mulher”, imagina alguns naquela turma ouvir isso, sim... então... se eu vou fazer desenhos instrucionais, materiais instrucionais, eu também tenho que ter em conta esses aspetos, não é? De **políticas**, da diversidade **linguística**, diversidade cultural, a **própria** disciplina é que exige que seja assim, mas o meu posicionamento foi sempre... no sentido de, ajudá-los a ver que há outras visões, outros olhares, outras visões que não são aquelas que eles têm e que já estão **aí** connosco... por exemplo, em Moçambique, em países africanos, ainda existe o mito de que a homossexualidade é trazida pelo branco, que não é cultura africana... e onde há culturas em contacto... eu dizia-lhes no outro dia que eu, desde criança, já ouvia falar dessas, dessa... dessa opção, trata-se de uma opção, e trata-se de nós, agora, estamos **abertos** ou não a essas opções, e é aí que vêm as... as **homofobias**, por exemplo, as **xenofobias**, por causa de questões **étnico-linguísticas**, então, tudo isso faz parte quando falamos de questões de **género, inclusão, equidade**, diversos, **igualdade de género**, isso são matérias da disciplina, são matérias da disciplina, mas eu não posso trazer de forma **explícita**, sim, no plano da disciplina, mas, em termos de discussão, já tem que aparecer, sim, em termos de **debate**, de discussão, tem que aparecer, mesmo para eles terem outras visões do mundo, que são necessárias na área educacional, porque imagina que eles deparam um dia com um estudante gay ou uma estudante lésbica... qual vai ser o posicionamento deles? Isso não é só para os estudantes, devia ser também para alguns dos meus colegas... a questão, por exemplo, do assédio sexual, horrível, está cada vez pior em todo o sítio... tem que haver espaços onde eles possam debater com honestidade... sim, e não pensarem que... ah, ok... isso sempre... por exemplo, em Moçambique, é assim, há questões que dizem, isso é cultural, por exemplo... homens mais velhos andarem com meninas **muito** novas, “Ah, isso é cultural, é nossa cultura”, mas quando aparecem as questões sobre homossexualidade, já não é nossa cultura, então é... há uns dois anos, nós tivemos um problema nacional... apareceu um livro de ciências sociais da nona classe a abordar a **homossexualidade**, foi um **escândalo nacional**, todas as igrejas, “isto, porque isto não pode, isto, isto, isto não sei o quê”, o Ministério da Educação foi massacrado, depois, a autora do livro disse que não tinha sido ela, e depois parece que viu-se que era uma guerra de editoras, pegaram aquele material e fizeram **um escândalo tremendo**, tinha ali uma página que falava sobre a homossexualidade, foi assim uma coisa de evitação mesmo, “Apaguem isso, nós não queremos”, ora, é no ensino superior que nós podemos encontrar espaço para discutir esses assuntos, porque eles, na verdade, existem, e existe a questão do **bullying**... e como evitar, se eu estou a falar de inclusão, como é que eu vou falar de inclusão? Quer dizer, é inclusão para umas coisas, para outras coisas não é inclusão? Então, este tipo de discussão nós temos que trazer **sem forçar**, não é para forçar a uma mudança de opinião, não é isso, mas é para mostrar que há outros caminhos para fazer a educação, é nesse aspeto... quando eu falo de... Universal Design for Learning, tem que abordar esses aspetos todos, era o que estávamos a falar, quando falámos de Social Emotional Learning, que faz parte da matéria, é nesses

aspetos que- só que é preciso ter tato para abordar esses assuntos.

SPK_1 É mesmo uma questão de sensibilidade, porque, por exemplo, também na Itália, houve há uns anos também um escândalo quase... muito parecido e... não sobre a homossexualidade, mas sobre nudez, se diz assim?

SPK_2 Sim, sim, nudez.

SPK_1 Porque houve ali um livro sobre a história da arte e estava ali imprimida uma imagem de uma escultura do David, do Michelangelo, e está ali sem roupa, está ali tudo, “nudo”, e as famílias queixaram que esta era uma espécie de **instigação** à nudez.

SPK_2 [*Riso*] Pois é.

SPK_1 Mas a arte é assim, não é? Então, essa é outra questão.

SPK_2 E estamos a falar da Itália, sim, que é uma das precursoras da arte, quer dizer, tem os **maiores** artistas... nessa área, não é?

SPK_1 Exatamente, é uma questão espalhada, espalhada em todo lugar.

SPK_2 Sim, sim, sim... e ela, a escola tem que arranjar uma forma de... discutir esses assuntos sem ferir sensibilidades, sem ferir sensibilidades, sem forçar, a outra questão que também podíamos ter discutido que é a questão do álcool, da droga, nós temos muitos professores alcoólatras em zonas rurais, as **drogas** também andam aí, isso ninguém discute, é normal, ninguém discute, mas os outros assuntos, “uuh, é tabu”.

SPK_1 É uma coisa complicada, sim, a minha pergunta original era sobre a divisão, entre aspas, de assuntos, mas também uma outra questão- porque eu reparei que dentro das aulas, se bem que se fale muito abertamente, assuntos muito diferentes entre eles, tem ali, não sei se é uma coisa que também a professora notou mas eu vi que há **muita**, muita formalidade em falar também desses assuntos, formalidade no geral, ok? Tipo para abrir a intervenção, para encerrar a intervenção, não sei se é uma coisa **enraizada** na mente do estudante, se era **tão** formal ou é outro assunto.

SPK_2 Não sei se percebeu quando... se estava em algum momento quando eu dizia, “olha, nós já nos cumprimentámos”.

SPK_1 Exatamente.

SPK_2 “A bom dia mais uma vez”, ou quando vão fazer uma apresentação, começam de uma forma **tão** formal, **tão** estranhamente formal, aquilo para mim é muito estranho, muito estranho, eu tentei... desconstruir aquela formalidade toda, alguns conseguiram, outros, nota-se que é uma coisa que está enraizada, mas é cultura do medo, há uma cultura do medo que já vem desde o ensino primário e há uma cultura de que a escola é formal em Moçambique, a sala de aulas moçambicana **silencia** as mentes, silencia as vozes, de uma maneira geral, e quando chega a minha disciplina, eu tento desconstruir isto, eu vi que- e percebo que, no início, eles ficam um pouco **desconcertados**, e eles até dizem, “mas nós, com outros professores, aprendemos assim e assim”, eu digo, “tá bem, mas aqui vamos fazer assim. Não está errado que vocês aprenderam lá, porque um dia, quando vocês forem fazer uma apresentação, numa conferência, num seminário, talvez tenham que ser um pouco formais, mas na aula não”, nós estamos aqui todos os dias, no dia a dia, na aula, não, eu, quando lhes disse no Brasil, eu escolhi a Unicamp, Campinas para fazer, quando eu soube que na Unicamp não havia batina, não tem aquela batina, é uma universidade de esquerda, não tem curso de Direito, por opção, porque eles diziam que não querem nenhum tipo de conexão, nem com o crime organizado, nem com o poder instituído, então, não querem curso de Direito, o curso de Medicina é um dos melhores que eles têm, Linguística Aplicada é o melhor que existe, é no Instituto de Ciências da Linguagem da UNICAMP, e é isso, e não tem **batina**, e nem por isso é a segunda melhor universidade do Brasil, a primeira é a Universidade de São Paulo, e a segunda é a Unicamp, então, não tem **formalismos**, e no Brasil, em geral, os professores são tratados pelo nome, são tratados pelo nome, não é nem doutor, nem isto, é... Filippo, Marilda, Samima, são tratados pelo nome... e isso é até nas universidades mais formais... e às vezes conto-lhes isto para mostrar que não é a formalidade que traz a qualidade... então ali há uma- confunde-se a formalidade com a qualidade, para a minha apresentação ter qualidade, eu tenho que cumprimentar, tenho que... ok, você pode dizer, “olha... a minha apresentação é sobre isto, isto, isto”, não é? Agora... “Boa tarde, colegas”, é até dizer “boa tarde mais uma vez”, “Boa noite, mais uma vez”, porquê? Já nos cumprimentámos.

SPK_1 Ah, é talvez...

SPK_2 ...Não, digo, essa formalidade é de como está construído o ensino moçambicano de uma maneira geral, é **muito** formal.

SPK_1 Sim, talvez quebrar essa barreira da formalidade também permitiria motivar maiormente os **estudantes**, talvez, porque muitos estudantes com quem eu falei dizem que às vezes... o professor é visto, tido ali como uma figura quase de Deus, não é? E aproximar mais ou menos as duas camadas, entre aspas, seria melhor também para motivação ou autoestima dos estudantes, talvez.

SPK_2 Ah, sim, sem dúvidas, sim, ali há professores que mantêm um distanciamento, é o que eu dizia, há uma cultura do medo na sala de aula moçambicana, há uma cultura do medo.

SPK_1 E estamos quase a acabar, só queria perguntar umas curiosidades, na verdade, e a primeira era sobre... estágios, tem ali no mestrado estágios ou atividades práticas que os estudantes podem aproveitar?

SPK_2 No mestrado não, não tem, só nas licenciaturas, por exemplo, uma disciplina que eu dou que é didática e outra **estágio**, na graduação, agora com o Gervásio é meu assistente, o Gervásio e o Félix são meus assistentes nessas disciplinas, então, eles têm estágio, sim, mas na pós-graduação, não.

SPK_1 Ok, ok... e também, ah sim, voltando para a questão dos regimes pós-laborais e laborais, veio-me à mente uma curiosidade, porque, se posso perguntar, obviamente, se a professora não quiser responder, pode, mas porque em primeiro lugar, quando foi instituído o curso, não se formou no regime laboral? Foi escolhido o regime pós-laboral em primeiro lugar?

SPK_2 É por uma questão financeira, eu não tenho medo de dizer isso, a Faculdade queria fazer mais dinheiro, não tenho medo de dizer isso, claro que... nos cursos deu certo, os mais procurados deu super certo, mas isso é por causa do tipo de direção de Faculdade que nós temos, nem é **tanto** pelos docentes, tem mais a ver com a parte da **gestão**, das Faculdades, o pós-laboral aparece para dar oportunidade a ambas as partes, que pagam, que querem o curso, e aqueles que dão o curso, que ganham o dinheiro... e eu dizia que, numa reflexão mais profunda nossa dos docentes da pós-graduação, queremos mudar isso agora, para dar oportunidade aos estudantes que não podem pagar e tornar os cursos de mestrado e doutoramento também mais extensíveis, como dizia, não é? Portanto, abrir o acesso, estender o acesso aos estudantes... e isso também vai fazer com que os mestrados sejam mais **robustos** teoricamente e também do ponto de vista de investigação, que investigação é que vão fazer os estudantes do pós-laboral? É difícil, durante o dia estão a trabalhar, à noite estão a estudar, a que horas é que- qual é o tempo que eles têm para fazer as leituras? Leituras mais exigentes, sentar na biblioteca dias seguidos a ler, eles não têm tempo para isso, não significa **que**... há sempre outros cursos que vão- por isso eu era apologista também para abrir cursos à distância, mestrados à distância, para permitir que aqueles que estão nas províncias também possam continuar os seus estudos.

SPK_1 Seria bom para a questão da inclusividade.

SPK_2 E mais, a Universidade Eduardo Mondlane tem pretensão de se transformar numa universidade de investigação, ora, é difícil ter uma Universidade de investigação se a pós-graduação está no pós-laboral, porque a maior parte da investigação é feita na **pós-graduação**, há uma relação intrínseca, então, se está no pós-laboral, é difícil pretender-se que a UEM se transforme numa universidade de investigação, e a maior parte da pós-graduação está no pós-laboral, sim senhor.

SPK_1 E o carácter investigativo, entre aspas, da Universidade, se a Universidade vai se tornar numa Universidade de investigação, levará a quais objetivos na comunidade, na sociedade? Ou seja, eu sei que a UEM já trabalhou **muitíssimo** em termos de investigação, como, por exemplo, a professora já mencionou o PEBIMO, ou nos Seminários de Padronização, da Ortografia e tudo mais, quais serão os objetivos futuros?

SPK_2 Tem de se rever os objetivos futuros, porque agora... a investigação está muito ligada à questão do clientelismo, como eu costumo dizer, são investigações solicitadas mais ou menos individualmente por agências, como a antiga USAID...Canadá, União Europeia, **todas** essas agências que andam aí solicitam **individualmente** docentes universitários, investigadores universitários, não é- é uma pesquisa para servir o cliente, não para servir os interesses da universidade, portanto, Moçambique, neste momento, de um modo geral, tem poucas pesquisas de **dentro**, pesquisas relacionadas com as suas necessidades... para melhorar... mesmo a Faculdade de Agronomia também tem **muitas** pesquisas interessantes, Medicina, por exemplo, na área de plantas, na engenharia alimentar também, mas são sempre pesquisas solicitadas de fora, para servir um cliente e fazer um relatório no **fim** para o **cliente** e não para a universidade, então, a pesquisa não **enriquece** a universidade à maneira como ela é feita agora, tivemos um a pouco tempo muito importante, o “Lites”, eu participei no início do “Lites”, antes de entrar para o “Saber”, o “Lites”, sim, foi solicitado à universidade enquanto aliás, o “Lites” foi solicitado, falaram comigo, eu falei com o Carlos Manuel e o Chimbutane, e com o Gervásio, fizemos uma equipa, trouxemos mais um docente de fora... e **tentámos** mais ou menos juntar a universidade, porque era com a Universidade de Notre Dame, dos Estados Unidos, então tentámos fazer ali uma coisa, mas são situações um bocado **raras**... tivemos um estudo da FDC também sobre a oralidade, participei no estudo também e fizemos mais ou menos como fizemos no “Lites”, mas a maior parte das pesquisas são consultorias, não são pesquisas, no fundo são consultorias.

SPK_1 É uma questão de falta de, de financiamentos internos à universidade?

SPK_2 Sim, durante muitos anos nós tivemos um financiamento da AGDI, que é da Suécia, não é? Então, fez-se muita pesquisa para a universidade, era mesmo para a universidade, o que a universidade- as

universidades, de uma maneira geral, têm que fazer é... tentar trazer- procurar meios próprios para fazer as pesquisas, e não dos clientes, porque aí a pesquisa vira consultoria, é uma pesquisa, **sim**, mas no fundo é uma consultoria, e muito do **saber** que veio dessa pesquisa vai para o cliente... não fica na universidade, é o que está a acontecer ultimamente.

SPK_1 Ou não vai nem na sociedade, talvez na comunidade, porque eu vejo que não tem assim, um interesse, um engajamento tão **forte** na sociedade sobre- no que diz respeito ao bilinguismo e a educação bilingue, ou seja, o **alcance** das informações não é tão importante pelo que eu vejo dentro da comunidade ou da sociedade, e basta ver o que foi dito pelo governador de Zambézia... ou talvez mesmo... ficando aqui no contexto da cidade de Maputo, por exemplo, falando com outras pessoas, elas encontraram **muita** dificuldade em...[SPK_2: entender...] entender, mas também em encontrar **informações**, **mesmo** da universi- UEM, sobre os cursos de mestrado, ou seja, tipo, por exemplo, se houvesse uma **orientação** ao fim do secundário para os estudantes que querem passar para a universidade, mesmo ao nível da cidade, ou sei lá, eu sei que tem um dia aberto da universidade, mas não sei...

SPK_2 Não é suficiente.

SPK_1 Ok, não é suficiente.

SPK_2 Não é suficiente, devia haver mais divulgação, concordo aliás, os pronunciamentos de pessoas como o Pio Matos, o Governador da Zambézia, é mesmo falta de divulgação, sim, mas estamos a traçar um plano para isso agora, primeiro queremos fazer uma carta para a presidência e depois iniciar um plano de divulgação muito forte, como foi no início quando nós introduzimos a educação bilingue, quando ainda estava no INDE, temos uma vulgarização **muito forte** mesmo, que agora tem que se fazer de novo... concordo, é verdade.

SPK_1 E só uma última pergunta, só queria deixar um pouco... o âmbito da universidade, eu só queria perguntar à professora uma pergunta um pouco mais no geral, no que diz respeito ao ensino bilingue, porque eu tirei uns apontamentos durante as suas aulas e dentro de, dentro de uma aula saiu a questão do carácter **uniformizado** na escola, no sistema de educação bilingue, e a professora disse que era um sistema muito **confuso** porque a uniformização leva também a **problemas** e mais alguma coisa, mas eu queria perceber se se pode **diferenciar** e **categorizar** o ensino bilingue com base nos **locais** mesmo, nas **áreas** de ensino, por exemplo, um desenho de materiais, um desenho de modalidades de práticas de ensino feito na Zambézia ou em Sofala possa ser **diferente** do que é tipo na cidade de Maputo ou em Cabo Delgado... não sei se estou a me fazer perceber.

SPK_2 Não, sim, compreendi, sim e não... sim... se temos um livro, e o livro pode trazer essa diversidade cultural toda eu vou dar um exemplo, por exemplo... na zona Sul, um homem pôr bebé às costas com capulana, “wow”, “não é para homem, esse não é homem, esse já não é homem, esse já foi trabalhado pela mulher”, na zona Norte é super normal, agora, o livro é o mesmo, porque o Ministério da Educação não vai aceitar fazer o livro por **zonas**, então, é aí que, além do... há material instrucional que vai para além do livro, não é? Eu, se puser um homem com um bebé nas costas, eu vou evitar imagens desse tipo no livro... se eu não quiser problemas sociais, vou evitar imagens desse tipo, mas tem que arranjar uma maneira, por exemplo, uma imagem que eu mostrei de pai e mãe a darem banho ao bebé ao mesmo tempo, é mais aceitável, não é? então, metodologicamente, estrategicamente, eu vou usar aquelas imagens, vou usar mensagens e imagens e textos **mais** aceitáveis e gradualmente, **através** da formação de professores, com eles já trazer um ensino mais contextualizado ao local, mas **também** mostrar o que acontece em outros locais, mostrar que aqui na zona sul, que o facto de um homem levar bebé às costas não torna menos homem do que ele daqui da zona sul, e começar a trazer isso gradualmente, então isso é feito **sim** através de materiais instrucionais, mas também da capacitação dos próprios professores... e aí por isso eu dizia sim e não, sim, é preciso alguma uniformidade para... não ferir sensibilidades e ter maior aceitação, e, gradualmente, ao mesmo tempo, paralelamente, capacitar o professor para desenhar materiais instrucionais que mostrem a realidade local, mas também outras realidades **depois** de compreender, porque eu primeiro tenho que compreender **muito bem** quem sou eu, realidade, e aceitar a diferença, não é? Aceitar que haja realidades que não são como a minha, mas estão aí **postas**, **existem** e **têm** o **direito** de existir... porque essa é a parte mais difícil da educação, mudar ideologias é a parte mais difícil do ser humano.

SPK_1 E leva algumas gerações.

SPK_2 Leva, exatamente!

SPK_1 Então não é uma questão de custos, como muitas pessoas dizem?

SPK_2 Não, é uma questão de... enraizamentos, não é uma questão de custos, é uma questão de desconstrução de ideias, é uma questão de **decolonização**, “decolonized mind”, decolonizar as ideias, não é uma questão de custos, não é, **definitivamente** não é.

SPK_1 Ok, pronto, eu acho que os termos que eu queria abordar foram abordados todos e agradeço

muitíssimo por ter encontrado o tempo para falar comigo, uma vez mais, e cabe-me também perguntar à professora se... por motivações de ética de pesquisa, quer ficar no anonimato ou posso divulgar o seu nome.

SPK_2 Pode divulgar.

SPK_1 Ok.

SPK_2 Eu sou das pessoas que... não têm medo do Ministério de Educação, **respeito**, eu costumo dizer isso, não confundam o **confronto** com **afronta**, afrontar é falta de respeito, confrontar é respeitar sem dúvida.

SPK_1 É assim.

SPK_2 Exatamente.

SPK_1 Ok, ok, então, muito obrigado uma vez mais.

SPK_2 Nada, então fico à espera que me mande o termo de consentimento para eu assinar, hoje é dia 4, viaja no dia 14.

SPK_1 Exatamente.

SPK_2 Faça uma boa viagem, [SPK_1: Muito obrigado.] corra tudo bem, qualquer informação que precisar, mesmo que estiver lá, estamos por aqui, vamos ajudar.

SPK_1 Muito obrigado pela sua disponibilidade.

SPK_2 Gostei muito de conhecê-lo.

SPK_1 Eu também.

SPK_2 Depois manda o seu trabalho para a gente ler.

SPK_1 Claro, vou com certeza.

SPK_2 E os estudantes lerem também.

SPK_1 Sim, sim, já estou a dizer a eles que vou devolver o que foi me dado.

SPK_2 Com certeza, esse retorno é muito importante e é uma das coisas, quando falávamos da pesquisa, que as comunidades se queixam muito, dizem, “você vem para aqui e fazem perguntas, mas nunca vêm dizer o que, qual é o resultado desse estudo”, é uma das coisas que as comunidades... queixam-se.

SPK_1 Queixam, ok.

SPK_2 Sim.

SPK_1 Ok, ok, não, mas é fundamental, então vou com certeza, exato.

SPK_2 Com certeza, ok, está certo, Filippo, pronto, obrigada.

SPK_1 Obrigado eu.

SPK_2 Fica bem.

SPK_1 Obrigado, tenha um bom dia, tchau.

SPK_2 Obrigada, tenha um bom dia, tchau.

SPK_1 Obrigado.

Anexo D – Tabela completa dos temas

Para consultar a tabela sinótica com todos os temas e a sua localização nas entrevistas, utilize o QR Code abaixo.



Dichiarazione del ricorso a strumenti di Intelligenza Artificiale (IA)

Il sottoscritto *Filippo Amerio*, matricola numero *885520*, iscritto presso Ca' Foscari al corso di Laurea/Laurea magistrale in Scienze del Linguaggio, autore della tesi di laurea *“Práticas, políticas e impactos da formação em Bilinguismo e Educação Bilingue em Moçambique: um estudo de caso”*, relatrice *Prof.ssa Vanessa Castagna*, consapevole delle sanzioni previste dall'art. 76 del Testo unico, D.P.R. 28/12/2000 n.445, e della decadenza dei benefici prevista dall'art. 75 del medesimo Testo unico in caso di dichiarazioni false o mendaci, sotto la propria personale responsabilità ai sensi degli artt. 46 e 47 del D.P.R. 28/12/2000 n. 445,

DICHIARA

- X di NON aver fatto ricorso a tecnologie di intelligenza artificiale generativa per supportare vari aspetti della ricerca e della scrittura del suo elaborato finale/della sua tesi di laurea;
- di aver fatto ricorso a tecnologie di intelligenza artificiale generativa per supportare vari aspetti della ricerca e della scrittura del suo elaborato finale/della mia tesi di laurea, in particolare *(per ogni punto scrivere per esteso quanto viene richiesto)*:
 - *indicare il nome dello strumento (es. “ChatGPT” se applicazione o “GPT” se modello) con riferimento alla versione specifica (ad esempio, “ChatGPT-4, versione rilasciata a marzo 2024”);*
 - *se sono stati utilizzati più strumenti, specificare ciascuno di essi indicandone nome e versione;*
 - *fornire informazioni su come è stato utilizzato lo strumento:*
 - *revisione e ottimizzazione dei testi per migliorare chiarezza e coerenza;*
 - *generazione di grafici e diagrammi per la presentazione dei dati;*
 - *supporto alla scrittura automatica di frasi;*
 - *produzione di immagini illustrative per integrare la parte metodologica;*
 - *altro (specificare);*
 - *indicare le sezioni/i capitoli interessate/interessati;*
 - *indicare come è stata verificata la correttezza, la qualità e l'attendibilità delle informazioni o dei testi eventualmente generati.*